



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

**A FRUIÇÃO CULTURAL DE PESSOAS COM DIFICULDADES
INTELECTUAIS E DESENVOLVIMENTAIS (DID) QUE FREQUENTAM
INSTITUIÇÕES DE APOIO**

Dissertação

Ana Catarina Costa dos Santos

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Catarina Frade Mangas, ESECS/ Politécnico de Leiria

e Professora Doutora Jenny Gil Sousa, ESECS/Politécnico de Leiria

Leiria, novembro 2020

Mestrado em Comunicação Acessível

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

“Dar, ao contrário do que possa parecer, não nos esvazia, preenche-nos, dá-nos plenitude, a sensação de que usámos todo o nosso potencial e que não faz sentido voltar atrás, pelo contrário. Há que terminar a história, há que dar-lhe um final, um significado, deixar uma herança: a nossa cultura e as nossas ideias, os nossos medos, as nossas dores. (...) Não há nada que façamos que não tenha consequências eternas.” (Afonso Cruz)

Começo este texto por agradecer (muito!) às minhas orientadoras Professora Doutora Catarina Mangas e Professora Doutora Jenny Sousa, pela grande disponibilidade ao longo de todo o processo, pela oportunidade de partilhar estes caminhos e pelas constantes palavras de incentivo, que não me deixaram vacilar, apesar dos momentos de grande cansaço e ansiedade.

Ainda dentro do Mestrado de Comunicação Acessível, agradeço todas as oportunidades de aprendizagem que me foram dadas pelos diversos professores ao longo destes dois anos, com especial relevo para a Professora Doutora Carla Freire, pela entrega genuína que senti que sempre nos foi dada ao longo do tempo. Agradeço também aos meus colegas de mestrado, com quem fui partilhando muitas descobertas, alegrias e, também, algumas angústias. É sempre mais fácil quando o caminho é percorrido com pessoas assim ao lado (um “lado” que se tornou próximo, apesar das distâncias físicas entre nós).

Quero ainda dirigir um agradecimento profundo aos responsáveis dos espaços culturais aqui envolvidos (Museu Nacional de Machado de Castro e Convento São Francisco) e aos seus profissionais, assim como à Direção da APPACDM de Coimbra, pela disponibilidade demonstrada desde a primeira hora. Agradeço também aos meus

colegas das equipas diretivas dos Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) da APPACDM de Coimbra, pela ajuda fundamental que me deram para que este estudo se pudesse realizar (assim como a todos os colaboradores da instituição que deram pequenos grandes contributos nas minhas idas a cada CAO para a observação das visitas virtuais).

Agradeço também a todos os meus colegas e amigos da instituição, com quem, ao longo deste e de outros tempos, tenho trocado ideias e emoções tão boas e, por vezes, tão intensas.

O meu reconhecimento vai igualmente para as pessoas com DID com quem me tenho cruzado ao longo destes já adiantados anos de trabalho na APPACDM de Coimbra e fora dela, em especial, neste caso, aos que fizeram parte deste estudo. Obrigada por poder conhecer-vos como pessoas, acima de tudo, e por ter aprendido tanto nestes encontros.

Não quero “ir embora” sem dizer “muito obrigada” aos meus amigos de outros (muitos) espaços e tempos e a todas as pessoas que gostam de mim e de quem eu gosto. Assim, o meu coração não se esquece de ninguém importante.

Finalmente, como os últimos são sempre os primeiros, digo “obrigada”, de coração cheio, aos meus Pais, pelo Amor de sempre e também nestes tempos de muito stress e mau feitio. Por toda a paciência e entrega nas minhas presenças ausentes, o meu muito obrigada.

Resumo

Na atualidade, as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) continuam a encontrar diversos obstáculos a uma participação plena no domínio cultural. Partindo desse conhecimento, esta investigação foi realizada a um nível exploratório-descritivo, dentro do paradigma qualitativo, através da observação de visitas virtuais de pessoas com DID que frequentam Centros de Atividades Ocupacionais da Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Coimbra, ao Museu Nacional de Machado de Castro e ao Convento São Francisco, e da realização de entrevistas semiestruturadas a pessoas com DID, a profissionais da instituição de apoio e a profissionais dos espaços culturais. O estudo pretendeu efetuar a descrição das dinâmicas e recursos usados no atendimento às pessoas com DID e das suas necessidades no acesso e fruição cultural, além da identificação das perceções dos dois grupos de profissionais sobre a fruição cultural das pessoas com DID e da apresentação de propostas que reforcem a qualidade do seu acesso e fruição cultural. Os resultados indicam que as pessoas com DID conseguem usufruir com qualidade de experiências culturais quando são pensadas e concretizadas respostas que tenham em consideração os seus perfis. Nestas circunstâncias, mais do que sobressaírem as necessidades das pessoas, ressaltam as suas potencialidades na área da fruição cultural. Para isso, destacamos como principais conclusões a importância de considerar a realização de visitas com um número reduzido de participantes, envolvendo práticas de mimetização e um trabalho de parceria entre os profissionais das instituições de apoio e dos espaços culturais, na procura de respostas conjuntas que possibilitem que as pessoas com DID desfrutem mais favoravelmente das experiências nesses contextos.

Palavras chave

Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais, fruição cultural,
instituições de apoio

ABSTRACT

Nowadays, people with Intellectual and Developmental Disabilities (IDD) still encounter various obstacles for a full participation in the cultural domain. Based on this knowledge, this research was done on an exploratory-descriptive level, within the qualitative paradigm, through the observation of virtual visits of people with IDD who attend Centros de Atividades Ocupacionais da Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Coimbra, to the Machado de Castro National Museum and to the São Francisco Convent, and by conducting semi-structured interviews with people with IDD, professionals from the supporting institution and professionals from cultural spaces. The study intended to describe the dynamics and resources used to assist people with IDD and their needs for accessing culture and for cultural enjoyment, in addition to identifying the perceptions of the two groups of professionals about the cultural enjoyment of people with IDD and presenting proposals that reinforce the quality of their access to culture and cultural enjoyment. The results show that people with IDD are able to enjoy cultural experiences with quality when there are responses that have been thought and implemented taking into account their profiles. In these circumstances, it is not the people's needs that are highlighted but their potential in the area of cultural enjoyment. For this, we emphasize as main conclusions the importance of considering visits with a reduced number of participants, involving practices of mimicry and partnership work between professionals from the support institutions and from the cultural spaces, in the search for joint responses that will enable people with IDD to enjoy the experiences in these contexts more favorably.

Keywords

Intellectual and Developmental Disabilities, cultural enjoyment,
support institutions

ÍNDICE GERAL

A fruição cultural de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais

(DID) que frequentam instituições de apoio	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iv
Abstract	vi
Índice Geral.....	viii
Índice de Tabelas	xi
Abreviaturas, acrónimos e siglas	xii
Introdução	1
Motivação pessoal.....	1
Problema de investigação e pertinência do estudo	2
Questão de investigação e objetivos.....	4
Estrutura do trabalho	5
I Enquadramento teórico.....	6
Capítulo 1 – A cultura e a fruição cultural	6
Capítulo 2 – A acessibilidade cultural.....	13
Capítulo 3 – As pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais	25
Capítulo 4 – As instituições de apoio a pessoas com DID	36
Capítulo 5 – A acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID	39
II Metodologia.....	44
2.1 Tipo de estudo	45

2.2 Cenário de Investigação e Participantes	47
2.3 Procedimentos, técnicas e instrumentos de recolha de dados	54
2.4 Técnicas de análise dos dados	59
2.5 Questões éticas.....	63
III Apresentação e discussão de resultados	65
3.1 - Dinâmicas e recursos utilizados pelos espaços culturais no atendimento às pessoas com DID.....	65
3.2 - Necessidades das pessoas com DID no acesso e na fruição dos espaços culturais	80
3.3- Perceções das pessoas com DID sobre as visitas virtuais em que participaram	87
3.4 - Perceções das profissionais dos espaços culturais sobre a fruição cultural das pessoas com DID.....	92
3.5 - Perceções das profissionais da instituição de apoio sobre a fruição cultural das pessoas com DID	96
IV Conclusões	105
Referências bibliográficas.....	112
Anexos	1
Anexo 1 - Parecer positivo da Comissão de Ética do Politécnico de Leiria para a realização do estudo.....	2
Anexo 2 - Aprovação da realização do estudo pela APPACDM de Coimbra	4
Anexo 3 - Aprovação da realização do estudo pelo Museu Nacional de Machado de Castro.....	5
Anexo 4 - Aprovação da realização do estudo pelo Convento São Francisco.....	6
Apêndices	7
Apêndice 1 - Guiões das entrevistas	8
Apêndice 2 - Grelha de observação semiestruturada	37

Apêndice 3 - Cartas de apresentação (pedidos de autorização para a realização da investigação).....	43
Apêndice 4 - Consentimentos informados	49
Apêndice 5 - Grelhas de observação preenchidas no contexto das visitas virtuais realizadas aos espaços culturais.....	64
Apêndice 6 - Transcrição das entrevistas	154
Apêndice 7 – Análise de conteúdo das entrevistas.....	401

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização das diferentes dimensões de acessibilidade, segundo Salasar (2019) e Sasaki (2009)	14
Tabela 2 – Datas, locais e número de participantes (por tipologia) nas visitas	55
Tabela 3 – Categorias da análise de conteúdo dos dados da observação	60
Tabela 4 – Categorias e subcategorias da análise de conteúdo das entrevistas às pessoas com DID	60
Tabela 5 – Categorias e subcategorias da análise de conteúdo das entrevistas aos profissionais da instituição de apoio	61
Tabela 6 - Categorias e subcategorias da análise de conteúdo das entrevistas às profissionais dos espaços culturais	62

ABREVIATURAS, ACRÓNIMOS E SIGLAS

ANACPD – Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência

APPACDM – Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental

CAO – Centro de Atividades Ocupacionais

DID – Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

MNMC – Museu Nacional de Machado de Castro

QI – Quociente de inteligência

SNRIPD – Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado insere-se no Mestrado em Comunicação Acessível da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria. Nele é abordada, como temática central, a promoção da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvidas (DID) apoiadas em Centros de Atividades Ocupacionais, designadamente no que se refere às necessidades que evidenciam, às respostas existentes nos espaços culturais para este atendimento, às perceções dos profissionais envolvidos nas visitas culturais em que estas pessoas participam e às práticas atualmente recomendadas neste domínio.

MOTIVAÇÃO PESSOAL

Tenho trabalhado como terapeuta da fala desde que terminei a licenciatura, em 2007, atuando na prevenção, avaliação, intervenção e estudo científico das perturbações da comunicação humana.

No trabalho dirigido a pessoas adultas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvidas (DID) nos Centros de Atividades Ocupacionais, tenho promovido a melhoria da sua eficácia comunicativa, enquanto ferramenta essencial na facilitação da sua inclusão na sociedade. Ao longo dos anos, tenho procurado encontrar respostas dirigidas às necessidades comunicativas das pessoas com DID, mesmo quando o desenvolvimento das suas competências de linguagem/fala atingiu todo o seu potencial. Nesta fase, mais do que possuir competências comunicativas muito elaboradas, importa que a sua utilização seja otimizada em função dos contextos em que a pessoa se encontra.

Como terapeuta da fala, centro a minha intervenção no desenvolvimento de competências comunicativas necessárias à participação nas atividades que sejam significativas para as pessoas com DID que apoio. Dentro desta atuação, realizo a adaptação da informação relacionada com as situações e os assuntos em que estas

peças estão envolvidas, em áreas como a educação, a saúde, o trabalho e o lazer. Essa adaptação pressupõe a transmissão da informação de forma clara e de acordo com as características de cada pessoa, de modo a garantir a equidade comunicativa. Neste enquadramento, destaca-se também o contributo que o terapeuta da fala pode dar no domínio da acessibilidade cultural. O seu papel pode passar pela adaptação de conteúdos disponíveis nos espaços culturais aos perfis das pessoas com DID que os visitam, em estreita colaboração com os profissionais desses contextos. A este nível, o terapeuta da fala dispõe, entre outras, de ferramentas de comunicação aumentativa que podem possibilitar um melhor acesso à informação e à própria experiência de fruição.

Tendo esta ideia por base, criei e integrei a equipa do projeto “A Cultura também é para Nós” do Centro de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra onde exerço funções. O objetivo deste projeto começou por ser a promoção de um acesso de qualidade a espaços culturais da comunidade para as pessoas com DID que frequentam o referido centro mas, de facto, o que se pretende é que, em qualquer visita, a experiência tenha um poder transformador na vida das pessoas envolvidas e que essa transformação possa alastrar a outros contextos das suas vidas, nomeadamente à família e a outros ambientes que sejam significativos para cada uma das pessoas envolvidas. É neste percurso que surge a minha decisão de frequentar o Mestrado em Comunicação Acessível do Politécnico de Leiria e de escolher a fruição cultural de pessoas com DID como temática da minha Dissertação.

PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO E PERTINÊNCIA DO ESTUDO

Para que uma pessoa se sinta completa, tem de saber que pode aceder a todos os contextos da sociedade, como qualquer outra pessoa. Neste aspeto, o acesso à cultura é um meio privilegiado para o sentimento da plenitude humana e de inclusão social.

As pessoas com DID frequentam menos os espaços culturais do que as pessoas que não apresentam esta condição (Department of Health, 2001), por questões relacionadas com os custos, por não terem quem as acompanhe ou por não se sentirem acolhidas nestes ambientes (Southby, 2019). Quando frequentam os

contextos culturais, estas pessoas continuam a ser muitas vezes confrontadas com barreiras à sua participação (Badia, Orgaz, Verdugo & Ullán, 2013). Estes obstáculos incluem a falta de preparação de alguns profissionais dos espaços culturais relativamente a este atendimento, bem como a escassez de recursos e dinâmicas que atendam às especificidades desta população (Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência, 2016b).

As barreiras anteriormente referidas estão ligadas à temática da acessibilidade, que se relaciona com o exercício dos direitos de cidadania de toda e qualquer pessoa e, portanto, com a participação na vida social (Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 2006).

A partir da democratização ocorrida na sociedade ao longo do tempo, registaram-se progressos a diferentes níveis, incluindo mudanças de paradigma nos contextos culturais. Estas vieram possibilitar uma abertura a diferentes públicos, por meio da transformação das abordagens dos espaços culturais e do modo de comunicar os seus conteúdos e práticas (Santos, 2011a; Vlachou & Alves, 2007).

Em simultâneo, têm-se vindo a assinalar mudanças na forma como a sociedade entende o papel das pessoas com DID, estando representadas na própria definição atual desta condição. A referida definição considera as limitações que cada pessoa apresenta num determinado contexto socio ecológico, no qual é fundamental a qualidade dos apoios prestados (Alonso & Schalock, 2010). Neste seguimento, as organizações que apoiam as pessoas com DID têm vindo a repensar as suas práticas, mediante o entendimento do seu papel como facilitador do *empowerment* destas pessoas. Assinala-se, deste modo, um enfoque crescente na promoção da inclusão nos diversos contextos da comunidade, pela implementação de estratégias e de recursos adequados a essa participação, considerando os modelos recentes relacionados com a qualidade de vida (Cuadrado & Leal, 2013; Instituto Nacional para a Reabilitação, 2019).

Apesar dos avanços no entendimento da sociedade acerca do alcance dos conceitos de acessibilidade e de inclusão, continua a existir um enfoque frequente na eliminação de barreiras físicas, que ignora os aspetos inerentes a outras dimensões, nomeadamente

no que diz respeito à compreensão dos ambientes, aos equipamentos disponíveis e à relação estabelecida com os conteúdos culturais (Instituto Nacional para a Reabilitação, 2019; Licht, 2012), o que dificulta a participação plena das pessoas com DID nos diferentes contextos. De facto, na área da deficiência, as pessoas com DID são as que continuam a encontrar um maior número de dificuldades no alcance de uma vida sentida como completa e independente (Cuadrado & Leal, 2013; Department of Health, 2001).

Com o intuito de melhorar as respostas existentes, os responsáveis pela área cultural em Portugal têm vindo a criar e a publicar diversos documentos explicativos de abordagens mais corretas no atendimento a este público, como por exemplo o “Guia de Boas Práticas de Acessibilidade – Comunicação Inclusiva em Monumentos, Palácios e Museus” (Mineiro, 2017). Por outro lado, entidades como a Acesso Cultura têm difundido diferentes formações nesta área, em diferentes regiões. Contudo, as práticas diárias dos contextos culturais continuam, em diversas situações, a colocar em evidência a necessidade de disseminar abordagens mais positivas e inclusivas a um maior número de profissionais, de uma forma mais abrangente e concertada (Neves, 2017).

Assim, surge a necessidade de reforçar o diálogo entre os profissionais que intervêm ao nível da promoção do património cultural, em colaboração com as próprias pessoas com DID e com as organizações que lhes prestam apoio, no sentido de refletir sobre como se pode potenciar a fruição das pessoas com DID relativamente a uma determinada oferta cultural.

QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS

De acordo com o problema de investigação apresentado no ponto anterior, foi formulada a seguinte questão de investigação: “Como potenciar a fruição cultural de pessoas com DID que frequentam instituições de apoio?”.

A partir da questão enunciada, foram definidos cinco objetivos:

1. Descrever as dinâmicas e os recursos utilizados em dois espaços culturais no atendimento a pessoas com DID.
2. Descrever as necessidades específicas de pessoas com DID no acesso e na fruição de espaços culturais.
3. Identificar as percepções que os profissionais de dois espaços culturais têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID.
4. Identificar as percepções que os profissionais de uma instituição de apoio têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID.
5. Apresentar propostas que potenciem o acesso e a fruição de pessoas com DID a espaços culturais.

ESTRUTURA DO TRABALHO

Para responder à questão de investigação apresentada e, por conseguinte, alcançar os objetivos delineados, foi desenvolvido o presente estudo, o qual está organizado da seguinte forma:

Na parte introdutória, é apresentada a motivação pessoal da investigadora, o problema de investigação e a pertinência do estudo, assim como a questão de investigação e os objetivos delineados a partir daí.

Na Parte I, que corresponde ao Enquadramento Teórico, procurámos apresentar as bases teóricas atuais nesta área de investigação. Neste ponto, começámos por definir os conceitos de cultura, de fruição cultural e de acessibilidade, com maior incidência nas dimensões comunicacional e atitudinal deste último conceito. Em seguida, foi efetuada uma reflexão sobre a terminologia a adotar na área da deficiência e das DID, passando-se posteriormente para a definição e caracterização desta condição e para a sua situação atual no domínio da inclusão na sociedade. Dentro das respostas existentes em relação às pessoas com DID, foi analisada a realidade das instituições que lhe prestam apoio. Finalmente, este enquadramento termina com uma abordagem à acessibilidade e à fruição cultural das pessoas com DID, sublinhando as práticas recomendadas neste campo.

Na Parte II, é apresentada a Metodologia definida para a concretização desta investigação, incluindo o tipo de estudo, a caracterização dos participantes e do cenário, as técnicas e instrumentos de recolha de dados, as técnicas de análise dos dados e as questões éticas consideradas ao longo do estudo.

A Parte III está relacionada com a Apresentação e Discussão de Resultados e, por fim, a Parte IV, corresponde às Conclusões, onde se apresentam também as limitações deste estudo e propostas para investigações futuras.

I ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 – A CULTURA E A FRUIÇÃO CULTURAL

A investigação na área da cultura ocorre principalmente no domínio das ciências sociais (Marujo, 2014). Na verdade, o conceito de cultura pode adquirir uma pluralidade de significados, consoante o contexto em que decorre a sua análise (Marujo, 2014). De acordo com Silva (2010), este termo abrange diferentes dimensões da vida humana, materiais e imateriais, incluindo sobretudo formas de comportamento humano (identidade, costumes, memórias e valores conservados por uma sociedade).

A cultura também pode ser entendida como o modo como cada comunidade vive, isto é, as suas crenças, formas de pensar e agir e como esses mesmos elementos são expressos (Carranca, 2004). Assim, as atividades de cultura influenciam a forma como as populações vivem e resultam, ao mesmo tempo, desse modo de viver (Carranca, 2004). Por conseguinte, considera-se que a cultura existe num contexto em mudança e que, por isso, é dinâmica e variável em função do lugar e do tempo, sofrendo transformações mediante o comportamento e as atitudes de indivíduos/grupos (Marujo, 2014).

Este conceito apresenta também diferentes domínios, entre eles as artes plásticas, as artes cénicas, a música, a literatura, o audiovisual, o património e os arquivos e

bibliotecas (Silva, 2010). Revela um papel central no desenvolvimento das sociedades, nomeadamente ao nível da preservação do património e do combate à exclusão social (Carranca, 2004).

Na sua dimensão sociológica, em que este trabalho de investigação se baseia, a cultura é um meio privilegiado de comunicação, que é produzido para possibilitar a criação de um significado, de forma livre, tanto pelo artista como pelo seu público (Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência - ANACPD, 2016a; Silva, 2010). Para tal, é necessário que esse público tenha condições para desenvolver os seus talentos e que possua meios que lhe permita expressar essas mesmas potencialidades (Silva, 2010). Partindo desta ideia, analisaremos em seguida o conceito de fruição, na perspetiva do visitante e dos contextos culturais.

1.1– Fruição cultural: a forma como cada pessoa desfruta

De acordo com Pierre Bordieu (s.d., citado por Moutinho, 2001), a fruição está relacionada com a forma particular como cada pessoa interpreta um determinado objeto, por meio da sua perceção sensorial e emocional. A fruição é uma ação que varia em função das vivências de cada pessoa e que origina diferentes significados, a partir de uma mesma experiência.

Deste modo, a experiência de cada pessoa no contacto com um espaço cultural e na sua fruição deve ser reconhecida de forma singular e inimitável, variando com a vivência anterior da pessoa e com as suas capacidades para se relacionar com o meio envolvente, num determinado momento da sua vida (Mineiro, 2017).

Para qualquer pessoa, a qualidade da experiência vivida num contexto cultural vai determinar a forma como a experiência é por si avaliada e o efeito que produz: se marcou ou se não teve qualquer significado para ela (Mineiro, 2017).

A existência de um tempo e de um espaço de reflexão sobre a realidade em que se vive, através da experiência cultural, possibilita transformações individuais e/ou coletivas significativas. Muitas vezes, registam-se situações em que as pessoas se apercebem de determinada realidade no contexto de uma experiência cultural, o que

pode ter um determinado efeito na sua vida, nomeadamente novos entendimentos sobre a sua situação no mundo (Leyton, 2018a).

Quando, por exemplo, um grupo de pessoas visita uma instituição cultural, essa experiência constitui um tempo em que os visitantes se debruçam, em conjunto, sobre um determinado aspeto da realidade, de forma reflexiva, num caminho que antevê a construção de novos sentidos. Participar numa visita cultural possibilita que cada pessoa desenvolva processos interpretativos de si mesma, dos outros e da vida em sociedade, redefinindo o lugar que ocupa nesse contexto. Esses deslocamentos individuais e comunitários são difíceis de medir, mas não deixam, por isso, de ser um contributo importante para a construção da sociedade em que se pretende, em cada tempo, viver (Leyton, 2018a).

No seguimento das informações anteriores, percebemos que as emoções e os afetos que surgem em relação a um determinado lugar, como é o caso de um espaço cultural, constroem-se consoante as experiências que nele se vivem (Cohen *et al.*, 2012). Para que a experiência seja considerada significativa e geradora de emoções impactantes, é necessário que os espaços visitados considerem formas de fruição que permitam que as pessoas se identifiquem com eles (Cohen *et al.*, 2012).

Para que a cultura seja fruída pela generalidade das pessoas, é necessário que as diferentes barreiras existentes sejam eliminadas. Tal inclui questões territoriais e arquitetónicas, os meios tecnológicos utilizados, todos os aspetos relacionados com a divulgação e a interpretação do património, bem como a diversidade dos conteúdos abordados e a sua respetiva qualidade (Neves, 2017).

Na verdade, todos os museus e demais espaços culturais servem para ser fruídos, devendo existir um compromisso entre a experiência, a formação pessoal e o lazer. Nesse sentido, as instituições mencionadas devem providenciar condições para que cada visitante se sinta confortável durante esta experiência, sem desconsiderar nenhum dos possíveis públicos (Neves, 2010a), uma vez que a cultura e a arte são fundamentais para que o desenvolvimento da pessoa atinja a sua plenitude (ANACPD, 2016a).

O património cultural de cada espaço deve ser disponibilizado de uma forma que permita a cada visitante apreendê-lo confortavelmente e em segurança, integrando as novas experiências e os novos conhecimentos nas suas vivências anteriores. Quando o contacto com os objetos culturais decorre desta forma, as visitas tornam-se memoráveis e originam uma vontade de regressar ao mesmo local ou a outros similares (Mineiro, 2017).

Uma visita cultural tem o potencial de impulsionar transformações nos visitantes e no próprio espaço cultural. Assim, quando um profissional dinamiza uma visita cultural, designadamente uma visita mediada junto de um grupo de pessoas, deve lembrar-se que essa visita é única para esse grupo, mesmo que lhe pareça igual a tantas outras. Cada grupo e cada pessoa desse grupo tem uma história anterior à visita e essa história vai prolongar-se depois desta (Jimenez, 2018).

Ao entrar num espaço cultural, cada visitante carrega consigo um conjunto de expectativas em relação a esse espaço, não só no que diz respeito aos aspetos físicos e aos objetos culturais, mas principalmente ao modo como vão poder interagir com todos os seus componentes – materiais e humanos. Para que essa experiência tenha sentido, é importante proporcionar um ambiente atento a diferentes formas de perceção sensorial, pois é através dos sentidos que os visitantes vão desenvolver sentimentos de afeto, de apropriação e de pertença (Santos, 2011b). Para o sucesso da experiência, é fundamental considerar o perfil de cada possível visitante – o que inclui as suas necessidades específicas, mas sobretudo as suas potencialidades (Neves, 2017).

No seguimento da informação anterior, percebemos que, para que um determinado objeto cultural seja fruído por alguém, é necessário que o mesmo seja fácil de entender. De outro modo, se o objeto cultural não se apresentar num nível de compreensão simples (se a pessoa não perceber para que serve e não puder servir-se dele), não vai ter valor para quem com ele contacta, perdendo assim o seu significado (Moutinho, 2001). Mais adiante, no capítulo que aborda o conceito de acessibilidade, estas noções serão analisadas em maior detalhe.

Tendo em consideração os pontos abordados nos parágrafos anteriores, compreendemos que um contexto cultural é fruído de forma mais positiva pelos seus visitantes quando são usadas técnicas que os atraiam e estimulem a sua participação. As técnicas utilizadas devem ser definidas de acordo com as características dos diferentes públicos e incluem: o convite à participação (ex.: tocar ou utilizar os objetos culturais ou outros instrumentos para aumentar o envolvimento); a provocação (através da realização de perguntas ou da visualização de objetos ou enunciados que provoquem o público); a relevância para o indivíduo (fazer referência a algo que faça parte do quotidiano das pessoas); a utilização de sequências (relacionada com a ordem com que são transmitidas as mensagens, mantendo um grau de expectativa nos visitantes); a utilização de imagens (a ilustrar partes da informação transmitida oralmente); a criação de um ambiente adequado (reconstrução das circunstâncias ambientais onde se desenvolveram os acontecimentos retratados, sobretudo na interpretação de cenários históricos); o recurso ao humor (com efeito anímico nos visitantes), entre outros (Miranda, 2001).

Finalmente, existem algumas considerações que os profissionais dos espaços culturais não devem ignorar na preparação e implementação de visitas, com diferentes públicos. Estas considerações abarcam os seguintes tópicos: as pessoas aprendem melhor ao participar de forma ativa nas visitas; as oportunidades de aprendizagem são maximizadas quando se usam adequadamente os vários sentidos; cada pessoa apresenta uma forma peculiar de processar a informação e a experiência; as aprendizagens novas constroem-se sobre as aprendizagens anteriores; as pessoas aprendem aquilo que para si tem mais relevância, em cada momento; existe uma maior satisfação nas descobertas que são feitas pelas próprias pessoas; as pessoas aprendem melhor a partir de experiências diretas; uma maior diversidade de formas de transmissão da informação traduz-se em mais significados; as perguntas ajudam a construir esses significados; a transmissão de informações claras no início das visitas facilita a aprendizagem dos visitantes; a forma como os profissionais dos espaços culturais respondem aos visitantes também influencia as suas aprendizagens (Miranda, 2001).

1.2– Mudanças de paradigma nos contextos culturais

De acordo com a informação apresentada no ponto anterior, percebemos que as instituições culturais têm sido gradualmente impulsionadas para uma maior aproximação à sociedade e para uma adaptação dos seus conteúdos e práticas aos visitantes. No entanto, durante muitos anos, os museus e outros espaços culturais foram considerados inacessíveis para a maioria das pessoas, uma vez que a transmissão das suas atividades e conteúdos acontecia de forma muitas vezes incompreensível, e até intimidante, para muitas pessoas (Vlachou & Alves, 2007).

Atualmente, devido à maior exigência dos visitantes, associada à democratização da sociedade e ao alargamento do acesso, os espaços culturais têm vindo a sentir a necessidade de melhorar a forma como comunicam com os diferentes públicos, de modo a assegurar a expansão das suas respostas a um maior número de pessoas, incluindo aquelas que, anteriormente, não podiam ou não se sentiam impelidas a frequentar estes espaços (Santos, 2011a; Vlachou & Alves, 2007).

No cenário descrito, os espaços culturais, designadamente os museus, apresentam-se cada vez mais como lugares que potenciam a aprendizagem, o aprofundamento da identidade cultural e social dos seus visitantes e a criação de significados, contribuindo para o desenvolvimento de cada visitante e de cada comunidade (Eardley *et al.*, 2016; Monteiro, Ribeiro & Bahia, 2012; Santos & Souza, 2005).

Abordando especificamente o universo dos museus, de acordo com o *International Council of Museums* (Santos, 2011a), estes consistem em instituições ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, abertas ao público, com a função de adquirir, conservar, estudar, comunicar e expor testemunhos materiais do ser humano e do meio em que está inserido, com o intuito de estudar, educar e fruir.

Tendo a definição anterior como ponto de partida, considera-se fundamental que os museus, e também outras instituições de âmbito cultural, se abram a diferentes públicos, com vista a potenciar a sua captação e fidelização, mediante a transformação dos projetos e do modo de os comunicar (Santos, 2011a).

Sem excluir as suas funções de preservação do património, as instituições culturais são chamadas a desenvolver iniciativas inclusivas, gerando novos públicos e contribuindo para a garantia da participação de pessoas com vulnerabilidade social na vida cultural de cada comunidade. Estas práticas, como referido em capítulos anteriores, favorecem não apenas os públicos mais vulneráveis (como as pessoas com deficiência), mas também o público em geral (Cardoso, 2012; Santos, 2011b). As instituições culturais podem, assim, adquirir uma grande relevância na eliminação de barreiras sociais (Martins, 2013).

Para que os espaços culturais possam edificar dinâmicas e projetos que cumpram as suas atuais funções, importa que conheçam em profundidade o público efetivo e o público potencial, construindo posteriormente programas que complementem as respostas já existentes para o primeiro público e atendam a diferentes necessidades. Deste modo, é possível aumentar o entendimento de que os espaços culturais pertencem a todos e não apenas a uma minoria mais esclarecida em termos culturais (Sarraf, 2012; Vlachou & Alves, 2007).

O alargamento dos públicos que frequentam os espaços culturais assenta na garantia de que todas as pessoas que desejem tirar proveito destes espaços o possam fazer, independentemente das suas limitações (Sarraf, 2012).

Esta alteração na abordagem das instituições culturais corresponde a uma mudança de paradigma, levada a cabo ao longo dos últimos vinte anos (Reeve & Woollard, 2015). Com esta mudança, os museus deixaram de ser considerados entidades passivas que acolhem um público que vai ao seu encontro, para passarem a procurar novos públicos, sublinhando o seu papel de mediador entre as pessoas e os objetos culturais (Tojal, 2015).

Apesar dos progressos entretanto registados, continua a subsistir um leque alargado de oportunidades para a criação de respostas que possibilitem o acolhimento de todos os visitantes, numa visão que considere cada um deles, permitindo que um visitante em particular tenha um acesso de qualidade e encontre motivos para regressar ao espaço visitado (Neves, 2010b; Santos & Souza, 2005). Este trabalho de acessibilidade nunca está finalizado, porque a atenção à singularidade de cada pessoa implica uma

atualização constante das práticas (Salasar, 2019), através da análise de cada situação específica e da sensibilização de cada profissional em particular (Cohen *et al.*, 2012).

Para que alguém tenha a oportunidade de desfrutar em plenitude de uma determinada experiência num espaço cultural, deve considerar-se a possibilidade de realizar adaptações às ofertas existentes nesse contexto, em função das especificidades de cada pessoa. Deste modo, torna-se relevante introduzir, no capítulo seguinte, o conceito de acessibilidade, que se interliga com o de fruição, já abordado.

CAPÍTULO 2 – A ACESSIBILIDADE CULTURAL

2.1 – Definições e componentes

De uma forma ampla, a acessibilidade é um conceito relacionado com a capacidade de cada pessoa para participar nos diferentes aspetos da vida em sociedade (Mineiro, 2017). É frequentemente associado à realidade das pessoas com deficiência, podendo, no entanto, estender-se a todas as pessoas, com ou sem esta condição (Leyton, 2016).

Fundamentalmente, com a introdução deste conceito, pretende-se refletir e edificar a realidade em que todas as pessoas (e cada uma delas) pretendem viver e não somente facilitar o acesso à realidade já construída e conhecida (Leyton, 2016; Leyton, 2018a). Quando a acessibilidade é pensada somente para pessoas com deficiência, corre-se o risco de colocar em causa os princípios de igualdade e não discriminação e o respeito pela diversidade humana (Neves, 2017).

A promoção da acessibilidade apresenta-se, assim, como uma condição essencial para o exercício dos direitos de cidadania de cada pessoa e como forma de garantir a sua participação na vida em sociedade (SNRIPD, 2006), estando intimamente relacionada com o conceito de inclusão. Este, de forma genérica, diz respeito a um processo através do qual os sistemas sociais comuns são adaptados a todas as pessoas, na ótica da diversidade humana – incluindo questões relacionadas com a deficiência, a etnia/raça, a língua, a nacionalidade, o género, a orientação sexual, entre outros (Cardoso, Santos, Silva, Teixeira & Silva, 2013; Sassaki, 2009). A inclusão social

corresponde ainda à experiência de se ser reconhecido como pessoa, em toda a sua plenitude, de ter oportunidade de se relacionar com outras pessoas e de desenvolver um sentido de pertença, em diferentes domínios (Cobigo *et al.*, 2016).

No âmbito da inclusão, o conceito de acessibilidade engloba questões políticas, sociais e culturais e pretende assegurar que todas as pessoas podem usufruir de todos os locais e atividades, de uma forma não discriminatória, através da eliminação de barreiras que impeçam a sua participação (Cardoso, 2012).

Existem, segundo Sasaki (2009), seis dimensões de acessibilidade: arquitetónica, metodológica, instrumental, programática, comunicacional e atitudinal.

Na tabela seguinte, serão definidas, de forma sucinta, as diferentes dimensões listadas, de acordo com os critérios propostos por Salasar (2019) e Sasaki (2009).

Tabela 1 - Caracterização das diferentes dimensões de acessibilidade, segundo Salasar (2019) e Sasaki (2009)

Dimensão de acessibilidade	Caracterização
Arquitetónica	Eliminação de barreiras físicas
Metodológica	Eliminação de barreiras associadas a métodos e a técnicas, em diferentes áreas de atuação. Reforça a importância de conhecer com antecedência o público para garantir que os recursos utilizados têm em consideração a comunicação entre o ambiente e quem o visita.
Instrumental	Instrumentos/materiais utilizados e sua adaptação, no sentido de garantir o acesso das pessoas com deficiência aos ambientes e objetos disponíveis.
Programática	Eliminação de barreiras existentes a nível legislativo e das políticas públicas.

Dimensão de acessibilidade	Caracterização
Comunicacional	Supressão de barreiras na comunicação entre as pessoas. Abarca as estratégias comunicacionais implementadas para promover o diálogo entre quem recebe e quem visita.
Atitudinal	Engloba os estereótipos e preconceitos presentes nos comportamentos da sociedade em relação às pessoas com deficiência.

Mais à frente, será dado destaque às duas últimas dimensões referidas na tabela, uma vez que são consideradas as mais relevantes no âmbito desta investigação.

Através da enumeração das diferentes dimensões da acessibilidade, é possível destacar que, ao contrário do que é muitas vezes entendido pela sociedade, este conceito não se limita à existência de soluções arquitetónicas, como a presença de rampas de acesso ou de elevadores (Licht, 2012). Seguindo esta linha de pensamento, a acessibilidade deve ser entendida enquanto qualidade que permite a compreensão dos ambientes, produtos e equipamentos e a criação de uma relação com os seus conteúdos (Instituto Nacional para a Reabilitação, 2019; Licht, 2012).

No domínio cultural, a acessibilidade existe para assegurar que as pessoas que apresentam uma determinada necessidade/particularidade têm a oportunidade de desfrutar das experiências que um dado espaço tem à disposição, de realizar aprendizagens a partir dos seus conteúdos e de aumentar os seus conhecimentos e as suas vivências, a partir dessas experiências (Salasar, 2019).

De acordo com as diferentes dimensões consideradas, a acessibilidade deve ser entendida num sentido mais extenso do que tem vindo a acontecer ao longo do tempo (Chiovatto & Aidar, 2014; Martins, 2013; Santos, 2011a; Walters & Salovaara, 2009). É necessário considerar não só os aspetos físicos e arquitetónicos, mas também outros aspetos igualmente significativos, como os que estão relacionados com o domínio intelectual, que inclui o acesso à informação em formatos acessíveis, com o intuito de

criar condições que maximizem a compreensão e o usufruto dos ambientes e objetos, num espaço percebido como confortável por cada pessoa que o visita (Salasar, 2019). Neste sentido, a acessibilidade não deve ser entendida simplesmente como um conjunto de ações que visam melhorar as experiências de pessoas com deficiência, mas como uma resposta pensada para assegurar o acesso a todos os potenciais utilizadores, já que pode dizer respeito a uma grande pluralidade de sujeitos, com todas as potencialidades e limitações incluídas na diversidade humana, em diferentes fases da vida e de uma forma temporária ou permanente (Cohen, Duarte & Brasileiro, 2012; Mineiro, 2004).

O acesso a um determinado espaço deve atender, deste modo, a aspetos físicos (a oportunidade de chegar e entrar num determinado lugar) e a aspetos intelectuais, emocionais e sociais (a oportunidade de compreender e apreciar o que acontece nesse mesmo lugar, da forma harmoniosa, conforme está previsto que aconteça com a população em geral) (Cohen, *et al.*, 2012; Santos, 2011a).

Assim, pensar num lugar acessível é equacionar um espaço aberto, em todos os sentidos, em que existe um conhecimento aprofundado dos possíveis públicos e uma vontade incessante de os captar, acolher e fazer voltar (Vlachou & Alves, 2007).

No que diz respeito à componente intelectual da acessibilidade, esta existe para potenciar a compreensão dos conteúdos dos espaços culturais e do discurso patrimonial, bem como para desenvolver a identificação com os sistemas de produção e fruição cultural, culminando numa sensação de bem-estar dentro do espaço visitado (Chiovatto & Aidar, 2014).

A acessibilidade é, como vimos, um tema essencial na abordagem à inclusão de pessoas com deficiência, um dos pontos centrais do estudo aqui apresentado. De acordo com o artigo 9º da Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência (Nações Unidas, 2006), é necessário garantir que as pessoas com deficiência podem aceder, em igualdade de oportunidades com os demais, ao meio físico, ao transporte, à informação/comunicação e a todos os serviços abertos ao público e/ou de uso público. Neste seguimento, a acessibilidade apresenta-se como um ponto essencial das políticas públicas e como uma qualidade que deve ser considerada em todos os

contextos e dimensões da atividade humana, uma vez que constitui um direito fundamental que não favorece apenas as pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, mas sim toda a sociedade (Rifai, 2013; Sasaki, 2009).

De facto, para garantir o exercício pleno da cidadania pelas pessoas com deficiência e o seu direito de usufruir de todos os bens e valores essenciais para a sua inclusão social, é fundamental que estas tenham acesso aos diferentes bens e equipamentos culturais, como museus, centros culturais, galerias de arte, monumentos, teatros, bibliotecas, entre todas as outras possíveis respostas neste domínio. Não obstante, continuam a surgir diariamente diversos obstáculos (físicos, comunicacionais, sociais) que dificultam e comprometem, em grande medida, o acesso aos espaços culturais (ANACPD, 2016a), pelo que se apresenta como necessária a reflexão sobre as práticas implementadas e a implementar na sociedade e, neste caso concreto, nos espaços culturais.

Para permitir que a compreensão dos conteúdos culturais se torne efetiva, por parte da população em geral e das pessoas com deficiência em particular, uma das componentes a considerar corresponde à acessibilidade comunicacional, que será descrita em pormenor no capítulo que se segue.

2.2– A acessibilidade comunicacional

O novo paradigma da museologia, cuja filosofia de base pode ser igualmente entendida no âmbito de espaços culturais mais alargados, defende ser necessário fomentar o diálogo entre o público e os objetos culturais, para que os diferentes públicos possam decodificar os conteúdos desses objetos e reconhecer-se, por meio deles, como parte do património cultural (Tojal, 2015). É neste âmbito que se enquadra a dimensão comunicacional da acessibilidade.

Quando se aborda a comunicação em contexto cultural, há que considerar que esta pode implicar diferentes graus de intercompreensão, uma vez que, para que o diálogo se concretize, é necessário que o visitante tenha ao seu dispor meios para aceder aos

vários níveis de significado transmitidos pelo património cultural que está a ser partilhado (Neves, 2017).

A dimensão comunicacional da acessibilidade considera que todos os processos de comunicação na área da cultura devem possibilitar o acesso integral ao património cultural, proporcionando estratégias de mediação que facilitem a compreensão, pelos diferentes públicos, dos conteúdos existentes nos espaços culturais, permitindo o reconhecimento de si mesmo enquanto parte desse património. Este facto é fundamental, sobretudo para aqueles que, devido a situações de vulnerabilidade social têm menos oportunidades de alcançar esse mesmo reconhecimento (Tojal, 2015). Os espaços culturais podem, deste modo, tornar-se lugares onde é possível encontrar e aceitar o outro, o que pode permitir que a diversidade humana não seja apenas tolerada, mas igualmente celebrada (Leyton, 2018b).

A acessibilidade comunicacional apresenta-se alinhada com o paradigma atual na área cultural, objetivando a ampliação do diálogo e da participação efetiva do público, na relação com o objeto cultural. Uma das palavras de ordem é o diálogo com o público, tendo na base a possibilidade de criação de múltiplos significados a partir da interação de cada pessoa com os objetos culturais. Desta forma, cabe aos profissionais dos espaços culturais atuar como facilitadores deste diálogo e da abertura do leque de oportunidades de interpretação dos públicos que visitam estes contextos (Tojal, 2015).

Para que a mensagem cultural chegue ao seu destinatário e cumpra o seu propósito, é preciso que quem a transmite compreenda a forma como as pessoas vivenciam os lugares que visitam, como acedem à informação e como constroem uma estrutura cognitiva e afetiva no contacto com um determinado ambiente. A mensagem é compreendida quando adquire um significado para o público a quem se dirige. Por outro lado, essa mensagem só adquire significado quando é considerada relevante pela pessoa que a recebe. Se a mensagem for transmitida de forma simples, mas não for considerada interessante, não vai captar o público e, assim, o seu conteúdo não alcança o destinatário pretendido (Miranda, 2001).

A interpretação constitui uma forma de aprendizagem. Dada a sua finalidade, não pode apresentar uma estrutura rígida, mas antes flexível, fluida e que se adapte, com

simplicidade, ao público para quem é desenvolvida. Para que a mensagem seja transmitida com sucesso, em contexto cultural, existem estratégias básicas de comunicação que incluem três ações fundamentais: estruturar, perguntar e responder. A estruturação corresponde à transmissão de instruções aos visitantes no sentido de os organizar e preparar para a experiência. A estratégia de perguntar é usada fundamentalmente para levar os visitantes a participar do ponto de vista intelectual. Já a estratégia das respostas diz respeito ao modo como o profissional recebe os contributos dos visitantes em relação às suas perguntas (Miranda, 2001).

As adaptações pensadas no sentido de melhorar o acesso à informação visam permitir que a comunicação entre os espaços culturais e os seus visitantes seja facilitada. Muitas delas são bastante simples de implementar, enquanto outras exigem um maior esforço e planeamento (Santos & Souza, 2005).

Para que esse diálogo se torne uma realidade cada vez mais frequente, as estratégias de mediação e comunicação utilizadas têm vindo a incidir em meios alternativos ou complementares de transmitir e partilhar temas e conteúdos dos espaços culturais, considerando e possibilitando outras formas de fruição. Para tal, torna-se necessário adaptar a informação existente, tornando-a mais clara, direta e facilmente compreendida, numa perspetiva multimodal, isto é, que considere a utilização de mais do que uma forma sensorial para transmitir a informação, incluindo a componente visual, auditiva e tátil (Mineiro, 2004; Sarraf, 2012). Atualmente, existe um consenso alargado de que a utilização de estratégias multissensoriais no domínio da comunicação se apresenta como uma prática inclusiva (Mineiro, 2004). Este consenso parte da ideia de que a nossa perceção do mundo acontece através do uso simultâneo da informação que nos chega pelas diferentes vias sensoriais (Sarraf, 2012). Por outro lado, dentro das estratégias multissensoriais, está também incluída a utilização de informação, oral e/ou escrita, com diferentes níveis de complexidade, de acordo com os perfis dos visitantes (Mineiro, 2004).

Numa abordagem multissensorial, a qualidade da experiência pode ser bastante potenciada, através do manuseamento e da aproximação ao objeto cultural, algo que a visão e a audição, por si só, nem sempre conseguem captar. O pleno acesso a alguns

pormenores de uma peça pode apenas ser possível num contacto mais próximo com ela. Por outro lado, alguns pormenores relevantes de uma peça podem ser ocultados se esta não puder ser vista de diferentes ângulos. Além disso, a percepção completa de uma peça pode apenas ser possível através do acesso ao seu peso e densidade corpórea. Tendo estas ideias em consideração, as estratégias multissensoriais têm o potencial de possibilitar que o público, com ou sem deficiência, se aproxime da realidade expressa pelos espaços culturais, abrindo novas formas de percepção e de entendimento acerca dos seus conteúdos (Neves, 2010b).

As pessoas não vão aos espaços culturais apenas para acumularem conhecimentos. Uma visita cultural implica, antes de mais, o crescimento e o desenvolvimento pessoal, a oportunidade de experimentar e interpretar, por diferentes meios cognitivos e sensoriais (Monteiro, Ribeiro & Bahia, 2012). No caso das pessoas com deficiência, um caminho geralmente positivo, rumo a um maior envolvimento, corresponde ao contacto direto com os objetos culturais, numa abordagem que considere a perspetiva multissensorial descrita (Tojal, 2015).

Frequentemente, a escassez de formas acessíveis para alcançar a informação disponibilizada pelos espaços culturais é uma das razões para o afastamento das pessoas com deficiência desses locais (Santos & Souza, 2005). Devido a este facto, segundo os mesmos autores, os responsáveis desses contextos encontram-se cada vez mais conscientes da importância de tornar as informações acessíveis aos diferentes públicos que os visitam ou podem vir a visitar.

Neste domínio da acessibilidade, existem diversas áreas onde ainda é possível fazer-se mais, de modo a assegurar o real cumprimento da função mais importante de um espaço cultural: o diálogo com os seus públicos. Com o intuito de potenciar uma maior aproximação a esta função, importa desenvolver práticas que considerem uma maior participação dos profissionais dos espaços culturais, o estabelecimento de parcerias com profissionais especializados e com outras instituições, assim como o contacto direto com o público que se pretende captar (Tojal, 2015).

Para que a comunicação entre os contextos culturais e as pessoas que os visitam se torne progressivamente mais eficaz, é essencial refletir sobre a forma de atuação dos

seus profissionais em resposta aos perfis apresentados pelos diferentes públicos. A relevância dessa atuação refere-se à acessibilidade atitudinal, que será analisada em pormenor no próximo capítulo.

2.3– A acessibilidade atitudinal

Sem retirar a importância devida às restantes dimensões da acessibilidade, as barreiras atitudinais são aquelas que, geralmente, mais contribuem para o afastamento das pessoas com deficiência dos espaços culturais (ANACPD, 2016b; Sarraf, 2012). Na verdade, os procedimentos e os comportamentos dos profissionais dos espaços culturais (e até mesmo dos outros visitantes) apresentam-se como fundamentais na definição da qualidade de uma visita (Leyton, 2016).

A vertente atitudinal da acessibilidade nos espaços culturais integra o desempenho social dos profissionais destes contextos relativamente às pessoas com deficiência (Martins, 2013). Para que um determinado espaço cultural seja considerado acessível, é necessário que a acessibilidade seja implementada de forma transversal, através do envolvimento de toda equipa de profissionais que lá exercem funções (Sarraf, 2016).

Atualmente, sabemos que as pessoas com deficiência querem e devem ser encaradas pela sociedade como sua parte integrante. Contudo, existe ainda um grande desconhecimento acerca da inclusão das pessoas com deficiência, o que desencadeia reações geralmente entendidas como negativas e discriminatórias por estas pessoas e/ou pelos seus acompanhantes (Sarraf, 2012).

As práticas discriminatórias surgem, com frequência, na sequência de informação insuficiente ou da presença de preconceitos, o que pode gerar situações de desconforto ou baixa tolerância das pessoas sem deficiência no contacto com pessoas com deficiência. Neste enquadramento, o desempenho dos profissionais dos espaços culturais contribui significativamente para a existência de uma inclusão efetiva nestes espaços. Com efeito, quando a postura destes profissionais apresenta parâmetros negativos, a experiência cultural das pessoas com deficiência no espaço visitado pode ficar comprometida (ANACPD, 2017). Contudo, com o aumento do conhecimento

destes profissionais sobre a realidade das pessoas com deficiência, tende a ocorrer uma diminuição dos seus preconceitos e atitudes em relação a essas pessoas (Martins, 2013).

Para que as barreiras atitudinais sejam uma realidade cada vez menos presente nos espaços culturais, é importante que os seus profissionais estejam progressivamente mais preparados para atender (conhecer e compreender) as necessidades e particularidades das pessoas com deficiência. Essa preparação é obtida mediante a participação dos profissionais em formações de sensibilização e treino relativamente ao acolhimento de pessoas com deficiência (ANACPD, 2016b; Mineiro, 2004; Neves, 2010a; Rifai, 2013; Salasar, 2019; Sarraf, 2012; Vlachou & Alves, 2007), pelo estabelecimento de parcerias com instituições que intervenham na área da inclusão e pela consulta regular de pessoas com deficiência para avaliar as suas perceções no que concerne às diferentes respostas existentes nos espaços, de acordo com a máxima “Nada sobre nós sem nós” (Martins, 2013; Mineiro, 2017; Sarraf, 2012). Para que a cultura seja comunicada de forma inclusiva, é essencial repensar as estratégias de mediação e desenvolver a consciência dos vários agentes envolvidos nesse processo sobre a importância de considerar experiências mais abrangentes e holísticas. É neste sentido que os autores sublinham o papel do diálogo transversal entre as equipas que trabalham na promoção da oferta cultural de um determinado espaço, além da colaboração com os elementos da sociedade que representam os públicos para os quais se direccionam as estratégias de comunicação (Neves, 2017).

Por fim, nesta dimensão da acessibilidade, importa realçar que o sucesso da implementação de um projeto inclusivo, em qualquer situação, depende, em grande medida, da motivação dos diferentes profissionais que constituem a equipa que atua no espaço cultural considerado (Mineiro, 2017). A pedra basilar da acessibilidade e da inclusão corresponde ao entendimento, assente na empatia, de que, apesar da diversidade humana, todas as pessoas têm o direito a aceder com equidade aos diferentes locais que compõem a sociedade (Salasar, 2019).

Vão existir sempre lacunas e limitações, a diferentes níveis, nos diversos espaços culturais. No entanto, deve sublinhar-se também o registo de uma expansão na

vontade dos profissionais em prestar um melhor atendimento a pessoas com deficiência, através de respostas criativas, no contexto dos obstáculos que ainda existem (Neves, 2010a).

2.4 – O atendimento ao público com deficiência em contexto cultural, no âmbito da diversidade humana

Tal como tem vindo a ser descrito, as instituições culturais têm sofrido transformações profundas nas últimas décadas, acontecendo o mesmo com os públicos que as frequentam (Dahlgren & Hermes, 2015). Apesar disso, ainda existem muitas pessoas que não acedem com frequência a estes espaços (Bina, 2009).

Quando se considera o atendimento ao público, em contexto cultural, deve ter-se em consideração que, na verdade, cada pessoa tem um perfil singular e irrepetível. Aquilo que nos aproxima enquanto seres humanos é, exatamente, o facto de sermos pessoas diferentes umas das outras e de todos termos o direito de expressar a nossa singularidade na sociedade de que fazemos parte. Efetivamente, a singularidade de cada pessoa não constitui a exceção, mas sim a regra da dimensão das nossas vidas (Leyton, 2016).

O atendimento de públicos com uma determinada diversidade ao nível da funcionalidade humana deve assegurar um tratamento equitativo, para que a existência da diversidade não se traduza numa prática discriminatória (Leyton, 2016).

A grande diversidade de públicos que acedem (ou podem vir a aceder) aos espaços culturais exige que esses contextos se estejam constantemente a atualizar, no sentido de corresponder às necessidades e expectativas de um leque alargado de pessoas (Cardoso, 2012). Para cumprir esse propósito, é fundamental que os espaços culturais conheçam em profundidade os perfis e as características dos seus visitantes (Mineiro, 2017).

Conhecer o perfil dos visitantes implica reconhecer e respeitar a diversidade humana, que está relacionada, entre outros aspetos, com a temática da deficiência, estando por isso contemplada na Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência (Nações

Unidas, 2006). Neste campo, a forma como uma determinada deficiência se manifesta e como é percebida pela pessoa que a apresenta e pelas pessoas com quem se relaciona é muito variável. Não existem duas pessoas com o mesmo tipo de deficiência que apresentem características totalmente idênticas (Santos & Souza, 2005). O tipo de deficiência não define igualmente como vai ser a vida da pessoa. Essa definição vai realizar-se de acordo com as experiências de vida de cada um (Salasar, 2019). É, portanto, necessário ter em consideração todas as características de uma determinada pessoa, incluindo informações sobre a deficiência que apresenta, não limitando, porém, o entendimento da realidade dessa pessoa pela análise da sua deficiência (ANACPD, 2017).

Tanto no contexto cultural como noutros campos de atuação, é cada vez mais premente que a sociedade seja compreendida de forma plural e não homogênea. O entendimento de que as diferenças não nos condicionam, mas antes potenciam, serve de base à promoção da acessibilidade cultural dirigida a pessoas com deficiência. Através dela e, portanto, da possibilidade de apreciar os objetos culturais e de adquirir conhecimento por meio desse contacto, as pessoas com deficiência têm a oportunidade de se tornarem cidadãs mais ativas (Salasar, 2019).

Pode, à partida, pensar-se que, para incluir as pessoas com deficiência, basta garantir a sua presença nas atividades desenvolvidas pelos espaços culturais. Contudo, se esta condição humana não for enquadrada num contexto de diversidade e de respeito pela singularidade de cada pessoa, a abordagem de inclusão falha porque continuarão a falhar as diferentes condições de acessibilidade (ANACPD, 2016b).

Ainda há muito para refletir sobre os motivos que levam muitas pessoas, com ou sem deficiência, a permanecer afastadas dos ambientes culturais. Tais motivos podem relacionar-se, entre outros, com fatores intelectuais e sociais. No caso concreto das pessoas com deficiência, ainda se regista frequentemente a sensação de que estes espaços não se destinam ao seu usufruto. Neste contexto, muitos espaços culturais começaram a implementar estratégias de captação de novos públicos, incluindo pessoas com deficiência. Com essa abertura, surge a necessidade de repensar os aspetos físicos, comunicacionais e atitudinais dos espaços, bem como o

enquadramento enquanto fomentadores do diálogo, no qual os diferentes conteúdos podem e devem ser pensados para todos os públicos, potenciando uma maior aproximação à oferta cultural (Tojal, 2015).

No caso das pessoas com deficiência, é comum, como vimos, continuar a registar-se um afastamento relativamente aos espaços culturais. As dinâmicas que existem em muitas instituições ainda não se apresentam como respostas efetivas e generalizadas que permitam a construção de uma relação entre a pessoa com deficiência e o património cultural (Cohen *et al.*, 2012).

Atendendo à mudança de paradigma, é urgente que as instituições culturais reflitam sobre a necessidade de estabelecer parcerias com instituições variadas, nomeadamente com fins educativos e sociais, com vista à criação de projetos conjuntos que objetivem o alargamento a novos públicos (Reeve & Woollard, 2015; Tojal, 2015). Além destas parcerias, o papel das pessoas com deficiência é crucial para a edificação de respostas que atendam verdadeiramente às suas necessidades (Walters & Salovaara, 2009).

No âmbito do atendimento a pessoas com deficiência, analisaremos em pormenor, no capítulo seguinte, as particularidades geralmente encontradas nas pessoas com DID, a população a que esta investigação se refere.

CAPÍTULO 3 – AS PESSOAS COM DIFICULDADES INTELECTUAIS E DESENVOLVIMENTAIS

3.1- Reflexão sobre a terminologia

Segundo a Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência (Nações Unidas, 2006), a deficiência é um conceito em evolução, que resulta da interação entre as pessoas e as barreiras, físicas ou humanas, presentes no ambiente, as quais condicionam uma participação plena na sociedade, em igualdade de circunstâncias com os demais.

No momento atual, a perspetiva relacionada com a deficiência aproxima-se de um paradigma ecológico, no qual é valorizado o envolvimento do meio no

desenvolvimento individual (Santos & Morato, 2012). Neste contexto, o conceito de funcionalidade apresenta-se como muito relevante, pois reforça a importância da qualidade da participação das pessoas nas atividades disponíveis e expectáveis para qualquer cidadão da comunidade, mais do que considerar, em exclusivo, as dificuldades por elas apresentadas (Santos & Morato, 2012).

Qualquer tipo de deficiência deve ser sempre considerado enquanto característica da pessoa e não como algo que a define em absoluto. Por conseguinte, a referência à pessoa em primeiro lugar vem demonstrar que a mesma tem plenos direitos de participação, uma vez que a deficiência que apresenta corresponde apenas a uma das suas características, não a definindo no seu todo (Salasar, 2019). Na verdade, a escolha das palavras vai ter influência nas pessoas a quem se referem e pode ou não contribuir para a sua discriminação (ANACPD, 2017).

Apesar dos progressos registados nos últimos anos, ainda é muito frequente encontrar, em Portugal, diferentes terminologias para designar a condição expressa pelas DID. As designações utilizadas variam com o tempo e o conhecimento desta condição, bem como com a diferenciação cultural existente em cada país. Em qualquer situação, os termos usados devem assumir uma abordagem realista, mas igualmente positiva, de modo a não comprometer a visão de que as pessoas consideradas apresentam o mesmo valor humano do que quaisquer outras (Santos & Morato, 2012).

Em Portugal, registam-se implicações no domínio da terminologia que são agravadas por questões linguísticas resultantes da tradução de outras línguas, designadamente as de origem anglo-saxónica. De facto, algumas das opções tomadas a este nível não revelam uma correspondência exata com os conceitos originais (SNRIPD, 2006).

Atualmente, é consensual que o termo “intelectual” deve ser o escolhido, em detrimento do termo “mental”. Existe, no entanto, uma maior controvérsia relativamente ao termo que o antecede (Santos & Morato, 2012). A este nível, a palavra “deficiência” aponta para uma limitação mais significativa, associada a alterações nas estruturas e funções do corpo, que tende a ser permanente. Por outro lado, a palavra “incapacidade” também se pode relacionar com a anterior, mas está

dependente de fatores externos, incluindo as condições do meio físico, cultural e social (Instituto Nacional para a Reabilitação, 2019; Mineiro, 2017; SNRIPD, 2006).

A incapacidade pode ser pensada enquanto experiência humana universal, tendo em consideração que todas as pessoas passam, na sua vida, por experiências em que sentem limitações em determinadas atividades, assim como barreiras à participação. Deste modo, tanto a deficiência como a incapacidade são aspetos que compõem a diversidade humana, mas não significam exatamente o mesmo (Mineiro, 2017). O termo “incapacidade” destaca ainda um estado negativo ao nível do funcionamento da pessoa, o que dá ênfase aos défices e não aos apoios ou à ideia de capacitação. Deste modo, surge o termo “dificuldade”, na perspetiva de que, com os apoios necessários e apropriados, a pessoa pode alcançar o papel esperado para as pessoas em geral, segundo os valores sociais e culturais em vigência em cada momento. Neste seguimento, a escolha do termo “Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais” tem vindo a alcançar uma aceitação cada vez mais consistente, contribuindo para o alinhamento em relação àquilo que a sociedade deve esperar das pessoas que apresentam esta condição (Santos & Morato, 2012). Este termo reforça também uma visão dinâmica acerca do desenvolvimento, o que contribui para a redução do preconceito e da estigmatização (Silva & Coelho, 2014).

A reflexão sobre a terminologia a adotar não se restringe a um mero exercício de ordem semântica, mas antes a um contributo que se apresenta como significativo para a modificação do pensamento e da sua influência na planificação da intervenção a implementar, assim como na forma como a sociedade considera o direito de participação e de exercício de cidadania destas pessoas. Existindo um ajuste entre o novo paradigma e a terminologia utilizada, é mais provável que ocorram mudanças na forma como a sociedade entende as pessoas com DID (Leyton, 2016; Santos & Morato, 2012; Silva & Coelho, 2014).

A escolha do termo “Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais” reforça a necessidade de efetuar uma descrição do perfil da pessoa, de um modo compreensível e global. O desenvolvimento humano encontra-se relacionado com as condições do meio, pelo que um diagnóstico nesta área tem de atender às dificuldades da pessoa

em se adaptar aos seus contextos de vida. Nesta perspetiva, o quociente de inteligência perde força no diagnóstico, passando a corresponder apenas a um dos critérios a considerar, em conjunto com as limitações registadas ao nível do funcionamento adaptativo (Silva & Coelho, 2014), como veremos em pormenor no próximo capítulo.

Neste novo enquadramento, o conceito de apoio abrange o conjunto de estratégias e recursos que promovem a participação e os interesses das pessoas e a sua capacitação no acesso aos contextos da comunidade (nos diferentes domínios, incluindo a saúde, a educação, o trabalho e o lazer), independentemente das competências de cada pessoa (Silva & Coelho, 2014).

Dentro desta temática, a mudança de perspetiva relativamente às pessoas com DID vem colocar igualmente em relevo a forma como as próprias pessoas se veem (o seu autoconceito) (Fonseca *et al.*, 2019).

No próximo capítulo, serão abordadas, em detalhe, as características associadas ao diagnóstico das pessoas com DID, de acordo com as perspetivas mais atuais nesta área, a nível internacional.

3.2- Definição e caracterização das DID

O “Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais – DSM-5” (American Psychiatric Association, 2014) denomina as Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) como Incapacidade Intelectual (Perturbação do Desenvolvimento Intelectual), a partir da tradução de “*Intellectual Disability*”.

De acordo com este recurso, o diagnóstico de incapacidade intelectual considera défices no funcionamento intelectual e no funcionamento adaptativo, com início no período de desenvolvimento. Monteiro (2014) acrescenta que esta condição corresponde a um estado de desenvolvimento incompleto, com a presença de dificuldades que interferem com os níveis globais de inteligência e com o desempenho em áreas como a motricidade, a cognição, a linguagem e as competências sociais e adaptativas.

Os défices no funcionamento intelectual incluem dificuldades ao nível do raciocínio, resolução de problemas, planeamento, discernimento, pensamento abstrato e aprendizagem académica/pela experiência. Nesta área, as dificuldades necessitam de confirmação através de avaliação clínica e de testes de inteligência estandardizados e aplicados de forma individual (American Psychiatric Association, 2014).

Por sua vez, os défices no funcionamento adaptativo englobam dificuldades nos domínios conceptual, social e prático, com consequências para a aquisição de padrões de desenvolvimento e de âmbito sociocultural de independência pessoal e de responsabilidade social. Estes défices afetam o desenvolvimento da pessoa em atividades da vida diária, em áreas como a participação social e a vida independente, em ambientes diversificados (ex.: domicílio, escola, trabalho e outros contextos da comunidade) (American Psychiatric Association, 2014).

Ainda dentro do funcionamento adaptativo, o domínio conceptual abrange competências relacionadas com a memória, a linguagem, a leitura e a escrita, o raciocínio na área da matemática, a resolução de problemas, a aquisição de conhecimento prático, entre outras. Já o domínio social considera a consciência acerca dos pensamentos, sentimentos e experiências das outras pessoas, a empatia, as competências de comunicação interpessoal e o discernimento pessoal, entre outros aspetos. Por fim, o domínio prático abarca competências de aprendizagem e de autogestão nos contextos naturais de vida, como por exemplo os cuidados pessoais, as responsabilidades relacionadas com o trabalho, a gestão monetária e a regulação dos comportamentos (American Psychiatric Association, 2014).

Atualmente, a definição dos níveis de gravidade desta condição é realizada tendo como base o funcionamento adaptativo da pessoa, uma vez que é este que determina o nível de suporte necessário em cada caso e não os valores relativos ao quociente de inteligência (QI). Os níveis de gravidade correspondem a: ligeiro, moderado, grave e profundo, com diferentes desempenhos nos domínios conceptual, social e prático (American Psychiatric Association, 2014).

As causas da incapacidade intelectual são múltiplas, sendo esta considerada uma condição heterogénea, na qual em quase metade dos casos não é possível identificar o

que a originou (American Psychiatric Association, 2014; Monteiro, 2014). A taxa de prevalência global ronda, de forma aproximada, 1% da população e varia em função da idade considerada. Ainda relativamente às causas, esta condição apresenta fatores genéticos e fisiológicos, que incluem etiologias pré-natais (síndromes genéticas, erros congénitos de metabolismo, malformações cerebrais, influências ambientais e doenças maternas), perinatais (acontecimentos no trabalho de parto que provocam encefalopatia neonatal) e pós-natais (lesões isquémicas hipóxicas, lesões cerebrais traumáticas, síndromes tóxicos metabólicos, intoxicações, infeções, perturbações desmielinizantes, perturbações convulsivas e privação social grave e crónica) (American Psychiatric Association, 2014), ocorrendo frequentemente um cruzamento de fatores genéticos, ambientais e socioculturais (Monteiro, 2014).

O impacto deste diagnóstico é variável e o prognóstico está dependente da interação entre aspetos biomédicos, psicológicos e ambientais (Monteiro, 2014). De acordo com a *American Association on Intellectual and Developmental Disabilities* (2019), fatores como a comunidade, a cultura em que a pessoa está inserida e a própria diversidade linguística podem ter uma grande influência na funcionalidade individual. Monteiro (2014) acrescenta que podem ser realizadas intervenções a nível educacional e clínico, numa perspetiva multimodal, consoante as necessidades de cada pessoa e contexto familiar.

Neste seguimento, ao longo dos últimos anos, a sociedade tem vindo a compreender progressivamente melhor a condição aqui caracterizada, nomeadamente ao nível do diagnóstico, da classificação e dos apoios e serviços prestados (Alonso & Schalock, 2010).

Na atualidade, existe uma definição construtiva das DID, considerando-se as limitações no funcionamento humano numa perspetiva socio ecológica, com múltiplas dimensões, na qual os apoios individuais desempenham um papel preponderante na melhoria da funcionalidade da pessoa (Alonso & Schalock, 2010).

Neste enquadramento, as DID são consideradas enquanto condição que não se relaciona somente com o indivíduo, mas que se expressa na interação deste com o seu meio (Cuadrado & Leal, 2013). Tendo em conta esta perspetiva, que destaca o papel

do meio na definição desta condição, iremos seguidamente refletir sobre a evolução registada ao nível da inclusão das pessoas com DID na sociedade.

3.3 – A inclusão das pessoas com DID na sociedade: do modelo médico ao modelo biopsicossocial

Antes de fazermos a distinção entre os diferentes modelos que foram estabelecidos pela sociedade para responder à realidade das pessoas com deficiência, iremos abordar brevemente a evolução registada na relação da própria sociedade com estas pessoas.

Inicialmente, na civilização egípcia, a deficiência era sinal de uma dádiva divina, ao passo que, para as civilizações grega e romana, esta trazia consigo o presságio de males futuros. Mais tarde, na Idade Média, a sociedade associava a deficiência a forças demoníacas, por influência da religião. Com o tempo, apesar de começarem a surgir algumas atitudes de caridade dirigidas às pessoas com deficiência, continuou a imperar a ideia de que estas constituíam uma ameaça, pelo que predominou a sua exclusão da sociedade (Silva, 2009).

A partir do século XVII, a sociedade edificou novas ideias em diferentes áreas, como a medicina e a educação, começando a emergir propostas de institucionalização, tratamento médico e ensino para responder às necessidades das pessoas com deficiência. Nesta fase, as pessoas eram retiradas das suas comunidades de origem e colocadas em instituições residenciais ou em escolas especiais, num contexto de segregação (Aranha, 2001).

No final do século XIX e início do século XX, as pessoas com deficiência foram inseridas em instituições de grandes dimensões, de caráter assistencialista e construídas longe das povoações (Silva, 2009). Posteriormente, a partir da década de 60, tornou a ocorrer uma mudança na relação da sociedade com as pessoas com deficiência, dando-se início ao movimento de desinstitucionalização, que resultou na tentativa da sua integração na sociedade. Este processo teve por base a ideia de que era necessário colocar as pessoas com deficiência na sociedade, ajudando-as a obter condições e

padrões de vida quotidiana próximos do esperado para a sociedade em geral (Aranha, 2001). Neste sentido, registou-se o aparecimento de novas respostas organizacionais, ainda que se continuasse a observar alguma proteção. O conceito de integração dava destaque ao sujeito como alvo da mudança e não à sociedade. Esta última tinha a função de garantir os recursos que ajudassem as pessoas com deficiência a melhorar o seu desempenho e a aproximar-se do esperado para as pessoas em geral (Aranha, 2001; Silva, 2009).

Mais tarde, a partir da década de 80, surge o conceito de inclusão, norteadado pela aceitação, valorização da diversidade e cooperação entre as partes (Silva, 2009). Esta ideia pressupõe que as pessoas com deficiência têm direito à convivência não segregada e ao acesso a bens e serviços disponibilizados aos restantes cidadãos, devendo existir uma adaptação tanto da parte das pessoas com deficiência como da realidade social (Aranha, 2001).

Depois da explicação dos conceitos relacionados com as respostas da sociedade às pessoas com deficiência ao longo do tempo, passamos agora à análise da evolução dos modelos projetados pela sociedade relativamente ao atendimento destas pessoas.

Durante muitos anos, o modelo que enquadrava o fenómeno da deficiência apresentou uma raiz médica. De acordo com esse modelo, a deficiência era considerada um problema da pessoa que a apresentava e partia-se do pressuposto de que seria necessário que a própria pessoa se adaptasse às condições do meio e não o seu contrário (Martins, 2013; SNRIPD, 2006).

A partir dos anos 80, registou-se uma tomada de consciência gradual por parte das pessoas com deficiência de que era necessário alterar as políticas e as práticas a si dirigidas, de modo a eliminar as numerosas barreiras que travavam a sua participação efetiva na vida em sociedade. Foi neste contexto que surgiu o modelo social, em contraponto com o modelo médico, no sentido de realçar o papel do ambiente na construção da incapacidade, devido às barreiras existentes a diferentes níveis (Martins, 2013; SNRIPD, 2006).

No surgimento do modelo social, a incapacidade foi reconhecida como estando não apenas relacionada com a pessoa, mas sim na interligação das limitações no seu funcionamento com as condições oferecidas pelo ambiente social. Neste modelo, está contemplada a responsabilidade da sociedade no respeito pelos direitos humanos, na valorização da diversidade humana e na construção de uma sociedade mais inclusiva (ANACPD, 2016b; SNRIPD, 2006).

Por outro lado, a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (Organização Mundial de Saúde, 2004) veio possibilitar a passagem de um modelo puramente médico para um modelo biopsicossocial, conjugando o modelo social com o modelo médico, numa perspectiva de diferentes dimensões do funcionamento humano: biológica, individual e social (Alonso & Schalock, 2010; SNRIPD, 2006).

A nível político, esta classificação reforçou que é necessário implementar ações com o intuito de promover formas de acesso e de desenvolvimento de competências que facilitem a participação das pessoas nas diferentes atividades possíveis, mais do que pensar apenas no seu tratamento e reabilitação (Santos, 2011b).

Neste percurso evolutivo, foi estabelecido um novo paradigma relativo às pessoas com deficiência, que se centra na interação da pessoa com o meio, com maior enfoque nos apoios, tal como já foi referido em capítulos anteriores (Cuadrado & Leal, 2013).

Ao longo dos anos, o papel das pessoas com deficiência na sociedade tem sofrido alterações consideráveis, mais concretamente na forma como estas se veem a si próprias, na forma como se comportam em sociedade e nos apoios que lhe são prestados. Quando o modelo médico se encontrava em vigor, as pessoas com deficiência não tinham, em grande medida, um acesso à vida em sociedade igual ao das pessoas sem deficiência (Santos & Souza, 2005). Na perspetiva atual, a sociedade tem vindo a evoluir no sentido de assegurar que as pessoas com deficiência são consideradas cidadãos de pleno direito, sendo a Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência (Nações Unidas, 2016) uma premissa fundamental para esta transformação. Simultaneamente, as pessoas com deficiência, em geral, têm aumentado a sua consciência relativamente aos seus direitos (ANACPD, 2017; Santos & Souza, 2005).

Apesar dos progressos significativos entretanto alcançados, ainda existem situações em que o modelo médico prevalece. Tal acontece quando as pessoas com deficiência são excluídas dos contextos da comunidade de que fazem parte, o que não está propriamente relacionado com o tipo ou o grau de deficiência, mas antes com processos culturais e discursivos à volta desta condição humana (Sanches, 2014).

Em Portugal, a lei n.º 38/2004 atualiza a noção de pessoa com deficiência à luz do novo paradigma, destacando, no seu artigo 4º, a diversidade das pessoas com deficiência, em linha com a Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência (Nações Unidas, 2006). Por outro lado, o artigo 6º da mesma lei sublinha o princípio da não discriminação e os artigos 5º, 7º e 9º reforçam o papel ativo das pessoas com deficiência na sociedade. Porém, ainda existe um longo caminho a percorrer pela sociedade portuguesa no sentido de operacionalizar diariamente estes conceitos (Sanches, 2014).

Como vimos anteriormente, o paradigma da inclusão social surgiu para assegurar que a sociedade se torne um lugar onde a diversidade humana é valorizada. Para isso, é necessário alterar a estrutura dos sistemas sociais comuns, as atitudes e os recursos, nas diferentes dimensões da vida humana, para que as pessoas com deficiência possam estar preparadas para assumir o seu papel na sociedade (Sassaki, 2004). Se considerarmos a percentagem de pessoas com deficiência no mundo que é referida pela Organização Mundial de Saúde (10%), percebemos que estes movimentos sociais se referem a uma realidade bastante comum nas diferentes sociedades (Cohen *et al.*, 2012).

No contexto geral da deficiência, as pessoas com DID constituem o grupo que continua a encontrar mais barreiras no acesso a uma vida plena em sociedade, na qual sejam protagonistas das suas próprias vidas (Cuadrado & Leal, 2013; Department of Health, 2001). Apesar da evolução positiva ao nível da legislação, ainda existe um número muito significativo de pessoas com DID que apresentam dificuldades em tomar as suas próprias decisões, em expressar as suas opiniões e na defesa dos seus direitos. Para adquirir direitos de cidadania como as outras pessoas, é essencial promover, entre outros aspetos, a inclusão social. Esta implica um sentimento de pertença à

comunidade, num ambiente de respeito pela dignidade humana. No caso das pessoas com DID, a inclusão aumenta à medida que as mesmas assumem papéis sociais cada vez mais relevantes e à medida que a sociedade valorize, no seu interior, o papel destas pessoas (Cuadrado & Leal, 2013).

Ao fazer a comparação entre as pessoas com DID e a população em geral, sobressaem diferenças muito acentuadas ao nível das condições de vida, em aspetos como o trabalho e a vida social (Umb-Carisson & Sonnander, 2005). Embora as pessoas com DID estejam progressivamente mais envolvidas na vida em comunidade, continuam a registar-se muitas situações de exclusão (Umb-Carisson & Sonnander, 2005; Wilson, Jaques, Johnson & Brotherton, 2017). Este constitui, possivelmente, o grupo de pessoas com maior vulnerabilidade social e tendência à segregação (Department of Health, 2001).

As pessoas com DID desejam, na grande maioria das vezes, estabelecer relações de amizade, além das suas relações familiares, e fazer parte da sua comunidade, reconhecendo ser importante obter alguma forma de apoio para cumprir esse propósito (Department of Health, 2001; Wilson *et al.*, 2017).

Nesse sentido, a inclusão social das pessoas com DID não pode continuar a significar apenas estar presente na comunidade. Este processo tem de contemplar o estabelecimento de relações sociais significativas e a participação real nas atividades. No entanto, muitas pessoas com DID continuam isoladas da sociedade, mesmo havendo evidências fortes de que estar incluído na sociedade pode ter um impacto muito relevante nas suas vidas (Wilson *et al.*, 2017).

Atualmente, sabe-se que a inclusão social é um processo construído de forma progressiva. No caso das pessoas com DID, este processo é encarado como algo subjetivo e variável consoante os interesses, as necessidades e as preferências de cada um. Atendendo a estes dados, à medida que as pessoas com DID vão aumentando a sua participação na vida em sociedade, torna-se premente que as políticas públicas e os prestadores de serviços disponibilizem respostas que possibilitem essa mesma participação (Alonso & Schalock, 2010; Department of Health, 2001).

Se, por um lado, o sentimento de pertença a uma comunidade é fundamental para a construção da identidade pessoal, por outro, as comunidades tornam-se mais fortes quando todas as pessoas são incluídas (Inclusion International, 2012).

No caso das pessoas que apresentam uma deficiência sensorial ou física, o acesso acontece geralmente através do fornecimento de um determinado serviço ou adaptação que beneficia a maioria das pessoas que apresentam uma determinada condição. Já no caso das pessoas com DID, podem existir maiores dificuldades na implementação de adaptações que sejam fáceis de levar a cabo e que lhes permitam uma participação plena (Inclusion International, 2012). Também ainda não se regista um esforço concertado da sociedade em transmitir informação de qualidade de forma acessível a estas pessoas (Department of Health, 2001).

Considerando o papel que as organizações têm assumido ao longo dos anos na luta pelos direitos das pessoas com DID, será abordada em seguida a temática das instituições de apoio.

CAPÍTULO 4 – AS INSTITUIÇÕES DE APOIO A PESSOAS COM DID

De acordo com a evolução documentada em capítulos anteriores, urge que as organizações que prestam apoio às pessoas com DID se transformem de forma significativa, nomeadamente enquanto promotoras da defesa dos direitos destas pessoas. Esta mudança passa pela redefinição do papel dos profissionais que exercem funções nas instituições de apoio, no sentido de se tornarem facilitadores do *empowerment* das pessoas com DID (Cuadrado & Leal, 2013).

Acompanhando a evolução de um modelo médico para um modelo biopsicossocial, assente em diferentes domínios de qualidade de vida, as instituições de apoio têm vindo a sentir a necessidade de mudar o foco da sua missão de uma perspetiva de prestação de serviços para uma de prestação de apoios (Cuadrado & Leal, 2013).

Na segunda metade do século XX, começaram a surgir associações de âmbito social e solidário, lideradas por familiares de pessoas com deficiência (Inclusion International, 2012; Sanches, 2014). São disso exemplo as Associações Portuguesas de Pais e Amigos

do Cidadão com Deficiência Mental (APPACDM). De uma forma geral, estas instituições foram edificadas num contexto segregado da comunidade e apresentavam, com frequência, procedimentos que se centravam nas limitações das pessoas.

Posteriormente, as instituições passaram a promover a integração das pessoas com DID na comunidade, considerando serviços adaptados, mas ainda separados dos prestados às pessoas sem deficiência. Numa fase mais recente, com base no modelo de qualidade de vida, os procedimentos que as instituições passaram a adotar pretendem ser inclusivos, apresentando um maior foco na autodeterminação, nos direitos e no paradigma dos apoios. Para tal, é necessário que as instituições, bem como as diferentes estruturas da sociedade, se comprometam cada vez mais na implementação de estratégias consistentes e de recursos adequados que permitam que as pessoas apoiadas nestes contextos alcancem o *empowerment* que desejam (Cuadrado & Leal, 2013).

Para as pessoas com deficiência, a qualidade de vida constitui um fenómeno de múltiplas dimensões, que varia de acordo com as características da pessoa e do ambiente e que pode ser avaliada em três domínios: independência, participação social e bem-estar (Instituto Nacional para a Reabilitação, 2019). O domínio da independência corresponde à capacidade de viver uma vida autónoma e abrange o desenvolvimento pessoal e a autodeterminação. Por sua vez, a participação social refere-se à capacidade de viver na comunidade e abarca as relações interpessoais, a inclusão social e os direitos. Finalmente, o bem-estar diz respeito ao conforto que a pessoa sente nas diferentes dimensões da sua vida, a nível físico, emocional e material (Schalock & Verdugo, 2002).

No campo da participação social e política das pessoas com deficiência, as instituições fundadas e dirigidas pelas próprias pessoas com deficiência e/ou pelos seus familiares apresentam-se como impulsionadoras das mudanças da visão que a sociedade tem sobre o seu papel. O trabalho das instituições tem-se revelado muitas vezes essencial na promoção da qualidade de vida das pessoas com deficiência e da sua participação nos processos de decisão. Apesar disso, subsiste uma diversidade de formas de atuação, que se materializa em diferentes modelos organizacionais e de intervenção (SNRIPD, 2006). A nível internacional, continua a existir uma grande disparidade nas

respostas deste tipo de organização, incluindo a forma como estas se designam (European Union Agency for Fundamental Rights, 2017). De qualquer modo, as instituições de apoio têm vindo a refletir sobre a necessidade de desenvolver novas competências e promover, entre outros aspetos, uma relação mais aprofundada e próxima com os contextos da comunidade (SNRIPD, 2006).

Em Portugal, o sistema de proteção social considera um conjunto de respostas sociais que se apresentam como medidas de apoio dirigidas a pessoas com deficiência, da infância à idade adulta. Estas respostas sociais podem ser administradas diretamente pela Segurança Social, mas também são muitas vezes geridas em colaboração com Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), num regime de subsidiariedade (Pinto & Pinto, 2018).

De acordo com o decreto-lei nº 119/83, de 25 de fevereiro, uma IPSS corresponde a uma pessoa coletiva sem finalidade lucrativa, formada em exclusivo por iniciativa de particulares, com o objetivo de expressar de forma organizada o dever moral de justiça e de solidariedade, para o alcance dos direitos sociais dos cidadãos que não sejam administrados pelo Estado ou por outra entidade pública. Neste âmbito, as atividades de uma IPSS podem passar, entre outros domínios, pelo apoio a pessoas com deficiência e incapacidade.

Considerando os dados relativos a 2011, existiam nesse ano 791 respostas sociais em Portugal, abrangendo Lares Residenciais, Residências Autónomas, Serviços de Apoio Domiciliário e Centros de Atividades Ocupacionais (Gabinete de Estratégia e Planeamento, 2016). Estes últimos destinam-se a promover atividades para jovens e adultos com deficiências graves, a partir dos 16 anos (Pinto & Pinto, 2017). A nível nacional, em 2018, existiam 15588 vagas neste contexto (Pinto & Pinto, 2018). De facto, no nosso país, os Centros de Atividades Ocupacionais são uma resposta frequente no apoio a pessoas, jovens e adultas, com DID, existindo, no entanto, a necessidade de sistematizar a informação relativa às atividades desenvolvidas nestes e por estes centros. Num estudo efetuado por Nunes (2015), é referido que as atividades abrangem vários domínios, com uma maior prevalência das respostas ao nível da

recreação e do lazer, realizadas sobretudo em contexto institucional, mas com uma tendência progressivamente maior para recorrer aos contextos da comunidade.

Nesta conjuntura, regista-se uma consciência crescente por parte das organizações da necessidade de aumento das experiências das pessoas com deficiência a nível cultural. Neste sentido, as organizações têm implementado diversos projetos nesta área, com consequências importantes na melhoria da qualidade de vida das pessoas apoiadas. De uma forma gradual, as instituições vão realizando um maior número de atividades recreativas que visam promover oportunidades de participação (ANACPD, 2017). No entanto, torna-se necessária uma consolidação da intervenção a este nível, mediante uma articulação entre as diferentes organizações, a qual sustente e oriente o caminho a percorrer daqui em diante (ANACPD, 2017).

CAPÍTULO 5 – A ACESSIBILIDADE E A FRUIÇÃO CULTURAL DE PESSOAS COM DID

Como mencionado previamente, as pessoas com DID continuam a debater-se com dificuldades no acesso a serviços e apoios, o que as impede de participar plenamente na vida das comunidades a que pertencem. Subsiste um grande desfasamento entre as necessidades das pessoas com DID e os apoios que lhe são prestados nos seus diferentes contextos de vida (Inclusion International, 2012).

Relativamente à participação nos contextos de lazer, as evidências apontam para o facto de as pessoas com DID terem menos oportunidades neste domínio, apesar de se saber que a vivência cultural pode contribuir para o aumento da sua qualidade de vida, à semelhança do que é registado nas pessoas que não apresentam esta condição (Department of Health, 2001).

No grupo de pessoas que apresentam perturbações do desenvolvimento, as pessoas com DID confrontam-se regularmente com limitações e barreiras à participação em atividades de lazer. Ainda que se registe um maior interesse da sociedade em relação à experiência das pessoas com DID nesta área, continuam a não ser documentados muitos estudos que analisem a sua participação na vida cultural (Badia *et al.*, 2013).

Neste contexto, as pessoas com DID revelam frequentemente dificuldades na escolha de atividades recreativas, tal como acontece noutros domínios das suas vidas. As atividades mais referidas ao nível da vida social incluem ir às compras, festejar aniversários, ir a restaurantes e viajar (Badia *et al.*, 2013). Outros estudos apontam para a vontade expressa pelas pessoas com DID em participar nas mesmas atividades que as pessoas sem deficiência: ir ao cinema, passear pelas ruas, frequentar cafés e restaurantes, ver jogos de futebol, entre outras (Witso & Hauger, 2018). As causas referidas pelas pessoas com DID para a não participação nas atividades de lazer em igualdade de oportunidades com as outras pessoas abrangem os custos dessas atividades, a falta de companhia e o facto de não se sentirem bem-vindas nesses contextos (Southby, 2019).

No sentido de proceder à identificação dos interesses e das perceções das pessoas com deficiência relativamente à experiência cultural, a ANACPD (2016b) efetuou um estudo que envolveu pessoas com DID, além de pessoas com outros tipos de deficiência. Apesar de estes dados não corresponderem apenas a pessoas com DID, os seus resultados obtidos junto de 110 participantes não deixam de estabelecer padrões relativamente à sua vivência cultural em específico. Uma percentagem considerável de participantes referiu as idas ao cinema (80%), as visitas a exposições (74,5%), museus (72,7%) ou outros monumentos (59,1%) e as idas ao teatro (51,8%) como as atividades culturais de maior interesse para si. No entanto, uma percentagem também importante de inquiridos referiu não ter frequentado estes espaços nos últimos seis meses (cinema – 50%; exposições – 57,3%; museus – 71,8%; monumentos – 79,1%). Muitas das pessoas com deficiência referem não ter acesso a informação sobre as condições de acessibilidade dos espaços culturais, além de sentirem que os profissionais destes espaços revelam muitas vezes uma sensibilidade menor do que seria desejado em questões relacionadas com a deficiência. Tal sublinha a necessidade de reforçar a formação destes profissionais sobre o atendimento ao público com deficiência, de modo a promover uma visão e uma atitude menos discriminatórias, tal como já sublinhado no capítulo em que descrevemos a acessibilidade atitudinal. Por outro lado, é igualmente referida a ausência frequente de programação específica de acordo com as necessidades das pessoas com deficiência.

A ANACPD (2017) desenvolveu outro estudo que pretendeu analisar as perceções dos profissionais dos espaços culturais acerca das pessoas com deficiência. Grande parte dos profissionais inquiridos referiu já ter tido contacto com pessoas com deficiência nos espaços culturais onde trabalha, registando-se uma quantidade ainda relevante de participantes que mencionaram desconhecimento das formas de atuação mais corretas em relação a estas pessoas, bem como algum desconforto no seu atendimento. Neste contexto, o atendimento referido por mais de metade dos inquiridos como sendo o mais difícil de realizar corresponde àquele que é dirigido às pessoas com DID, designadamente em aspetos relacionados com a comunicação.

Dentro deste tema, importa sublinhar que a comunicação é um aspeto essencial na assistência a pessoas com DID em contexto cultural, devendo existir preocupações dos profissionais dos espaços culturais relativamente à escuta e à temporalidade destas pessoas. A este nível, é fundamental que os profissionais verifiquem se as pessoas a quem se dirigem compreenderam a mensagem que lhes foi transmitida, utilizando recursos/materiais que tenham em conta diferentes vias de comunicação, sem infantilizar o discurso (Leyton, 2016).

Outras das recomendações frequentes passam por: prestar atenção individualizada à pessoa com DID, agindo de uma forma natural; usar uma linguagem clara e simples; dirigir questões à pessoa para obter esclarecimentos acerca daquilo que ela compreendeu; promover a participação em atividades lúdicas e práticas, que permitam o contacto direto com os elementos de uma exposição ou de outro contexto similar; efetuar a ligação entre os conteúdos explorados numa visita e a vida diária da pessoa; criar e recorrer a materiais de apoio com uma linguagem adaptada, em leitura fácil e com apoio de imagens (ANACPD, 2017; Mineiro, 2017; Salasar, 2019).

A leitura fácil, também denominada como linguagem ou escrita simples, deve constituir uma das bases para as diferentes estratégias na área da comunicação dirigida às pessoas com DID. Esta técnica é usada na apresentação dos conteúdos de uma forma explícita e fácil de compreender (ANACPD, 2017; Salasar, 2019), seguindo a ideia de que as pessoas com DID têm os mesmos direitos no acesso à informação que as pessoas sem deficiência. Ao existir uma preocupação em adaptar a informação, as

peessoas com DID podem ter a oportunidade de conhecer melhor os assuntos que lhes dizem respeito, bem como assuntos mais abrangentes e que dizem respeito a todos (Inclusion Europe, s.d.).

Os recursos indicados para favorecer a acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID são variados e incluem, além da leitura fácil e de textos com apoio pictográfico (introduzindo, por exemplo, símbolos de comunicação aumentativa), a realização de atividades de exploração, a utilização de esquemas táteis, o recurso a visitas guiadas/mediação acessível e a dinamização de encenações teatrais (Mineiro, 2017; Salasar, 2019). Os diferentes recursos mencionados devem ser utilizados no sentido de assegurar que as pessoas com DID podem aceder com facilidade à informação de que necessitam, da forma que cada uma considerar mais confortável. Para encontrar essa forma, os profissionais dos espaços culturais devem recorrer à opinião da própria pessoa com DID ou aos seus possíveis acompanhantes – familiares ou profissionais das instituições de apoio. Assim, poderão obter informações mais específicas sobre as características individuais a considerar (Santos & Souza, 2005).

No sentido de cumprir a orientação anterior, uma das sugestões passa pelo contacto com as instituições de apoio, de modo a aumentar o conhecimento sobre as características e os perfis das pessoas a quem se dirige a oferta cultural. Esta recolha de informação e o acompanhamento no período de adaptação dos espaços culturais pode contribuir para o aumento da acessibilidade destes contextos (Vlachou & Alves, 2007).

Considerando as pessoas com deficiência em geral (onde se incluem as pessoas com DID), as melhores respostas dos espaços culturais são aquelas que permitem o contacto direto, mais especificamente a experiência concreta em relação ao objeto cultural, por vias multissensoriais que possibilitem uma compreensão otimizada desse objeto. Estas formas de acesso devem também incluir o contacto direto com os profissionais dos espaços culturais, através de estratégias de mediação (Tojal, 2015).

As estratégias descritas anteriormente baseiam-se na ideia de que é importante apostar na criação de um diálogo fluído entre o espaço cultural e quem o visita. Os profissionais devem considerar diferentes aspetos neste trabalho de mediação, tais

como a forma como expõem os objetos culturais, a informação que transmitem sobre eles e as dinâmicas que encontram para lhes dar vida (Neves,2010a), sem esquecer que é necessário atender às especificidades de cada público e de cada pessoa dentro desse público, já que cada visitante apresenta um ritmo próprio na forma de apreender informação e construir conhecimento no contacto com um objeto cultural (Bina, 2009).

Recentemente, em Portugal, foi desenvolvido um estudo a respeito do público com DID, na Fundação Calouste Gulbenkian, em articulação com a CERCICA, uma instituição de apoio a jovens e adultos com DID (Martins, 2017). Este estudo começou por observar o trabalho de dois mediadores do referido espaço cultural, destacando o papel do diálogo estabelecido entre estes profissionais durante as visitas. Esse diálogo contemplava a troca de impressões, a formulação de perguntas provocadoras, a construção de uma narrativa relacionada com as experiências pessoais dos participantes e atividades em contexto de oficinas, em dinâmicas que despertavam a curiosidades dos participantes e que pretendiam fazer a ligação com a obra de arte. No âmbito deste projeto, cada sessão era singular e adaptada a cada circunstância, sendo realizadas reuniões prévias com os profissionais das instituições de apoio para estruturar as atividades culturais em função dos perfis dos visitantes.

No estudo efetuado por Martins (2017), foram utilizados materiais multissensoriais e de leitura fácil. Neste último caso, os textos foram usados com o intuito de potenciar a participação das pessoas com DID no contacto com a obra de arte, tendo sido desenvolvidos em parceria com a instituição de apoio já referida. A autora destaca ainda o papel dos profissionais destas instituições enquanto facilitadores da comunicação entre as pessoas com DID e os profissionais dos espaços culturais. Finalmente, no mesmo estudo, os profissionais das instituições de apoio sublinharam a importância de existir um trabalho de continuidade fora do contexto das visitas.

Partindo deste estado da arte, iremos apresentar, na etapa seguinte, a metodologia utilizada no âmbito desta investigação, com o intuito de reunir dados que permitam encontrar novos contributos para a compreensão e maximização da acessibilidade e da fruição de pessoas com DID, em contexto cultural.

II METODOLOGIA

No seguimento das informações descritas no enquadramento teórico, percebemos que, na atualidade, e apesar das mudanças registadas ao longo do tempo, as pessoas com DID continuam a encontrar barreiras à participação cultural (ANACPD, 2016b; Badia *et al.*, 2013; Department of Health, 2001; Southby, 2019).

Num estudo recente, realizado em Portugal pela ANACPD (2017), 53,2% dos 139 profissionais dos espaços culturais inquiridos referiram apresentar um amplo desconhecimento e algum desconforto no atendimento de pessoas com DID, sobretudo no domínio da comunicação.

Por sua vez, as instituições de apoio têm vindo a redefinir as suas respostas, no sentido de promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas com DID (SNRIPD, 2006). Uma das vertentes consideradas a este nível corresponde a uma maior diversificação de experiências culturais nos contextos da comunidade (SNRIPD, 2006).

De modo a efetuar o cruzamento entre as necessidades evocadas pelos espaços culturais e as mencionadas pelas instituições de apoio, fomentando a fruição cultural de pessoas com DID, os autores consultados destacam a urgência de estabelecer parcerias entre os dois contextos, considerando igualmente a visão das próprias pessoas com DID (Martins, 2017; Reeve & Woollard, 2015; Santos & Souza, 2005; Tojal, 2015; Vlachou & Alves, 2007).

Na sequência deste conhecimento, a investigação a que esta dissertação se refere pretende reunir dados sobre a fruição cultural de pessoas com DID, mediante a participação em visitas a dois espaços culturais, enquanto prática materializada em contexto institucional.

Com o intuito de compreender melhor a forma como as pessoas com DID retiram um maior proveito de experiências em espaços culturais, quando estas são realizadas no âmbito da atuação das instituições que as apoiam, foi estabelecida a seguinte questão

de investigação: “Como potenciar a fruição cultural de pessoas com DID que frequentam instituições de apoio?”.

Para alcançar respostas à questão enunciada, foi definido um conjunto de cinco objetivos:

1. Descrever as dinâmicas e os recursos utilizados em dois espaços culturais no atendimento a pessoas com DID;
2. Descrever as necessidades específicas de pessoas com DID no acesso e na fruição de espaços culturais;
3. Identificar as perceções que os profissionais de dois espaços culturais têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID;
4. Identificar as perceções que os profissionais de uma instituição de apoio têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID;
5. Apresentar propostas que potenciem o acesso e a fruição de pessoas com DID a espaços culturais.

Com a finalidade de atingir os objetivos apresentados, foram observadas visitas de pessoas com DID que frequentam Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra, a dois contextos culturais, tendo a referida observação sido complementada pela realização de entrevistas aos diferentes intervenientes, designadamente às pessoas com DID, aos profissionais dos espaços culturais e aos profissionais da instituição de apoio.

2.1 TIPO DE ESTUDO

Uma investigação corresponde a um conjunto de processos que visam adquirir conhecimentos, mediante o estudo de um determinado fenómeno (Sampieri, Callado & Lucio, 2013). Para atingir os objetivos propostos numa pesquisa, é necessário proceder à definição do tipo de estudo, partindo do nível de conhecimento existente sobre a realidade investigada.

Tal como já foi referido anteriormente, o presente estudo pretendeu explorar a temática da fruição cultural de pessoas com DID. Para tal, partindo dos objetivos

definidos, procedeu-se à análise das dinâmicas e recursos existentes nos espaços culturais, das necessidades específicas das pessoas com DID e das perceções que os profissionais (dos espaços culturais e da instituição de apoio) apresentam sobre a fruição cultural destas pessoas, tendo a intenção de, a partir daí, sugerir práticas que possibilitem a melhoria do acesso e da fruição de pessoas com DID em contexto cultural. Tendo em conta as circunstâncias descritas, considera-se que este estudo se enquadra no paradigma qualitativo, uma vez que visa compreender, de forma abrangente, a realidade social estudada, centrando-se na análise das vivências dos participantes, através da recolha de dados que traduzem as suas perspetivas (Clark & Creswell, 2015; Fortin, 2006).

Dentro do paradigma qualitativo, consideramos que o estudo se enquadra num nível exploratório-descritivo.

No caso de um estudo exploratório, pretende-se proceder a uma aproximação ao fenómeno analisado, com enfoque na descoberta das ideias, no que concerne a temáticas em que o conhecimento ainda não é muito aprofundado e em que o problema não está delimitado de forma pormenorizada. Este nível de investigação implica a identificação da natureza de uma determinada problemática, servindo de base a estudos subsequentes (Dias, 2010).

Por outro lado, uma pesquisa descritiva visa clarificar as características de uma situação ou de um grupo de pessoas, apresentando um conhecimento teórico mais sustentado, que lhe serve de alicerce para o estabelecimento de hipóteses que permitem definir relações entre variáveis (Dias, 2010).

Na presente investigação, tencionamos conhecer e interpretar factos relacionados com a fruição cultural de pessoas com DID que frequentam instituições de apoio. Deste modo, pretendemos realizar uma maior aproximação ao problema em estudo, partindo do conhecimento já reunido e apresentado pelos autores do quadro teórico, designadamente no que se relaciona com as práticas recomendadas no atendimento de pessoas com DID em contexto cultural.

Sabemos que as pessoas com DID continuam a não desfrutar dos espaços culturais em pleno, tendo-se simultaneamente vindo a registar um interesse crescente na investigação relacionada com a sua inclusão neste campo. Não obstante, não está reunido um conhecimento aprofundado no que diz respeito à forma como se pode potenciar a fruição cultural das pessoas com DID, nomeadamente quando estas frequentam instituições de apoio e visitam espaços culturais em atividades no âmbito do acompanhamento prestado por estas instituições.

Por conseguinte, a investigação aqui apresentada corresponde à análise da realidade, ainda pouco estudada, que é vivida pelas pessoas com DID e pelos profissionais das instituições de apoio e dos espaços culturais, em visitas realizadas a esses equipamentos, o que, de acordo com Fortin (1999), se enquadra num nível intermédio, isto é, exploratório-descritivo. Como vimos, apesar de se ter vindo a registar uma disseminação das práticas recomendadas no atendimento ao público com DID nos espaços culturais, ainda não existe um conhecimento vasto sobre a forma como se pode impulsionar, dentro do contexto das instituições de apoio, o usufruto de experiências culturais de qualidade por parte destas pessoas. Considera-se, deste modo, relevante, nesta fase, identificar e descrever a forma como as pessoas com DID desfrutam das visitas a espaços culturais, através da análise do seu modo de atuar nesses contextos e das respostas dadas pelos espaços culturais e pelas instituições de apoio neste processo, com vista a reunir dados que permitam, em estudos posteriores, analisar mais exaustivamente a implementação de dinâmicas e recursos que potenciem uma participação mais efetiva das pessoas com DID nos contextos mencionados.

2.2 CENÁRIO DE INVESTIGAÇÃO E PARTICIPANTES

Na presente investigação, pretendemos analisar a fruição cultural de pessoas com DID, no contexto de visitas a espaços culturais diferenciados. Para tal, considerámos a realidade de dois equipamentos culturais de Coimbra: o Museu Nacional de Machado de Castro e o Convento São Francisco.

Foram selecionados estes dois espaços culturais, pelo trabalho prévio já estabelecido entre os mesmos e a instituição de apoio que os participantes frequentam.

2.2.1 - Cenário

Apresentamos, seguidamente e de forma sucinta, as três instituições envolvidas nesta investigação:

Museu Nacional de Machado de Castro

O Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC) foi criado em 1911 e abriu ao público dois anos mais tarde. A sua missão assenta na divulgação da cultura e na educação do gosto e da capacidade crítica (Museu Nacional de Machado de Castro, 2020).

O MNMC apresenta-se como um dos museus de arte antiga mais significativos em Portugal e abrange, nas suas coleções, a Arqueologia, a Escultura, a Ourivesaria, a Joalheria, a Pintura, o Desenho, a Cerâmica, os Têxteis e o Mobiliário (entre outras coleções que não se integram no discurso museológico das suas exposições permanentes) (Museu Nacional de Machado de Castro, 2020).

Segundo informações recolhidas num contacto prévio com técnicos do MNMC, na área da inclusão, designadamente de pessoas com DID, este contexto dispõe do projeto “Imagens que guiam – comunicação acessível no MNMC”, o qual integra o conhecimento e a abordagem de obras de arte e os saberes acumulados relativamente ao funcionamento quotidiano das pessoas com DID (em colaboração com a APPACDM de Coimbra), entrecruzados numa proposta de comunicação acessível. Esta proposta assenta na criação e utilização de guiões de exploração de espaços e obras de arte do MNMC, em leitura fácil.

Convento São Francisco

O Convento São Francisco é gerido atualmente pela Câmara Municipal de Coimbra e apresenta-se como um espaço operacional e multifuncional que visa servir a cidade de

Coimbra ao nível da cultura, do conhecimento, da inovação e da economia (Coimbra Cultura e Congressos – Convento São Francisco, 2020).

Possui diferentes espaços (Antiga Igreja do Convento, Grande Auditório, Sala Aeminium, Sala Almedina, Sala Centro, Sala Conventual, Sala D. Dinis, Sala D. Pedro, Sala Inês de Castro, Sala Mondego, Sala Sofia e Sala Terceira), geridos de forma dinâmica ao longo do tempo, com uma oferta cultural que contempla espetáculos, exposições e oficinas (Coimbra Cultura e Congressos – Convento São Francisco, 2020).

Para contribuir para a democratização do acesso à cultura, este espaço cultural apresenta o Projeto Educativo e de Mediação de Público da Câmara Municipal de Coimbra. O projeto referido aposta na produção e promoção de eventos pedagógicos e artísticos, de modo a possibilitar uma aproximação das estruturas/instituições locais e nacionais (Coimbra Cultura e Congressos – Convento São Francisco, 2020).

Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) de Coimbra

A APPACDM de Coimbra é uma instituição que foi criada em 1969 e que abrange, atualmente, os concelhos de Coimbra, Arganil, Montemor-o-Velho e Cantanhede. Revela como missão a criação de condições para que cada pessoa com deficiência intelectual, ou em situação de exclusão, possa alcançar a sua plenitude enquanto ser humano e social, considerando a sua individualidade e consolidando a sua real participação na sociedade (APPACDM Coimbra, s.d.).

Tal como outras instituições de apoio similares, a APPACDM de Coimbra abarca diversas respostas sociais, que incluem: Equipa de Intervenção Precoce, Creche e Jardim de Infância, Centro de Recursos para a Inclusão, Centro de Recursos ao IEFP-IP, Formação Profissional, Centro de Atividades Ocupacionais, Lares Residenciais e Apoio Domiciliário (APPACDM Coimbra, s.d.).

Nesta instituição, existem quatro Centros de Atividades Ocupacionais (Arganil, Montemor-o-Velho, S. Silvestre e Tocha). Estes centros existem para permitir que as pessoas com DID possam maximizar a sua qualidade de vida, mediante um conjunto de respostas de habilitação, terapêuticas e de atividades socialmente úteis e estão

organizados em duas partes: CAO estritamente ocupacional – pensado para pessoas em situação de grande dependência, para as quais são dirigidas respostas predominantemente terapêuticas – e CAO socialmente útil - que tem como principal objetivo a valorização das pessoas com DID e o desenvolvimento das suas capacidades, visando também o seu bem-estar material (APPACDM Coimbra, s.d.).

2.2.2 - Participantes

Os participantes principais correspondem a um conjunto de pessoas com DID que frequentam três dos quatro Centros de Atividades Ocupacionais (CAO) da APPACDM de Coimbra. No âmbito desta pesquisa, não foi considerado o CAO onde a investigadora exerce funções, atendendo ao seu envolvimento anterior em atividades de fruição cultural junto das pessoas apoiadas pelo referido contexto (conforme descrito na Motivação Pessoal) e às questões éticas e deontológicas que daí advêm e que poderiam interferir nos procedimentos e nos resultados da investigação.

Com o intuito de selecionar a amostra do estudo, recorreremos a uma técnica de amostragem não probabilística, mais concretamente por conveniência (Carmo & Ferreira, 2008; Dias, 2010; Fortin, 1999), tendo em conta que as pessoas com DID e os profissionais envolvidos (dos espaços culturais e da instituição de apoio) correspondiam a um grupo de fácil acesso para a investigadora.

Ainda que o nosso foco principal corresponda às pessoas com DID, esta investigação contempla outros participantes, onde estão incluídos profissionais dos espaços culturais e profissionais da instituição de apoio. A inclusão de participantes com características distintas objetiva possibilitar a triangulação de dados, através da consulta de diferentes fontes de informação, de modo a alcançar uma imagem mais completa da realidade estudada.

Em seguida, será efetuada uma caracterização de cada um dos grupos de participantes.

Pessoas com DID

A população considerada neste estudo corresponde a pessoas que apresentam o diagnóstico clínico de incapacidade intelectual, segundo os critérios propostos pela *American Psychiatric Association* (2014), em idade adulta e a frequentar Centros de Atividades Ocupacionais.

De acordo com estes critérios, foi selecionada uma amostra de pessoas que frequentam os Centros de Atividades Ocupacionais de Montemor-o-Velho, de Arganil e da Tocha da APPACDM de Coimbra (no total, o número de pessoas apoiadas nos centros citados corresponde a 114). Para a sua seleção, tivemos em consideração os seguintes critérios de inclusão: ter a idade mínima de 18 anos; apresentar incapacidade intelectual como diagnóstico clínico principal; demonstrar competências comunicativas suficientes para a participação numa entrevista; ter um consentimento informado assinado afirmativamente por si e pelo seu responsável legal. Por outro lado, foram tidos igualmente em conta os seguintes critérios de exclusão: pessoas que não frequentam os Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra; pessoas que frequentam o Centro de Atividades Ocupacionais de São Silvestre (tendo em conta que a investigadora participa de forma regular na dinamização de atividades de âmbito cultural deste Centro); pessoas que apresentem outros tipos de deficiência (visual, auditiva ou motora) ou outras condições (ex.: Perturbação do Espectro do Autismo) que revelem um impacto mais significativo ao nível da sua funcionalidade do que as DID; pessoas que apresentem um diagnóstico de DID secundário a um diagnóstico de doença mental; pessoas com dificuldades significativas no domínio da comunicação que impeçam a análise, por parte da investigadora, dos seus contributos nas entrevistas.

Para a seleção dos participantes, foi solicitada a colaboração dos profissionais da APPACDM de Coimbra responsáveis pela coordenação dos centros frequentados pelas pessoas com DID. Nesta escolha, foi considerado inicialmente um máximo de dez participantes, em cada visita. Embora não tenha sido encontrado, na revisão da literatura, um indicador do número médio de participantes com DID que é recomendado em cada visita deste género, as experiências anteriores da investigadora

indicam que o número aqui definido possibilita a existência de uma atenção às características individuais de cada pessoa com DID, no decurso das vivências culturais, por parte dos profissionais envolvidos. Já em contexto de pandemia por COVID-19, o número de participantes teve que ser reajustado, assim como a própria tipologia das visitas, que passaram de uma modalidade presencial inicialmente prevista para um regime virtual, uma vez que, na reabertura dos Centros de Atividades Ocupacionais em contexto de pandemia, a Direção Geral de Saúde indicou que os clientes apoiados nestes contextos não deveriam participar em “visitas de estudo”. Deste modo, no total, o estudo incluiu 18 participantes com DID (cinco do CAO de Montemor-o-Velho, oito do CAO de Arganil e cinco do CAO da Tocha).

Nas entrevistas dirigidas às pessoas com DID, no âmbito desta investigação, pudemos recolher dados que nos permitiram efetuar a sua caracterização. Assim, a média de idades destes participantes corresponde a 38 anos, tendo o participante mais novo 22 anos e o mais velho 58. Relativamente ao contexto familiar, a grande maioria dos participantes (14) vive com um ou mais elementos da família próxima (pais ou irmãos), enquanto 2 deles residem apenas com a família alargada (primos) e outros 2 em estruturas residenciais da APPACDM de Coimbra. Apesar de todos terem sido questionados, metade dos participantes não referiu o tempo de frequência no CAO. Dentro daqueles que responderam a esta questão, a maioria das respostas aponta para uma frequência igual ou inferior a 3 anos. Dentro das atividades produtivas desenvolvidas em contexto de CAO, foram referidas áreas como lavandaria, costura, cozinha, bar, limpeza, jardinagem e serralharia. Ao nível dos apoios prestados em contexto institucional, os participantes mencionaram frequentemente a atividade física, mas também a música, o teatro, a estimulação das competências de escrita/cálculo, a informática e os apoios terapêuticos.

Profissionais dos espaços culturais

No contexto desta investigação, contámos ainda com a participação de duas profissionais do Museu Nacional de Machado de Castro e de uma profissional do Convento São Francisco, que dinamizaram as visitas realizadas no âmbito deste estudo

e foram também entrevistadas, de modo a recolher as suas perspetivas sobre a fruição cultural das pessoas com DID.

Para a caracterização das três profissionais dos espaços culturais que fizeram parte deste estudo, recorreremos às informações recolhidas por entrevista (Apêndice 1).

No que diz respeito à atuação nos espaços culturais, duas das profissionais exercem funções no Museu Nacional de Machado de Castro (uma é conservadora da coleção de pintura, de desenho e gravura e também responsável por vários projetos de inclusão do MNMC; a outra encontra-se a fazer um estágio curricular na área da acessibilidade e inclusão cultural) e a terceira trabalha no Convento São Francisco, no Projeto Educativo e de Mediação de Públicos.

Relativamente às habilitações académicas, as duas profissionais do MNMC são licenciadas em História e a profissional do Convento São Francisco é licenciada em Ciências da Educação (a participante que se encontra a realizar estágio no MNMC está a frequentar um mestrado em Património Cultural e Museologia, enquanto que a outra participante do MNMC concluiu um mestrado em Educação Especial).

O tempo de serviço na instituição em que as três participantes se encontram no momento é muito variável: uma delas está a realizar um estágio no MNMC há menos de 1 ano, outra exerce aí funções há 27 anos e a profissional do Convento São Francisco trabalha neste local há 4 anos.

Profissionais da instituição de apoio

De forma complementar, foi também contemplada a participação de profissionais da instituição de apoio selecionada, a APPACDM de Coimbra, no contexto das visitas aos espaços culturais e na realização de entrevistas. Estes profissionais acompanham diariamente as pessoas com DID no âmbito do apoio prestado pelos Centros de Atividades Ocupacionais, constituindo, desta forma, uma mais-valia no conhecimento sobre a realidade destas pessoas. Estes profissionais podem igualmente contribuir para a ligação entre essa realidade e os contextos culturais, tal como antes referido no enquadramento teórico. Neste estudo, participaram dois profissionais de cada um dos três Centros de Atividades Ocupacionais considerados (englobando cinco técnicos

superiores e uma monitora), mediante a participação nas visitas observadas (dois deles apenas na visita ao MNMC, por se encontrarem de férias no dia da visita ao Convento São Francisco) e em entrevista. Este número corresponde ao que é geralmente considerado nas visitas realizadas no âmbito da atuação desta instituição de apoio.

Em seguida, descreveremos os perfis dos seis profissionais da APPACDM de Coimbra. Mediante entrevista, percebemos que cinco destes profissionais apresentam licenciatura como habilitações académicas e um deles mestrado. Relativamente às categorias profissionais, três são psicólogos, uma é técnica de reabilitação, uma é terapeuta ocupacional e outra apresenta uma licenciatura em Serviço Social, mas exerce funções como monitora. Em relação ao tempo de serviço, duas das participantes trabalham na APPACDM de Coimbra há pelo menos 18 anos e os restantes quatro há menos de 5 anos. Na descrição das funções que geralmente exercem, os profissionais descreveram o acompanhamento individual e grupal em diferentes áreas (ex.: estimulação cognitiva e motora), a participação no planeamento individual, o trabalho de articulação com famílias e colaboradores, o acompanhamento médico e a adaptação de equipamentos e ambientes às características individuais dos clientes. Três dos profissionais referiram a acumulação de funções de gestão dos centros às tarefas já descritas.

2.3 PROCEDIMENTOS, TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Numa investigação realizada a um nível exploratório-descritivo, a forma como se procede à recolha de dados é bastante abrangente, podendo incluir a entrevista, o questionário, a observação e a análise documental (Carmo & Ferreira, 2008; Clark & Creswell, 2015; Fortin, 1999).

Em linha com as informações descritas na caracterização do tipo de estudo, relembramos que esta investigação explora a fruição cultural de pessoas com DID, analisando as suas necessidades em particular e as respostas levadas a cabo pelos espaços culturais, em articulação com as instituições de apoio.

De modo a proceder a esta análise e a conhecer de forma mais aprofundada a realidade em estudo, recorreremos à técnica de observação. Esta técnica está relacionada com a recolha de dados em contextos naturais e atua sobretudo como meio complementar numa investigação (Cohen, Manion & Morrison, 2007). No nosso caso específico, entendemos recorrer à observação de visitas de pessoas com DID aos dois espaços culturais selecionados, com o intuito de cumprir os dois primeiros objetivos inicialmente propostos.

Foram observadas três visitas virtuais de grupos distintos de pessoas com DID ao MNMC (um grupo de cada Centro de Atividades Ocupacionais), assim como três visitas ao Convento São Francisco, seguindo os mesmos moldes. Na tabela 2, podem ser consultadas as informações relativas às datas das visitas, aos locais onde decorreram e ao número de participantes.

Tabela 2 – Datas, locais e número de participantes (por tipologia) nas visitas

Nº/data da visita	1 24/06	2 25/06	3 26/06	4 16/07	5 17/07	6 24/07
Espaço cultural	MNMC			Convento São Francisco		
CAO	Montemor-o-Velho	Arganil	Tocha	Montemor-o-Velho	Arganil	Tocha
Nº pessoas com DID	5	8	5	5	8	4
Nº profissionais APPACDM	2	2	2	1	2	1
Nº profissionais espaço cultural	2	2	2	1	1	1

Nos contextos mencionados, foi utilizada uma grelha de observação semiestruturada (Apêndice 2), com o intuito de recolher dados sobre o esquema da visita, a forma como foi efetuada a exploração do ambiente cultural, a preparação dos profissionais envolvidos, as necessidades demonstradas pelas pessoas com DID, bem como as dinâmicas, técnicas e recursos usados pelos profissionais dos espaços culturais no sentido de potenciar a participação dos visitantes.

Para a elaboração da referida grelha, considerámos as informações descritas por diferentes autores. Recorremos, especificamente, à caracterização dos domínios do funcionamento adaptativo propostos pela *American Psychiatric Association* (2014) para o registo do desempenho e das necessidades das pessoas com DID nas visitas. No que diz respeito às dinâmicas aplicadas nos contextos das visitas e aos recursos utilizados para potenciar a acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID, foram tidas em conta as recomendações de um conjunto alargado de autores – ANACPD (2017); Mineiro (2017); Salazar (2019) e Tojal (2015) –, no sentido de analisar a implementação, por parte dos espaços culturais, de práticas como a atenção individualizada a cada visitante, o uso de uma linguagem simples, a promoção da participação em atividades práticas durante a visita (incluindo encenações/mimetizações), o recurso a materiais em linguagem adaptada (utilizando diferentes vias sensoriais), a ligação entre os conteúdos explorados e o quotidiano dos visitantes, as estratégias de mediação, entre outros. Finalmente, Miranda (2001) foi o autor considerado na análise das técnicas utilizadas para potenciar a participação dos visitantes, com destaque para o convite à participação, a provocação do público, a introdução de aspetos relevantes para a vida dos visitantes, a gestão das expectativas dos visitantes no decurso da experiência, o uso de estratégias visuais a acompanhar a informação oral e a possibilidade de interpretação a partir do contexto histórico explorado numa visita.

Por outro lado, atendendo ao número reduzido de participantes (18 pessoas com DID, 6 profissionais da instituição de apoio e 3 profissionais dos espaços culturais), recorreremos à utilização de inquéritos por entrevista (semiestruturada) para recolher informações complementares às obtidas no contexto de observação (Apêndice 1). A escolha deste tipo de entrevista relaciona-se com o facto de os participantes

apresentarem perfis muito diversos. Neste seguimento, as entrevistas semiestruturadas permitem delinear e dirigir questões sobre os temas considerados na investigação, com alguma flexibilidade, consoante as características de cada pessoa, designadamente a sua funcionalidade e o seu nível de conhecimento sobre a realidade em estudo (Fortin, 1999).

Para possibilitar a triangulação de dados, que considera a consulta de diferentes fontes de informação para alcançar uma imagem mais completa da realidade em estudo, foram efetuadas entrevistas a três grupos distintos: as pessoas com DID, os profissionais da APPACDM de Coimbra e os profissionais dos espaços culturais. No desenho inicial do estudo, foi considerada a possibilidade de entrevistar os dirigentes dos dois espaços culturais. No entanto, dado o momento atual de pandemia, não foi possível realizar em tempo útil esta recolha de dados, ainda que tenha sido elaborado um guião de entrevista específico para tal.

As entrevistas às pessoas com DID tiveram em consideração o alcance do segundo objetivo desta investigação: o levantamento das suas perceções sobre as necessidades que decorrem da sua fruição em ambientes culturais. Foram realizadas depois das visitas virtuais, em duas partes distintas: a primeira contemplou a recolha de informações gerais acerca dos participantes e das considerações sobre a visita ao MNMC; a segunda pretendeu recolher as considerações sobre a visita ao Convento São Francisco.

Por sua vez, as entrevistas aos profissionais da APPACDM de Coimbra pretenderam recolher e complementar dados a respeito do segundo e do quarto objetivos do estudo. De uma forma mais concreta, estas entrevistas consideraram as necessidades específicas das pessoas com DID nos contextos abrangidos e a promoção da sua fruição cultural, do ponto de vista dos profissionais que os acompanham regularmente na instituição de apoio. Todos os aspetos relacionados com a caracterização e as perceções gerais dos participantes acerca da fruição cultural de pessoas com DID foram recolhidos numa fase anterior à da realização das visitas virtuais. O levantamento das perceções decorrentes de cada visita foi efetuado após a sua concretização.

Finalmente, as entrevistas realizadas aos profissionais do MNMC e do Convento São Francisco tiveram como finalidade possibilitar a concretização dos três primeiros objetivos delineados para a investigação. As referidas entrevistas serviram, assim, para recolher informações sobre as perspetivas dos profissionais dos dois espaços culturais sobre: as dinâmicas que usaram no atendimento às pessoas com DID; as necessidades evidenciadas pelas pessoas com DID durante as visitas; a forma como se deve promover a fruição cultural das pessoas com DID no seu contexto de atuação. No caso das profissionais do MNMC, as entrevistas foram realizadas em dois momentos distintos: no primeiro, foram recolhidas informações sobre a caracterização dos participantes e as suas perceções gerais sobre a fruição cultural de pessoas com DID; no segundo, os dados recolhidos estavam relacionados com as perceções dos participantes sobre as visitas virtuais realizadas. Já no caso da profissional do Convento São Francisco, a entrevista foi realizada na sua totalidade após as visitas, de acordo com a preferência expressa por esta participante.

Inicialmente, considerámos realizar todas as entrevistas num momento posterior ao da observação das visitas. Contudo, devido ao surgimento da pandemia já referida (que forçou o encerramento dos Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra até ao início de junho de 2020), optámos por iniciar a recolha de todos os dados possíveis de obter por entrevista aos profissionais antes da concretização das visitas, de modo a poder dar continuidade à investigação durante o período de confinamento.

Após efetuar cada uma das entrevistas, transcrevemos o material recolhido (Apêndice 6) e registámos a sua duração, cuja média, foi de, aproximadamente, 19 minutos nas pessoas com DID, 39 minutos nos profissionais da APPACDM e 1 hora e 17 minutos no caso das profissionais dos espaços culturais. Durante a transcrição, garantimos o anonimato dos participantes, por meio da sua codificação. Nesse sentido, foi utilizado o código DID antes do número de cada pessoa com DID, assim como o código APPACDM para os profissionais da instituição de apoio e o código EC para os profissionais dos espaços culturais.

Nas transcrições das entrevistas, foi definido inicialmente um conjunto de códigos padrão para o registo das situações que se repetiram de uma entrevista para outra (ex.: pausas, referência ao nome de pessoas), definindo uma legenda comum aos diferentes registos, conforme pode ser consultado nos apêndices.

2.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DOS DADOS

Para efetuar o tratamento dos dados recolhidos na fase anterior, recorreremos à análise de conteúdo, tendo sido elaboradas grelhas para esse fim (individuais e gerais, no caso de cada grupo de participantes – Apêndice 7). Esta técnica corresponde a uma metodologia comum nas investigações de âmbito qualitativo (Amado, Costa & Crusoé, 2014; Vala, 1986) e é usada a fim de descrever o conteúdo recolhido por diferentes meios de comunicação (Cavalcante, Calixto & Pinheiro, 2014; Moraes, 1999; Silva & Fossá, 2015). No nosso caso, selecionámo-la para analisar os dados obtidos no contexto da observação (registada na grelha de observação) e nas entrevistas. No caso do último instrumento referido, as categorias desta análise foram definidas *a priori* (Amado, Costa & Crusoé, 2014), partindo maioritariamente dos tópicos definidos nos guiões das entrevistas, a partir do enquadramento teórico elaborado.

Neste contexto, a análise de conteúdo foi colocada em prática para possibilitar a organização dos dados previamente recolhidos e, por conseguinte, obter um significado (Cohen *et al.*, 2007; Quivy & Campenhoudt, 1995; Vala, 1986).

Dentro da análise de conteúdo, e partindo da questão de investigação, efetuámos a análise temática/categorial, a qual consiste na identificação das unidades relevantes que têm influência sobre o fenómeno aqui estudado. Por meio dessa análise, o material foi reduzido, pela criação de categorias (Guerra, 2008).

A análise de conteúdo efetuada a partir dos dados da observação das seis visitas virtuais considerou os diferentes tópicos presentes nas grelhas de observação previamente delineadas (Apêndice 5), os quais estão disponíveis na tabela 3.

Tabela 3 - *Categorias da análise de conteúdo dos dados da observação*

Categorias
Esquema da visita
Formas de exploração do ambiente
Preparação dos profissionais do espaço cultural
Preparação dos profissionais da APPACDM de Coimbra
Registo do desempenho e das necessidades das pessoas com DID no acesso e na fruição cultural no contexto analisado
Dinâmicas utilizadas no contexto da visita
Técnicas utilizadas para potenciar a participação dos visitantes
Recursos utilizados para potenciar a acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID

No que se refere à análise de conteúdo das entrevistas às pessoas com DID, emergiram diferentes categorias e subcategorias, as quais podem ser consultadas na tabela 4.

Tabela 4 - *Categorias e subcategorias da análise de conteúdo das entrevistas às pessoas com DID*

Categorias	Subcategorias
Caracterização dos participantes	Idade; Contexto familiar; Tempo de frequência no CAO; Atividades desenvolvidas em contexto de CAO; Atividades de lazer preferidas; Contacto prévio com contextos culturais
Perceções sobre a visita ao MNMC/	O que recorda; Como correu; O que gostou mais; O que não gostou; Interesse em participar noutras visitas; O que achou do espaço cultural; Funções do espaço cultural; Como se sentiu;

Categorias	Subcategorias
Convento São Francisco	Dificuldades que teve; O que achou sobre os profissionais do espaço cultural; Sugestões de melhoria

Por sua vez, na análise das entrevistas aos profissionais da instituição de apoio, salientaram-se as categorias e subcategorias que podem ser consultadas na tabela 5.

Tabela 5 - Categorias e subcategorias da análise de conteúdo das entrevistas aos profissionais da instituição de apoio

Categorias	Subcategorias
Caracterização dos participantes	Habilitações académicas; Área de atuação profissional; Tempo de serviço na APPACDM de Coimbra; Experiência profissional anterior
Experiência no trabalho com pessoas com DID	Funções; Principais desafios/dificuldades
Fruição cultural	Para as pessoas em geral; Para as pessoas com DID; Diferenças nas pessoas com DID; Considerações a partir da visita virtual ao MNMC; Considerações a partir da visita virtual ao Convento São Francisco
Intervenção dos CAO's da APPACDM de Coimbra ao nível da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID	Projetos existentes; Dinâmicas consideradas; Envolvimento dos profissionais da instituição de apoio; Usufruto das pessoas com DID

Categorias	Subcategorias
Mudanças necessárias para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural das pessoas com DID	Atendimento nos espaços culturais em geral; Atendimento no MNMC; Atendimento no Convento São Francisco; Contributos dos profissionais das instituições de apoio nas visitas – preparação; Contributos dos profissionais das instituições de apoio nas visitas – dinamização; Contributos dos profissionais das instituições de apoio nas visitas – pós-visitas
Adaptação das visitas às características das pessoas com DID	Aspetos a considerar numa visita; MNMC/Convento São Francisco: necessidades identificadas e resposta às mesmas; MNMC/Convento São Francisco: usufruto dos participantes; experiências mais significativas; duração das visitas; acesso à informação; acesso ao espaço e sua fruição; atendimento realizado pelos profissionais do espaço cultural; sugestões de outros materiais/estratégias

Por fim, as categorias e subcategorias da análise efetuada a partir dos dados obtidos nas entrevistas aos profissionais dos espaços culturais podem ser lidas na tabela 6.

Tabela 6 - Categorias e subcategorias da análise de conteúdo das entrevistas às profissionais dos espaços culturais

Categorias	Subcategorias
Caracterização dos participantes	Habilitações académicas; Área de atuação profissional; Tempo de serviço no espaço cultural; Experiência profissional anterior; Contacto prévio com o público com DID

Categorias	Subcategorias
Necessidades específicas das pessoas com DID no acesso e fruição dos espaços culturais	Aspetos a considerar numa visita; Balanço geral da visita; Necessidades identificadas e respostas às mesmas; Usufruto dos participantes; Experiências mais significativas; Duração das visitas; Acesso à informação; Acesso ao espaço e sua fruição
Dinâmicas utilizadas no atendimento de pessoas com DID no espaço cultural considerado	Recursos humanos – preparação dos profissionais; Recursos materiais; Estratégias para a fruição cultural
Fruição cultural	Para as pessoas em geral; Para as pessoas com DID; Diferenças nas pessoas com DID
Mudanças necessárias para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural das pessoas com DID	Atendimento- nos espaços culturais em geral; no espaço cultural onde exerce funções – preparação; no espaço cultural onde exerce funções – dinamização; no espaço cultural onde exerce funções – pós-visitas; Contributos dos profissionais das instituições de apoio

2.5 QUESTÕES ÉTICAS

À semelhança do que deve acontecer em qualquer investigação, as questões éticas associadas a este estudo foram por nós salvaguardadas. Assim, o estudo foi submetido à Comissão de Ética do Politécnico de Leiria, tendo sido obtido um parecer favorável por parte deste órgão a 26 de fevereiro de 2020 (Anexo 1).

Neste seguimento, e antes de proceder à recolha de dados, dirigimos, no dia 5 de março de 2020, cartas de apresentação do estudo aos responsáveis dos dois espaços culturais selecionados e à Direção da APPACDM de Coimbra (Apêndice 3).

Após a autorização para a participação no estudo ter sido confirmada pelos responsáveis das três instituições (a APPACDM de Coimbra a 9 de março de 2020; o MNMC a 7 de maio de 2020; o Convento São Francisco a 9 de junho de 2020 – Anexos 2,3 e 4), foi entregue a cada participante um Consentimento Informado, Esclarecido e Livre para a Participação num Estudo de Investigação (Apêndice 4), elaborado de acordo com as orientações emanadas pela Comissão de Ética do Politécnico de Leiria. No referido documento, incluímos uma descrição breve dos objetivos e dos procedimentos da investigação, assegurando a participação voluntária e, assim, a possibilidade de abandonar o estudo em qualquer momento.

Os formulários de consentimento informado foram entregues aos profissionais da APPACDM de Coimbra, do MNMC e do Convento São Francisco, bem como aos participantes com DID que frequentam a APPACDM de Coimbra. Nas situações em que as pessoas com DID estavam sujeitas a um processo de interdição, foi considerado o preenchimento do referido formulário pelos seus responsáveis legais, no qual foi igualmente considerada a vontade expressa pelas pessoas com DID em participar no estudo. Nestas circunstâncias (e naquelas em que as pessoas com DID não se encontravam em situação de interdição), foi entregue às pessoas com DID uma versão do documento em leitura fácil, de modo a facilitar o seu entendimento do conteúdo nele expresso.

Nos casos em que as pessoas com DID não apresentavam competências de leitura suficientes para a análise autónoma do documento, este foi-lhes lido em voz alta por responsáveis pela coordenação dos Centros de Atividades Ocupacionais.

As autorizações para o registo em vídeo (das visitas) e para o registo em áudio (das entrevistas), ambas de uso exclusivo pela investigadora, foram igualmente consideradas no documento de consentimento informado.

Além dos aspetos referidos, apenas a investigadora teve acesso aos dados que possibilitavam a identificação dos envolvidos (ex.: nome, assinatura, voz, imagens), sendo garantido que as gravações efetuadas seriam destruídas após defesa pública do trabalho.

De modo a garantir o anonimato dos participantes, foi atribuído um código a cada um deles, no momento da recolha de dados.

III APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Para estudar a forma como se pode potenciar a fruição cultural de pessoas com DID que frequentam instituições de apoio, observámos seis visitas virtuais de três grupos que frequentam Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra a dois espaços culturais da cidade de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro e Convento São Francisco). As referidas observações (Apêndice 5) foram complementadas por entrevistas às pessoas com DID e aos profissionais da instituição de apoio e dos dois espaços culturais que participaram nas visitas (Apêndices 6 e 7).

Os resultados obtidos pelos meios referidos serão agora apresentados seguindo a linha dos objetivos previamente traçados, com destaque para as dinâmicas e recursos usados no decurso das visitas, as necessidades evidenciadas pelas pessoas com DID e as perceções dos diferentes participantes (pessoas com DID, profissionais da instituição de apoio e dos espaços culturais) sobre estas vivências. Ao longo dos tópicos mencionados, optámos por acrescentar as nossas apreciações sobre os resultados, incluindo sugestões de atuação que potenciem um acesso e uma fruição cultural de qualidade por parte das pessoas com DID, em espaços como o Museu Nacional de Machado de Castro ou o Convento São Francisco, de modo a concretizar o último objetivo da presente investigação.

3.1 - DINÂMICAS E RECURSOS UTILIZADOS PELOS ESPAÇOS CULTURAIS NO ATENDIMENTO ÀS PESSOAS COM DID

Neste ponto, iremos abordar os resultados que obtivemos relativamente às dinâmicas e aos recursos (humanos e materiais) usados pelos dois equipamentos culturais durante as visitas. Para tal, analisaremos os dados alcançados na observação direta das visitas virtuais e nas entrevistas aos profissionais de cada um dos espaços culturais.

3.1.1 - Museu Nacional de Machado de Castro

De acordo com os dados obtidos através da técnica de **observação**, todas as visitas tiveram início no exterior do museu, de modo a dar a conhecer o espaço envolvente. Entre a entrada do MNMC e as obras de arte exploradas, as profissionais do MNMC passaram pela bilheteira (e também pela loja do museu, na segunda visita) e as pessoas que lá estavam a exercer funções cumprimentaram as pessoas com DID. Também neste contexto exterior, foram efetuadas as apresentações entre os participantes. Na visita 1, foi explorada a Pintura da Senhora da Rosa, da Galeria de Pintura Portuguesa dos séculos XV a XVII; a visita 2 centrou-se na análise do conjunto escultórico “Deposição de Jesus no túmulo”, da Galeria de Escultura da Capela do Tesoureiro; na visita 3, foi abordado o “Retábulo de São Silvestre”, da mesma galeria. Nas três visitas, as profissionais do MNMC movimentaram-se pelos espaços do museu, referindo-se aos locais por onde passavam. As pessoas com DID mantiveram-se sentadas em frente a um computador e a um projetor e todas elas eram visíveis na câmara do computador. Ocasionalmente, nas três visitas, registaram-se dificuldades no estabelecimento da videochamada, por quebras na Internet. Na semana anterior às visitas, as profissionais do MNMC tiveram acesso a um perfil individual de cada participante com DID, elaborado pelos profissionais da APPACDM. Esses perfis descreviam informações gerais sobre as características de cada pessoa, incluindo o seu diagnóstico clínico e os seus interesses e modos de estar e responderam à necessidade, expressa por Vlachou e Alves (2007), de os profissionais de um espaço cultural como o MNMC conhecerem o seu público para poderem adotar estratégias complementares que atendam às especificidades dos seus visitantes. De facto, Miranda (2001) afirma que é essencial que estes profissionais saibam como é que os visitantes acedem à informação e vivenciam os lugares e as experiências para que a mensagem que transmitem tenha significado para eles. Assim, consideramos que o pedido da descrição das características individuais dos visitantes com DID, efetuado pelas profissionais do MNMC aos profissionais da APPACDM, responde ao imperativo de conhecer atempadamente os perfis dos visitantes para poder corresponder às suas necessidades e expectativas ao longo de uma visita, tal como defendido por Mineiro (2017) e reforçado por Leyton (2016) na ideia de que cada visitante deve ser

considerado como alguém com um perfil único, a que os profissionais devem atender de forma diferenciada. Por outro lado, no que respeita à preparação dos profissionais da APPACDM, estes tiveram conhecimento do esquema em que iria decorrer a visita (entrada/apresentação, exploração da obra de arte, leitura do guião em comunicação aumentativa e atividade de mimetização), tendo tido acesso atempado a um guião em comunicação aumentativa da obra de arte explorada e aos materiais disponibilizados pelo museu para a visita. No caso da visita 2, as profissionais do CAO estudaram o referido guião com as pessoas com DID, nos dias que antecederam essa mesma visita. Estas trocas prévias entre os profissionais dos dois contextos atenderam à importância, veiculada por Tojal (2015), de estabelecer um trabalho de parceria com a finalidade de fomentar formas de diálogo mais eficazes com o público em questão.

A análise das **dinâmicas** usadas pelas profissionais do MNMC na promoção da participação das pessoas com DID nas três visitas foi realizada a partir das recomendações de ANACPD (2017), Mineiro (2017), Salasar (2019) e Tojal (2015), apresentadas no capítulo 5 do enquadramento teórico. Deste modo, começamos por referir que, nas três visitas, existiram momentos em que foram transmitidas instruções aos participantes, com vista a prepará-los para a experiência, o que facilita a sua aprendizagem (Miranda, 2001). Neste contexto, foram apresentados o espaço e o nome do museu e foram efetuadas as apresentações entre as pessoas envolvidas nas visitas. Nas visitas 2 e 3, alguns dos participantes com DID fizeram comentários acerca da beleza e da dimensão do que viam (ex.: DID-11 – *“tão bonito”*). Dentro do observado nas três visitas, destacamos também a utilização regular de perguntas para estimular a participação das pessoas com DID, antes da explicação dos conteúdos da visita (ex.: EC-2 – *“É um homem ou uma mulher?”*; EC-2 – *“Sabem-me dizer quem é a figura principal desta peça?”*). No caso da visita 2, como os participantes tinham explorado anteriormente o guião, revelaram muita satisfação por conseguir responder de forma acertada à maior parte das questões dirigidas na descoberta inicial do conjunto escultórico, o que vai ao encontro de Miranda (2001) que refere que os visitantes efetuam aprendizagens mais significativas quando têm uma participação ativa e quando realizam as suas próprias descobertas. Ao longo das visitas, as perguntas foram, em igual medida, amplamente dirigidas no sentido de saber se os participantes

com DID tinham compreendido a mensagem (ex.: EC-2 – *“Parece mais castanho, não parece?”*). Em todas as visitas, as profissionais do MNMC valorizaram os contributos das pessoas com DID, expandindo-os na direção dos conteúdos conhecidos acerca de cada obra (ex.: EC-2 – *“Têm toda a razão. Um copo é aquilo que usamos para beber. Na religião, um cálice é para usar na missa”*), o que vem reforçar que a forma como os profissionais respondem aos visitantes também contribui para a sua aprendizagem (Miranda, 2001). Um dos aspetos mais relevantes da visita 3 correspondeu a um momento em que as profissionais do MNMC corresponderam, ao início da visita, à solicitação de uma das participantes com DID (DID-17 – *“De todas essas estátuas, não tem aí uma estátua de Jesus crucificado?”*), atravessando o museu até encontrar o elemento solicitado (EC-2 – *“Só um momento! (...) Era isto que queria?”*). Este dado surge como muito significativo, na medida em que é necessário que exista uma constante adaptação por parte destes profissionais além daquilo que estabeleceram inicialmente como objetivos e conteúdos de uma determinada visita, para atender às expectativas que cada visitante carrega relativamente ao espaço cultural e à forma como pode interagir com ele (Santos, 2011b). Nessa mesma visita, houve uma constante formulação de perguntas pelas pessoas com DID, com o intuito de saber mais sobre o que observavam e ouviam (ex.: DID-17 – *“Por acaso as asas dos anjos são douradas por causa dessa folha?”*). Nas três visitas, registou-se a utilização de uma linguagem compreensível, com recurso a frases simples (ex.: EC-2 – *“Há várias terras que têm esta pedra, o calcário. É uma pedra branca.”*). Foi efetuada, de igual forma, a explicação de conceitos que não eram do conhecimento dos participantes (ex.: EC-2 – *“Esta igreja é onde estão os túmulos, portanto o sítio para onde vão as pessoas quando morrem”*), o que reforça que as profissionais do MNMC foram facilitadoras do diálogo entre o público e a obra de arte (Tojal, 2015). O discurso utilizado pelas profissionais foi adequado à faixa etária dos participantes, com exceção do momento da leitura do guião em comunicação aumentativa por uma das profissionais, na visita 2, em que o nome de Jesus foi frequentemente precedido do artigo definido, tal como costuma acontecer quando se fala desta figura junto de um público mais jovem. Nas três visitas, consideramos ter sido dada uma atenção individualizada a cada participante (as profissionais trataram as pessoas pelo seu nome) e que existiu respeito pela sua temporalidade (tempo para assimilar a informação e responder às solicitações), o que

se apresenta em conformidade com Leyton (2016), no destaque da escuta e da verificação da compreensão da mensagem como aspeto essencial para a eficácia da comunicação. Outro dos pontos a salientar nas três visitas foi a utilização frequente de diferentes formas de perceção sensorial para facilitar o acesso à informação, indo ao encontro do preconizado por Mineiro (2004) e Sarraf (2012) relativamente à aposta na transformação dos conteúdos no sentido de se tornarem mais claros, tendo por base a ideia de que as pessoas acedem melhor à informação quando esta lhes chega através de diferentes vias sensoriais. Neste campo, ressaltaram quatro **vias: auditiva; visual** (utilização de guiões em comunicação aumentativa, com símbolos pictográficos e pormenores das obras de arte – o que corresponde também ao recurso a materiais de apoio com linguagem adaptada, uma das estratégias recomendadas no atendimento de pessoas com DID; utilização de objetos – ex.: rosa, frascos de tinta – durante a exploração da obra; fotografias de pormenores da obra de arte e do local onde permaneceu antes de estar no museu); **tátil** (ex.: pedaços de madeira dourada e de pedra de Ançã da maleta pedagógica do MNMC); **proprioceptiva** (ex.: atividade de mimetização, na qual cada pessoa com DID assumiu o papel de um dos elementos da obra, com recursos a adereços; medição do tamanho da obra de arte, por uma profissional do MNMC, seguida da solicitação para que as pessoas com DID abrissem os seus braços e se apropriassem dessa dimensão). Ainda dentro deste tópico, consideramos que a utilização de estratégias multissensoriais é um dos elementos essenciais para tornar possível o acesso aos conteúdos, tal como veiculado por Tojal (2015) na caracterização da dimensão comunicacional da acessibilidade, designadamente no papel que desempenha na relação entre o público e os objetos culturais e na criação de significados que podem divergir a partir da vivência e da interpretação de cada pessoa. Por outro lado, o recurso a materiais semelhantes aos ilustrados nas obras de arte durante a sua exploração inicial e na atividade de mimetização correspondeu também à promoção da participação em atividades práticas, outra das estratégias recomendadas no atendimento a este público, segundo os autores consultados para a elaboração do enquadramento teórico (ANACPD, 2017; Mineiro, 2017; Salazar, 2019). O facto de a visita decorrer de forma virtual levou a que as profissionais do MNMC fizessem chegar ao CAO materiais que permitiram uma maior aproximação aos detalhes das peças do museu e, assim, um contacto direto e

um maior envolvimento com os objetos explorados (Tojal. 2015). Finalmente, dentro das dinâmicas recomendadas, a única que não se registou de forma tão efetiva e regular nas visitas observadas correspondeu à ligação entre os conteúdos das visitas e a vida dos participantes, embora, pontualmente, alguns deles tivessem introduzido tópicos relacionados com as suas vivências (ex.: DID-14 – *“Por isso é que nós, no Domingo de Páscoa, temos que beijar a cruz.”*). Neste âmbito, Miranda (2001) afirma que a mensagem cultural é incorporada pelo visitante quando este a considera relevante para si. Para tal, parece-nos que esta apropriação dos conteúdos das visitas pelas pessoas com DID poderia ter sido ainda mais ampliada através do estabelecimento de um diálogo acerca de elementos das suas vidas diárias, pois este constitui, segundo Tojal (2015), um caminho para o reconhecimento da própria pessoa enquanto parte integrante do património.

No que diz respeito às **técnicas usadas para potenciar a participação das pessoas com DID** – cuja análise foi efetuada a partir das propostas de Miranda (2001) apresentadas no subcapítulo 1.2 do enquadramento teórico –, começamos por referir que a aproximação às obras de arte foi efetuada, nas três visitas, através da utilização de materiais diversificados (ex.: pedra de Ançã), da transmissão de perguntas de provocação (ex.: EC-2 – *“Era isto que queria?”* [apontando para uma peça de Jesus na cruz]), do uso de objetos (ex.: apresentação de outras obras de arte que não constavam do plano inicial da visita, mas que aumentaram o interesse dos participantes pelo MNMC, na visita 3), da utilização de sequências para gerir o grau de expectativa dos visitantes (ex.: mediante expressões como EC-2 – *“Vou contar-vos mais um segredo”*), do uso de imagens a ilustrar a informação oral e o recurso à mimetização da obra de arte como cenário de interpretação do contexto histórico analisado. Dentro das técnicas descritas no quadro teórico, o único aspeto em que não houve um especial enfoque nas três visitas diz respeito à referência ao quotidiano dos visitantes. De qualquer modo, as técnicas utilizadas favoreceram a participação genérica das pessoas com DID nas visitas, contribuindo para uma fruição mais positiva (Miranda, 2001).

Além das dinâmicas e técnicas já referidas, consideramos importante acrescentar que os profissionais da APPACDM de Coimbra contribuíram regularmente para a

participação das pessoas com DID nestas experiências culturais, reformulando alguns dos enunciados transmitidos pelas profissionais do espaço cultural, quando necessário. Estes resultados coincidem com os obtidos no estudo realizado por Martins (2017) e reforçam o papel dos técnicos das instituições de apoio como facilitadores da comunicação entre as partes.

Como **estratégias utilizadas** para a fruição cultural das pessoas com DID, as profissionais do MNMC destacaram, em **entrevista**, os seguintes pontos: falar de forma pausada, com atenção às reações dos participantes; usar palavras simples para uma melhor compreensão da mensagem; dar voz aos participantes; utilizar a mimetização como forma de a pessoa assumir o papel do outro (agir enquanto sociedade); usar guiões em comunicação aumentativa; potenciar a descoberta da obra de arte pela própria pessoa; fazer o contraponto com outros objetos, quando possível, para a consolidação de ideias; ir ao sabor das respostas dos participantes, sem perder o fio condutor; relacionar os elementos da visita com o perfil e o quotidiano dos participantes. As estratégias referidas pelas profissionais do MNMC aproximam-se do levantamento efetuado por meio da observação das visitas em matéria de dinâmicas e técnicas utilizadas para a fruição cultural das pessoas com DID. Efetivamente, e de forma sucinta, foi também aqui referido o respeito pela temporalidade e a valorização dos contributos dos participantes, o uso de uma linguagem simples e acessível, a utilização de materiais de apoio com linguagem adaptada, a realização de atividades práticas, a introdução de objetos que provoquem o público, o uso de perguntas para incentivar a descoberta da obra de arte e a ligação entre os conteúdos das visitas e o dia-a-dia dos envolvidos. Todos estes dados são coincidentes com o que é defendido pela ANACPD (2017), Mineiro (2017) e Salasar (2019).

À luz da **observação** efetuada, durante as visitas ao MNMC, foi disponibilizado um leque alargado de **recursos materiais** – analisados a partir das recomendações de ANACPD (2017); Mineiro (2017); Salasar (2019) e Tojal (2015) – no sentido de potenciar a acessibilidade e a fruição cultural das pessoas com DID: textos em leitura fácil e com apoio pictográfico (guiões em comunicação aumentativa), esquemas táteis (comparação entre a pedra de Ançã da maleta pedagógica do MNMC e o mármore), materiais de apoio (ex.: elementos introduzidos na exploração inicial das obras e

usados como adereços na mimetização), mediação acessível (visitas mediadas pelas duas profissionais do MNMC) e atividade de mimetização. Já no decurso das **entrevistas**, as profissionais do museu elencaram os seguintes **recursos materiais** usados neste atendimento: os guiões em comunicação aumentativa, criados no âmbito do projeto “Imagens que guiam”; os materiais para a mimetização e para a exploração da obra de arte; as imagens dos locais onde as peças estiveram anteriormente; os materiais da maleta pedagógica. Globalmente, podemos considerar que as profissionais do MNMC destacaram os recursos já descritos nos dados recolhidos na observação. De acordo com os autores mencionados no início do parágrafo, consideramos que as profissionais do MNMC tiraram partido de recursos que garantem um acesso facilitado aos conteúdos por parte das pessoas com DID e que estes se apresentaram como decisivos para a qualidade das visitas. O uso dos recursos mencionados faz a correspondência com o que é sustentado por Tojal (2015) relativamente às melhores respostas dos espaços culturais no atendimento a pessoas com deficiência, designadamente o contacto e a experiência direta com os objetos culturais por vias multissensoriais (esquemas táteis e guiões em comunicação aumentativa) e a interação com os profissionais desses contextos, para possibilitar, como defende Neves (2010a), o surgimento de um diálogo eficaz entre o espaço cultural e os seus visitantes.

Por último, na análise dos **recursos humanos** do MNMC nesta área, fizemos o levantamento do **contacto prévio com o público com DID**. Neste ponto, registam-se perfis heterogéneos nas duas profissionais: uma delas fez apenas duas observações de visitas dirigidas a pessoas com DID e outra desenvolve, há vários anos, projetos de inclusão que trabalham, em parceria com outras instituições, a acessibilidade de públicos com vulnerabilidade social e demência, incluindo o projeto “Imagens que guiam”, dirigido a pessoas com DID, em conjunto com profissionais da APPACDM de Coimbra. No que diz respeito à **preparação dos profissionais** do MNMC, foi referido, nas entrevistas, pelas participantes que exercem funções neste contexto, que os projetos de acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID são da responsabilidade de uma das profissionais, para a qual são reencaminhados os pedidos de visitas para grupos de pessoas que apresentam esta condição. Ainda nesse

contexto, foi feita referência à necessidade de uma maior disseminação das práticas para os diferentes profissionais, uma vez que existem diferenças importantes na forma como acolhem estas pessoas. Sarraf (2016) refere que um espaço cultural é considerado acessível quando a aplicação das medidas de acessibilidade é transversal a toda a equipa. Nesse sentido, é fundamental que, no MNMC, possa existir um alargamento do conhecimento e do compromisso nesta área, por parte da equipa, de modo a otimizar o sucesso dos seus projetos de inclusão.

Como balanço geral das visitas virtuais ao MNMC, consideramos fundamental salientar que existiu um planeamento detalhado da parte deste contexto em matéria de dinâmicas e recursos potenciadores da fruição cultural das pessoas com DID. Este planeamento reflete um pensamento integrado nesta área, à luz do que é colocado em prática no âmbito dos projetos inclusivos do MNMC. Destacamos, em seguida, a informação mais relevante que foi possível verificar pela recolha de dados obtida pela observação e pelas entrevistas: o acesso atempado a perfis com a caracterização dos visitantes; a promoção da participação das pessoas com DID, nomeadamente através da valorização dos seus contributos e da adaptação às suas expectativas ao longo das visitas; o uso de vias multissensoriais de acesso aos conteúdos, incluindo guiões em comunicação aumentativa; a proposta de atividades práticas, que teve como auge a dinâmica de mimetização da obra de arte.

3.1.2 - Convento São Francisco

Passaremos agora a analisar os dados decorrentes das três visitas ao Convento. No contexto de **observação**, antes do início das videochamadas, as profissionais da APPACDM apresentaram fotografias panorâmicas dos espaços mais relevantes do Convento São Francisco, a pedido da profissional desse espaço, para o seu enquadramento inicial. As três visitas corresponderam à exploração de diferentes salas da exposição “Dar a ouvir – Paisagens sonoras da cidade”, um projeto desenvolvido pelo Serviço Educativo do Jazz ao Centro em coorganização com a Câmara Municipal de Coimbra. Em momentos pontuais das três visitas, registaram-se dificuldades no estabelecimento da videochamada, por quebras na Internet. No início das duas

primeiras sessões, os participantes mostraram os seus “bilhetes” (pontes visuais, com a indicação do dia e do local da visita, com símbolos de comunicação aumentativa) à profissional do Convento. Como forma de preparação, esta profissional teve acesso ao número de participantes de cada visita, assim como aos seus nomes. As profissionais da APPACDM foram informadas previamente do nome da exposição e que esta correspondia a uma experiência em que seriam manipulados objetos, com o intuito de produzir/explorar sons. Em comparação com as visitas ao contexto anterior, a profissional do Convento não solicitou mais informações sobre as características das pessoas com DID nem forneceu/sugeriu materiais para estarem disponíveis nos CAO's nos dias das sessões virtuais. Consideramos que o acesso aos conteúdos da exposição e à vivência cultural por parte das pessoas com DID poderia ter sido potenciada, no caso de a profissional do Convento ter tido acesso a mais informações sobre elas, em particular no que diz respeito à adoção de estratégias complementares de acordo com as características de cada visitante, reforçando, nesse caso, o surgimento de uma atenção individualizada às suas necessidades e expectativas (Mineiro, 2017; Vlachou & Alves, 2007).

Apresentamos, em seguida, os resultados obtidos na **observação**, no que diz respeito às **dinâmicas** a que a profissional do Convento São Francisco recorreu, fazendo a comparação com as práticas recomendadas no atendimento ao público com DID - ANACPD (2017), Mineiro (2017), Salazar (2019) e Tojal (2015). Nas três visitas, existiu um momento de estruturação inicial, em que ocorreu a apresentação dos participantes entre si (algumas vezes, após lembrança da parte das técnicas da APPACDM) e uma introdução à visita, com uma explicação dos conteúdos da exposição e dos seus autores (ex.: EC-3 – *“Esta exposição, que se chama ‘Dar a ouvir – paisagens sonoras da cidade’, já vai no quarto ano.”*). Por outro lado, ao percorrer a exposição, a profissional do Convento dirigiu perguntas aos participantes, no sentido de saber o que estavam a ver e a ouvir, esperando para obter as suas respostas e partindo daí para avançar na exploração da exposição, com o apoio das profissionais da APPACDM (na visita 6, não foi necessário dar continuidade à utilização desta estratégia, porque a maioria dos participantes ia descrevendo espontaneamente os estímulos). Esta estratégia de mediação usada pela profissional do Convento reflete o defendido por

Tojal (2015), na medida em que a valorização dos contributos dos participantes apoia a compreensão dos conteúdos de uma exposição e reforça o reconhecimento da pessoa enquanto parte constituinte do património cultural. As perguntas foram utilizadas frequentemente para perceber se os visitantes estavam a conseguir aceder aos estímulos sonoros ou visuais de forma adequada, mais do que para obter esclarecimentos acerca da compreensão da mensagem (ex.: EC-3 – “*Vocês estão a ouvir o som?*”). Durante as diferentes partes das visitas, a profissional do Convento tentou transmitir as ideias mediante o uso de uma linguagem clara e simples, reformulando o seu discurso em alguns momentos, de modo a explicar alguns conceitos de maior complexidade (ex.: EC-3 – “*são todos objetos percussivos, ou seja, quando batem nalguma coisa fazem percussão.*”). Consideramos, assim, que a interpretação do património cultural decorreu de forma flexível e adaptada com simplicidade ao público aqui abrangido (Miranda, 2001). Na maior parte das vezes, a linguagem utilizada foi adequada à idade adulta, apesar do recurso frequente a substantivos no diminutivo, geralmente usados no discurso dirigido a um público mais jovem. Apesar de as visitas terem sido virtuais, as pessoas com DID puderam participar na exploração prática de equipamentos que produziam um efeito sonoro/visual, mesmo não podendo acionar os seus mecanismos de forma direta. Neste aspeto, compreendemos que a participação em visitas presenciais poderia ter potenciado esta aproximação aos objetos culturais, embora se tenha registado um esforço acrescido da parte da profissional do Convento, que pensamos ter contribuído de forma significativa para a fruição do espaço, mesmo que à distância. Este papel exercido pela profissional vem reforçar o que defende a ANACPD (2017) relativamente à importância do desempenho dos profissionais dos espaços culturais na inclusão efetiva dos seus visitantes. Por outro lado, ao longo das três visitas, foi muito evidente a ligação entre os conteúdos explorados e a vida das pessoas com DID (ex.: EC-3 – “*Onde vocês vivem há paisagens sonoras (...) Vocês vivem no campo ou na cidade?*”). Seguindo a linha do que referimos relativamente ao contexto anterior, consideramos que, nas visitas ao Convento, existiu uma atenção significativa ao quotidiano dos visitantes, o que, de acordo com Tojal (2015), pode permitir que estes sintam que também integram o património cultural. Por sua vez, o ritmo em que decorreram as visitas variou bastante nas três sessões: na visita 4, a exploração dos equipamentos aconteceu de forma

rápida, não tendo sido dado tempo suficiente para que as pessoas com DID apreendessem a informação e respondessem com tranquilidade às diferentes solicitações; na visita 5, houve a preocupação de dar tempo aos participantes para usufruírem dos espaços e dos conteúdos e, quando necessário, as profissionais do CAO solicitavam à profissional do Convento que tornasse a repetir a mensagem; na visita 6, o ritmo inicial foi mais acelerado, embora, mais tarde, com a participação espontânea das pessoas com DID, a profissional do Convento tenha ajustado a velocidade do seu discurso, garantindo mais oportunidades para que respondessem às solicitações e introduzissem novos tópicos. Notámos, portanto, que a profissional foi adaptando o ritmo das visitas às necessidades evidenciadas pelas pessoas com DID. Esta adequação ao ritmo dos visitantes põe em relevo o respeito pela forma como as diferentes pessoas adquirem informação e conhecimento (Bina, 2009) e é um fator a ter em conta além da forma como são expostos os objetos, dos conteúdos abordados e das dinâmicas usadas (Neves, 2010a). Por outro lado, o discurso da profissional do Convento foi dirigido ao grupo e não a cada pessoa em particular, apesar das apresentações iniciais e da tentativa de, na sessão 4, dar a oportunidade a cada pessoa de escolher um botão de um equipamento para acionar o seu mecanismo. Existem ainda duas estratégias que geralmente são recomendadas no atendimento a este público e que não foram usadas neste contexto: recurso a diferentes formas de perceção sensorial para a transmissão da informação e utilização de materiais de apoio com linguagem adaptada (ANACPD, 2017; Leyton, 2016; Mineiro, 2017; Salasar, 2019). Entendemos que uma perspetiva multimodal, com recurso a vias de acesso sensorial mais abrangentes, poderia ter facilitado o acesso à informação por parte dos participantes, com base no defendido por Mineiro (2004) e Sarraf (2012), pelo que nos parece pertinente que, em visitas futuras, estes aspetos possam ser adotados no atendimento ao público com DID no Convento.

Nas três visitas, seguindo novamente as propostas de Miranda (2001), como forma de potenciar a participação das pessoas com DID, foram usadas as seguintes **técnicas**: transmissão de perguntas que provoquem o público e que estimulem a sua participação; referência ao quotidiano dos visitantes (ex.: culinária, banda filarmónica, trabalho em oficina); gestão do grau de expectativas dos visitantes ao longo das visitas,

pelo uso de sequências (ex.: ao início, foi explicado o intuito da exposição e a sua evolução ao longo do tempo, com o objetivo de preparar para a visita; nas mudanças de contexto, era feito um enquadramento em relação à etapa seguinte, fazendo a ligação entre os diferentes espaços e elementos). Dentro desta área, na visita 4, houve uma tentativa para que cada participante escolhesse um botão para acionar os mecanismos de um equipamento, de modo a dar a oportunidade de usar os instrumentos disponíveis no espaço cultural. Nas três visitas, não foram utilizados objetos para provocar o público, nem imagens a ilustrar a informação oral, duas outras recomendações de Miranda (2001) como forma de potenciar a fruição cultural. À semelhança do já referido no ponto da análise das dinâmicas que abordou o uso de materiais de apoio em linguagem adaptada e a transmissão de informação através de diferentes vias sensoriais, parece-nos que a profissional do Convento poderia ter recorrido a um maior leque de recursos que maximizassem a compreensão dos conteúdos pelos visitantes e, desta forma, a sua participação nas visitas, à semelhança do argumentado por Mineiro (2004) e Sarraf (2012). Por fim, a técnica de criação de um cenário de interpretação de um contexto histórico não se aplicava à temática desta exposição.

No que diz respeito às **estratégias** usadas, a profissional do Convento São Francisco frisou, em **entrevista**, que, nestas visitas, foi além do que geralmente interessa a quem visita presencialmente, explicando como se produziam os sons, para que os participantes se mantivessem motivados, mencionando também que teve a preocupação de se aproximar mais dos equipamentos para que as pessoas se apercebessem dos materiais que os constituíam. A profissional referiu ainda que tentou incentivar a participação das pessoas através da escolha de botões que acionavam determinados mecanismos, mas interrompeu esta estratégia porque sentiu que não estava a resultar. Tal como sugerido por uma das profissionais da APPACDM (ver mais adiante, no capítulo que aborda as perceções dos profissionais da APPACDM acerca da fruição cultural das pessoas com DID), a introdução de pistas visuais (numeração dos botões) poderia ter ajudado as pessoas com DID na escolha da forma como queriam explorar os equipamentos à distância. Esta sugestão vai ao encontro da necessidade já referida ao longo desta análise no que concerne ao recurso a

estratégias multissensoriais que potenciem a compreensão dos conteúdos de uma exposição e a participação das pessoas com DID no contexto de uma visita (Mineiro, 2004; Sarraf, 2012; Tojal, 2015).

Dentro dos **recursos** disponibilizados para facilitar a acessibilidade e a fruição cultural do público aqui considerado, foi possível perceber, através da **observação**, que a profissional do Convento utilizou a mediação acessível, nas três visitas. Por outro lado, não foram utilizados outros recursos recomendados por ANACPD (2017), Mineiro (2017), Salasar (2019) e Tojal (2015), tais como textos em leitura fácil, textos com apoio pictográfico, esquemas táteis ou encenações teatrais/mimetizações. Atendendo ao defendido por Santos e Souza (2005), seria recomendado o uso de recursos mais abrangentes para garantir um acesso facilitado à informação por parte das pessoas com DID, tendo em conta que, segundo Tojal (2015), no atendimento a esse público, importa não só a mediação efetuada pelos profissionais dos espaços culturais, mas também a experiência de contacto direto com os objetos culturais, de um modo multissensorial, que permita a sua compreensão efetiva pelos visitantes.

Além do já referido, importa acrescentar que, no final das visitas 5 e 6, a profissional do Convento cantou uma breve música, a pedido dos participantes (que tinham sido informados de que a referida profissional também era cantora), o que contribuiu para uma maior aproximação entre todos e para o entusiasmo das pessoas com DID. A profissional fez ainda um convite para que as pessoas com DID visitassem presencialmente este equipamento cultural e, em diversas situações, elas expressaram essa vontade. Podemos compreender, a partir daqui, que a interação estabelecida com a profissional do Convento e as dinâmicas desenvolvidas contribuíram para a manifestação do desejo das pessoas com DID em participar em mais experiências culturais neste espaço, bem como para a qualidade da própria visita, fortalecendo a importância da dimensão atitudinal da acessibilidade (Leyton, 2016). Por outro lado, estes resultados reforçam de forma relevante uma ideia apresentada por Witso e Hauger (2018): as pessoas com DID desejam participar nas mesmas atividades em que participam as pessoas que não apresentam esta condição – apesar de, segundo Umb-Carisson e Sonnander (2005), subsistirem diferenças substanciais ao nível das suas condições de vida, nomeadamente no que se refere à vida social.

No contexto da **entrevista**, a profissional do Convento São Francisco assinalou como fator que despoletou o interesse dos participantes o uso de objetos do quotidiano nesta exposição, dado já referido e fundamentado na sequência da observação das visitas. Não foram referidos outros **recursos materiais** na exploração das visitas, uma vez que a profissional considera que a introdução de outros instrumentos poderia falsear os conteúdos transmitidos pelos seus autores. Esta opinião não está em consonância com o apresentado pelos autores do quadro teórico, nomeadamente no que diz respeito à utilização de documentos em leitura fácil e com símbolos de comunicação aumentativa, para a explicação dos conteúdos explorados nas exposições (Mineiro, 2017; Salasar, 2019).

Em relação aos **recursos humanos** existentes, a profissional deste contexto destacou, em **entrevista**, que a preparação para o atendimento a este público parte de si própria, mediante a aprendizagem pela experiência no contacto com os grupos nas visitas e na participação em formações que abordam este atendimento, tendo também descrito o **contacto anterior com pessoas com DID** durante a sua formação académica e o seu primeiro trabalho. Estes dados reforçam a ideia apresentada por Mineiro (2017) de que, para levar a cabo práticas inclusivas, é preciso que exista uma motivação nos profissionais dos espaços culturais, porque ainda existem inúmeras necessidades de formação nesta área.

De uma forma abrangente, gostaríamos de enfatizar que, nas visitas virtuais ao Convento São Francisco, sobressaiu a importância da vertente atitudinal na promoção da acessibilidade e fruição cultural das pessoas com DID. Efetivamente, em comparação com o contexto anterior, não foram colocadas em prática algumas das recomendações dos autores do quadro teórico, com maior realce para a atenção individualizada a cada visitante, o uso de vias alargadas de acesso à informação e a dinamização de atividades práticas de consolidação da experiência. No entanto, a profissional deste contexto revelou uma considerável capacidade de adaptação às exigências deste público, num trabalho de colaboração que envolveu as profissionais da instituição de apoio, no decurso das visitas. Um dos pontos mais relevantes neste contexto correspondeu à referência frequente ao quotidiano dos visitantes, o que

constituiu um veículo para que estes se sentissem como parte integrante do património cultural.

3.2 - NECESSIDADES DAS PESSOAS COM DID NO ACESSO E NA FRUIÇÃO DOS ESPAÇOS CULTURAIS

A recolha de dados sobre as necessidades evidenciadas pelas pessoas com DID ao visitarem um espaço cultural foi realizada através da técnica de observação e da realização de entrevistas que permitiu obter as perspetivas dos três grupos de participantes sobre este tema. Neste ponto, foram consideradas as experiências vividas em cada um dos espaços culturais, os quais serão descritos pormenorizadamente nos próximos parágrafos.

3.2.1 - Museu Nacional de Machado de Castro

A análise das necessidades das pessoas com DID nas três visitas ao MNMC, no contexto da **observação**, foi efetuada com base nos três domínios de funcionamento adaptativo que constam no Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais DSM-5 (American Psychiatric Association, 2014).

Dentro do domínio **conceptual**, na visita 1, foi encontrada uma dificuldade significativa no grupo de participantes em interiorizar que a imagem do Menino Jesus correspondia a um elemento masculino, porque os seus traços se assemelhavam a uma figura feminina. Na visita 2, a leitura do guião em comunicação aumentativa realizada por alguns dos participantes com DID ocorreu de forma geralmente lenta e silabada, assim como a contagem das figuras que compunham o grupo escultórico. Na mesma visita, um dos participantes confundiu conceitos em duas situações distintas (ex.: sudário/turbante), tendo sido necessário que as profissionais retificassem essa informação. Na visita 3, não foram registadas alterações relevantes no domínio conceptual.

Relativamente ao domínio **social**, na visita 1, quando ocorreram dificuldades no estabelecimento da videochamada, as pessoas com DID não pediram que as

profissionais repetissem ou reformulassem as suas mensagens, tendo sido necessário o incentivo regular da parte das profissionais do CAO para potenciar a sua participação. Nesse mesmo contexto, as pessoas com DID tiveram a tendência para seguir a primeira resposta dada por um dos participantes, mesmo que esta fosse assinalada como incorreta. Na visita 2, um dos participantes apresentava dificuldades extensas ao nível das competências linguísticas, pelo que se manteve bastante inibido durante toda a visita. Já na visita 3, foram registadas alterações na forma de interação entre dois participantes, o que pode ter contribuído para uma maior reserva da parte de um deles durante a visita.

Por fim, no domínio **prático**, na visita 1, as pessoas com DID mantiveram uma postura maioritariamente passiva. Na visita 2, um dos participantes também precisou do apoio de uma das profissionais do CAO para que participasse numa atividade de mimetização da obra de arte. A maioria das pessoas com DID que participou na segunda visita revelou entusiasmo durante essa experiência, mas necessitou de algum apoio da parte das profissionais do CAO para que fossem respeitados os turnos de conversação, uma vez que se registaram dificuldades que originaram a perda de informação transmitida. Na visita 3, não foram encontradas necessidades significativas no domínio prático.

Como balanço, na observação das três visitas ao MNMC, foram identificadas dificuldades sobretudo na aquisição de conhecimento prático, na resolução de problemas, na linguagem oral e escrita, nas competências de comunicação interpessoal, na regulação dos comportamentos e na autogestão nos contextos naturais. No entanto, apesar do registo dessas dificuldades, não houve um comprometimento significativo na participação das pessoas com DID nas visitas, tendo em consideração as estratégias usadas pelos profissionais do MNMC e da APPACDM, apresentadas no capítulo anterior. De facto, como defende Cardoso (2012), a sociedade concebeu o conceito de acessibilidade para garantir que todas as pessoas podem usufruir dos locais e das suas dinâmicas de forma não discriminatória, pela anulação das barreiras que impedem a sua participação. Com o envolvimento de todos, foi possível que as pessoas com DID se identificassem com este contexto e encontrassem formas confortáveis de o fruir (Cohen *et al.*, 2012), o que colocou o foco

na qualidade das visitas e não tanto nas necessidades evidenciadas por este público, como veremos também nas percepções recolhidas junto dos vários participantes.

Passando agora aos dados obtidos por **entrevista**, as duas **profissionais do MNMC** não identificaram necessidades significativas nas pessoas com DID durante as visitas. Uma delas apenas referiu que o facto de as visitas terem sido virtuais dificultou a percepção rápida de algumas características das obras (domínio conceptual – aquisição de conhecimento prático). A mesma profissional reforçou, no entanto, que, nas visitas, não ressaltaram as necessidades, mas sim as pessoas, sendo fundamental que exista um tratamento pessoa a pessoa, pois, segundo Mineiro (2017) e Bordieu (s.d., citado por Moutinho, 2001), a forma como uma pessoa vivencia uma experiência cultural diverge consoante as suas vivências e resulta em significados distintos. De acordo com uma das profissionais, as pessoas com DID revelaram-se muito comunicativas, curiosas, exigentes e com capacidade para aprender. A outra profissional mencionou que, na visita 1, as pessoas com DID necessitaram de um maior acompanhamento pelos técnicos para que participassem de forma ativa (domínio prático – autogestão nos contextos naturais); na visita 2, apesar das quebras de internet que existiram, as pessoas com DID não perderam o ânimo; na visita 3, os participantes interagiram muito, colocaram muitas questões e efetuaram escolhas, pelo que não sobressaíram dificuldades relevantes.

Por sua vez, os **profissionais da APPACDM** destacaram, em **entrevista**, que as pessoas com DID precisam que a informação lhes seja transmitida de forma clara e objetiva, utilizando outras vias de acesso sensorial (domínio conceptual – competências linguísticas). Efetivamente, seguindo o pensamento expresso pela *Inclusion Europe* (s.d.), as pessoas com DID têm o direito a receber a informação de forma adaptada às suas necessidades, de modo a poderem saber mais sobre os assuntos que lhes interessam. Além disso, é importante existir um feedback da parte dos profissionais do espaço cultural, pois as pessoas com DID apresentam dificuldades em expressar espontaneamente as suas necessidades (domínio social – comunicação interpessoal). A este nível, pensamos que esta problemática está relacionada com a visão de Cuadrado e Leal (2013) de que as pessoas com DID apresentam ainda muitas dificuldades na

tomada de decisão, na expressão das suas opiniões e na defesa dos seus direitos. Neste âmbito, foram também enumeradas situações mais concretas, relacionadas com a compreensão dos elementos das obras (perceber que a imagem de Jesus era uma figura masculina; perceber a dimensão dos elementos de uma obra de arte, numa visita virtual – domínio conceptual: aquisição de conhecimento prático). Existe, deste modo, segundo os profissionais da instituição de apoio, uma necessidade de adaptação dos conteúdos e da forma de os transmitir, devido a alterações no domínio da linguagem e da comunicação interpessoal, além de dificuldades na aquisição de conhecimento prático, o que coincide com a caracterização estabelecida pela *American Psychiatric Association* (2014).

Dentro das dificuldades sentidas, apenas dois dos **participantes com DID** destacaram, em **entrevista**, aspetos relacionados com a comunicação, mas estes derivaram da qualidade da videochamada e da utilização de máscara e não exatamente do desempenho das profissionais do MNMC nem de dificuldades dos visitantes.

No balanço realizado a partir dos dados obtidos por observação e por entrevista sobre as visitas ao MNMC, destacamos como principais dificuldades, no domínio conceptual, aspetos relacionados com a aquisição de conhecimento prático, a resolução de problemas e as competências de linguagem – oral e escrita. No domínio social, realçam-se dificuldades mais acentuadas na comunicação interpessoal e, no domínio prático, na autogestão em contextos naturais, designadamente na regulação de comportamentos. Nesta síntese, importa reforçar que as necessidades das pessoas com DID descritas nesta apresentação foram obtidas sobretudo a partir dos dados de observação e das entrevistas aos profissionais da APPACDM. Tal sublinha que as mesmas não foram sentidas nem valorizadas de forma substancial tanto pelas pessoas com DID como pelas profissionais do MNMC, parecendo dever-se ao planeamento efetuado no sentido de encontrar formas de fruição favoráveis às características dos participantes com DID (descrito na secção anterior).

3.2.2 - Convento São Francisco

Para a apresentação dos resultados relacionados com as necessidades identificadas nas pessoas com DID no decurso das três visitas ao Convento São Francisco, mediante a técnica de observação, voltámos a seguir os parâmetros do funcionamento adaptativo propostos pela *American Psychiatric Association* (2014) que descrevemos no subcapítulo 3.2 do enquadramento teórico. Deste modo, destacamos, no domínio **conceptual**: a necessidade de diminuir o ritmo da visita 4 para que pudesse existir uma maior apreensão dos conceitos abordados pela profissional do Convento pela parte dos participantes; o apoio das profissionais da APPACDM para que o discurso de algumas pessoas com DID fosse perceptível para a profissional do Convento, na visita 5.

Na parte **social**, os participantes da visita 4 não solicitaram a reformulação do discurso quando não compreendiam a mensagem. Ainda neste domínio, existiram algumas dificuldades na realização de trocas de turnos eficazes nas três visitas, sobretudo devido ao entusiasmo de partilhar o que estavam a ver e a ouvir, bem como dificuldades em comunicar diretamente com a profissional do espaço cultural (apoio por parte das técnicas do CAO).

Finalmente, no domínio **prático**, algumas das pessoas da visita 4 necessitaram do apoio da profissional da APPACDM para uma participação ativa, não tendo sobressaído outras necessidades nas restantes sessões.

Desta descrição, depreendemos que as maiores dificuldades registadas nas visitas ao Convento estiveram relacionadas com a linguagem, a resolução de problemas, a comunicação interpessoal e a autogestão nos contextos naturais. Tal como referido ao longo do levantamento de necessidades, houve um papel importante dos técnicos da APPACDM para que estas fossem ultrapassadas. Nesta parte, pensamos que pode ter existido uma maior necessidade de atuação por parte das profissionais da APPACDM, em comparação com o observado nas visitas ao MNMC, devido ao facto de não ter sido solicitado, pela profissional do Convento, o envio da caracterização de cada um dos participantes nem ter sido realizada uma reunião prévia entre os técnicos dos dois contextos. Santos e Souza (2005) referem que os espaços culturais devem obter

informações mais específicas sobre as características individuais das pessoas com DID, através do contacto com as instituições que lhes prestam apoio, para aumentar, segundo Vlachou e Alves (2007), a sua acessibilidade. No estudo desenvolvido por Martins (2017), é igualmente descrita a realização de reuniões prévias entre os profissionais, de modo a estruturar as atividades em função dos perfis dos participantes e a criar, de forma conjunta, materiais que atendam às suas especificidades. Em eventos futuros, esta articulação prévia entre os técnicos dos dois contextos pode constituir uma mais-valia para a fruição cultural de pessoas com DID no Convento São Francisco.

No que diz respeito à análise (obtida por **entrevista**) da perspetiva da **profissional do Convento São Francisco** sobre as necessidades evidenciadas pelas pessoas com DID, esta não encontrou qualquer tipo de dificuldade nos participantes, tendo, por outro lado, destacado que este é um público que respeita muito os profissionais nesta área e que, no âmbito destas visitas, foi evidente o seu interesse e o valor dos seus contributos (fazendo referência à identificação de um instrumento musical de nome tarola, pelos participantes com DID da visita 5). Embora não existam, segundo Badia *et al.* (2013), muitos estudos que abordem a participação cultural das pessoas com DID, estas pessoas desejam participar nas mesmas atividades em que participa a população em geral (Witso & Hauger, 2018). Com os resultados obtidos, percebemos que, apesar das dificuldades que as pessoas com DID evidenciam, estas conseguem integrar novas experiências e conhecimentos nas suas vivências anteriores, quando têm a oportunidade de fruir do património cultural de uma forma que seja confortável para si, tal como defende Mineiro (2017). A partir daí, cada pessoa tem a oportunidade de se interpretar a si mesma, aos outros e à vida em sociedade (Leyton, 2018a) e essa redefinição da pessoa pode tornar-se visível para o outro, como de resto se registou aqui relativamente ao entendimento da profissional do Convento do valor dos contributos dados pelos participantes com DID nestas visitas.

Relativamente às necessidades identificadas pelas **profissionais da APPACDM**, foi referido, em **entrevista**, que, tendo em conta que esta constituiu uma experiência diferente das habituais, era requerida uma explicação clara por parte da profissional

do Convento, sendo que a mesma deveria ter ocorrido de uma forma mais lenta para que as pessoas com DID tirassem mais partido da experiência (domínio conceptual – competências linguísticas e aquisição de conhecimento prático). Esta perspetiva está alinhada com Leyton (2016), uma vez que a autora defende que a comunicação é uma dimensão fundamental no atendimento de pessoas com DID em contexto cultural, sublinhando que os profissionais devem escutar estas pessoas e respeitar a sua temporalidade.

No campo das dificuldades sentidas pelas pessoas com DID nas visitas ao Convento, apenas uma das participantes mencionou, em entrevista, a necessidade de melhorar a forma como se relaciona com os outros, nestes e noutros contextos (domínio social – comunicação interpessoal). Percebemos, a partir daqui, que a experiência foi encarada como positiva pelas pessoas com DID, pelo que não sobressaíram dificuldades significativas na análise que fizeram a partir da sua participação nas visitas. Segundo Mineiro (2017), é a qualidade da experiência que vai determinar a forma como as pessoas a avaliam e o impacto da mesma nas suas vidas.

Na análise geral das necessidades das pessoas com DID nas visitas ao Convento São Francisco, assinalamos, no domínio conceptual, dificuldades referentes à linguagem, à resolução de problemas e à aquisição de conhecimento prático. Já no domínio social, destacam-se dificuldades na comunicação interpessoal e, no domínio prático, na autogestão nos contextos naturais. À semelhança do verificado no caso do MNMC, as necessidades elencadas derivam, na sua maioria, dos dados obtidos na observação e nas entrevistas aos profissionais da instituição de apoio. Deste modo, depreendemos que as pessoas com DID não sentiram dificuldades consideráveis durante as visitas aos dois espaços culturais e que as profissionais desses contextos não precisaram de se focar em demasia neste aspeto durante as visitas, possivelmente dada a preparação por si efetuada, a qualidade da participação das pessoas com DID nestas experiências e o apoio prestado pelos profissionais da APPACDM de Coimbra no seu decorrer, conforme a reflexão que efetuámos ao longo da apresentação dos resultados deste capítulo.

3.3- PERCEÇÕES DAS PESSOAS COM DID SOBRE AS VISITAS VIRTUAIS EM QUE PARTICIPARAM

Apesar de, no início desta dissertação, não termos considerado o objetivo de descrever as percepções das pessoas com DID acerca das suas vivências nas visitas culturais, a riqueza dos dados obtidos por entrevista levou-nos a introduzir este tópico neste capítulo, dada a sua relevância para a investigação nesta área. Serão, deste modo, aqui apresentadas, as perspetivas das pessoas com DID acerca da sua participação nas visitas virtuais a cada um dos espaços culturais.

Antes disso, consideramos pertinente introduzir, neste ponto, informações gerais (obtidas por **entrevista**) sobre a experiência cultural anterior destas pessoas, para uma melhor caracterização. Quanto às **atividades de lazer da preferência dos participantes**, regista-se um leque alargado de respostas, incluindo atividades de tempos livres desenvolvidas no domicílio (ex.: ver televisão, ouvir música, realizar tarefas domésticas), assim como em contexto da comunidade (ex.: caminhar, andar de bicicleta, visitar familiares e amigos, participar em excursões, ir às compras ou ao café). Apenas um dos participantes referiu espontaneamente gostar de visitar espaços culturais. Partindo deste ponto, quisemos averiguar qual o **contacto** que os participantes com DID tiveram **com espaços culturais** antes da participação neste estudo. Nesta área, 4 dos participantes declararam nunca ter frequentado, 14 disseram já ter visitado museus e outros espaços similares e, destes, 6 mencionaram que apenas o fizeram em contexto institucional. Estes dados assemelham-se aos descritos no enquadramento teórico, em que, segundo o *Department of Health* (2001), as pessoas com DID têm menos oportunidades de participação na área do lazer.

3.3.1 - Museu Nacional de Machado de Castro

Nas **entrevistas** realizadas, após as visitas ao MNMC, os participantes com DID **recordaram** sobretudo os aspetos mais concretos desta experiência, nomeadamente a descrição do que viram (ex.: uma pintura, os materiais de que a obra era feita, o espaço envolvente), do que fizeram (ex.: atividade de mimetização) e das pessoas com quem interagiram. Esta informação reforça o enfoque frequente nos elementos mais

concretos das realidades com que as pessoas com DID contactam, de acordo com as características descritas pela *American Psychiatric Association* (2014).

Todos os participantes com DID consideraram que a visita decorreu de forma globalmente positiva, sendo que um deles destacou ter adquirido novos conhecimentos a partir desta experiência. Como **pontos favoráveis**, os participantes elencaram a forma como foram recebidos e a oportunidade de mimetizar e de saber mais sobre as obras de arte. Todas as pessoas com DID referiram querer frequentar contextos similares ao MNMC com maior frequência, especialmente porque encontram beleza nestes locais e porque consideram que as atividades lá desenvolvidas são importantes para si e possibilitam experiências interessantes, que contribuem para um aumento do seu bem-estar (ex.: Investigadora: *“Gostavas de participar mais nestas visitas?”* / DID-6: *“Sim!”* / Investigadora: *“Porquê?”* / DID-6: *“É bom para mim.”* / Investigadora: *“A ti, faz-te o quê?”* / DID-6: *“Feliz!”* / Investigadora: *“E por que é que ficas feliz a ir a um museu?”* / DID-6: *“Estive entretido.”*). Uma das participantes referiu, no entanto, que gostaria de explorar espaços culturais mais ligados à área da Ciência e não tanto da História (apesar de ter desfrutado de forma muito positiva da visita ao MNMC, colocando diversas questões pertinentes e fazendo regularmente comentários sobre a informação disponibilizada). Reforçamos aqui a opinião de Cohen *et al.* (2012), no sentido em que as experiências culturais podem tornar-se significativas para os visitantes quando estes se identificam com o espaço visitado e com o modo de o fruir. Com as respostas dos participantes, percebemos o impacto emocional que esta experiência teve neles e, assim, depreendemos que se tornou significativa para muitos. Todas as pessoas utilizaram adjetivos positivos para descrever o MNMC, destacando-se os que estão relacionados com a beleza deste espaço. Um dos participantes (DID-16) descreveu-o como *“interessante”*.

Como **principais funções**, os participantes realçaram que o MNMC serve para mostrar obras de arte às pessoas, para que possam saber mais sobre o passado e a cultura religiosa. Uma das participantes (DID-17) ressaltou que estes são espaços de diálogo, onde é possível fazer perguntas a quem medeia as visitas (esta mesma participante destacou como aspeto mais positivo da visita o facto de ter sentido que lhe responderam a todas as questões que colocou). Sublinhamos, neste seguimento, que a

qualidade da participação das pessoas com DID nas visitas que fizeram parte deste estudo permitiu aceder a um entendimento de que a vivência cultural é, de facto, e de acordo com a ANACPD (2016a) e Silva (2010), um meio privilegiado de comunicação, que permite a criação livre de significado por cada pessoa e a redefinição da sua relação com os outros. Miranda (2001) afirma também que um espaço cultural pode ser fruído de forma mais positiva quando são colocadas em prática dinâmicas que promovam a participação dos visitantes.

O **atendimento** prestado pelas profissionais do MNMC foi descrito como simpático e acolhedor. Destacamos ainda a perceção de que o discurso foi fácil de compreender, havendo disponibilidade para voltar a explicar sempre que necessário e para responder às questões. Segundo as pessoas com DID, as profissionais do MNMC revelaram interesse pela sua opinião, deram tempo para responder e manifestaram preocupação em saber se estavam a perceber e a gostar da experiência. Na dimensão atitudinal da acessibilidade, sai assim, mais uma vez, fortalecida a ideia de que o desempenho dos profissionais dos espaços culturais influencia, em grande medida, a inclusão das pessoas nesses espaços (Sarraf, 2016) e, neste caso, a sua própria perceção sobre isso. Foi ainda sublinhada a utilização de diferentes formas de acesso à informação, o que facilitou a aquisição de conhecimento. Um dos participantes fez referência à utilização de guiões em comunicação aumentativa como contributo para a boa interação que existiu com as profissionais do MNMC. Outra das participantes destacou o apoio de uma das profissionais da APPACDM durante a visita. Estes resultados estão alinhados com o defendido por Miranda (2001), no sentido em que as pessoas tiram maior partido de uma visita quando nela fazem as suas próprias descobertas, quando sentem que participam ativamente e quando os conteúdos são explorados através de diferentes vias sensoriais.

De uma forma sucinta, consideramos que as pessoas com DID desfrutaram da experiência vivida no MNMC e sentiram este espaço como promotor do diálogo com os objetos culturais, identificando-se com ele e com a forma como foram atendidos pelas suas profissionais, salientando como relevante o uso de instrumentos

diversificados que lhes permitiram aceder com mais facilidade aos conteúdos explorados nas visitas.

3.3.2 - Convento São Francisco

No final das visitas a este espaço cultural, no contexto das **entrevistas**, as pessoas com DID **lembraram** sobretudo os objetos que viram, os sons que produziam, os materiais de que eram feitos e os espaços envolventes. Deste modo, podemos compreender que, tal como Bordieu (s.d., citado por Moutinho, 2001) afirmou, a fruição cultural é tão diversificada quanto as vivências das pessoas e a forma como estas percecionam o mundo. Algumas das pessoas descreveram a forma como participaram (ex.: na visita 4, uma das participantes – DID-2 – referiu que, numa das instalações, o que estava a ver se assemelhava a um saxofone e foi essa a primeira referência que fez quando questionada na entrevista; na visita 5, alguns dos participantes conseguiram identificar um instrumento musical presente na exposição – uma tarola – e um deles – DID-6 – mencionou esse tópico na entrevista), o que coloca em evidência que as pessoas demonstram uma maior satisfação nas descobertas que fazem por si próprias (Miranda, 2001), sendo muitas vezes essas as recordações que permanecem depois de uma visita.

Todos os participantes referiram que as visitas decorreram de forma positiva (fizeram novas aprendizagens; contactaram com realidades diferentes das habituais, mas também valorizaram a presença de elementos relacionados com a sua matriz cultural – ex.: a igreja, a tarola, o trabalho em oficina). Relativamente ao último elemento referido, Leyton (2018a) afirma que uma visita efetuada em grupo possibilita a construção reflexiva e conjunta de novos sentidos, a partir, neste caso, da vivência cultural anterior da pessoa na comunidade a que pertence. A partir desta experiência, as pessoas com DID referiram querer participar em mais visitas culturais, sublinhando as poucas oportunidades que têm para o fazer, a importância das interações estabelecidas nestes contextos e a vontade de realizar novas aprendizagens e de vivenciar experiências interessantes. Mais uma vez se realça o facto de as pessoas com DID quererem participar nas atividades em que participam as pessoas em geral (Witso

& Hauger, 2018), embora nem sempre o consigam fazer, por motivos financeiros, por não terem quem os acompanhe e por não sentirem, muitas vezes, estes espaços como sendo concebidos para si (Southby, 2019). À semelhança do que sucedeu com o MNMC, os participantes destacaram a beleza e a grandiosidade deste espaço, o que reforça o desenvolvimento do sentido estético que é, com frequência, colocado em prática nestes contextos.

Além de ser considerado um equipamento com a **função** de apresentar exposições e espetáculos, houve ainda referência ao facto de constituir uma oportunidade de aprendizagem no contacto com outras pessoas, nomeadamente para alargar os conhecimentos sobre as atividades que geralmente desenvolvem em contexto de CAO. Para isso, parece ter contribuído a aproximação entre os elementos da exposição e o quotidiano dos visitantes (ANACPD, 2017; Mineiro, 2017; Salasar, 2019).

Quanto ao **atendimento** prestado pela profissional do Convento, as pessoas com DID sentiram-se bem tratadas e destacaram a sua simpatia. Um dos participantes chegou mesmo a afirmar que se sentiu tratado como pessoa e não como pessoa com deficiência. Esta afirmação põe, mais uma vez, em destaque a ideia defendida pela ANACPD (2017) de que o desempenho dos profissionais dos espaços culturais é um pilar fundamental para que as pessoas com deficiência se sintam verdadeiramente incluídas. Segundo os participantes, a profissional explicou os conteúdos de forma acessível, incentivou a sua participação e revelou preocupação em saber se estavam a compreender e a gostar. Nesta área, os resultados aqui apresentados sublinham a importância de assegurar o acesso à informação em formatos acessíveis, que visem uma compreensão otimizada por parte dos visitantes e um usufruto confortável dos espaços e dos seus conteúdos (Salasar, 2019). No final destas entrevistas, vários participantes afirmaram querer visitar este equipamento de forma presencial, o que parece apontar para o facto de a visita ter sido sentida por eles como significativa e, como defende Cohen *et al.* (2012), geradora de emoções surpreendentes.

A análise global da perspetiva das pessoas com DID, a partir das visitas ao Convento São Francisco, indica que a forma como estas pessoas sentem que estão a participar

neste tipo de experiência é fundamental para determinar a relevância que a mesma pode assumir nas suas vidas. No final, o desejo expresso por estas pessoas foi o de visitar presencialmente este equipamento, sublinhando sobretudo a relação dos conteúdos explorados com a sua matriz cultural.

3.4 - PERCEÇÕES DAS PROFISSIONAIS DOS ESPAÇOS CULTURAIS SOBRE A FRUIÇÃO CULTURAL DAS PESSOAS COM DID

Os dados referentes a este tópico foram recolhidos mediante a realização de entrevistas às profissionais dos dois espaços culturais abrangidos neste estudo. Algumas das perguntas deste tópico relacionavam-se com as perceções gerais das profissionais dos espaços culturais sobre a fruição cultural das pessoas com DID e outra parte da entrevista dizia respeito às perceções decorrentes das visitas em que as profissionais participaram no âmbito desta investigação. Neste último caso, os pontos de vista destas profissionais serão analisados de forma individual, de acordo com o contexto cultural considerado.

No levantamento das perceções das profissionais dos espaços culturais sobre o **papel** que a **fruição cultural** tem na vida das **pessoas com DID**, duas delas (do MNMC) referiram que é semelhante ao das pessoas que não apresentam esta condição. Já a profissional do Convento São Francisco comentou que se apercebe que, para estas pessoas, a experiência é vivida de forma muito significativa, como algo novo e para lá daquilo que é muitas vezes formatado pela população em geral. Quanto às diferenças que podem ser encontradas neste público, uma das participantes destacou que as pessoas com DID conseguem aproveitar mais as visitas, evidenciando mais respeito pelos profissionais dos espaços culturais. Estas declarações parecem advir do facto já descrito de que as pessoas com DID têm menos oportunidades para aceder aos contextos de lazer (Department of Health, 2001) e, por isso, quando vão a esses contextos, tendem a desfrutar deles de uma forma que é sentida pelos profissionais como mais intensa. Outra das participantes referiu não sobressaírem diferenças na fruição cultural, porque as adaptações têm de existir para todas as pessoas, isto é, tem de se proceder sempre a um diálogo entre as características das pessoas e as suas

circunstâncias, a cada momento, quer estas apresentem ou não DID. A visão desta profissional corresponde àquela que é defendida por Mineiro (2017), no sentido em que, independentemente da condição que a pessoa apresenta, a forma como desfruta de uma experiência cultural varia de acordo com o seu perfil atual e as suas vivências anteriores.

Segundo as mesmas profissionais, **quando se preparam e dinamizam dinâmicas culturais dirigidas a pessoas com DID**, existe a **necessidade** de: conhecer as pessoas e ter acesso aos seus perfis individuais, mediante o contacto prévio com os técnicos que as apoiam; estudar em profundidade os conteúdos da visita, dando destaque à mensagem principal de cada obra; fazer a ponte com a matriz cultural das pessoas, quando não é possível que a reinterpretação da obra decorra de forma intuitiva; considerar um número reduzido de participantes em cada visita, para que a comunicação seja mais eficaz; preparar as visitas de modo a que as pessoas se sintam acolhidas, classifiquem a experiência como gratificante (mas sem deixar de sentir que é algo que acontece dentro daquilo que consideram comum nas suas vidas), ganhem uma maior consciência de si próprios e, no final, sintam vontade de regressar a estes espaços. Estes dados apontam, mais uma vez, para a necessidade de considerar a individualidade de cada visitante (Mineiro, 2017) e, como tal, apesar de não termos encontrado, na revisão da literatura, dados que nos indiquem de forma exata o número ideal de pessoas por visita, percebemos, nesta análise, que esse número não pode ser muito alargado relativamente ao que foi considerado nas visitas realizadas no âmbito desta investigação, sobretudo porque sabemos não existirem adaptações únicas que sirvam todas as pessoas com DID (Inclusion International, 2012). Além disso, a opinião das profissionais vai ao encontro de Martins (2017), que descreveu a importância da construção de narrativas, durante visitas de público com DID, com maior ênfase nas experiências pessoais dos participantes. Ainda na mesma análise, destacamos a correspondência entre o entendimento destas profissionais e a informação reunida no quadro teórico (Eardley *et al.*, 2016; Monteiro, Ribeiro & Bahia, 2012; Santos & Souza, 2005), no que diz respeito ao papel dos espaços culturais enquanto fomento da aprendizagem e da identidade cultural de cada visitante e da comunidade, além da concordância com Salasar (2019), na ideia de que as pessoas

com DID têm a possibilidade de se tornarem cidadãos mais ativas mediante a participação em visitas em que possam apreciar os objetos culturais e adquirir conhecimento a partir dessa fruição.

Neste estudo, analisámos também a perspetiva das profissionais dos espaços culturais sobre o **papel dos profissionais das instituições de apoio** na acessibilidade e fruição cultural do público com DID. Nessa recolha, as profissionais sublinharam a importância desses técnicos no trabalho ao nível da comunicação e na forma de lidar com este público, reforçando que estes conhecem a vida e a condição de cada pessoa e, por isso, podem ajudar a ajustar a forma de atuação ao longo da visita, reforçando as potencialidades individuais. As profissionais do MNMC destacaram ainda que este é um trabalho de equipa entre os técnicos dos dois contextos, devendo realizar-se, em conjunto, formações dirigidas a profissionais de diferentes áreas, dentro desta temática. A referência à importância de estabelecer parcerias entre os espaços culturais e as instituições de apoio às pessoas com DID coincide com o que é defendido pelos autores do quadro teórico, designadamente Martins (2013).

3.4.1 - Museu Nacional de Machado de Castro

A propósito das visitas ao MNMC, descreveremos agora a perspetiva das suas duas profissionais. O **balanço geral** das três visitas realizadas é muito positivo. Uma das profissionais referiu que a atividade de mimetização é importante para este público, pois ajuda a que a visita seja recordada por mais tempo e contribui para o bem-estar dos envolvidos, o que coincide com aquilo que é preconizado por Mineiro (2017) e Salazar (2019) relativamente ao enquadramento da dinamização de encenações teatrais enquanto recurso que favorece a acessibilidade e a fruição cultural do público com DID. A mesma profissional sublinhou ainda a importância da criação e aplicação de guiões em comunicação aumentativa em contextos museológicos, os quais se apresentam como respostas que atendem à ideia defendida pela *Inclusion Europe* (s.d.) de que, quando existe uma adaptação da informação, as pessoas com DID podem aceder com mais facilidade aos conteúdos que devem dizer respeito a toda a sociedade. Como confirmaremos mais adiante, estas duas dinâmicas (atividade de mimetização e guiões em comunicação aumentativa) foram reforçadas de forma

positiva por elementos dos três grupos de participantes, pelo que a sua relevância parece gerar consenso entre todos. Dentro do que as profissionais percecionaram como mais importante, ambas referiram que a experiência, em geral, foi significativa para os diferentes intervenientes. Uma das profissionais afirmou que este tipo de visita resulta com este público e que permite a afirmação da sua cidadania, em linha com Salasar (2019), na conceção de que, quando uma pessoa com deficiência aprecia um objeto cultural e adquire conhecimento a partir daí, tem também a oportunidade de aumentar a sua participação ativa na sociedade. A outra profissional reforçou que, sobretudo na terceira visita, o facto de as pessoas com DID terem pedido o alargamento dos conteúdos da visita foi marcante, assim como ter sido possível corresponder a esse pedido. Neste ponto, sublinhamos a ideia, expressa por Santos (2011b), de que cada pessoa que visita um espaço cultural espera algo dessa experiência, sobretudo no que concerne à possibilidade de interação com os recursos materiais e com as pessoas. Esta correspondência às expectativas de uma das participantes foi, assim, considerada significativa para a referida profissional. A mesma disse ser importante fornecer explicações com diferentes níveis de dificuldade, para poder corresponder às necessidades de cada um, tal como defendido por Mineiro (2004). A respeito do acesso à informação, uma das profissionais afirmou que as pessoas com DID conseguiram perceber as mensagens transmitidas.

3.4.2 - Convento São Francisco

No que se refere às perceções recolhidas junto da profissional do Convento sobre as visitas realizadas, como **balanço geral**, esta referiu ter sido difícil promover virtualmente as experiências culturais, pois nem sempre se conseguiu aperceber da forma como as pessoas estavam a desfrutar. Esta avaliação efetuada pela profissional deste equipamento sublinha o seu entendimento de que a forma como cada pessoa desfruta ao longo de uma visita cultural é um fator a ter em consideração pelos profissionais que a dinamizam (Mineiro, 2017). Os restantes resultados obtidos por entrevista relacionam-se sobretudo com as dinâmicas e recursos utilizados, tendo sido, por isso, já descritos no capítulo que abordou esse tópico.

Globalmente, para as profissionais dos dois espaços culturais, o papel da fruição cultural na vida das pessoas com DID é semelhante ao da população em geral, embora também seja destacado que as primeiras podem vivenciar mais intensamente estas experiências, por terem, em geral, menos oportunidades a este nível. As profissionais dos espaços culturais sublinham ainda ser necessário um trabalho de articulação com os profissionais das instituições de apoio, para um maior conhecimento das características das pessoas com DID e para a implementação de respostas conjuntas que possam atender às necessidades de um número mais alargado de visitantes.

3.5 - PERCEÇÕES DOS PROFISSIONAIS DA INSTITUIÇÃO DE APOIO SOBRE A FRUIÇÃO CULTURAL DAS PESSOAS COM DID

Os resultados aqui apresentados foram obtidos por entrevista aos profissionais da instituição de apoio incluída nesta investigação. Alguns dos tópicos abordados estão associados às perceções gerais sobre a fruição cultural das pessoas com DID, enquanto outros se relacionam com a visão resultante da participação nas visitas virtuais incluídas neste estudo (sendo, neste último caso, analisadas de forma distinta, em função do espaço cultural).

Quando indagados sobre o que constitui o **maior desafio no trabalho em contexto de CAO**, os profissionais referiram sobretudo questões relacionadas com a inclusão das pessoas com DID em contexto da comunidade, mas também algumas dificuldades em realizar uma intervenção mais direta e personalizada, em responder de forma criativa às necessidades de pessoas com maiores limitações e na atuação da equipa de forma concertada em relação aos modelos atuais de apoio. Como vimos no enquadramento teórico, as instituições de apoio às pessoas com DID têm vindo a assumir um papel preponderante na inclusão destas pessoas (Cuadrado & Leal, 2013), em aspetos relacionados com a promoção de uma relação mais aprofundada com os contextos da comunidade (SNRIPD, 2006), o que é aqui também sublinhado pelos profissionais da APPACDM de Coimbra que participaram neste estudo.

Para analisar o **trabalho** efetuado **em contexto institucional** ao nível da **acessibilidade e fruição cultural**, foram recolhidas informações junto dos profissionais da APPACDM de Coimbra sobre os projetos e dinâmicas existentes. Quatro dos profissionais mencionaram um projeto formal de um dos Centros de Atividades Ocupacionais da instituição, intitulado “A Cultura também é para Nós”, em que são realizadas visitas a espaços culturais da comunidade. Além deste projeto, os profissionais referiram a participação em visitas culturais inseridas em colónias de férias e a existência de grupos musicais formados por pessoas com DID. Por sua vez, considerando as **dinâmicas culturais desenvolvidas pela instituição**, destacam-se os seguintes aspetos: os técnicos escolhem as pessoas com DID que participam nas visitas e os programas culturais, em função do interesse demonstrado; fazem o levantamento das necessidades de adaptação das características do espaço cultural; realizam sessões de preparação e de consolidação das visitas; elaboram materiais de suporte, em conjunto com profissionais de espaços culturais; elaboram documentos com a caracterização dos participantes para aumentar o conhecimento dos profissionais dos espaços culturais sobre eles; acompanham a mediação efetuada pelos profissionais dos espaços culturais, ao longo das visitas. A participação destes profissionais nas atividades culturais é variável: a maioria refere o acompanhamento pontual a visitas a espaços culturais ou a simples participação no seu planeamento. De uma forma geral, destacamos, a este nível, a existência de uma preocupação expressa pelos profissionais desta instituição de que é preciso aumentar as experiências culturais das pessoas que apoia, tal como frisado pela ANACPD (2017), bem como a qualidade das suas respostas a este nível.

Na análise da **forma como as pessoas com DID usufruem** deste tipo de visitas, os profissionais da APPACDM de Coimbra destacaram que estas revelam gosto, curiosidade e motivação pelas atividades culturais em que estão envolvidas. Uma das profissionais referiu que existe uma maior apreensão da informação quando é abordado um número limitado de estímulos e outra mencionou que a existência de um trabalho de exploração prévio dos conteúdos pode contribuir para o aumento do conhecimento obtido através da experiência cultural, embora uma outra profissional tenha considerado que as pessoas que apresentam maiores limitações não conseguem

retirar proveito das visitas. Uma das profissionais realçou a existência de uma maior fruição em atividades que envolvam estímulos musicais e outro reforçou que, muitas vezes, a experiência é mais valorizada pelas pessoas com DID pelo facto de acontecer em contexto da comunidade. Parece-nos importante destacar aqui que, na revisão da literatura, não foram recolhidos pareceres específicos sobre a necessidade de limitar o número de estímulos a explorar em cada visita no caso de se tratar de público com DID. Não obstante, Tojal (2015) indica que, para potenciar a fruição, é importante promover experiências concretas em relação ao objeto cultural. De modo a tornar essa fruição mais real e significativa, parece-nos importante que os conteúdos possam ser escolhidos de acordo com as características do grupo que visita, à semelhança do sustentado por Martins (2017), em encontros prévios de estruturação com os profissionais da instituição de apoio. Nessa preparação, os técnicos da instituição de apoio devem dar ênfase ao facto de as pessoas que apoiam serem cidadãos de pleno direito (Nações Unidas, 2016), contribuindo para que o seu desempenho seja entendido como resultado entre a interação das suas características (capacidades e limitações) com as condições do ambiente social em que se encontram (ANACPD, 2016b; SNRIPD, 2006).

Relativamente aos **contributos** que estes **profissionais** consideram poder dar na **fase anterior a uma visita**, realça-se: a realização de contactos prévios com os profissionais dos espaços culturais (recolher informações sobre o que existe no espaço cultural; dar a conhecer o perfil dos visitantes; partilhar as estratégias de atuação mais eficazes; criar soluções para uma maior acessibilidade) e a dinamização de sessões de preparação das visitas com o grupo de pessoas com DID. Na **fase de dinamização das visitas**, estes profissionais sublinharam que a sua presença é importante para que exista uma maior sensibilização no atendimento efetuado pelos profissionais dos espaços culturais. É ainda destacado o papel de mediador que pode ser desempenhado por estes profissionais (adaptar os conteúdos às necessidades dos visitantes; formular perguntas e enfatizar algumas das ideias transmitidas pelos profissionais dos espaços culturais), embora uma das profissionais tenha reforçado que, para que se possa afirmar que existe uma verdadeira inclusão, não deveria ser necessária a presença dos técnicos da instituição de apoio durante as visitas porque os

profissionais dos espaços culturais deveriam estar dotados das estratégias que melhor resultam na comunicação com este público. Finalmente, numa **fase posterior às visitas**, os profissionais da APPACDM de Coimbra referiram poder contribuir com um trabalho de reflexão e partilha de experiências com o grupo de pessoas com DID. Um dos profissionais destacou ainda a importância de dar feedback aos espaços culturais, a partir das informações recolhidas nestas sessões. As ideias expressas por este conjunto de profissionais sobre o seu papel nesta área da fruição cultural vêm corresponder ao que é apresentado por Reeve e Woollard (2015) e por Tojal (2015) relativamente à necessidade de os espaços culturais estabelecerem parcerias com as instituições de apoio para que sejam criados projetos conjuntos que atendam às especificidades deste público.

Relativamente às **percepções gerais sobre a fruição cultural das pessoas com DID**, quatro dos profissionais da APPACDM de Coimbra afirmaram de forma perentória que o seu papel é semelhante ao desempenhado na vida das pessoas que não apresentam esta condição. Na opinião destes profissionais, as experiências e os interesses das pessoas com DID são diferentes das outras pessoas e isso pode influenciar a vivência cultural, sendo necessário que as pessoas com DID sejam expostas às experiências culturais para depois expressarem as suas preferências. Como vimos em secções anteriores, as pessoas com DID continuam a apresentar, muitas vezes, diferenças consideráveis nas suas condições de vida (Umb-Carisson & Sonnander, 2005), ainda que, tal como mencionado por Wilson *et al.* (2017), desejem estabelecer relações sociais significativas e participar de forma válida nas atividades. Os dados obtidos na presente investigação também apontam para esta realidade no que diz respeito à vivência cultural, tanto ao nível do que foi observado como nas percepções dos diferentes participantes.

Quando indagados sobre as **principais diferenças na vivência cultural** de pessoas com DID comparativamente à população em geral, os profissionais salientaram que poderão existir formas de perceção distintas, maiores dificuldades na compreensão dos conteúdos e dos ambientes e um maior foco na informação concreta. Uma das profissionais alegou que a vivência pode ser considerada diferente pela menor experiência cultural anterior e dois dos participantes sublinharam que, se o espaço

cultural estiver preparado, as diferenças não serão visíveis. Esta última opinião parece atender ao paradigma atual na área da deficiência, em que a tónica está centrada nos apoios e não nas dificuldades que as pessoas apresentam (Cuadrado & Leal, 2013).

Foi também solicitado aos profissionais da instituição de apoio que elencassem as **principais mudanças** que consideram fundamentais nos espaços culturais em geral, no atendimento ao público com DID. Nesta área, o destaque vai para as dimensões comunicacional e atitudinal da acessibilidade. Em relação à primeira, os profissionais descreveram a necessidade de usar uma linguagem mais acessível, com recurso a pistas visuais, o que sublinha a importância de, segundo Neves (2017), fornecer aos visitantes os meios que lhes permitam aceder aos diferentes conteúdos, para que o diálogo entre estes e os objetos culturais se concretize. Já na parte atitudinal, os profissionais referiram ser importante uma maior abertura dos profissionais dos espaços culturais ao atendimento das pessoas com DID. Dois dos participantes mencionaram como essencial a articulação prévia entre os profissionais dos dois contextos, para uma melhor fruição. Fazendo a ponte entre estes dados e o conhecimento reunido na revisão da literatura (SNRIPD, 2006), sublinha-se uma consciência crescente da parte dos técnicos desta instituição de apoio sobre a necessidade de aproximar as respostas sociais existentes no apoio de pessoas com DID ao contexto da comunidade. Os resultados aqui obtidos põem em evidência uma maior reflexão acerca da importância de promover vivências culturais de qualidade junto das pessoas apoiadas em contexto institucional, para que estas possam alcançar uma inclusão social efetiva (ANACPD, 2017).

Na recolha das perspetivas sobre os **aspetos essenciais** a considerar **em visitas culturais dirigidas a pessoas com DID**, os profissionais da APPACDM realçaram os seguintes pontos: é importante que os profissionais dos espaços culturais conheçam previamente os perfis dos visitantes, para que possam atender às suas características individuais, de forma flexível; para que a experiência resulte, é fundamental que os grupos de visitantes sejam pequenos e apresentem alguma homogeneidade; durante as visitas, devem ser associados elementos que sejam significativos para as pessoas, utilizando narrativas em formatos acessíveis e estímulos sensoriais diversificados; é fundamental dirigir perguntas às pessoas ao longo das visitas, para estimular a sua

participação. De novo, emerge a perspetiva de que é importante atender às especificidades de cada pessoa com DID no contacto com o objeto cultural, à semelhança do que deve acontecer com o público em geral, o que é compatível com diferentes autores do quadro teórico, incluindo Leyton (2018a) e Mineiro (2017).

Realizando um balanço sobre os pareceres dos dois grupos de profissionais (dos espaços culturais e da instituição de apoio), importa reforçar como crucial o conhecimento prévio das características dos visitantes (articulação entre os técnicos dos dois contextos). Por outro lado, destaca-se como fundamental que o grupo de pessoas com DID seja reduzido para que seja possível uma atenção individualizada a cada visitante. Finalmente, os profissionais dos espaços culturais devem apresentar um conhecimento aprofundado acerca dos objetos culturais, sublinhando a sua mensagem principal, através de uma comunicação acessível, que pressupõe a utilização de diferentes vias sensoriais. Tudo isto para que a experiência seja significativa para as pessoas com DID e, deste modo, nelas se acenda o desejo de voltarem a estar imersas em atividades similares, uma vez que sentem que, enquanto cidadãs, têm a possibilidade de redefinir o seu lugar na sociedade a partir daqui (Leyton, 2018a).

3.5.1 - Museu Nacional de Machado de Castro

No que diz respeito às **considerações gerais** sobre as visitas ao MNMC, os profissionais da APPACDM apontaram vários tópicos positivos, designadamente o envolvimento das pessoas com DID (para tal, uma das profissionais distinguiu a estratégia de ir fazendo revelações ao longo da visita e outra a forma como a interação foi estabelecida) e a preparação das profissionais do museu neste atendimento. Como vimos na análise das técnicas usadas neste contexto, a gestão do grau de expectativas dos participantes ao longo das visitas é uma das práticas recomendadas por Miranda (2001) que favorece a participação. Não foram referidas quaisquer **sugestões de melhoria** relativamente à forma como as visitas ao MNMC decorreram. Uma das profissionais salientou existir uma sintonia entre os técnicos das duas instituições, outra reforçou vários aspetos positivos da visita em que participou (preocupação em conhecer e em interagir com as pessoas com DID, em saber se estavam a compreender os conteúdos, em partir dos

seus contributos e em usar pistas visuais para melhorar o acesso à informação – o que destaca tanto a componente atitudinal como a comunicacional da acessibilidade) e ainda outra das profissionais alegou que a partilha dos perfis das pessoas com DID funcionou como base de sustentação para o sucesso da visita. Podemos inferir, a partir daqui, que a informação transmitida pelos técnicos da APPACDM favoreceu, no seu entender, o aumento de conhecimento das profissionais do MNMC acerca das características individuais das pessoas com DID (Santos & Souza, 2005; Vlachou & Alves, 2007).

Na análise alusiva ao **usufruto das pessoas com DID**, os profissionais da APPACDM afirmaram que estas desfrutaram de forma plena, com destaque para o seu empenho, interesse, curiosidade, prazer e escuta ativa. Segundo estes profissionais, as pessoas com DID perceberam os conteúdos das obras de arte exploradas, sentiram a experiência como positiva e prolongaram-na além do seu tempo. Duas das profissionais referiram-se à atividade de mimetização, classificando-a como significativa. Relativamente a este último ponto, salientamos novamente a importância desta vivência em grupo para a construção reflexiva de novos significados a partir da experiência cultural, tal como afirmado por Leyton (2018a).

No que concerne às **experiências mais marcantes**, os profissionais sublinharam que esta experiência é, em si mesma, marcante para as pessoas com DID, por ser diferente das habituais, pela interação estabelecida, pelo funcionamento enquanto grupo, pela valorização que sentem, pela oportunidade de mimetizar a obra de arte e por serem abordados temas que fazem parte da sua cultura (ex.: religião). Esta visão é coincidente com a de Tojal (2015), que defende que as melhores vivências culturais são aquelas em que as pessoas têm a oportunidade de contactar diretamente com os objetos culturais e os profissionais desses contextos.

Para os profissionais da APPACDM, a **duração das visitas** foi adequada: as pessoas com DID mantiveram-se colaborantes ao longo do tempo; a existência de partes mais práticas e a exploração de uma única peça por visita favoreceram o seu foco de atenção. Também a ANACPD (2017), Mineiro (2017) e Salasar (2019) dão relevo à

promoção da participação em atividades lúdicas e práticas como forma de impulsionar o contacto das pessoas com DID com os objetos culturais.

Relativamente ao **acesso à informação**, os profissionais referiram como essenciais: a utilização de pistas visuais, como os guiões em comunicação aumentativa; a transmissão explícita da informação; o recurso à mimetização como forma de assimilação dos conteúdos. A partir destes dados, percebemos que estes profissionais consideram que, genericamente, os recursos materiais e as estratégias utilizadas pelas profissionais do MNMC contribuíram bastante para que as pessoas com DID acessem com qualidade à informação, à luz das ideias defendidas por Tojal (2015) no domínio comunicacional da acessibilidade.

Por último, todos os profissionais caracterizaram o **atendimento** realizado pelos profissionais do MNMC como positivo, com ênfase: na forma flexível como corresponderam aos desafios; no tratamento das pessoas com DID; na escuta ativa; no modo como adequaram as visitas a cada um dos participantes e na linguagem clara que usaram. Este envolvimento dos profissionais dos espaços culturais é decisivo, segundo Leyton (2016), para a qualidade das visitas. Como sugestão final a respeito destas visitas, uma das profissionais propôs que, no futuro, as pessoas com DID pudessem dinamizar visitas dirigidas a pessoas com algum tipo de deficiência/incapacidade, neste equipamento cultural, dando ênfase ao considerado por Martins (2013), Mineiro (2017) e Sarraf (2012) no que diz respeito à consulta das pessoas com deficiência para recolher as suas perceções sobre aquelas que consideram ser as melhores respostas para a sua fruição cultural.

Como balanço, os profissionais da APPACDM de Coimbra consideram que as visitas virtuais ao MNMC corresponderam a experiências significativas para as pessoas com DID, tendo para tal contribuído de forma decisiva, no seu entender: a partilha dos perfis das pessoas com DID antes das visitas; a atividade de mimetização; o uso de guiões em comunicação aumentativa; a abordagem de temáticas que fazem parte da matriz cultural dos visitantes e a mediação acessível levada a cabo pelas profissionais do MNMC.

3.5.2 - Convento São Francisco

Como **balanço geral**, duas das profissionais da APPACDM referiram que, dado o teor mais prático da exposição aqui considerada, a visita teria sido mais proveitosa se tivesse decorrido presencialmente, realçando a importância de proporcionar experiências que possibilitem o contacto direto com os objetos culturais (Salasar, 2019). Como sugestão para ultrapassar esta questão, as profissionais referiram que poderiam ter sido fornecidos aos CAO's alguns materiais para que as pessoas com DID contactassem de forma mais direta com os elementos da exposição (introdução de estímulos táteis; numeração dos botões que acionavam alguns equipamentos, para facilitar a sua escolha; realização de uma atividade de mimetização – usar materiais do quotidiano para produzir objetos sonoros). Uma das profissionais reiterou que a exposição apelava muito à parte sensorial, sendo por isso fácil de adaptar a pessoas com diferentes níveis de funcionalidade. Deste modo, esta participante aproximou-se da ideia apresentada por Mineiro (2004), uma vez que destacou o uso de estratégias multissensoriais como elemento promotor da inclusão.

Relativamente ao **usufruto das pessoas com DID**, segundo as profissionais da APPACDM, estas desfrutaram de forma positiva, evidenciando interesse e expectativa ao longo das visitas. Conseguiram usufruir mais dos elementos (objetos e sons) relacionados com as suas vivências diárias e ganharam interesse por conhecer este espaço no futuro. Esta perspetiva sublinha, uma vez mais, que o significado de uma vivência cultural vai depender da relevância da mensagem transmitida pelo espaço cultural para cada um dos seus visitantes (Miranda, 2001) e vai determinar seguramente se estes vão querer regressar no futuro (Mineiro, 2017).

Como **experiências mais significativas**, as profissionais destacaram: a capacidade de as pessoas com DID fazerem a ligação entre os elementos da exposição e a sua realidade de vida; a valorização que sentiram pelos contributos dados ao longo das visitas; a interação estabelecida com pessoas novas. Tal como referido por Cohen *et al.* (2012), uma experiência é sentida como relevante para uma pessoa quando esta se identifica com o contexto e com a forma como pode desfrutar dele.

Em relação ao **atendimento** prestado pela profissional do Convento, as profissionais da APPACDM realçaram vários aspetos positivos, designadamente a sua simpatia, disponibilidade e entusiasmo; a sua capacidade de adaptação ao público com DID; a ligação que efetuou com a realidade dos participantes; o diálogo acessível que estabeleceu. As profissionais referiram apenas como aspeto a melhorar o tempo despendido em cada equipamento. Como vimos já ao longo desta análise, e segundo Leyton (2016), o desempenho dos profissionais dos espaços culturais é, de facto, um fator fundamental para que uma visita decorra de forma positiva.

A **duração de cada visita** foi considerada adequada pela maioria das profissionais, surgindo a sugestão de existir uma atividade prática para a consolidação da experiência, no final da mesma, de modo a promover uma maior aproximação das pessoas com DID aos elementos da exposição, de acordo com os autores já mencionados ao longo da análise efetuada neste domínio.

Como balanço, podemos concluir que as profissionais da APPACDM entenderam as visitas ao Convento São Francisco como positivas para as pessoas com DID, com realce para a valorização que sentiram, a relação estabelecida entre os conteúdos das visitas e as suas vivências pessoais e o modo empático de atuar da profissional do Convento. Como sugestões de melhoria, consideraram que as visitas deveriam ter decorrido a um ritmo mais lento. Poderiam igualmente ter sido usados materiais em contexto de CAO que permitissem um contacto mais direto com a realidade observada, bem como ter sido implementadas atividades práticas no final das visitas, como forma de consolidar a experiência.

IV CONCLUSÕES

Em conformidade com a informação descrita nos capítulos anteriores, o estudo aqui apresentado visou aprofundar conhecimentos acerca da forma como se pode promover uma participação de qualidade em experiências culturais de pessoas com DID que frequentam instituições de apoio. Para tal, foram observadas visitas virtuais

ao Museu Nacional de Machado de Castro e ao Convento São Francisco e realizadas entrevistas a pessoas com DID, a profissionais dos Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra e a profissionais dos dois espaços culturais considerados.

A recolha de dados decorreu no sentido de fazer o levantamento das dinâmicas e recursos usados nos espaços culturais no atendimento a pessoas com DID, das necessidades destas pessoas no decurso das experiências culturais e das perceções dos profissionais (dos espaços culturais e da instituição de apoio) sobre a temática da fruição cultural deste público. Por último, a partir desta recolha, tivemos como intuito adicional a apresentação de práticas que potenciem um acesso e uma fruição de qualidade por parte das pessoas com DID nos equipamentos culturais.

Globalmente, os dados obtidos na observação das visitas virtuais e por entrevista permitiram-nos concluir que, as pessoas com DID conseguem desfrutar de forma significativa destas experiências (mesmo que à distância), quando existem respostas concertadas que atendem às suas características individuais.

Respondendo ao primeiro objetivo, da análise efetuada percebemos que, nos dois espaços culturais, a responsabilidade do atendimento ao público com DID está direcionada para um número limitado de profissionais, sendo necessário existir um aumento da formação de colaboradores no sentido de permitir um maior ajuste da parte de todos no que diz respeito ao modo de atuar nesta área, já que, segundo Sarraf (2016), os espaços culturais são considerados acessíveis quando a aplicação dessa acessibilidade é transversal a toda a equipa. Nos dois contextos visitados, têm vindo a ser implementadas práticas inclusivas dirigidas a diferentes públicos (onde estão incluídas as pessoas com DID), algumas delas com o envolvimento da APPACDM de Coimbra. O desenvolvimento destas dinâmicas tem permitido às profissionais que integraram este estudo encontrar formas de contribuir para uma fruição cultural mais positiva por parte das pessoas com DID nestes locais. Relativamente ao MNMC, existem práticas dilatadas que incluem o acesso aos perfis individuais dos visitantes, o incentivo à sua participação durante as visitas (mediante a formulação de perguntas, a valorização dos seus contributos, o respeito pelo ritmo de cada um, o apoio para que cada pessoa possa fazer as suas próprias descobertas ao longo da visita, a dinamização

de atividades práticas como a mimetização, a ligação entre os conteúdos explorados e a vida das pessoas com DID, entre outros) e o uso de um modo acessível de comunicar (com recurso a: meios de perceção sensorial diversificados, com diferentes níveis de dificuldade; materiais em leitura fácil, com apoio pictográfico – guiões em comunicação aumentativa –; visitas guiadas). Estas práticas desenvolvidas no MNMC reforçam o seu papel de mediador entre as pessoas e os objetos culturais (Tojal, 2015) e realçam a importância de atender às especificidades de cada visitante, por meio de uma adaptação permanente por parte dos seus profissionais (Salasar, 2019). Já no caso do Convento São Francisco, apesar de os recursos materiais utilizados não terem sido tão abrangentes como no contexto anterior, a mediação efetuada pela profissional deste equipamento deu relevo a aspetos muito relevantes, como o incentivo à participação das pessoas com DID (através de perguntas frequentes e do relacionamento entre os conteúdos da exposição e o quotidiano dos visitantes) e o ajuste do ritmo e da linguagem utilizada em função das necessidades que as pessoas foram evidenciando ao longo das visitas. Para facilitar o acesso à informação e para que as experiências nestas visitas pudessem ter sido vividas de uma forma mais completa, poder-se-ia ter recorrido à utilização de materiais com uma linguagem adaptada (usando diferentes vias sensoriais) e à dinamização de atividades práticas de consolidação da experiência, de modo a corresponder ao recomendado pelos autores do quadro teórico relativamente a este atendimento (ANACDP, 2017; Mineiro, 2017; Salasar, 2019).

Quanto ao segundo objetivo, foram encontradas diferentes necessidades nas pessoas com DID que participaram neste estudo, nos três domínios do funcionamento adaptativo (American Psychiatric Association, 2014), designadamente na aquisição de conhecimento prático, na resolução de problemas, na linguagem (oral e escrita), na comunicação interpessoal, na regulação dos comportamentos e na autogestão em contexto natural. Apesar do registo destas dificuldades, saiu reforçada a ideia de que, no caso de existir uma abordagem que considere o perfil de cada pessoa, não são as suas necessidades que sobressaem, mas sim as suas potencialidades e a sua existência enquanto cidadão de pleno direito, conforme defendido por Leyton (2018a), Neves (2017) e Salasar (2019).

No que concerne às percepções das profissionais do MNMC e do Convento São Francisco sobre a fruição cultural das pessoas com DID, destacamos a ideia de que esta, à partida, se assemelha à das pessoas em geral, ainda que também tenha sido referido que as pessoas com DID podem vivenciar este tipo de experiência de uma forma mais significativa, como algo que constitui uma novidade para elas, evidenciando uma grande consideração pelos profissionais que as recebem. Para as profissionais que fizeram parte deste estudo, quando as pessoas com DID participam numa visita cultural, revelam curiosidade, interesse e capacidade de aprendizagem a partir da experiência, constituindo um público exigente e com capacidade para dar bons contributos nestes contextos. De facto, de acordo com Wilson *et al.* (2017), a inclusão social das pessoas com DID tem de abranger a sua participação efetiva nas atividades e o estabelecimento de relações sociais significativas. Neste seguimento, sobressai aqui a ideia de que a cultura pode constituir um meio privilegiado neste domínio, uma vez que, permite a interpretação livre e singular por parte dos seus fruidores (ANACPD, 2016a; Silva, 2010).

Por sua vez, na perspetiva dos profissionais da APPACDM de Coimbra, as pessoas com DID conseguem tirar um maior proveito das visitas culturais quando existe um trabalho de preparação em contexto institucional, quando é explorado um número reduzido de objetos culturais em cada visita e também quando são dinamizadas atividades práticas. Esta perspetiva vai ao encontro da opinião de Neves (2010a), no sentido em que, no âmbito de uma visita cultural, importa pensar não só na forma como a informação sobre os objetos culturais é transmitida, mas também sobre as dinâmicas que podem ser implementadas para proporcionar uma maior aproximação entre esses objetos e os visitantes. Para os profissionais da APPACDM, as pessoas com DID gostam de participar em atividades culturais e, nestas circunstâncias, revelam curiosidade, empenho e motivação, demonstrando compreender os conteúdos que lhe são apresentados. Por outro lado, a vivência cultural é marcante para as pessoas com DID e a prova disso é que a prolongam além do seu tempo, através da partilha das experiências com outras pessoas, após o seu término, o que é coincidente com a afirmação de Leyton (2018a) de que uma visita cultural tem o potencial de contribuir

para que as pessoas que nela participam restructurem a visão que têm de si mesmas e dos outros.

Os três grupos de participantes deram um grande relevo à atividade de mimetização – dinâmica de interpretação de um cenário histórico (Miranda, 2001) – como forma de reforçar não só a participação das pessoas com DID nas atividades culturais, mas também o seu lugar na sociedade. Este é um dos marcos mais expressivos que foram obtidos por meio desta investigação, pois vem dar destaque a esta metodologia como forma de identificação da pessoa com o objeto cultural e, por conseguinte, com a vida em sociedade, novamente à luz de Leyton (2018a).

Outro dos pontos essenciais aqui distinguidos corresponde à necessidade de ponderar um número reduzido de participantes em cada visita, de modo a assegurar uma resposta que atenda às especificidades de cada um, conforme veiculado por Mineiro (2017). Além desse aspeto, realçamos a importância de um trabalho de colaboração entre os técnicos das instituições de apoio e os profissionais dos espaços culturais, sobretudo antes da realização de uma visita. Neste trabalho, destaca-se a partilha de informação sobre os objetos culturais (por parte dos profissionais dos espaços culturais) e os perfis dos visitantes (por parte dos profissionais das instituições de apoio), além da criação de soluções conjuntas que permitam às pessoas com DID um acesso e uma fruição de qualidade nesses locais, em igualdade de oportunidades com a população em geral. Este trabalho de colaboração interinstitucional visa, segundo Tojal (2015), garantir uma otimização do diálogo entre os espaços culturais e os seus públicos. A partir da análise que efetuámos, concluímos que este trabalho pode ser não só benéfico para as pessoas que recebem apoio na instituição que estabelece parceria com o espaço cultural, mas também a um nível mais generalizado pois, a partir deste ponto, são desenvolvidos materiais e experimentadas estratégias que poderão ser colocadas em prática junto de outros visitantes que apresentem a mesma condição ou que possam evidenciar, a dado momento, necessidades similares.

Passando à abordagem das limitações do presente estudo, destacamos a impossibilidade de realizar a observação de visitas presenciais aos dois espaços culturais abrangidos, dado o surgimento da pandemia por COVID-19. Atendendo a essa

situação e às condicionantes que daí advieram, foi necessário repensar a forma como se iria desenrolar esta investigação. As informações reunidas no enquadramento teórico apontavam claramente para uma participação cultural mais reduzida no caso das pessoas com DID (Department of Health, 2001) e para a necessidade de estas pessoas terem acesso a informação mais concreta para facilitar o seu entendimento dos conteúdos abordados nas diferentes dimensões da sua vida (Inclusion Europe, s.d.). Neste seguimento, optámos por manter a realização e observação de visitas culturais, alterando-as para virtuais, para que pudéssemos continuar a considerar a perspetiva das pessoas com DID, menos presente no âmbito dos estudos nesta área do que a dos profissionais que lhes prestam apoio. De acordo com as perceções recolhidas no decurso desta investigação, o facto de as visitas terem ocorrido virtualmente não afetou de forma considerável o modo como as pessoas com DID desfrutaram das experiências culturais. No entanto, sabemos que a situação ideal teria sido a participação em visitas presenciais. Nesse sentido, parece-nos importante avaliar esta possibilidade em estudos futuros, quando as restrições associadas à pandemia por COVID-19 puderem ser atenuadas ou eliminadas.

Outra das notas importantes no final deste trabalho corresponde à necessidade de alargar esta investigação a outras instituições de apoio e a mais colaboradores que não façam parte das equipas técnicas dos CAO's (ex.: monitores e auxiliares), para obter uma visão ampliada das perceções de quem exerce funções nestes contextos sobre a fruição cultural das pessoas com DID, tendo em conta que, de acordo com o SNRIPD (2006), dentro do contexto organizacional, encontramos formas distintas de atuação.

Por outro lado, neste estudo, participaram espaços culturais (e profissionais desses equipamentos) que já realizam um trabalho de continuidade na área aqui investigada. Seria interessante poder incluir em estudos futuros outros espaços culturais com menos experiência no atendimento de pessoas com DID, podendo pensar-se na comparação entre as perceções dos seus profissionais antes e depois do contacto com este público. Outras das sugestões passa por aumentar a abrangência dos profissionais destes contextos, contemplando, por exemplo, os técnicos que exercem funções de vigilância ou na bilheteira. Esta sugestão relaciona-se com a necessidade de alargamento das práticas inclusivas a todos os colaboradores de um determinado

contexto, pois só assim sabemos ser possível existir uma resposta equilibrada no que diz respeito ao atendimento no âmbito da diversidade humana, como defende Sarraf (2016).

Por fim, esta investigação fez referência a pessoas com DID a frequentar instituições de apoio e à sua vivência cultural nesses contextos. Contudo, não deixamos de encarar como relevante a realização futura de estudos detalhados sobre a vivência cultural destas pessoas fora do âmbito institucional. Esta sugestão está assente no pressuposto de que também é importante estudar a forma como os espaços culturais respondem às especificidades das pessoas com DID quando as suas visitas não são programadas, isto é, quais as dinâmicas e os recursos disponíveis no quotidiano de um equipamento cultural para potenciar a qualidade deste atendimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alonso, M.A., & Schalock, R.L. (2010). Últimos avances en el enfoque y concepción de las personas com discapacidad intelectual. *SIGLOCERO*, 41 (4), 7-21.
- Amado, J.; Costa, A. & Crusoé, N. (2014). Análise de Conteúdo. In J. Amado (Org.). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 301-351.
- American Association on Intellectual and Developmental Disabilities. (2019). Definition of Intellectual Disability. Recuperado em 01 dezembro, 2019 de <https://www.aidd.org/intellectual-disability/definition>
- American Psychiatric Association (2014). *DSM - 5 – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*). Virginia: APA.
- APPACDM Coimbra. (s.d.). Quem Somos. Recuperado em 04 janeiro, 2020 de <http://www.appacdmcoimbra.pt/quem-somos/missao-e-visao/>
- APPACDM Coimbra. (s.d.). Respostas. Recuperado em 04 janeiro, 2020 de <http://www.appacdmcoimbra.pt/o-que-temos/respostas/centro-de-atividades-ocupacionais/>
- Aranha, M. (2001, Março). Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. *Revista do Ministério Público do Trabalho*, 21, 160-173. Recuperado de <https://pt.slideshare.net/JuraciConceio/paradigmas-da-relao-da-sociedade-com-as-pessoas-com-deficiencia>
- Assembleia da República (2004). *Lei de bases gerais do regime jurídico da prevenção, habilitação, reabilitação e participação da pessoa com deficiência*. Lei n.º 38/2004 de 18 de agosto.
- Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência - ANACPD (2016a). *A Arte Pertence a Todos – Boas Práticas Artísticas e Culturais*. Lisboa: ANACED.
- Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência - ANACPD (2016b). *As vozes do silêncio - Projeto de Investigação no âmbito da acessibilidade de pessoas com deficiência aos espaços culturais - Relatório Final*. Lisboa: ANACED.

- Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência - ANACPD (2017). *Guia de atendimento a pessoas com necessidades especiais – Acessibilidade Atitudinal em Ambientes Culturais*. Lisboa: ANACED.
- Badia, M., Orgaz, M.B., Verdugo, M.Á., & Ullán, A.M. (2013). Patterns and determinants of leisure participation of youth and adults with developmental disabilities. *JIDR*, 57(4), 319-332. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22404152>
- Bina, E. D. (2009). Museus: Espaços de Comunicação, Interação e Mediação Cultural. In Semedo, A. & Nascimento, E.N. (Eds.) *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume 2 - 2009* (pp. 75-86). Porto: Universidade do Porto.
- Cardoso, E., Santos, S., Silva, F., Teixeira, F., & Silva, T. (2013) Tecnologias Tridimensionais para Acessibilidade em Museus. *SIGraDI*, 444-448. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/301465634_Tecnologias_Tridimensionais_para_Acessibilidade_em_Museus
- Cardoso, E. (2012). Recursos de acessibilidade em ambientes culturais: contextualização e aplicações. In E. Cardoso & J. Cuty. (Orgs), *Acessibilidade em ambientes culturais* (pp. 38-59). Porto Alegre: Marca Visual.
- Carmo, H. & Ferreira, M.M. (2008). *Metodologia da Investigação. Guia para a Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carranca, M.A. (2004). Uma Cultura para a Sociedade do Conhecimento: contributos da cultura para a promoção das cidades como habitats de inovação. *Geoinova*, 10, 77-99. Recuperado de <http://geoinova.fcsh.unl.pt/revistas/files/n10-4.pdf>
- Cavalcante, R.; Calixto, P. & Pinheiro, M. (2014). Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Inf. & Soc: Est.*, João Pessoa, 24 (1), 13-18.
- Chiovatto, M. & Aidar, G. (2014). Inclusion Education in Museums – Case study: Pinacoteca do Estado de São Paulo. *ICOM and Blackwell Publishing Ltd.*, 69-79. Recuperado de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1111/muse.12020>
- Clark, V.L. & Creswell, J. W. (2015). *Understanding Research: A consumer's guide* (2ª Ed.). USA: Pearson Education, Inc.

- Cobigo, V. *et al.* (2016). Social Inclusion: A Proposed Framework to Inform Policy and Service Outcomes Evaluation. *Inclusion*, 4 (4), 226–238. Recuperado de <https://www.aaidjournals.org/doi/abs/10.1352/2326-6988-4.4.226>
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2007). *Research Methods in Education*. New York: Routledge.
- Cohen, R., Duarte, C. & Brasileiro, A. (2012). *Acessibilidade a Museus – Cadernos Museológicos – Volume 2*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus.
- Coimbra Cultura e Congressos – Convento São Francisco. (2020). Missão, Visão e Valores. Recuperado em 04 janeiro 2020, de <http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/missao-visao-e-valores/>
- Coimbra Cultura e Congressos – Convento São Francisco. (2020). Espaços. Recuperado em 04 janeiro 2020, de <http://www.coimbraconvento.pt/pt/espacos/>
- Coimbra Cultura e Congressos – Convento São Francisco. (2020). Projeto Educativo e de Mediação de Públicos. Recuperado em 04 janeiro 2020, de <http://www.coimbraconvento.pt/pt/agenda-cultural/projeto-educativo-e-de-mediacao-de-publicos/>
- Cuadrado, J.T. & Leal, L.E. (2013). Experiencias de Empoderamiento de Personas con Discapacidad Intelectual o del Desarrollo. *SIGLOCERO*, 44 (2), 22-35.
- Dahlgren, P. & Hermes, J. (2015). The Democratic Horizons of the Museum – Citizenship and Culture. In A. Witcomb, K. Message (Ed.) *The International Handbooks of Museum Studies: Museum Theory* (pp.117-138).
- Decreto-lei nº119/83 (1983). *Aprovação do Estatuto das Instituições Particulares de Solidariedade Social*. *Diário da República I Série*. Nº221 (14-11-14). 5882 (13-21).
- Department of Health (2001). *Valuing People – A New Strategie for Learning Disability for the 21st Century*. Recuperado de https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/250877/5086.pdf
- Dias, M. (2010). *Planos de Investigação. Avançando Passo a Passo*. Santa Maria da Feira: Rainho & Neves Lda.
- Eardley, A., Mineiro, C., Neves, J. & Ride, P. (2016, julho). Redefining Access: Embracing multimodality, memorability and shared experience in Museums. *Wiley Periodicals, Inc.* 59 (3). 263-286. Recuperado de

https://www.researchgate.net/publication/305715183_Redefining_Access_Embracing_multimodality_memorability_and_shared_experience_in_Museums

- European Union Agency for Fundamental Rights (2017). *From institutions to community living - Part III: outcomes for persons with disabilities*. Recuperado de <https://fra.europa.eu/en/publication/2017/independent-living-outcomes>
- Fonseca, I., Almeida, B., Roldão, S., Jesus, R., Lopes, J., Santos, S. (2019). O autoconceito na população com Dificuldade Intelectual e Desenvolvidamental (DID) em Portugal: Revisão sistemática. *Análise Psicológica*, 1 (37), 53-70. Recuperado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0870-82312019000100005&lng=pt&nrm=iso
- Fortin, M.F. (1999). *O processo de investigação da conceção à realização*. Loures: Lusociência.
- Fortin, M.F. (2006). *Fundamento e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta.
- Gabinete de Estratégia e Planeamento (2016). *Estatísticas sobre Deficiências ou Incapacidades*. Recuperado em 1 dezembro, 2019 de <http://oddh.iscsp.ulisboa.pt/index.php/pt/2013-04-24-18-50-23/outras-publicacoes/item/281-estat%C3%ADsticas-sobre-defici%C3%AAdncias-ou-incapacidades>
- Guerra, I. C. (2008). Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – sentidos e formas de uso. Cascais: Principia.
- Inclusion Europe (s. d.). *Informação para todos – Regras europeias para fazer informação fácil de ler e de perceber*. Recuperado de <https://www.fenacerci.pt/web/LF/docs/7.pdf>
- Inclusion international (2012). Comunidades inclusivas = comunidades más fuertes – Informe mundial sobre el artículo 19: el derecho a vivir y a ser incluído en la comunidade. Recuperado de <http://inclusion-international.org/wp-content/uploads/2010/05/Global-Report-2012-SPAN-Col-dr3-med.pdf>
- Instituto Nacional para a Reabilitação (2019). *Guia prático – Os direitos das pessoas com deficiência em Portugal*. Lisboa: Simplex+.
- Jimenez, B.G. (2018). O grupo por vir. In Ministério da Cultura e Museu de Arte Moderna de São Paulo (Orgs), *Educação e acessibilidade – Experiências no MAM* (pp.181-190). São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo.

- Leyton, D. (2016). Acesso à cidade e ao direito de ir e vir: qual a real acessibilidade que usufruímos. In Museu das Telecomunicações (Orgs), *Acessibilidades Oi Futuro – Programa Educativo Museu das Telecomunicações* (pp.7-8). Rio de Janeiro: Museu das Telecomunicações.
- Leyton, D. (2018a). Visitas mediadas + Experiências poéticas – A construção de sentido no contacto com a arte. In Ministério da Cultura e Museu de Arte Moderna de São Paulo (Orgs), *Educação e acessibilidade – Experiências no MAM* (pp.18-27). São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- Leyton, D. (2018b). Museus e o bem comum – Cidades visíveis. In Ministério da Cultura e Museu de Arte Moderna de São Paulo (Orgs), *Educação e acessibilidade – Experiências no MAM* (pp.181-190). São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- Licht, F. B. (2012). Acessibilidade e cultura: Por que sim? Por que não?. In E. Cardoso & J. Cuty. (Orgs), *Acessibilidade em ambientes culturais* (pp. 92-107). Porto Alegre: Marca Visual.
- Martins, P.R. (2013, abril). A inclusão social tem influência nas práticas museais? O acesso dos públicos com deficiência. *MIDAS*, 2. Recuperado de <https://journals.openedition.org/midas/246>
- Martins, P.R. (2017). *Museus (In)capacitantes – Deficiência, Incapacidade e Inclusão em Museus de Arte*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Marujo, N. (2014, junho). A cultura, o turismo e o turista: que relação?. *TURyDES – Revista de Turismo y Desarrollo*. 6 (15), p. 1-12.
- Mineiro, C. (2017). *Guia de Boas Práticas de Acessibilidade – Comunicação Inclusiva em Monumentos, Palácios e Museus*. Lisboa: Turismo de Portugal I.P. Direção Geral do Património Cultural.
- Mineiro, C. (Coord.). (2004). *Temas de Museologia – Museus e Acessibilidade*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Miranda, J.M. (2001). *Guía Práctica para la Interpretación del Patrimonio - El arte de acercar el legado natural y cultural al público visitante*. Andalucía: Junta de Andalucía – Consejería de Cultura.
- Monteiro, A.M., Ribeiro, L. & Bahia, S. (2012). Psicologia nos Museus e Museus na Psicologia: Serviço Educativo do Museu Nacional do Azulejo. In Mata, L., Peixoto, F.,

- Silva, J.S. & Monteiro, V. (Orgs), *Actas do 12º Colóquio de Psicologia e Educação* (pp. 1568-1582). Lisboa: ISPA.
- Monteiro, P. (Ed.). (2014). *Psicologia e Psiquiatria da Infância e da Adolescência*. Lisboa: Lidel.
 - Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22 (37), 7-32.
 - Moutinho, A. V. (2001, dezembro). Tirar prazer da obra de arte?. *Mealibra* (9), 227-228.
 - Museu Nacional de Machado de Castro. (2020). Museu. Recuperado em 04 janeiro, 2020 de <http://www.museummachadocastro.gov.pt/pt-PT/museu/ContentList.aspx>
 - Museu Nacional de Machado de Castro. (2020). Coleções. Recuperado em 04 janeiro, 2020 de <http://www.museummachadocastro.gov.pt/pt-PT/coleccoes/ContentList.aspx>
 - Nações Unidas (2006) Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Assembleia Geral das Nações Unidas, 6 dezembro 2006, Resolução A/61/611.
 - Neves, J. (2010a). Museus acessíveis... Museus para todos?!. In M. Santos (Eds.), *Turismo Rural, Territórios e Identidade*. (pp.107-121). Leiria: Edições Afrontamento & IPLeiria.
 - Neves, J. (2010b). Comunicação multi-sensorial em contexto museológico. In A. Semedo, E. Nascimento (Eds), *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, vol.2* (pp. 180-192). Porto: Universidade do Porto.
 - Neves, J. (2017, setembro/dezembro). A comunicação inclusiva na dinamização e preservação do património cultural. *FAEEBA*, 26 (50), 19-33. Recuperado de <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/4452>
 - Nunes, T. (2015). *Centros de Atividades Ocupacionais: uma análise das atividades desenvolvidas* (Dissertação de Mestrado). Politécnico do Porto.
 - Organização Mundial de Saúde (2004). *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde.
 - Pinto, P. & Pinto, T. (2017). *Pessoas com Deficiência em Portugal – Indicadores de Direitos Humanos 2017*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
 - Pinto, P. & Pinto, T. (2018). *Pessoas com Deficiência em Portugal – Indicadores de Direitos Humanos 2018*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

- Quivy, R., & Campenhoudt, L.V. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Paris: Gradiva.
- Reeve, J. & Woollard, V. (2015). Learning, education, and Public Programs in museums and galleries. In C. McCarthy (Ed.), *The International Handbooks of Museum Studies: Museum Practice*, (pp.551-576).
- Rifai, T. (2013). Turismo acessível para todos – Recomendações da OMT. In *Turismo acessível para todos – Recomendações da OMT - 20ª Assembleia Geral – Victoria Falls – Zâmbia/Zimbabwe, 24-29 Ago 2013* (tradução livre do Turismo de Portugal, IP).
- Salasar, D.N. (2019). *Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade*. Pelotas: UFPel.
- Sampieri, R., Callado, C., & Lucio, M. (2013). *Metodologia de pesquisa* (5). Porto Alegre: Penso.
- Sanches, I. (2014). “Sobrevoando” a deficiência: do que os portugueses pensam ao que os políticos fazem. *Interações*, 33, 217-235. Recuperado de <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/6737>
- Santos, S. (2011a). Acessibilidade museológica: consciencialização, adaptação e inclusão – O papel do Museu da Moeda da Fundação Dr. António Cupertino de Miranda. In Museu Municipal de Caminha (Eds), *6ª edição – Conferência Museus e Sociedade 2011*. Recuperado de <http://www.facm.pt/facm/facm/pt/investigacao-documentacao-area-media/documentacao/artigos-publicados/Acessibilidade-Museologica--conscienciaiza--o--ada>
- Santos, S. (2011b). Museus inclusivos: realidade ou utopia. In A. Semedo e P. Costa (Eds.) *Ensaio e práticas em museologia* (pp.306-325). Porto: Universidade do Porto.
- Santos, M., & Souza, P. (2005). *Museologia – Roteiros práticos: Vol. 8. Acessibilidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, S., & Morato, P. (2012). *Comportamento adaptativo – Dez anos depois*. Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Sarraf, V. (2012). Acessibilidade para pessoas com deficiência em espaços culturais e exposições: inovação no design de espaços, comunicação sensorial e eliminação de barreiras atitudinais. In E. Cardoso & J. Cuty. (Orgs), *Acessibilidade em ambientes culturais* (pp.60-79). Porto Alegre: Marca Visual.

- Sarraf, V. (2016). Quais os benefícios da acessibilidade para o público diverso. In Museu das Telecomunicações (Orgs), *Acessibilidades Oi Futuro – Programa Educativo Museu das Telecomunicações* (pp.9-23). Rio de Janeiro: Museu das Telecomunicações.
- Sassaki, R. K. (2009, março/abril). Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, 10-16.
- Sassaki, R. K. (2004, julho/agosto). Pessoas com deficiência e os desafios da inclusão. *Revista Nacional de Reabilitação*. Recuperado de <https://docplayer.com.br/17430776-Pessoas-com-deficiencia-e-os-desafios-da-inclusao.html>
- Schalock, R., & Verdugo, M. (2002). *Handbook on quality of life for human service practitioners*. Washington, DC: American Association on Mental Retardation.
- Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência - SNRIPD (2006). *1º Plano de Acção para a Integração das Pessoas com Deficiências ou Incapacidade*. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- Silva, E.P. (2010). Cultura e desenvolvimento humano – O papel do Estado e da sociedade civil na consolidação da cidadania cultural. *Revista de informação legislativa*, 47 (185), 105-122. Recuperado de <https://pt.scribd.com/document/374086206/Cultura-e-desenvolvimento-pdf>
- Silva, M. (2009). Da Exclusão à Inclusão: Concepções e Práticas. *Revista Lusófona de Educação*, 13, 135-153. Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n13/13a09.pdf>
- Silva, M. & Coelho, F. (2014). Da deficiência mental à dificuldades intelectual e desenvolvimental. *Revista Lusófona da Educação* (26), 163-180.
- Silva, A. & Fossá, M. (2015). Análise de conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s - Revista Eletrônica*, 17 (1).
- Southby, K. (2019). An exploration and proposed taxonomy of leisure-befriending for adults with learning disabilities. *British Journal of Learning Disabilities*, 47, 223-232. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/bld.12282?af=R>
- Tojal, A. (2015, Novembro). Política de Acessibilidade Comunicacional em Museus: para quê e para quem?. *Museologia & Interdisciplinaridade*, IV (7), 190-202. Recuperado de <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16629/11864>

- Umb-Carissón, O. & Sonnander, K. (2005). Comparison of Living Conditions of Adults with Intellectual Disabilities in a Swedish County and in General Population. *Journal of Policy and Practice in Intellectual Disabilities*, 2 (3-4), 240-248. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/229974737_Comparison_of_the_Living_Conditions_of_Adults_with_Intellectual_Disabilities_in_a_Swedish_County_and_in_the_General_Population

- Vala, J. (1986). Análise de Conteúdo. In Silva, A. A & Pinto, J. M. (Eds.). *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento, 101-128.
- Vlachou, M. & Alves, F. (2007). Acessibilidade nos Museus. In J.H. Praça (Eds), *Serviços Educativos na Cultura* (pp.98-107). Porto: Setepés.
- Walters, D., Salovaara, S. (2009). Revisiting the Nordic welfare model; museums and disability in the Nordic countries. *Nordisk Museologi*, 1, 31-43. Recuperado de <https://www.journals.uio.no/index.php/museolog/article/view/3210>
- Wilson, N., Jaques, H., Johnson, A., & Brotherton, M. (2017). From Social Exclusion to Supported Inclusion: Adults with Intellectual Disability Discuss Their Lived Experiences of a Structured Social Group. *JARID*, 30(5), 847-858. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27554436>
- Witso, A.E. & Hauger, B. (2018). 'It's our everyday life' – The perspectives of persons with intellectual disabilities in Norway. *Journal of Intellectual Disabilities*, 20 (10). 1-15. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/29764276>

ANEXOS

Anexo 1 – Parecer positivo da Comissão de Ética do Politécnico de Leiria para a realização do estudo

Anexo 2 – Aprovação da realização do estudo pela APPACDM de Coimbra

Anexo 3 – Aprovação da realização do estudo pelo Museu Nacional de Machado de Castro

Anexo 4 – Aprovação da realização do estudo pelo Convento São Francisco

ANEXO 1 - PARECER POSITIVO DA COMISSÃO DE ÉTICA DO POLITÉCNICO DE LEIRIA PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO



COMISSÃO DE ÉTICA DO POLITÉCNICO DE LEIRIA

PARECER N.º CE/IPLEIRIA/15/2020

Data: 26/02/2020

Título do estudo - "A fruição cultural de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) que frequentam instituições de apoio"

Nome do (s) proponente (s): Ana Catarina Costa dos Santos; Prof.ª Jenny Gil Sousa e Prof.ª Catarina Frade Mangas (orientadoras)

O estudo apresentado tem como objetivo geral potenciar a fruição cultural de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) que frequentam instituições de apoio tendo-se definido os seguintes objetivos específicos: Descrever as necessidades específicas de pessoas com DID no acesso e na fruição de espaços culturais; Descrever as dinâmicas e os recursos utilizados em dois espaços culturais no atendimento a pessoas com DID; Identificar as perceções que os profissionais de dois espaços culturais têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID; Identificar as perceções que os profissionais de uma instituição de apoio têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID; Apresentar práticas que potenciem o acesso e a fruição de pessoas com DID a espaços culturais. -----

Metodologia: A recolha de dados decorrerá entre fevereiro e maio de 2020. -----

A população considerada neste estudo corresponde a pessoas que apresentam o diagnóstico clínico de incapacidade intelectual, com idade superior a 18 anos e com competências comunicativas suficientes para a participação; profissionais da instituição de apoio profissionais de cada um dos espaços culturais considerados (Museu Nacional de Machado de Castro e Convento São Francisco) e profissionais da instituição de apoio selecionada, a APPACDM de Coimbra. -----

Os critérios de inclusão e exclusão estão incluídos no projeto. São apresentados os instrumentos de recolha de dados a realizar aos três tipos de participantes. Dado o tipo de participantes, nomeadamente os que apresentem DID sugere-se que durante a entrevista se tenha em atenção o cansaço dos participantes. -----

A voluntariedade, autonomia e anonimato dos participantes são assegurados através da obtenção dos consentimentos informados e esclarecidos assinados pelos representantes legais das pessoas com DID, assim como dos restantes participantes. Está garantida a destruição das gravações das entrevistas após a elaboração do trabalho. -----

Não estão previstos custos nem danos para os participantes. -----

Atendendo ao exposto a CE é de parecer favorável à realização do estudo. O parecer favorável não dispensa a autorização da APPACDM de Coimbra, assim como do Museu Nacional de Machado de Castro e Convento São Francisco. -----

P'la CE a Presidente



ANEXO 2 - APROVAÇÃO DA REALIZAÇÃO DO ESTUDO PELA APPACDM DE COIMBRA



Ofício

FOLIO

Exma. Senhora
Ana Catarina Santos
anacatarinasantos.tf@gmail.com

Sua Referência:	Sua Comunicação	Nossa Referência	Data
	05/03/2020	15.20CA	09/03/2020

Assunto: Pedido de autorização para a realização da investigação "A fruição cultural de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais que frequentam instituições de apoio"

Exma. Senhora

Vimos por este meio comunicar a recepção do vosso pedido via mail, datado de 05/03/2020, o qual teve o melhor acolhimento da nossa parte.

Face ao projecto apresentado, o qual julgamos deveras interessante para as pessoas com DID, e de acordo com a solicitação é deferido o seu pedido, garantindo a colaboração dos profissionais responsáveis pela coordenação dos Centros de Actividades Ocupacionais da Tocha, Montemor-o-Velho e Arganil.

Com os melhores cumprimentos,

A Presidente da Direcção da APPACDM de Coimbra



ASSOCIÇÃO PORTUGUESA DE PAIS E AMIGOS
(Professora Doutora Helena Maria Almeida)

Rua do Mouro nº 70
3000-050 COIMBRA
www.appacdm.coimbra.pt

Telefone: 229 781 047
Telex: 067 082 750
e-mail: secretaria@appacdm.coimbra.pt

ANEXO 3 - APROVAÇÃO DA REALIZAÇÃO DO ESTUDO PELO MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO



DECLARAÇÃO

O Museu Nacional de Machado de Castro (MNM/C) declara que aceita ser Instituição colaborante no estudo de **Ana Catarina Costa dos Santos**, com o título *"A fruição cultural de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvidas (DID) que frequentam instituições de apoio"*, cujo plano de trabalhos examinei e julgo adequado.

Coimbra, 7 de maio de 2020

A Diretora,

Ana Alcoforado



Largo Dr. José Rodrigues
3000-236 Coimbra
T +351 239 653 670
geral@mnmc.dgpc.pt
mnmc@dgpc.pt
<http://www.mnmachadocastro.gov.pt>

ANEXO 4 - APROVAÇÃO DA REALIZAÇÃO DO ESTUDO PELO CONVENTO SÃO FRANCISCO

Bom dia,

A Divisão de Gestão e Programação do Convento São Francisco da Câmara Municipal de Coimbra, tem o prazer de comunicar que o seu pedido de realização da tese de investigação: "A Fruição Cultural de Pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais que frequentam instituições de apoio", foi autorizado, pela Ex.ª Senhora Vereadora da Cultura da CMC, Doutora Carina Gomes, nos termos propostos.

A equipa do equipamento municipal Convento São Francisco, encontra-se assim ao dispor para colaborar na referida investigação, conforme foi solicitado.
Com os melhores cumprimentos,



Joana Nogueira
Câmara Municipal de Coimbra / D.C.T.
Divisão de Gestão e Programação do Convento São Francisco
Av. da Guarda Inglesa n.º1 A
3040-193 COIMBRA
PORTUGAL
Tel.: 239 857 190 Ext.: 45409
www.coimbraconvento.pt

APÊNDICES

Apêndice 1 – Guiões das entrevistas

Apêndice 2 – Grelha de observação semiestruturada

Apêndice 3 – Cartas de apresentação (Pedidos de autorização para a realização da investigação)

Apêndice 4 – Consentimentos informados

Apêndice 5 – Grelhas de observação preenchidas no contexto das visitas virtuais realizadas aos espaços culturais

Apêndice 6 – Transcrições das entrevistas

Apêndice 7 – Análise de conteúdo das entrevistas

APÊNDICE 1 - GUIÕES DAS ENTREVISTAS

Tema: Fruição cultural de pessoas com DID

Questão de investigação: Como potenciar a fruição cultural de pessoas com DID que frequentam instituições de apoio?

Guião de entrevista semiestruturada – pessoas com DID

Objetivos de investigação selecionados (considerados para o presente guião):

1. Descrever as necessidades específicas de pessoas com DID no acesso e na fruição de espaços culturais.

Caracterização dos entrevistados: Pessoas com DID que frequentam Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra e que participaram anteriormente nas visitas observadas no âmbito desta investigação

Local/Meio da entrevista:

Data da entrevista:

Observações: Dirigir as perguntas dos blocos C e D em dois momentos distintos: um deles após a visita ao Convento São Francisco e o outro após a visita ao Museu Nacional de Machado de Castro.

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
A) Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista e motivar os participantes para a sua realização.	Pontos a abordar nas perguntas desta fase inicial: ○ Clarificar os fundamentos/objetivos da entrevista; ○ Solicitar a colaboração do entrevistado; ○ Obter a sua autorização para a gravação áudio da entrevista; ○ Garantir a confidencialidade do entrevistado (relembrar que foi preenchido o documento de consentimento informado); ○ Clarificar a forma como pretende ser tratado durante a entrevista (ex.: você/tu); ○ Esclarecer o entrevistado de que pode solicitar uma clarificação/reformulação sempre que não compreender uma determinada pergunta; ○ Agradecer a colaboração do entrevistado.	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
B) Caracterização dos entrevistados	Recolher informações gerais sobre os participantes. Recolher informações sobre as experiências de fruição cultural vivenciadas anteriormente.	Pontos a abordar nas perguntas: 1. Idade 2. Contexto familiar (ex.: com quem vive) 3. Tempo de frequência do Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) da APPACDM de Coimbra 4. Que tipo de atividades desenvolve no CAO? 5. Quais são as atividades de lazer de que mais gosta? 6. Costuma visitar espaços culturais, como por exemplo museus, conventos ou palácios? 7. Que sítios deste género conhece? 8. Gostava de ir mais vezes aos espaços culturais? Ou interessa-se mais por outras coisas?	- Área de referência em que está inserido no CAO; - Apoios de que usufrui. - Sítios desse género que conhece; - Onde gosta mais de ir
C) Perceções sobre a(s)	Recolher informações sobre as recordações das	9. No dia (indicar o dia), participou numa visita ao (nome do espaço cultural). O que se lembra dessa visita?	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
visita(s) cultural(ais) realizadas no âmbito desta investigação.	experiências culturais vivenciadas no contexto da investigação.	10. Como é que acha que correu a visita? 11. Do que é que gostou mais? 12. Houve alguma coisa de que não gostou? 13. Gostava de participar em mais visitas deste género?	Porquê?
D) Necessidades sentidas pelas pessoas com DID nas visitas aos espaços culturais considerados.	Recolher informações sobre as necessidades sentidas pelas pessoas com DID no acesso aos espaços culturais e na sua fruição.	14. O que é que achou do (<i>nome do espaço cultural</i>)? 15. Para que é que acha que o (<i>nome do espaço cultural</i>) serve? 16. Como se sentiu durante a visita ao (<i>nome do espaço cultural</i>)? 17. Sentiu alguma dificuldade durante a visita?	- Se sim, conseguiu ultrapassar durante a visita? Como? - Teve ajuda de alguém ou de alguma coisa?

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
		18. O que é que achou das pessoas que o receberam? 19. Há alguma coisa que gostava que tivesse sido diferente nesta visita?	- Como o trataram? - Tiveram em conta as suas necessidades? - Se sim, como? - Como lhe transmitiram as informações? - Se sim, o quê?
E) Finalização da entrevista	Concluir a entrevista e agradecer a colaboração dos participantes.	Pontos a abordar na fase final da entrevista: ○ Gostava de dizer mais alguma coisa em relação a este tema? ○ Agradecer a disponibilidade e a participação do entrevistado;	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
		○ Reforçar que o entrevistado pode ter acesso à gravação e à transcrição da entrevista, caso assim o entenda.	

Guião de entrevista semiestruturada – profissionais da APPACDM de Coimbra

Objetivos de investigação selecionados (considerados para o presente guião):

2. Descrever as necessidades específicas de pessoas com DID no acesso e na fruição de espaços culturais.
3. Identificar as perceções que os profissionais de uma instituição de apoio têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID.

Caracterização dos entrevistados: Profissionais da APPACDM de Coimbra que participaram nas visitas observadas no âmbito desta investigação

Local/Meio da entrevista:

Data da entrevista:

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
A) Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista e motivar os participantes para a sua realização.	Pontos a abordar nas perguntas desta fase inicial: ○ Clarificar os fundamentos/objetivos da entrevista; ○ Clarificar a terminologia utilizada ao longo da entrevista (ex.: DID); ○ Solicitar a colaboração do entrevistado; ○ Obter a sua autorização para a gravação áudio da entrevista; ○ Garantir a confidencialidade do entrevistado (relembrar que foi preenchido o documento de consentimento informado); ○ Agradecer a colaboração do entrevistado.	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
B) Caracterização dos entrevistados	Recolher informações gerais sobre os participantes (dados pessoais e profissionais). Recolher informações sobre a experiência do profissional da APPACDM de Coimbra no trabalho com pessoas com DID.	Pontos a abordar nas perguntas: 1. Habilitações académicas 2. Área de atuação profissional 3. Vínculo com a instituição de apoio 4. Tempo de serviço na instituição de apoio 5. Experiência profissional anterior 6. Descreva-me um pouco do seu trabalho com pessoas com DID na APPACDM de Coimbra.	- Funções, desafios, dificuldades, oportunidades
C) Perceções do profissional sobre a promoção da acessibilidade	Recolher informações sobre: ○ A opinião do profissional sobre o papel da fruição cultural na vida de pessoas sem deficiência.	7. Qual lhe parece ser o papel que a vivência de experiências culturais tem na vida das pessoas em geral?	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
e da fruição cultural de pessoas com DID.	○ A opinião do profissional sobre o papel da fruição cultural na vida de pessoas com DID. ○ A forma como a instituição de apoio	8. Será esse papel diferente no caso das pessoas com DID? Se sim, em que medida? 9. Tendo por base as visitas realizadas no âmbito desta investigação, como é que considera que as pessoas com DID desfrutaram/usufruíram dessas visitas? 10. Se comparar o público com DID com outros públicos, com ou sem deficiência, considera que existem diferenças na forma como desfrutam/usufruem de uma visita a um espaço cultural? Se sim, quais? 11. No contexto da APPACDM de Coimbra, existem dinâmicas ou projetos que	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
	promove a acessibilidade e a fruição cultural. ○ A opinião do profissional sobre possíveis mudanças a implementar (nos espaços culturais e na APPACDM de Coimbra), no sentido de melhorar a acessibilidade e a fruição	tenham o objetivo de promover o acesso das pessoas com DID aos espaços culturais? 12. Na sua opinião, existe a necessidade de efetuar alguma mudança na forma como os espaços culturais (em geral) recebem habitualmente as pessoas com DID? Se sim, em que medida? 13. Considerando especificamente os espaços culturais incluídos nesta	A partir da resposta do profissional, formular novas questões, considerando os seguintes tópicos: - Participação do profissional nos projetos - Dinâmicas consideradas - Usufruto das pessoas com DID

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
	cultural de pessoas com DID.	investigação, tem alguma sugestão de melhoria relativamente à forma como estes promovem a fruição cultural das pessoas com DID? Se sim, qual/quais? 14. Quais os contributos que podem ser dados pelos profissionais da APPACDM de Coimbra no sentido de melhorar a forma como as pessoas com DID acedem e usufruem dos espaços culturais?	- Na preparação das visitas - Na dinamização das visitas - Em dinâmicas realizadas após as visitas
D) Necessidades específicas das pessoas com DID no acesso aos espaços	Recolher informações sobre: ○ As necessidades de adaptação de visitas culturais às características das pessoas com DID, na	15. O que pensa ser necessário ter em consideração numa visita cultural dirigida a pessoas com DID?	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
culturais e na sua fruição.	perspetiva do profissional da APPACDM de Coimbra. ○ As necessidades específicas das pessoas com DID que participaram nas visitas ao espaço cultural, na perspetiva do profissional da APPACDM de Coimbra.	16. Faça um balanço acerca das visitas culturais realizadas no âmbito desta investigação.	A partir da resposta do profissional, formular novas questões, considerando os seguintes tópicos: - Necessidades identificadas ao longo das visitas - Usufruto dos participantes - Experiências mais significativas - Tempo das visitas - Acesso à informação - Acesso ao espaço e sua fruição

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
			- Atendimento realizado pelos profissionais dos espaços culturais - Resposta às necessidades identificadas ao longo da visita - Sugestão de outros materiais/estratégias a implementar
E) Finalização da entrevista	Concluir a entrevista e agradecer a colaboração dos participantes.	Pontos a abordar na fase final da entrevista: ○ Questão: Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática que possa contribuir para a investigação? ○ Agradecer a disponibilidade e a participação do entrevistado;	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
		○ Reforçar que o entrevistado pode ter acesso à gravação e à transcrição da entrevista, caso assim o entenda.	

Guião de entrevista semiestruturada – profissionais dos espaços culturais

Objetivos de investigação selecionados (considerados para o presente guião):

4. Descrever as necessidades específicas de pessoas com DID no acesso e na fruição de espaços culturais.
5. Descrever as dinâmicas e os recursos utilizados em dois espaços culturais no atendimento a pessoas com DID.
6. Identificar as perceções que os profissionais de dois espaços culturais têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID.

Caracterização dos entrevistados: Profissionais dos espaços culturais que participaram nas visitas observadas no âmbito desta investigação

Local/Meio da entrevista:

Data da entrevista:

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
A) Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista e motivar os participantes para a sua realização.	Pontos a abordar nas perguntas desta fase inicial: ○ Clarificar os fundamentos/objetivos da entrevista; ○ Clarificar a terminologia utilizada ao longo da entrevista (ex.: DID); ○ Solicitar a colaboração do entrevistado; ○ Obter a sua autorização para a gravação áudio da entrevista; ○ Garantir a confidencialidade do entrevistado (relembrar que foi preenchido o documento de consentimento informado); ○ Agradecer a colaboração do entrevistado.	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
B) Caracterização dos entrevistados	Recolher informações gerais sobre os participantes (dados pessoais e profissionais). Recolher informações sobre as experiências anteriores do profissional no contacto com o público com DID.	Pontos a abordar nas perguntas: 1. Habilitações académicas 2. Área de atuação profissional 3. Vínculo com a instituição cultural 4. Tempo de serviço na instituição cultural 5. Experiência profissional anterior 6. Antes das visitas realizadas no contexto desta investigação, já tinha tido contacto com pessoas com DID em contexto cultural? Se sim, pode falar-me um pouco dessas experiências?	
C) Necessidades específicas das pessoas com	Recolher informações sobre: ○ As ideias gerais do profissional sobre as	7. Considera que existe a necessidade de adaptar o espaço cultural onde	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
DID no acesso ao espaço cultural e na sua fruição.	necessidades de adaptação dos espaços culturais às características de pessoas com DID. ○ As necessidades identificadas pelo profissional na preparação e dinamização de visitas culturais para pessoas com DID. ○ As necessidades específicas das pessoas com DID que participaram nas visitas ao espaço	trabalha às características/ especificidades das pessoas com DID? Se sim, em que medida? 8. O que considera necessário ter em consideração quando se preparam e dinamizam visitas culturais dirigidas a pessoas com DID? 9. Faça um balanço acerca das visitas culturais realizadas no âmbito desta investigação.	A partir da resposta do profissional, formular novas questões, considerando os seguintes tópicos:

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
	cultural, na perspetiva do profissional.		- Necessidades identificadas ao longo das visitas - Usufruto dos participantes - Experiências mais significativas - Tempo das visitas - Acesso à informação - Acesso ao espaço e sua fruição - Resposta às necessidades identificadas ao longo da visita
D) Dinâmicas utilizadas no atendimento às pessoas com DID (recursos	Recolher informações sobre: ○ Os recursos humanos disponíveis no espaço cultural para o	10. Pode explicar-me de que forma o <i>(nome do espaço cultural onde o profissional exerce funções)</i> organiza e	A partir da resposta do profissional, formular novas questões, considerando os seguintes tópicos:

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
humanos, materiais e estratégias adotadas)	atendimento das pessoas com DID.	prepara os seus profissionais para o atendimento de pessoas com DID?	- Áreas de formação e de atuação dos profissionais envolvidos - Formação complementar para o atendimento a pessoas com DID (iniciativa do espaço cultural/do profissional) - Modo como o espaço cultural convoca/organiza os seus profissionais quando recebe a visita de pessoas com DID (considerar visitas marcadas previamente e visitas não agendadas)

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
	Os recursos materiais utilizados pelo profissional no decurso das visitas.	11. Utilizou algum tipo de materiais de apoio no decorrer das visitas realizadas no âmbito desta investigação? Sim, pode falar-me um pouco sobre eles?	- Materiais criados especificamente para público com DID/ materiais de apoio às visitas do público em geral - Motivos para a criação/ utilização dos materiais considerados - Outros materiais existentes, mas não utilizados neste contexto - Forma como os materiais utilizados contribuíram para a qualidade da visita - Sugestão de novos materiais a introduzir

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
	○ As estratégias a que o profissional recorreu para potenciar a fruição cultural das pessoas com DID.	12. A que estratégias recorreu durante as visitas para ajudar as pessoas com DID a usufruírem do (<i>nome do espaço cultural</i>)?	- Utilização anterior ou apenas iniciada no contexto desta investigação - Importância/ efeito das estratégias na qualidade das visitas - Efeito na compreensão da informação transmitida - Fruição das pessoas com DID sem as estratégias referidas - Sugestão de novas estratégias a introduzir
E) Perceções do profissional sobre a promoção da	Recolher informações sobre: ○ A opinião do profissional sobre o papel da fruição	13. Qual lhe parece ser o papel da vivência e da fruição cultural na vida das pessoas em geral?	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
acessibilidade e da fruição cultural de pessoas com DID.	cultural na vida de pessoas sem deficiência. ○ A opinião do profissional sobre o papel da fruição na vida de pessoas com DID. ○ A opinião do profissional sobre possíveis mudanças a implementar (nos espaços culturais em	14. Será esse papel diferente no caso das pessoas com DID? Se sim, em que medida? 15. Se comparar o público com DID com outros públicos, com ou sem deficiência, considera que existem diferenças na forma como desfrutam/ usufruem de uma visita a um espaço cultural? Se sim, quais? 16. Na sua opinião, existe a necessidade de efetuar alguma mudança na forma como os espaços culturais (em geral)	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
	geral e no seu contexto de trabalho em específico) no sentido de melhorar a acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID. ○ A opinião do profissional sobre o papel dos profissionais das instituições de apoio na preparação/dinamização das visitas.	recebem habitualmente as pessoas com DID? Se sim, em que medida? 17. Pensando especificamente no espaço cultural onde trabalha, há algum aspeto do atendimento a pessoas com DID que gostasse de ver alterado? Se sim, em que medida? 18. Quais os contributos que espera da parte dos profissionais que acompanham as pessoas com DID em instituições de apoio como a APPACDM de Coimbra quando prepara e/ou dinamiza este tipo de visitas?	- Na preparação das visitas - Na dinamização das visitas - Em dinâmicas realizadas após as visitas
F) Finalização da entrevista	Concluir a entrevista e agradecer a colaboração dos participantes.	Pontos a abordar na fase final da entrevista: ○ Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
		que possa contribuir para a investigação? ○ Agradecer a disponibilidade e a participação do entrevistado; ○ Reforçar que o entrevistado pode ter acesso à gravação e à transcrição da entrevista, caso assim o entenda.	

Guião de entrevista semiestruturada – Diretor do espaço cultural

Objetivos de investigação selecionados (considerados para o presente guião):

7. Descrever as necessidades específicas de pessoas com DID no acesso e na fruição de espaços culturais.
8. Descrever as dinâmicas e os recursos utilizados em dois espaços culturais no atendimento a pessoas com DID.
9. Identificar as perceções que os profissionais de dois espaços culturais têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID.

Caracterização dos entrevistados: Diretores dos espaços culturais

Local/Meio da entrevista:

Data da entrevista:

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
A) Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista e motivar os participantes para a sua realização.	Pontos a abordar nas perguntas desta fase inicial: ○ Clarificar os fundamentos/objetivos da entrevista; ○ Clarificar a terminologia utilizada ao longo da entrevista (ex.: DID); ○ Solicitar a colaboração do entrevistado; ○ Obter a sua autorização para a gravação áudio da entrevista; ○ Garantir a confidencialidade do entrevistado (relembrar que foi preenchido o documento de consentimento informado); ○ Agradecer a colaboração do entrevistado.	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
B) Caracterização do espaço cultural	Recolher informações sobre a caracterização e o funcionamento do espaço cultural.	1. Gostaria que me falasse um pouco sobre as características gerais do espaço cultural. 2. Pode descrever-me a forma de funcionamento do espaço cultural?	A partir das respostas, formular novas questões, considerando os seguintes tópicos: - Missão e objetivos do espaço cultural - Tempo de existência - Tipologia e temática das coleções - Entidade que o dirige - Número de colaboradores - Diferentes funções dos colaboradores - Projetos existentes - Parcerias/colaboração interinstitucional

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
C) Políticas de acessibilidade do MNMC	Recolher informações sobre as políticas e projetos de acessibilidade existentes no espaço cultural.	1. Na sua opinião, como se situa este espaço cultural ao nível da acessibilidade relativamente ao panorama nacional? 2. Como caracteriza a acessibilidade neste espaço cultural? 3. Existe algum projeto na área da acessibilidade? Se sim, qual/quais? Pode descrevê-los um pouco?	- Dimensões da acessibilidade consideradas
D) Acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID no espaço cultural	Recolher informações sobre as dinâmicas de promoção da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID no espaço cultural.	4. De que forma é que este espaço cultural considera a acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID?	A partir das respostas, formular novas questões, considerando os seguintes tópicos: - Projetos específicos no atendimento a pessoas com DID

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
			- Parcerias/colaboração interinstitucional - Dados sobre a participação de pessoas com DID em visitas ao espaço cultural - Feedback sobre a importância da participação de pessoas com DID em visitas culturais no espaço cultural - Formação específica no atendimento a pessoas com DID
E) Finalização da entrevista	Concluir a entrevista e agradecer a colaboração dos participantes.	Pontos a abordar na fase final da entrevista: ○ Há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática que possa contribuir para a investigação?	

Designação dos Blocos	Objetivos	Formulário de questões	Outros tópicos
		○ Agradecer a disponibilidade e a participação do entrevistado; ○ Reforçar que o entrevistado pode ter acesso à gravação e à transcrição da entrevista, caso assim o entenda.	

APÊNDICE 2 - GRELHA DE OBSERVAÇÃO SEMIESTRUTURADA

Tema: Fruição cultural de pessoas com DID

Questão de investigação: Como potenciar a fruição cultural de pessoas com DID que frequentam instituições de apoio?

Objetivos de investigação selecionados (considerados para a presente grelha):

10. Descrever as necessidades específicas de pessoas com DID no acesso e na fruição de espaços culturais.
11. Descrever as dinâmicas e os recursos utilizados em dois espaços culturais no atendimento a pessoas com DID.

Espaço cultural considerado: _____

Data da visita: _____

1. Participantes na visita:

- Número de participantes com DID: _____
- Número de profissionais do espaço cultural: _____
- Número de profissionais da APPACDM de Coimbra: _____

2. Esquema da visita (ex.: ambiente visitado dentro do espaço cultural; descrição dos objetos culturais explorados no decurso da visita)

3. Formas de exploração do ambiente (ex.: os participantes percorrem um determinado espaço ou vão sentar-se junto a um ou mais objetos culturais?)

4. Preparação dos profissionais do espaço cultural (Os profissionais tiveram acesso a informação prévia sobre os participantes da visita? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido.)

5. Preparação dos profissionais da APPACDM de Coimbra (Os profissionais tiveram acesso a informação sobre o conteúdo da visita antes da sua realização? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido)

6. Registo do desempenho e das necessidades das pessoas com DID no acesso e na fruição cultural no contexto analisado

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
Conceptual (competências relacionadas com a memória, linguagem, leitura e escrita, raciocínio matemático, resolução de problemas, aquisição de conhecimento prático, etc.)	
Social (competências relacionadas com a empatia, a comunicação interpessoal e o discernimento, etc.)	
Prático (competências de aprendizagem e de	

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
autogestão nos contextos naturais – cuidados pessoais, responsabilidade, regulação dos comportamentos, etc.)	

7. Dinâmicas utilizadas no contexto da visita

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
Estruturação inicial (transmissão de instruções aos visitantes para os preparar para a experiência)			
Uso de perguntas para estimular a participação dos visitantes, antes da explicação dos conteúdos da visita			
Resposta aos contributos dos visitantes, efetuando a ligação com os conteúdos da visita			
Uso de linguagem clara e simples			
Uso de linguagem adequada à faixa etária dos visitantes			

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
Uso de perguntas para obter esclarecimentos acerca da compreensão da mensagem			
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa assimilar a informação			
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa responder às perguntas/solicitações ao longo da visita			
Atenção individualizada a cada visitante			
Utilização de diferentes formas de perceção sensorial para transmitir e aceder à informação			
Promoção da participação em atividades lúdicas/práticas			
Promoção do contacto direto com os objetos explorados no decurso da visita			
Ligação entre os conteúdos explorados na visita e a vida dos participantes			
Recurso a materiais de apoio com linguagem adaptada			

8. Técnicas utilizadas para potenciar a participação dos visitantes

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
Convite à participação • Tocar/utilizar os objetos culturais ou outros instrumentos			
Provocação • Transmissão de perguntas que provoquem o público • Utilização de objetos que provoquem o público			
Relevância para o indivíduo (referência ao quotidiano dos visitantes)			
Utilização de sequências (gestão do grau de expectativas dos visitantes ao longo da visita)			
Utilização de imagens a ilustrar a informação oral			
Criação de um cenário de interpretação do contexto histórico analisado			

9. Recursos utilizados para potenciar a acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID:

Recursos	Sim	Não	Outras notas
Textos em leitura fácil			
Textos com apoio pictográfico			

Recursos	Sim	Não	Outras notas
Esquemas táteis			
Outros materiais de apoio (especificar)			
Visitas guiadas/mediação acessível			
Encenações teatrais/mimetização			

Outras observações:

APÊNDICE 3 - CARTAS DE APRESENTAÇÃO (PEDIDOS DE AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO)

CARTA DE APRESENTAÇÃO E DE PEDIDO DE COLABORAÇÃO

Coimbra, 5 de março de 2020

ASSUNTO: Pedido de autorização para a realização da investigação “A fruição cultural de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais que frequentam instituições de apoio”, na instituição que dirige

Exma. Presidente da Direção da APPACDM de Coimbra:

O meu nome é Ana Catarina Santos, sou terapeuta da fala e encontro-me a desenvolver uma dissertação no âmbito do Mestrado em Comunicação Acessível da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, sob a orientação da Professora Doutora Jenny Sousa e da Professora Doutora Catarina Mangas.

As pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) apresentam com frequência dificuldades no acesso aos espaços culturais e na sua fruição, por questões relacionadas com as suas necessidades específicas e com as respostas dos espaços culturais relativamente a essas necessidades.

Neste seguimento, o presente estudo pretende conhecer as necessidades das pessoas com DID no acesso e na fruição cultural, bem como as dinâmicas utilizadas nos espaços culturais no atendimento a este público. Visa também identificar as perceções que os profissionais dos espaços culturais e das instituições de apoio apresentam sobre a promoção da acessibilidade dos espaços às pessoas com DID e, finalmente, apresentar práticas que potenciem o acesso e a fruição destas pessoas nos espaços culturais considerados.

O estudo corresponderá à realização de visitas, registadas em vídeo, de três grupos de dez pessoas com DID que frequentam os Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra (de Arganil, da Tocha e de Montemor-o-Velho). Cada grupo irá

efetuar duas visitas a espaços culturais de Coimbra: uma delas ao Museu Nacional de Machado de Castro e a outra ao Convento de São Francisco. Prevê-se que as visitas tenham início no presente mês de março de 2020. Serão igualmente realizadas entrevistas às pessoas com DID que participarem nas visitas e aos profissionais dos Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra que os acompanharem, sendo efetuado um registo áudio. Prevê-se que as referidas entrevistas se realizem em datas posteriores às visitas.

Atendendo às informações descritas, venho solicitar a V. Ex.^a a colaboração e autorização para a implementação destes procedimentos na instituição que dirige. Esta colaboração é essencial para a elaboração da dissertação de mestrado mencionada, apresentando-se também como um contributo importante para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID.

Destaco, por fim, que, no presente estudo, serão salvaguardados todos os direitos de confidencialidade, de anonimato e de participação voluntária, assegurada pelo consentimento fornecido por cada um dos envolvidos.

Agradeço a sua colaboração para a realização desta investigação, encontrando-me ao dispor para qualquer esclarecimento adicional e, se necessário, para o agendamento de uma reunião presencial.

Atenciosamente,

Ana Catarina Santos

Endereço de e-mail:

Contacto telefónico:

CARTA DE APRESENTAÇÃO E DE PEDIDO DE COLABORAÇÃO

Coimbra, 5 de março de 2020

ASSUNTO: Pedido de autorização para a realização da investigação “A fruição cultural de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais que frequentam instituições de apoio”, na instituição que dirige

Exma. Diretora do Museu Nacional de Machado de Castro:

O meu nome é Ana Catarina Santos, sou terapeuta da fala e encontro-me a desenvolver uma dissertação no âmbito do Mestrado em Comunicação Acessível da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, sob a orientação da Professora Doutora Jenny Sousa e da Professora Doutora Catarina Mangas.

As pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) apresentam com frequência dificuldades no acesso aos espaços culturais e na sua fruição, por questões relacionadas com as suas necessidades específicas e com as respostas dos espaços culturais relativamente a essas necessidades.

Neste seguimento, o presente estudo pretende conhecer as necessidades das pessoas com DID no acesso e na fruição cultural, bem como as dinâmicas utilizadas nos espaços culturais no atendimento a este público. Visa também identificar as perceções que os profissionais dos espaços culturais e das instituições de apoio apresentam sobre a promoção da acessibilidade dos espaços às pessoas com DID e, finalmente, apresentar práticas que potenciem o acesso e a fruição destas pessoas nos espaços culturais considerados.

O estudo corresponderá à realização de visitas, registadas em vídeo, de três grupos de dez pessoas com DID que frequentam os Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra, ao Museu Nacional de Machado de Castro. Prevê-se que as visitas tenham início no presente mês de 2020. Serão igualmente realizadas entrevistas às pessoas com DID que participarem nas visitas e aos profissionais do Museu Nacional

de Machado de Castro que os acompanhem no local, sendo efetuado um registo áudio. Prevê-se que as referidas entrevistas se realizem em datas posteriores às visitas. Atendendo às informações descritas, venho solicitar a V. Ex.^a a colaboração e autorização para a implementação destes procedimentos na instituição que dirige. Esta colaboração é essencial para a elaboração da dissertação de mestrado mencionada, apresentando-se também como um contributo importante para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID.

Destaco, por fim, que, no presente estudo, serão salvaguardados todos os direitos de confidencialidade, de anonimato e de participação voluntária, assegurada pelo consentimento fornecido por cada um dos profissionais envolvidos.

Agradeço a sua colaboração para a realização desta investigação, encontrando-me ao dispor para qualquer esclarecimento adicional e, se necessário, para o agendamento de uma reunião presencial.

Atenciosamente,

Ana Catarina Santos

Endereço de e-mail:

Contacto telefónico:

CARTA DE APRESENTAÇÃO E DE PEDIDO DE COLABORAÇÃO

Coimbra, 5 de março de 2020

ASSUNTO: Pedido de autorização para a realização da investigação “A fruição cultural de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais que frequentam instituições de apoio”, na instituição que dirige

Exmo. Responsável pelo Projeto Educativo e de Mediação de Públicos da Câmara Municipal de Coimbra para o Convento São Francisco:

O meu nome é Ana Catarina Santos, sou terapeuta da fala e encontro-me a desenvolver uma dissertação no âmbito do Mestrado em Comunicação Acessível da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, sob a orientação da Professora Doutora Jenny Sousa e da Professora Doutora Catarina Mangas.

As pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) apresentam com frequência dificuldades no acesso aos espaços culturais e na sua fruição, por questões relacionadas com as suas necessidades específicas e com as respostas dos espaços culturais relativamente a essas necessidades.

Neste seguimento, o presente estudo pretende conhecer as necessidades das pessoas com DID no acesso e na fruição cultural, bem como as dinâmicas utilizadas nos espaços culturais no atendimento a este público. Visa também identificar as perceções que os profissionais dos espaços culturais e das instituições de apoio apresentam sobre a promoção da acessibilidade dos espaços às pessoas com DID e, finalmente, apresentar práticas que potenciem o acesso e a fruição destas pessoas nos espaços culturais considerados.

O estudo corresponderá à realização de visitas, registadas em vídeo, de três grupos de dez pessoas com DID que frequentam os Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra, ao Convento São Francisco. Prevê-se que as visitas tenham início no presente mês de março de 2020. Serão igualmente realizadas entrevistas às pessoas com DID que participarem nas visitas e aos profissionais do Convento São Francisco que

os acompanharem no local, sendo efetuado um registo áudio. Prevê-se que as referidas entrevistas se realizem em datas posteriores às visitas.

Atendendo às informações descritas, venho solicitar a V. Ex.^a a colaboração e autorização para a implementação destes procedimentos na instituição que dirige. Esta colaboração é essencial para a elaboração da dissertação de mestrado mencionada, apresentando-se também como um contributo importante para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID.

Destaco, por fim, que, no presente estudo, serão salvaguardados todos os direitos de confidencialidade, de anonimato e de participação voluntária, assegurada pelo consentimento fornecido por cada um dos profissionais envolvidos.

Agradeço a sua colaboração para a realização desta investigação, encontrando-me ao dispor para qualquer esclarecimento adicional e, se necessário, para o agendamento de uma reunião presencial.

Atenciosamente,

Ana Catarina Santos

Endereço de e-mail:

Contacto telefónico:

APÊNDICE 4 - CONSENTIMENTOS INFORMADOS

CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA A PARTICIPAÇÃO NUM ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO

(Profissionais da APPACDM de Coimbra)

O presente documento pretende transmitir-lhe os dados mais relevantes acerca de um estudo de investigação, de modo a poder obter o seu consentimento para a participação voluntária no mesmo. Peço-lhe que leia o documento e, se concordar, que assine o consentimento informado.

TÍTULO DO ESTUDO: “A Fruição Cultural de Pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) que frequentam Instituições de apoio”

O meu nome é Ana Catarina Santos, sou terapeuta da fala e estudante do Mestrado em Comunicação Acessível da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria. Encontro-me a desenvolver um estudo no domínio da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID), sob a orientação da Professora Doutora Jenny Sousa e da Professora Doutora Catarina Mangas.

O presente estudo pretende alcançar os seguintes objetivos: 1) Descrever as necessidades específicas de pessoas com DID no acesso e na fruição de espaços culturais; 2) Descrever as dinâmicas e os recursos utilizados em dois espaços culturais no atendimento a pessoas com DID; 3) Identificar as perceções que os profissionais de dois espaços culturais têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID; 4) Identificar as perceções que os profissionais de uma instituição de apoio têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID; 5) Apresentar práticas que potenciem o acesso e a fruição de pessoas com DID a espaços culturais.

Nesta investigação, serão observadas e filmadas visitas de pessoas com DID, que frequentam Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra, a espaços culturais de Coimbra, acompanhadas por profissionais da instituição mencionada. Prevê-se que cada visita tenha uma duração máxima de 2 horas. Também serão realizadas entrevistas às pessoas com DID, aos profissionais dos espaços culturais e aos profissionais da APPACDM de Coimbra, que serão registadas em áudio. Cada entrevista terá a duração aproximada de 30 minutos.

Os dados recolhidos serão usados exclusivamente para o estudo aqui descrito e para a sua divulgação científica, sendo garantido o anonimato de todos os participantes. Ao longo de todo o processo, serão assegurados os princípios da beneficência e da não maleficência. A participação no estudo é voluntária e, nesse sentido, pode ser interrompida a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo.

Encontro-me disponível para o esclarecimento de qualquer dúvida que possa surgir antes, durante e após a concretização do estudo.

A investigadora,

Ana Catarina Santos

Endereço de e-mail:

Contacto telefónico:

Nota: Peço-lhe que devolva esta folha, podendo guardar as duas primeiras, a título informativo.

Por favor, leia com atenção a informação que se segue. Se considerar que algo não está correto ou claro, solicite mais informações. Se concordar com o que lhe é proposto, peço-lhe que assine o documento.

CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

(Profissionais da APPACDM de Coimbra)

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram transmitidas pela investigadora. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer momento, recusar a participação neste estudo. Deste modo, aceito participar no estudo “A Fruição Cultural de Pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) que frequentam Instituições de apoio” e autorizo a utilização dos dados recolhidos para fins científicos e de divulgação do estudo, fornecidos voluntariamente e tendo garantias de confidencialidade e anonimato da parte da investigadora.

Assinatura do participante:

Data: ____/____/____

CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE

PARA A PARTICIPAÇÃO NUM ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO

(Profissionais dos espaços culturais)

O presente documento pretende transmitir-lhe os dados mais relevantes acerca de um estudo de investigação, de modo a poder obter o seu consentimento para a participação voluntária no mesmo. Peço-lhe que leia o documento e, se concordar, que assine o consentimento informado.

TÍTULO DO ESTUDO: “A Fruição Cultural de Pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) que frequentam Instituições de apoio”

O meu nome é Ana Catarina Santos, sou terapeuta da fala e estudante do Mestrado em Comunicação Acessível da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria. Encontro-me a desenvolver um estudo no domínio da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID), sob a orientação da Professora Doutora Jenny Sousa e da Professora Doutora Catarina Mangas.

O presente estudo pretende alcançar os seguintes objetivos: 1) Descrever as necessidades específicas de pessoas com DID no acesso e na fruição de espaços culturais; 2) Descrever as dinâmicas e os recursos utilizados em dois espaços culturais no atendimento a pessoas com DID; 3) Identificar as perceções que os profissionais de dois espaços culturais têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID; 4) Identificar as perceções que os profissionais de uma instituição de apoio têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID; 5) Apresentar práticas que potenciem o acesso e a fruição de pessoas com DID a espaços culturais.

Nesta investigação, serão observadas e filmadas visitas de pessoas com DID, que frequentam Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra, a espaços

culturais de Coimbra, acompanhadas por profissionais da instituição mencionada. Prevê-se que cada visita tenha uma duração máxima de 2 horas.

Também serão realizadas entrevistas às pessoas com DID, aos profissionais dos espaços culturais e aos profissionais da APPACDM de Coimbra, que serão registadas em áudio. Cada entrevista terá a duração aproximada de 30 minutos.

Os dados recolhidos serão usados exclusivamente para o estudo aqui descrito e para a sua divulgação científica, sendo garantido o anonimato de todos os participantes. Ao longo de todo o processo, serão assegurados os princípios da beneficência e da não maleficência. A participação no estudo é voluntária e, nesse sentido, pode ser interrompida a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo.

Encontro-me disponível para o esclarecimento de qualquer dúvida que possa surgir antes, durante e após a concretização do estudo.

A investigadora,

Ana Catarina Santos

Endereço de e-mail:

Contacto telefónico:

Nota: Peço-lhe que devolva esta folha, podendo guardar as duas primeiras, a título informativo.

Por favor, leia com atenção a informação que se segue. Se considerar que algo não está correto ou claro, solicite mais informações. Se concordar com o que lhe é proposto, peço-lhe que assine o documento.

CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

(Profissionais dos espaços culturais)

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram transmitidas pela investigadora. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer momento, recusar a participação neste estudo. Deste modo, aceito participar no estudo “A Fruição Cultural de Pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) que frequentam Instituições de apoio” e autorizo a utilização dos dados recolhidos para fins científicos e de divulgação do estudo, fornecidos voluntariamente e tendo garantias de confidencialidade e anonimato da parte da investigadora.

Assinatura do participante:

Data: ____/____/____

**CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE
PARA A PARTICIPAÇÃO NUM ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO**

(Responsável legal de Pessoa com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais)

O presente documento pretende transmitir-lhe os dados mais relevantes acerca de um estudo de investigação, de modo a poder obter o seu consentimento para a participação voluntária no mesmo. Peço-lhe que leia o documento e, se concordar, que assine o consentimento informado.

TÍTULO DO ESTUDO: “A Fruição Cultural de Pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) que frequentam Instituições de apoio”

O meu nome é Ana Catarina Santos, sou terapeuta da fala e estudante do Mestrado em Comunicação Acessível da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria. Encontro-me a desenvolver um estudo no domínio da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID), sob a orientação da Professora Doutora Jenny Sousa e da Professora Doutora Catarina Mangas.

O presente estudo pretende alcançar os seguintes objetivos: 1) Descrever as necessidades específicas de pessoas com DID no acesso e na fruição de espaços culturais; 2) Descrever as dinâmicas e os recursos utilizados em dois espaços culturais no atendimento a pessoas com DID; 3) Identificar as perceções que os profissionais de dois espaços culturais têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID; 4) Identificar as perceções que os profissionais de uma instituição de apoio têm acerca da fruição cultural de pessoas com DID; 5) Apresentar práticas que potenciem o acesso e a fruição de pessoas com DID a espaços culturais.

Nesta investigação, serão observadas e filmadas visitas de pessoas com DID, que frequentam Centros de Atividades Ocupacionais da APPACDM de Coimbra, a espaços

culturais de Coimbra, acompanhadas por profissionais da instituição mencionada. Prevê-se que cada visita tenha uma duração máxima de 2 horas.

Também serão realizadas entrevistas às pessoas com DID, aos profissionais dos espaços culturais e aos profissionais da APPACDM de Coimbra, que serão registadas em áudio. Cada entrevista terá a duração aproximada de 30 minutos.

Os dados recolhidos serão usados exclusivamente para o estudo aqui descrito e para a sua divulgação científica, sendo garantido o anonimato de todos os participantes. Ao longo de todo o processo, serão assegurados os princípios da beneficência e da não maleficência. A participação no estudo é voluntária e, nesse sentido, pode ser interrompida a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo.

Para facilitar o entendimento do conteúdo do documento de consentimento informado por parte das pessoas com DID, será utilizada uma versão em leitura fácil, garantindo, deste modo, que os participantes terão acesso a informações adequadas à sua capacidade de compreensão.

Encontro-me disponível para o esclarecimento de qualquer dúvida que possa surgir antes, durante e após a concretização do estudo.

A investigadora,
Ana Catarina Santos

Endereço de e-mail:

Contacto telefónico:

Nota: Peço-lhe que devolva esta folha, podendo guardar as duas primeiras, a título informativo.

Por favor, leia com atenção a informação que se segue. Se considerar que algo não está correto ou claro, solicite mais informações. Se concordar com o que lhe é proposto, peço-lhe que assine o documento.

CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

(Responsável legal de Pessoa com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais)

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram transmitidas pela investigadora. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer momento, recusar a participação da pessoa pela qual sou legalmente responsável neste estudo. Deste modo, aceito que a pessoa da qual sou tutor, no âmbito da interdição, participe no estudo “A Fruição Cultural de Pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) que frequentam Instituições de apoio”, (considerando a sua vontade expressa de participação) e autorizo a utilização dos dados recolhidos para fins científicos e de divulgação do estudo, fornecidos voluntariamente e tendo garantias de confidencialidade e anonimato da parte da investigadora.

Nome do participante: _____

Assinatura do seu responsável legal: _____

Data: ____/____/____

Documento para autorizar a sua participação num estudo

(Consentimento informado em leitura fácil, para pessoas com DID)



Há pessoas que estão nas escolas e nas universidades a estudar assuntos que lhes interessam.

Esses assuntos costumam ser importantes para a sociedade.



Eu sou a Ana Catarina Santos.

Sou terapeuta da fala.

Também sou estudante num curso de mestrado.



O curso de mestrado chama-se Comunicação Acessível e pertence à Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria.



Este documento serve para o ajudar a perceber qual é o estudo que eu estou a realizar.



Depois desta explicação, vai ser convidado a participar neste estudo.

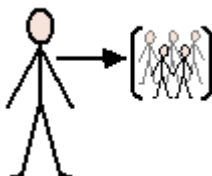
Não é obrigado a participar neste estudo.

Pode escolher participar ou não participar.



Peço-lhe que leia este documento.

Se concordar em participar neste estudo, deve assinar este documento no final.



Estou a fazer um estudo sobre a participação das pessoas com dificuldades intelectuais em espaços culturais.



Um espaço cultural é um sítio que as pessoas visitam nos seus tempos de lazer.

Pode ser, por exemplo, um museu ou um convento.



Neste estudo, eu quero saber como é que as pessoas com dificuldades intelectuais participam nas visitas aos espaços culturais.



E quero saber quais são os materiais e as atividades que existem para estas pessoas.



Também quero perceber o que é que as pessoas que trabalham nos espaços culturais e as pessoas que trabalham nesta instituição pensam sobre estas visitas.



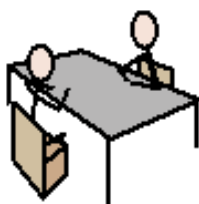
No final do estudo, quero apresentar ideias para melhorar as visitas das pessoas com dificuldades intelectuais aos espaços culturais.



Para fazer este estudo, preciso de filmar as visitas.



As visitas vão demorar, no máximo, 2 horas.



Também preciso de fazer entrevistas às pessoas com dificuldades intelectuais, às pessoas que trabalham nos espaços culturais e às pessoas que trabalham na APPACDM de Coimbra.



As entrevistas vão demorar cerca de trinta minutos.



O som das entrevistas vai ser gravado.



Peço-lhe que me diga se quer participar.



Só eu é que vou saber quem é que vai participar neste estudo.



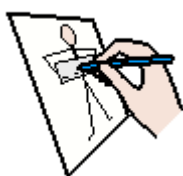
Pode desistir quando quiser.



A sua vontade e o seu bem-estar vão ser respeitados, em todos os momentos deste estudo.



Se tiver alguma dúvida sobre este estudo, pode perguntar-me.



Se quiser participar neste estudo, deve ler ou ouvir o que aqui está escrito e assinar o documento da próxima página.

Consentimento do participante



Eu li (ou ouvi o que está escrito) e percebi o documento.



Explicaram-me que posso desistir deste estudo quando quiser.



Eu quero participar neste estudo.



Eu aceito que as minhas gravações sejam usadas neste estudo.



Explicaram-me que ninguém vai saber que participei neste estudo.

Explicaram-me que ninguém vai saber aquilo que eu disse e aquilo que eu fiz neste estudo.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

**APÊNDICE 5 - GRELHAS DE OBSERVAÇÃO PREENCHIDAS NO CONTEXTO
DAS VISITAS VIRTUAIS REALIZADAS AOS ESPAÇOS CULTURAIS**

VISITA 1

Espaço cultural considerado: Museu Nacional de Machado de Castro

Centro de Atividades Ocupacionais considerado: Montemor-o-Velho

Data da visita: 24-06-2020

1. Participantes na visita:

- **Número de participantes com DID:** 5 (DID-1, DID-2, DID-3, DID-4 e DID-5)
- **Número de profissionais do espaço cultural:** 2 (EC-1 e EC-2)
- **Número de profissionais da APPACDM de Coimbra:** 2 (APPACDM-1 e APPACDM-6)

2. Esquema da visita (ex.: ambiente visitado dentro do espaço cultural; descrição dos objetos culturais explorados no decurso da visita)

A visita decorreu de forma virtual (as pessoas com DID e as profissionais da instituição de apoio permaneceram no Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor-o-Velho e as profissionais do MNMC estavam em contexto museológico). O início da visita teve lugar no espaço exterior do MNMC, com as profissionais deste espaço cultural a explicar o percurso desde a entrada até à zona onde estava a obra de arte que iria ser explorada na visita (Pintura da Senhora da Rosa – da Galeria de Pintura Portuguesa dos séculos XV a XVII). Entre o espaço exterior e a galeria, passaram pela bilheteira do museu, de onde os profissionais do MNMC ao serviço neste local cumprimentaram as pessoas que estavam no CAO.

3. Formas de exploração do ambiente (ex.: os participantes percorrem um determinado espaço ou vão sentar-se junto a um ou mais objetos culturais?)

A visita decorreu de forma virtual. Nesse sentido, as profissionais do MNMC foram-se movimentando pelos espaços do museu, fazendo referência aos locais por onde iam passando (e às suas respetivas características). As pessoas com DID estavam sentadas em volta do computador (todas elas visíveis pela câmara), vendo a obra de arte e as profissionais do MNMC à sua frente, de modo a aproximar ao máximo as características da visita àquelas que seriam consideradas se esta fosse presencial.

4. **Preparação dos profissionais do espaço cultural** (Os profissionais tiveram acesso a informação prévia sobre os participantes da visita? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido.)

Os profissionais do MNMC tiveram acesso ao perfil individual de cada participante, com a descrição das suas características mais relevantes. Esses perfis foram elaborados pelos profissionais da APPACDM de Coimbra envolvidos na visita e incluíam os diagnósticos clínicos, as características gerais de cada personalidade e outros dados relevantes sobre os seus interesses e modos de estar.

Uma das profissionais do MNMC (EC-2) já conhecia as duas profissionais do CAO de Montemor-o-Velho e duas das pessoas com DID, pois estas já tinham participado numa visita presencial ao MNMC, no âmbito do projeto “Imagens que guiam”.

5. **Preparação dos profissionais da APPACDM de Coimbra** (Os profissionais tiveram acesso a informação sobre o conteúdo da visita antes da sua realização? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido)

As profissionais da APPACDM de Coimbra tiveram conhecimento do esquema da visita (entrada, exploração da obra de arte, leitura do guião em comunicação aumentativa e atividade de mimetização). O guião em comunicação aumentativa da pintura da Senhora da Rosa foi-lhes igualmente disponibilizado de forma prévia, assim como os materiais necessários para a exploração da obra (ex.: maleta pedagógica e adereços para a mimetização).

As profissionais da instituição de apoio já conheciam a profissional do MNMC EC-2, tal como foi mencionado no ponto anterior.

6. Registo do desempenho e das necessidades das pessoas com DID no acesso e na fruição cultural no contexto analisado

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
Conceptual (competências relacionadas com a memória, linguagem, leitura e escrita, raciocínio matemático, resolução de problemas, aquisição de conhecimento prático, etc.)	Na análise dos diferentes elementos da pintura, os participantes com DID descreveram os traços da criança representada (ex.: cabelo comprido, lábios pintados de vermelho) e consideraram que se tratava de uma pessoa do sexo feminino (<i>“uma menina”</i>). Posteriormente, quando lhes foi explicado que se tratava do Menino Jesus ao colo de Nossa Senhora, os participantes continuaram a referir tratar-se de <i>“uma menina”</i>, uma vez que tiveram dificuldade em perceber que, apesar dos traços geralmente associados ao sexo feminino, aquela era uma figura masculina, de acordo com a informação que lhes tinha sido disponibilizada.
Social (competências relacionadas com a empatia, a comunicação interpessoal e o discernimento, etc.)	- Ao longo da visita, as pessoas com DID não iam, geralmente, pedindo para as profissionais do MNMC reformularem o seu discurso, quando o que diziam não era perceptível (sobretudo quando existiam quebras no som ou na imagem da videochamada, por questões relacionadas com a internet). Deste modo, foi necessário um incentivo regular da parte das profissionais da instituição de apoio, de modo a potenciar a participação e a interação com as profissionais do MNMC. - Quando uma das pessoas com DID respondia a uma das perguntas das profissionais do MNMC, todas as outras seguiam essa resposta, mesmo nas situações

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
	em que a mesma estava incorreta, de acordo com a informação disponibilizada previamente por via auditiva ou visual.
Prático (competências de aprendizagem e de autogestão nos contextos naturais – cuidados pessoais, responsabilidade, regulação dos comportamentos, etc.)	• As pessoas com DID mantiveram uma postura maioritariamente passiva, ao longo da visita, tendo sido necessária a incitação por parte dos profissionais da instituição de apoio e do espaço cultural para que participassem mais ativamente nas diferentes dinâmicas propostas.

7. Dinâmicas utilizadas no contexto da visita

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
Estruturação inicial (transmissão de instruções aos visitantes para os preparar para a experiência)	X		O início da visita virtual foi realizado à entrada do MNMC (espaço exterior, passagem pela bilheteira – acompanhado por uma descrição dos espaços e com interação com as pessoas com quem se iam cruzando), de modo a contextualizar a visita, uma vez que havia participantes com DID que nunca tinham ido a este espaço cultural. A profissional EC-2 falou inicialmente do nome do museu, quando este apareceu no espaço exterior.
Uso de perguntas para estimular a	X		Os diferentes elementos que compõem a pintura foram explorados com perguntas, antes

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
participação dos visitantes, antes da explicação dos conteúdos da visita			de serem fornecidas as respostas mais corretas (ex.: <i>“O que é que estão a ver?”; “Conseguem ver o que é que os anjos estão a agarrar?”</i>).
Resposta aos contributos dos visitantes, efetuando a ligação com os conteúdos da visita	X		As profissionais do MNMC partiam de forma frequente dos contributos dos participantes com DID, valorizando-os e expandindo-os para os conteúdos conhecidos relativamente à pintura (ex.: EC-2: <i>“Conseguem ver o que é que os anjos estão a agarrar?”</i> / DID-4: <i>“Umas bolas”</i> / EC-2: <i>“Eu vou-vos explicar. Oh DID-4, é verdade, são bolas. As bolas que estás a ver são estas, não são? Isto é um tecido que eles estão a segurar e que, efetivamente, é uma coroa. Para pôr na cabeça de Nossa Senhora. Ora venham ver. Conseguem ver agora a coroa?”</i>)
Uso de linguagem clara e simples	X		- Exemplo dos enunciados transmitidos (uso de frases simples, cada uma delas com uma ideia-chave): <i>“A coroa era pintada de dourado. Era dourada como uma coisa que vocês têm aí. Na maleta pedagógica, APPACDM-1, está um pedaço de madeira. Vejam como ela brilha. Estão a ver? É o que nós chamamos a cor do ouro. É dourado. E o dourado era o que estava nesta coroa. A pintura é tão antiga que foi perdendo a cor deste dourado.”</i> - A dado momento, a profissional EC-2 utilizou a palavra “unânime” e a

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			participante DID-5 perguntou de seguida <i>“O que é isso, unânime?”</i> , tendo-lhe o conceito sido explicado de uma forma simples.
Uso de linguagem adequada à faixa etária dos visitantes	X		Ao longo da visita, não existiram situações em que o discurso tenha sido infantilizado.
Uso de perguntas para obter esclarecimentos acerca da compreensão da mensagem	X		Exemplos: <i>“Estão a ver?”; Parece mais castanho, não parece?”; “Vejam bem a Senhora da Rosa. Estão a ver?”; “O pintor pintou a Senhora muito grande. Conseguem dizer-me porquê? Lembram-se?”</i>
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa assimilar a informação	X		A visita decorreu num ritmo adequado às características dos visitantes, de modo a que cada um pudesse ter tempo para ouvir e interiorizar a informação e corresponder às indicações e perguntas das profissionais do MNMC.
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa responder às perguntas/solicitações ao longo da visita	X		
Atenção individualizada a cada visitante	X		Embora os participantes não tenham sido chamados individualmente para dar os seus contributos, em todos os momentos de exploração inicial da obra de arte, a profissional EC-2 quis conhecer todas as

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			peessoas no início da sessão, chamando-as pelo seu nome próprio. Por outro lado, ao longo da visita, a mesma profissional foi incitando a participação das várias pessoas com DID, dizendo os seus nomes quando fazia comentários ou perguntas (ex.: <i>“Oh, DID-4, é verdade, são bolas!”</i>; <i>“Oh, DID-2, não é linda?”</i>; <i>“Então, agora o DID-4 e a DID-3 vão fazer o favor de desdobrar a manta.”</i>; <i>“Agora precisamos de um de vós que queira fazer de Nossa Senhora.”</i>).
Utilização de diferentes formas de percepção sensorial para transmitir e aceder à informação	X		- Via auditiva (explicação oral ao longo de toda a visita) - Via visual: • Na exploração inicial, a profissional EC-2 solicitou às pessoas com DID que fechassem os olhos e dissessem qual a cor de que mais se lembravam da pintura (a cor dominante); • Utilização de símbolos pictográficos e de imagens de pormenores da obra de arte no guião em comunicação aumentativa; • Uso de uma rosa artificial e de uma manta vermelha a representar, respetivamente, a rosa da Senhora da Rosa e o manto agarrado pelos anjos da pintura. - Via tátil (recurso a um pedaço de madeira dourado da maleta pedagógica do MNMC)

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			- Via propriocetiva: • Medição, pela profissional EC-2, da dimensão da obra de arte utilizando os braços, esticados, seguida da solicitação às pessoas com DID para que abrissem os seus braços para perceberem e se apropriarem dessa dimensão; • Na leitura do guião em comunicação aumentativa, a profissional EC-2 colocou-se na posição de joelhos, a imitar as figuras da pintura que estavam a rezar, perguntando: “<i>É assim, não é?</i>”; • Recurso à mimetização, na qual cada uma das pessoas com DID assumiu o papel de um dos elementos da pintura, através da utilização dos seguintes materiais: cadeira de braços, pano azul-escuro, rosa, desenho de um pintassilgo, manta vermelha e dois anjos de barro.
Promoção da participação em atividades lúdicas/práticas	X		Na exploração inicial da pintura, foi solicitado a dois participantes que pegassem numa manta vermelha a imitar a forma como os dois anjos da pintura seguravam um manto da mesma cor, por trás de Nossa Senhora. Realização de uma atividade de mimetização no final da visita, com os elementos já mencionados no ponto anterior.
Promoção do contacto direto com	X		Sendo uma visita virtual, as profissionais do MNMC, por meio da investigadora, fizeram

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
os objetos explorados no decurso da visita			chegar ao contexto do CAO alguns materiais que permitiram uma maior aproximação aos elementos/detalhes da obra (ex.: pedaço de madeira da maleta pedagógica, elementos de exploração dos elementos da pintura e para a realização da atividade de mimetização).
Ligação entre os conteúdos explorados na visita e a vida dos participantes		X	Esta dinâmica não foi explorada no contexto desta visita. No entanto, a dado momento, quando as duas profissionais da instituição de apoio saíram da sala onde decorria a visita, as pessoas com DID mencionaram espontaneamente às profissionais do MNMC que, no dia anterior à visita, tinham comido pipocas numa festa dos santos populares realizada no CAO.
Recurso a materiais de apoio com linguagem adaptada	X		Guiões de comunicação aumentativa, com a explicação da obra de arte em leitura fácil, ilustrada com símbolos da Widgit e com pormenores da obra de arte (ex.: <i>“Agora, eu vou-vos propor outra coisa. Vou mostrar outra vez a pintura e, a seguir, a EC-1 vai ver convosco o guião”; “Vão ver o guião da peça que se chama A Senhora da Rosa.”</i>).

8. Técnicas utilizadas para potenciar a participação dos visitantes

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
Convite à participação Tocar/utilizar os objetos culturais	X		Utilização de materiais, como a flor, o desenho de um pintassilgo, a manta vermelha e o pedaço de madeira dourada da maleta pedagógica

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
ou outros instrumentos			
Provocação • Transmissão de perguntas que provoquem o público • Utilização de objetos que provoquem o público	X	X	Durante a exploração inicial da obra de arte e a leitura do guião em comunicação aumentativa, as profissionais do MNMC foram dirigindo perguntas às pessoas com DID, de modo a potenciar a sua participação e envolvimento (ex.: <i>Vão ver o guião da peça que se chama A Senhora da Rosa. O que é que a Nossa Senhora tem na mão?</i> ”; <i>“A senhora está sentada numa cadeira. Digam-me lá: a cadeira é grande ou pequena?”</i> ; <i>“O pintor pintou a senhora muito grande. Conseguem dizer-me porquê?”</i>
Relevância para o indivíduo (referência ao quotidiano dos visitantes)		X	
Utilização de sequências (gestão do grau de expectativas dos visitantes ao longo da visita)	X		- Passagem da exploração inicial para a leitura do guião (<i>“Agora, eu vou-vos propor outra coisa. Vou mostrar outra vez a pintura e, a seguir, a EC-1 vai ver convosco o guião”</i> ; <i>“Vão ver o guião da peça que se chama A Senhora da Rosa.”</i>). - Passagem da leitura do guião para a atividade de mimetização (<i>“Agora vão</i>

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>pegar em todos os elementos que aí têm e imitar a Senhora da Rosa. Agora o quadro passa para esse lado, está bem?”)</i> - Na atividade de mimetização: <i>“Agora, precisamos de um de vós que queira fazer de Nossa Senhora. (...) Agora o que é que a DID-5 tem de vestir? Com o que é que vamos cobrir a DID-5? (...) E agora, a passar as mãos por trás da rosa, a DID-1 tem de ter um passarinho na mão. (...) Faltam duas pessoas ajoelhadas, a rezar. (...) E agora, o que é que nos falta? Olhem para ali [para a pintura].”</i>
Utilização de imagens a ilustrar a informação oral	X		Guião em comunicação aumentativa
Criação de um cenário de interpretação do contexto histórico analisado	X		Atividade de mimetização

9. Recursos utilizados para potenciar a acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID:

Recursos	Sim	Não	Outras notas
Textos em leitura fácil	X		Guião em comunicação aumentativa
Textos com apoio pictográfico	X		Guião em comunicação aumentativa (símbolos da Widgit)
Esquemas táteis	X		Pedaço de madeira dourada da maleta pedagógica, que os participantes puderam tocar, em contexto de CAO

Recursos	Sim	Não	Outras notas
Outros materiais de apoio (especificar)	X		Elementos introduzidos na exploração inicial e na mimetização
Visitas guiadas/mediação acessível	X		Visita mediada pelas duas profissionais do MNMC (EC-1 ficou responsável pela leitura do guião em comunicação aumentativa; EC-2 dinamizou a exploração inicial e a atividade de mimetização)
Encenações teatrais/mimetização	X		Atividade de mimetização, no final da visita

Outras observações:

- No início da visita, a profissional APPACDM-1 perguntou às pessoas com DID se já alguma delas tinha estado no MNMC (duas delas referiram que sim – numa visita no âmbito do projeto “Imagens que guiam”).
- Inicialmente, as pessoas com DID permaneceram em silêncio, sem reagir de forma espontânea às solicitações das profissionais do MNMC. Nesse seguimento, a profissional APPACDM-1 efetuou, ao longo dos vários momentos da visita, a ligação entre as pessoas com DID e as profissionais do MNMC, repetindo ou reformulando alguns dos enunciados transmitidos pelas profissionais do espaço cultural, de modo a possibilitar um melhor entendimento e a facilitar a participação.
- Na exploração inicial da pintura, a profissional EC-2 explicou, de forma acessível, às pessoas com DID o processo a partir do qual foram criados os materiais que compõem a obra de arte.
- Nos diferentes momentos da visita, as pessoas com DID foram reagindo às solicitações e comentários dos técnicos (do espaço cultural e da instituição de apoio) com boa disposição (ex.: rir, bater palmas).

- Durante as diferentes fases da visita (exploração inicial, leitura do guião e atividade de mimetização), as profissionais do MNMC utilizaram frequentemente o reforço verbal positivo dirigido às pessoas com DID, possibilitando uma maior motivação por parte destas (ex.: *“Muito bem! Estão de parabéns!”*; *“DID-1, DID-2, DID-3, DID-4 e DID-5, muito obrigada. Fizeram um excelente trabalho! (...) E fiquem com a Senhora da Rosa!”*).

VISITA 2

Espaço cultural considerado: Museu Nacional de Machado de Castro

Centro de Atividades Ocupacionais considerado: Arganil

Data da visita: 25-06-2020

1. Participantes na visita:

- **Número de participantes com DID:** 8 (DID-6, DID-7, DID-8, DID-9, DID-10, DID-11, DID-12 e DID-18)
- **Número de profissionais do espaço cultural:** 2 (EC-1 e EC-2)
- **Número de profissionais da APPACDM de Coimbra:** 2 (APPACDM-2 e APPACDM-3)

2. Esquema da visita (ex.: ambiente visitado dentro do espaço cultural; descrição dos objetos culturais explorados no decurso da visita)

A visita decorreu de forma virtual (as pessoas com DID e as profissionais da instituição de apoio permaneceram no Centro de Atividades Ocupacionais de Arganil e as profissionais do MNMC estavam em contexto museológico). O início da visita teve lugar no espaço exterior do MNMC, com as profissionais deste espaço cultural a explicar o percurso desde a entrada até à zona onde estava a obra de arte que iria ser explorada na visita (conjunto escultórico “Deposição de Jesus no túmulo” – da Galeria de Escultura da Capela do Tesoureiro). Entre o espaço exterior e a galeria, passaram pela bilheteira do museu, de onde os profissionais do MNMC ao serviço neste local cumprimentaram as pessoas que estavam no CAO. No início da visita, ainda no espaço exterior, foram feitas as apresentações dos vários participantes entre si.

3. Formas de exploração do ambiente (ex.: os participantes percorrem um determinado espaço ou vão sentar-se junto a um ou mais objetos culturais?)

A visita decorreu de forma virtual. Nesse sentido, as profissionais do MNMC foram-se movimentando pelos espaços do museu, fazendo referência aos locais por onde iam passando (e às suas respetivas características – ex.: fizeram referência aos arcos à entrada do MNMC e a outros locais que se viam na paisagem envolvente). As pessoas com DID estavam sentadas em frente ao computador (todas elas visíveis pela câmara), vendo a obra de arte e as profissionais do MNMC à sua frente, de modo a aproximar

ao máximo as características da visita àquelas que seriam consideradas se esta fosse presencial.

Devido a problemas relacionados com a internet, foi necessário alterar o local onde se encontravam os participantes com DID (mudança de sala, em contexto de CAO), bem como alargar o período da visita para a tarde.

4. **Preparação dos profissionais do espaço cultural** (Os profissionais tiveram acesso a informação prévia sobre os participantes da visita? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido.)

Os profissionais do MNMC tiveram acesso ao perfil individual de cada participante, com a descrição das suas características mais relevantes. Esses perfis foram elaborados pelas profissionais da APPACDM de Coimbra envolvidas na visita e incluíam os diagnósticos clínicos, as características gerais de cada personalidade e outros dados relevantes sobre os seus interesses e modos de estar.

5. **Preparação dos profissionais da APPACDM de Coimbra** (Os profissionais tiveram acesso a informação sobre o conteúdo da visita antes da sua realização? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido)

As profissionais da APPACDM de Coimbra tiveram conhecimento do esquema da visita (entrada, exploração da obra de arte, leitura do guião em comunicação aumentativa e atividade de mimetização). O guião em comunicação aumentativa do grupo escultórico “Deposição de Jesus no túmulo” foi-lhes igualmente disponibilizado de forma prévia, assim como os materiais necessários para a exploração da obra (ex.: maleta pedagógica e adereços para a mimetização). Nos dias da semana que antecederam o dia da visita virtual, as profissionais da APPACDM de Coimbra efetuaram um trabalho de exploração dos guiões de comunicação aumentativa com as pessoas com DID, de modo a prepará-las para a visita.

6. Registo do desempenho e das necessidades das pessoas com DID no acesso e na fruição cultural no contexto analisado

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
Conceptual (competências relacionadas com a memória, linguagem, leitura e escrita, raciocínio matemático, resolução de problemas, aquisição de conhecimento prático, etc.)	• Alguns dos participantes conseguiram ler as frases do guião em comunicação aumentativa, durante a sua exploração pela profissional do MNMC EC-1, mas essa leitura foi realizada de forma lenta e, em geral, silabada. • Um dos participantes (DID-12) confundiu dois conceitos que compunham o guião (sudário e turbante), tendo sido necessário que as profissionais dos dois contextos retificassem essa informação, explicando o seu significado, de forma simples. O mesmo participante referiu ainda que a figura do apóstolo João que surgia na peça era João Baptista, tendo a profissional do MNMC EC-2 explicado que se tratava de outra personagem da Bíblia (“João Evangelista”). • A contagem das figuras que compunham a peça foi realizada de forma lenta, tendo a profissional EC-2 apontado para cada uma das figuras à medida que os participantes com DID iam avançando na contagem.
Social (competências relacionadas com a empatia, a	• O participante DID- 7 apresentava dificuldades significativas ao nível da linguagem oral, pelo que revelou uma postura muito inibida, tendo mesmo

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
comunicação interpessoal e o discernimento, etc.)	recusado a apresentar-se em frente ao computador, no início da visita. Em geral, não foram registadas dificuldades na participação das pessoas com DID na interação com as profissionais do MNMC. Mesmo nas situações em que ocorreram problemas com a ligação na videochamada, as pessoas com DID mantiveram-se pacientes e a tentar manter o contacto com as profissionais do MNMC.
Prático (competências de aprendizagem e de autogestão nos contextos naturais – cuidados pessoais, responsabilidade, regulação dos comportamentos, etc.)	- No final, na atividade da mimetização, o participante DID-7 precisou do incentivo da profissional da APPACDM de Coimbra APPACDM-3 para que se mantivesse na sala e para que participasse na atividade. - O participante DID-9 é uma pessoa muito desinibida e faladora e, por vezes, apresenta um desempenho pragmático (uso da linguagem em função dos contextos) desadequado. Ao contrário do habitual, manteve-se em silêncio durante a maior parte do tempo da visita, tendo tomado a iniciativa de falar com as profissionais do MNMC à frente do computador apenas no final da sessão. - Inicialmente, vários dos participantes quiseram dar os seus contributos, não respeitando a vez de outros elementos, tendo sido necessária a intervenção das profissionais da APPACDM de Coimbra para que houvesse uma maior qualidade na interação destas

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
	peessoas com as profissionais do MNMC e para que não se perdesse informação útil a todos.

7. Dinâmicas utilizadas no contexto da visita

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
Estruturação inicial (transmissão de instruções aos visitantes para os preparar para a experiência)	X		- No começo, foram efetuadas as apresentações dos vários participantes, a pedido da profissional do MNMC EC-2 (que reagia entusiasticamente a cada uma das apresentações). - O início da visita virtual foi realizado à entrada do MNMC (espaço exterior e bilheteira) e o percurso foi acompanhado pela descrição dos espaços. As profissionais da APPACDM foram completando algumas das informações transmitidas pela profissional do MNMC EC-2 (ex.: <i>“Alguém sabe o nome da torre da universidade?”; “Já viram aqueles arcos e aquelas varandas?”; “Ali temos uma vista bonita sobre a Sé Velha”; “São as funcionárias do museu.”</i>). - Exemplo dos enunciados transmitidos pela profissional do MNMC EC-2: <i>“Eu vou apresentar o Museu antes de apresentar a peça”; “Olhem, isto é a</i>

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>entrada do museu.”; “Aqui é o pátio.”; “Querem entrar no museu?”.</i> • A participante DID-11 referiu-se várias vezes à beleza do espaço que lhe estava a ser apresentado (ex.: <i>“tão bonito!”</i>). • Existiu interação com as pessoas com quem se iam cruzando (ex.: da bilheteira). • Alguns participantes com DID com competências ao nível da linguagem escrita leram o nome do MNMC à entrada do espaço cultural.
Uso de perguntas para estimular a participação dos visitantes, antes da explicação dos conteúdos da visita	X		Os diferentes elementos que compõem a peça foram explorados com perguntas, antes de serem fornecidas as respostas mais corretas (ex.: <i>“A escultura da deposição no túmulo é feita em quê? Em que material?”; “O mármore é mais frio ou mais quente do que a outra pedra?”; “Vamos a outra pergunta ainda mais difícil. (...) Onde é que estará a mãe de Jesus?”; “Quem é esta pessoa? É um homem ou uma mulher?”; “José de Arimateia é pobre ou rico?”; “Sabem-me dizer quem é a figura principal desta peça?”</i>). Como as pessoas com DID tinham feito uma exploração detalhada do guião em comunicação aumentativa antes da visita, responderam de forma correta (e entusiasmada) à grande maioria das questões que foram colocadas na exploração inicial da obra de arte.

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
Resposta aos contributos dos visitantes, efetuando a ligação com os conteúdos da visita	X		As profissionais do MNMC partiam de forma frequente dos contributos dos participantes com DID, valorizando-os e expandindo-os para os conteúdos conhecidos relativamente à obra de arte (ex.: DID-6: <i>"Ah, já sei o que é que é!"</i> [quando a câmara passou pela obra de arte previamente explorada com o guião]. <i>É o que vamos ver hoje!"</i> / EC-2: <i>"Diz, DID-6?"</i> / DID-6: <i>"Já vimos isso! Já sei qual é!"</i> / EC-2: <i>"Digam-me uma coisa: é esta?"</i> [apontando para outra peça] <i>"Não! É aquela à entrada!"</i> / EC-2: <i>"Se vocês dizem que é esta é porque é esta!"</i> / DID-10: <i>"É esta! É Jesus!"</i> / DID-18 e DID-11: <i>"Está morto!"</i>).
Uso de linguagem clara e simples	x		Exemplo dos enunciados transmitidos (uso de frases simples, cada uma delas com uma ideia-chave; explicação de conceitos que podem não ser conhecidos pelos participantes): <i>"Há várias terras que têm esta pedra, o calcário. É uma pedra branca. (...) Este calcário de Ançã é mais fácil de trabalhar do que o mármore."</i> ; <i>"Esta escultura é um conjunto escultórico porque tem várias esculturas. É mais do que uma escultura. É um conjunto."</i> ; <i>"Antes de vir para aqui, esta peça tinha estado numa igreja. Eu vou-vos mostrar uma fotografia da igreja. (...) Esta igreja é onde estão os túmulos, portanto o sítio para onde vão as pessoas quando morrem. Estão lá os túmulos dos dois primeiros reis de</i>

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>Portugal.”; “João é o mais novo. Por ser o mais novo é que não tem barba.”</i>
Uso de linguagem adequada à faixa etária dos visitantes	X		Por duas vezes, foi registada a utilização de um discurso que pode ser considerado infantilizado pela profissional EC-1, ao longo da leitura do guião em comunicação aumentativa (“o Jesus”). Nas restantes partes da visita, foi utilizada uma linguagem adequada à faixa etária dos participantes.
Uso de perguntas para obter esclarecimentos acerca da compreensão da mensagem	X		Ex.: <i>“Vamos lá ver se nós vemos outra vez a peça. Conseguem ver? Olhem, eu preciso da vossa atenção porque tenho uma pergunta difícil. Este conjunto escultórico é sobre o funeral de Jesus, não é? Jesus morreu, está aqui. Estão a ver? E tem os amigos à volta dele, não é?”; “DID-18, a mãe de Jesus, Maria, tem um manto em cima da cabeça. É isto, não é? E depois tem as mãos cruzadas, a chorar de forma contida. Está triste, não é?”</i>
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa assimilar a informação	X		A visita decorreu num ritmo adequado às características dos visitantes, de modo a que cada um pudesse ter tempo para ouvir e interiorizar a informação e corresponder às indicações e perguntas das profissionais do MNMC.
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa responder às	X		

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
perguntas/solicitações ao longo da visita			
Atenção individualizada a cada visitante	X		Embora os participantes não tenham sido chamados individualmente para dar os seus contributos, em todos os momentos de exploração inicial da obra de arte, a profissional EC-2 quis conhecer todas as pessoas no início da sessão, chamando-as pelo seu nome próprio. Por outro lado, ao longo da visita, a mesma profissional foi incitando a participação das várias pessoas com DID, dizendo os seus nomes quando fazia comentários ou perguntas (ex.: <i>“Olá, DID-12!”</i> ; <i>“Diz, DID-6!”</i> ; <i>“Vejo a DID-11, a DID-18...”</i> ; <i>“Vamos a outra pergunta ainda mais difícil. Pode ser, DID-18? E DID-7 e DID-10, pode ser?”</i> ; <i>“DID-18, a mãe de Jesus, Maria, tem um manto em cima da cabeça.”</i>).
Utilização de diferentes formas de perceção sensorial para transmitir e aceder à informação	X		- Via auditiva (explicação oral ao longo de toda a visita) - Via visual: • Símbolos pictográficos e de imagens de pormenores da obra de arte no guião em comunicação aumentativa • Lenço colocado na cabeça da profissional EC-2, para representar um turbante • Fotografias de pormenores da obra de arte, à medida que se explorava cada uma das figuras do conjunto escultórico

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			- Fotografia do Mosteiro de Santa Cruz (onde estava a peça antes de ir para o MNMC) - Via tátil (recurso a pedaços de pedra de Ançã da maleta pedagógica do MNMC e de pedaços de mármore – ex.: <i>“Pedia que vocês fizessem duas coisas quando tocam nessa pedra. (...) Abram bem a mão. O que é que sentem quando tocam? (...) Fechem bem a vossa mão. Com os nós dos dedos vão bater na pedra. (...) Agora, vou pedir à APPACDM-2 e à APPACDM-3 que tirem a outra pedra que aí está e que se chama mármore. (...) Dói mais essa, não dói? (...) O mármore é mais frio ou mais quente do que a outra pedra?”</i>) - Via propriocetiva: - Recurso à mimetização, na qual cada uma das pessoas com DID assumiu o papel de um dos elementos do conjunto escultórico, através da utilização dos seguintes materiais: banco corrido (túmulo); vaso (óleos); gorros (turbante e boina); colares; lenços (mantos); lençol (sudário).
Promoção da participação em atividades lúdicas/práticas	X		Realização de uma atividade de mimetização no final da visita, com os elementos já mencionados no ponto anterior.
Promoção do contacto direto com	X		Sendo uma visita virtual, as profissionais do MNMC, por meio da investigadora, fizeram

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
os objetos explorados no decurso da visita			chegar ao contexto do CAO alguns materiais que permitiram uma maior aproximação aos elementos/detalhes da obra (ex.: pedaços de pedra de Ançã da maleta pedagógica e de mármore; elementos para a realização da atividade de mimetização).
Ligação entre os conteúdos explorados na visita e a vida dos participantes	X		• Numa altura em que a profissional EC-2 estava a solicitar ao grupo que identificasse a figura de Maria (mãe de Jesus), a participante DID-18 referiu o seguinte: <i>“Já vi um filme sobre isso, da Bíblia. A Maria a chorar por Jesus Cristo!”</i>. • Quando foi abordado o antigo local onde a peça explorada nesta visita estava antes de ir para o MNMC (Mosteiro de Santa Cruz), a profissional APPACDM-3 mencionou que as pessoas com DID já tinham passado naquele local, numa atividade da instituição realizada no ano anterior e um dos participantes com DID (DID- 6) afirmou: <i>“Já sei!”</i>.
Recurso a materiais de apoio com linguagem adaptada	X		Guião em comunicação aumentativa (explorado previamente em contexto de CAO), com a explicação da obra de arte em leitura fácil, ilustrada com símbolos da Widgit e com pormenores da obra de arte (ex.: <i>“Agora, vamos ouvir a EC-1.”</i> ; <i>“Então, vamos começar. Como é que se chama esta peça? E é feita em</i>

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>quê, lembram-se?”). A profissional do MNMC EC-1 foi fazendo a ligação com a obra de arte, apontando para os seus pormenores à medida que lia o guião. Alguns dos participantes com DID leram partes do guião, de forma orientada.</i>

8. Técnicas utilizadas para potenciar a participação dos visitantes

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
Convite à participação Tocar/utilizar os objetos culturais ou outros instrumentos	X		Recurso à pedra de Ançã em contexto de CAO, de modo a que os participantes percebessem exatamente em que material era feito a peça (e utilização de pedaços de mármore como forma de comparação)
Provocação Transmissão de perguntas que provoquem o público	X		- Ex.: <i>“Eu tenho uma pergunta a fazer-vos: quem é que já conhece o Museu Machado de Castro?”; “Onde é que estará a mãe de Jesus? Aqui no meio? [apontando para outra figura] ” (os participantes com DID disseram rapidamente: “Não, é aquela! Tem assim a capa! [e o participante DID-10 imitou as mãos de Maria, juntas em oração] ”)</i> - Na fase de exploração inicial da peça, a profissional EC-2 perguntou se a peça que ia ser explorada era outra que não a “Deposição de Jesus no túmulo”. As pessoas com

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
Utilização de objetos que provoquem o público			DID já tinham explorado anteriormente o guião e, como tal, identificaram com facilidade a obra de arte que iria ser explorada, quando a viram na videochamada. Na atividade de mimetização, a profissional EC-2 afirmou: <i>“Jesus já usava Crocs”</i> (fazendo referência ao facto de a participante DID-11 que estava a imitar Jesus não se ter descalçado quando se deitou no banco que representava o túmulo).
Relevância para o indivíduo (referência ao quotidiano dos visitantes)		X	
Utilização de sequências (gestão do grau de expetativas dos visitantes ao longo da visita)	X		Ao longo de toda a visita, a profissional EC-2 foi utilizando expressões no início dos seus enunciados, de modo a captar a atenção dos participantes com DID e a deixá-los na expetativa acerca do que iriam ver/ fazer a seguir (ex.: <i>“Olhem, eu preciso da vossa atenção porque tenho uma pergunta difícil”</i>; <i>“Então, agora vou-vos contar mais um segredo. Antes de vir para o museu, esta peça...”</i>; <i>“Agora que já falámos de Nossa Senhora, eu vou-vos perguntar outra coisa.”</i>; <i>“Vou contar-vos um segredo. É que José de Arimateia foi o homem que emprestou o túmulo...”</i>; <i>“Agora</i>

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>uma coisa que eu acho deliciosa. Reparem nisto. Isto parece-vos pedra?”).</i>
Utilização de imagens a ilustrar a informação oral	X		Guião em comunicação aumentativa e fotografias de pormenores da peça e do Mosteiro de Santa Cruz
Criação de um cenário de interpretação do contexto histórico analisado	X		Atividade de mimetização - Os participantes puderam expressar qual o papel que queriam desempenhar nesta atividade (APPACDM-3: “<i>Quem quer ser um anjo?</i>”/ DID-18: “<i>Eu quero ser Maria!</i>”) - A participante que estava a desempenhar o papel de Jesus morto (DID-11) ia colocar a cabeça para o lado errado e a participante que estava a representar Maria (DID-18) ajudou-a a corrigir a posição, de acordo com o que tinham observado na escultura.

9. Recursos utilizados para potenciar a acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID:

Recursos	Sim	Não	Outras notas
Textos em leitura fácil	X		Guião em comunicação aumentativa
Textos com apoio pictográfico	X		Guião em comunicação aumentativa (símbolos da Widgit)
Esquemas táteis	X		Pedaços de pedra de Ançã da maleta pedagógica e de mármore, que os

Recursos	Sim	Não	Outras notas
			participantes puderam tocar, em contexto de CAO
Outros materiais de apoio (especificar)	X		• Elementos introduzidos na mimetização • Fotografias de pormenores da obra de arte e do Mosteiro de Santa Cruz • Lenço a imitar um turbante
Visitas guiadas/mediação acessível	X		Visita mediada pelas duas profissionais do MNMC (EC-1 ficou responsável pela leitura do guião em comunicação aumentativa; EC-2 dinamizou a exploração inicial e a atividade de mimetização)
Encenações teatrais/mimetização	X		Atividade de mimetização, no final da visita

Outras observações:

- Em alguns momentos das diversas partes da visita, as duas profissionais da instituição de apoio deram os seus contributos junto dos participantes com DID, sobretudo nas situações em que a qualidade da videochamada não permitiu perceber o que era dito pelas profissionais do MNMC (para reforçar a informação transmitida). Nesta visita, não foi necessário insistir para que as pessoas com DID interagissem espontaneamente com as profissionais do MNMC. De facto, durante toda a visita, os participantes responderam com motivação e entusiasmo às solicitações das profissionais do MNMC, revelando muito contentamento por já saberem responder sobre o que estava representado na peça. A propósito deste ponto, a profissional EC-2 partilhou durante a visita a seguinte ideia: *“Eu cheguei a uma conclusão muito importante: a próxima coisa que nós temos que fazer é, quando for possível,*

irem ao museu, para mostrarem esta escultura vocês.” (o grupo reagiu de forma muito positiva a esta sugestão, dizendo: *“Eu quero!”*)

- Apesar das quebras de rede que impossibilitaram a conclusão da visita no período da manhã, os participantes dirigiram-se com antecedência (e de forma espontânea) à sala onde iria decorrer a visita durante a tarde.
- O participante DID-10 não deu muitos contributos mediante a utilização da linguagem oral, mas fez vários gestos alusivos aos elementos do grupo escultórico (ex.: mãos em oração; espalhar óleo pelo corpo; dedo a percorrer o pescoço, imitando um colar).
- O participante DID-9 esteve em silêncio a maior parte do tempo em que durou a visita virtual mas, no final, dirigiu-se à frente do computador e disse a seguinte frase às profissionais do MNMC: *“Outro dia, fazemos outra vez, está bem?”*

VISITA 3

Espaço cultural considerado: Museu Nacional de Machado de Castro

Centro de Atividades Ocupacionais considerado: Tocha

Data da visita: 26-06-2020

1. Participantes na visita:

- **Número de participantes com DID:** 5 (DID-13, DID-14, DID-15, DID-16 e DID-17)
- **Número de profissionais do espaço cultural:** 2 (EC-1 e EC-2)
- **Número de profissionais da APPACDM de Coimbra:** 2 (APPACDM-4 e APPACDM-5)

2. Esquema da visita (ex.: ambiente visitado dentro do espaço cultural; descrição dos objetos culturais explorados no decurso da visita)

A visita decorreu de forma virtual (as pessoas com DID e os profissionais da instituição de apoio permaneceram no Centro de Atividades Ocupacionais da Tocha e as profissionais do MNMC estavam em contexto museológico). O início da visita teve lugar no espaço exterior do MNMC, com as profissionais deste espaço cultural a explicar o percurso desde a entrada até à zona onde estava a obra de arte que iria ser explorada na visita (“Retábulo de São Silvestre – da Galeria de Escultura da Capela do Tesoureiro). Entre o espaço exterior e a galeria, passaram pela loja e pela bilheteira do museu, de onde os profissionais do MNMC ao serviço neste local cumprimentaram as pessoas que estavam no CAO (EC-2: “*Nós vamos fazer uma visita a uma obra de arte. Até já!*”; “*Elas [as funcionárias da bilheteira] dizem que hoje não é preciso bilhete*”). No início da visita, ainda no espaço exterior, foram feitas as apresentações dos vários participantes entre si.

3. Formas de exploração do ambiente (ex.: os participantes percorrem um determinado espaço ou vão sentar-se junto a um ou mais objetos culturais?)

A visita decorreu de forma virtual. Nesse sentido, as profissionais do MNMC foram-se movimentando pelos espaços do museu, fazendo referência aos locais por onde iam passando (e às suas respetivas características: referência a outros locais que se viam na paisagem envolvente – “*A Sé Nova, a Universidade de Coimbra, a Faculdade de Letras. Quem é que já veio ao museu?*”).

As pessoas com DID estavam sentadas em frente ao computador (todas elas visíveis pela câmara), vendo a obra de arte e as profissionais do MNMC à sua frente, de modo a aproximar ao máximo as características da visita àquelas que seriam consideradas se esta fosse presencial.

4. **Preparação dos profissionais do espaço cultural** (Os profissionais tiveram acesso a informação prévia sobre os participantes da visita? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido.)

Os profissionais do MNMC tiveram acesso ao perfil individual de cada participante, com a descrição das suas características mais relevantes. Esses perfis foram elaborados pelos profissionais da APPACDM de Coimbra envolvidos na visita e incluíam os diagnósticos clínicos, as características gerais de cada personalidade e outros dados relevantes sobre os seus interesses e modos de estar.

5. **Preparação dos profissionais da APPACDM de Coimbra** (Os profissionais tiveram acesso a informação sobre o conteúdo da visita antes da sua realização? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido)

Os profissionais da APPACDM de Coimbra tiveram conhecimento do esquema da visita (entrada, exploração da obra de arte, leitura do guião em comunicação aumentativa e atividade de mimetização). O guião em comunicação aumentativa da obra “Retábulo de São Silvestre” foi-lhes igualmente disponibilizado de forma prévia, assim como os materiais necessários para a exploração da obra (ex.: maleta pedagógica e adereços para a mimetização).

6. Registo do desempenho e das necessidades das pessoas com DID no acesso e na fruição cultural no contexto analisado

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
Conceptual (competências relacionadas com a memória, linguagem, leitura e escrita, raciocínio matemático, resolução de problemas, aquisição de conhecimento prático, etc.)	• Não foram evidentes dificuldades/necessidades significativas neste domínio
Social (competências relacionadas com a empatia, a comunicação interpessoal e o discernimento, etc.)	• Em alguns momentos iniciais da visita, a participante DID-17 dirigiu-se ao participante DID-13 com algum desdém, desvalorizando alguns dos seus contributos em resposta às solicitações das profissionais do MNMC, o que pode ter contribuído para uma maior reserva da parte deste participante no restante tempo da visita.
Prático (competências de aprendizagem e de autogestão nos contextos naturais – cuidados pessoais, responsabilidade, regulação dos	• Não foram evidentes dificuldades/necessidades significativas neste domínio

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
comportamentos, etc.)	

7. Dinâmicas utilizadas no contexto da visita

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
Estruturação inicial (transmissão de instruções aos visitantes para os preparar para a experiência)	X		- O início da visita virtual foi realizado à entrada do MNMC (espaço exterior, passagem pela loja e pela bilheteira, descrição dos espaços - <i>“A Sé Nova, a Universidade de Coimbra, a Faculdade de Letras. Quem é que já veio ao museu?”</i> – e com interação com as pessoas com quem se iam cruzando – <i>“Nós vamos fazer uma visita a uma obra de arte. Até já!”</i>; <i>“Elas [as funcionárias da bilheteira] dizem que hoje não é preciso bilhete”</i>). - Ainda no espaço exterior, foram feitas as apresentações entre os participantes (ex.: <i>“Bom dia meus senhores e minha senhora. Vou começar pela ponta direita. Levante a mão para eu ver se se vê. Olá DID-15! (...) Agora só me falta conhecer o APPACDM-4 e a APPACDM-5. (...) Nós somos a EC-2 e a EC-1”</i>). Um dos participantes (DID-14) referiu já ter ido ao MNMC (<i>“Eu já há uns anos que lá fui. Eu sou daí. A minha cidade não é linda?”</i>).

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			• Ao aproximar-se da obra de arte que iria ser explorada, a profissional do MNMC EC-2 disse: <i>“Aqui é a galeria de escultura em pedra. (...) Estamos a entrar na Capela do Tesoureiro. Olhem só: tem a maior escultura em pedra de Portugal!”</i>. Nesse seguimento dois dos participantes iniciaram um diálogo sobre a dimensão do que estavam a ver (DID-14: <i>“Ai, Jesus, o que faziam dantes com as pedras!”</i>/ DID-15: <i>“Era de dia e de noite.”</i>/ DID-14: <i>“Precisavam de muito pessoal para fazer aquilo, as esculturas!”</i>). Em seguida, a participante DID-17 referiu-se à <i>“História Antiga (...) aos reis e aos egípcios”</i>. A profissional EC-2 partiu deste contributo para falar do Criptopórtico, uma das ofertas culturais do MNMC (<i>“DID-7, aqui não há egípcios. Mas há uma estrutura, um prédio em pedra, do tempo dos romanos”</i>). Ao ouvir esta informação, o participante DID-14 fez referência às <i>“estradas dos antigos romanos, por baixo do edifício”</i>. Posteriormente, a profissional EC-2 mencionou o nome da estrutura, passando para a obra de arte que iria ser explorada nesta visita (<i>“É o criptopórtico. Mas hoje vamos ver este altar.”</i>).

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
Uso de perguntas para estimular a participação dos visitantes, antes da explicação dos conteúdos da visita	X		Os diferentes elementos que compõem o retábulo foram explorados com perguntas, antes de serem fornecidas as respostas mais corretas (ex.: <i>“No tempo dos padres, qual é a mulher que é a mãe de Jesus?”</i> ; <i>“Ora reparem: isto parece uma porta?”</i> ; <i>“Eu queria perguntar-vos de que é que é feito este retábulo.”</i>).
Resposta aos contributos dos visitantes, efetuando a ligação com os conteúdos da visita	X		- As profissionais do MNMC partiam de forma frequente dos contributos dos participantes com DID, valorizando-os e expandindo-os para os conteúdos da obra de arte explorada (ex.: <i>“DID-17, aqui não há egípcios. Mas há uma estrutura...”</i>; <i>“DID-17, entendi perfeitamente”</i>; <i>“Diga, DID-14”</i>; <i>“O DID-15 percebeu logo a diferença entre as duas [pedras]”</i>; <i>“Têm toda a razão. Um copo é aquilo que usamos para beber. Na religião, um cálice é para usar na missa”</i>; <i>“Parece laranja, mas é dourado.”</i>). - Além disso, a profissional EC-2 correspondeu à solicitação da participante DID-17 e avançou para a exploração de outros espaços do MNMC, o que não estava inicialmente previsto no esquema da presente visita (DID-17: <i>“De todas essas estátuas, não tem aí uma estátua de Jesus crucificado?”</i>/ EC-2: <i>“Só um</i>

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>momento!"/ DID-15: "Tens mais sorte do que eu! Queres ver que não vai haver?"/ EC-2: "Era isto que queria? [apontando para uma escultura de Jesus na cruz] "/ DID-17: "Obrigada" [todos os participantes a rir] / EC-2: "Nós temos aqui um Cristo crucificado, não é? Olhem agora atrás de mim!"/ DID-14: "Essa é Nossa Senhora, com o Menino Jesus na barriga. Nunca tinha visto uma estátua de Nossa Senhora assim!"/ DID-15: "Aponte aí na sua agenda que temos que ir lá fazer uma visita!"/ EC-2: "Agora é para o DID-16 e para o DID-13: estão a ver onde eu estou? Olhem aqui! É um anjo! (...) Agora vamos continuar. (...) Já cá estamos [junto ao Retábulo de São Silvestre] "</i>
Uso de linguagem clara e simples	X		Exemplo dos enunciados transmitidos (uso de frases simples, cada uma delas com uma ideia-chave; explicação de conceitos que podem não ser conhecidos pelos participantes): <i>"O que vocês estão a ver é um altar que veio para o museu de uma quinta que se chama Palácio de São Silvestre. Fica perto de Coimbra, a caminho da Figueira."/; "Não é uma escultura. Nós damos o nome de retábulo. Mas, no palácio, era parte do altar."/; "É a Nossa Senhora, com Jesus sentado ao colo. E com uma cadeira. E</i>

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>essa cadeira tem aqui uma pomba. É o Espírito Santo.”; “Um copo é aquilo que usamos para beber. Na religião, um cálice é para usar na missa.”; “Sabem o que é aquilo que está lá em cima? É uma flor que cresce nos campos nesta altura do ano. São alcachofras. A alcachofra (...) foi ali posta por uma razão: significa que ela renasce. Ressuscita.”</i>
Uso de linguagem adequada à faixa etária dos visitantes	X		Ao longo da visita, não existiram situações em que o discurso tenha sido infantilizado.
Uso de perguntas para obter esclarecimentos acerca da compreensão da mensagem	X		- Exemplos: “Estão a ver?”; “Nós temos aqui um Cristo crucificado, não é?” - De uma forma geral, não foi necessário recorrer com frequência a esta estratégia, tendo em conta que os participantes foram demonstrando, mediante os seus comentários abundantes, que estavam a compreender as mensagens transmitidas.
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa assimilar a informação	x		- A visita decorreu num ritmo adequado às características dos visitantes, de modo a que cada um pudesse ter tempo para ouvir e interiorizar a informação e corresponder às indicações e perguntas das profissionais do MNMC. - A dado momento, o participante DID-14 quis dar um contributo a respeito da
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa	X		

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
responder às perguntas/solicitações ao longo da visita			obra que estava a ver, mas não conseguiu desenvolver a sua ideia com rapidez, tendo-lhe sido dado tempo para pensar e transmitir o que pretendia.
Atenção individualizada a cada visitante	X		- Embora os participantes não tenham sido chamados individualmente para dar os seus contributos, em todos os momentos de exploração inicial da obra de arte, a profissional EC-2 quis conhecer todas as pessoas no início da sessão, chamando-as pelo seu nome próprio. - Ao longo da visita, a mesma profissional foi incitando a participação das várias pessoas com DID, dizendo os seus nomes quando fazia comentários ou perguntas (ex.: “DID-14, já posso mudar?”; “Diga, DID-14”; “DID-17, aqui não há egípcios.”; “DID-17, entendi perfeitamente”; “Agora é só para o DID-16 e para o DID-13. Olhem aqui.”; “O DID-15 percebeu logo a diferença entre as duas.”; Oh, DID-14, vamos ver agora o que é que eles têm nas mãos”; “DID-17: as outras cores estão aqui”; “DID-17, este é o vermelho.”).
Utilização de diferentes formas de percepção sensorial	X		- Via auditiva (explicação oral ao longo de toda a visita) - Via visual:

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
para transmitir e aceder à informação			- Utilização de símbolos pictográficos e de imagens de pormenores da obra de arte no guião em comunicação aumentativa; - Uso de frascos de tinta para explicar como a peça foi pintada (a partir de lápis Lazuli, Garanza e folha de ouro); - Uso de imagens a ilustrar os materiais dos pigmentos para a pintura (apresentadas pelo profissional APPACDM-4, através do telemóvel) - Via tátil: - Recurso a pedaços de pedra de Ançã da maleta pedagógica do MNMC e de pedaços de mármore – ex.: <i>“Se fechores a pedra dentro da mão, é quente ou fria?”; “Tenta raspar com a unha no mármore.”</i> - Via propriocetiva: - Recurso à mimetização, na qual cada uma das pessoas com DID assumiu o papel de um dos elementos do retábulo, através da utilização dos seguintes materiais: cadeira de braços, manto para a cabeça de Nossa Senhora, desenhos em papel eva de uma coroa, uma ovelha e um cálice.
Promoção da participação em	X		Realização de uma atividade de mimetização no final da visita, com os elementos já mencionados no ponto anterior.

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
atividades lúdicas/práticas			
Promoção do contacto direto com os objetos explorados no decurso da visita	X		Sendo uma visita virtual, as profissionais do MNMC, por meio da investigadora, fizeram chegar ao contexto do CAO alguns materiais que permitiram uma maior aproximação aos elementos/detalhes da obra (ex.: pedaços de pedra de Ançã da maleta pedagógica, pedaços de mármore, elementos para a realização da atividade de mimetização).
Ligação entre os conteúdos explorados na visita e a vida dos participantes	X		• Durante a exploração dos materiais que compunham a peça (pedra de Ançã), o profissional APPACDM-4 referiu: “Vocês normalmente só conhecem o bolo de Ançã, não é? Neste caso, é a pedra de Ançã. Uma come-se, a outra não.” • Quando a profissional EC-2 estava a explicar o motivo da presença da flor da alcachofra no retábulo, o participante DID-15 mencionou “E depois ressuscita, no Domingo de Páscoa.”, tendo o participante DID-14 acrescentado “Por isso é que nós, no Domingo de Páscoa, temos que beijar a cruz” (ligação entre o que estava a ser explorado na visita e as vivências dos participantes – neste caso, religiosas).
Recurso a materiais de apoio com linguagem adaptada	X		• Guiões de comunicação aumentativa, com a explicação da obra de arte em leitura fácil, ilustrada com símbolos da

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			Widgit e com pormenores da obra de arte. No final da exploração do guião, o participante DID-15 referiu: <i>“Não tem mais nada.”</i>, dando a entender que esperaria encontrar mais informação neste documento.

8. Técnicas utilizadas para potenciar a participação dos visitantes

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
Convite à participação Tocar/utilizar os objetos culturais ou outros instrumentos	X		Recurso à pedra de Ançã em contexto de CAO, de modo a que os participantes percebessem exatamente em que material era feita a peça (e utilização de pedaços de mármore, em comparação).
Provocação - Transmissão de perguntas que provoquem o público - Utilização de objetos que provoquem o público	X X		- Ex.: <i>“Quem é que já veio ao museu?”</i>; <i>“Era isto que queria?”</i> [apontando para uma escultura de Jesus na cruz] ”; <i>“DID-13, DID-16, DID-15, estão muito calados!”</i>. - O facto de a profissional EC-2 ter correspondido à solicitação da participante DID-17, quando esta lhe perguntou se não existia uma peça que representasse Jesus na cruz, aliado ao facto de, a partir daí, ter apresentado outras peças próximas, serviu também como provocação ao público, tendo

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
			resultado na vontade de visitar o MNMC de forma presencial no futuro (DID-17: <i>“De todas essas estátuas, não tem aí uma estátua de Jesus crucificado?”</i>/ EC-2: <i>“Só um momento!”</i>/ DID-15: <i>“(…)Queres ver que não vai haver?”</i>/ EC-2: <i>“Era isto que queria?</i> [apontando para uma escultura de Jesus na cruz]”/ DID-17: <i>“Obrigada”</i> [todos os participantes a rir]/ EC-2: <i>“Nós temos aqui um Cristo crucificado, não é? Olhem agora atrás de mim!”</i>/ DID-14: <i>“Essa é Nossa Senhora, com o Menino Jesus na barriga. Nunca tinha visto uma estátua de Nossa Senhora assim!”</i>/ DID-15: <i>“Aponte aí na sua agenda que temos que ir lá fazer uma visita!”</i>)
Relevância para o indivíduo (referência ao cotidiano dos visitantes)	X		Neste caso, na maior parte do tempo, foram os próprios participantes com DID que introduziram informações sobre as suas vivências (ex.: DID-14: <i>“Por isso é que nós, no Domingo de Páscoa, temos que beijar a cruz”</i>; DID-17: <i>“Se eu estivesse na aula de História, tirava quatro e cinco.”</i>; DID-15: <i>“Olha um anjo. O nosso Anjo da Guarda!”</i>; DID-17: <i>“Há quem diga que a pomba traz mas é a paz”</i>; DID-17: <i>“Já não</i>

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>ando na escola, mas ainda sei umas coisas.”)</i>
Utilização de sequências (gestão do grau de expetativas dos visitantes ao longo da visita)	X		Ao longo da visita, a profissional EC-2 foi utilizando expressões, de modo a captar a atenção dos participantes com DID e a deixá-los na expetativa acerca do que iriam ver/ fazer a seguir (ex.: <i>“Agora tenho outra coisa para vos mostrar. Eu vou-vos mostrar outra vez o retábulo para vocês verem se tem pintura ou não”; “Olhem, agora vamos ver outra coisa. Olhem para aqui!”; “Vamos ao guião? Vou passar à EC-1!”</i>).
Utilização de imagens a ilustrar a informação oral	X		• Guião em comunicação aumentativa • Imagens dos materiais a partir dos quais foram feitos os pigmentos de cor usados no retábulo (apresentadas no telemóvel) • Fotografia do Palácio de São Silvestre, onde tinha estado o retábulo antes de ser colocado no MNMC
Criação de um cenário de interpretação do contexto histórico analisado	X		Atividade de mimetização

9. Recursos utilizados para potenciar a acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID:

Recursos	Sim	Não	Outras notas
Textos em leitura fácil	X		Guião em comunicação aumentativa

Recursos	Sim	Não	Outras notas
Textos com apoio pictográfico	X		Guião em comunicação aumentativa (símbolos da Widgit) • Ao longo da sua leitura, a profissional EC-1 foi também apontando para os pormenores do retábulo a que se referia nas frases do guião. • Na leitura do guião em comunicação aumentativa, a participante DID-17 adiantou-se e tomou a palavra, tendo a profissional EC-1 parado de ler para lhe dar a vez.
Esquemas táteis	X		Pedaços de pedra de Ançã da maleta pedagógica e de mármore, que os participantes puderam tocar e comparar, em contexto de CAO
Outros materiais de apoio (especificar)	X		• Elementos introduzidos na mimetização • Fotografia do Palácio de São Silvestre, onde tinha estado o retábulo antes de ser colocado no MNMC • Imagens dos materiais com que foram feitos os pigmentos de cor • Frascos de tinta (azul, dourado e vermelho) – apresentados no espaço do MNMC
Visitas guiadas/mediação acessível	X		Visita mediada pelas duas profissionais do MNMC (EC-1 ficou responsável pela

Recursos	Sim	Não	Outras notas
			leitura do guião em comunicação aumentativa; EC-2 dinamizou a exploração inicial e a atividade de mimetização)
Encenações teatrais/mimetização	X		Atividade de mimetização, no final da visita (EC-2: <i>“Agora, vejam pela última vez o retábulo. Vejam como estão iguais!”</i>)

Outras observações:

- Ao longo da visita, a profissional da instituição de apoio APPACDM-5 foi fazendo a ligação entre o que era dito pelas profissionais do MNMC e os participantes com DID, sobretudo nas situações em que a qualidade da videochamada não permitia uma boa compreensão da mensagem.
- No decorrer de todas as fases da visita, os participantes com DID tiveram muitas oportunidades para fazer perguntas sobre o que estavam a observar e, em igual medida, para verem esclarecidas as suas questões/dúvidas (ex.: DID-17: *“Eu acho que tem uma diferença. Um cálice é um cálice. Copo é copo!”* – EC-2: *“Têm toda a razão. Um copo é...”*; DID-17: *“Isso são pedras douradas? (...) Por acaso as asas dos anjos são douradas por causa dessa folha? (...) Até parecem rochas minerais. Onde é que as encontra? (...) Só uma pergunta: como é que fazem isso das rochas minerais tornarem-se cor?”*).
- Na parte da exploração dos pigmentos de cor, o participante DID-13 olhou para o relógio e indicou ao profissional APPACDM-4 que a hora de almoço estava a chegar (manteve-se colaborante e atento, após conversa com o profissional).
- A participante DID-17 estava muito animada na atividade de mimetização, apesar de dizer *“Não fales disto a ninguém!”*. Quando a profissional EC-2 se dirigiu a esta participante, usando o seu nome próprio, ela respondeu: *“Pensei que me ias chamar Nossa Senhora de Fátima!”*. No final, no momento da despedida, acrescentou ainda: *“Foi muito engraçado fazer de Nossa Senhora de Fátima!”*.

- Ao despedir-se, a profissional EC-2 referiu: *“Gostei muito de trabalhar convosco.”* Como respostas, obtive os seguintes comentários: DID-14 – *“E nós gostámos muito de a conhecer!”*; DID-15: *“Temos de ir lá fazer uma visita. Foi giro. Até à próxima!”*

VISITA 4

Espaço cultural considerado: Convento São Francisco

Centro de Atividades Ocupacionais considerado: Montemor-o-Velho

Data da visita: 16/07/2020

1. Participantes na visita:

- **Número de participantes com DID:** 5 (DID-1, DID-2, DID-3, DID-4 e DID-5)
- **Número de profissionais do espaço cultural:** 1 (APPACDM-1)
- **Número de profissionais da APPACDM de Coimbra:** 1 (EC-3) – com apoio de outra profissional do espaço cultural, nas filmagens da videochamada

2. Esquema da visita (ex.: ambiente visitado dentro do espaço cultural; descrição dos objetos culturais explorados no decurso da visita)

A visita decorreu de forma virtual (as pessoas com DID e a profissional da instituição de apoio permaneceram no Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor-o-Velho e a profissional do Convento São Francisco estava no espaço cultural). Antes do início da videochamada, a pedido da profissional do Convento, foram mostradas aos participantes imagens panorâmicas dos espaços mais significativos do contexto visitado, com o intuito de enquadrar onde ia ser realizada a visita (as imagens foram visionadas a partir do site do Convento). A visita correspondeu à exploração de várias salas da exposição “Dar a ouvir – Paisagens sonoras”. Inicialmente, a profissional EC-3 apresentou-se e os participantes mostraram-lhe os bilhetes com símbolos em comunicação aumentativa que diziam “Eu vou visitar o Convento São Francisco pelo computador no dia 16 de julho” (feitos pela investigadora, a pedido da profissional mencionada).

3. Formas de exploração do ambiente (ex.: os participantes percorrem um determinado espaço ou vão sentar-se junto a um ou mais objetos culturais?)

A visita decorreu de forma virtual, pelo que a profissional do Convento São Francisco foi-se movimentando ao longo da exposição, referindo que ia mudar de contexto sempre que tal sucedia. As pessoas com DID estavam sentadas em volta do computador (todas elas visíveis pela câmara), vendo os elementos da exposição e a

profissional do Convento à sua frente, de modo a aproximar ao máximo as características da visita àquelas que seriam consideradas se esta fosse presencial.

Antes da visita, foram apresentadas imagens panorâmicas dos espaços do Convento aos participantes com DID (imagens disponíveis no site deste espaço cultural), a pedido da profissional deste contexto.

4. **Preparação dos profissionais do espaço cultural** (Os profissionais tiveram acesso a informação prévia sobre os participantes da visita? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido.)

A profissional do Convento São Francisco teve acesso ao número de participantes com DID e aos seus nomes, assim como ao nome da profissional da instituição de apoio. Não foram solicitadas outras informações por esta profissional.

5. **Preparação dos profissionais da APPACDM de Coimbra** (Os profissionais tiveram acesso a informação sobre o conteúdo da visita antes da sua realização? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido)

A profissional da instituição de apoio foi informada previamente que a exposição considerada nesta visita virtual estava relacionada com a manipulação de objetos com vista à produção/exploração de sons.

6. **Registo do desempenho e das necessidades das pessoas com DID no acesso e na fruição cultural no contexto analisado**

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
Conceptual (competências relacionadas com a memória, linguagem,	Não foram evidentes dificuldades significativas neste domínio, durante a visita (conteúdos próximos do quotidiano dos participantes com DID, explicados ao longo do percurso – poderia, no entanto, ter existido uma maior

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
leitura e escrita, raciocínio matemático, resolução de problemas, aquisição de conhecimento prático, etc.)	apreensão de alguns conceitos/conhecimentos se a visita tivesse decorrido num ritmo mais lento).
Social (competências relacionadas com a empatia, a comunicação interpessoal e o discernimento, etc.)	• Ao longo da visita, as pessoas com DID não iam, geralmente, pedindo para a profissional do Convento São Francisco reformular o seu discurso, quando não percebiam o que lhes estava a ser explicado/transmitido (devido, por exemplo, ao ritmo a que decorria a visita). Deste modo, foi necessário um incentivo regular da parte da profissional da instituição de apoio, enquanto facilitador da participação das pessoas com DID e da sua interação com a profissional do Convento São Francisco. • A participante DID-5 manteve-se muito envolvida a responder, num tom de voz elevado, às solicitações da profissional EC-3. Nem sempre respeitou a vez de outras participantes, em alguns momentos, pelo que, na fase final da visita, duas delas referiram que não conseguiam ouvir o que estava a ser dito porque a participante DID-5 estava sempre a falar muito alto. Foi necessária a intervenção da parte da profissional APPACDM-1, para a resolução do conflito.

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
Prático (competências de aprendizagem e de autogestão nos contextos naturais – cuidados pessoais, responsabilidade, regulação dos comportamentos, etc.)	Ao longo da visita, dois dos participantes com DID (DID-4 e DID-5) mantiveram-se mais ativos e interativos com a profissional EC-3, enquanto as restantes três se mantiveram atentas, mas em silêncio, na maior parte do tempo. Nesse sentido, foi necessário que a profissional APPACDM-1 as incentivasse a participar mais ativamente nas diferentes dinâmicas.

7. Dinâmicas utilizadas no contexto da visita

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
Estruturação inicial (transmissão de instruções aos visitantes para os preparar para a experiência)	X		- Apresentação prévia de imagens dos espaços do Convento São Francisco, pela profissional do CAO (fotografias panorâmicas do site da instituição cultural) - EC-3: <i>“Nós estamos aqui numa exposição que se chama ‘Dar a ouvir – paisagens sonoras’. Eu não sei se foram vocês que já vieram há uns anos atrás aqui ao Convento ver uns armários em que abriam umas gavetas e tinha umas imagens para mostrar. [não eram estes participantes] (...) Este festival cresceu muito. Já vamos no quarto ano das Paisagens Sonoras, de um grupo</i>

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>chamado Sonoscopia. Estas instalações sonoras todas elas têm som. Eu vou-vos mostrar aquelas que serão mais fáceis de percebermos de uma forma virtual, ou seja, para vocês desse lado.”</i>
Uso de perguntas para estimular a participação dos visitantes, antes da explicação dos conteúdos da visita	X		Ao percorrer os vários componentes da exposição, a profissional EC-3 foi fazendo perguntas sobre o que os participantes com DID estavam a ver e a ouvir (ex.: <i>“Era um pau que estava a bater, não era?”</i> ; <i>“Esta tem madeiras lá penduradas. E tem uma bola que vai bater nas madeiras, estão a ver?”</i> ; <i>“O que é que vocês estão a ver lá dentro?”</i> ; <i>“Sabem o que é que isto parece?”</i> ; <i>“Vocês sabem o que é isto?”</i> ; <i>“Sabem o que são estes cãezinhos? São aqueles cãezinhos que às vezes estão à venda e a gente puxa e mexem. Esta é a parte de dentro.”</i> ; <i>“E aqui este de cima: o que é que é este aqui?”</i>).
Resposta aos contributos dos visitantes, efetuando a ligação com os conteúdos da visita	X		Quando eram colocadas questões aos participantes com DID, a profissional EC-3 partia geralmente das suas respostas para dar continuidade à exploração dos elementos da exposição - com o apoio da profissional APPACDM-1 em diversos momentos, sempre que a profissional EC-3 não conseguia ouvir/ perceber os contributos dos participantes com DID (ex.: DID-4: <i>“Aquilo é um pião, não é?”</i> / EC-3: <i>“Ah! Era um pião que estava a bater, não era?”</i> ; EC-3: <i>“Conseguem ouvir os barulhos?”</i> /

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			Vários participantes com DID: “É água!”/ EC-3: “Ah! É água!”; EC-3: “Agora começamos a ter caixas muito mais pequeninas. O que é que vocês estão a ver lá dentro?”/ Vários participantes com DID: “É um vaso”/ DID-4: “São dois”/ DID-1: “Não, são três!”/ EC-3: “São três vasos? Vocês já conseguiram ver mais do que eu.”; DID-5: “Parece um fogão.”/ EC-3: “É o bico do fogão, exatamente.”; EC-3: “E aqui, isto é o quê?”; DID-4: “É um tambor.”; EC-3: “E quantos tambores é que nós vemos aqui na imagem?”/ DID-4: “Dois!”/ EC-3: “Dois! Um é mais pequeno, não é?”/ DID-5: “E o outro é maior.”/ EC-3: “O outro é muito maior. Na música, eles não chamam a isto tambor, chamam uma caixa.”; EC-3: “O que é que vos parece?”/ DID-2: “Parece um saxofone.”/ EC-3: “Saxofone? Ah, olha! Tem ali parece um botão, não é? Para tocar. Olha! Mas isto está a mexer! O que é que está a mexer? Que líquido será este?”)
Uso de linguagem clara e simples	x		Durante os diferentes momentos da visita, a profissional EC-3 esforçou-se por transmitir as ideias de forma simples, reformulando ocasionalmente o seu discurso, de modo a tornar o discurso mais claro (ex.: “A Sonoscopia vai buscar objetos do dia-a-dia, como as batedeiras, como os motores de varinhas mágicas, computadores e ventoinhas para depois criar estes objetos. Estão a ver como

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>eles com um motor de uma varinha e de uma bateadeira conseguem produzir estes sons?"; "É uma igreja, mas não é uma igreja onde vocês costumam ir porque já não há missas, onde já não há padre, onde já não há altar. E é uma igreja onde agora se fazem concertos e exposições. Isto é a continuação da exposição que estamos a ver e o que está lá em baixo é uma projeção de um aquário. Nós agora vamos olhar para uma parede e vamos ver de onde é que vêm estas imagens."; "Este aparelho, que se chama retroprojektor, tem aqui uma luz que bate ali e, através deste espelho, reflete a imagem.")</i>
Uso de linguagem adequada à faixa etária dos visitantes	a)		a) Geralmente, o discurso utilizado pela profissional EC-3 não foi infantilizado. Porém, registou-se uma utilização frequente de substantivos no diminutivo, no discurso desta profissional (ex.: caixinhas, motorzinho, pequeninas, rolhazinha).
Uso de perguntas para obter esclarecimentos acerca da compreensão da mensagem		X	Durante a exploração da exposição, a profissional EC-3 perguntou de forma regular e continuada se os participantes estavam a ver e/ou a ouvir os diferentes elementos, explicando os conteúdos da visita e questionando para perceber se a mensagem tinha sido recebida (ex.: "Era um pau que estava a bater, não era?"; "Esta tem madeiras

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>lá penduradas. E tem uma bola que vai bater nas madeiras, estão a ver?”).</i>
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa assimilar a informação		X	Apesar de terem sido frequentes as perguntas aos participantes com DID acerca do que estavam a ver e a ouvir na exposição, a exploração das diferentes instalações decorreu de forma rápida na maior parte do tempo. Por conseguinte, apesar de ter havido uma grande preocupação em explicar os vários elementos, não foi dado tempo suficiente para que os participantes pudessem apreender a informação de uma forma sustentada e para que pudessem responder às questões colocadas (era necessário ter sido dispensado mais tempo em cada instalação, para que todos os participantes conseguissem expressar com à vontade o que estavam a experienciar).
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa responder às perguntas/solicitações ao longo da visita		X	
Atenção individualizada a cada visitante	b)		• Numa das instalações da exposição, a profissional EC-3 deu a oportunidade aos participantes para escolherem individualmente um botão para acionar um mecanismo que produzia movimento e som, mas o facto de vários botões terem a mesma cor não facilitou a escolha (ex.: EC-3: “<i>Eu vou pedir a um de vocês que me diga em que botão quer que eu carregue.</i>”/ DID-4: “<i>No branco!</i>”/ DID-5: “<i>O azul!</i>”/ EC-3: “<i>Qual é que é o botão, qual?</i>”/ DID-4: “<i>A mim é o branco.</i>”/ EC-3: “<i>Este?</i>” (...)

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>“Pode ser este? Pode ser outro branco?”</i> <i>(...) “Ainda tenho aqui mais botões para</i> <i>carregar. Quem é que falta agora?”/</i> DID-4: <i>“É a DID-1!”/ DID-1: “O azul.”).</i> b) No início da visita, a profissional EC-3 apresentou-se, mas não foi solicitado aos participantes com DID que se apresentassem de forma individual. b) A exploração dos diferentes conteúdos da exposição foi realizada mais para o grupo, de uma forma global.
Utilização de diferentes formas de percepção sensorial para transmitir e aceder à informação		X	A informação foi transmitida pela profissional EC-3 por via auditiva, não tendo sido utilizados outros recursos sensoriais além dos elementos já existentes na exposição.
Promoção da participação em atividades lúdicas/práticas	X		• Toda a exposição consistia na manipulação de equipamentos/robôs, com o objetivo de produzir um efeito sonoro (e, por vezes, visual), pelo que, embora de forma virtual, os participantes foram convidados a participar constantemente em atividades práticas. • Os participantes tiveram a oportunidade de escolher, num dos equipamentos, qual o botão que queriam premir para ver qual o efeito sonoro obtido nessa instalação. Também puderam dar indicações à

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			profissional EC-3 sobre quando queriam que carregasse num outro mecanismo da exposição (<i>“Estas linhas mexem, mas mexem com a ajuda destes manípulos. E eu vou fazer como no jogo das cadeiras. Vou andar aqui com a mão em cima e, quando vocês disserem ‘Para’ é nesse botão que eu vou carregar.”</i>).
Promoção do contacto direto com os objetos explorados no decurso da visita		X	• Não foi considerado este ponto, tendo em consideração que a visita decorreu de forma virtual. De outro modo, os participantes poderiam ter manipulado todos os equipamentos, pois era essa a finalidade da exposição. • A profissional EC-3 não sugeriu que os participantes com DID tivessem disponíveis no CAO materiais semelhantes aos que estavam presentes na exposição, de modo a promover o contacto direto com os elementos expostos.
Ligação entre os conteúdos explorados na visita e a vida dos participantes	X		• Em vários momentos da visita, foram efetuadas referências a elementos do quotidiano dos participantes com DID (ex.: <i>“Vocês viram, nas procissões, aqueles que vão à frente com uma baqueta?”</i>; <i>“Vocês costumam fazer bolos? E utilizam aquelas batedeiras elétricas?”</i>; <i>“É uma igreja, mas não é uma igreja onde vocês costumam ir.”</i>;

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>“Vocês têm retroprojetores aí?”; “São aquelas correntes que temos no lavatório e na banheira.”)</i> Em diferentes momentos, a participante DID-5 referiu-se a elementos do seu quotidiano, ao contactar com os elementos da exposição (ex.: <i>“Parece que é uma batedeira, para bater natas”; “Parece uma moeda”; “Eu tinha um desses! [cão de peluche] ”</i>). Efetuou estas partilhas de uma forma muito espontânea e à vontade.
Recurso a materiais de apoio com linguagem adaptada		X	Não foram utilizados materiais de apoio, além dos equipamentos presentes na exposição.

8. Técnicas utilizadas para potenciar a participação dos visitantes

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
Convite à participação Tocar/utilizar os objetos culturais ou outros instrumentos	X		Considerando o facto de a visita se realizar virtualmente, foi solicitado aos participantes que escolhessem individualmente os botões para acionar os mecanismos de um dos equipamentos da exposição e que indicassem quando é que a profissional EC-3 deveria acionar o mecanismo de outro equipamento.
Provocação Transmissão de perguntas que	X		Durante a visita, a profissional EC-3 foi fazendo continuamente questões aos participantes com DID,

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
provoquem o público Utilização de objetos que provoquem o público		X	com o intuito de potenciar a sua participação/envolvimento. Não sendo exatamente um objeto visível na exposição, importa referir que a profissional EC-3 mencionou o seguinte, numa altura em que explicava um dos equipamentos (projektor com água e luz): <i>“Isto vai ficar aqui até setembro e vão começar a entrar, nesta água, mosquitos. E eu acho que, no fim da exposição, com tanto bicho que aqui vai entrar, ainda vão nascer aqui sapos, vamos ver.”</i> (no final, todos riram)
Relevância para o indivíduo (referência ao quotidiano dos visitantes)	X		Em vários momentos da visita, foram efetuadas referências a elementos do quotidiano dos participantes com DID (ex.: missa, culinária, procissões, campanha de casa).
Utilização de sequências (gestão do grau de expectativas dos visitantes ao longo da visita)	X		Inicialmente, a profissional EC-3 explicou do que se tratava a exposição e enquadrou a sua evolução ao longo dos anos, preparando assim os participantes para a visita (ex.: <i>Nós estamos aqui numa exposição que se chama “Dar a ouvir – paisagens sonoras”. (...) Este festival cresceu muito. Já vamos no quarto ano das Paisagens</i>

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>Sonoras, de um grupo chamado Sonoscopia.”)</i> • Sempre que a profissional EC-3 mudava de contexto dentro do espaço cultural, fazia referência a essa mudança, de modo a enquadrar o que iria acontecer em seguida e a ligar os diferentes elementos da exposição (ex.: <i>“Eu vou-me aqui enfiar nesta caixa.”; “Isto tem um sensor e, quando a gente se aproxima, faz com que comece tudo a tocar. Começamos a ter caixas muito mais pequeninas. (...) Agora, vamos ter que nos baixar mesmo muito muito mais. Vamos lá ver se conseguimos ver alguma coisa. Ah!”; “Então, agora, vamos até ali. Vamos ver um robô”; “Então, agora, vamos ver esta aqui das cordas.”; “Agora, vamos para outra sala muito bonita. (...) Nós agora vamos olhar para uma parede e vamos ver de onde é que vêm estas imagens.”).</i>
Utilização de imagens a ilustrar a informação oral		X	Não foram utilizados materiais de apoio, além dos equipamentos presentes na exposição.

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
Criação de um cenário de interpretação do contexto histórico analisado			Não se aplica ao contexto desta exposição

9. Recursos utilizados para potencializar a acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID:

Recursos	Sim	Não	Outras notas
Textos em leitura fácil		X	
Textos com apoio pictográfico		X	
Esquemas táteis		X	
Outros materiais de apoio (especificar)		X	
Visitas guiadas/mediação acessível	X		Visita mediada pela profissional EC-3
Encenações teatrais/mimetização		X	

Outras observações:

No final da exposição (tal como no início), a profissional EC-3 deixou um convite para que os participantes visitassem o Convento São Francisco com as suas famílias, enquanto não for possível que as visitas decorram em contexto institucional (*“E pronto, concluímos aqui a nossa visita virtual. Eu espero que vocês tenham gostado. Como vocês viram, isto é mais interessante se conseguissem vir aqui experimentar estes objetos. Deu para perceber? Vocês gostaram? Eu espero que vocês voltem ao Convento rapidamente. Nós temos muitas saudades vossas! E espero que tenham um bom verão e que se divirtam muito.”*). Neste seguimento, a participante DID-5 partilhou a seguinte ideia com a profissional APPACDM-1: *“Vou falar com a minha mãe e vir aqui.”*

VISITA 5

Espaço cultural considerado: Convento São Francisco

Centro de Atividades Ocupacionais considerado: Arganil

Data da visita: 17-07-2020

1. Participantes na visita:

- **Número de participantes com DID:** 8 (DID-6, DID-7, DID-8, DID-9, DID-10, DID-11, DID-12 e DID-18)
- **Número de profissionais do espaço cultural:** 1 (EC-3) – com apoio de outra profissional do espaço cultural, nas filmagens da videochamada
- **Número de profissionais da APPACDM de Coimbra:** 2 (APPACDM-2 e APPACDM-3)

2. Esquema da visita (ex.: ambiente visitado dentro do espaço cultural; descrição dos objetos culturais explorados no decurso da visita)

A visita decorreu de forma virtual (as pessoas com DID e as profissionais da instituição de apoio permaneceram no Centro de Atividades Ocupacionais de Arganil e a profissional do Convento São Francisco estava no espaço cultural). Antes do início da videochamada, a pedido da profissional do Convento, foram mostradas aos participantes imagens panorâmicas dos espaços mais significativos do contexto visitado, com o intuito de enquadrar onde ia ser realizada a visita (as imagens foram visionadas a partir do site do Convento). A visita correspondeu à exploração de várias salas da exposição “Dar a ouvir – Paisagens sonoras”. Inicialmente, a profissional EC-3, as profissionais da instituição de apoio e as pessoas com DID apresentaram-se. Os participantes mostraram os bilhetes à profissional do Convento com símbolos em comunicação aumentativa que diziam “Eu vou visitar o Convento São Francisco pelo computador no dia 17 de julho” (feitos pela investigadora, a pedido da profissional mencionada).

3. Formas de exploração do ambiente (ex.: os participantes percorrem um determinado espaço ou vão sentar-se junto a um ou mais objetos culturais?)

A visita decorreu de forma virtual, pelo que a profissional do Convento São Francisco foi-se movimentando ao longo da exposição, referindo que ia mudar de contexto

sempre que tal sucedia. As pessoas com DID estavam sentadas em volta do computador (todas elas visíveis pela câmara), vendo os elementos da exposição e a profissional do Convento à sua frente, de modo a aproximar ao máximo as características da visita àquelas que seriam consideradas se esta fosse presencial.

Antes da visita, foram apresentadas imagens panorâmicas dos espaços do Convento aos participantes com DID (imagens disponíveis no site deste espaço cultural), a pedido da profissional deste contexto.

4. **Preparação dos profissionais do espaço cultural** (Os profissionais tiveram acesso a informação prévia sobre os participantes da visita? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido.)

A profissional do Convento São Francisco teve acesso ao número de participantes com DID e aos seus nomes, assim como ao nome das profissionais da instituição de apoio. Não foram solicitadas outras informações por esta profissional.

5. **Preparação dos profissionais da APPACDM de Coimbra** (Os profissionais tiveram acesso a informação sobre o conteúdo da visita antes da sua realização? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido)

As profissionais da instituição de apoio foram informadas previamente que a exposição considerada nesta visita virtual estava relacionada com a manipulação de objetos com vista à produção/exploração de sons.

6. **Registo do desempenho e das necessidades das pessoas com DID no acesso e na fruição cultural no contexto analisado**

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
Conceptual	• Durante as apresentações, foi necessário alguma orientação da parte das profissionais da instituição

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
(competências relacionadas com a memória, linguagem, leitura e escrita, raciocínio matemático, resolução de problemas, aquisição de conhecimento prático, etc.)	de apoio, de modo a tornar o discurso de algumas das pessoas com DID perceptível para a profissional do Convento São Francisco (por dificuldades significativas ao nível das competências de linguagem e fala).
Social (competências relacionadas com a empatia, a comunicação interpessoal e o discernimento, etc.)	• A participante DID-18 bloqueou, em alguns momentos, a participação do participante DID-9, dando-lhe cotoveladas quando este respondia de forma válida às solicitações da profissional EC-3, o que fez com que este se calasse após a intervenção da colega. • O participante DID-7 não se quis apresentar no início da visita, tendo sido os outros participantes a informar a profissional EC-3 do seu nome (a pedido desta). • O participante DID-10 manteve-se muito ativo a responder às perguntas da profissional EC-3 acerca do que estava a ver e a ouvir, mas não o fez diretamente para a câmara do computador (os seus comentários eram sobretudo dirigidos para a investigadora, que se mantinha numa posição próxima).

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
Prático (competências de aprendizagem e de autogestão nos contextos naturais – cuidados pessoais, responsabilidade, regulação dos comportamentos, etc.)	• Não foram evidentes dificuldades/necessidades significativas neste domínio, ao longo da visita

7. Dinâmicas utilizadas no contexto da visita

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
Estruturação inicial (transmissão de instruções aos visitantes para os preparar para a experiência)	X		• Apresentação prévia de imagens dos espaços do Convento São Francisco, pelas profissionais do CAO (fotografias panorâmicas do site da instituição cultural) • Apresentação inicial, com entusiasmo da parte de todos os envolvidos (EC-3: <i>“Olá, eu sou a EC-3, aqui do Convento São Francisco.”</i> / DID-6: <i>“É cantora!”</i> / EC-3: <i>“Eu, por acaso, sou [nome de fadista], não sou fadista, mas também canto”</i>; <i>“Então apresentem-se lá, para a gente vos conhecer!”</i>) • Após as apresentações dos participantes, a profissional EC-3

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			começou a explicar do que se tratava a presente visita (<i>“Está tudo apresentado? Podemos começar? (...) Têm os bilhetes? Eu depois dou-vos estes. É o vosso bilhete! (...) Já vieram ao Convento? (...) Querem ver aqui esta sala onde nós estamos? Lá em baixo, temos o jardim e o restaurante. E temos muito espaço aqui no Convento. E temos muitas exposições para vos mostrar. Esta sala é muito grande e tem esta exposição. (...) Disposofónicos. Esta é uma grande exposição que se chama ‘Dar a ouvir – paisagens sonoras’. Vocês são todos de Arganil? (...) Onde vocês vivem, há paisagens sonoras. Há sons que ouvimos todas as manhãs. Ouvem o sino da igreja? (...) Se ouvirmos os passarinhos, também é uma paisagem sonora. (...) Nós estamos num bocadinho da exposição. E esta parte da exposição tem um nome muito esquisito, que se chama ‘Disposofónicos’ e é feita com muitos objetos do dia-a-dia que nós vamos mostrar ali em cima. Nós vamos começar de umas caixas muito engraçadas. Têm uns sensores. Nós espreitamos para dentro dos buracos e</i>

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>vamos ouvir o primeiro som que lá está. Vocês estão a ouvir?”)</i>
Uso de perguntas para estimular a participação dos visitantes, antes da explicação dos conteúdos da visita	X		Ao percorrer os vários componentes da exposição, a profissional EC-3 foi fazendo perguntas sobre o que os participantes com DID estavam a ver e a ouvir, esperando para ouvir as suas respostas e partindo daí para avançar na exposição (ex.: <i>“Querem ver aqui esta sala onde nós estamos?”; “Ouvem o sino da igreja?”; Vocês estão a ouvir? Que sons é que parecem ser?”; “E aqui, o que é que será isto?”; “Esta aqui a que é que soa?”; “Estão a ver onde é que as coisas estão enfiadas? Olhem aqui!”; “Estão a ver aqui o robô?”; “Que instrumento é este?”; “Vocês alguma vez viram aqueles cãezinhos de peluche que mexem? Isto é o que está lá dentro. Só falta aqui é o peluche à volta”; “Gostaram deste? Então, vamos passar para outra sala agora. Tem aqui quantas linhas brancas? Vocês conseguem contar?”</i>).
Resposta aos contributos dos visitantes, efetuando a ligação com os conteúdos da visita	X		Quando eram colocadas questões aos participantes com DID, a profissional EC-3 partia geralmente das suas respostas para dar continuidade à exploração dos elementos da exposição (ex.: EC-3: <i>“Vamos ver o que é que está a ser projetado na parede. O que é que vos parece isto?”</i> / Participantes com DID: <i>“Água”</i> / EC-3: <i>“É só água? O que é que lá estará mais?”</i> ; DID-9: <i>“Vinho!”</i> / EC-3: <i>“Vinho? Olha, se fosse</i>

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>vinho era de que cor?/ DID-6 e DID-8: “Vermelho!”/ EC-3: “Seria de outra cor, não é? E assim é transparente. É água. Mas vamos ver o que parece a imagem!”).</i>
Uso de linguagem clara e simples	X		Durante os diferentes momentos da visita, a profissional EC-3 esforçou-se por transmitir as ideias de forma simples, reformulando ocasionalmente o seu discurso, de modo a tornar o discurso mais claro (ex.: <i>“Aqui debaixo temos um vidro com gotinhas de água. Temos um tubinho que vai deitando água e faz aquelas formas bonitas ali na parede. Isto chama-se retroprojektor. Tem esta luz e depois tem aqui um espelho. A imagem que está ali dentro é projetada na parede. É quase como uma pintura que ali temos. Quase como um filme, mas de outra forma.”</i>)
Uso de linguagem adequada à faixa etária dos visitantes	X		Ocasionalmente, registou-se a utilização de alguns termos no diminutivo no discurso da profissional EC-3 (ex.: bichinho, tubinho, gotinhas), embora globalmente a linguagem que utilizou se tenha adequado à faixa etária dos participantes com DID.
Uso de perguntas para obter esclarecimentos acerca da compreensão da mensagem		X	Durante a exploração da exposição, a profissional EC-3 perguntou de forma regular e continuada se os participantes estavam a ver e/ou a ouvir os diferentes elementos, explicando os conteúdos da visita e questionando para perceber se a mensagem tinha sido recebida (ex.: <i>“Parecem coisas da</i>

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>ciência, não é?”; “Estão a ver o motorzinho a andar? Vocês estão a ouvir o som? Parecem campainhas.”; “Estão a ver? Vocês também estão a ouvir o som da corrente?”).</i>
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa assimilar a informação	X		- Nesta visita, a profissional EC-3 teve a preocupação de dar tempo aos participantes com DID para usufruírem do espaço e dos conteúdos explorados. - As perguntas eram colocadas à medida que os elementos da exposição eram apresentados, dando tempo para que os participantes com DID respondessem, ao seu ritmo, antes de lhes ser dado feedback acerca dos conteúdos da exposição. - Em alguns momentos, a profissional EC-3 reformulou o seu discurso, de modo a potenciar uma compreensão mais alargada das informações transmitidas ao longo da visita. - Quando era necessário reforçar alguma informação, as profissionais da instituição de apoio solicitavam à profissional EC-3 que voltasse a repetir a mensagem, ao que ela acedia de forma muito eficaz. - As pessoas com DID revelaram à vontade para responder, em tempo real, às solicitações da profissional EC-3, sem que houvesse a necessidade de
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa responder às perguntas/solicitações ao longo da visita	X		

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			uma intervenção por parte das profissionais da instituição de apoio (ex.: EC-3 – “<i>Está tudo apresentado? Podemos começar?</i>”/ DID-6: “<i>Pode, à vontade!</i>”; EC-3: “<i>Vocês são todos de Arganil?</i>”/ DID-6: “<i>Somos todos, sim senhora!</i>”; EC-3: “<i>Esta coisa aqui, a que é que soa?</i>”/ DID-18: “<i>Uma campainha?</i>”/ DID-10: “<i>É telefone?</i>”/ DID-8: “<i>A mim parece-me um vaso.</i>”/ DID-9: “<i>Microfone, coisa fazer música?</i>”/ DID-10: “<i>É sino?</i>”; EC-3: “<i>Vou pôr a tocar aqui uma coisa.</i>”/ DID-9: “<i>Bateria?</i>”/ DID-10: “<i>Tipo banda?</i>”/ DID-9: “<i>Igual ao professor!</i>”/ EC-3: “<i>É uma banda. Todos tocam ao seu ritmo?</i>”; EC-3: “<i>Sabem que, numa zona do nosso país, no Alentejo, há senhores que põem estas pedras entre os dedos e tocam como se fossem castanholas?</i>”/ DID-6: “<i>É como o rancho. Parecem maracas.</i>”).
Atenção individualizada a cada visitante	a)		Foram feitas as apresentações iniciais, nas quais a profissional EC-3 reagiu entusiasticamente às apresentações de cada um dos participantes com DID (um dos participantes não se quis apresentar e, de modo a respeitar a sua vontade, a profissional EC-3 pediu aos outros participantes que o apresentassem).

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			a) Não foi, no entanto, dada uma atenção especial a cada um dos envolvidos ao longo da exploração dos elementos da exposição (as perguntas e os comentários foram dirigidos para o grupo e não para um participante em particular). Não foi solicitado a cada um dos participantes que escolhesse um dos botões dos equipamentos para acionar os seus mecanismos.
Utilização de diferentes formas de percepção sensorial para transmitir e aceder à informação		X	A informação foi transmitida pela profissional EC-3 por via auditiva, não tendo sido utilizados outros recursos sensoriais além dos elementos já existentes na exposição.
Promoção da participação em atividades lúdicas/práticas	X		Toda a exposição consistia na manipulação de equipamentos/robôs, com o objetivo de produzir um efeito sonoro (e, por vezes, visual), pelo que, embora de forma virtual, o grupo de participantes foi convidado a participar constantemente em atividades práticas.
Promoção do contacto direto com os objetos explorados no decurso da visita		X	- Não foi considerado este ponto, tendo em consideração que a visita decorreu de forma virtual. De outro modo, os participantes poderiam ter manipulado todos os equipamentos, pois era essa a finalidade da exposição. - A profissional EC-3 não sugeriu que os participantes com DID tivessem

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			disponíveis no CAO materiais semelhantes aos que estavam presentes na exposição, de modo a promover o contacto direto com os elementos expostos.
Ligação entre os conteúdos explorados na visita e a vida dos participantes	X		Em vários momentos da visita, foram efetuadas referências a elementos do quotidiano dos participantes com DID (ex.: <i>“Onde vocês vivem, há paisagens sonoras, há sons que ouvimos todas as manhãs. Ouvem o sino da igreja? (...) Vocês vivem no campo ou na cidade? (...) Então, no campo, ouvem mais os sons da natureza, não é?”</i> ; <i>“Vocês costumam ir às procissões? Ou às bandas filarmónicas?”</i> ; <i>“Vocês alguma vez viram aqueles cãesinhos de peluche que mexem?”</i> ; <i>“Vocês costumam fazer bolos? (...) E fazem o bolo com quê? Com a colher de pau?”</i>).
Recurso a materiais de apoio com linguagem adaptada		X	Não foram utilizados materiais de apoio, além dos equipamentos presentes na exposição.

8. Técnicas utilizadas para potenciar a participação dos visitantes

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
Convite à participação Tocar/utilizar os objetos culturais ou outros instrumentos		X	Nesta visita, não foi considerada a possibilidade de cada participante escolher um botão de um dos equipamentos para acionar os seus mecanismos.
Provocação			

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
• Transmissão de perguntas que provoquem o público • Utilização de objetos que provoquem o público	X	X	• Durante a visita, a profissional EC-3 foi fazendo continuamente questões aos participantes com DID, com o intuito de potenciar a sua participação/envolvimento.
Relevância para o indivíduo (referência ao quotidiano dos visitantes)	X		Em vários momentos da visita, foram efetuadas referências a elementos do quotidiano dos participantes com DID (ex.: culinária, procissões, banda filarmónica, viver no campo – sons da natureza que ouvem, etc.).
Utilização de sequências (gestão do grau de expectativas dos visitantes ao longo da visita)	X		• Inicialmente, a profissional EC-3 explicou do que se tratava a exposição, de modo a preparar os participantes com DID para a experiência (<i>“Esta parte da exposição tem um nome muito esquisito, que se chama ‘Disposofónicos’ e é feita com muitos objetos do dia-a-dia que nós vamos mostrar ali em cima. Nós vamos começar de umas caixas muito engraçadas. Têm uns sensores.”</i>) • Sempre que a profissional EC-3 mudava de contexto dentro do

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
			espaço cultural, fazia referência a essa mudança, de modo a enquadrar o que iria acontecer em seguida e a ligar os diferentes elementos da exposição (ex.: “<i>nós vamos começar ali de umas caixas muito engraçadas</i>”; “<i>vamos ver aqui outros objetos a fazerem barulhos</i>”; “<i>estão a ver aqui o robô?</i>”; “<i>eu vou carregar aqui num botão e vamos ver qual é o mecanismo que vai ser ligado</i>”; “<i>Nós estamos noutra sala. Estamos acima da igreja.</i>”; “<i>Vamos então passar para outra sala. (...) São mais robôs.</i>”)
Utilização de imagens a ilustrar a informação oral		X	Não foram utilizados materiais de apoio, além dos equipamentos presentes na exposição.
Criação de um cenário de interpretação do contexto histórico analisado		X	Não se aplica ao contexto desta exposição

9. Recursos utilizados para potenciar a acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID:

Recursos	Sim	Não	Outras notas
Textos em leitura fácil		X	
Textos com apoio pictográfico		X	
Esquemas táteis		X	

Recursos	Sim	Não	Outras notas
Outros materiais de apoio (especificar)		X	
Visitas guiadas/mediação acessível	X		Visita mediada pela profissional EC-3
Encenações teatrais/mimetização		X	

Outras observações:

- Numa altura em que o grupo explorava um robô com diversos botões para carregar e acionar o movimento e o som de alguns objetos, um dos participantes referiu que o que estava a ver era uma tarola e não exatamente um tambor/caixa, como estava a ser explicado pela profissional EC-3. Nesse seguimento, a profissional afirmou: *“Ah, sim sim, uma tarola, muito bem! Vocês conhecem muitos instrumentos musicais, sim senhora!”*.
- No final da visita, a profissional cantou uma breve música, a pedido dos participantes com DID – *“Canta! Canta! Canta!”* (estes foram informados pela investigadora, antes do início da visita virtual, de que a profissional EC-3, além de trabalhar no Convento São Francisco, também era cantora).
- Ao longo da visita (e, de uma forma mais significativa, no seu final), a profissional EC-3 convidou os participantes com DID a visitar o Convento São Francisco assim que possível (*“Nós gostávamos mesmo é que vocês conseguissem vir cá ao Convento, para experimentar estes objetos. Vamos cá estar até setembro, por isso, um dia que venham a Coimbra podem conhecer o Convento. Convido-vos a virem, a virem quando quiserem, a visitar-nos. Vocês gostaram?”*).

VISITA 6

Espaço cultural considerado: Convento São Francisco

Centro de Atividades Ocupacionais considerado: Tocha

Data da visita: 24-07-2020

1. Participantes na visita:

Número de participantes com DID: 5 (DID-13, DID-14, DID-15, DID-16 e DID-17)

Número de profissionais do espaço cultural: 1 (EC-3) – com apoio de outra profissional do espaço cultural, nas filmagens da videochamada

Número de profissionais da APPACDM de Coimbra: 1 (APPACDM-5)

2. Esquema da visita (ex.: ambiente visitado dentro do espaço cultural; descrição dos objetos culturais explorados no decurso da visita)

A visita decorreu de forma virtual (as pessoas com DID e a profissional da instituição de apoio permaneceram no Centro de Atividades Ocupacionais da Tocha e a profissional do Convento São Francisco estava no espaço cultural). Antes do início da videochamada, a pedido da profissional do Convento, foram mostradas aos participantes imagens panorâmicas dos espaços mais significativos do contexto visitado, com o intuito de enquadrar onde ia ser realizada a visita (as imagens foram visionadas a partir do site do Convento). A visita correspondeu à exploração de várias salas da exposição “Dar a ouvir – Paisagens sonoras”. Inicialmente, a profissional EC-3, as profissionais da instituição de apoio e as pessoas com DID apresentaram-se.

3. Formas de exploração do ambiente (ex.: os participantes percorrem um determinado espaço ou vão sentar-se junto a um ou mais objetos culturais?)

A visita decorreu de forma virtual, pelo que a profissional do Convento São Francisco foi-se movimentando ao longo da exposição, referindo que ia mudar de contexto sempre que tal sucedia. No início da visita, a profissional colocou-se ao lado do nome da exposição que estava escrito na parede, tendo-o lido para fazer o seu enquadramento.

As pessoas com DID estavam sentadas em volta do computador (todas elas visíveis pela câmara), vendo os elementos da exposição e a profissional do Convento à sua

frente, de modo a aproximar ao máximo as características da visita àquelas que seriam consideradas se esta fosse presencial.

Antes da visita, foram apresentadas imagens panorâmicas dos espaços do Convento aos participantes com DID (imagens disponíveis no site deste espaço cultural), a pedido da profissional deste contexto.

4. **Preparação dos profissionais do espaço cultural** (Os profissionais tiveram acesso a informação prévia sobre os participantes da visita? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido.)

A profissional do Convento São Francisco teve acesso ao número de participantes com DID e aos seus nomes, assim como ao nome da profissional da instituição de apoio. Não foram solicitadas outras informações por esta profissional.

5. **Preparação dos profissionais da APPACDM de Coimbra** (Os profissionais tiveram acesso a informação sobre o conteúdo da visita antes da sua realização? Se sim, especificar o meio de transmissão e o tipo de conteúdo transmitido)

A profissional da instituição de apoio foi informada previamente que a exposição considerada nesta visita virtual estava relacionada com a manipulação de objetos com vista à produção/exploração de sons.

6. **Registo do desempenho e das necessidades das pessoas com DID no acesso e na fruição cultural no contexto analisado**

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
Conceptual (competências relacionadas com a memória, linguagem,	• Não foram evidentes dificuldades/necessidades significativas neste domínio

Domínios do funcionamento adaptativo	Necessidades manifestadas
leitura e escrita, raciocínio matemático, resolução de problemas, aquisição de conhecimento prático, etc.)	
Social (competências relacionadas com a empatia, a comunicação interpessoal e o discernimento, etc.)	• Durante a visita, os participantes com DID nem sempre conseguiram manter turnos de conversação eficazes (demonstraram entusiasmo em descrever e fazer comentários sobre o que estavam a ver e, por isso, nem sempre pararam para ouvir o que era dito pela profissional do Convento São Francisco).
Prático (competências de aprendizagem e de autogestão nos contextos naturais – cuidados pessoais, responsabilidade, regulação dos comportamentos, etc.)	• Não foram evidentes dificuldades/necessidades significativas neste domínio

7. Dinâmicas utilizadas no contexto da visita

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
Estruturação inicial (transmissão de instruções aos visitantes para os preparar para a experiência)	X		• Apresentação prévia de imagens dos espaços do Convento São Francisco, pela profissional do CAO (fotografias panorâmicas do site da instituição cultural) • Apresentação inicial, de todos os envolvidos, com a orientação da profissional APPACDM-5 (<i>“EC-3, eles querem-se apresentar”</i>). • Inicialmente, a profissional EC-3 fez uma introdução à exposição, explicando do que se tratava e quem eram os seus autores (<i>“Esta exposição, que se chama ‘Dar a ouvir – paisagens sonoras da cidade’, já vai no quarto ano.” Nós não vamos ver a exposição toda. Vocês já vieram ao Convento São Francisco em Coimbra? (...) É muito grande. Nós escolhemos apenas uma parte da exposição para vos mostrar, está bem? Mas vocês podem visitar o Convento São Francisco com a família. Podem vir ver esta exposição. Está cá todos os dias menos à terça-feira, das três da tarde até às 8 da noite, até ao início de setembro. (...) Além de ter um espaço muito bonito, tem esta exposição que vocês podem visitar. Então, nós vamos começar. Eu sou a EC-3 e é a XXX [referência a nome próprio]. Vamos</i>

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>então começar aqui por este espaço, na parte mais alta do Convento. (...)</i> <i>Estamos todos apresentados. (...)</i> <i>Começamos na sala da Sonoscopia, que é um grupo de artistas do Porto.</i> <i>Quiseram criar aqui uma série de objetos a que chamaram</i> <i>‘Disposofónicos – acumuladores de objetos’. Eles têm uma coisa em comum entre todos eles. (...) Estão sempre a colecionar coisas. Qualquer coisa que veem no chão agarram. São o que se chama de acumuladores (...)</i> <i>Começaram a criar as instalações sonoras com os objetos. E é isso que nós vamos ver aqui hoje.”</i>
Uso de perguntas para estimular a participação dos visitantes, antes da explicação dos conteúdos da visita	X		• Ao percorrer os vários espaços da exposição, a profissional EC-3 foi fazendo perguntas sobre o que os participantes com DID estavam a ver e a ouvir, esperando para ouvir as suas respostas e partindo daí para avançar na exposição (ex.: “O que é que vos parece?”; “Estão a ver?”; “O que é que vocês veem que estes tubinhos estão a deitar?”; “Estão a ver o que é que é?”; “A ver se vocês conhecem isto.”). • Inicialmente, na explicação dos fundamentos e dos autores da exposição, a profissional EC-3 poderia

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			ter dado mais tempo para as pessoas com DID assimilarem a informação, mediante a formulação de perguntas para aferir se estavam a perceber a mensagem (a explicação inicial decorreu sem pausas). • A profissional APPACDM-5 fez a ponte entre os participantes com DID e a profissional EC-3 sempre que esta não conseguia ouvir/perceber os seus contributos (ex.: <i>“EC-3, o DID-13 estava a dizer que...”</i>) • A partir de determinada altura, não houve tanta necessidade de formular perguntas para explorar os elementos da exposição, uma vez que a maioria dos participantes com DID (exceto o participante DID-16) comentavam o que estavam a ver e a ouvir, de uma forma muito natural e ativa (ex.: <i>“Aquilo é umas chapas”; “Isso é umas colunas que têm sons lá dentro”; “É um fio, mas tem uma bolhinha”; “Isso é um frasco que está com água dentro e está uma mangueira”; Isso é uma coisa que está com uns parafusos e umas porcas e um sino onde isso roda e bate”; “Isso é uns vasos, vasos de barro pequenos”; “Isso é tipo um bombo, dos antigos, dos chineses”; “Isso é vidro acrílico”; “Bate</i>

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>na borracha e está a fazer aquele som”; “Isso é daqueles bicos dos fogões antigos”; “É tudo automático, mas até é engraçado!”; “As bolas têm alguma coisa dentro?”).</i>
Resposta aos contributos dos visitantes, efetuando a ligação com os conteúdos da visita	X		Quando eram colocadas questões aos participantes com DID, a profissional EC-3 valorizava e partia geralmente das suas respostas para dar continuidade à exploração dos elementos da exposição, com o apoio da profissional APPACDM-5 (ex.: DID-13: <i>“Isso é umas colunas que têm os sons por dentro.”</i> / EC-3: <i>“Tem sons lá dentro, exatamente! Tem uns objetos que fazem sons”</i> / DID-13: <i>“Eu já sei como é que é!”</i> ; EC-3: <i>“Eu já percebi que eles devem saber coisas de mecânica, não?”</i> / DID-14: <i>“Temos aqui duas oficinas. É serralharias. Trabalha com metal.”</i> / DID-13: <i>“A gente trabalha com ferros e madeiras”</i> / EC-3: <i>“Ah! Conhecem o que aqui está! E conhecem isto? (...) Olha, já sabe mais que eu!”</i> / DID-13: <i>“Temos o nosso monitor. Ele trabalha com estas coisas.”</i> / APPACDM-5: <i>“Eles estão habituados a trabalhar com essas coisas cá no CAO”</i> ; DID-14: <i>“É como os botões dos DJ’s.”</i> / DID-15: <i>“Falta só o DJ!”</i> / EC-3: <i>“É como se fossem os botões do volume.”</i> / APPACDM-5: <i>“É que o DID-14 é DJ.”</i> / EC-3: <i>“Então por isso é que ele conhece estas coisas”</i>)

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
Uso de linguagem clara e simples	X		Durante os diferentes momentos da visita, a profissional EC-3 esforçou-se por transmitir as ideias de forma simples, reformulando ocasionalmente o seu discurso, de modo a tornar o discurso mais claro (ex.: <i>“Neste caso, são tudo objetos percussivos, ou seja, quando batem nalguma coisa fazem percussão. Uns mais graves, outros mais agudos. Não são colunas de sons. São caixas com objetos lá dentro (...) Nós aproximamos e elas começam a mexer.”</i> ; <i>“Esta peça chama-se ‘distorção geométrica’ porque nós temos estas linhas retas e acabamos por distorcê-las com estes botões de volume, não é?”</i> ; <i>“O que vai acontecer é que vão começar a acumular partículas. Pó, bichos. Vamos chegar a setembro e isto está completamente diferente, o que também é engraçado.”</i> ; <i>“O som em loiça ou em ferro acaba por ser diferente. No ferro, ele fica mais tempo a soar, não é? Ao passo que, na loiça, fica menos tempo a soar, é mais delicado.”</i>)
Uso de linguagem adequada à faixa etária dos visitantes	X		Globalmente, a linguagem utilizada pela profissional EC-3 revelou-se adequada à faixa etária dos participantes com DID.
Uso de perguntas para obter esclarecimentos acerca da		X	Durante a exploração da exposição, a profissional EC-3 perguntou de forma regular e continuada se os participantes estavam a ver e/ou a ouvir os diferentes elementos, explicando os conteúdos da

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
compreensão da mensagem			visita e questionando para perceber se a mensagem tinha sido recebida (ex.: <i>“No ferro, ele fica mais tempo a soar, não é?”</i>; <i>“Eu acho muita piada a estas por causa destas madeiras que estão aqui. Estão a ver?”</i>; <i>“Vocês estão a ver isto projetado na parede?”</i>). As perguntas para obter esta confirmação não foram tão frequentes nesta visita, em comparação com as duas anteriores, uma vez que a participação espontânea da maioria das pessoas com DID permitiu à profissional EC-3 inferir acerca do nível de compreensão do que era transmitido.
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa assimilar a informação		X	Inicialmente, a profissional EC-3 fez a contextualização da exposição (ex.: título, autores, fundamentos) de uma forma rápida, sem dar tempo aos participantes para intervirem. Depois desta etapa, com a participação espontânea das pessoas com DID e com o reforço de informação por parte da profissional APPACD-5, a profissional EC-3 ajustou mais o ritmo da visita, dando um maior número de oportunidades para que as pessoas com DID pudessem assimilar a informação, responder às diferentes solicitações e
Respeito pela temporalidade de cada visitante: dar tempo para que possa responder às perguntas/solicitações ao longo da visita	X		

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
			revelar iniciativa para introduzir novos tópicos.
Atenção individualizada a cada visitante		X	- Foram feitas as apresentações iniciais dos participantes com DID, tendo as mesmas decorrido de uma forma rápida e apenas depois da intervenção da profissional APPACDM-5. - Não foi dada uma atenção especial a cada um dos envolvidos ao longo da exploração dos elementos da exposição (as perguntas e os comentários foram dirigidos para o grupo e não para um participante em particular). Não foi solicitado a cada um dos participantes que escolhesse um dos botões dos equipamentos para acionar os seus mecanismos.
Utilização de diferentes formas de perceção sensorial para transmitir e aceder à informação		X	A informação foi transmitida pela profissional EC-3 por via auditiva, não tendo sido utilizados outros recursos sensoriais além dos elementos já existentes na exposição.
Promoção da participação em atividades lúdicas/práticas	X		Toda a exposição consistia na manipulação de equipamentos/robôs, com o objetivo de produzir um efeito sonoro (e, por vezes, visual), pelo que, embora de forma virtual, o grupo de participantes foi convidado a participar constantemente em atividades práticas.
Promoção do contacto direto com	X		Não foi considerado este ponto, tendo em consideração que a visita decorreu

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
os objetos explorados no decurso da visita			de forma virtual. De outro modo, os participantes poderiam ter manipulado todos os equipamentos, pois era essa a finalidade da exposição. • A profissional EC-3 não sugeriu que os participantes com DID tivessem disponíveis no CAO materiais semelhantes aos que estavam presentes na exposição, de modo a promover o contacto direto com os elementos expostos. No entanto, dois dos participantes (DID-13 e DID-14) referiram que costumam desenvolver atividades com materiais semelhantes aos da exposição. Nesse seguimento, a profissional EC-3 deixou a seguinte sugestão: <i>“Eu agora fiquei curiosa para saber se vocês vão conseguir reproduzir alguma destas coisas. Seria engraçado. Fica o desafio. Vocês fazem os vídeos e os artistas vão ficar super contentes por vocês próprios conseguirem fazer coisas destas. Eu acho que, para vocês, não vai ser muito difícil, pois não?”</i>. O participante DID-13 fez ainda o seguinte comentário ao longo da visita: <i>“A gente tem de pedir ao XXX [referência a nome próprio] para fazer um coiso destes”</i>.
Ligação entre os conteúdos explorados	X		Em vários momentos da visita, os próprios participantes com DID fizeram referência a

Dinâmicas	Sim	Não	Outras notas
na visita e a vida dos participantes			alguns elementos do seu dia-a-dia, sem ser necessária a existência de uma incitação frequente por parte das profissionais das duas instituições (ex.: EC-3: <i>“A ver se vocês conhecem isto.”</i> / DID-13: <i>“Isso é um bico de um fogão, daqueles bicos dos fogões antigos.”</i> ; EC-3: <i>“Eu já percebi que eles devem saber coisas de mecânica”</i> / DID-14: <i>“Temos aqui duas oficinas” (...)</i> / APPACDM-5: <i>“Eles estão habituados a trabalhar com essas coisas cá no CAO.”</i> ; DID-13: <i>“Dantes, pegavam nos tachos antigos e faziam vários sons”</i> ; DID-14: <i>“É como os botões dos DJ’s.” (...)</i> / APPACDM-5: <i>“É que o DID-14 é DJ”</i> / EC-3: <i>“Então, por isso é que ele conhece estas coisas”</i> ; DID-15: <i>“Aquilo parece os filmes, quando a gente vai ao cinema”</i> ; DID-14: <i>“É como seja o sino da capela, como na missa.”</i>).
Recurso a materiais de apoio com linguagem adaptada		X	Não foram utilizados materiais de apoio, além dos equipamentos presentes na exposição.

8. Técnicas utilizadas para potenciar a participação dos visitantes

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
Convite à participação • Tocar/utilizar os objetos culturais ou outros instrumentos		X	Nesta visita, não foi considerada a possibilidade de cada participante escolher um botão de um dos equipamentos para acionar os seus mecanismos.
Provocação			

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
• Transmissão de perguntas que provoquem o público • Utilização de objetos que provoquem o público	X	X	• Durante a visita, a profissional EC-3 foi fazendo continuamente questões aos participantes com DID (e também foi reagindo de forma motivante aos seus contributos espontâneos, nos quais eram introduzidos novos tópicos), com o intuito de potenciar a sua participação/envolvimento
Relevância para o indivíduo (referência ao quotidiano dos visitantes)	X		Em vários momentos da visita, foram efetuadas referências a elementos do quotidiano dos participantes com DID (ex.: DJ, trabalho de oficinas, banda filarmónica, etc.)
Utilização de sequências (gestão do grau de expectativas dos visitantes ao longo da visita)	X		• Inicialmente, a profissional EC-3 explicou do que se tratava a exposição, de modo a preparar os participantes com DID para a experiência (<i>“Esta exposição, que se chama ‘Dar a ouvir – paisagens sonoras da cidade’, já vai no quarto ano. (...) Nós não vamos ver a exposição toda. (...) Nós escolhemos apenas uma parte da exposição para vos mostrar (...) Vamos então começar aqui por este espaço, na</i>

Técnicas	Sim	Não	Outras notas
			<i>parte mais alta do Convento. (...) Começamos na sala da Sonoscopia, que é um grupo de artistas do Porto. Quiseram criar aqui uma série de objetos a que chamaram 'Disposofónicos – acumuladores de objetos'. (...) E é isso que nós vamos ver aqui hoje.”)</i> • Quando a profissional EC-3 mudava de contexto dentro do espaço cultural, fazia referência a essa mudança, de modo a enquadrar o que iria acontecer em seguida e a ligar os diferentes elementos da exposição (ex.: <i>“Vamos começar ali com uma muito engraçada”</i>; <i>“Depois, temos aqui mais uma série de objetos”</i>; <i>“Vamos agora lá abaixo”</i>; <i>“Vamos ali para a frente.”</i>; <i>“Então, agora, vamos deixar esta sala. Estão a ver? É enorme. E vamos passar a uma outra sala, a uma outra instalação.”</i>).
Utilização de imagens a ilustrar a informação oral		X	Não foram utilizados materiais de apoio, além dos equipamentos presentes na exposição.
Criação de um cenário de interpretação do contexto histórico analisado		X	Não se aplica ao contexto desta exposição

9. Recursos utilizados para potencializar a acessibilidade e a fruição cultural de pessoas com DID:

Recursos	Sim	Não	Outras notas
Textos em leitura fácil		X	
Textos com apoio pictográfico		X	
Esquemas táteis		X	
Outros materiais de apoio (especificar)		X	
Visitas guiadas/mediação acessível	X		Visita mediada pela profissional EC-3
Encenações teatrais/mimetização		X	

Outras observações:

- Na etapa final da visita, a profissional EC-3 afirmou: *“E pronto, chegámos ao fim”*. Ao ouvir isto, os participantes DID-14 e DID-15 disseram: *“Oh que pena! Queríamos ver mais coisas!”*.
- No final, antes de terminar a visita virtual, a profissional EC-3 cantou uma música, o que deixou os participantes com DID muito entusiasmados (DID-14: *“Ela tem uma voz...”*; DID-15: *“Espetacular! Pode entrar para o rancho!”*; DID-13: *“Podes saber os dias em que ela faz atuações? Pergunta-lhe, que eu gostava de ir vê-la!”*).
- Durante a visita, o participante DID-15 expressou diversas vezes que gostaria de visitar o Convento São Francisco (*“Temos que lá ir um dia destes, oh APPACDM-5!”*).
- O participante DID-16 manteve-se em silêncio durante toda a visita (exceto quando se apresentou ao início). No entanto, esteve sempre muito atento a todos os estímulos (visuais e auditivos) e demonstrou muito interesse.

APÊNDICE 6 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Legenda (comum a todas as transcrições):

I = Investigadora

... = Pausa

PESSOAS COM DID

Codificação do participante: DID-1

Data da entrevista: 24/06/2020 (1ª parte) e 16/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor-o-Velho (APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 8 minutos e 52 segundos (1ª parte) e 4 minutos e 20 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, a participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª Parte

I: Ia perguntar, DID-1, quantos anos é que tu tens?

DID-1: “29”

I: 29 anos. E com quem é que tu vives, DID-1?

DID-1: “Vivo com o pai, a avó, a mãe e com as irmãs.”

I: Tens irmãs?

DID-1: “Sim, tenho a XXX, a XXX [referência a nomes próprios] e eu.”

I: São mais novas?

DID-1: “Sim, são.”

I: Ainda estão a estudar?

DID-1: “A XXX [referência a nome próprio] está a estudar, está a fazer exames para depois ir para Coimbra.

I: Para a universidade?

DID-1: “Sim. Deste ano.”

I: Olha, sabes há quantos anos é que estás aqui no CAO?

DID-1: “Não, Catarina, isso agora não sei.”

I: Mais ou menos.

DID-1: “Isso agora...”

I: Já são muitos anos...

DID-1: “Se calhar, é muitos anos.”

I: E estiveste antes na Formação?

DID-1: “Estive.”

I: E o que é que fizeste na formação, lembras-te?

DID-1: “Estive com a D. XXX, com a D. XXX [referência a nomes próprios] ... na cozinha. Estive a passar a ferro com a D. XXX [referência a nomes próprios]. E estive a fazer um estágio na piscina e depois tive um na XXX [referência a nome próprio]. E depois fui passar para o CAO.”

I: Hum-hum. Ok. O que é que tu fazes cá no CAO?

DID-1: “Faço limpeza, com a D. XXX [referência a nome próprio], lavo a louça, estou com a XXX [referência a nome próprio] a coser. A gente cose bonecos, porta-chaves...agora a gente não cose por causa disto [COVID-19] e estou com a XXX [referência a nome próprio], na rua a arrancar ervas. Só que agora...não podem ir à rua. A gente faz muita coisa.”

I: Pois é. Estou a ver que sim.

DID-1: “A gente faz educação física, com a Dr.ª XXX [referência a nome próprio], que dá-nos a aula. Dantes, era o professor XXX [referência a nome próprio]. O professor XXX [referência a nome próprio] só fazia apoios aos outros meninos e agora a Dr.ª XXX [referência a nome próprio] veio na vez dele e chamou a gente e a gente também faz educação física. E estou com a professora XXX [referência a nome próprio] também.”

I: Então, tens o apoio de música...

DID-1: “Música e estou com a XXX [referência a nome próprio] também.”

I: Com a XXX [referência a nome próprio] fazes o quê?

DID-1: “Com a XXX [referência a nome próprio], a gente faz contas, faz textos. Eu estou a fazer textos para a gente fazer um livro. Depois a XXX [referência a nome próprio] vai mais a gente lá abaixo e vai fazer um livro...é uma surpresa, para a gente mostrar à Dr.ª XXX [referência a nome próprio].”

I: O que é que tu gostas de fazer nos teus tempos livres?

DID-1: “Gosto de andar de bicicleta, gosto de passear, gosto de andar a pé e tenho um cãozito, que às vezes vou passear com ele.”

I: E tu costumavas ir a alguns espaços culturais, como os museus, os conventos e assim?

DID-1: “Não, só aqui na escola.”

I: E aqui, quando é que tu vais?

DID-1: “Daqui da escola, às vezes que a Dr.^a XXX [referência a nome próprio] manda uma carta para casa, a gente vai. Já fui ao museu, já fui a esse museu que vi a Catarina e...já fui com a professora XXX [referência a nome próprio] ao outro, que eu não me estava a lembrar, que vi a Catarina também. É só estes é que a gente vai.”

I: Sim, muito bem. Nunca foste a outro?

DID-1: “Não”

I: E com a tua família, nunca foste?

DID-1: “Não, não.”

I: Ok. E que sítios é que tu conheces, então? É o museu e o Convento São Francisco, não é?

DID-1: “Sim.”

I: E gostavas de ir mais vezes a esses sítios?

DID-1: “Sim.”

I: Ou gostas mais de fazer outras coisas?

DID-1: “Não, gosto de ir aos museus!”

I: Sim. As experiências que tiveste foram boas.

DID-1: “Sim.”

I: Hoje, participaste numa visita. Foi no CAO, mas é como se nós tivéssemos ido aonde?

DID-1: “Ao museu.”

I: Ao Museu Machado de Castro, não é?

DID-1: “Sim.”

I: Do que é que tu te lembras da visita? Conta-me lá.

DID-1: “Muita coisa.”

I: Diz-me lá assim...

DID-1: “As peças que a gente viu lá no museu... E depois o resto que a gente fez na Catarina no outro centro...”

I: Sim, mas diz-me uma coisa, DID-1: hoje tivemos uma visita virtual. Estivemos aqui mas entrámos no museu pelo computador.

DID-1: “Pois foi!”

I: Conta-me lá o que é que tu viste, o que é que tu fizeste... Do que é que tu te lembras de hoje?

DID-1: “Fiz a Maria...o Jesus...e não me lembro mais nada.”

I: Fizeste Maria e Jesus, como assim? Explica-me lá.

DID-1: “Mais a XXX [referência a nome próprio de outra participante] e os outros colegas todos.”

I: Hum-hum. Como é que fizeram?

DID-1: “Foi...a XXX [referência a nome próprio de outra participante] era Maria...eu era o menino...e a XXX [referência a nome próprio de outra participante] era a Maria.”

I: A XXX [referência a nome próprio de outra participante]...deixa-me pensar...era a menina que estava ajoelhada no chão, não era?

DID-1: “Sim, mais a XXX [referência a nome próprio de outra participante].”

I: Sim, sim, eram as duas. Uma de cada lado, não era? DID-1, diz-me uma coisa: do que é que tu gostaste mais da visita de hoje?

DID-1: “Muita coisa. Gostei da XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC] e da outra senhora.”

I: Ah, gostaste delas. O que é que foi bom da parte delas?

DID-1: “Foi ver as imagens. Elas ensinaram à gente as imagens e foi muita bom.”

I: Sim. Como é que achas que correu esta visita?

DID-1: “Correu bem.”

I: Houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-1: “Não.”

I: E gostavas de participar em mais visitas assim aos espaços?

DID-1: “Sim”

I: E querias as visitas assim à distância, no computador, ou querias lá ir?”

DID-1: “Agora teve que ser no computador porque não se pode lá ir ao museu.”

I: Pois é. Mas imagina que agora, durante mais uns meses não se pode fazer visitas...

DID-1: “No computador.”

I: No computador também dá?

DID-1: “É.”

I: Hum-hum. E por que é que gostavas de participar mais vezes?

DID-1: “Porque gosto.”

I: O que é que sentes?

DID-1: “É coisas que a gente gosta de ver.”

I: E aprendes coisas novas ou nem por isso?

DID-1: “Sim, aprendo coisas novas.”

I: O que é que achaste do museu? Da vez que tu lá foste e de hoje?

DID-1: “Muito lindo.”

I: Para que é que achas que serve aquele museu?

DID-1: “Para as pessoas irem fazer uma visita.”

I: E, ao fazer uma visita, o que é que as pessoas vão tirar disso?

DID-1: “Vão ver as imagens...são feitas de pedra.”

I: Ok. Como é que tu te sentiste hoje na visita?

DID-1: “ [pausa] Bem”

I: O que é que sentiste mais? Sentiste que aprendeste alguma coisa...ou não aprendeste nada...que foi uma seca...

DID-1: “Não. Aprendi muita coisa.”

I: Aprendeste muita coisa. O que é que guardaste assim mais daquilo que aprendeste?

DID-1: “Muita coisa.”

I: Não consegues dizer uma?

DID-1: “Não.”

I: Sentiste alguma dificuldade?

DID-1: “Não.”

I: Não houve dificuldade nenhuma? Percebeste tudo o que te disseram e assim?

DID-1: “Sim.”

I: O que é que achaste da XXX e da XXX [referência aos nomes próprios das duas profissionais do MNMC]?

DID-1: “Boas.”

I: Por exemplo, como é que elas te trataram?

DID-1: “A DID-1.”

I: Sim, elas sabiam o teu nome.

DID-1: “Sabiam...elas sabiam o meu nome que a gente esteve lá e a gente viu-se.”

I: Pois é. E elas tiveram em conta o que tu estavas a precisar aqui deste lado? O que eu quero saber é: achas que elas tiveram a preocupação de saber se tu estavas a perceber, se não estavas?

DID-1: “Sim. Sim.”

I: Ok. Como é que elas faziam isso? Para saber se tu estavas a perceber ou não.

DID-1: “Elas diziam que a gente não entendesse para a gente dizer outra vez.”

I: Ok. Pedir para repetir, não é? Muito bem. Como é que elas transmitiam as informações? Como é que elas falavam?

DID-1: “No computador.”

I: Sim, no computador, mas como é que elas falavam para tu perceberes? O que é que elas fizeram?

DID-1: “Ver as imagens, mostrar o pequeno e o grande.”

I: E como é que a XXX [referência ao nome próprio de uma das profissionais do MNMC] mostrou o pequeno e o grande, lembras-te?

DID-1: “Assim [imitação do gesto da profissional do MNMC].”

I: Assim, ou seja, pôs as mãos para ver se era grande ou pequeno, não é? Para vocês perceberem deste lado se a imagem era grande ou se era pequena. Muito bem. Há alguma coisa que gostasses que tivesse sido diferente, nesta visita?

DID-1: “Não, não.”

I: Olha, queres dizer mais alguma coisa sobre a visita?

DID-1: “Não.”

I: Diz-me uma coisa: por que é que ir aos museus é importante para as pessoas?

DID-1: “Gosto de ver as imagens.”

I: Ok, muito bem, DID-1.

2ª Parte

I: DIDI-1, hoje de manhã, participaste numa visita ao Convento São Francisco.

DID-1: “Sim.”

I: O que é que te lembras dessa visita?

DID-1: “Gostei.”

I: Gostaste?

DID-1: “Sim.”

I: Do que é que te lembras?

DID-1: “Muita coisa”

I: Então, explica-me lá tudo o que tu te lembras.

DID-1: “As cordas...os sons dos vasos...e gostei muito.”

I: Como é que achas que correu a visita?

DID-1: “Correu bem.”

I: Do que é que gostaste mais?

DID-1: “De tudo.”

I: De tudo o quê? O que é que foi importante?

DID-1: “Gostei do museu...”

I: Era um museu, hoje?

DID-1: “Hoje não era um museu, era...o Convento.”

I: Qual é que era a exposição que nós vimos hoje?

DID-1: “Dos sons! Ouvir os sons.”

I: Houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-1: “Não. Gostei de tudo.”

I: E gostavas de participar mais vezes nestas visitas?

DID-1: “Sim.”

I: Porquê?

DID-1: "Gostei. Eu gosto."

I: O que é que achaste ali do Convento São Francisco?

DID-1: "Muito lindo."

I: Para que é que ele serve?

DID-1: "Para as pessoas irem ver os coisos...ver...para fazer uma visita."

I: Durante a visita, como é que te sentiste?

DID-1: "Senti bem!"

I: Hum-hum. Tiveste alguma dificuldade?

DID-1: "Não."

I: Nada?

DID-1: "Nada."

I: E o que é que achaste da XXX [referência a nome próprio da profissional do Convento São Francisco] que estava lá a falar contigo?

DID-1: "Era boa."

I: Como é que ela te tratou?

DID-1: "Tratou bem."

I: O que é que ela fez para interagir convosco?

DID-1: "Foi...no computador. Foi sempre a mostrar os coisos à gente."

I: E ela explicava o que estava a fazer ou...

DID-1: "Sim! Explicava."

I: E achas que ela teve em conta aquilo que tu precisavas?

DID-1: "...sim."

I: Como é que ela explicou as coisas?

DID-1: "Bem."

I: Se pudesses, mudavas alguma coisa da visita?

DID-1: "Não! [risos]"

I: E gostavas de me dizer mais alguma coisa agora que já não há mais visitas nem entrevistas?

DID-1: "Não tenho nada."

I: Achas que estas idas ao museu e ao convento são uma coisa importante na tua vida ou nem por isso?

DID-1: "É importante! Eu gosto. Faz-me bem."

I: Conta-me o que acontecer depois da última visita [ao MNMC].

DID-1: "Lá a fotografia...quando a Catarina veio cá...e a gente levou-a para casa."

I: E o que é que fizeste com a fotografia?

DID-1: "Tenho-a lá em casa, no meu quarto."

I: E mostraste a alguém?

DID-1: “Mostrei à mãe e ao pai e às manas.”

Codificação do participante: DID-2

Data da entrevista: 24/06/2020 (1ª parte) e 16/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor-o-Velho (APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 12 minutos e 9 segundos (1ª parte) e 5 minutos e 28 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, a participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª Parte

I: DID-2, quantos anos tens, sabes?

DID-2: “Não, isso eu não sei.” [de acordo com a equipa diretiva do CAO, tem 48 anos]

I: Com quem é que tu moras?

DID-2: “Moro com as minhas cunhadas.”

I: Com as tuas cunhadas?

DID-2: “E os meus irmãos.”

I: Ai é?

DID-2: “A minha mãe faleceu e o meu pai também.”

I: Há pouco tempo?

DID-2: “A minha mãe foi agora há pouco tempo e o meu pai foi há muito tempo. Eu estou na minha casa, na casa da minha mãe, mas eles [irmãos] estão lá a viver também.”

I: Tu gostas de viver com os teus irmãos?

DID-2: “Gosto. E com as minhas cunhadas.”

I: Muito bem. Olha, tu estás aqui no centro há muitos anos?

DID-2: “Isso é que não me lembro.”

I: Eu ouvi dizer que não. Que tu estiveste cá uns anos e que depois estiveste em casa.

DID-2: “Foi.”

I: E agora voltaste há pouco tempo.

DID-2: “Voltei.”

I: E por que é que tu voltaste?

DID-2: “Por causa não estar em casa.”

I: Para não estares em casa sozinha?

DID-2: "Sim."

I: Gostas de vir ao centro?

DID-2: "Gosto."

I: O que é que tu gostas de cá fazer?

DID-2: "Oh...tudo."

I: Tudo? Conta-me lá o que é que tu fazes cá no CAO?

DID-2: "Agora não fazemos nada. Estamos nas salas."

I: Sim, mas fazem algumas coisas na mesma.

DID-2: "Fazemos. Vamos passar a ferro, vamos lavar para o bar, vamos pôr roupa a enxugar...e vamos juntar...a roupa."

I: Então tu estás na lavagem da roupa, é isso? Na lavandaria?

DID-2: "É, é."

I: E agora não tens estado a trabalhar.

DID-2: "Não."

I: Que apoios é que tu tens aqui? A DID-1 disse-me que ia à música. Tu também vais à música?

DID-2: "Vou."

I: E vais mais a quê?

DID-2: "Eu vou para a professora XXX [referência a nome próprio]...faz ginástica. E vou...para a XXX [referência a nome próprio]."

I: Sim. Fazer o quê?

DID-2: "Para os computadores."

I: Muito bem. E vais a mais alguma coisa?

DID-2: "Não, não."

I: Ok. Olha, o que é que tu gostas de fazer quando tens tempo livre?

DID-2: "Falar com os meus colegas."

I: Falar com os teus colegas, sim. E assim lá em casa, com a tua família, o que é que tu gostas mais de fazer?

DID-2: "Lavar a louça, levar a lenha [impercetível]...e arrumo as casas."

I: Ok. E tu não gostas de ver televisão...

DID-2: "Gosto, gosto."

I: E outras coisas assim desse género? O que é que gostas de fazer?

DID-2: "Ouvir música."

I: Que música é que tu gostas?

DID-2: "Gosto do Quim Barreiros. E gosto de...outras coisas, outras músicas."

I: E na televisão, o que é que tu gostas de ver?

DID-2: “As novelas.”

I: Costumas ir passear com a tua família a algum lado?

DID-2: “Não, dantes ia. Agora, não vamos a lado nenhum por causa do...”

I: E onde é que tu ias dantes? Antes de aparecer o Coronavírus?

DID-2: “Ia mais eles às compras. E ia mais eles à casa das minhas tias.”

I: Tu moras aqui em Montemor?

DID-2: “Não, não. Moro em Liceia.”

I: Tu costumavas visitar museus e assim outros sítios desses?

DID-2: “Costumo. Eu agora quando aqui estou costumo ir.”

I: Começaste a ir desde que vieste ao centro?

DID-2: “Sim.”

I: Onde é que tu já foste?

DID-2: “Já fui ao museu...e a outros sítios.”

I: Com quem é que tu vais?

DID-2: “Vou com a professora XXX [referência a nome próprio], vou com a D. XXX [referência a nome próprio] ou com a XXX [referência a nome próprio].

I: E o que é que tu fazes lá nesses sítios?

DID-2: “ [pausa prolongada] Vimos coisas.”

I: Sim. Que coisas é que podes ver nestes sítios?

DID-2: “ [pausa prolongada] Vimos museu da pedra...vimos...este que a gente viu hoje...”

I: Já tinhas ido ao Museu Machado de Castro?

DID-2: “Já. E...acho que mais nenhum.”

I: Ok. Gostavas de ir mais vezes a sítios como o museu?

DID-2: “Gostava.”

I: Ou gostas mais de fazer outras coisas?

DID-2: “Gostava de ir lá a estes sítios.”

I: É? Para fazer o quê?

DID-2: “Para ver as coisas.”

I: E por que é que é importante ver as coisas?

DID-2: “Porque gosto de ver.”

I: Ah. DID-2, hoje participaste numa visita ao Museu Machado de Castro, não foi? Não pudemos lá ir por causa do vírus. Então, como é que foi? O que é que fizemos? Não fomos lá, mas...

DID-2: “Fizemos o coiso...as santinhas.”

I: Sim, sim, mas espera. O que é que aconteceu hoje? Não pudemos ir ao museu, não foi?

Então, como é que fizemos para ir ao museu, hoje?

DID-2: “Fizemos no computador.”

I: Então, fizemos uma visita virtual, não foi? Tínhamos lá as senhoras do museu e nós cá deste lado. E o que é que nós fizemos nessa visita?

DID-2: “Estivemos de joelhos... A XXX [referência a nome próprio] fez de Nossa Senhora...”

I: Muito bem, tens razão, mas o que é que aconteceu no princípio? Começámos logo de joelhos?

DID-2: “Não. Vimos as nossas senhoras.”

I: Vimos a Nossa Senhora aonde?

DID-2: “No museu.”

I: Mas onde é que ela estava?

DID-2: “No computador.”

I: Sim, estava no computador, mas o que é que nós víamos?

DID-2: “ [pausa prolongada] Os meninos ao colo de Nossa Senhora.”

I: Sim. E era assim uma coisa de pedra ou era uma pintura?

DID-2: “Uma pintura.”

I: Ok. E estivemos a tentar ver o que é que lá estava, não foi? A descobrir. E depois?

DID-2: “Já não sei...”

I: Depois, fizemos aquilo que tu estavas a dizer. Foi o quê?

DID-2: “De joelhos.”

I: Por que é que te puseste de joelhos?

DID-2: “Por causa de estar a rezar.”

I: E por que é que estavas a rezar?

DID-2: “Era por causa da Nossa Senhora.”

I: Ah. Porque estavas a imitar o quê?

DID-2: “Nossa Senhora.”

I: Estavas a imitar Nossa Senhora que estava lá na pintura do museu. Isso mesmo. Como é que achas que correu esta visita hoje?

DID-2: “Correu bem.”

I: Do que é que gostaste mais?

DID-2: “Gostei das nossas senhoras.”

I: De ver a Nossa Senhora ou de fazer a outra parte no final?

DID-2: “Também gostei dessa parte.”

I: Gostaste das duas: da parte de ver a Nossa Senhora e depois de imitar a pintura.

DID-2: “Sim”.

I: Houve alguma coisa que achas que não correu bem?

DID-2: “Acho que não. Correu tudo bem”

I: E gostavas de participar em mais visitas deste género?

DID-2: “Gostava.”

I: Porquê?

DID-2: “Porque é lindo.”

I: E por que é que é lindo?

DID-2: “A Nossa Senhora.”

I: Tu gostas muito de Nossa Senhora?

DID-2: “Sim”

I: Tens em tua casa?

DID-2: “Tenho.”

I: E vais à missa?

DID-2: “Agora não vou à missa por causa...a igreja está fechada.”

I: Sim, mas dantes ias à missa?

DID-2: “Ia.”

I: E já tinhas saudades de ver a Nossa Senhora?

DID-2: “Tinha.”

I: O que é que tu achaste do museu? Tu viste aquela parte cá fora, onde a XXX entrou com a XXX [referência a nomes próprios das profissionais do MNMC], não foi? Entraram as duas e foram por ali fora...até dissemos “olá” às pessoas das bilheteiras e depois foste ver a pintura, não foi?

DID-2: “Foi”

I: O que é que achaste do museu? Visto assim aqui deste lado, o que é que tu achaste?

DID-2: “Achei lindo.”

I: Para que é que serve o museu?

DID-2: “Para a gente ir ver as coisas.”

I: E tu podes ir ao museu? Achas que, se não houvesse o Coronavírus, nós podíamos lá ir?

DID-2: “Podemos. Acho que deixavam entrar.”

I: Olha, como é que te sentiste durante a visita de hoje?

DID-2: “Bem.”

I: Sentiste que houve alguma dificuldade?

DID-2: “Não.”

I: Percebeste tudo o que disseram, tudo o que aconteceu?

DID-2: “Percebi.”

I: Tiveste ajuda de alguém ou de alguma coisa?

DID-2: “ [pausa prolongada] A Dr.ª XXX [referência a nome próprio] ”

I: O que é que ela fez durante a visita para te ajudar?

DID-2: “Dizia as coisas...para a gente ver.”

I: O que é que achaste da XXX e da XXX [referência aos nomes próprios das profissionais do MNMC]?

DID-2: “Gostei bem, eram lindas.”

I: Como é que elas te trataram?

DID-2: “Bem.”

I: E elas tiveram em conta as tuas necessidades, aquilo que tu precisavas?

DID-2: “Acho que sim.”

I: Como?

DID-2: “Perguntavam se eu gostava das coisas.”

I: Há alguma coisa que tu gostavas que tivesse sido diferente?

DID-2: “Não.”

I: Como é que te explicaram as coisas que tu estavas a ver? Como é que te transmitiram as informações?

DID-2: “...”

I: Tu percebeste tudo?

DID-2: “Percebi.”

I: Como é que elas falaram?

DID-2: “Falaram bem”

I: Falaram bem? Usaram assim muitas palavras difíceis ou nem por isso?

DID-2: “Nem por isso.”

I: Há mais alguma coisa que tu gostasses de partilhar comigo sobre o dia de hoje?

DID-2: “Não.”

I: Não? Queres ir mais vezes fazer estas coisas?

DID-2: “Quero”

I: Ok, obrigada DID-2.

2ª Parte

I: Olha, DID-2, hoje de manhã, participaste numa visita ao Convento São Francisco. Do que é que te lembras da visita?

DID-2: “Foi do saxofone.”

I: Viste um saxofone, sim.

DID-2: “A igreja, umas caixinhas...e...o que é que foi mais...e foi...coisas.”

I: Sim. E essas coisas faziam o quê?

DID-2: “Faziam barulho.”

I: Como é que achas que correu a visita?

DID-2: “Correu bem.”

I: Do que é que mais gostaste?

DID-2: “Gostei do saxofone, gostei da igreja e gostei daquele som dos instrumentos.”

I: O que é que aconteceu no saxofone. Explica-me lá. Estava mesmo lá um saxofone?

DID-2: “Eu penso que sim.”

I: Houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-2: “Não, gostei de tudo.”

I: E gostavas de participar em visitas deste género?

DID-2: “Gostava.”

I: Porquê?

DID-2: “Porque é lindo!”

I: Ok. O que é que achaste do Convento São Francisco?

DID-2: “Gostei das coisas.”

I: Para que é que serve o Convento?

DID-2: “É para as pessoas irem ver as coisas que eles lá têm dentro.”

I: A XXX [referência ao nome próprio da profissional do Convento São Francisco] explicou que a exposição vai lá estar até setembro...

DID-2: “Sim, e se os pais quiserem lá ir com os filhos ou...com as mães ou...assim...”

I: Tu costumavas ir a Coimbra?

DID-2: “Não.”

I: E gostavas de ir a esta exposição? Ir lá mesmo?

DID-2: “Gostava, gostava.”

I: Como é que te sentiste, durante a visita?

DID-2: “Senti-me bem.”

I: Porquê?

DID-2: “Por estava a...gostei de ver.”

I: Sentiste alguma dificuldade durante a visita?

DID-2: “Não, não.”

I: O que é que achaste da XXX [referência ao nome próprio da profissional do Convento São Francisco], aquela senhora que estava lá a receber-vos?

DID-2: "Gostei bem."

I: Gostaste? Como é que ela era?

DID-2: "Era forte. Era simpática."

I: Como é que ela te tratou?

DID-2: "Bem."

I: E ela foi tentando perceber se tu estavas a perceber o que ela estava a dizer?

DID-2: "Sim."

I: Teve em conta as tuas necessidades?

DID-2: "Sim."

I: Como é que ela falava?

DID-2: "Se a gente tinha ouvido as coisas...se a gente gostava das coisas."

I: Há alguma coisa, DID-2, que gostavas que tivesse sido diferente nesta visita?

DID-2: "Gostava."

I: O que é que querias mudar?

DID-2: "Era...as coisas para outras salas..."

I: Querias ver mais coisas?

DID-2: "Queria."

I: Achaste que a visita foi curta?

DID-2: "Achei."

I: Querias mais?

DID-2: "Queria [risos]."

I: E se eles não tivessem lá mais nada?

DID-2: "Olha, a gente não via."

I: Queres dizer mais alguma coisa?

DID-2: "Não, não."

I: Sentes que isto te faz falta ou não?

DID-2: "Faz."

I: Como é que te sentes agora, depois de teres ido ao Convento e ao Museu aqui no computador?

DID-2: "Achei bem."

I: Sim, e como é que te sentes?

DID-2: "Bem-disposta."

I: Não tenho mais perguntas para te fazer. Muito obrigada.

Codificação do participante: DID-3

Data da entrevista: 24/06/2020 (1ª parte) e 16/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor-o-Velho (APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 19 minutos e 17 segundos (1ª parte) e 15 minutos e 54 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, a participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª Parte

I: Quantos anos tens, DID-3?

DID-3: “47 anos.”

I: E com quem é que tu moras?

DID-3: “Mais o meu pai e a minha mãe.”

I: Cá em Montemor?

DID-3: “Não, no Viso. É uma aldeia.”

I: Tem muita gente lá a viver?

DID-3: “Tem pouco pessoal. Temos poucos vizinhos. A gente temos lá alguns vizinhos que falam para a gente...e outros que já não temos.”

I: DID-3, já estás aqui no CAO há quantos anos?

DID-3: “Então...eu entrei para aqui a 1 de setembro...”

I: Já aqui estás há muitos anos?

DID-3: “Sim”

I: E estiveste na Formação ou estiveste sempre no CAO?

DID-3: “Estive na Costa de Arnes, a trabalhar...e foi limpeza...daquelas casas...lavar vidros, lavar o chão com as esfregonas e varrer com as vassouras e uma pá e os sacos do lixo. Foi só lá. Depois...na quinta...fechou tudo. Depois, fui fazer limpeza às casas de Alfarelos... Antes de eu entrar para aqui. E estive ali em cima na D. XXX [referência a nome próprio], ali em cima ao pé aqui desta escola. E depois inscrevi-me aqui e fiquei sempre por aqui. Aqui estou e aqui fiquei. E depois fui aos passeios com as minhas colegas...fui à praia à Figueira da Foz...e depois fui à praia da Tocha...e depois tivemos umas férias na Tocha...e tivemos lá umas casas para viver uns dias...levámos roupas naquela mala grande... [risos].”

I: DID-3, isso foi só uma vez ou foi mais?

DID-3: “Foi duas vezes.”

I: Então estás cá há dois anos, mais ou menos?

DID-3: “Sim.”

I: Ok. O que é que tu fazes aqui no Centro?

DID-3: “Estou com a D. XXX [referência a nome próprio]...agora, estou a passar roupas a ferro e as máscaras...e as roupas a enxugar, mais as minhas colegas...e se as roupas estiverem enxutas a gente vamos buscá-las...e ficam ali no cesto...e depois vamos passar a roupa a ferro...toalhas e os panos...”

I: É o trabalho agora, muito bem. E fazes algumas atividades...tens alguns apoios aqui no CAO?

DID-3: “Ai, é verdade, e também lavava aqui vidros mais a XXX [referência a nome próprio]...e lavava as casas de banho, mais a XXX [referência a nome próprio].”

I: Que tipo de atividades é que fazes cá?

DID-3: “Fui ali naquela sala da música, mas agora deixei de lá andar, porque aquilo era muito barulho para a minha cabeça e a minha cabeça não queria assim muito barulho, não queria música. E também fazia ginástica, naquela sala da professora XXX [referência a nome próprio]...e agora já não fui, porque depois à noite chego a casa e estou cansada, parece que tenho o meu corpo todo partido...é as minhas pernas, depois é os meus pés e os meus braços e as minhas costas.”

I: E à sala dos computadores, tu vais?

DID-3: “Ai aos computadores? Isso não sei mexer nos computadores...sei pintar desenhos, sei fazer contas. Já fui no lugar do XXX [referência a nome próprio]...fui na sexta-feira.”

I: Olha, o que é que tu gostas de fazer nos teus tempos livres? Quais são as atividades que mais gostas?

DID-3: “Aqui?”

I: Não, na tua vida toda, lá fora também.

DID-3: “Ah, já sei. Gostei de andar na rua a arrancar ervas.”

I: Sim, mas eu não estou a falar do trabalho. Eu estou a falar de quando não estás a trabalhar, o que é que gostas de fazer? Só gostas de trabalhar, é?

DID-3: “Então, em minha casa também trabalho.”

I: Então e quando estás a descansar, descansas a fazer o quê?

DID-3: “A dormir a sesta e descansar.”

I: E não fazes mais nada? Não dás um passeio...

DID-3: “Ah, isso faço, também faço.”

I: Aonde?

DID-3: “Fazer uma caminhada mais a minha mãe, lá pela rua, naquela estrada. Faço isso. E depois à noite ficamos sentadas e ficamos ali no sofá...a ver televisão.”

I: E ir, por exemplo, ao café, às compras?

DID-3: “Ai, às compras nunca fui. Só a minha mãe é que vai.”

I: Ok, e passear e ver alguma coisa bonita?

DID-3: “ [pausa prolongada] Às vezes, vou a casa do meu irmão. E eles, a minha casa, vão também ver a gente, como estamos.”

I: E costumavas ir visitar espaços culturais, como museus, conventos, palácios?

DID-3: “Ai, isso nunca fui.”

I: Não conheces sítios nenhuns desses?

DID-3: “Não, nunca fui para aí.”

I: E gostavas de conhecer?

DID-3: “Gostava.”

I: E gostavas de ir a esses sítios mais vezes?

DID-3: “Não sei.”

I: Achas que é um sítio bom para se ir ou nem por isso?

DID-3: “Acho que nem por isso [risos].”

I: Porquê?

DID-3: “Não sei”

I: Nunca foste e não sabes como é?

DID-3: “Sim.”

I: Achas que não é para ti ou é para ti?

DID-3: “Não.”

I: Porquê, DID-3?

DID-3: “É só estar em casa mais a minha mãe e o meu pai, falar com eles.”

I: É isso que tu gostas mais?

DID-3: “Sim.”

I: Nós hoje, o que é que fizemos aqui no CAO?

DID-3: “Estivemos a ver a XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC] ali... E a colega dela, que ela disse o nome dela e agora esqueci-me!”

I: Era a XXX e a XXX. O que é que elas estiveram a fazer?

DID-3: “Estiveram a explicar aquilo...aquela senhora com o menino...o Menino Jesus...aquele do cabelo grande...ao colo...e tinha uma rosa...e depois tinha um pássaro.”

I: Pois era. Então e isso era o quê? Era um teatro, que elas mostraram?

DID-3: “Sim.”

I: Onde é que elas estavam, DID-3?

DID-3: “Em Coimbra?”

I: É o Museu Machado de Castro. No Museu Machado de Castro, nós entrámos, viste?

DID-3: “Naquela porta!”

I: Elas entraram na porta e foram até a quê? Como é que se chamava aquilo?

DID-3: “Era uma coisa...para a gente entrar e...lá dentro, daquela porta...assim lá em cima...uns coisos assim [gestos]...”

I: Nunca foste ali?

DID-3: “Acho que não, não sei. Já não me lembro disso...”

I: Olha, e nós estivemos a ver uma pintura, da Nossa Senhora com o Menino Jesus, não foi?

DID-3: “Foi aquela pintura...é vermelha, é castanho e era azul, então. E era que ela disse. E a gente dissemos que era preto [risos]...e era azul, então.”

I: Pois era, mas daqui parecia preto, não era?

DID-3: “Daqui parecia. Depois é que ela: “Ai, não é preto, é azul! Vocês estão a ver mal! [risos]”

I: O que é que achaste da visita? Como é que achas que ela correu hoje?

DID-3: “Correu bem.”

I: Do que é que tu mais gostaste, DID-3?

DID-3: “E a gente depois a rezar... Aquilo assim com as mãos assim [gesto] ”

I: Houve alguma coisa de que não tivesses gostado?

DID-3: “Gostei, mas aquele que estava ali ao pé do Menino Jesus...esse também estava pintado...aquele castanho...também gostei. Esse também gostei, que estava aqui deste lado.”

I: Ok, mas houve alguma coisa da visita toda que tu não tenhas gostado? Alguma coisa que corresse mal?

DID-3: “Para mim, correu bem.”

I: Gostavas de participar mais em visitas deste género ou ir mesmo lá ao museu ver as coisas que lá têm?

DID-3: “Sim.”

I: Gostavas? Porquê?

DID-3: “Porquê? Porque era bom.”

I: Era bom? Este momento hoje de manhã foi um momento bem passado ou mal passado?

DID-3: “Foi bem passado.”

I: Imagina que te diziam assim: “Olha, amanhã há mais”. Tu querias ir outra vez ou não?

DID-3: “Queria”

I: E ir mesmo lá ao museu? Quando o Coronavírus passar?

DID-3: “Sim.”

I: Aquele espaço pareceu bonito?

DID-3: “Sim, este hoje era.”

I: O que é que tu achaste do museu, daquilo que tu viste?

DID-3: “Gostei muito, muito muito.”

I: Para que é que servem os museus?

DID-3: “É para mostrar à gente e a gente vê-las.”

I: E por que é que é importante nós vermos e que nos mostrem as coisas dos museus?

DID-3: “É bom. Que a gente também vê na televisão! [risos] Então e quando eu vou à missa também vejo...vejo Nosso Senhor que está lá no céu...assim, com as mãos assim [gesto da cruz] e depois faço assim também. Então, pois é igual! É igual!”

I: Também lá estão umas esculturas e pinturas na igreja, não é?

DID-3: “Na missa, ao pé do padre.”

I: Como é que tu te sentiste hoje, nesta visita?

DID-3: “Foi bom [suspiro] ”

I: Como é que te sentiste?

DID-3: “Senti bem.”

I: Tiveste alguma dificuldade?

DID-3: “Não, porque eu estava muito séria a olhar para isso e depois ainda falei muito alto...do que as minhas colegas [risos]. Porque não ouviram por causa disto [apontou para a máscara].”

I: Foi a dificuldade que tu sentiste. Mas percebeste tudo o que elas disseram?

DID-3: “Percebia.”

I: E elas também estavam atentas àquilo que tu querias dizer ou não ligaram nenhuma e só falaram?

DID-3: “E depois olhei para aqueles papéis [guião em comunicação aumentativa do MNMC] que a Dr.ª XXX [referência a nome próprio] foi buscar e a gente olhámos para isso e depois falámos nisto e elas depois ouviram a nossa voz.”

I: Então, por que é que esses papéis foram importantes?

DID-3: “Foram bons.”

I: Dava para perceber o que estava a acontecer do outro lado?

DID-3: “Sim.”

I: Ok. Então esses papéis ajudavam a quê?

DID-3: “Para a gente ver e depois dizer a elas...à XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC].

I: Muito bem. O que é que achaste da XXX e da XXX [referência aos nomes próprios das profissionais do MNMC]?

DID-3: “Gostei, bem... de as ver...e fiz-lhes assim [gesto de adeus] e elas também disseram à gente.”

I: Como é que elas te trataram?

DID-3: “Trataram bem. Pois, trataram-me bem. Mal não [risos] ”

I: Tiveram em conta as tuas necessidades, DID-3?

DID-3: “Tiveram.”

I: Como é que elas tiveram em conta as coisas que tu precisavas? Que preocupações é que elas tiveram contigo e com os teus colegas?

DID-3: “Estiveram bem.”

I: Como é que elas diziam as coisas?

DID-3: “Diziam bem.”

I: O que é que é dizer bem?

DID-3: “Explicaram isso bem à gente! De uma forma boa.”

I: E fácil de entender ou difícil?

DID-3: “Eu percebia bem. E depois falei alto!”

I: Há alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente, nesta visita?

DID-3: “Não.”

I: Gostavas de dizer mais alguma coisa em relação a este tema?

DID-3: “Agora não sei.”

2ª Parte

I: DID-3, hoje de manhã, participaste numa visita ao Convento São Francisco. Já lá tinhas ido?

DID-3: “Ai...isso já não sei...já não me lembro...já foi há tanto tempo!”

I: Mas, e hoje? O que é que te lembras da visita de hoje?

DID-3: “Gostei de ver isso.”

I: Sim. E o que é que viste?

DID-3: “Vi aquele coiso assim a bater...aquele coiso pequeno e aquele grande...e os outros...aquilo ao pé das...os vasos! Três vasos ali deitados assim no chão...e eram dois pequenitos e dois grandes...estava aqui...não era aqui dentro, era fora...batia assim [gesto e som]. E tinha as quatro...cordas e aquele coiso branco...só um é que batia...e os outros três já não batia nada...esse também havia...e depois ainda batiam os três e um é que ficou ainda parado...e depois bateu também...e depois estive debaixo daquelas coisas...dos balões...o balão, assim debaixo. E depois ainda foi de joelhos, lá dentro...”

I: Havia aqueles degraus, não era?

DID-3: “Era muito pequenito...e outro maior...ela ainda lá foi dentro...e aquilo estava vermelho, cor-de-rosa...”

I: Olha, e como é que achas que correu esta visita hoje?

DID-3: “Correu bem.”

I: Qual foi a parte que gostaste mais?

DID-3: “Foi aquela sala da igreja!...que agora já não há lá padres...”

I: Sim, aquela sala dantes era uma igreja...

DID-3: “Sim...e agora não é.”

I: Gostavas de participar mais nestas visitas?

DID-3: “Sim, mais ou menos. Porque eu, às vezes, gosto. Só de vez em quando.”

I: O que é que achaste do Convento?

DID-3: “Gostei bem. Foi bom.”

I: Mas o que é que achaste do que viste lá?

DID-3: “Senti bem.”

I: Para que é que serve um espaço como um Convento?

DID-3: “É para a gente ver.”

I: Ok. Como é que te sentiste durante a visita?

DID-3: “Também gostei de ver aquilo.”

I: Sim. E o que é que te fez sentir?

DID-3: “Fez-me bem.”

I: Então, e sentiste alguma dificuldade na visita?

DID-3: “Isso já eu não sei...”

I: O que é que achaste da XXX [referência a nome próprio] que estava lá a falar convosco?

DID-3: “Estava a explicar isso à gente, para a gente falar alto, para ela ouvir e a colega dela, que estava ao pé dela.”

I: E o que é tu achaste dela?

DID-3: “Achei boa. Achei bem.”

I: Ela era uma pessoa quê?

DID-3: “Uma boa...pessoa! E a colega dela também era. As duas, as duas.”

I: E a XXX [referência a nome próprio] teve em conta aquilo que tu precisavas, as tuas necessidades?

DID-3: “Sim.”

I: Como é que ela teve em conta isso?

DID-3: “Esteve bem.”

I: Como é que a XXX [referência a nome próprio] te transmitiu as informações?

DID-3: “Para a gente ouvir e depois falar...com ela, para ela ouvir as nossas...”

I: As vossas respostas?

DID-3: “Sim.”

I: Há alguma coisa, DID-3, que tu gostavas que tivesse sido diferente, nesta visita?

DID-3: “Gostava que a gente agora fosse lá outra vez ver isso.”

I: Gostavas de lá ir, é isso?

DID-3: “Sim, ver isso outra vez...”

I: DID-3, eu vim cá duas vezes e conversámos sobre o museu e o convento. O que é que tens a dizer sobre isto tudo?

DID-3: “Gostei de ver tudo.”

I: Estavas a gostar de ver tudo?

DID-3: “E mais um pouco [risos].”

I: E o que é que faltou?

DID-3: “Ir lá a Coimbra, ver aqueles bonecos...de pedra...que a gente lá fomos uma vez ver isso...”

I: E por que é que tu queres tanto ir?

DID-3: “É porque eu gostava às vezes de ir e...por causa do meu cérebro...”

I: Sair faz-te bem, é isso?

DID-3: “Apanhar ar.”

I: Quando acabou a outra visita, do museu, contaste a alguém sobre o que tinhas feito?

DID-3: “Ah, isso contei à minha mãe! contei onde a gente tínhamos ido.”

I: Contaste? E ela?

DID-3: “Ficou contente.”

I: E tu?

DID-3: “Também.”

Codificação do participante: DID-4

Data da entrevista: 24/06/2020 (1ª parte) e 16/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor-o-Velho (APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 11 minutos e 15 segundos (1ª parte) e 6 minutos e 52 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, o participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª Parte

I: DID-4, sabes quantos anos tens?

DID-4: "54"

I: Ok, e com quem é que tu moras?

DID-4: "Com os primos"

I: Com os teus primos?

DID-4: "Sim, sim."

I: Os teus pais já faleceram?

DID-4: "Sim, já."

I: Não tens irmãos?

DID-4: "Não. Tenho uma sobrinha está longe."

I: Tu estás aqui no centro há pouco tempo!

DID-4: "Estou aqui desde dia 9 setembro."

I: Desde o dia 9 de setembro?

DID-4: "Sim"

I: Então, e como é que é estar aqui?

DID-4: "É bom."

I: Onde é que tu estavas antes? O que é que tu fazias antes de estar aqui?

DID-4: "Trabalhava lá...era lá aquele primo...ajudava lá."

I: Ajudavas na casa ou no trabalho do primo?

DID-4: "Foi do primo. Tem quintal..."

I: Ele tem um quintal e tu ajudavas a tratar do quintal?

DID-4: "Sim, sim."

I: Já vives com os teus primos há muito tempo?

DID-4: "Já, já, desde os 14 anos. Quando a mãe morreu, tinha 14 anos."

I: O que é que tu fazes aqui no CAO?

DID-4: "Olha, estou aqui e vou à rua às vezes...e é assim."

I: Vais à rua fazer o quê?

DID-4: "Limpar...mais os meus colegas."

I: E aqui no centro, quando estás aqui dentro, o que é que tu fazes?

DID-4: "Vou ali à professora XXX [referência a nome próprio], vou ali...a XXX [referência a nome próprio]...e vou à XXX [referência a nome próprio] "

I: Fazer o quê?

DID-4: "Fazer números e fazer essas coisas"

I: E mais alguma coisa que fazes dentro do Centro?

DID-4: "Não."

I: Ok. E o que é que gostas de fazer quando tens tempo?

DID-4: “Aqui ou lá?”

I: Em todo o lado, na tua vida toda.”

DID-4: “É trabalhar.”

I: Trabalhar? Só gostas de trabalhar?

DID-4: “Sim.”

I: E quando estás lá em casa e não tens de trabalhar, o que é que fazes?

DID-4: “Olha, vou ao quintal e assim.”

I: Ah, gostas de fazer coisas de jardinagem?

DID-4: “Sim.”

I: E, por exemplo, estar sentado no sofá a ver televisão?

DID-4: “Sim, também.”

I: A ver o quê?

DID-4: “A telenovela à noite, a telenovela...é só mais...”

I: E ouvir música, também ouves ou nem por isso?

DID-4: “Não, não.”

I: Não tens um rádio?

DID-4: “Não.”

I: Então e passear? Às vezes, vais passear?

DID-4: “Vou, vou.”

I: Aonde?

DID-4: “Ao domingo é passear ao pé de casa só. Lá onde eu estou a viver. Andar por lá.”

I: Mas não vais às compras, não vais ao café...

DID-4: “Não, não, não.”

I: Sem ser agora nesta parte do Coronavírus, mas antes disso, tu saías muito de casa?

DID-4: “Não, não.”

I: E costumavas ir visitar uns espaços culturais, como os museus, os conventos?

DID-4: “Não, não”

I: Conheces algum sítio desses?

DID-4: “Não, não.”

I: E gostavas de conhecer?

DID-4: “Sim.”

I: Hoje, nós participámos numa visita ali no computador, não foi? Onde é que nós fomos, no computador? Ficámos aqui mas viajámos até onde?

DID-4: “Museu.”

I: Até ao museu.

DID-4: “A XXX [referência a nome próprio] disse que não podia ser aí, tinha que ser aqui.”

I: Tinha que ser aqui porque nós agora não podemos sair, não é? Temos o computador, não é, e fomos viajar até ao museu. Sabes que museu é aquele?

DID-4: “Não.”

I: É o Museu Machado de Castro. Pareceu-te um museu bonito ou feio?

DID-4: “Bonito.”

I: Bonito? Olha, do que é que tu te lembras da visita de hoje, que nós fizemos ali no computador?

DID-4: “Gostei.”

I: Gostaste? Mas o que é que fizeste? O que é que aconteceu na visita?

DID-4: “ [pausa prolongada] Era a menina...menino...a outra agora [pausa prolongada]”

I: E essa menina e esse menino estavam aonde?

DID-4: “Mais a senhora. Não me lembro agora.”

I: A senhora do museu? A XXX [referência a nome próprio]?

DID-4: “Sim.”

I: Estavam mais a senhora, sim. Estavam lá no museu, mas em que sítio? Eram mesmo pessoas como nós?

DID-4: “Não, eram imagens.”

I: E depois, o que é que nós vimos na imagem? Vimos a senhora e o menino e mais?

DID-4: “ [pausa prolongada]

I: O que é que tu viste mais, DID-4, ou o que é que fizeste?

DID-4: “Eu estive com os bonecos.”

I: Os bonecos? Quais bonecos?

DID-4: “Aqueles bonecos e a manta.”

I: E o que é que era isso dos bonecos e da manta?

DID-4: “Era o menino Jesus...ai não.”

I: Nós estivemos a imitar o quê?

DID-4: “ [pausa prolongada] ”

I: Estivemos a imitar o que aparecia lá. Então, a ti calhou-te ficar com um anjo e com uma manta?

DID-4: “Sim, sim.”

I: E como é que tu achas que correu esta visita?

DID-4: “Correu bem, sim.”

I: Mudavas alguma coisa, se pudesses?

DID-4: “Não.”

I: Do que é que gostaste mais?

DID-4: “Tudo.”

I: Sim, mas o que é que foi mais importante para ti?

DID-4: “ [pausa prolongada] ”

I: Houve assim alguma parte melhor ou foi tudo bom?

DID-4: “Sim”

I: Houve alguma coisa de que tu não tivesses gostado?

DID-4: “Não.”

I: E gostavas de participar em mais visitas assim deste género, ou mesmo ir lá ao museu?

DID-4: “Sim.”

I: E o museu é um espaço que dá para ti ou é só para outras pessoas?

DID-4: “Não sei.”

I: O que é que tu achas?

DID-4: “Sei lá.”

I: Achas que é um sítio para ti ou é só para aquelas pessoas que sabem muitas coisas?

DID-4: “Que sabem muitas coisas.”

I: Achas que não é um sítio para ti, um museu?

DID-4: “Não.”

I: Achas que não te deixam entrar, ou deixam?

DID-4: “Não sei.”

I: Eu acho que deixam, mas queria ouvir a tua opinião.

DID-4: “Deixam.”

I: E por que é que gostavas de participar mais vezes?

DID-4: “Então, curtia ver...eu nunca vi, não é? Essas coisas...nunca vi.”

I: Nunca tinhas visto estas coisas e gostavas também de ter essa oportunidade. O que é que tu achaste do museu?

DID-4: “Tudo”

I: O que é que tu achaste?

DID-4: “Bonito.”

I: Para que é que ele serve?

DID-4: “Sei lá.”

I: Como é que te sentiste na visita?

DID-4: “Senti bem.”

I: Sentiste alguma dificuldade na visita?

DID-4: “Não.”

I: Tiveste ajuda de alguém?

DID-4: “Tive da XXX [referência a nome próprio de uma profissional da instituição de apoio].”

I: E ela ajudou em quê?

DID-4: “Segurar a manta.”

I: O que é que achaste das pessoas que te receberam lá no museu?

DID-4: “Gostei delas. Curti de ver.”

I: Como é que elas te trataram?

DID-4: “Bem.”

I: Tiveram em conta as tuas necessidades, aquilo que tu precisavas?

DID-4: “Sim.”

I: De que forma?

DID-4: “ [pausa prolongada] ”

I: Como é que elas te disseram as coisas?

DID-4: “As coisas como?”

I: Quando elas estavam a falar contigo, como é que elas falavam? Percebias o que elas diziam, elas diziam palavras difíceis... Como é que foi?

DID-4: “Quando elas falavam, ouvia-se bem.”

I: Ouvia-se bem e percebias bem o que elas diziam ou elas diziam palavras muito difíceis?

DID-4: “Não, não. Ouvia-se bem.”

I: Olha, há alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente na visita?

DID-4: “Não.”

I: E gostavas de me dizer mais alguma coisa em relação a isto?

DID-4: “Não.”

2ª Parte

I: Hoje de manhã, há bocadinho, participaste numa visita ao Convento São Francisco. O que é que te lembras dessa visita?

DID-4: “Lembro-me de tudo! Era tambores...os sinos...mais...aquelas coisas mexer...era aquelas coisas...ela mexia os botões...andava a bater...”

I: E quem é que escolheu onde é que se batia?

DID-4: “Era ela carregava.”

I: Ela carregava, mas quem é que dizia onde é que ela carregava?

DID-4: “Era a gente.”

I: Ah. E mais?

DID-4: “E aquilo, aquilo o museu...”

I: Aquilo era o convento.

DID-4: "O convento, o convento."

I: Como é que achas que correu esta visita?

DID-4: "Correu bem."

I: Mudavas alguma coisa, se pudesses?

DID-4: "Não."

I: Do que é que mais gostaste?

DID-4: "Mais...os botões [pausa prolongada] "

I: Qual foi a parte mais interessante?

DID-4: "Eu achei todas."

I: E do que é que tu não gostaste?

DID-4: "Gostei todas."

I: E gostavas de um dia ir lá visitar o Convento?

DID-4: "Sim!"

I: Tu já lá foste alguma vez?

DID-4: "Não, não, não."

I: E gostavas de participar em visitas assim no computador ou lá?

DID-4: "Lá."

I: E gostavas de ir lá porquê?

DID-4: "Nunca lá fui. Gostava de lá ir ver, gostava."

I: O que é que tu achaste daquele espaço?

DID-4: "Gostei de ver."

I: Para que é que ele serve?

DID-4: "O pessoal ir ver."

I: Como é que te sentiste durante a visita, DID-4?

DID-4: "Bem."

I: Tiveste alguma dificuldade?

DID-4: "Não."

I: E o que é que achaste da XXX [referência a nome próprio] que lá estava?

DID-4: "Gostei de ouvir."

I: Como é que ela te tratou?

DID-4: "Bem."

I: O que é que tu achaste dela?

DID-4: "Ela falava bem tudo...era toda simpática, pronto."

I: E ela teve em conta aquilo que tu precisavas?

DID-4: “Sim.”

I: E ela disse coisas muito difíceis?

DID-4: “Não, não, percebi bem.”

I: E há alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente?

DID-4: “Não, não.”

Codificação do participante: DID-5

Data da entrevista: 24/06/2020 (1ª parte) e 16/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor-o-Velho (APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 14 minutos e 36 segundos (1ª parte) e 7 minutos e 9 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, a participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª Parte

I: Quantos anos é que tu tens, DID-5?

DID-5: “23”

I: Vieste da escola para o CAO, há uns anos?

DID-5: “Sim.”

I: Andaste na escola aonde?

DID-5: “Nas Faíscas...e andei em Montemor...e depois vim tirar o curso de cozinha.”

I: Então, já estás aqui no CAO há quanto tempo?

DID-5: “Há dois anos.”

I: Moras com quem?

DID-5: “Com o pai e com o mano.”

I: Aqui em Montemor ou numa terra cá perto?

DID-5: “É em Liceia. É no Pisão.”

I: Estás aqui no CAO há dois anos, não é? O que é que tu fazes cá no centro?

DID-5: “Estou com a D. XXX [referência a nome próprio], passo a ferro...a passar batas, máscaras...o que for preciso!”

I: E quando não há Coronavírus, o que é que tu fazes?

DID-5: “Quando não há Coronavírus, ia para a rua, trabalhar...trabalhava, fazia coisas.

I: O quê?

DID-5: “Ia mais os meus amigos para a rua arrancar ervas, com ela...e gostava.”

I: E mais coisas que tu fazes aqui no CAO, além dos trabalhos?

DID-5: “Vou para a XXX [referência a nome próprio], escrevo, fazer contas...estar no computador...fazer textos no computador. Adoro o computador!”

I: Tu tens um computador em casa?

DID-5: “Tenho”

I: E o que é que tu fazes lá em casa?

DID-5: “Vejo os Malucos do Riso. Tenho os vídeos e depois estou sempre a ver o mesmo e o meu irmão diz assim: estás sempre a ver o mesmo!”

I: E por que é que estás sempre a ver o mesmo?

DID-5: “Porque, agora, uma colega minha, que é a XXX [referência a nome próprio], deu-me um programa, depois em casa a minha amiga XXX [referência a nome próprio] tem net e depois vou escrever e depois...não é só no computador...também é ver a novela de “Amor à Vida” e gosto lá de um casal, que é a Paloma e o Bruno...porque acho que fazem um bom casal.”

I: Ok, DID-5, diz-me uma coisa: para além de ver televisão e estar no computador, o que é que tu gostas de fazer, quando tens tempo?

DID-5: “Gosto de ir dar caminhadas e gosto de ir a casa da minha amiga XXX [referência a nome próprio]”.

I: E o que é que tu fazes com a tua amiga?

DID-5: “Com a minha amiga? Ela faz massagens e tudo!”

I: Olha, diz-me outra coisa: costumavas visitar espaços culturais como os museus, conventos, palácios? Costumas ir?

DID-5: “Com a minha mana, nunca fui...Só...quando eu vou mais a minha irmã de férias, fui [pausa prolongada] às termas do Gerês.”

I: Nunca foste ver um monumento com a tua família?

DID-5: “Não, não, com a minha família não.”

I: E aqui com o centro?

DID-5: “Aqui com o Centro, já fui...que eu vi...mais a professora XXX [referência a nome próprio]...e falei na rádio.”

I: Foste ao Convento São Francisco e falaste na rádio. Olha, e gostavas de ir mais vezes aos espaços culturais?

DID-5: “Gostava.”

I: Ou gostas mais de fazer outras coisas?

DID-5: “Eu gosto...de fazer um pouco de tudo.”

I: Isso é bom. Olha, hoje de manhã, participaste numa visita ao museu, não foi? Ali no computador, não foi? Do que é que te lembravas dessa visita? Conta-me lá!

DID-5: “Era uma senhora...chamada XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC]...e uma menina chamada XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC]...que estavam a falar connosco por videochamada...estavam a explicar o quadro...estava a

explicar o que é que era o quadro...e o quadro tinha uma senhora...e era o senhor Jesus...e Maria...e eu fiz de Maria!”

I: Explica-me lá: fizeste como? Explica-me lá o que aconteceu.

DID-5: “Fiz de Maria...fiz como estava lá no retrato...como me mandaram fazer!”

I: Viste lá na pintura e depois disseram: quem é que quer fazer de Maria? E quem é que se ofereceu?

DID-5: “Fui eu!”

I: Como é que fizeste de Maria? O que é que a Maria fazia?

DID-5: “Estava sentada...e depois tinha o Jesus ao colo.”

I: E tinha alguma coisa na mão, a Maria?

DID-5: “Tinha uma rosa.”

I: E como é que se chamava a pintura?

DID-5: “ [pausa prolongada] pintura da...rosa.”

I: Era a Senhora da Rosa. Como é que achas que correu a visita?

DID-5: “Correu bem!”

I: Correu bem?

DID-5: “Eu acho que é melhor aqui, fazer as visitas do que ir lá porque a gente pode apanhar.”

I: Podemos apanhar o Coronavírus, pois é... Olha, do que é que tu gostaste mais da visita de hoje?

DID-5: “Do que é que eu gostei mais? Gostei mais de falar com as senhoras...e gostei de fazer de Maria.”

I: E houve alguma coisa de que não tivesses gostado?

DID-5: “ [pausa prolongada] Eu gostei de tudo, mas...há coisas que...há coisas que eu, por exemplo, não estava a ouvir.”

I: Era melhor se desse para ouvir melhor, é isso? Mas deu para perceber as coisas na mesma ou achas que não?

DID-5: “Sim, sim, deu para perceber! Era o som.”

I: Gostavas de participar mais em visitas deste género, assim no computador ou lá no museu?

DID-5: “Sim.”

I: Porquê?

DID-5: “Porque acho que é importante para mim e eu gostava...pronto, que as pessoas vissem...e gostava que a minha irmã visse e a minha amiga XXX [referência a nome próprio] e os meus pais e o meu irmão.”

I: Gostavas de contar aos outros o que tinhas feito, é isso?

DID-5: “Sim, sim!”

I: E por que é que isso é importante para ti?

DID-5: “É importante para mim porque...gostava... fazer alguma coisa, está a perceber? Eu gostava de ser atriz, mas não posso ser! E gostava de fazer coisas...assim teatros e...por acaso até na escola fiz um vídeo...fiz um teatro do Bando dos 4, aquela série que dá ao domingo! Foi nas Faíscas...estava lá sentada, a fazer de conta que estava a escrever...”

I: Muito bem. Mas por que é que gostavas de ir ao museu? Por que é que isso é importante?

DID-5: “Gostava de ensinar os outros! O que é que é importante no museu...e o que é que há lá no museu...e que os pintores fazem coisas boas...”

I: Muito bem. E o que é que tu achaste daquele museu?

DID-5: “Achei que é fixe!”

I: E é fixe porquê?

DID-5: “Porque é grande e...gostei das pessoas que estavam a apresentar aquilo.”

I: Ok. Para que é que achas que o museu serve?

DID-5: “Para mostrar coisas...antigas, que já se passaram.”

I: Ok, e isso é importante nós sabermos porquê?

DID-5: “Que é para a gente saber o que é que se passou antes de a gente existir.”

I: Como é que te sentiste durante a visita?

DID-5: “Bem...estava bem-disposta.”

I: E a visita deixou-te mais bem-disposta ou deixou-te na mesma? Ficaste mais bem-disposta depois da visita?

DID-5: “Sim!”

I: Porquê?

DID-5: “Porque sim...porque estava aqui com os meus colegas.”

I: E sentiste alguma dificuldade durante a visita?

DID-5: “ [pausa prolongada] Às vezes, não percebia o que ela dizia.”

I: Mas porque não se ouvia ou porque ela dizia coisas difíceis?

DID-5: “Ela dizia coisas fáceis, mas só que eu não conseguia ouvir.”

I: Tiveste ajuda de alguém?

DID-5: “ [pausa prolongada] A Dr.^a XXX [referência a nome próprio] ajudou-me a dizer o que estava a dizer.”

I: O que é que achaste das pessoas lá do museu?

DID-5: “Eu achei que elas eram bonitas e simpáticas.”

I: Como é que elas te trataram?

DID-5: “Trataram bem.”

I: E tiveram em conta as tuas necessidades ou nem por isso?

DID-5: “Sim, sim, sim!”

I: Como?

DID-5: “Como? Elas acho que apresentaram bem...falaram bem.”

I: Como é que elas transmitiram as informações sobre o museu e sobre a pintura?

DID-5: “Elas tiraram a máscara para a gente ouvi-las melhor!”

I: Sim. Mas elas disseram coisas muito difíceis ou coisas que tu percebias?

DID-5: “Coisas que eu percebia!”

I: Há alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente?

DID-5: “Não.”

I: E gostavas de me dizer mais alguma coisa sobre isto das visitas e sobre os museus?

DID-5: “Gostava muito de ir visitar...gostava de ir...onde eu gostava de ir era fazer uma visita às batatas fritas.”

I: À fábrica das batatas fritas. Porquê?

DID-5: “Gostava de ver como é que se faz as batatas fritas.”

I: É melhor ir ver as batatas fritas ou é melhor ir ver o museu?

DID-5: “As duas coisas.”

I: Não há uma que seja mais importante que a outra?

DID-5: “São as duas importantes, para mim.”

2ª Parte

I: Hoje de manhã, participaste numa visita aonde?

DID-5: “Convento São Francisco.”

I: O que é que te lembras dessa visita?

DID-5: “O que é que me lembro? Lembro-me de ouvir sons...e gostei de ouvir sons...e aprendi quando as outras pessoas estão fartas...tenho de deixar as outras pessoas ouvirem e depois é que posso falar.”

I: Então o que é que aconteceu, diz-me lá.

DID-5: “Tenho que deixar elas ouvirem e depois falo. E não posso ficar chateada.”

I: Essa foi uma boa aprendizagem?

DID-5: “Sim, já aprendi.”

I: Como é que achas que correu a visita?

DID-5: “Correu bem. E gosto do grupo.”

I: Do que é que mais gostaste na visita de hoje?

DID-5: “Gostei de tudo. Gostei mais do tambor...porque fazia um som muito lindo.”

I: Houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-5: “Não gostei daquela parte em que não se ouvia. Às vezes, não se ouvia muito bem.”

I: E gostavas de participar mais nestas visitas?

DID-5: “Sim, sim. Gostava de visitar, por exemplo, museus sobre coisas antigas...e sabe o que é que eu gostava? Gostava de encontrar tipo um tesouro!”

I: E quando vais a estes sítios, a estas visitas, não encontras tesouros?

DID-5: “Sim! E coisas antigas. Gostava de encontrar coisas antigas, ir ao museu para encontrar coisas antigas!”

I: Ok. E por que é que é importante encontrar coisas antigas?

DID-5: “Porque é para saber o que é que havia antigamente e o que é que era dantes antigamente.”

I: Sim. Então, e o que é que tu achaste do Convento São Francisco?

DID-5: “É fixe.”

I: E para que é que ele serve?

DID-5: “Para que é que ele serve? Para visitas...e já foi um convento de freiras!”

I: Como é que tu sabes?

DID-5: “Porque os conventos é para as freiras. Eu já lá tinha ido mais a XXX [referência a nome próprio].”

I: Ok. E, nessa altura, explicaram?

DID-5: “Sim.”

I: Como é que te sentiste hoje, durante a visita?

DID-5: “Bem!”

I: Bem como?

DID-5: “Bem-disposta!”

I: E sentiste alguma dificuldade, durante a visita?

DID-5: “Senti...senti que não posso falar muito muito...tenho que deixar os outros ouvirem e depois falo.”

I: Ok. Como é que conseguiste ultrapassar essa dificuldade durante a visita?

DID-5: “Acalmei-me e não falei mais.”

I: Tiveste a ajuda de alguém ou de alguma coisa?

DID-5: “Foi a Dr.ª XXX [referência a nome próprio] que me ensinou a ter calma e ter paciência e não falar muito.”

I: Tu podes falar muito!

DID-5: “Não gosto é de incomodar os outros. E mal-educada também não gosto de ser.”

I: O que é que achaste da XXX [referência ao nome próprio da profissional do Convento São Francisco]?

DID-5: “É uma boa pessoa...e apresentou bem as coisas! E gostei da XXX [referência a nome próprio da profissional do Convento São Francisco que estava a filmar a videochamada] ”

I: Como é que te trataram?

DID-5: “Bem!”

I: Tiveram em conta aquilo que tu precisavas?

DID-5: “Sim, sim.”

I: Sim como?

DID-5: “Contava bem as coisas!”

I: Ok. Há alguma coisa que gostavas que fosse diferente nesta visita?

DID-5: “Que fosse diferente? Gostava que não estivesse esta doença e gostava de ir lá mesmo.”

I: Eu agora já terminei estas visitas para o meu estudo. Tens alguma coisa a dizer mais sobre este tema?

DID-5: “Acho que é um bom tema e é fixe.”

I: O tema é fixe?

DID-5: “É. E gosto muito que você venha cá e gosto muito de você. Você é muito simpática.”

I: Obrigada. E este tema é importante porquê?

DID-5: “É importante, para eu saber o que é que era antigamente, o que é que os reis usavam...e as princesas...e que, dantes havia guerra e...depois, o que eu gostava de ir ver no museu era espadas!”

Codificação do participante: DID-6

Data da entrevista: 25/06/2020 (1ª parte) e 17/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais de Arganil (APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 10 minutos e 3 segundos (1ª parte) e 6 minutos e 10 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, o participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª Parte

I: Quantos anos tens?

DID-6: “38”

I: E com quem é que tu moras, DID-6?

DID-6: “Com os meus pais.”

I: Em São...

DID-6: “São Martinho da Cortiça.”

I: E há quantos anos é que tu estás aqui no CAO?

DID-6: “Desde os 8 anos.”

I: O que é que tu fazes aqui no CAO?

DID-6: “Varrer as ruas...vou limpar as feiras...vou fazer limpeza à feira...vou tirar o papelão...fazer a recolha...”

I: Fazes isso...e fazes mais coisas? Que apoios é que tu tens?

DID-6: “De música...às vezes, à terça-feira...e à quinta, de manhã...e ter aulas de natação...aprender a nadar...ir para a colónia de férias...”

I: Olha, o que é que tu gostas de fazer nos teus tempos livres?

DID-6: “Ajudar o pai a trabalhar na fazenda...ajudar os meus pais...a fazer limpeza à casa...”

I: Hum-hum. E coisas que gostas de fazer?

DID-6: “O que eu gosto de fazer é...ajudar os velhinhos a atravessar a estrada...de um lado ao outro...ajudar os meus sobrinhos...ajudar a carregá-los...lá em casa...aqui a mesma coisa...”

I: Mas tu também vais ao CrossFit, não é?

DID-6: “Fazer musculação.”

I: Também é uma coisa que gostas de fazer. E lá fora, há assim mais alguma atividade que tu gostes de fazer?

DID-6: “Cultivar os jardins.”

I: E tu costumavas ir ver exposições e museus e assim?

DID-6: “Às vezes, vou a Coimbra...nas carrinhas...já fui às grutas de Mira de Aire...fui à Casa da Música do Porto...fui a Lisboa, à Expo...e fui ao estádio da Luz...e fomos no autocarro da Câmara...ver o estádio da Luz...o velho...e fomos ao Jardim Zoológico, àquele ao pé do Porto...fomos num comboio.”

I: E vais com os teus colegas ou vais com a tua família?

DID-6: “Às vezes, com os meus colegas. Com a família, não. Ah, e fomos a Lisboa no comboio, entrar lá em Coimbra...a minha sobrinha e o XXX [referência a nome próprio], fomos lá num passeio, numa visita de estudo...a Lisboa, Santa Apolónia.”

I: Então e depois foram ver o quê, a Lisboa?

DID-6: “Ao McDonald’s. Fomos ver...passear...fomos ver o autocarro lá em Lisboa...e fomos à fábrica de gelados...”

I: E gostavas de ir mais vezes aos espaços culturais ou não?

DID-6: “Sim.”

I: Ou gostas mais de fazer outras coisas?

DID-6: “ [impercetível] ”

I: Olha, eu ouvi dizer que tu foste a um concerto. É verdade?

DID-6: “Fui...aqui da escola.”

I: Não, mas a um concerto lá fora, da colónia de férias.

DID-6: “Foi...José Cid.”

I: Ah! E o que é que tu achaste de um concerto assim?

DID-6: “Acho que é bom.”

I: Olha, DID-6, hoje participaste numa visita no computador até ao Museu Machado de Castro. Do que é que te lembrás da visita? O que é que aconteceu? Explica-me lá.

DID-6: “O senhor estava deitado...estava morto...o manto por baixo...”

I: Ok. Como é que achas que correu a visita?

DID-6: “Correu bem.”

I: Do que é que gostaste mais?

DID-6: “Ver a igreja...Santa Cruz... [pausa prolongada] de tudo, gostei de tudo.”

I: Houve alguma coisa de que não tivesses gostado?

DID-6: “ [pausa prolongada] eu gostei de ir ao museu.”

I: Não há nada que tenha corrido mal?

DID-6: “Nada!”

I: Gostavas de participar mais nestas visitas?

DID-6: “Sim!”

I: Porquê?

DID-6: “É bom para mim.”

I: A ti, faz-te o quê?

DID-6: “Feliz!”

I: E por que é que ficas feliz a ir a um museu?

DID-6: “Estive entretido.”

I: E o que é que tu achaste do museu?

DID-6: “Acho bem...de José...”

I: Ok, e o que é que tu achaste daquele espaço?

DID-6: “Achei bem.”

I: Para que é que tu achas que servem os museus?

DID-6: “Para...ver o túmulo de Nosso Senhor...Jesus Cristo e a mãe dele.”

I: E por que é que é importante ver isso?

DID-6: “Porque é melhor, é melhor...porque é bom. Jesus Cristo usava um manto...”

I: Mas é bom tu saberes coisas da História, que já passou, é isso?

DID-6: “Sim, sim.”

I: Gostas de ver coisas de Jesus. Tu vais à missa?

DID-6: “Sim.”

I: Sentiste alguma dificuldade durante a visita?

DID-6: “Não!”

I: O que é que achaste da XXX e da XXX [referência aos nomes próprios dos profissionais do MNMC]?

DID-6: "Achei bem."

I: Como é que elas te trataram?

DID-6: "Bem."

I: Elas tiveram em conta se tu estavas a perceber as coisas se não...

DID-6: "Sim!"

I: Como é que elas tiveram isso em conta? Como é que tu percebeste?

DID-6: "Eu percebi bem."

I: Elas explicaram as coisas de uma forma muito difícil ou de uma forma fácil?

DID-6: "Fácil!"

I: Há alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente nesta visita?

DID-6: "Igual"

I: Ou querias antes ir lá ao museu?

DID-6: "Ir ao museu"

I: Queres dizer mais alguma coisa sobre isto?

DID-6: "Não."

2ª Parte

I: Hoje de manhã, há bocadinho, participaste numa visita ao Convento São Francisco, não foi?

O que é que te lembras dessa visita?

DID-6: "A gente ouviu os sinos a tocar...a gente viu a tarola a tocar...tipo caixa [pausa prolongada]."

I: E era uma exposição parecida com aquela que tu viste no museu?

DID-6: "Era parecida, mas não é igual."

I: Olha, como é que tu achas que correu esta visita de hoje?

DID-6: "Foi bom."

I: Do que é que tu gostaste mais?

DID-6: "Gostei...ver os pratos de ferrinhos."

I: E houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-6: "Eu gostei de tudo!"

I: E gostavas de participar em mais visitas deste género?

DID-6: "Sim!"

I: Porquê?

DID-6: "Porque sim...mais vezes."

I: Mais vezes? Mas porquê?

DID-6: "Porque é giro...eu gosto!"

I: Como é que te sentes nestas visitas?

DID-6: “Sinto-me bem.”

I: E o que é isso?

DID-6: “Estar contente, distraído...”

I: E isso faz-te bem?

DID-6: “Faz-me bem.”

I: O que é que achaste do Convento São Francisco, que a XXX [referência a nome próprio] mostrou?

DID-6: “Achei bem.”

I: Nunca lá tinhas ido?

DID-6: “Não.”

I: Ficaste com vontade de ir ou nem por isso?

DID-6: “Fiquei com vontade de ir.”

I: E quando ela disse assim: “Vocês, se puderem, venham cá com os vossos familiares”. Tu costumavas ir a Coimbra?

DID-6: “Às vezes, quando vou a uma consulta, com a minha mãe...às vezes, passo lá.”

I: E tu gostavas de ir a estes sítios com a tua família?

DID-6: “Sim! Sim.”

I: E não vais?

DID-6: “Eles não querem!”

I: Olha, para que é que tu achas que o Convento serve?

DID-6: “O convento...das freiras...o convento das freiras...”

I: E agora, viste lá alguma freira?

DID-6: “Não.”

I: Será que há?

DID-6: “Uma.”

I: Uma? Qual?

DID-6: “A Dr.^a XXX [referência ao nome próprio da profissional do Convento São Francisco].”

I: A XXX era freira? Olha, a XXX não é freira. O Convento São Francisco já foi um convento de freiras e frades e assim, há muitos anos. Há muitos muitos anos. Depois, naquele espaço do Convento, foi feita lá uma fábrica de roupa. E, agora, é um centro de exposições e de espetáculos. Vão lá artistas atuar e tudo. Ok. Como é que te sentiste hoje, durante a visita?

DID-6: “Senti-me bem.”

I: Sentiste alguma dificuldade?

DID-6: “Não.”

I: O que é que achaste da XXX [referência ao nome próprio da profissional do Convento São Francisco]?”

DID-6: “Achei...bem.”

I: Como é que ela te tratou?

DID-6: “Tratou-me bem!”

I: E ela teve em conta aquilo que tu precisavas?

DID-6: “Sim.”

I: Como? Quando fazes uma visita destas, precisas de quê?

DID-6: “De ajuda...para estar contente, distraído...entretido.”

I: Ok. Sim. Olha, como é que ela te explicou as coisas, a ti e aos teus colegas?

DID-6: “Explicou bem.”

I: Foi fácil perceber o que ela disse?

DID-6: “Sim.”

I: Há alguma coisa que tu gostavas que tivesse sido diferente, nesta visita?

DID-6: “Sim! Era um dia ir lá.”

I: Queres dizer mais alguma coisa sobre estas visitas?

DID-6: “Uma coisa que eu gosto de fazer é estar atento às pessoas...”

I: E é bom relacionares-te com outras pessoas?

DID-6: “É bom.”

I: Isto faz-te quê?

DID-6: “Faz-me bem!...estar distraído.”

I: Obrigada!

Codificação do participante: DID-7

Data da entrevista: 25/06/2020 (1ª parte) e 17/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais de Arganil
(APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 8 minutos e 56 segundos (1ª parte) e 4 minutos e 53 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, o participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª Parte

I: DID-7, quantos anos é que tu tens, sabes?

DID-7: “ [abanou a cabeça, a dizer que não] ”

I: Com quem é que tu moras?

DID-7: “A minha mãe.”

I: E onde é que tu moras? Qual é a tua terra?”

DID-7: “Mouros...da Serra.”

I: Estás cá há quanto tempo, no CAO?

DID-7: “Um ano.”

I: E o que é que tu fazes cá? Qual é que é o teu trabalho?

DID-7: “Lá fora rua.”

I: A fazer o quê?

DID-7: “Tirar lixos.”

I: E tu gostas desse trabalho?

DID-7: “Sim.”

I: E mais? O que é que tu fazes cá dentro? Quando não andas no lixo, o que é que tu fazes?”

DID-7: “A salas”

I: E o que é que tu gostas de fazer quando tens tempo? Olha, eu gosto de ir à praia e gosto de ler um livro e gosto de ir à natação. E tu, o que é que tu gostas de fazer?

DID-7: “Gosto a piscina.”

I: Tu costumavas ir ver exposições aos museus?

DID-7: “Ali não”

I: Assim não? E com a tua mãe, já foste?

DID-7: “Não.”

I: E gostavas de ir?

DID-7: “ [encolheu os ombros, em dúvida]...   longe!”

I: Ah,    longe! Não gostas de andar muito?

DID-7: “  ”

I: Tu já tinhas ido a um museu?

DID-7: “Não”

I: Quando tu andaste na escola, não ias ver museus?

DID-7: “J  ”

I: E tu querias ir mais vezes aos museus?

DID-7: “Posso.”

I: Se te chamarem, tu queres ir?

DID-7: “Posso.”

I: Hoje fizemos uma visita ao Museu Machado de Castro, não foi? Do que é que tu te lembras da visita?

DID-7: “Não lembro.”

I: Mas gostaste?

DID-7: “Sim.”

I: O que é que tu viste?

DID-7: “Um homem.”

I: Quem era o homem que estava deitado?

DID-7: “Jesus.”

I: Pois era. O que é que aconteceu àquele Jesus que nós vimos lá no museu? Jesus estava quê?

DID-7: “Estava morto.”

I: E ele estava sozinho?

DID-7: “Ai, já não me lembro.”

I: Já não te lembras? Quem é que estava à volta dele?

DID-7: “É o filho.”

I: Ele era o filho de Maria. Estava lá a Maria?

DID-7: “A Maria estava.”

I: E estavam lá mais senhoras?

DID-7: “Sim.”

I: O que é que achaste da visita? Gostaste?

DID-7: “Sim.”

I: As senhoras eram simpáticas?

DID-7: “Eram lindas. Está longe.”

I: E tu gostavas de participar assim mais vezes nestas visitas ou não?

DID-7: “Posso.”

I: O que é que tu achaste?

DID-7: “Fixe”

I: Foi fixe? Olha, o que é que tu achaste do museu?

DID-7: “Lindo.”

I: Sabes para que serve aquele museu?

DID-7: “É pedras.”

I: Para guardar lá as pedras?

DID-7: “Sim.”

I: Como é que te sentiste hoje na visita?

DID-7: “É bem.”

I: E foi difícil alguma coisa?

DID-7: “Não.”

I: E o que é que achaste da XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC]?

DID-7: “Foi bem.”

I: E a XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC]?

DID-7: “Também.”

I: E tu percebeste o que elas disseram ou nem por isso?

DID-7: “Sim!”

I: O que é que tu gostavas que fosse diferente?

DID-7: “ [gesto de dúvida] ”

I: Não sabes? Ok, DID-7, queres dizer mais alguma coisa?

DID-7: “Não.”

2ª Parte

I: Hoje de manhã, tu participaste numa visita ao Convento São Francisco, não foi? O que é que tu viste?

DID-7: “...”

I: Havia uma exposição que era o “Dar a ouvir”. Era uma exposição com coisas que faziam sons, não era?

DID-7: “Sim.”

I: O que é que tu te lembras que estava lá?

DID-7: “Tudo. O som.”

I: Mas que som? Que coisas é que estavam lá a fazer sons?

DID-7: “Pratos...o bombo...e mais...”

I: Como é que achas que correu a visita?

DID-7: “É bem.”

I: Do que é que tu mais gostaste, de tudo?

DID-7: “Ver...todas.”

I: E do que é que tu não gostaste?

DID-7: “...”

I: Não houve nada?

DID-7: “ [abanou a cabeça] ”

I: Olha, e tu queres ir um dia ao Convento São Francisco ver as coisas que eles lá têm?

DID-7: “ [pausa prologada] Posso.”

I: Sim? Por que é que tu querias ir ver?

DID-7: “A APP.”

I: Queres ir lá com a APP [APPACDM]?

DID-7: “Sim. Meninos.”

I: Queres ir com os teus amigos daqui lá?

DID-7: “É!”

I: Porquê? Aquilo pareceu-te giro?

DID-7: “É.”

I: Ok. E o que é que tu achaste do Convento São Francisco?

DID-7: “É lindo.”

I: Para que é que serve aquele convento?

DID-7: “ [pausa prolongada] ”

I: Como é que te sentiste durante a visita?

DID-7: “É bem.”

I: Tiveste alguma dificuldade?

DID-7: “Não.”

I: E o que é que tu achaste da XXX [referência ao nome próprio da profissional do Convento São Francisco]?

DID-7: “É bem.”

I: Como é que ela te tratou?

DID-7: “Bem.”

I: E a XXX [referência a nome próprio] explicou bem as coisas?

DID-7: “Sim.”

I: E há alguma coisa que tu gostavas que tivesse sido diferente?

DID-7: “Sim.”

I: O quê? Mudavas alguma coisa se pudesses?

DID-7: “Não!”

Codificação do participante: DID-8

Data da entrevista: 25/06/2020 (1ª parte) e 17/0/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais de Arganil (APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 14 minutos e 56 segundos (1ª parte) e 6 minutos e 23 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, a participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª Parte

I: DID-8, sabes quantos anos tens?

DID-8: “Tenho 36.”

I: E tu vives com quem?

DID-8: “Estou na minha casa sozinha. Vai lá uma senhora [serviço de apoio domiciliário] ajudar. Ajudar os meus irmãos. Os meus irmãos não sabem fazer nada. E eu ajudo. Depois, a senhora ajuda também. A minha mãe está no lar, lá para cima na serra. Passa Coja para cima.”

I: Tu já estás aqui no CAO há quantos anos?

DID-8: “Ai, agora não sei muito bem.”

I: Andaste na escola?

DID-8: “Sim, não era aqui, era no... [discurso impercetível] ”

I: Não era com estes colegas, era com outros?

DID-8: “Não, não, era outros.”

I: E depois vieste para cá quando, lembraste?

DID-8: “Eu não sabia escrever ou quê...”

I: E o que é que tu fazes aqui? Eu sei que também não estás só aqui, não é?

DID-8: “Agora estou aqui estou na sala da Dr.ª XXX [referência a nome próprio].”

I: Quando não estás aqui, onde é que tu vais?

DID-8: “Eu vou a uma fábrica...na madeira.”

I: Então, acabas por não vir ao CAO quase nunca. Ter atividades e assim, não tens?

DID-8: “Não.”

I: Quando tens um bocadinho de tempo, quando não estás a trabalhar ou quando não estás a cuidar dos teus irmãos, o que é que tu gostas de fazer?

DID-8: “Arrumar a casa.”

I: E não gostas de te divertir a fazer alguma coisa?

DID-8: “A ver a televisão.”

I: Ver televisão, sim.

DID-8: “Arrumar a casa...passear...caminhar...”

I: E ir ao café, gostas?

DID-8: “Gosto...não posso ir agora...este vírus...”

I: Tu costumavas ir visitar museus e outras exposições noutros sítios...espaços culturais?

DID-8: “ [acenou afirmativamente] ”

I: Com quem?

DID-8: “A doutora...a XXX [referência a nome próprio de uma profissional do CAO].”

I: Onde é que tu já foste? Lembras-te de algum sítio onde tenhas ido?

DID-8: “Não...a gente fomos a Coimbra.”

I: Ver o quê a Coimbra?

DID-8: “Uma caminhada, a gente fomos...”

I: E tu gostavas de ir mais vezes a sítios bonitos como os museus?”

DID-8: “...sim”

I: Ou gostas mais de fazer outras coisas?

DID-8: “Eu gosto...ver as coisas...museus...o túmulo...ainda não vi.”

I: Nunca tinhas visto?

DID-8: “Não.”

I: Nunca foste a um sítio com esculturas?

DID-8: “Não, não.”

I: E gostavas de ir?

DID-8: “Sim.”

I: Por que é que isso é importante?

DID-8: “ [pausa prolongada] Agora [pausa prolongada] Gosto de ver o Jesus...o túmulo...a Maria...José...o outro estava ao pé os pés...”

I: Era o Nicodemos. É um nome difícil...Então, hoje de manhã, participaste numa visita pelo computador ao Museu Machado de Castro, não foi? Do que é que tu te lembras dessa visita? Conta-me lá.

DID-8: “ [pausa prolongada] Estava lá uma mulher...duas mulheres...”

I: Mas estás a falar das esculturas ou das senhoras que estavam lá a receber-nos?

DID-8: “A receber-nos.”

I: E o que é que elas disseram?

DID-8: “A pedra...o Jesus estava deitado...ai, como é que chama...”

I: O túmulo? Ah, o pano!

DID-8: “O pano...”

I: E do que é que te lembras mais?

DID-8: “Como é que chama? Os anjos...atrás [pausa prolongada] era o José...era mão direita...era o lado esquerdo ou lado direito, não sei...”

I: Então e o que é que aconteceu depois de verem a escultura? O que é que aconteceu no final da visita?

DID-8: "O Jesus estava deitado. Estava morto."

I: Boa. E o que é que vocês fizeram, no final? Depois de ver a escultura, o que é que foram fazer, antes de ir embora da sala?

DID-8: " [pausa prolongada] Fomos embora."

I: Não. Foram fazer de conta que eram a escultura, não foi? Tu fizeste de quê?

DID-8: "Eu estava a segurar a senhora. Era eu...era o XXX [referência a nome próprio]. Era eu...a Senhora estava ao meio...o outro estava ao lado...era o XXX [referência a nome próprio]. Do lado direito...Aí era o XXX [referência a nome próprio] a segurar também a Maria."

I: O que é que tu achaste de vocês fizeram de escultura?

DID-8: "A gente estava triste."

I: Sim, mas achas que foi uma coisa boa ou tu não gostaste de fazer essa parte?

DID-8: "Não, eu gostei."

I: E como é que tu achas que correu a visita?

DID-8: "Bem."

I: Do que é que tu gostaste mais? Qual foi a parte que tu gostaste mais?

DID-8: "É tudo."

I: Houve alguma coisa de que tu não tenhas gostado?

DID-8: "Não, eu gostei tudo."

I: E gostavas de participar mais em visitas deste género?

DID-8: "É lá no museu."

I: Porquê?

DID-8: "Eu gosto mais de ver o museu...do que na internet."

I: E por que é que gostavas de ir aos museus?

DID-8: "É ver."

I: Ok. O que é que tu achaste do museu?

DID-8: " [pausa prolongada] A gente fomos...entrámos...a gente fomos buscar os bilhetes... depois, a gente fomos ver o museu."

I: Para que é que servem os museus?

DID-8: "O museu...a gente ver..."

I: E o que é que tu achaste daquilo?

DID-8: "Foi bonito."

I: Como é que te sentiste durante hoje a sessão?

DID-8: "Fiquei bem."

I: Sentiste alguma dificuldade?

DID-8: “Não.”

I: O que é que achaste da XXX e da XXX [referência aos nomes próprios das profissionais do MNMC] que estavam lá do outro lado a falar connosco?

DID-8: “Foi bem.”

I: Como é que elas te trataram?

DID-8: “Bem!”

I: E elas tiveram em conta se tu estavas a perceber, se não estavas, se tinhas dificuldades ou não?

DID-8: “Não.”

I: Elas não perguntaram se estavam a perceber?

DID-8: “Ela estava a perguntar: tu está a perceber bem? E eu disse que sim.”

I: Ah, então teve a preocupação de saber se estavas a perceber o que ela estava a dizer?

DID-8: “Sim.”

I: E como é que elas transmitiram as informações? Como é que elas disseram as coisas?

DID-8: “ [pausa prolongada] ”

I: Tu percebeste...era muito difícil o que elas diziam, era fácil? Como é que foi?

DID-8: “Uma era difícil...eu estava a falar com ela e ela não estava a perceber...”

I: Ah, porque não estava a ouvir bem. Mas era a XXX ou a XXX [referência aos nomes próprios das profissionais do MNMC]?

DID-8: “As duas.”

I: Mas elas não estavam a perceber-te? Então, e depois, o que é que fizeste para resolver?

DID-8: “Depois disse à XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais da instituição de apoio]. Ela falou.”

I: Para te ajudar e elas perceberem que tu estavas a dizer alguma coisa?

DID-8: “Sim.”

I: Gostavas que tivesse sido alguma coisa diferente?

DID-8: “Não.”

I: E queres-me dizer mais alguma coisa sobre isto?

DID-8: “Não.”

I: Então, eu quero dizer-te: obrigada.”

2ª Parte

I: Hoje de manhã, participaste numa visita ao Convento São Francisco. O que é que tu te lembras desta visita?

DID-8: “ [pausa prolongada]. Tinha...como é que se chama...tinha água...tinha bater a baterias...vi o relógio da igreja [pausa prolongada] ”

I: A exposição era sobre quê?
DID-8: “ [pausa prolongada] ”
I: Era uma escultura que tu viste, como no museu?
DID-8: “Não, era outra coisa.”
I: Eram coisas que faziam muito...
DID-8: “Barulho.”
I: Ok. E tu gostaste?
DID-8: “Gostei.”
I: E como é que tu achas que correu a visita?
DID-8: “Correu bem.”
I: Do que é que mais gostaste?
DID-8: “Tudo.”
I: Não houve nada que tu tenhas gostado mais?
DID-8: “Não.”
I: E houve alguma coisa de que tu não tenhas gostado?
DID-8: “Gostei tudo.”
I: E gostavas de participar mais vezes nestas visitas?
DID-8: “Sim.”
I: Porquê?
DID-8: “...eu não fui...”
I: E isto é importante para ti porquê?
DID-8: “Anda...passa mais tempo...”
I: Para passar melhor o tempo?
DID-8: “Sim.”
I: O tempo às vezes custa a passar?
DID-8: “É o calor...”
I: E o que é que tu achaste do Convento São Francisco?
DID-8: “Era grande.”
I: Nunca lá foste?
DID-8: “Não.”
I: Para que é que aquele sítio serve?
DID-8: “É pôr...como é que chama? Quadros...”
I: Para fazer exposições?
DID-8: “Sim.”
I: E as exposições são para estar fechadas ou para as pessoas irem lá?

DID-8: “Ir lá ver.”

I: Porque é que as pessoas vão lá ver as exposições?

DID-8: “Gosta de ver.”

I: E faz sentir como?

DID-8: “Bem.”

I: E tu? Como é que te sentiste durante a visita?

DID-8: “Bem.”

I: Sentiste alguma dificuldade?

DID-8: “Não.”

I: E o que é que achaste da XXX [referência a nome próprio] que estava lá a falar convosco?

DID-8: “Falava bem.”

I: Tu percebeste o que ela disse?

DID-8: “Sim.”

I: E ela teve atenção às coisas que tu precisavas durante a visita?

DID-8: “Sim.”

I: Como?

DID-8: “ [pausa prolongada] ”.

I: Há alguma coisa que tu gostavas que tivesse sido diferente nesta visita?

DID-8: “...Estava tudo bem.”

I: E, no fim, o que é que a XXX [referência a nome próprio] fez?

DID-8: “A cantar.”

I: E como é que ela cantou?

DID-8: “Cantava os lábios. Cantava bem.”

Codificação do participante: DID-9

Data da entrevista: 25/06/2020 (1ª parte) e 17/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais de Arganil
(APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 14 minutos e 16 segundos (1ª parte) e 12 minutos e 54 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, o participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª parte

I: DID-9, sabes quantos anos tens?

DID-9: “[mostrou o cartão de cidadão, para mostrar o ano do seu nascimento: 1973]”

I: 1973. Ok, DID-9, obrigada, podes arrumar. És de dezembro de 1973. Com quem é que tu moras?

DID-9: “Minha irmã...meu cunhado...minha sobrinha.”

I: E onde é que tu moras. É em Arganil, mesmo?

DID-9: “Sampaio.”

I: Há quanto tempo é que tu estás aqui neste CAO, sabes?

DID-9: “Não sei...”

I: E em São Silvestre, estiveste muitos anos, não foi, DID-9?

DID-9: “Sim.”

I: Então, o que é que tu fazes aqui no CAO?

DID-9: “Eu? Tiro café...limpo a rua...feira...o papelão...”

I: Olha, e quando não estás a trabalhar lá fora e assim, estás a fazer o quê?

DID-9: “Tem piscina...ginástica...aquele coiso a XXX [referência a nome próprio] ...menina...outra XXX...tapete...ginástica...igual e ti.”

I: Igual a mim? Eu não sou fisioterapeuta. Eu sou terapeuta da fala.

DID-9: “Pois.”

I: É diferente. Olha, o que é que tu gostas de fazer quando tens tempo?

DID-9: “Eu tenho muito tempo?”

I: Sim [quando tem muito tempo].

DID-9: “Vou até à XXX [referência a nome próprio] pintar.”

I: Ok, e lá em casa, o que é que gostas de fazer?

DID-9: “[gesto] computador.”

I: Tens um computador em casa? E o que é que tu fazes no computador?

DID-9: “Jogo...e estou cansado apago...vou dormir.”

I: Olha, e também gostas de passear e sair à rua ou não?

DID-9: “Pouco. Há lá muito bêbado. É melhor ficar casa. Eu tenho medo.”

I: Olha, DID-9, costumavas visitar espaços culturais, como museus, conventos e palácios?

DID-9: “Costumo...uma vez fui meu irmão...Viseu carro...ver o carro antigo...fui Caramulo... Caramulo está muito negro...ovelhas...ovelhas pedra...”

I: E que sítios é que tu conheces mais, além desses? Mais algum?

DID-9: “Há muitos.”

I: Queres dizer mais algum ou não te lembras agora?

DID-9: “Piódão...”

I: Hoje, durante o dia, participaste numa visita. Aonde?

DID-9: “A nossa amiga...eu não sei o nome a nossa amiga...”

I: A que hoje apareceu? Era a XXX [referência a nome próprio]. E a XXX [referência a nome próprio]”

DID-9: “A XXX [referência a nome próprio] já conhecia...”

I: Não conhecias.

DID-9: “APP...”

I: Não, a XXX [referência a nome próprio] não estava na APP. A XXX [referência a nome próprio] que apareceu hoje no computador não era a XXX que tu conhecias...”

DID-9: “Há uma XXX...Coimbra...não é aquela.”

I: Não, aquela é outra, sim. Olha, como é que tu achas que correu a visita hoje?

DID-9: “Correu bem. Eu estava bem-disposto...”

I: Do que é que tu gostaste mais?

DID-9: “Parede...computador...”

I: Sim, mas qual foi a parte que tu gostaste?

DID-9: “Foi de tudo.”

I: E houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-9: “Não.”

I: Gostavas de participar em mais visitas deste género?

DID-9: “Pois.”

I: Gostavas?

DID-9: “Sim.”

I: Porquê?

DID-9: “É muito bonito.”

I: O que é que tu achaste do museu...do que tu viste do museu?

DID-9: “É muito bonito.”

I: Para que é que tu achas que ele serve?

DID-9: “Jesus...Jesus Cristo...morreu.”

I: Para saber que Jesus Cristo morreu?

DID-9: “Pois.”

I: Como te sentiste, durante a visita?

DID-9: “...bem-disposto.”

I: Mas houve ali uma parte em que estavas muito calado, nem parecias tu! Estavas cansado?

DID-9: “Não...eu estou ouvir.”

I: Estavas a ouvir! Estavas atento, então!

DID-9: “Pois...o papel...eu estive a ver...eu estive a ver o papel, eu estive a ouvir...”

I: Estiveste a ouvir e a acompanhar, não era?

DID-9: “E a nossa amiga a gente ouviu...ela piscou-me o olho...”

I: Quem é que te piscou o olho?

DID-9: “Ela...brincar comigo...[risos] ela não me conhece não brinca...ela me conhece brinca!”

I: Pois claro. Sentiste alguma dificuldade durante a visita? Aconteceu alguma coisa difícil?

DID-9: “Não! Não. Correu tudo bem!”

I: E o que tu achaste da XXX e da XXX [referência a nomes próprios das profissionais do MNMC]?

DID-9: “É bonita [risos].”

I: Sim. E elas explicaram bem as coisas ou precisavam de explicar melhor?

DID-9: “Não...muito bem!”

I: E tu percebeste tudo o que elas disseram?

DID-9: “Percebi.”

I: Elas disseram palavras muito difíceis ou explicaram bem?

DID-9: “Muito bem!”

I: Houve alguma coisa que tu gostavas que tivesse sido diferente?

DID-9: “O sítio estava muito escuro...via-se muito bem. Tinha luzes...tinha muitas luzes...”

I: Há mais alguma coisa que tu gostasses de dizer em relação a isto?

DID-9: “Eu fui a Mortágua...”

I: E o que é que tu viste em Mortágua, lembras-te?

DID-9: “Vi...Mortágua...o barco...”

2ª parte

I: DID-9, hoje de manhã, participaste numa visita ao Convento São Francisco. O que é que tu te lembras dessa visita?

DID-9: “Sino...tem aquela coisa faz som...aquele táboa toca música...bateria...sino...já está...”

I: Mais coisas que tu viste?

DID-9: “Água...[risos] eu disse ela: é vinho...é brincar, é brincar...ferrinhos...há muita coisa!”

I: Como é que achas que correu esta visita?

DID-9: “Correu bem.”

I: Do que é que tu mais gostaste?

DID-9: “Eu gosto tudo.”

I: Mas qual foi a parte que tu mais gostaste de todas?

DID-9: “Sino...bateria...e tambor...caixa...igual ao professor.”

I: Então, e o que é que tu não gostaste?

DID-9: “Eu gosto tudo.”

I: E gostavas de participar em mais visitas deste género?

DID-9: “Yah. Música.”

I: E por que é que queres participar em mais coisas destas com música?

DID-9: “Fico mais calmo...fico mais calmo.”

I: Queres dizer mais alguma coisa sobre isso?

DID-9: “Fica outro dia.”

I: O que é que tu achaste do Convento São Francisco?

DID-9: “Eu já disse! Já contei!”

I: Está bem, mas o que é que tu achaste daquele sítio?

DID-9: “É muito bonito!”

I: Conhecias?

DID-9: “Coimbra...onde há uma bomba, há o canhões...”

I: Para que é que achas que o Convento São Francisco serve?

DID-9: “Jesus Cristo morreu.”

I: Para que é que este espaço serve?

DID-9: “Para ver cinema.”

I: Ok. Como é que tu te sentiste durante a visita de hoje?

DID-9: “Calmo. Estive a ouvir.”

I: Sentiste alguma dificuldade durante a visita?

DID-9: “Não.”

I: O que é que tu achaste da XXX [referência a nome próprio] lá do Convento?

DID-9: “Cantou muito bem.”

I: E falou também bem ou nem por isso?

DID-9: “Pois!”

I: Como é que ela te tratou?

DID-9: “Muito bem.”

I: Ela teve em conta aquilo que tu precisavas, as tuas necessidades?

DID-9: “Diga?”

I: A XXX [referência a nome próprio] percebeu aquilo que tu precisavas durante a visita?

DID-9: “Pois...música...”

I: E precisavas que te explicassem as coisas como?

DID-9: “Mais calmo.”

I: E ela explicou bem?

DID-9: “Muito bem.”

I: Há alguma coisa que tu gostavas que tivesse sido diferente nesta visita?

DID-9: “Há! A sala muito escuro...tipo cinema.”

Codificação do participante: DID-10

Data da entrevista: 25/06/2020 (1ª parte) e 17/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais de Arganil
(APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 7 minutos e 56 segundos (1ª parte) e 7 minutos e 11 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, o participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª parte

I: Quantos anos tens, DID-10?

DID-10: “32.”

I: Com quem é que tu moras?

DID-10: “A mãe...o pai.”

I: Em Coja, não é?

DID-10: “Não, Midões”

I: Estás aqui no centro há quanto tempo?

DID-10: “[pausa prolongada] não sei...”

I: O que é que tu fazes aqui no CAO?

DID-10: “Os computadores...professor XXX [referência a nome próprio]”

I: O que é que fazes com o professor XXX [referência a nome próprio]?

DID-10: “A tocar...instrumentos.”

I: E qual é que é o teu trabalho aqui?

DID-10: “Limpar feira...”

I: E fazes mais algum trabalho além desse?

DID-10: “O papelão!...as caixas...as prensas...pumba!”

I: O que é que acontece depois a essas caixas?

DID-10: “Cartão novo...reciclagem”

I: Quando tens tempo, o que é que gostas de fazer?

DID-10: “É o computador.”

I: E o que é que tu fazes no computador, DID-10?

DID-10: “É Facebook.”

I: E mais coisas que tu gostas de fazer?

DID-10: “As músicas...”

I: Há mais alguma coisa que tu faças?

DID-10: “Não sei.”

I: Olha, outra coisa: tu costumavas visitar espaços culturais, como os museus, os conventos e assim?

DID-10: “É museu.”

I: Que museus é que tu conheces?

DID-10: “Eu não sei.”

I: Hoje conheceste um museu?

DID-10: “Sim.”

I: Como é que se chama o museu que tu conheceste hoje?

DID-10: “Museu pão.”

I: Ah, já foste ao Museu do Pão?

DID-10: “Sim.”

I: Com quem?

DID-10: “Aqui a APP.”

I: Mas hoje não foste ao Museu do Pão!

DID-10: “Fui, uma vez.”

I: E, hoje, viste no computador que museu?

DID-10: “Não sei.”

I: Era o Museu Nacional de Machado de Castro.

DID-10: “Ah...Castro.”

I: Gostavas de ir mais vezes a esses sítios?

DID-10: “É o teatro.”

I: Também fazes teatro. Pois, não me contaste do teatro...

DID-10: “Sim.”

I: Ok. Tu gostas mais de teatro ou de visitar os museus?

DID-10: “É o teatro.”

I: Hum-hum. Hoje, de manhã e depois de almoço, participaste numa visita ao Museu Machado de Castro, não foi? No computador.

DID-10: “Sim.”

I: Do que é que te lembravas dessa visita? O que é que aconteceu?

DID-10: “...O Menino Jesus...”

I: Era o Menino Jesus?

DID-10: "Sim."

I: E mais? O que é que aconteceu ao Menino Jesus?

DID-10: "deitado..."

I: Por que é que ele estava deitado?

DID-10: "[pausa prolongada] não sei..."

I: Como é que tu achas que correu a visita?

DID-10: "Correu..."

I: Correu como?

DID-10: "Bem."

I: Do que é que gostaste mais?

DID-10: "[pausa prolongada] eu não sei."

I: Gostaste de tudo ou não gostaste de nada?

DID-10: "Gostei mesmo."

I: Houve alguma coisa que não correu bem?

DID-10: "[gesto indicativo de que não sabia]"

I: Gostavas de participar em mais visitas deste género? Ou mesmo ir lá aos museus?

DID-10: "Sim."

I: O que é que tu achaste do museu? O museu é muito...

DID-10: "Engraçado."

I: Para que é que ele serve?

DID-10: "[pausa prolongada]"

I: Olha, por exemplo, o hospital serve para tratar os doentes, a escola serve para aprender. E os museus?

DID-10: "É ver."

I: Para ver o quê?

DID-10: "Obras arte."

I: E tu gostas de ver arte?

DID-10: "Sim."

I: Tiveste alguma dificuldade hoje, na visita?

DID-10: "[pausa prolongada] Não sei."

I: O que é que achaste da XXX e da XXX [referência aos nomes próprios das profissionais do MNMC?

DID-10: "Simpáticas."

I: Como é que elas te trataram?

DID-10: “Bem!”

I: Elas souberam o que tu precisavas? Tiveram em atenção se estavas a perceber ou não...

DID-10: “Sim.”

I: E elas explicaram as coisas muito bem ou não percebeste nada do que elas disseram?

DID-10: “Explicar bem.”

I: E alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente?

DID-10: “Não sei.”

I: E queres dizer mais alguma coisa sobre isto?

DID-10: “Agora, já não.”

I: Então, DID-10, muito obrigada. Já terminámos a nossa entrevista.

2ª parte

I: Olha, DID-10, hoje de manhã, participaste então numa visita ao Convento São Francisco. O que é que tu te lembras dessa visita?

DID-10: “...a chapa...os câezinhos...os cães bebés...uma tigela...o chupa-chupa, assim...um toque telefone...tocar os sinos...e não sei.”

I: Ok. E como é que achas que correu a visita?

DID-10: “Correu bem.”

I: Tu gostaste?

DID-10: “Gostei mesmo!”

I: Do que é que tu gostaste mais? Qual foi a tua parte preferida?

DID-10: “É Jesus!”

I: Não, mas isso foi da outra vez. O que é que tu gostaste mais hoje?

DID-10: “Não sei...é tudo.”

I: Houve alguma coisa de que tu não tenhas gostado?

DID-10: “O pátio.”

I: Gostaste do pátio?

DID-10: “Sim.”

I: E o que é que tu não gostaste?

DID-10: “Não sei.”

I: Gostavas de participar em mais visitas assim?

DID-10: “...a casa Amália, a Lisboa!”

I: Era um sítio onde gostavas de ir?

DID-10: “Sim.”

I: E gostavas de ir lá para quê?

DID-10: “É ver a cama a Amália.”

I: Olha, e o que é que tu achaste hoje do Convento São Francisco?

DID-10: “Correu bem.”

I: Já lá tinhas ido?

DID-10: “Não.”

I: E para que é que aquele Convento serve?

DID-10: “...eu não sei.”

I: E como é que te sentiste durante a visita?

DID-10: “Correu mesmo.”

I: Mas como é que tu te sentiste?

DID-10: “Sim, bem.”

I: Tiveste alguma dificuldade? Foi tudo fácil ou houve alguma coisa difícil?

DID-10: “Fácil!”

I: E o que é que achaste da XXX [referência a nome próprio] que estava lá a receber-te?

DID-10: “Correu bem.”

I: Gostaste dela?

DID-10: “Canta bem.”

I: Sim. Como é que ela te tratou?

DID-10: “Sim. Só bem.”

I: E ela teve em conta as coisas que tu precisavas?

DID-10: “Sim.”

I: Como?

DID-10: “Eu não sei.”

I: Como é que ela te explicou as coisas, a ti e aos teus colegas?

DID-10: “É ver as coisas.”

I: E depois?

DID-10: “Uma caixa, uma tarola a tocar.”

I: E tu percebeste as coisas que ela disse?

DID-10: “Sim.”

I: E tu gostavas que alguma coisa tivesse sido diferente? Ou gostaste assim?

DID-10: “...”

I: Estas coisas foram importantes para ti porquê?

DID-10: “Não sei.”

I: Mas gostaste?

DID-10: “Gostei mesmo!”

Codificação do participante: DID-11

Data da entrevista: 25/06/2020 (1ª parte) e 17/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais de Arganil
(APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 10 minutos e 2 segundos (1ª parte) e 6 minutos e 29 segundos
(2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, a participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª parte

I: Quantos anos tens, DID-11?

DID-11: “Não sei...não sei...”

I: E com quem é que tu moras?

DID-11: “Com a mãe, com o pai...o mano já não está lá, o mano já está Coja com a namorada dele. Estou com o pai e com a mãe só. O meu irmão estava na casa, agora já não está. Está com uma rapariga Coja, namora lá com uma de Coja. O meu pai faz anos amanhã e eu sábado vou fazer os anos Coja...a casa do meu irmão...a minha cunhada.”

I: Boa. E o teu irmão é mais velho ou mais novo?

DID-11: “Não sei. Eu não me lembro destas coisas.”

I: Mas quando viste fotografias tuas, quando eras pequena, o teu irmão já existia ou eras só tu?

DID-11: “O mano não existia. Primeiro, era eu...eu não lembro.”

I: Ok, não há problema. Olha, DID-11, já cá estás no CAO há muitos anos?

DID-11: “Sim, entrei pequenita.”

I: E o que é que tu fazes cá?

DID-11: “Vou para a feira.”

I: Fazer o quê?

DID-11: “Apanhar o lixo. Temos casas...varrer...limpo o pó, varro as garagens, lavo [discurso impercetível] ...e vou varrer...estou no papelão...”

I: Então, vocês vão limpar as casas das pessoas, é isso?

DID-11: “Sim. Agora não por causa do vírus....tiro papelão...e agora estou sala XXX [referência a nome próprio] coso os botões...levo computador, faz uns jogos, estou na música...às vezes, estou a pintar...fazer pinturas...estou com a XXX [referência a nome próprio] na terapia.”

I: E o que é que tu gostas mais de fazer quando tens tempo?

DID-11: “Gosto ouvir música...o computador...gosto ver puzzles no computador...”

I: E tu costumavas ir visitar espaços culturais, como museus e assim?

DID-11: “Domingo fui à Figueira....fui a Montemor ver os animais, lá a Montemor, ver os animais, macacos e isso tudo.”

I: Foste ao Jardim Zoológico de Montemor?

DID-11: “Fui a Montemor, sim. Com a mãe, a minha cunhada, com a minha sobrinha afastada, o pai da XXX [referência a nome próprio] que está com o mano, as irmãs, a XXX e a XXX [referência a nomes próprios].

I: E tu costumavas ir visitar muitos sítios com eles?

DID-11: “Só fui no domingo para a Figueira porque eles convidaram-me. Tomei um comprimido para o enjoo. E depois fui à Figueira, a Montemor e depois fui jantar a Coja e depois vim para casa.”

I: Então, e costumavas visitar exposições e sítios giroso?

DID-11: “Não, nunca lá fui.”

I: E aqui com o Centro? Costumam sair, às vezes.

DID-11: “Sim, às vezes fomos à biblioteca...ver o computador. Aqui já fui ver um.”

I: E nas colónias? Às vezes, vão ver outras coisas, não é?

DID-11: “José Cid! Só que agora não vamos!”

I: Também foram, por exemplo, ao Parque dos Budas.

DID-11: “Fomos, eu gostei muito.”

I: Porquê?

DID-11: “Foi fixe.”

I: O que é que foi melhor?

DID-11: “Foi ver aquelas...parece chocolate...não sei aquilo chama...”

I: E gostavas de ir mais vezes ver exposições?

DID-11: “Gostava muito ver...gosto ver exposições, gosto de ver isso tudo...”

I: Onde é que gostavas de ir?

DID-11: “Ao Museu do Pão.”

I: Nunca foste?

DID-11: “Museu do Pão? Acho fui. Já não me lembro...”

I: Hoje, de manhã e depois de almoço, participaste numa visita no computador, a um museu, que era o Museu Machado de Castro. Do que é que tu te lembras desta visita?

DID-11: “Do Jesus, da Maria Madalena, do pai do Jesus e a Maria. Era amigos.”

I: E o que é que aconteceu a Jesus, o que é que vocês viram?

DID-11: “Estava deitado...”

I: Estava deitado porquê?

DID-11: “Estava morto. Morreu...e depois fui eu.”

I: Explica-me lá como é que isso foi.

DID-11: “É o nosso agora?”

I: Sim, o nosso agora.

DID-11: “Eu estava deitada...tinha as socas calçadas...e depois ela tirou e depois fechou os olhos e depois pediram-nos...”

I: E por que é que tiraste as socas?

DID-11: “Porque Jesus estava descalço.”

I: Ah, então, estavas a imitar a escultura?

DID-11: “Estava.”

I: Como é que achas que correu a visita?

DID-11: “Correu bem.”

I: E do que é que tu gostaste mais?

DID-11: “Gostei da Madalena, da Maria, dos amigos...e da XXX e da XXX [referência aos nomes próprios das profissionais do MNMC.”

I: Mas gostaste mais de ver a peça, das pessoas a falar contigo ou depois da parte em que estavas a fazer de Jesus?

DID-11: “Elas a falar connosco.”

I: Houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-11: “Eu gostei de tudo!”

I: E gostavas de participar em mais visitas?

DID-11: “Sim.”

I: E de ir mesmo lá ao museu?

DID-11: “Sim.”

I: Porquê?

DID-11: “Porque eu gosto ver ao pé.”

I: O que é que tu sentiste hoje na visita?

DID-11: “Ai, não me lembro [risos]”

I: O que é que tu achaste do museu?

DID-11: “Foi bom!...foi fixe.”

I: Para que é que tu achas que servem os museus?

DID-11: “Museus é...para ver aquelas coisas...Jesus”

I: Será que os museus só têm coisas de Jesus ou também têm outras?

DID-11: “Têm outras...agora não sei...”

I: Como é que tu te sentiste durante a visita de hoje?

DID-11: “Estava bom. Correu bem.”

I: Sentiste alguma dificuldade?

DID-11: “Não!”

I: E elas explicaram as coisas como?

DID-11: “Bem!”

I: O que é que achaste da XXX e da XXX [referência aos nomes próprios das profissionais do MNMC]?

DID-11: “Foi fixe. É de lá, de Coimbra? Fixe, gostei.”

I: Como é que elas te trataram?

DID-11: “Trataram bem.”

I: E tiveram em conta as tuas necessidades, aquilo que tu precisavas?

DID-11: “Já não me lembro.”

I: Achas que estiveram preocupadas se tu estavas a perceber, se estavas a gostar ou não?

DID-11: “Eu estava a gostar, estava.”

I: E elas foram perguntando isso ou não perguntaram nada?

DID-11: “Sim, acho que sim.”

I: E como é que explicaram as coisas?

DID-11: “Já não me lembro.”

I: Achas que disseram coisas muito difíceis ou foram coisas que tu percebeste?

DID-11: “Percebi bem. Explicaram muito bem!”

I: Há alguma coisa que gostasses que tivesse sido diferente?

DID-11: “Não, está bom.”

I: E gostavas de dizer mais alguma coisa sobre o que aconteceu?

DID-11: “Não, fica por aqui.”

2ª parte

I: Hoje de manhã, participaste numa visita ao Convento São...

DID-11: “Francisco!”

I: Ok. E o que é que tu te lembras dessa visita?

DID-11: “...Convento das freiras, não sei...”

I: O que é que tu viste?

DID-11: “Vi aquilo parece água...parece água...e o outro parece uma campainha...e depois os tambores...e outro lado fomos outra sala...vimos a corda parece uma cobra...e depois fomos

outro lado mostrar as coisas parece água também...a igreja de lá dentro...agora não é igreja, não é. Estava escuro não vimos nadinha.”

I: Como é que achas que correu a visita de hoje?

DID-11: “Correu bem.”

I: Do que é que mais gostaste?

DID-11: “Da água, campainha, tambor, um vaso...”

I: Mas qual foi a parte que tu gostaste mais?

DID-11: “Parece uma tarola...parece uma banda. Mais nada”

I: E o que é que tu não gostaste?

DID-11: “Eu gostei tudo.”

I: Gostavas de ir mais vezes fazer estas visitas?

DID-11: “Sim.”

I: Para quê?

DID-11: “Para conhecer o convento das freiras...e ver aquelas coisas...exposições...coisas da parede...e mais quadros também da parede...”

I: O que é que tu achaste do Convento São Francisco, daquilo que tu viste?

DID-11: “Foi bom, gostei.”

I: Mas o que é que tu achaste daquele sítio?

DID-11: “É porreiro!”

I: Para que é que ele serve?

DID-11: “Serve para pôr exposições nas paredes.”

I: Como é que te sentiste durante a visita ao Convento São Francisco?

DID-11: “Foi bom.”

I: Sentiste alguma dificuldade?

DID-11: “Não!”

I: O que é que achaste da XXX [referência a nome próprio]?

DID-11: “Foi fixe!”

I: Porquê?

DID-11: “Porque é boa pessoa.”

I: Como é que tu sabes?

DID-11: “Porque ouvi ela a falar.”

I: E como é que ela falava?

DID-11: “Agora não sei...”

I: Tu sabes.

DID-11: “Explicar as coisas.”

I: Olha, a XXX [referência a nome próprio] teve em conta aquilo que tu precisavas na visita?

DID-11: “Sim.”

I: Há alguma coisa desta visita que tu gostavas que tivesse sido diferente?

DID-11: “Não sei.”

Codificação do participante: DID-12

Data da entrevista: 25/06/2020 (1ª parte) e 17/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais de Arganil
(APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 11 minutos e 12 segundos (1ª parte) e 4 minutos e 12 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, o participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª parte

I: Quantos anos tens?

DID-12: “Cinquenta e...”

I: Sabes qual é a tua data de nascimento?

DID-12: “Sei! 22 do 5 de 62.”

I: Então já tens 58. Com quem é que tu moras, DID-12?

DID-12: “Com o meu primo.”

I: Em que terra?

DID-12: “Em Arganil.”

I: E há quantos anos é que tu estás aqui no CAO?

DID-12: “Não sei.”

I: Por onde é que tu andaste na tua vida?

DID-12: “Andei em Lisboa.”

I: Então e desde quando é que estás aqui na APPACDM de Arganil?

DID-12: “Há dez.”

I: E o que é que tu fazes aqui no CAO?

DID-12: “Faço tudo.”

I: Que atividades é que tu fazes?

DID-12: “Toco bateria...”

I: Fazes teatro? És do grupo de teatro?

DID-12: “Sou...Já não há teatro, parece, ou ainda há?”

I: Agora, no Coronavírus, não há, mas depois pode haver, sim. Então e mais?

DID-12: “Faço pesquisa...”

I: E não trabalhas lá fora?

DID-12: “Não.”

I: Porquê?

DID-12: “[pausa prolongada] Porque não.”

I: O que é que tu gostas mais de fazer quando tens tempo?

DID-12: “Gosto de fazer pesquisas, ler...”

I: O que é que tu gostas de ler, DID-12?

DID-12: “Qualquer livro.”

I: E passear e ver coisas, gostas?

DID-12: “Gosto. Gosto de museus.”

I: E costumavas ir a museus?

DID-12: “Costumo.”

I: Com quem?

DID-12: “[pausa prolongada] Antigamente, em Lisboa, fui muitas vezes visitar...o Museu Militar...e o museu do Vasco da Gama...o Aquário Vasco da Gama...e fui muitas vezes, nos anos sessenta, ao Jardim Zoológico! Havia uma coisa no Jardim Zoológico que agora já não há, mas nesse tempo havia, que era uma coisa...do trânsito!...era com carros, mas era semáforos...e tinha um homem a explicar...agora já não há!”

I: Então e o que é que havia para ver no Museu Militar?

DID-12: “[pausa prolongada] Havia...”

I: E no Aquário Vasco da Gama?

DID-12: “No Aquário Vasco da Gama? Ia com o meu pai...”

I: Então, e gostavas de ir mais vezes aos espaços culturais...aos museus e assim?

DID-12: “Sim.”

I: Ou gostavas mais de outras coisas?

DID-12: “Gostava de ir...aos museus.”

I: Hoje, participaste numa visita ao Museu Machado de Castro, não foi?

DID-12: “Sim, sim, foi...Eu já tinha ouvido falar no Museu Machado de Castro, na Praça da Alegria... Disseram que era um museu que tinha várias exposições...pintura e escultura e...”

I: E tu costumavas ver televisão e, às vezes, vês uns programas sobre os espaços culturais. Calhou falar do Museu Machado de Castro, muito bem.

DID-12: “Com a Sónia Araújo”

I: E do que é que tu te lembras da visita de hoje?

DID-12: “Era melhor...se não houvesse o corona, era melhor a visita ao natural...”

I: Pois era! Mas assim, não deu para perceber nada ou percebeu-se alguma coisa?

DID-12: “Percebi...deu para perceber.”

I: E o que é que aconteceu na visita?

DID-12: “A exposição...a morte de Jesus...”

I: Ok. Ainda te lembras do nome da peça?

DID-12: “Era um funeral...”

I: Era a deposição...

DID-12: “De Jesus...no túmulo.”

I: Como é que achas que correu a visita, DID-12?

DID-12: “Correu bem.”

I: Do que é que gostaste mais?

DID-12: “O que é que eu gostei mais? Foi...gostei de tudo...”

I: Ok, e houve alguma coisa de que não tenhas gostado? Do que é que te lembras mais? O que é que aconteceu na visita? Viste Jesus e viste embora!

DID-12: “Não...havia os amigos de Jesus...a Maria...a mãe de Jesus...o José...e o...Nicodemos...e o João Evangelista...e a Maria Madalena...”

I: Muito bem. Gostavas de participar em mais visitas deste género?

DID-12: “Sim.”

I: Porquê?

DID-12: “É melhor.”

I: Sim, mas foi importante para ti teres participado numa visita assim?

DID-12: “Foi.”

I: Porque é que isso é importante para ti?

DID-12: “Isso é que eu não sei explicar.”

I: Achas que é uma coisa que também tens direito a ir ou nem por isso?

DID-12: “Tenho. Tenho direito! É para todos.”

I: O que é que tu achaste do museu?

DID-12: “Achei bem...achei interessante.”

I: Para que é que servem os museus?

DID-12: “...Para a nossa cultura.”

I: O que é que é a nossa cultura?

DID-12: “É a história...que a gente...a história da nossa terra!”

I: Muito bem! E como é que te sentiste durante a visita?

DID-12: “Senti-me bem.”

I: Sentiste alguma dificuldade, durante a visita?

DID-12: “Não!”

I: E o que é que achaste das pessoas que estavam lá a receber-te?

DID-12: “Achei bem.”

I: Como é que elas te trataram?

DID-12: “Trataram bem.”

I: E tiveram em conta as coisas que tu precisavas?

DID-12: “Sim, sim.”

I: E o que é que tu precisavas?

DID-12: “Não precisava de nada!”

I: Como é que elas transmitiam a informação?

DID-12: “Língua gestual.”

I: Ai foi em Língua gestual?

DID-12: “Não, foi...por palavras.”

I: E elas usaram mais qualquer coisa para vos ajudar. Foi o quê?

DID-12: “Foi o papel, as fotografias. E a pedra! As pedras.”

I: Então, isso ajudou a quê?

DID-12: “A evoluir mais.”

I: Há alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente, nesta visita?

DID-12: “Não.”

2ª parte

I: Hoje, de manhã, participaste numa visita ao Convento São Francisco, não foi? O que é que te lembras dessa visita?

DID-12: “Dos batimentos...da robótica!”

I: O que é que viste?

DID-12: “Eletrónica!”

I: Ok. E que fazia o quê?

DID-12: “Batimentos.”

I: Sim, mas era uma exposição para ver coisas ou era para ouvir?

DID-12: “Para ouvir.”

I: Como é que tu achas que correu a visita?

DID-12: “Correu bem.”

I: O que é que tu mais gostaste?

DID-12: “...da robótica.”

I: Mas que parte?

DID-12: “Como é que eu hei-de explicar? Robótica.”

I: Mas o que é que tu gostaste mais?

DID-12: “[gesto de escadas]”

I: Ah, daquelas escadas que tinham aquelas coisas a fazer barulho lá dentro?

DID-12: “Sim, sim.”

I: E houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-12: “Não, gostei de tudo.”

I: E gostavas de participar em mais visitas deste género?

DID-12: “Sim.”

I: Porquê?

DID-12: “...para saber cultura.”

I: Já tinha ido alguma vez ao Convento São Francisco?

DID-12: “Não.”

I: O que é que achaste daquele sítio?

DID-12: “Foi bem. Bonito.”

I: Para que é que aquele sítio serve?

DID-12: “Para exposições.”

I: Sim. E como é que te sentiste durante a visita?

DID-12: “Senti-me bem. Confortável.”

I: E sentiste alguma dificuldade?

DID-12: “Não.”

I: O que é que achaste da XXX [referência a nome próprio], aquela senhora que lá estava a receber-vos?

DID-12: “Bem...foi simpática. Tratou bem, alto nível. Falou bem.”

I: Como é que ela explicou as coisas?

DID-12: “Explicou amavelmente.”

I: Há alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente, nesta visita?

DID-12: “Não.”

I: Estamos a terminar estas visitas. Achas que estas coisas são importantes para a tua vida?

DID-12: “Sim...para conhecer melhor a cultura portuguesa.”

Codificação do participante: DID-13

Data da entrevista: 26/06/2020 (1ª parte) e 24/06/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais da Tocha
(APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 9 minutos e 48 segundos (1ª parte) e 4 minutos e 37 segundos
(2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, o participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª parte

I: Sabes quantos anos tens?

DID-13: “Sim, 35. Fiz agora.”

I: Olha, eu também. Eu fis em janeiro, mas também tenho 35.

DID-13: “Fiz...dia 25. De 24 para 25.”

I: Anteontem? Então, parabéns! Olha, tu moras aqui no lar?

DID-13: “Sim.”

I: Como é que é a tua vida aqui, conta-me lá.

DID-13: “Trabalho nas oficinas, na área lá atrás com o XXX [referência a nome próprio]...e estou no lar, lá com os colegas, com os coordenadores.”

I: Sim. Estás na Residência Autónoma?

DID-13: “Estou.”

I: Trabalhas nas oficinas. E tens mais alguma atividade além dessa?

DID-13: “Futebol...também, às vezes, faço piscina...tenho treinado na máquina do remo...Agora, nesta altura, tenho treinado assim...também ainda, como está a decorrer as coisas em Tribunal, ainda não posso continuar no karaté...porque eu estou no karaté, sou cinto preto, graduado.”

I: Ok. O karaté é lá fora? Em que sítio?

DID-13: “Sim, ao pé da Cooperativa. A Associação 1º de maio.”

I: E o que é que tu gostas de fazer no teu tempo livre? Gostas de fazer karaté e mais?

DID-13: “E gosto de jogar futebol, quando vou com o professor...fazer as provas da piscina...”

I: E, ali no lar, o que é que gostas de fazer quando tens tempo?

DID-13: “No lar, estou no computador um bocado, ouvir música...e faço assim.”

I: Tu costumavas ir visitar os espaços culturais, como museus, conventos e assim?

DID-13: “Alguns sítios, outros não.”

I: Que sítios é que tu conheces?

DID-13: “Lá em Coimbra agora, não conheço muitos, porque aquilo está tudo mudado. Na altura em que eu estive, ainda conheci lá alguns sítios, mas agora está tudo mudado.”

I: Estavas em Coimbra, dantes?

DID-13: “Estava no Loreto.”

I: E, quando estavas no Loreto, ias a algumas visitas?

DID-13: “Sim, ia.”

I: E tu estás aqui no CAO há quanto tempo, sabes?

DID-13: “Não te sei dizer.”

I: Há muitos anos ou há poucos?

DID-13: “Eu entrei para o lar...antes de entrar para o lar, ainda estive a trabalhar na formação...a minha mãe vivia em Quiaios e ainda está...com o meu padrasto...estou em contacto com o meu irmão...mas com a minha mãe não tenho muito contacto com ela. Tenho é depois os pais do XXX [referência a nome próprio], que é como se fossem meus pais...que são pais de um monitor meu do Loreto. Vêm cá nos meus anos...no Natal...na Páscoa. Vêm-me trazer as prenditas...não me são nada, mas eu trato-os como pais.”

I: E, no Loreto, estavas numa instituição, é isso?

DID-13: “Estava. Sim, desde pequeno. Estive lá até aos 18, depois tinha que sair ou para uma família de acolhimento ou tinha que ir para uma instituição. Ainda fui para casa da minha mãe, mas as coisas não correram bem...o meu padrasto conseguiu falar com a XXX [referência a nome próprio] e eu entrei para o lar.”

I: E nessa altura vieste para o CAO?

DID-13: “Sim.”

I: Olha, agora voltando aqui aos espaços culturais, tu gostavas de ir mais vezes a estes sítios?

DID-13: “Sim, gosto de ver coisas, gosto de pesquisar.”

I: Já tinhas pesquisado alguma coisa sobre o museu?

DID-13: “Não.”

I: Hoje, de manhã, participaste numa visita, não foi, ao museu, aqui no computador. Não podemos lá ir, não é? Lembras-te o que é que aconteceu nesta visita hoje?

DID-13: “Foi aquela estátua...tinha...a santa de Fátima...tinha o bebé ao colo...depois, tinha os anjos...depois tinha os pombos...decorei essa estátua.”

I: Foi essa que viste, não foi? Como é que achas que correu a visita?

DID-13: “Boa. Correu bem.”

I: Do que é que tu gostaste mais?

DID-13: “Do espaço...saber que aquilo é grande...Quando tiver oportunidade, a ver se vou lá visitar aquilo...mas gostei.”

I: Houve alguma coisa de que não tivesses gostado?

DID-13: “Não, gostei de tudo.”

I: Houve ali uma altura em que estavas só a pensar no almoço...”

DID-13: “Houve, porque eu estou habituado a almoçar a X horas, lá em baixo...hoje atrasou mais...porque eu estou no XXX [referência a nome próprio], estamos habituados àquela hora...da gente ir comer.”

I: Sim, mas não estavas saturado da visita?

DID-13: “Não.”

I: E gostavas de participar mais em visitas deste género ou mesmo ir lá?

DID-13: “Sim.”

I: Porquê?

DID-13: “Gostei do espaço, gosto de ver as coisas, gosto de pesquisar.”

I: E o que é que achaste do museu?

DID-13: “Bonito.”

I: Para que é que achas que ele serve?

DID-13: “Então, o museu é para meter coisas antigas para as pessoas verem...Uma vez fui visitar, mas foi um moinho. Um moinho antigo, que era aquele coiso feito...farinha...tem uma pedra que anda ao lado...depois, tem uma charrua...eu fui visitar e tive a coisa de filmar...eu tenho isso guardado no meu computador...tive a coisa de filmar o moinho por dentro a trabalhar.”

I: E foste também com uma visita orientada como hoje?

DID-13: “Não, fomos a uma colónia de férias e, na colónia, tínhamos algumas atividades e calhou essa de a gente ir visitar um moinho...fazia a farinha.”

I: Mas aí, vão mais na altura da colónia, não é?

DID-13: “Sim.”

I: E como é que tu te sentiste hoje, na visita?

DID-13: “Bem...tranquilo...”

I: Sentiste alguma dificuldade?

DID-13: “Não.”

I: “O que é que achaste das pessoas, que estavam lá a receber-te?

DID-13: “Umas joias de pessoas...simpáticas...”

I: E como é que elas te trataram?

DID-13: “Bem.”

I: E tiveram em conta as tuas necessidades?

DID-13: “Sim.”

I: Como?

DID-13: “Então, estavam sempre a repetir as coisas quando a gente pedia...”

I: E como é que elas te transmitiram as informações?

DID-13: “Bem!”

I: Há alguma coisa, nesta visita, que tu gostavas que tivesse sido diferente?

DID-13: “Não!”

I: E gostavas de me dizer mais alguma coisa em relação a este tema?

DID-13: “Não.”

2ª parte

I: Hoje, ainda agora, participaste numa visita ao Convento São Francisco, não foi? O que é que tu te lembras desta visita?

DID-13: “Os sons. Várias coisas...estavam a tocar, eu gosto de ouvir...e vários materiais, que alguns a gente trabalha com eles...”

I: Ah, então viste alguns materiais que também usas no trabalho, sim. Como é que tu achas que correu a visita?

DID-13: “Correu bem.”

I: Do que é que mais gostaste?

DID-13: “De tudo.”

I: Sim, mas qual foi a parte mais interessante?

DID-13: “Foi aquela das luzes. Tinha os sons lá dentro nas caixas.”

I: E por que é que gostaste mais dessa?

DID-13: “Porque gosto de ouvir os sons e gosto de ver as luzes e aquilo estava bem feito, eu gostei.”

I: Disseste que pareciam umas chapas, não era?

DID-13: “Sim.”

I: Houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-13: “Não.”

I: E gostavas de participar em mais visitas deste género?”

DID-13: “Sim!”

I: Porquê?

DID-13: “Porque gosto de ouvir os sons, gosto de ver mais coisas e aprender mais.”

I: E houve ali uma parte em que tu estavas a descobrir coisas que a XXX [referência a nome próprio] ainda não estava a mostrar.

DID-13: “Sim.”

I: E o que é que tu fizeste nessa altura?

DID-13: “Aquele coiso dos vidros, depois foi aquelas bolas que eu também sei o que é que é...várias coisas que eu gostei.”

I: Ok. O que é que achaste ali daquele espaço, do Convento São Francisco?

DID-13: “Está muito bem feito, muito bem criado...muito bonito. Gostei!”

I: Tu já lá tinhas ido?

DID-13: “Não, não, não. Ainda não.”

I: Quando acabar o Covid, queres ir lá?”

DID-13: “Quero!”

I: Para que é que achas que serve aquele espaço?

DID-13: “Para as pessoas visitarem e aprenderem mais...com os grupos também, que criam as músicas e os objetos...e aprender mais com outras pessoas.”

I: Ah, muito bem. Gostei dessa resposta. E agora, como é que te sentiste durante a visita?

DID-13: “Senti-me bem.”

I: E houve alguma dificuldade?

DID-13: “Não!”

I: Foi preciso alguma ajuda?

DID-13: “Não.”

I: O que é que achaste da XXX e da XXX [referência a nomes próprios]?

DID-13: “Muito simpáticas.”

I: Elas tiveram preocupações em relação a vocês?

DID-13: “Tiveram. A repetirem as coisas...”

I: E como é que elas te trataram?

DID-13: “Muito bem.”

I: E elas tiveram em conta se tu precisavas de alguma coisa?

DID-13: “Sim.”

I: Como?

DID-13: “A mostrar as coisas e o que a gente não percebia eles repetiam outra vez.”

I: E como é que elas explicaram as coisas?

DID-13: “Explicaram os objetos, o que é que era...eu gostei.”

I: E por que é que achas que elas explicaram os objetos?

DID-13: “Para a gente aprender mais e saber mais coisas.”

I: Há alguma coisa, DID-13, que tu gostavas que tivesse sido diferente, nesta visita?

DID-13: “Não!”

I: Melhor só lá ir, ou não?

DID-13: “Sim!”

I: Eu agora não venho cá mais por causa do meu estudo. Há mais alguma coisa que tu gostasses de dizer sobre isto que andámos a fazer?

DID-13: “Não...”

I: Isto faz-te bem?

DID-13: “Faz...Gostei, aprendi outras coisas...”

I: Obrigada.

DID-13: “Obrigado eu. Até à próxima!”

Codificação do participante: DID-14

Data da entrevista: 26/06/2020 (1ª parte) e 24/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais da Tocha (APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 27 minutos e 25 segundos (1ª parte) e 14 minutos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, o participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª parte

I: Quantos anos é que tu tens?

DID-14: “40 aninhos...tenho 40, vou fazer os 41 este ano. Desde os 7 anos que eu estou na instituição...mas, antes de vir para a instituição, eu...meteram-me numa escola normal...e, na escola normal. Eu não estava a conseguir aprender. E estava a ter uma psicóloga...e uma assistente social também na escola...que era de Coselhas...Depois, daí, eles resolveram com a minha mãe e...puseram-me na APP...Fui para Coimbra, para o Centro nº1...estive aí uns anos...depois, fomos para a Rua Gomes Freire...depois, acabei a escola...até ao sexto ano...o sexto ano já foi na Casa Branca...comecei a tirar um curso de barman...também estava a tirar um curso de escolaridade de 6º ano, de adulto...e depois acabou. Eu depois, passado um tempo, entrei na formação e, nesse tempo, eu andava nas consultas na Ortopedia...tinha pé de atleta...andei dois anos nessa consulta...para ser operado...quando a minha mãe teve o acidente...quando estavam-me a querer dar alta, eu disse: por favor, a minha mãe não tem condições para tratar da medicação e para me tratar em condições...eles aí foram falar com a assistente social da Casa Branca e mandaram-me para aqui...para a Tocha.”

I: Já há muitos anos?

DID-14: “Eu estou na Tocha há 22 anos.”

I: No lar, não é?

DID-14: “Antes...isto não era bem lar...isto eram uns miúdos que vinham, de Coimbra, aos fins-de-semana...que começaram a fazer o lar...isto no verão era um pandemónio...eu conheço isto como a palma da minha mão...”

I: Olha, o que é que tu fazes agora aqui no CAO?

DID-14: “Agora, estou na área de serralharia...e estou a aprender algumas coisas...não sabia soldar...sei mais ou menos...cortar também eu já sei...rebarbar, agora estou-me a aplicar...porque há muitos serviços que é preciso saber mesmo rebarbar...eu, por acaso, fiz uma calçadeira e agora o meu monitor viu que eu me ajeitava a rebarbar...e pediu-me para eu rebarbar agora umas peças para um colega meu...”

I: E o que é que fazes mais?

DID-14: “Quando não há coronavírus, eu sou DJ ali no Hotel da Quinta da Fonte Quente...faço discoteca para grupos...eu não tenho curso para discotecas...DJ’s...mas o tempo que eu já tenho em prática ninguém me bate! Porque eu sei trabalhar com os grupos! Nós temos que saber se o grupo gosta ou não. Porque aí também é uma maneira de estar a lidar com o grupo...E ando também no teatro da APP...e também pertenço à Assembleia há cinco anos...A presidente convidou-me!...a ingressar na Assembleia...como era uma coisa de responsabilidade, eu tive a hesitação...mas como era também uma coisa de ver os direitos e os deveres que nós temos...eu também achei bem de estar alguém na Direção...para os clientes estarem representados...para saber o que se passa com o dinheiro e o funcionamento e essas coisas...Eu estou satisfeito e gosto de cá estar.”

I: E o que é que gostas de fazer nos teus tempos livres?

DID-14: “Não sou muito amante de ler...Gosto de animais...eu tenho dois...tenho uma gata...e tenho um cão...que tem 12 anos...já um cão grande e bem grande...eu também tenho ferramentas particulares...fui comprando...eu sei mexer mais ou menos em quase tudo...”

I: Costumas visitar espaços culturais, como os museus e outros?

DID-14: “Raramente visito...porque, às vezes, ou não tenho tempo ou não tenho possibilidade de pagar os bilhetes...também são um bocado caros...porque eu agora recebo uma pensão...uma pensão de invalidez...porque eu também já estive no mercado de trabalho...e cheguei a um ponto que o dinheiro...não tinha.”

I: E que sítios é que conheces?

DID-14: “Conheço o de Condeixa, Conímbriga...conheço o Machado Castro...porque mais ou menos já lá tinha ido aos anos, também...e poucas coisas...o Jardim Zoológico conheço porque houve um ano a instituição fez uma visita para nós irmos visitar o Jardim Zoológico...e nós fomos...eu fui com todo o gosto.”

I: Olha, DID-14, e gostavas de ir mais vezes aos espaços culturais ou interessas-te mais por outras coisas?

DID-14: “Eu gosto de ir aos espaços culturais...e não só...e falar também um bocado em público...porque há pessoas que pensam que a associação que é um bicho...que nós somos um bicho. Não somos um bicho, somos seres humanos, temos as nossas dificuldades, mas somos seres humanos...”

I: Sim. Hoje, de manhã, DID-14, participaste aqui numa visita no computador, não foi, ao Museu Machado de Castro. O que é que tu te lembras da visita?

DID-14: “Olha, lembro-me da entrada...A entrada é espetacular! É uma entrada muito bonita...onde tem arquiteturas antigas...e não só...e algumas modernas agora...e as coisas que lá estavam acho que ainda cativaram mais...Houve lá coisas que eu digo mesmo que não sabia...por acaso, não sabia...”

I: Como é que achas que correu a visita?

DID-14: “Eu penso...por mim, correu lindamente...com algumas interferências da net...Se fosse pessoalmente, eu e os meus colegas tínhamos que sentir na mão as coisas...ver ao vivo é diferente.”

I: Sabes, DID-14, era essa a ideia que nós tínhamos, mas não deu...mas ainda há muitos anos pela frente, para nós lá irmos outra vez, não é?

DID-14: “Deus queira que haja muitos anos...tenho muita coisa para fazer!”

I: Sim. Olha, do que é que tu gostaste mais da visita?

DID-14: “Olha, gostei de saber...como eram feitas certas figuras...eu sabia que eram de pedra, mas não sabia que eram daquela pedra...de Ançã. Eu, por acaso, não sabia dessa parte...eu fiquei a saber uma coisa diferente.”

I: Uma coisa nova. E isso é importante?

DID-14: “É muito importante!...e não só...e as pessoas que estavam a fazer a visita...estavam lindamente...porreiras, eu acho. Eu acho que as pessoas têm amor...não é amor ao dinheiro, é amor à camisola.”

I: Houve alguma coisa de que não tenhas gostado hoje de manhã? Houve alguma coisa que correu mal?

DID-14: “Não, por acaso não.”

I: E gostavas de participar em mais visitas deste género?

DID-14: “Por acaso, gostava!...e que as pessoas com deficiência também tivessem acessos melhores...para que as pessoas com deficiência entrassem nos museus...essa parte, eu acho que precisam ainda de trabalhar!”

I: O que é que tu achaste do museu?

DID-14: “[risos] Ai agora essa parte...”

I: O museu é...

DID-14: “É a nossa história de Portugal, é como se diz...é para representar a nossa história, como nós viemos ao mundo...e para representar os achados...que existe ainda no mundo todo...porque há muita coisa que ainda não foi descoberta!”

I: E para que é que tu achas que serve o museu?

DID-14: “Para mostrar as coisas aos turistas e não só...e às pessoas portuguesas. Se bem que eu acho que os portugueses não têm muita cultura, ainda...não sabem o que estão a perder cá em Portugal...”

I: Como é que te sentiste durante a visita?

DID-14: “Senti-me bem. Gostei!”

I: Houve alguma coisa em que sentisse dificuldade?

DID-14: “Por acaso, não.”

I: O que é que achaste das pessoas que te receberam?

DID-14: “Achei-as muito simpáticas, muito acolhedoras...e meigas!”

I: Como é que elas te trataram?

DID-14: “Bem!”

I: O que é isso de tratar bem?

DID-14: “Serem atenciosas...e explicar as coisas calmamente...há pessoas que não fazem a calma para as pessoas...”

I: Aqui tiveram em conta as tuas necessidades?

DID-14: “Sim. Tiveram em conta as minhas necessidades...porque podia não perceber ou podia não saber, mas...por acaso...”

I: E como é que elas transmitiram a informação?

DID-14: “Pelas palavras...e por alguns desenhos que elas tinham e algumas amostras...de coisas que elas tinham no museu.”

I: Sim. Há alguma coisa que gostasses se tivesse sido diferente?

DID-14: “Era ir ver mesmo ao terreno...porque acho que...era mais cativante...ainda ficava mais cativante...ficava na memória de toda a gente.”

I: E assim não ficou?

DID-14: “Ficou, mas não é, como se diz...estar no local.”

I: Olha, DID-14, muito obrigada, não tenho mais perguntas.

2ª parte

I: Há bocadinho, estiveste a participar numa visita ao Convento São Francisco. O que é que te lembras dessa visita, DID-14?

DID-14: “Há algumas coisas...nós estivemos na sala onde estavam vários instrumentos...mas com aproveitamento de vários materiais...ferro e pode ser corda ou outras coisitas que possa fazer as ligações...porque não é só as ligações...também mexe um bocado com a eletricidade...por acaso, não mostravam, mas eu topei. Porque aquilo pode ser alimentado a gerador, também. O gerador dá energia...também nós temos que ver que dá para várias coisas. Mas, por acaso, tem muita coisa boa...e muito material que um gajo não sabe às vezes o que há-de fazer e pode-se aproveitar para várias...”

I: Muito bem. E como é que achas que correu a visita?

DID-14: “Eu acho que correu muito bem! Até correu melhor do que eu pensava!”

I: Então? Estavas a pensar o quê?

DID-14: “Pensava que a visita hoje fosse um bocadinho mais maçadora.”

I: E foi?

DID-14: “Não, por acaso não foi maçadora nem nada...”

I: Então e a outra foi maçadora?

DID-14: “Não, também não foi muito, mas é assim: também como se diz...foi um bocado da manhã e a tarde toda que nós estivemos parados...e para a parte financeira é um bocado complicado.”

I: Então, como é que achas que correu a visita?

DID-14: “Correu muito bem.”

I: Ok, do que é que gostaste mais?

DID-14: “Gostei de tudo, mesmo.”

I: Houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-14: “Não, eu por acaso gostei de tudo. Está tudo bem.”

I: E gostavas de participar em mais visitas destas?

DID-14: “Por acaso, gostava. Há muitas coisas que eu ainda não tenho muito conhecimento, mas...”

I: É por isso que gostavas de ir mais?

DID-14: “É! Evoluir mais para poder ter mais noção do que é que se trabalha em material. E houve uma coisa numa madeira que eu não...foi aquela que tinha o rasgo, aquela madeira...”

I: O ébano? Aquela madeira muito cara?

DID-14: “Sim. Eu essa madeira, por acaso, não a conhecia. É diferente. Pronto, nós trabalhamos aqui com pinheiros e eucalipto.”

I: E o que é que tu achaste do Convento São Francisco?

DID-14: “Achei muito grande! Achei que o podiam aproveitar muito melhor ainda!”

I: Como?

DID-14: “Ter...o Convento ser, pronto...está bem que ele é muito grande, mas tentar dividi-lo um bocado mais para ter mais coisas, no espaço grande deles...”

I: Para que é que tu achas que serve o Convento São Francisco?

DID-14: “Olha, o Convento São Francisco...para mostrar as coisas antigas...e não só, também para fazer alguns espetáculos...porque é assim: o Convento não é só uma coisa que é antiga...aquilo também tem que ter mão-de-obra! E as exposições também são para tentar angariar fundos. Porque há alguns que tem que se pagar...”

I: Como é que tu te sentiste durante a visita de hoje?

DID-14: “Senti-me muito bem.”

I: Sentiste alguma dificuldade?

DID-14: “Por acaso, não!”

I: O que é que achaste da XXX [referência a nome próprio]?

DID-14: “Achei muito simpática, muito acolhedora...ela recebeu-nos muito bem...e acho que ela...pelo final que ela deu...”

I: Qual final? Conta-me lá!

DID-14: “Da cantiga...eu acho que ela tem ali a voz...ela podia ser uma boa cantora...”

I: Como é que ela te tratou, durante a visita?

DID-14: “Bem! Tratou-me como uma pessoa normal! Ela não me excluiu nem nada! Ela tratou-me como se eu fosse uma pessoa completamente normal.”

I: Ela teve em conta as tuas necessidades?

DID-14: “Ela foi superior às minhas necessidades! Ela ultrapassou...porque houve coisas que eu dizia-lhe e ela já estava a responder!”

I: Olha, como é que ela te transmitiu as informações?

DID-14: “Transmitiu-me com calma. E falou devagar! Há pessoas que falam as coisas, mas à pressa. Numa visita, para explicar as coisas a um turista, tem que ser falado devagarinho e com cuidado para a pessoa perceber o que é que está a ver. Ela fez muito bem e há que agradecer.”

I: Há alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente nesta visita?

DID-14: “Era irmos pessoalmente!”

I: Outra coisa, DID-14: queria saber se queres acrescentar alguma coisa àquilo que eu já perguntei e àquilo que tu respondeste. Há assim mais alguma coisa, para finalizar, que tu gostasses de dizer?

DID-14: “É que ficou tudo excelente! Acho que foi a melhor coisa...e acho que a APP também fez uma coisa bem...de meter o pessoal que está a fazer estudos nas universidades...meterem cá...a vir aqui a nós. Gostei e acho que estão com excelência!”

I: E achas que é importante falar convosco ou só com os funcionários?

DID-14: “Conviver com os miúdos com deficiência...porque assim as pessoas pensam que nós temos mais a dar do que eles pensam.”

I: Ok, muito obrigada!

Codificação do participante: DID-15

Data da entrevista: 26/06/2020 (1ª parte) e 24/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais da Tocha
(APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 10 minutos e 3 segundos (1ª parte) e 7 minutos e 31 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, o participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª parte

I: Agora, DID-15, preciso de saber a tua idade.

DID-15: “29 anos.”

I: E moras aonde?

DID-15: “Nos Fornos.”

I: Com quem?

DID-15: “Com a minha mãe, com o meu pai e com a minha irmã.”

I: Então, e há quantos anos é que tu já andas aqui neste CAO?

DID-15: “Ui, já perdi a conta!”

I: Andaste na escola?

DID-15: “Andei, em Cantanhede.”

I: E depois da escola?

DID-15: “Até ao nono. Depois, vim para o curso...de cozinha, de jardinagem...e carpintaria...e fui trabalhar lá para fora...”

I: Foste trabalhar lá para fora? E depois, vieste para o CAO?

DID-15: “Sim. Voltei para o CAO. Agora estou a trabalhar lá em baixo.”

I: A fazer o quê?

DID-15: “A plantar morangos...Nesta altura, era para ser amendoim, mas foi tudo com as ervas...e ficámos sem nada...e fazemos amendoim torrado, amêndoa torrada...pois, agora não há nada.”

I: O que é que tu fazes além do trabalho com os morangos e os amendoins? Que apoios é que tu tens?

DID-15: “Tratar dos animais...ao pé do galinheiro....e temos aqui ginástica e temos aqui tudo.

Às vezes, vamos jogar futebol lá para fora...tivemos também remo...ainda antes disto acontecer, tínhamos provas...íamos para Cantanhede...íamos muito lado...”

I: Olha, DID,15, o que é que tu gostas mais de fazer quando tens tempo livre?

DID-15: “Oh, andar bicicleta.”

I: E costumavas visitar espaços culturais, como museus e palácios e conventos?

DID-15: “Não.”

I: Que sítios é que tu conhecesses, deste género?

DID-15: “Conheço melhor Coimbra...conheço Parque Verde...conheço Rua da Sofia...”

I: E espaços como museus, onde haja exposições e assim. Já foste ver alguma coisa?

DID-15: “Não. Uma coisa que eu gostava de ir ver...e tem que ser todos...era aquele museu que a gente vimos aqui. A outra coisa que eu também gostava de visitar...não era o Portugal dos Pequenitos, é outro...também é um museu também em Coimbra.”

I: Ao lado do Portugal dos Pequenitos? Aquele espaço que abriu há pouco tempo, que é o Convento?

DID-15: “Sim. Eu gostava de ir. Gostava de ver e ir lá visitar.”

I: Então, hoje de manhã, participaste numa visita ao Museu Machado de Castro, aqui pelo computador, não foi? Do que é que tu te lembras dessa visita?

DID-15: “Lembro...ver...o museu...estátuas pedras...lembro ver Nossa Senhora de Fátima sentada...e ter o filho ao colo...ver ela com uma taça de pão na mão...e anjinhos ao lado dela...um com a flauta, outro com violino e...vi outro com...com o cálice...vi também as outras coisas...vi também tipo o hotel.”

I: Ah, a fotografia que a XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC] mostrou? Por que é que ela mostrou essa fotografia do hotel?

DID-15: “Era lá que morava o pessoal...Nossa Senhora de Fátima.”

I: Como é que achas que correu a visita?

DID-15: “Correu bem!”

I: Do que é que gostaste mais?

DID-15: “Gostei de tudo.”

I: Então, não houve nada de que não tivesses gostado?

DID-15: “Não.”

I: E gostavas de participar mais em visitas deste género ou sem ser no computador?

DID-15: “Sim, gostava.”

I: Porquê?

DID-15: “Eu gostava de visitar as outras coisas melhores.”

I: O que é que achaste do museu?

DID-15: “Bem!”

I: Para que é que achas que servem os museus?

DID-15: “Para as pessoas ir visitar e...fazer as perguntas ao pessoal que está a visitar...a fazer de guia.”

I: E como é que te sentiste durante a visita?

DID-15: “Bem!”

I: Sentiste alguma dificuldade?

DID-15: “Não.”

I: E o que é que achaste das pessoas que te receberam lá?

DID-15: “Achei bem.”

I: Como é que elas te trataram?

DID-15: “Bem.”

I: Tiveram em conta aquilo que tu precisavas?

DID-15: “Sim.”

I: E o que é que tu precisas?

DID-15: “Explicar mais as coisas melhor.”

I: Como é que tu achas que percebes melhor as coisas?

DID-15: “Falar com calma com as pessoas.”

I: Ok. Como é que elas transmitiram as informações?

DID-15: “Com a câmara e o computador”

I: E há alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente, nesta visita?

DID-15: “Gostava que a gente tivesse lá todos e fizéssemos a visita àquilo tudo. Visitar de uma ponta à outra!”

I: E tu achas que era melhor ir lá só uma vez e ver tudo ou ir lá muitas vezes e visitar pouca coisa de cada vez?

DID-15: “Ir lá muitas vezes. Por exemplo, começava de um lado...e ir lá outra vez e ver do outro lado...”

I: Olha, gostavas de dizer mais alguma coisa sobre isto?

DID-15: “Não.”

2ª parte

I: DID-15, há bocadinho, estiveste no Convento São Francisco aqui pelo computador. O que é que te lembras da visita?

DID-15: “Foi fixe. Gostei da visita. Gostava ir lá visitar. Gostava ir visitar o espaço todo. Foi pouco tempo. Devia ser mais tempo. E gostava ouvir melhor as coisas.”

I: Ou seja, ir lá para ouvir bem. Como é que tu achas que correu a visita?

DID-15: “Bem.”

I: Era uma visita de quê?

DID-15: “Era uma visita a...coisas mais antigas, tipo...coisas cortar tábuas...e outras coisas...um vaso plantar as flores...”

I: Mas aquele vaso não era para plantar flores. Fazia o quê?

DID-15: “Não...música. Há uns sítios que a gente podia tocar num lado e fazer som ao mesmo tempo. Fazia som de um lado, fazia som de outro...”

I: Do que é que gostaste mais?

DID-15: “Foi ouvir os sons.”

I: Houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-15: “Não, gostei de tudo.”

I: E gostavas de fazer mais visitas destas?

DID-15: “Gostava.”

I: Porquê?

DID-15: “Gostava conhecer os outros casos...gostava de ir visitar outros museus.”

I: O que tu queres agora é conhecer coisas novas, é isso?

DID-15: “Exatamente!”

I: O que é que tu achaste do Convento São Francisco?

DID-15: “Bem, bonito.”

I: Para que é que ele serve?

DID-15: “Para o pessoal ir lá visitar...ver as coisas...irmos lá pedir uma opinião às pessoas...para que é que aquilo serve...perceber. E também podemos pedir uma opinião das coisas que nós podemos fazer nas nossas áreas! Lá atrás, já vai dar, na oficina deles. Eles têm muitos ferros já antigos e eles podiam fazer o que ela estava lá a fazer, os trabalhos todos.”

I: E como é que te sentiste durante a visita?

DID-15: “Bem.”

I: Sentiste alguma dificuldade?

DID-15: “Algumas sim, mas outras não.”

I: Ah, por causa da internet?

DID-15: “Sim.”

I: O que é que achaste da XXX [referência a nome próprio]?

DID-15: “Bem!”

I: Como é que ela te tratou?

DID-15: “Bem. Aquela parte que a gente não ouve foi aquela de ela deitada. Não ouvimos nada bem.”

I: Aquela parte com os sons do Jardim Botânico.

DID-15: “Tem de ser o som mais alto. Se não falhasse aquela parte, a gente ouvia mais.”

I: Olha, e a XXX [referência a nome próprio] teve em conta as tuas necessidades?

DID-15: “Sim.”

I: Como?

DID-15: “Explicava melhor.”

I: Como é que ela te transmitiu a informação?

DID-15: “Pelo telemóvel ou coisa assim...”

I: Sim, mas conseguiste perceber tudo?

DID-15: “Consegui perceber tudo.”

I: Há alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente, nesta visita?

DID-15: “Não.”

I: Estamos a terminar as entrevistas e as visitas. Gostava de te perguntar se tu queres acrescentar mais alguma coisa em relação a este tema das visitas culturais e da importância disso para ti e para os teus colegas.

DID-15: “Eu não tenho mais nada.”

I: Achas que este é um tema importante?

DID-15: “Isso, eu acho é um tema importante! A gente havia era...quando isto passasse, não era...a gente ia visitar o outro [MNM] e depois este [Convento São Francisco].”

I: Combinado! Deixa passar o Coronavírus.

DID-15: “Eu estava aqui a falar com a XXX [referência a nome próprio da profissional da APPACDM de Coimbra]...ela ter os bilhetes e marcar e depois a gente ir...e alguém ligar para ti e a gente ir todos.”

I: E eu ia também?

DID-15: “Sim!”

I: Porquê?

DID-15: “Porque sim! Era fixe! Não vale ir daqui o pessoal daqui e a Catarina não ir!”

I: Porquê?

DID-15: “Gostava! Faz parte do nosso grupo! Vai o pessoal todo, também vai a Catarina!”

I: Ah, obrigada!

DID-15: “Também faz parte da gente, do nosso grupo!”

I: Obrigada.

Codificação do participante: DID-16

Data da entrevista: 26/06/2020 (1ª parte) e 24/07/2020 (2ª parte)

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais da Tocha
(APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 8 minutos e 2 segundos (1ª parte) e 12 minutos e 37 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, o participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª parte

I: Sabes quantos anos tens?

DID-16: “Sei sim. 58.”

I: E moras aonde?

DID-16: “Em Pedras Ásperas.”

I: E moras com quem, DID-16?

DID-16: “Com a minha mãe.”

I: E há quanto tempo é que estás aqui no CAO?

DID-16: “Há três anos.”

I: O que é que andaste a fazer antes de estar cá?

DID-16: “Na Agropecuária.”

I: E o que é que tu fazes cá no CAO?

DID-16: “Então...ora bem: semeamos batatas, plantamos morangos...semeamos amendoim...e curgete...tratamos dos animais...temos animais...trabalho na cozinha...e pronto, é assim.”

I: E fui-te chamar ali aonde?

DID-16: “Agora aqui temos a ginástica... Aqui eu, só ginástica.”

I: Olha, e o que é que gostas de fazer quando tens tempo livre?

DID-16: “[pausa prolongada] Gosto de ir a uma festa, mas agora não há. Gosto de andar entretido a trabalhar.”

I: Sim, e ir a festas? Que festas?

DID-16: “Festas assim...de arraiais!”

I: E costumavas visitar uns espaços culturais, como museus, conventos?

DID-16: “Não, por acaso nunca vi. Mas eu este de hoje gostei de ver. Gostei muito de ver!”

I: Nunca foste a um museu?

DID-16: “Não, isso aí não.”

I: Nem quando era pequeno...

DID-16: “Não, nunca.”

I: E gostavas de ir?

DID-16: “Gostava, sim.”

I: Ou gostas assim mais de outras coisas?

DID-16: “Não, gostava de ir a um museu, sim.”

I: Então, hoje de manhã, fomos visitar um museu pelo computador, não é? O que é que te lembravas da visita?

DID-16: “Então, vimos o museu....Vimos a Nossa Senhora de Fátima...vimos aqueles anjos...vimos...ai, como é que a XXX [referência a nome próprio de outra participante com DID]...se aquilo era...ai...esqueci-me!”

I: Quando ela pediu para ver outra coisa? O Jesus Cristo crucificado?

DID-16: “Sim! Sim, sim, sim sim.[pausa prolongada] E não me lembro assim mais nada. Não lembro assim mais nada, porque a gente também ouvia um pouquinho mal.”

I: Como é que achas que correu a visita?

DID-16: “A visita correu bem.”

I: Do que é que gostaste mais?

DID-16: “Eu já disse: foi ver o museu!”

I: Houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-16: “Gostei de tudo.”

I: E gostavas de participar mais em visitas deste género?

DID-16: “Gostava de participar...gostava de ir assim visitar essas coisas.”

I: Porquê?

DID-16: “Porque foi bonito!”

I: O que é que tu achaste do museu?

DID-16: “Achei bonito.”

I: Para que é que ele serve?

DID-16: “Então, serve para fazer visitas!”

I: Sim, e isso serve-nos para quê, na nossa vida? Olha, nós trabalhamos para ganhar dinheiro, não é? Então, e para que é que serve ir ao museu?

DID-16: “[pausa prolongada]”

I: Pergunta difícil!

DID-16: “Calma, a ver se eu lá vou... Então...é interessante!...é interessante ir lá...não sei dizer mais nada.”

I: E ver coisas interessantes, também é importante, não é DID-16?

DID-16: “Sim, sim.”

I: Como é que tu te sentiste durante a visita hoje?

DID-16: “Senti-me bem!”

I: Sentiste alguma dificuldade?

DID-16: “Não, não senti dificuldade nenhuma!”

I: O que é que achaste das pessoas que te receberam? Da XXX e da XXX [referência a nomes próprios das profissionais do MNMC].

DID-16: “Sim, creio que estava tudo bem.”

I: Como é que elas te trataram?

DID-16: “Trataram bem.”

I: E tiveram em conta aquilo que tu precisavas?

DID-16: “Creio que sim.”

I: Foram atenciosas?

DID-16: “Foram atenciosas, sim...respeitaram uma pessoa bem...e por aí fora.”

I: E como é que elas transmitiram as informações? Como é que elas falavam e explicavam as coisas?

DID-16: “Falaram em coisas que interessavam assim a elas e para transmitir também a nós.”

I: Para que vocês se interessassem?

DID-16: “Sim.”

I: Há alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente?

DID-16: “Não, não gostava nada que tivesse sido diferente! Foi tudo lindamente! Lindamente!”

I: Olha, e gostavas de dizer mais alguma coisa sobre este tema?

DID-16: “Não, eu creio que a doutora perguntou tudo. A doutora perguntou tudo!”

2ª parte

I: Muito boa tarde!

DID-16: “Boa tarde.”

I: Vens muito animado!

DID-16: “Venho animado, sim, estou animado, sim.”

I: Olha, há bocadinho participaste numa visita ao Convento São Francisco. O que é que te lembras dessa visita?

DID-16: “...aquelas coisas todas dos latões...e mais...e aquilo das oficinas...então, e que mais?

Pronto, gostei de ver.”

I: Como é que achas que correu a visita?

DID-16: “A visita correu muito bem...muito assim natural...pronto, foi boa. Gostei de ver...e eram coisas que eu nunca tinha visto...e gostava de ir visitar.”

I: DID-16, e o que é que tu gostaste mais?

DID-16: “Do que eu gostei de ver mais foi...aquilo nas oficinas!”

I: E houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-16: “Não, gostei de tudo. Mas o que eu gostei mais foi daquilo...da parte das oficinas. E, um dia mais tarde, sou capaz de lá ir, porque eu gosto muito de oficina, também.”

I: E gostavas de participar em mais visitas deste género?

DID-16: “Sim, gostava mais de participar em visitas assim, sim, sim, sim.”

I: Porquê, DID-16?

DID-16: “Porque é interessante! Sim, é interessante, sim.”

I: O que é que é mais interessante nestas coisas?

DID-16: “Pronto, é visitar assim estas coisas...nós vamos, gostamos de ver...”

I: E sais de lá como?

DID-16: “Saio...nós saímos de lá...entrei e vinha assim um pouquinho calados...a visita acabou e ficámos todos mais surpreendidos!”

I: Porquê?

DID-16: “Porque foi uma visita boa!”

I: O que é que fez com que ela fosse mesmo boa?

DID-16: “Foi por vermos aquela coisa do Convento...”

I: E o que é que foi mais marcante para ti?

DID-16: “Mais marcante, eu já disse. Foi aquela parte da oficina.”

I: E por que é que vens mais animado quando vens de uma visita destas?

DID-16: “É um bocado de convívio...e ficamos um pouquinho mais alegres...isso faz com que a nossa memória fique um pouquinho mais...como hei-de dizer...mas também é bom para nós, porque eu gosto de ver uma visita assim...e faz com que nós até aprendemos alguma coisa...e pronto, é como eu disse: é um pouquinho de convívio assim a mais, que nós não temos...”

I: O que é que achaste do espaço do Convento São Francisco?

DID-16: “O que é que eu achei do espaço?...eu nunca fui ali...pronto, eu achei que aquilo que foi bonito. Aquilo é um espaço bonito, sim.”

I: Para que é que achas que o Convento serve?

DID-16: “É para nós visitarmos. E sairmos de lá mais satisfeitos.”

I: Como é que tu te sentiste durante a visita?

DID-16: “Eu senti-me bem!...Confortável.”

I: Boa. Sentiste alguma dificuldade?

DID-16: “Não senti dificuldade nenhuma, creio que não.”

I: E o que é que achaste da XXX [referência a nome próprio], que te recebeu?

DID-16: “Acho que ela recebeu muito bem a gente...e ela também falou muito bem.”

I: E como é que ela te tratou?

DID-16: “Tratou bem.”

I: Teve em conta aquilo que tu precisavas?

DID-16: “Sim.”

I: E o que é que tu precisavas? Ou o que é que ela fez para tu não teres necessidade nenhuma?

DID-16: “[pausa prolongada].”

I: Quando tu conheces um sítio novo, do que é que tu precisas para viver aquele sítio de forma positiva?

DID-16: “Precisava talvez de um pouquinho de uma ajuda.”

I: Em quê?

DID-16: “...em passar aquilo, aquele tempo da visita assim.”

I: Ter tempo?

DID-16: “Sim.”

I: Ok. E como é que a XXX [referência a nome próprio] te explicou as coisas?

DID-16: “Então, a XXX [referência a nome próprio] explicou aquilo muito bem!”

I: Há alguma coisa que gostavas que tivesse sido diferente, nesta visita? Mudavas alguma coisa, se pudesses?

DID-16: “...Talvez não mudasse nada! O que ela falou foi correto. Eu penso que não aumentava ali nada porque ela foi muito esclarecida...falou muito bem...pronto, ela explicou-se muito bem, porque a gente esclareceu-se aquilo que ela falou...ela esclareceu-se muito bem, sim, para que nós entendêssemos aquilo.”

I: Muito bem, gosto de saber isso. Outra coisa, para terminar. Estas visitas e as entrevistas já terminaram, por isso eu queria perguntar se tens mais alguma coisa para me dizer sobre estas coisas que vim cá fazer convosco.

DID-16: “Ora bem, então eu vou responder. Eu podia acrescentar mais alguma coisa...nestas coisas que disse a Catarina...mas também temos pouco tempo. Eu queria mais tempo, para poder aumentar, também.”

I: Gostavas de ter mais experiências destas, é isso?

DID-16: “Sim, sim.”

I: Isso é importante?

DID-16: “Sim. Acho que, por agora, não vou acrescentar mais nada!”

Codificação do participante: DID-17

Data da entrevista: 26/06/2020

Local de realização da entrevista: Centro de Atividades Ocupacionais da Tocha
(APPACDM de Coimbra)

Duração da entrevista: 12 minutos e 38 segundos

Observações:

1. Na parte da legitimação da entrevista, a participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.
2. Nesta entrevista, não está contemplada a análise à visita ao Convento São Francisco porque a participante DID-17 optou por não participar nesta, tendo expressado que gostava mais de visitar espaços culturais relacionados com a área da ciência, não considerados na presente investigação.

I: Sabes quantos anos tens?

DID-17: “31”

I: E moras com a tua mãe, é?

DID-17: “E com o meu avô.”

I: Aqui perto da Tocha?

DID-17: “Não, em Ferreira-A-Nova.”

I: Muito bem. Há quantos anos é que estás aqui no CAO?

DID-17: “...desde a Formação, mas não sei muito bem nem o ano nem o mês, que a minha mãe me pôs aqui.”

I: E antes estiveste na escola?

DID-17: “Estive, fiz o nono ano...em Quiaios.”

I: Gostas de estar aqui?

DID-17: “Gosto, tirando alguns problemas e de me chatear de vez em quando...”

I: O que é que tu fazes aqui no centro?

DID-17: “Eu agora, todas as semanas, mal chego, estou com a XXX [referência a nome próprio] a tratar das máscaras...que me fizeram responsável dos tecidos dentro das máscaras e passá-las e depois vou lá para a cozinha ajudar.”

I: E gostas do teu trabalho?

DID-17: “Gosto... [suspiro].”

I: E quais são as atividades e os apoios a que tu vais aqui?

DID-17: “Eu não tenho apoios...as atividades que eu gosto é só desporto.”

I: E não vais aqui à ginástica?

DID-17: “Vou, às terças e quintas.”

I: Ah, então vais!”

DID-17: “Já tive música, mas desisti. E antes de estarmos como estamos, eu tinha informática, mas agora já não temos.”

I: Gostavas de informática?

DID-17: “Gostava. Pelo menos, passava tempo até à hora de almoço.”

I: E quais são as atividades que tu gostas de fazer fora daqui?

DID-17: “Pronto, é só piscina...agora, de resto, se eu não tiver companhia, vou mesmo sozinha. É só piscina.”

I: E costumavas visitar espaços culturais, como museus e conventos?

DID-17: “Não. E, quando visitava, era só em colónias ou...”

I: E o que é que já visitaste?

DID-17: “Lembro-me que fui a uma viagem...não sei se foi com o meu avô, se foi organizada aqui...fomos a um museu ver ossos de baleia, ver as ferramentas, entre outras coisas.”

I: Gostavas de ir mais vezes a sítios desses?

DID-17: “Sim, esses sítios são interessantes. Sinceramente, mais interessantes do que estátuas.”

I: Não gostaste de ver estátuas hoje?

DID-17: “Gostei...mas acho secante...está bem que participei, disse algumas coisas, não é muito o meu estilo para mim. Não é muito interessante. Gosto mais de ver assim outras coisas, tipo ossos de baleia...ou então coisas sobre o sistema solar ou outras coisas mais interessantes sobre ciências.”

I: Ah, gostas mais de ciências, é isso?

DID-17: “Sim.”

I: Então, hoje, participaste numa visita ao Museu Machado de Castro, não foi? Aqui uma visita no computador, mas foi uma visita. O que é que te lembravas dessa visita?

DID-17: “Ver a Nossa Senhora de Fátima...o Menino Jesus, os anjos...o Jesus Cristo na cruz...foi só o que a gente falou, tirando as pedras...minerais e...o calcário...o gesso [mármore]...”

I: Muito bem. Como é que achas que correu a visita?

DID-17: “Foi boa...tirando sempre aquelas paragens...”

I: Do que é que gostaste mais?

DID-17: “Gostei mais quando eu estava...quando eu, pronto, estive sempre a perguntar coisas à senhora e ela me estava a responder e, por acaso, o que eu lhe perguntava e observava até

que era as respostas corretas...”

I: Gostaste de saber responder às coisas que ela perguntou.

DID-17: “Sempre gostei...eu não ando mais na escola, mas o que eu aprendi ainda ficou memorizado.”

I: Isso é bom. Não é preciso andar na escola para nós aprendermos coisas, pois não?

DID-17: “Não, e também eu há muito tempo também já fiz uma visita...para ver pedras de granizo...sei que não tem a ver nada com calcário ou gesso ou mármore, mas...”

I: Houve alguma coisa de que não tenhas gostado?

DID-17: “...acho que não...”

I: Gostaste de tudo?

DID-17: “Sim, só que...mas gostei mais da parte mesmo em que eu fiz as perguntas e ela me respondeu.”

I: Gostavas de participar em mais visitas deste género?

DID-17: “Sim, mas para ser mais interessantes...”

I: O que é que faltou para ser interessante?

DID-17: “Epah, como eu já te disse...não é muito o meu estilo ver estátuas.”

I: Não estás habituada?

DID-17: “Não.”

I: Ok, e o que é que achaste do museu?

DID-17: “Era bonito.”

I: Para que é que tu achas que o museu serve?

DID-17: “Então...o museu serve para guardar...coisas ou então coisas mais valiosas, mais importantes...ou para fazer visitas...quando está aberto.”

I: Sim. E de quem são as coisas que estão lá no museu?

DID-17: “Sei lá, pode ser tanta gente...pode ser coisas católicas, pode ser...sei lá...como ela disse, não é de pirâmides, podia ser coisas ou de pirâmides ou de reis, da Antiguidade...esse tipo de coisas.”

I: Sim, mas as obras de arte que estão no museu pertencem a quem?

DID-17: “Não faço ideia. Essa agora não sei.”

I: Queres que eu te diga? Queres que eu te dê a resposta?

DID-17: “Diz lá.”

I: Pertencem a todos. São tuas, são minhas. São de toda a gente. Aquilo é nosso. Não podemos levar para casa, mas ficam lá para nós vermos no museu, porque pertencem a todos nós. São das pessoas. Já sabias?”

DID-17: “Não. Sempre pensei que o museu era para guardar coisas e para as pessoas verem o que está lá dentro.”

I: É e para as pessoas perceberem que aquelas coisas bonitas, que lá estão dentro, também são delas. Olha, DID-17, como é que te sentiste durante a visita?

DID-17: “Bem...tirando aquela parte em que eu devia ter ficado calada e fiquei na poltrona.”

I: Não gostaste de ser a Nossa Senhora?

DID-17: “Epah, gostei, mas sinceramente mais valia ter ficado de boca calada em vez de responder tudo certo.”

I: Porquê? Não é bom responder certo?

DID-17: “É bom, mas...[risos] sinceramente, não fez muito o meu estilo fazer...com o casaco na poltrona.”

I: Sentiste-te mal a fazer isso?

DID-17: “Não me senti mal...mas sinceramente ali o XXX [referência a nome próprio], toda a gente a rir...não.”

I: Não gostas muito de rir?

DID-17: “Gosto de rir, mas [suspiro] isto de fazer de Nossa Senhora não é bem a minha cara.”

I: Mas sentiste algum desconforto com isso?

DID-17: “Não. Só me queria era esconder.”

I: E não te divertiste, nessa parte?

DID-17: “Diverti-me, mas sinceramente preferia que tivesses sido tu a Nossa Senhora.”

I: Sentiste alguma dificuldade na visita?

DID-17: “Não.”

I: O que é que achaste da XXX e da XXX [referência aos nomes próprios das profissionais do MNMC]?

DID-17: “Achei que são boas pessoas...tirando que não as conheço.”

I: Olha, como é que a XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC] te tratou?

DID-17: “Explicou-me tudo o que eu lhe perguntei...e tratou-me bem.”

I: Teve em conta aquilo que tu pediste, aquilo que tu perguntaste?

DID-17: “Sim.”

I: E aquilo que tu precisas?

DID-17: “Também. Só não gostei foi de uma parte que toda a gente se riu quando eu perguntei se havia uma estátua de Jesus Cristo. Dessa parte, eu não gostei.”

I: Não gostas que as pessoas se riam do que tu dizes, DID-17, é isso?

DID-17: “Nunca gostei.”

I: Mas olha, não foi engraçado a XXX [referência a nome próprio] sair de onde estava e ir mostrar o que tu pediste?

DID-17: “Sim, mas eu, sinceramente, também nunca gostei que as pessoas se rissem de qualquer coisa que eu fale.”

I: Sentes-te em lugar de destaque e não gostas, ok. Olha, e como é que elas te transmitiram as informações? Como é que elas falaram com vocês?

DID-17: “Falaram bem...explicaram as coisas...principalmente, as plantas.”

I: As plantas?

DID-17: “Sim”

I: Ah, as tintas. Há alguma coisa que tu gostasses que tivesse sido diferente, nesta visita?

DID-17: “Não sei...agora assim de repente não sei.”

I: E gostavas de me dizer mais alguma coisa em relação a este tema?

DID-17: “Acho que não.”

Codificação do participante: DID-18

Data da entrevista: 01/07/2020 (1ª parte) e 17/07/2020 (2ª parte)

Local/meio de realização da entrevista: Videochamada – Skype (1ª parte) e Centro de Atividades Ocupacionais de Arganil (2ª parte)

Duração da entrevista: 10 minutos e 27 segundos (1ª parte) e 5 minutos e 25 segundos (2ª parte)

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, a participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

1ª parte

I: Quantos anos tens?

DID-18: “24!”

I: Onde é que tu moras?

DID-18: “Cavaleiro.”

I: Ok, e vives com quem?

DID-18: “Com a mãe e com o pai.”

I: E tu estás há quantos anos no CAO?

DID-18: “Não sei...”

I: Andaste na escola?

DID-18: “Sim.”

I: Então, e depois?

DID-18: “Depois fui para Coimbra e depois vim para aqui para Arganil, para a APP. Estive numa instituição.”

I: Já aí estás há mais ou menos dois, três anos ou mais?

DID-18: “Há seis!”

I: Ok, há seis anos, afinal. Olha, e o que é que tu costumavas fazer aí no CAO?

DID-18: “Ir varrer, ir limpar os condomínios, ir à feira, ao teatro e ao papelão, também.”

I: Que apoios é que tu tens? Além do trabalho, o que é que tu tens aí no centro para fazer?

DID-18: “Às vezes, vou para ao pé da XXX [referência a nome próprio], para o computador ou para o Tablet...”

I: E não tens mais nenhuma atividade?

DID-18: “Yoga...os outros colegas também vão...”

I: E não vais à música?

DID-18: “Também Crossfit...e piscina...e música!”

I: Ok. Olha, quais são as atividades que tu gostas de fazer quando tens tempo livre, seja aí no CAO seja em casa? O que é que tu mais gostas de fazer?

DID-18: “Sei lá! Excursões! Ir passear! À praia...à Tocha...ir a Mira...Figueira da Foz...”

I: Então, e aí na tua terra, não vais passear às vezes?

DID-18: “Não, fico sempre em casa, nunca saio...”

I: E aí em Arganil, não costumavas sair?

DID-18: “Não...não posso sair à rua senão a Dr.ª XXX [referência a nome próprio] ralha comigo [risos]. Não posso sair daqui.”

I: Outra coisa, DID-18, quando estás em casa, o que é que gostas de fazer?

DID-18: “Fazer puzzles...e ver televisão...os filmes e as novelas.”

I: Ok. Olha, e tu costumavas visitar espaços culturais?

DID-18: “Não. São muito caros, são muito caros...”

I: Então, não conheces sítio nenhum?

DID-18: “Exposições é só quando eu vou com a Dr.ª XXX [referência a nome próprio].”

I: Então, onde é que tu já foste ver exposições?

DID-18: “À Cerâmica...à Biblioteca...e à Câmara.”

I: Ok. E gostavas de ir mais vezes aos espaços culturais ou interessas-te mais por outras coisas?

DID-18: “Aos culturais! Gostava de ir, sim.”

I: Olha, a semana passada, na quinta-feira, se não me engano...”

DID-18: “Dia 25!”

I: No dia 25, ok, obrigada. Participaste numa visita ao Museu Machado de Castro, no computador, não foi? O que é que tu te lembras dessa visita? Conta-me o que tu te lembras?

DID-18: “Ver Jesus a ir para dentro de um túmulo...e muita mais!”

I: Então, diz-me lá as “muitas mais” coisas que tu te lembras!

DID-18: “...só me lembro disto! Só me lembro de ver Jesus Cristo...morto!”

I: Foi o mais importante?

DID-18: “Os personagens eu não sei...já não me lembro!”

I: Como é que tu achas que correu a visita?

DID-18: “Correu bem...”

I: Do que é que tu gostaste mais?

DID-18: “Ver as personagens...”

I: Houve alguma coisa que não tenha corrido bem, que tu não tenhas gostado?

DID-18: “Eu gostei de tudo...”

I: E gostavas de participar em mais visitas deste género?

DID-18: “Sim!”

I: Porquê?

DID-18: “Porque eu gosto!”

I: E gostas porquê?

DID-18: “Porque eu gosto de ver o museu...”

I: Hum-hum. O que é que tu achaste do Museu Machado de Castro?

DID-18: “Bonito!”

I: Para que é que tu achas que ele serve?

DID-18: “Para as pessoas irem e visitarem o museu...”

I: As pessoas vão visitar e o que é que lhes acontece quando elas vão visitar? Por que é que isso é importante para as pessoas?

DID-18: “Porque as pessoas gostam de ver as imagens...as estátuas...”

I: Hum-hum. Como é que tu te sentiste durante a visita?

DID-18: “Senti-me bem!”

I: Sentiste alguma dificuldade?

DID-18: “Não...”

I: E o que é que achaste das pessoas que te receberam? Da XXX e da XXX [referência aos nomes próprios das profissionais do MNMC]?

DID-18: “Foi fixe...eu gosto delas!”

I: Por que é que tu gostaste delas?

DID-18: “Porque elas são amigas!”

I: E como é que tu sentiste que elas eram amigas?

DID-18: “Porque elas gostam muito de mim, também...elas fizeram perguntas...”

I: Tinham interesse em saber a tua opinião?

DID-18: “Sim!”

I: Como é que elas te trataram?

DID-18: “Trataram-me bem.”

I: E tiveram em conta aquilo que tu precisavas, para a visita correr bem?

DID-18: “Sim.”

I: Como?

DID-18: “Eu já não me lembro de nada.”

I: Como é que elas te transmitiram as informações? Como é que elas falaram a explicar as coisas?

DID-18: “Por vídeo Skype, pela internet.”

I: Sim, é verdade, por videochamada. Mas como é que elas explicaram?... As coisas que elas disseram eras difíceis ou conseguiste perceber o que elas disseram...como é que foi?

DID-18: “Foi fácil!”

I: Porquê? Como é que transmitiram as informações?

DID-18: “[pausa prolongada] mostraram imagens.”

I: Ok. Há alguma coisa que tu gostavas que tivesse sido diferente, na visita?

DID-18: “Não...”

I: Olha, e o que é que tu tens mais a dizer sobre aquele dia?

DID-18: “Nada...”

I: No fim da visita, como é que te sentiste?

DID-18: “Senti-me bem. Correu bem!”

I: Falaste sobre a visita a alguém?

DID-18: “Não.”

I: Não?

DID-18: “Não, não disse mais nada a ninguém.”

I: Porquê?

DID-18: “Porque também são coscuvilheiros, estão sempre a cuscar! Não gosto de falar com os meus colegas, nem com os funcionários, nem lá em casa. Gosto de estar lá no meu cantinho.”

I: Então não gostaste?

DID-18: “Eu gostei, mas não gosto de contar ao meu pai nem à minha mãe...estão sempre a perguntar, se eu gostei ou não...”

I: Ok, muito bem...Não me queres dizer mais nada?

DID-18: “Não.”

2ª parte

I: Hoje, de manhã, participaste numa visita ao Convento São Francisco. O que é que te lembras da visita?

DID-18: “Ouvir a campainha...e mais...”

I: O que é que aconteceu mais na visita?

DID-18: “Ouvimos as guitarras...e a bateria!”

I: Então, era uma exposição de quê?

DID-18: “...de instrumentos. Os sons!”

I: Como é que achas que correu a visita?

DID-18: “Correu bem.”

I: Do que é que tu mais gostaste?

DID-18: “Gostei de tudo.”

I: Do que é que tu mais gostaste de tudo?

DID-18: “De ouvir a XXX [referência a nome próprio] a cantar.”

I: Ela cantou porquê?

DID-18: “Porque nós pedimos!”

I: E como é que ela cantava?

DID-18: “Cantava bem...”

I: E houve alguma coisa de que tu não tenhas gostado?

DID-18: “Não.”

I: E gostavas de participar em mais visitas deste género?

DID-18: “Sim!”

I: Porquê?

DID-18: “Porque é mais bonito. Eu gosto de ver as visitas pela internet, por videochamada.”

I: E o que é que tu achaste do Convento São Francisco?

DID-18: “Foi bom. Era bonito.”

I: E para que é que o Convento serve?

DID-18: “Para ver as exposições. Para as pessoas verem as exposições.”

I: E como é que te sentiste durante a visita ao Convento?

DID-18: “Senti-me bem.”

I: E sentiste alguma dificuldade durante a visita?

DID-18: “Não!”

I: Tiveste a ajuda de alguém?

DID-18: “Não.”

I: E o que é que tu achaste das pessoas que te receberam, ou seja, da XXX [referência a nome próprio]?”

DID-18: “Achei bem. Esteve bem. Explicou os objetos.”

I: Como é que ela te tratou, a ti e aos teus colegas?

DID-18: “Tratou-nos bem.”

I: Ele teve em conta se vocês estavam a perceber se não, ou outras dificuldades?

DID-18: “Estávamos a perceber!”

I: Quando estás numa visita destas, o que é que tu precisas?

DID-18: “Preciso de ajuda!”

I: Para quê?

DID-18: “Para...para as pessoas explicarem.”

I: Então e como é que a XXX [referência a nome próprio] transmitiu as informações? Como é que ela explicou as coisas?

DID-18: “Falando connosco.”

I: E há alguma coisa que tu gostavas que tivesse sido diferente?

DID-18: “Não.”

PROFISSIONAIS DA APPACDM DE COIMBRA

Codificação do participante: APPACDM-1

Data e hora da entrevista : 14/05/2020 – 19:00 (1ª parte); 24/06/2020 – 15.30 (2ª parte) e 16/07/2020 – 15.00 (3ª parte)

Meio/Local de realização da entrevista: videochamada – Skype (1ª parte) e Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor-o-Velho (2ª e 3ª partes)

Duração da entrevista: 29 minutos e 14 segundos (1ª parte), 10 minutos e 37 segundos (2ª parte) e 19 minutos e 8 segundos (3ª parte)

1ª parte

I: Antes de mais, gostava de saber um bocadinho sobre si, sobre os seus dados pessoais, profissionais. Principalmente as questões relacionadas com os estudos, a profissão e assim. Por isso, queria perguntar quais é que são as suas habilitações académicas.

APPACDM-1: “Então...o meu nome é APPACDM-1. Eu sou licenciada em psicologia e.... tenho um mestrado em neuropsicologia clínica... pronto, depois para além disso, eu tenho formação em equitação com fins terapêuticos. Pronto...e também já desenvolvi aqui na APPACDM... E basicamente é isso.”

I: Então, a sua área de atuação profissional é como psicóloga, principalmente?

APPACDM-1: “Como psicóloga, sim.”

I: Neste momento está na casa, não é? Já há quantos anos é que está na APPACDM de Coimbra?

APPACDM-1: “Há quatro.”

I: Há quatro. Ok.

APPACDM-1: “Sim, também fiz o estágio na APPACDM.”

I: Hum-hum.

APPACDM-1: “Pronto. Mas...como profissional é há quatro.”

I: Na altura, como estágio profissional ou curricular?

APPACDM-1: “Profissional...O curricular foi no Rovisco Pais.”

I: Sim. E teve alguma experiência profissional antes de estar a trabalhar na APPACDM de Coimbra?

APPACDM-1: “Trabalhei numa empresa de equitação com fins terapêuticos durante três anos e pouco.”

I: Sim, ok. Pode-me agora descrever um pouco do seu trabalho junto de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais na instituição?

APPACDM-1: “Sim...pronto...No Centro de Atividades Ocupacionais...Eu trabalho no Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor...que é na Unidade de Montemor da APPACDM de Coimbra... Somos um CAO assim... pequenino médio, com 30 utentes. Lá eu tenho...faço o acompanhamento individual, sempre que necessário, aos utentes...A par disso, eu também acabo por fazer parte da gestão do centro, não é? Pronto, para dividir aqui algumas tarefas. Não estou tanto ou como gostaria no direto com eles... Mas participo nos planos, nos planos individuais, não é, onde nós abordamos muito o que é o sonho deles e traçar os objetivos deles e também com... com as famílias, o trabalho com as famílias e com os utentes. Não sei...”

I: Quais lhe parecem ser os principais desafios do seu trabalho?

APPACDM-1: “Os desafios que eu encontro mais no meu trabalho...por vezes é... acaba por ser mais desafiador quer as famílias quer os funcionários do que os próprios utentes. Pronto. Acabo por ter mais desafio em tentar chegar às famílias, aliás, isto da pandemia [Covid-19] tem muitas coisas más, mas acabei por me aproximar mais de algumas famílias, ou que não vão tanto ao Centro ou que não nos conhecem tão bem. Elas próprias falam nisso. Tornámo-nos mais próximos e temos uma noção da dinâmica, do dia-a-dia deles, também é diferente.”

I: Sim.

APPACDM-1: “Porque depois criam-se rotinas. Já sei quando é que lhes posso ligar, quando é que estão a dormir a sesta, quando é que...pronto, começa-se a perceber coisas que nós não

percebemos...normalmente e no funcionamento do Centro. Pronto, e os funcionários também, mesmo por vezes são um desafio. Pronto, porque nós na casa...nós temos bastantes pessoas com bastante antiguidade na casa...e que em termos de formação específica também muitas dessas pessoas não têm essa formação específica e isso por vezes acaba por as limitar um bocadinho. Pronto, normalmente os hábitos que já têm acabam por as condicionar.”

I: Sim. Pensando no trabalho com as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais, quais é que são as dificuldades que a APPACDM-1 sente, as principais dificuldades?

APPACDM-1: “No trabalho com...”

I: Sim, no trabalho com eles, sim. As coisas que geralmente são mais difíceis de resolver, de ultrapassar.

APPACDM-1: “[pausa prolongada] não posso dizer que não é nada porque [risos] não era justo...”

I: Ou, pelo menos, quais é que são as oportunidades que há de melhoria de alguma coisa neste acompanhamento?

APPACDM-1: “As oportunidades que eu gostava de ter de melhoria era mesmo fazer um acompanhamento mais personalizado e...eles não passam...poder passar mais tempo com eles e ver...fazer um trabalho mais direto com eles do que aquele que eu faço. Pronto...é que em termos de dificuldades, as dificuldades que encontramos são as dificuldades normais que encontramos em todo o lado. Não há uma dificuldade específica ao trabalhar com esta população. Ela tem uma grande...também não...eu estive na APPACDM e quando estive na equitação terapêutica também com pessoas que sofriam de algum tipo de dificuldade. Pronto, na sua maioria...E no Rovisco Pais, com pessoas que tinham sofrido lesão cerebral, seja por AVC ou por traumatismo. Pronto, portanto, acabei por trabalhar sempre com...com o défice, não é? E os desafios vão acontecendo, não é? Mas...consegue-se trabalhar neles e...consegue-se desenvolver qualquer atividade a que nos propomos, não é?”

I: Sim. Obrigada. Passando agora aqui para o tema da fruição cultural, qual é que lhe parece ser o papel da vivência de experiências culturais na vida das pessoas em geral?

APPACDM-1: “A cultura é muito importante. Não é?...O saber é poder. O conhecimento é poder, não é? E muitas vezes eu acho que estas pessoas...”

I: Pensando primeiro no geral... Depois já especifico a seguir.

APPACDM-1: “Há uma tendência até para pensar que não se...que não se interessam...ou que não querem saber...ou que não vão conseguir compreender. Pronto, e todos nós à nossa maneira temos o nosso entendimento das coisas. Uns gostamos mais de uma coisas, outros

gostamos de outras e... a cultura é muito importante, é importante eles...até porque acaba por...por também despertar outros interesses.”

I: Sim. E será que o papel da experiência cultural é diferente no caso das pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais ao que é para as outras pessoas?

APPACDM-1: “Eu não acho que seja diferente. Porque...eles vivenciam...é como nós, não é? Eles vivenciam da mesma forma....podem chegar lá através de outras ajudas e precisando de outros recursos, mas isso nós também, porque...eu posso gostar muito de pintura e outra pessoa pode não gostar nada de pintura, não é? E para ela ser uma seca. Eu posso gostar muito de carros antigos e a outra pessoa achar que aquilo...e não ver aquilo da mesma forma. Depende muito dos interesses, não é? E depois...de cada um. E se nós não os expusermos, eles também nunca vão conseguir dizer se gostaram ou se não gostaram.”

I: Sim, sim. Se comparar o público com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais com outros públicos, quer tenham deficiência ou não, considera que existem diferenças na forma como desfrutam de uma visita a um espaço cultural?

APPACDM-1: “Poderá haver diferenças, dependendo dos défices, não é? [pausa mais prolongada] que podem ser mais sensoriais. Estou a pensar que pode ser uma pessoa invisual, não é? E aí teremos que ter outros recursos...também pode ser uma pessoa que pode ter algum tipo de lesão específica e que tenham que ser feitos outros...outro tipo de adaptações... e poderá ser diferente, sim a perceção. Diferente, não menos válido...nem menos interessante.”

I: Hum-hum. Ok. No contexto da APPACDM de Coimbra existem dinâmicas ou projetos que tenham o objetivo de promover o acesso de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais aos espaços culturais?

APPACDM-1: “Sim, existem...Pronto, do que eu conheço existe um projeto que acaba por ser mais formal e que é do CAO de São Silvestre...que se chama “A Cultura também é para Nós”... é um projeto mais...acho que mais específico e estruturado. Pronto, porque é um projeto que tem...teve o seu princípio, meio e fim, não é? Nós também já tivemos a oportunidade...Montemor...de participar nesse projeto e...é um...”

I: Pode-me falar um pouco sobre isso?

APPACDM-1: “Sim, sim. Foram duas técnicas de São Silvestre...portanto, a terapeuta da fala e a terapeuta ocupacional e acompanharam-nos... Fui eu e outra colega que é monitora no Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor. Escolhemos um grupo que...agora não quero estar aqui a dizer asneiras mas eu penso que era de dez utentes...mais ou menos...pronto... Escolhemos também pelo interesse deles, perguntámos, explicámos o que é que íamos fazer e eles aceitaram o desafio. Explicámos que também era um desafio para nós porque era a

primeira vez que estávamos a fazer este trabalho em conjunto... Houve uma primeira fase antes disto, ainda em que nós pudemos ir ter com o grupo de São Silvestre e pudemos fazer a experiência...”

I: Vocês, profissionais, é isso?

APPACDM-1: “Nós profissionais só, sim. Eu e a monitora. Foi-nos dada essa oportunidade. Ir com o grupo de São Silvestre e perceber, primeiro, como é que se iria realizar a dinâmica, ou seja, nesse dia, nós acompanhámos o grupo e estivemos a observar, não é? Percebemos que eram preparados os materiais, com antecedência, ou seja, ia-se ver determinada...na altura, era uma escultura, não é? E...”

I: Isso foi em que contexto cultural?

APPACDM-1: “Foi no Museu Machado de Castro...Fomos ver a escultura...esse material percebeu-se que claramente tinha sido todo trabalhado anteriormente pelas técnicas...quer pelas técnicas, quer pela pessoa que lá está a representar, portanto, o museu e que faz o acompanhamento à visita. Pronto...e foi...foi falado...tudo foi sendo falado...foi esmiuçada a imagem. Foi falado desde qual é que era o material, pronto, foi sendo tudo muito contextualizado e...inclusive há ali uma parte em que...que também acaba por ser muito importante, não é? Que é para nós próprios não sermos descontextualizados...que é: não se pode tocar...na peça. Não é? Porque muitas vezes nós vamos a sítios e depois não sabemos como é que devemos agir e a tendência para conhecer também muitas vezes é tocar, não é, sem qualquer tipo de intuito negativo, mas facilmente os nossos utentes vão e agarram nas coisas, não o podendo fazer. Pronto, depois dessa visita nós tivemos a oportunidade então de ir ver outra escultura e aí...foi um trabalho muito interessante porque fizemos a caracterização dos nossos utentes...para que as pessoas os conhecessem também, não é, porque não trabalham no dia-a-dia com eles. Então, foi-nos pedido para fazer uma breve caracterização dos utentes pelas técnicas, a terapeuta da fala e a terapeuta ocupacional de São Silvestre... Percebemos que escultura é que íamos ver...Elas também já tinham esse material organizado...da desmontagem de toda a escultura... Fomos observá-la ao museu...ao contexto real do museu. Fomos...falar com...a pessoa responsável, a representante do museu, não é? A XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”]...que também...que estava lá...que nos acompanhou e orientou durante a visita...E depois, deslocámo-nos todos para o CAO de São Silvestre e fomos...para além de termos visto as fotografias e os vídeos que fizemos...enquanto estávamos a observar e a explorar a escultura...que é sempre interessante, não é, ter aquele plano de for a...fizemos a mimetização da imagem, pronto, analisando cada pormenor, o que é que tinham vestido, tendo em conta

tudo isso. Isso também foi preparado...porque já havia aqueles materiais que depois acabavam por estar disponíveis para a caracterização.”

I: Pode-me explicar melhor em que consistiu essa mimetização?

APPACDM-1: “Essa mimetização...”

I: Os materiais, o que é que aconteceu...no contexto depois do Centro.

APPACDM-1: “Eu agora não consigo dizer qual é que era o nome da escultura. Estou a visualizá-la.”

I: Sim, sim.

APPACDM-1: “Não...era...era Jesus Cristo [pausa mais prolongada]. Sei que estava lá Maria Madalena, sei que estava lá [risos] ...tivemos um morto fantástico... que se manteve...”

I: Ou seja, os utentes...fizeram o quê, exatamente?

APPACDM-1: “Eles imitaram a...a escultura. Fizeram a mimetização mesmo da escultura.

Portanto, havia alguém que estava deitado e que assumimos que estaria morto, não é? E essa pessoa mimetizou a morte, de forma exemplar, aliás [risos]...pronto, e depois, tínhamos todos os outros...todas as outras pessoas que seriam próximas da...dessa... pessoa morta...não é?...e que estavam em redor dela ...pronto, inclusive tentávamos apelar também às expressões faciais, não é? Pronto, não estariam todos felizes e contentes, estando ali ao pé de um entequerido que teria morrido... Pronto, havia pessoas com cabelo mais comprido ou com barba. E...uns mais ricos, outros também ...mais pobres, via-se pela forma como se vestiam.

Tentámos apelar a esses pormenores todos.”

I: E de que forma é que a APPACDM-1 acha que eles usufruíram dessas experiências, tanto no museu como depois já no contexto do Centro?

APPACDM-1: “Eles gostaram muito de participar. Gostaram, porque foram...tiveram a oportunidade de conhecer o museu, pronto, e depois valorizaram ...às vezes quando vamos a um...a um sítio e queremos ver o mais possível e conhecer o mais possível acabamos por não aproveitar nada e por não retirar nada dali porque é muita informação e muita informação superficial, não é? Pronto. E ali não. Eles acabaram por ver outras esculturas por onde nós passávamos, não é? Mas...eles não...não se dispersaram. Eles tiraram algumas fotografias, mesmo junto de outras esculturas, mas ficaram com aquela imagem...marcada, porque tinham feito aquilo. Pronto, inclusive foram para o Centro e foram contar aos colegas o que tinham feito e tinham visto. Pronto, à partida já lá teríamos ido outra vez se não fosse isto [referência à pandemia Covi-19-risos]”

I: Pois. Na sua opinião, existe a necessidade de efetuar alguma mudança na forma como os espaços culturais em geral recebem habitualmente estas pessoas? Alguma necessidade de mudança?

APPACDM-1: “Acho que é a necessidade de abertura. E acho que isso...não vamos conseguir ser nós a impor. Nós podemos ir mostrando através destes exemplos, que acho que são de muito valor e ir expondo estes exemplos porque isto acaba também por ser uma abertura do Museu Machado de Castro, não é? Daquilo que eu entendo, também o interesse. Porque quando nós falamos em pessoas com deficiência...com dificuldades intelectuais...há muito medo associado... Vai-se passar, vai começar a gritar...vai bater em alguém... Pronto, e as pessoas não querem estas pessoas em espaços culturais, pronto. Nós inclusive...e estou-me a recordar disso...enquanto estivemos no museu, e porque havia as visitas a decorrer normalmente, à nossa volta...houve algumas pessoas que se foram aproximando, que perceberam que nós estávamos ali, que se foram aproximando e que foram ouvindo também o que estávamos a dizer e que foram ficando até por ali...alguns talvez por curiosidade...outros porque estavam a passar e queriam ver a escultura mais de perto. Mas acho que essencialmente é importante estarmos presentes e mostrarmos que isso é possível, não é? Principalmente de forma agradável. Que é para que os outros também sintam essa necessidade. Ok, eu quero ter as portas abertas a toda a gente...e também quero chegar até estas pessoas...e então desenvolver nos museus a preocupação... quer ter uma linguagem mais acessível...não só para as pessoas com deficiência. Para todas até...porque há palavras e chavões que não vão ficar na nossa memória. Acho que sim.”

I: Houve assim alguma experiência anterior ou posterior a essa, noutra contexto cultural, em que a APPACDM-1 tenha participado com algum grupo do centro onde está?

APPACDM-1: “Eu propriamente [pausa mais prolongada] não. Eu...lá está, eu organizei algumas visitas...quer ao teatro ou a última que fomos foi o Teatro da Primavera, na Marioneta... Pronto e tentamos participar...em atividades culturais, sempre que podemos. Ir ao teatro, ir ao cinema...até situações mais...estou a pensar no...nos espantalhos, na...no Festival dos Espantalhos. Pronto, tentarmos fazer ao máximo parte da...parte do mundo, não é? Fazer parte! Participar e que as pessoas vejam que somos capazes. Não propriamente...ora, acabo por organizar mais e não por participar tanto.”

I: Mas nota alguma mudança na relação com os espaços culturais envolventes?

APPACDM-1: “Eu não tenho essa experiência, mas, por exemplo, a professora de música, a professora XXX [referência a nome próprio] diz que muitas vezes, na primeira abordagem, a primeira abordagem é negativa. Mesmo quando é para...porque nós próprios temos o nosso grupo de artes de palco e nós próprios vamos apresentar espetáculos ao exterior e a primeira abordagem, quando não os conhecem, por norma é negativa. Muito no...Vêm para aqui apresentar alguma coisa de menor qualidade...ou de menor importância e, depois de verem, de darem essa oportunidade, o feedback é muito positivo. Pronto, até porque depois é

assim...as pessoas têm uma ideia tão negativa da deficiência que, quando contactam com ela e quando contactam com alguma coisa, acaba por ser exponencialmente positivo porque elas estão à espera de alguma coisa muito má e que alguma coisa corra muito mal [risos]...E nisso ela refere que sim, que a primeira abordagem costuma ser...mais negativa. Eu também já tive alguns contactos...em que as pessoas de início estão muito de pé atrás...dizem que não sabem muito bem o que é que pretendo...e é preciso desmontar ali um bocadinho as coisas e tentar perceber que não vai ser complicado.”

I: Sim. E de que forma é que...pegando nisso...até para a próxima pergunta... De que forma é que esse contacto prévio ou esse trabalho que pode ser feito pelos técnicos da instituição...de que forma é que isso pode melhorar a resposta do próprio espaço cultural?

APPACDM-1: “Acho que é muito importante. As pessoas já saberem com o que é que vão contar. Neste, caso, que nós fizemos a apresentação dos utentes...Pronto, depois a XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”] ia brincando com algumas questões porque já sabia que havia ali algumas características deles. Nós também fomos apelando, não é, ao que é que é mais positivo, aos que não têm tanta tolerância à frustração e que poderia ali acontecer alguma situação mais...mais constrangedora, no sentido de ficarem amuados ou...ou melindrados com alguma coisa. Por isso eu acho que preparar as pessoas e mostrar-lhes o que é que podem contar...é importante.”

I: Sim, na preparação das visitas. E depois na dinamização das visitas? Há alguma coisa em que considere que os profissionais da instituição de apoio podem também ser uma mais-valia?

APPACDM-1: “Convém que nós...que se domine minimamente aquilo que se vai fazer ou do que é que se vai falar, que nos possamos sentir à vontade, não é? Porque se vamos para lá também completamente...às escuras e se não dominarmos, não é, também acabamos por não conseguir transmitir aos nossos utentes. Convém que haja um conhecimento prévio, pedir ali algumas dicas, alguma ajuda no que vai fazer.”

I: Sim. E como é que acha que isso pode ser realizado?

APPACDM-1: “Em articulação.”

I: De que forma?

APPACDM-1: “Podemos ou ir fazer uma visita prévia, não é, se isso for possível. Às vezes não é de todo possível, mas pelo menos questionar algumas coisas...Mesmo em termos de acessibilidade...como é que se vai...como é que vai acontecer, como é que não vai...ser muito claro...se temos alguém em cadeira de rodas mas que até se pode deslocar sem cadeira...como é que vai funcionar...pronto [pausa mais prolongada]. Perceber [pausa mais prolongada] perceber o tempo, também acho que é uma coisa importante, quanto tempo é que vamos

estar ali, é que vamos demorar a fazer aquela visita. Isto também para prepararmos os utentes, não é? Para não chegarmos ali e os atirarmos...ah, vamos ali e logo vemos o que é que é. Pronto, para que não...fazer-se sempre coisas...há coisas que são simples e nós já não valorizamos porque são coisas que nós fazemos...automaticamente, mas mesmo o chegar ao local e eles poderem olhar para o...olhar para o sítio e perceber onde é que são as casas de banho...pronto, isso acaba por também os fazer sentir mais cómodos, não é? Se estamos ali todos em tensão e temos que estar ali e não sabemos muito bem ao que vamos e...não podemos fazer nada, só temos...acho que essa preparação é importante, esse conhecimento mínimo.”

I: Sim, a APPACDM-1 falou há bocadinho também das dinâmicas que foram realizadas no âmbito da visita ao museu depois da visita. De que forma também é que isso pode ser importante para as pessoas com dificuldades intelectuais e qual pode ser o papel dos técnicos da instituição nesse trabalho?

APPACDM-1: “Nós fazemos muito isso, seja... em qualquer contexto. Lá está, fizemos o trabalho com o espantalho, fomos entregar o espantalho...a Oliveira de Azeméis. Mas depois fazemos todo o trabalho do que é que aconteceu, o que é que correu...o que é que correu bem, o que é que podia ter corrido melhor, fazemos isso tudo. Porque...é importante é perceber o que é que se retirou da experiência...porque vão surgir muitas ideias diferentes. Podem também surgir muitas ideias que não são tão corretas ou tão adequadas...podem surgir mal-entendidos e convém sempre fazer uma abordagem e clarificar aquilo que se passou. Fazer um...um apanhado, um resumo e tentar resolver divergências porque quanto mais...mais cedo se resolverem também melhor. Se houver dúvidas...”

I: Sim, ok. O que é que a APPACDM-1 considera ser necessário ter em consideração numa visita cultural dirigida a pessoas com dificuldades intelectuais? O que é que é mais importante que os diferentes profissionais tenham em conta, quando estão a pensar dinamizar uma visita assim?

APPACDM-1: “Acho que é interessante conhecerem, lá está, as pessoas. Isso será o mais importante, não é? Se vão...se se dispõem a falar para aquelas pessoas ou a comunicar com aquelas pessoas, conhecê-las, conhecer quais é que são os seus pontos fortes, quais é que são as suas limitações, não é, para poder abordar as coisas da melhor maneira. E sobretudo depois, nessa altura, senti-las um bocadinho, não é, como nós fazemos...mesmo com pessoas sem deficiência. Tentar...perceber se a pessoa está a perceber, se a pessoa está a apreciar, se não está, se não está a perceber nada daquilo...pronto. Acho que isso que é o mais importante.”

I: Sim. No âmbito desta investigação, APPACDM-1, vai haver depois outra parte da entrevista, quando for possível fazer as visitas com os grupos selecionados. Por isso, há questões que depois podem surgir também nessa altura, em relação à fruição cultural dos participantes que forem... Pode ter depois mais dados também para me dar. Para já, gostava de lhe perguntar se há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática... Dentro daquilo que já perguntei, há alguma coisa que gostasse de acrescentar neste momento?"

APPACDM-1: "Acho que não. Assim que me recorde, não, penso que não."

I: Obrigada. Queria agradecer a disponibilidade da APPACDM-1 para participar na entrevista.

2ª parte

I: Tendo por base a visita realizada hoje, como é que considera que as pessoas com DID desfrutaram destas visitas? No caso de hoje, como é que elas desfrutaram da visita?

APPACDM-1: "Esta visita foi diferente, não é? Porque foi online. Não é de todo um contexto diferente, não é um contexto desconhecido para eles, digamos assim, porque temos feito videochamadas com os colegas que ainda estão em casa, mas uma sessão ainda não tínhamos feito. Por isso...foi algo desafiante...e percebeu-se que eles estavam atentos e que gostavam, apesar das limitações às vezes que a internet nos coloca ou os materiais ou termos que esperar um bocadinho para focar...acho que eles gostaram, eles perceberam onde é que estavam, mesmo aqueles que não conheciam o espaço...aqueles que conheciam, identificaram logo os arcos e o largo e que tínhamos tirado ali as fotografias, pronto. Aqueles que não conheciam não podemos dizer que passaram a conhecer porque, claro, isto é diferente, mas identificaram e perceberam que estavam no museu e com obras de arte. E usufruíram...eles gostaram... empenharam-se, não é? Viram os pormenores...acho que sim [risos]."

I: Obrigada. Agora, considerando na mesma o Museu Nacional de Machado de Castro, tem alguma sugestão de melhoria relativamente à forma como este espaço promove a fruição cultural de pessoas com DID?

APPACDM-1: "...de melhoria...não...há sempre coisas que nós podemos agilizar...por exemplo, se calhar até se continuarmos a fazer visitas virtuais, estava a pensar, uma das dificuldades é manter a imagem focada...mas é assim...para nos deslocarmos e eu acho que isso foi interessantíssimo...o termos vindo de fora para dentro...também é difícil de ter uma coisa estanque...só se for mesmo em termos de imagem e de qualidade ou de velocidade da imagem em si. Neste aspeto, pronto. De resto, acho que eles e nós já estão perfeitamente enquadrados. Vocês [investigadora e terapeuta ocupacional do CAO de São Silvestre] fizeram um bom trabalho [risos]. Eles estão muito à vontade connosco."

I: Sim, obrigada. Depois, pensando na visita de hoje, gostava que a APPACDM-1 fizesse um balanço daquilo que aconteceu. O que é que aconteceu, o que é que achou mais significativo...

APPACDM-1: “Eu gostei muito. Estava com algumas dúvidas se se ia perceber bem...se se ia ver bem...e acho realmente que eles foram extremamente colaborantes e estavam muito empenhados em participar e gostaram de participar. Gostei muito no final também de termos aquele momento de estarmos a falar, não é, e a perceber o que é que cada um tinha gostado mais ou menos...acho que foi interessante, esse momento de partilha.”

I: Sim. Que necessidades das pessoas com dificuldades intelectuais é que a APPACDM-1 sentiu?

APPACDM-1: “Eu acho que eles, às vezes, não expressam tanto as necessidades...não tanto como nós...eles tentavam ir ao encontro daquilo que era pretendido e, se não percebessem alguma coisa, eram capazes de ficar ou mais calados ou recorrer à ajuda de quem estava aqui, do lado de cá...nunca verbalizando...só quando eram instigados a verbalizar que não estavam a perceber é que o fazem...”

I: A APPACDM-1 já falou também do usufruto. Como é que eles usufruíram da visita? Já disse que eles estiveram bem...Quer acrescentar alguma coisa em relação ao usufruto?

APPACDM-1: “Não...acho que que correu bem, acho que os objetivos, pelo menos a que nos propusemos...que foram concretizados. E mesmos através da mimetização, depois da imagem, acho que foram conseguidos.”

I: Sim. Quais é que foram as experiências que considera terem sido mais significativas, nesta visita?

APPACDM-1: “A experiência em si é significativa...”

I: E o que é que contribui mais para isso?

APPACDM-1: “Acho que falámos de Jesus Cristo e de Maria, que, para eles, e vindo maioritariamente de uma educação de base católica, são figuras que lhes são familiares...e que eles conseguem contextualizar. Tanto que para eles...e isto é muito engraçado perceber...Jesus continuava a ser menina, não é, porque tem o cabelo comprido e supostamente é menina...mas Jesus Cristo é homem e Jesus Cristo tem o cabelo comprido e eles têm esse conceito...e todos eles sabiam isso. Eles não identificam é Jesus Cristo nesta figura, ao colo da mãe...com anjinhos e...acho que isto é importante para lhes dar outra visão. Porque eles até ao fim continuavam a dizer que Jesus Cristo era menina...eu não acho que eles não tenham entendido o contexto...para eles aquela figura de Jesus é que continuava a ser menina pelas características físicas que apresentava....que eles sabem quem é Jesus Cristo e contextualizaram... Tanto que a XXX [referência a nome próprio] disse logo que era o Menino Jesus, não é, porque nasceu no Natal.”

I: Tem alguma consideração a fazer sobre o tempo da visita?

APPACDM-1: “O tempo...acabámos por demorar mais tempo do que o que eu pensava. Eu penso que demorámos cerca de hora e meia...e, por isso, acho que é de valorizar a capacidade que eles tiveram de se manter sempre responsivos e ativos participantes na visita, só evidenciando cansaço até mais para o final e quando já estávamos na nossa partilha já sem estar em videochamada.”

I: Sim. O que é que tem a dizer sobre o acesso à informação?

APPACDM-1: “O acesso à informação é facilitado pela Catarina, não é? E acho que isso é muito importante. Fazer os guiões, não é? Acho que isso que é importante e torna acessível esta explicação, acho que é essencial. E eles gostam e identificam-se e conseguem perceber melhor do que estamos a falar. Em termos do museu, acho que eles têm sempre o cuidado...embora tentando sempre usar os termos mais adequados...têm sempre muito cuidado de tentar que eles percebam tudo aquilo que está a ser dito. Têm muito esse cuidado.”

I: O que tem a dizer sobre a forma como o espaço foi apresentado na visita e a forma como pode ser desfrutado.

APPACDM-1: “Não, eu acho que correu muito bem e, aliás, acho que termos entrado de fora fez todo o sentido, termos cumprimentado as pessoas...que estavam lá...era o que faríamos numa situação normal...viríamos sempre de fora, entraríamos no museu...eu lembrei-me logo que entrávamos no museu e íamos à casa de banho...pronto, mas cumprimentámos as pessoas que estavam ali à entrada e fomos.”

I: Sim. E o atendimento realizado pela XXX e pela XXX [referência aos nomes próprios das profissionais do MNMC] ao longo da visita...tem alguma coisa a acrescentar?

APPACDM-1: “Não, é sempre fantástico!”

I: E a forma como foram respondendo às necessidades que eles foram mostrando ao longo da visita?

APPACDM-1: “Foram sempre correspondendo a tudo aquilo que nós fôssemos falando, ela iam sempre tentando...quando houve alguma dificuldade, até em termos do som ou da imagem...elas iam sempre colmatando isso.”

I: E há assim mais alguns materiais ou estratégias que tivesse pensado que se calhar dava para ter feito e não foi?

APPACDM-1: “Não...o único bloqueio que encontrei é como não estamos a falar em tempo real...e chega sempre mais tarde...acabamos se calhar por não partilhar tantas coisas ou por não brincar até tanto com as coisas e até ir buscar outros exemplos, porque não queremos perder o fio à meada.”

I: Há mais alguma coisa que gostasse de acrescentar, para finalizar a entrevista?

APPACDM-1: “Não, acho que é de valorizar...queremos mais! E acho que realmente isto é um contexto que vai possivelmente acontecer muito mais vezes...e às vezes pode ser a única forma de continuarmos a manter esta ligação e acho que é importante.”

I: E que acaba por resultar na mesma. Ok, muito obrigada.

3ª parte

I: Tendo por base a visita de hoje de manhã [ao Convento São Francisco], como é que acha que as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais desfrutaram desta visita?

APPACDM-1: “Eu acho que gostaram ... que foi rica, em termos... quer da perceção auditiva quer visual, das associações que conseguimos fazer ... porque estou a pensar muito nos cães, porque achei muita graça, e pronto, mas os bombos... acho que foi muito... foi rico nesse sentido e foi interessante e eles gostaram. ... Sim! O que eu acho que acaba por falhar um bocadinho sempre é que, nestas visitas, tem que se estar mais tempo porque não se consegue perceber logo ou ver logo o que é que se está a passar. Elas tiveram a preocupação até de se pôr ao lado daquilo que estávamos a ver, para ver à escala, e isso foi muito importante, mas, às vezes, o tempo, por causa da internet e da chamada em si, não é suficiente e fomos pedindo para parar ou para mostrar outra vez, mas não é logo suficiente, não é suficiente, logo nítido.”

I: Ou seja, seria necessário mais tempo para algumas respostas.

APPACDM-1: “Um bocadinho.”

I: Considerando especificamente o Convento de São Francisco, tem alguma sugestão de melhoria, além dessa, relativamente à forma como promoveram e como promovem a fruição cultural das pessoas que apoia? Alguma sugestão do que é que poderiam ter feito de diferente para ainda ser uma experiência melhor?

APPACDM-1: “Neste caso concreto, nesta situação concreta ... penso que não, não tenho assim, tirando essa parte do tempo, nenhuma sugestão de... de melhoria. Acho que é um espaço que devia ser mais divulgado, vê-se pouco ou conhece-se pouco.”

I: Em termos de cidade?

APPACDM-1: “Sim.”

I: Acaba por ser bastante divulgado para nós, enquanto instituição, não é?

APPACDM-1: “Sim e isso acho que era importante.”

I: Porque aí a divulgação até funciona bem.

APPACDM-1: “Sim, mas acho...”

I: Nós temos sempre conhecimento. Muitas vezes na cidade de Coimbra ou nos arredores...

APPACDM-1: “As pessoas não sabem. Passa muito ao lado, não chega lá e é um espaço bonito, um espaço interessante da cidade e que acho que podia estar mais explorado, mesmo esta

exposição que nós vimos hoje, que entretanto houve logo pessoas que disseram “Ai, eu quero ir ver ao vivo com a família”, mas nem todos têm essa oportunidade.”

I: Faça um balanço desta visita.

APPACDM-1: “Eu achei a visita muito interessante e muito engraçada ... foi, acho que correu bem até porque as pessoas também não nos conheciam, nós nunca fomos ali, nunca tínhamos visto e acho que se adaptaram muito bem a nós e tentaram ir ao encontro também do que é que nós estávamos a ... ver e a explorar, as perguntas que íamos fazendo ou do que íamos pedindo ... e também nos trouxeram um bocadinho para o contexto, falamos dos bolos, não é por acaso, que elas tinham estado a acabar um bolo antes de virem para aqui e ... e acho que se preocuparam, preocuparam-se... Houve uma coisa que eu senti necessidade, não sei se eles sentiram, havia bolas e havia materiais, que elas foram explicando ou que eram de esferovite ou eram metálicos, houve outros que não. E acho que é importante falarmos do que é que são os materiais, porque se não, não se consegue perceber, há sons que se definem logo mas há outros que não e isso acho que é importante, e daí, lá está, mais esse tempo e esse dar espaço para... para questionarmos isso, “porque é que faz aquele som, porque é que sai dali” ... Mas de resto acho que correu muito bem.”

I: Essa é uma necessidade que identificou, não é? Exploração mais...

APPACDM-1: “Sim. ... Dos materiais, dos objetos. Quando a gente está lá e vê, é capaz de fazer mais perguntas ou de chegar... Mesmo aquele robot grande, era muito grande. Uma sugestão era que aqueles botões... o grandalhão, a montagem grande, que faziam parte dos cães, aqueles botõezinhos que ela foi explorando é difícil perceber onde é que eles se mexem e foi muito complicado escolhê-los ou escolhê-los de forma objetiva, acho, por exemplo, que podiam estar numerados... para estas visitas... numerar os botões, ... numerar até, e elas já perceberem ... também fiquei sem perceber isso, elas já perceberem o que eles vão mover ou não, eu percebi que alguns sabiam o que é que já ia mexer, mas terem mais essa ...”

I: Algumas pistas?

APPACDM-1: “Essas pistas e se calhar até ter ... tipo um molde desse painel para nós escolhermos, isto nas visitas virtuais, ao pé do telemóvel, mas já estar ao pé do aparelho, porque aquele tempo que estávamos a escolher e depois íamos para ao pé do aparelho, acabava-se por perder ali tempo e, às tantas, eles estavam a escolher mas já não estavam a escolher nada, porque ela ia dizendo “Posso carregar neste?”, que eram aqueles que faltavam e acaba por não se ter ali aquele tempo para eles explorarem ... porque se quer mostrar tudo e eles às tantas... também não conseguem... nem estar a escolher nem depois perceber...”

I: Mais tempo portanto e algumas pistas ... algumas coisas como números ou assim que desse para eles perceberem melhor...

APPACDM-1: “Estarem sinalizados os botõezinhos que era para eles dizerem “Ah! Então aquele ali com o sinal ou com o número tal”.”

I: Sim, ajuda à participação, claro que sim. O que é que tem a dizer em termos de balanço ao nível de usufruto dos participantes? Como é que eles usufruíram deste contexto, desta exposição?

APPACDM-1: “Achei que foi diferente, não sei se posso fazer assim esta comparação...”

I: O objetivo do estudo não é comparar os dois espaços, mas se for mais fácil pode fazê-lo.

APPACDM-1: “A dada altura, no final, eu puxei um bocado desse assunto, “se pudéssemos imitar sons, o que é que fazíamos?” porque eu acho que eles usufruem muito quando participam do esquema da coisa e fica mais retido neles quando... participam e percebem e nós temos os materiais e da outra vez isso aconteceu, e explorámos a imagem, e aqui também não tínhamos preparado isso previamente, mas não houve essa exploração de sons e se calhar da... do próprio mecanismo, podíamos explorar de maneira diferente, seria mais complicado porque era da nossa memória, há coisas que nós não íamos conseguir reproduzir, mas acho que fica mais retido, fica mais consolidado.”

I: O que é que acha que, neste caso, foi mais significativo para eles?

APPACDM-1: “... Não sei, estava a pensar no que é que eles tinham dito no final...”

I: Eu lembro-me que, por exemplo, a XXX [referência a nome próprio de pessoa com DID] falou que tinha sido o saxofone, pareceu-me que foi por ela ter sido capaz de dizer alguma coisa que ninguém estava à espera e que até se enquadrava, ou seja, a importância disso também.

APPACDM-1: “Sim. Falaram dos projetores, a XXX [referência a nome próprio de pessoa com DID] tinha o projetor lá na escola e lembrava-se do que é que era...”

I: Pois, essa parte eu não me apercebi na visita.

APPACDM-1: “Lá está, acho que essa parte é importante, ter contacto com as coisas, associámos os bombos à filarmónica e às festas... que todos eles conhecem... Em si, foi tudo uma experiência diferente porque, apesar dos sons alguns já terem conhecido ou associarem, a experiência toda em si é diferente e o espaço é diferente e a maneira como é apresentado os sons é diferente.”

I: Acha que a visita teve um tempo adequado? Não estou a falar do tempo de cada resposta, mas, no geral, foi o tempo adequado àquilo que era suposto eles vivenciarem?

APPACDM-1: “Acho que sim. Porque este tempo de que eu falei foi mesmo para a exploração.”

I: Não é propriamente o tempo da duração da visita.

APPACDM-1: “É mais de estar ali a explorar... não propriamente de ... que acaba, eu percebo perfeitamente que acaba por se tornar estranho para a pessoa que está do lado de lá, porque às tantas está a mostrar e eles estão a olhar e até podem estar em silêncio ou ... e torna-se

chato ou estranho estar ali à espera... e fica a pensar “o que é que eu estou a fazer ou o que é que eu ...”

I: “Eles não me respondem, portanto é melhor andar.” E no fundo, acho que pode acontecer também nos contextos presenciais.

APPACDM-1: “Sim, sim.”

I: O preencher do tempo com coisas, para que não haja esse tempo de não resposta. Isso também acontece.

APPACDM-1: “Esse tempo morto, que acaba por ser mais constrangedor.”

I: O que é que tem a dizer sobre a forma como as pessoas com DID acederam à informação que lhes foi transmitida ao longo da visita?

APPACDM-1: “Acho que correu bem, eles foram sempre perguntando quando não percebiam, quando alguma coisa era estranha, nós também nos fomos antecipando, cada vez que achámos que alguma coisa era estranha para eles ou que eles não estavam a perceber bem ...”

I: Sim, mas o tipo de comunicação, a linguagem que foi utilizada...

APPACDM-1: “Sim, acho que foi perfeitamente... perceptível... e foi ao encontro disso, pelo menos foi tentado... sempre.”

I: O que é que tem a dizer mais sobre o atendimento que foi realizado pela XXX [referência a nome próprio], do Convento, durante a visita?

APPACDM-1: “Eu acho que foi muito adequado, não... sim, acho que foi muito adequado, apresentou-se, interagiu connosco de forma muito positiva e como se já nos conhecesse... acho que foi muito adequado.”

I: E a forma como ela conseguiu, ou não, responder às necessidades que foram surgindo?

APPACDM-1: “Sim, conseguiu sempre. Tentou sempre, pelo menos.”

I: A APPACDM-1 sugeriria algum material ou estratégia diferente durante esta visita?

APPACDM-1: “A única coisa que acho que nós poderíamos fazer era ter alguns materiais disponíveis connosco, ou metálicos, ou as fitas, ou a taças... pronto, era a única coisa.”

I: Ou os vasos, ou os próprios cães.

APPACDM-1: “Os próprios cães, sim, o cão da feira... Eu tenho um lá em casa, se eu soubesse... não sei se ainda funciona, que é daqueles de pilhas.”

I: Sim, mas podia ajudar, não é? Em que é que isso podia ajudar, APPACDM-1?

APPACDM-1: “Acho que, olha... em termos de tudo, porque há uma coisa muito engraçada e que a mim me acontece muitas vezes ... Tudo depende do ângulo e da perspetiva. Estás a tirar uma fotografia a uma coisa muito pequena, muito de perto, e essa coisa parece grande, ou muito pormenorizada ou nítida. Estás a tirar uma fotografia a uma coisa grande, que não é tão perto, e parecem-te as duas do mesmo tamanho. Aqueles cães à primeira partida, estou

focada nos cães que aquilo chamou-me à atenção, que abanavam as patitas e tal... Eu conheço aqueles cães e ela disse logo que aquilo era a estrutura interna dos cães de peluche que se vendiam na feira... e eu sei que são pequenos, mas quando nós vimos aquela estrutura metálica gigante, para mim o cão ... sei lá, era grande, era capaz de me dar pela cintura ou ... acima do joelho de certeza e, quando ela afasta um bocadinho o telemóvel, percebe-se que afinal aquilo é tudo muito pequeno, dentro da estrutura. Até para isso, para percebermos o tamanho, as dimensões, senão parece que estamos a ver tudo a uma escala gigante e não é gigante, as coisas não são gigantes.”

I: Sim, para ter maior perceção das coisas.

APPACDM-1: “E dos sons que produzem. Aquele pormenor que falámos de, por dentro, o som é mais grave e, por fora, é mais agudo.”

I: Ter também aqui alguma coisa deste lado que pudesse ajudar nisso.

APPACDM-1: “Para poder manusear isso. E que era uma coisa fácil de se ter.”

I: Agora que estamos a chegar ao fim da entrevista e da recolha de dados aqui junto de si, junto deste centro, há mais algum aspeto que gostaria de referir relativamente a esta temática?

APPACDM-1: “Não. Eu acho que isto é sempre muito positivo e que deve ser transversal, devemos tentar fazer isto com outras coisas e outras ... outros espaços onde não podemos aceder tão facilmente. Acho que é importante e que é uma ferramenta importante, e podemos fazer estas visitas virtuais mais vezes e a outros sítios.”

I: E ao nível da fruição cultural mesmo noutros contextos reais, digamos assim, tem alguma coisa que queira acrescentar sobre o papel ou sobre a importância que isso pode ter na vida das pessoas que apoiam aqui neste centro?

APPACDM-1: “Eu acho que é importante, acima de tudo, verem coisas diferentes e contextos diferentes. É importante mostrar, porque depois podem escolher se gostam ou se não gostam, se querem voltar a ir ou se não querem ... mas, pelo menos, terem essa oportunidade... de estar noutros contextos, de ver outros contextos e outras realidades. Por exemplo, o XXX [referência a nome próprio]..., o XXX acho que usufrui muito...”

I: Sim. E nota-se mesmo muito... eu vendo a primeira vez e a segunda, ele hoje já percebia o porquê que era isto, como é que ele podia interagir, como é que ele podia participar e estava bastante mais à vontade.

APPACDM-1: “E o XXX [referência a nome próprio], nós... pronto, ele é mais reservado...”

I: Sim, mas estive muito a participar muito.

APPACDM-1: “Sim. E ele tenta perceber e tenta-se adaptar, agora também... o XXX [referência a nome próprio] nunca teve apoio nenhum de uma instituição com deficiência e... eu tinha

percebido que ele tinha gostado e sei que ele gosta, e o XXX [referência a nome próprio] se não gostar também diz, da mesma forma, e lembro-me sempre que, um dia ou dois depois, a XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais da instituição de apoio] acabou por ir ali à sala, e do nada o XXX [referência a nome próprio] falou-lhe da visita que tinha feito e disse que virias cá no dia de ontem. Porque foi significativo e porque, lá está, e precisam desse tempo. Foi um dia, mas precisou desse tempo e de pensar sobre isso, também para se tornar mais significativo. E acho que isso é importante. O XXX [referência a nome próprio], por exemplo, é uma pessoa que tem muito poucas oportunidades fora daquilo que é aquilo que eu conheço, fora do contexto habitacional dele. ... E por isso, acho que sim, que é importante. Há coisas, é claro, que eles dizem que querem experimentar, e estando a falar do XXX [referência a nome próprio], lembro-me do XXX... o XXX sabia que os colegas iam à piscina e ele próprio tomou a iniciativa de querer ir à piscina. Agora, se nós não mostrarmos ou não abrirmos o leque de oportunidades, ele não pode dizer se quer experimentar ou não, se quer ou não.”

Codificação do participante: APPACDM-2

Data e hora da entrevista: 18/05/2020 – 15:00 (1ª parte), 25/06/2020 – 17:00 (2ª parte) e 17/07/2020 – 16.00 (3ª parte)

Meio/Local de realização da entrevista: videochamada – Skype (1ª parte) e Centro de Atividades Ocupacionais de Arganil (2ª e 3ª partes)

Duração da entrevista: 41 minutos e 40 segundos (1ª parte), 16 minutos e 12 segundos (2ª parte) e 17 minutos e 34 segundos (3ª parte)

1ª parte

I: Antes de mais, queria recolher alguns dados sobre si, nomeadamente as suas habilitações académicas.

APPACDM-2: “Eu sou licenciada em Psicologia. Depois, cheguei a fazer uma pós-graduação em Psicologia clínica, comportamental e sistémica. É basicamente isso.”

I: Sim. Neste momento, a sua área de atuação é enquanto psicóloga?

APPACDM-2: “Sim, é enquanto psicóloga na APPACDM de Coimbra, na Unidade Funcional de Arganil. Se bem que as psicólogas na casa e no meu caso em concreto...nós acumulamos outras funções. Portanto, sou psicóloga de três valências: CAO, Centro de Atividades Ocupacionais, Formação Profissional e também no CRI. No CRI não sou tanto psicóloga, mas...o que é que eu lá faço...faço de monitora de TVPE, isto é, os alunos dos últimos três anos da escola que tenham necessidades especiais de acordo com o artigo 64...penso eu que é 64...ou 54...Acompanho-os a empresas para fazerem despistes vocacionais em empresas e fazerem ali

alguma aproximação mais ao mundo real do trabalho. Para além de psicóloga, sou coordenadora do Centro, da Unidade Funcional...tenho essa responsabilidade de coordenação, de coordenação do pessoal...também ver ali um bocadinho a higiene e a segurança da Unidade...o HCCP...a parte da qualidade, também, que é outra das funções que nós temos na APPACDM. Portanto, garantir o sistema de qualidade na APP... Portanto, são muitas funções e...são funções várias e diversificadas.”

I: Muito bem. Há quanto tempo é que trabalha na APPACDM de Coimbra?

APPACDM-2: “É assim: eu entrei na APPACDM há vinte anos, como estagiária, como estágio profissional. E tenho contrato há cerca de 18 anos a esta parte na casa.”

I: Sim. Não trabalhou noutra instituição ou noutro serviço antes da APPACDM?

APPACDM-2: “Não, foi o meu primeiro trabalho. Na APPACDM é que já trabalhei noutras unidades. Comecei por estagiar na Tocha e na Tocha acompanhei o arranque das empresas de inserção, portanto fiz a seleção de pessoal desfavorecido, de população desfavorecida...de mulheres desfavorecidas para integrar as empresas de inserção. Na Tocha acompanhei essa parte mais de turismo social, das empresas de inserção, que na altura era de agricultura biológica e de turismo social...e acompanhei, desde logo, o CAO e a Formação também. Depois fui para...estive só um ano na Formação em Coimbra, na Formação Profissional... Depois então fui para Arganil em 2003, portanto sempre na mesma casa.”

I: Sim. Pode-me descrever um pouco do seu trabalho com as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais na APPACDM de Coimbra? O que achar mais relevante.

APPACDM-2: “Hum-hum. Neste momento, na APPACDM estou mais...na maior parte do tempo, estou com população com dificuldades intelectuais, como questionou, adulta...

Portanto, a população do CAO é população adulta. Depois, temos alguns menores de idade, no caso do CRI, mas é uma amostra muito mais reduzida. Portanto, enquanto psicóloga no CAO e na Formação Profissional...vou começar pelo CAO...O que é que eu faço? Faço entrevistas de avaliação e de seleção, em conjunto com a técnica de serviço social...tento sempre numa perspetiva multidisciplinar no meu trabalho...mesmo na parte da avaliação já...integro um pouco desse trabalho multidisciplinar...ou com a assistente social ou com outros técnicos de outras instituições que me possam dar informações sobre o utente. Portanto, faço essa sinalização, avaliação e peço a admissão dos clientes a CAO. Depois de essa avaliação ser feita, fazemos o plano de acolhimento, fazemos os planos individuais... Tanto o plano de acolhimento como os planos individuais também poderão ser feitos numa equipa multidisciplinar. Fazemos então a avaliação desses planos e a monitorização dos planos. Para além disso, de forma geral, faço reuniões com alguma regularidade com a equipa de trabalho... Algumas reuniões podem ser mais gerais, com passagem de informação e discussão sobre o

funcionamento. Outras mais específicas, que têm mais a ver com a minha área de Psicologia ou com a área técnica, portanto...e aí tenho que fazer reuniões mais de cariz técnico, com a técnica de reabilitação, com a assistente social, com a fisioterapeuta...e também, dessas reuniões, poderem surgir sugestões de atividades ou para o plano individual ou para desenvolver com os utentes. Nessas reuniões, depois se achar por bem, posso fazer reuniões mais alargadas, com as auxiliares ou com o restante pessoal, de assuntos que tenham a ver com o trabalho diretamente ligado com os clientes com deficiência intelectual. Portanto, no CAO, trabalho mais técnico será esse, com os utentes. Acompanhamento psicológico também...em situações em que às vezes nós vemos que os utentes estão a passar por momentos mais complicados, ou por crises mais agudas que tenham a ver com saúde ou com algum episódio que se passe na vida deles, também faço acompanhamento psicológico. Penso que, basicamente, em termos de psicologia será essa parte. Manter abertos espaços de reflexão. Às vezes, não tenho que fazer reuniões sistemáticas sempre com utentes...mas também promover essas reuniões com os clientes para falarem sobre eles. Ou em termos individuais ou então em termos coletivos. Quando? Quando faço reuniões para desenvolver competências de autodeterminação ou então reuniões para trabalhar alguns temas específicos que eu ache...eu ou a equipa técnica...ou maioritariamente os clientes quando acham que têm lacunas em determinadas áreas...ou quando me pedem para falar sobre um tema, nós falamos. Por exemplo, ou sobre autodeterminação, ou sobre direitos, ou sobre a qualidade de vida. Portanto, ainda posso fazer reuniões mais alargadas. Ou as faço sozinha com os clientes ou então peço nalgumas reuniões para estar a assistente social ou então a técnica de reabilitação também.... Depois, na Formação Profissional, para além da avaliação, admissão dos possíveis candidatos a formação, faço encaminhamento destes candidatos para o Centro de Recursos da nossa área de residência, para os validarem ou não. Faço todo o processo de admissão, que é um processo um bocadinho burocrático também em termos de papelada, não é? Apresento os formandos e enquadro os formandos no Centro, explico-lhes as regras básicas de funcionamento também do Centro...Depois, ao longo do tempo, tenho que articular com a formadora em termos de dossiers técnico-pedagógicos, para ter tudo em ordem...os sumários, as horas de formação...e, enquanto coordenadora da Formação, tenho que fazer as execuções físicas...o que é isso: é de dois em dois meses temos que colocar as horas numa plataforma específica para o efeito....Também aqui, no CAO e na Formação, poderá haver a necessidade às vezes de acompanharmos a consultas específicas. Eu e a assistente social dividimos às vezes, entre os utentes, quem é que vai acompanhar determinadas consultas médicas, tanto de formandos, como de clientes de CAO, que têm dificuldades intelectuais. Às vezes, depende da problemática que é apresentada, depende do grau de relação que nós temos com o cliente

e com as famílias, pronto. Para além disso, não tanto com a Formação Profissional, mais com o CAO...voltando um bocadinho atrás...também costumo promover reuniões com famílias...ou quando temos informações para dar, ou quando vemos disso, para trabalhar algum assunto específico dos clientes...mas, pelo menos, duas a três por ano, fazemos sempre. Reuniões com famílias, para debate de informações gerais, questões mais particulares dos utentes. Podem ser feitas três reuniões com famílias em grupo, em grande grupo...em que agora as famílias o que pretendem é criar um grupo de apoio entre elas, em que sejam mediadas por mim, para falar sobre vários assuntos da vivência de ser mãe ou um pai ou um familiar de uma pessoa com dificuldades intelectuais...Ou então podem ser feitas também reuniões individuais com as famílias, para tratar de assuntos específicos ou para fazer os planos individuais, nos casos em que as famílias tenham que participar ou que os utentes queiram ver os seus familiares envolvidos. Penso que é basicamente este o trabalho, sim. Não me estou a esquecer de nada [risos]”

I: Se tivesse que eleger os principais desafios nesta área, o que é que diria?

APPACDM-2: “É engraçado...nesta área, é uma área que, às vezes, parece mais complicada de se trabalhar à partida...mas, quando começamos a interagir com a população, e se tivermos a mente aberta, e se nos focarmos naquilo que os clientes nos dizem e nos transmitem...pode ser por palavras ou não só...às vezes, é mais fácil. Eu acho que o desafio aqui é mesmo esse: é nós libertarmo-nos de preconceitos, é libertarmo-nos de ideias pré-concebidas e...não é colocarmo-nos no lugar do outro, é ouvir o que o outro tem para dizer. Porque...se eu tiver vinte anos de experiência, eu acho que há coisas que eu nunca vou conseguir antecipar o que é que o outro está a pensar ou o que é que o outro quer, portanto aí o que eu costumo fazer é...e já tive algumas surpresas...porque achei que o cliente estaria a reagir de uma determinada forma por uma questão e não era. Aí é mesmo ouvir...se nós não percebermos, clarificar o que é que eles nos está a querer dizer. Às vezes, isto é um desafio nos clientes com dificuldades intelectuais que não têm oralidade...e esse desafio aí é mais engraçado, porque temos que chegar a eles de outra forma, ou perceber através das atitudes ou perceber através dos colegas deles, que os conhecem bem porque estão todos os dias. O que é que eles quererão dizer. Ou então arranjarmos formas alternativas de comunicar e de eles nos fazerem transmitir essas ideias...ou através de imagens, de gravuras ou através de uma música, de um sentimento, perceber o que é que eles nos dizem. Portanto, eu acho que o maior desafio é este. E outro dos desafios associados é nós, enquanto técnicos, nos despojarmos dessas competências técnicas, acharmos que nós sabemos as coisas por eles...o que é que é melhor para eles ou o que é que eles querem. Pronto, nem sempre isso é fácil. Mas...é tirar esses conhecimentos técnicos de lado e é fazermos uma relação horizontal com os nossos utentes...

É: nós estamos aqui para ajudar, entre aspas...para apoiar naquilo que eles precisarem e que acharem que é necessário, mas nunca nos sobrepondo com a nossa opinião. Também concordo, a par disto, que nós não devemos ser completamente passivos nas coisas, não é? Uma coisa é aceitar a opinião e outra coisa é...que a nossa chefe nos diz muito: “Nós só escolhemos aquilo que nós conhecemos”. Acho que outro dos nossos desafios é, para além de ouvir o cliente...proporcionar-lhes experiências em que eles...tenham experiências dentro e fora do Centro, dentro e fora da sua família, que não têm normalmente...Porque senão, se eles não conhecerem o que é que há para além das fronteiras da sua casa ou do seu centro...ou através de visitas de estudo, ou através de atividades com outras instituições...pronto, aí as metodologias podem ser várias, mas nós temos essa obrigação de lhes mostrar outros quadros, outras realidades. Para ver se eles gostam, se eles não gostam, se concordam, se não concordam...E o que é engraçado é que eles vão experimentando e, à medida que vão experimentando, alguns fazem as escolhas de acordo com aquilo que eles experimentaram e que gostaram. E também lhes abre aí mais portas para que, no futuro, possam estar mais abertos a outras experiências que também nunca tiveram. Portanto, acho que são desafios interessantes, que às vezes não são muito fáceis, mas que podem ser...às vezes até podemos achar: “Ai, então isto é tão simples de chegar lá!”. Não é. Ou então é simples porque...nós temos que ter uma relação genuína com eles e temos que estar preparados para ter essa relação genuína.”

I: Sim. Passando aqui à parte da fruição cultural, mais em geral, qual é que lhe parece ser o papel que a vivência de experiências culturais tem na vida das pessoas em geral?

APPACDM-2: “É assim: na vida das pessoas em geral...eu acho que...a parte cultural é interessante porque...a cultura ou arte para as pessoas no geral, acho que...depende de cada um. E eu...depende da vivência de cada um, o que é que cada um sente. Quando nós vamos a um espetáculo de teatro, de música, a um museu ou a qualquer manifestação cultural ou musical...cada um de nós...sai de lá com uma vivência diferente e com uma interpretação diferente do que está a ver. Portanto, eu acho que isso é muito importante para quê? Para mexer... Como é uma coisa muito privada e muito individual...acho que é interessante para mexer...ou com os nossos conhecimentos, com aquilo que nós já temos, com as nossas sensações, com as nossas emoções e leva-nos a pensar o mundo depois também de outra forma. E o que é giro é que não é nada imposto, portanto cada um tem a sua experiência própria e...não temos que andar aqui a...a gostar todos, por exemplo, de música clássica, a gostar todos de uma peça de teatro mais...daquelas mais antigas...portanto, mais formais. O que eu acho mais interessante é isso: nós explorarmos as nossas emoções, os nossos sentimentos, o que é que nós a assistirmos à manifestação cultural...o que é que aquilo nos

traz de novo à nossa vida. Se traz tranquilidade, se traz alegria, se traz bem-estar, se traz conhecimento...mais conhecimento. Se é uma forma metafórica de nós vermos a nossa vida e o nosso quotidiano. Portanto, acho que de uma maneira geral é isso.”

I: Sim. E será que esse papel da experiência cultural é diferente no caso das pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

APPACDM-2: “Eu penso que não, porque é assim...Não, porque a pessoa com dificuldade intelectual é uma pessoa, ponto final. Não é? Todos nós temos áreas em que somos muito bons, temos áreas em que temos mais limitações, temos área em que já nascemos dotados para fazermos certas coisas e noutras áreas não. E temos uma certa funcionalidade no nosso dia-a-dia, portanto a pessoa com dificuldade intelectual também tem. Tem dificuldade intelectual, mas também tem áreas muito boas. Pode ser um excelente pintor, pode ser um excelente comunicador, pode ser um excelente observador daquilo que nos rodeia. Aliás, há muitas pessoas com dificuldades intelectuais...eu acho que a maior parte da nossa população é assim...que...pode não ter um nível cognitivo muito elevado, mas, através da relação, percebe perfeitamente quando é que estão a ser enganadas, quem é que gosta delas e quem é que não gosta. Portanto, a pessoa com dificuldade intelectual é uma pessoa e ponto final. Com todas as suas grandiosidades e com todas as suas limitações. Aqui, especificamente em Arganil...que é a realidade que estou mais próxima...as nossas famílias, de modo geral, são famílias que têm um nível socioeconómico um bocadinho baixo e que têm condições socioculturais um bocadinho limitadas, mas isso não implica que os nossos clientes não estejam curiosos...e não queiram absorver tudo o que se passa à volta. Portanto, aqui a vivência por eles é tida como a vivência que nós temos. Quando nós lhes proporcionamos essa possibilidade de irem ver uma exposição, um concerto, um teatro...eles vão com curiosidade, vão com os sentidos alerta, veem o que é que se passou...alguma coisa lá fica, como alguma coisa nos fica a nós, não é? Há espetáculos que nos dizem mais, há espetáculos que nos dizem menos, mas penso que as vivências são completamente iguais. Podem não ser iguais numa parte, que se calhar vamos falar sobre isso, que é...nem todos os clientes com dificuldade intelectual às vezes têm outro tipo de dificuldades associadas...e podem não compreender, na sua totalidade, o espetáculo que vão ver, mas isso depois depende de nós ou da entidade que está a promover o espetáculo, a acessibilidade para essa pessoa.”

I: Partindo dessa ideia, se comparar o público com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais com outros públicos, quer tenham ou não deficiência...outros tipos de deficiência, considera que existem diferenças na forma como desfrutam de uma visita a um espaço cultural?

APPACDM-2: “Ainda poderão ter, sim...poderão haver diferenças ao desfrutar. Por exemplo, uma pessoa com...E estivemos numa formação há pouco tempo...algumas de nós na casa em que isso era dito. Se calhar, é mais fácil para nós percebermos quais são as limitações de uma pessoa invisual ou de uma pessoa com uma deficiência física porque...basta colocarmo-nos numa cadeira e não nos podermos mexer e vermos a limitação que isso causa...ou numa pessoa invisual colocar uma venda e perceber que a pessoa não...o que é que nós não conseguimos ver. Numa pessoa com limitações intelectuais, às vezes é muito mais difícil nós percebermos o que é que a pessoa está a entender ou não daquilo que se passa à sua volta. Pronto, isso poderá ser uma limitação. E uma formadora disse...deu um exemplo que me ficou para sempre na cabeça, que é assim: eu não percebo nada de alemão...se eu estiver num sítio onde só se fala alemão, se calhar é uma experiência idêntica ao que se passa com os nossos clientes com dificuldade intelectual que é...não perceberem o que é que se está a falar à sua volta. Não percebem o que é dito, não percebem o que é que é pretendido, não sabem orientar-se naquele espaço e não sabem o que é que é para fazer com as informações que estão sempre a receber. Pronto, possivelmente aqui essa vivência pode ser diferente para a pessoa com deficiência intelectual, comparativamente a outras populações. Porque, por exemplo, nós vemos que agora já há aqueles audioguias, não é, nas exposições, para serem adaptados para outras populações e para a população com deficiência intelectual ainda não existem tantas adaptações assim, de forma a que as pessoas desfrutem completamente da experiência.”

I: Sim, ok, obrigada. No contexto da APPACDM de Coimbra, existem dinâmicas ou projetos que tenham o objetivo de promover o acesso das pessoas com dificuldades intelectuais aos espaços culturais?

APPACDM-2: “Sim, nós temos tido conhecimento, sim, do projeto que se desenvolve mais especificamente no Centro de São Silvestre, mas que também já foi um pouco disseminado para os outros centros. No Centro de Arganil, temos uma terapeuta da fala, também, que ajuda nessa parte. Um dos projetos é...agora não me lembro do nome dele [risos]...mas pronto, basicamente, que projetos são estes? Sem dizer o nome deles...são uns projetos das histórias sociais, em que há dois volumes, em que nos mostram situações do quotidiano que, normalmente, as pessoas com dificuldades intelectuais têm dificuldade. Por exemplo, numa situação social de como interromper uma conversa, de como dizer que não a um amigo... Portanto, e esse livros com as histórias sociais são muito bons, porque têm a descrição dessa história com linguagem corrente e com linguagem acessível...e também com algumas sugestões sobre como abordar o tema. Portanto, isso tem sido muito interessante no trabalho com os nossos utentes...começou a ser feito primeiro em São Silvestre e agora já foi

disseminado por todos os CAO's da casa. E é muito importante porque, a partir daí, podemos trabalhar questões muito funcionais do dia-a-dia dos clientes, portanto isso é uma ajuda muito importante...Essa parte das regras sociais não se restringe...o trabalho na APPACDM não se tem restringido a abrir o livro, trabalhar aquela história e ponto final. Por exemplo, já aconteceu nós termos eventos em Arganil, em que...por exemplo, as Jogolíadas, que são jogos adaptados para pessoas com dificuldades intelectuais...e a terapeuta da fala o que fez foi adaptar todos os jogos, para linguagem mais acessível...as instruções dos jogos também com essa linguagem... mesmo o mapa da deslocação e da localização dos jogos também foi feito nessa linguagem. E sempre que, às vezes, existe algum espetáculo ou alguma atividade que seja promovida por nós na comunidade, também usamos essa metodologia de trabalho nesses locais, para as pessoas saberem onde se dirigem, o que é que vão ver, portanto, isso foi muito interessante. Depois o projeto, que agora já me lembrei, que é o Cultura para nós, penso eu [risos]...mas o que interessa é o objetivo e é o conhecimento do projeto...isso acho que conheço...É ir-se visitar certos espaços, como o Jardim Botânico, como o Museu Machado de Castro...e o Exploratório...e essas visitas serem feitas com utentes nossos com dificuldades intelectuais, mas serem feitas com um guião, de forma...e com acompanhamento por parte dos profissionais desses locais...e com alguém da APP...mas aí o objetivo geral é fazerem as visitas a esses locais, perceberem o que é que lá estão a fazer, perceber-se o que é que sentiram nessas visitas...e depois, ao mesmo tempo, esses profissionais, por exemplo, do Museu Machado de Castro, ter um guião acessível para outras pessoas com deficiência que não os nossos...que lá vão e que consigam...fazer uma visita e perceber o que é que se passa nesse museu em particular...Portanto, eu acho que isso são projetos...acho que são muito interessantes para...promover essa vivência da nossa população no exterior.”

I: Sim. Especificamente no Centro de Arganil, costumam fazer algumas saídas aos espaços culturais ali da comunidade?

APPACDM-2: “Sim, nós em Arganil, é assim: a nossa filosofia de trabalho, assim como na APP no geral, é que as pessoas tenham...os nossos clientes tenham as vivências o mais normalizantes possível. Como disse há pouco tempo, eles são uma pessoa, assim como eu sou. Então, tudo o que nós fazemos...nós somos todos adultos...o que é que os adultos fazem nesta fase da vida?...ou trabalhamos, ou temos algumas formações também, não? Ou então andamos a estudar ainda. E o que é que nós fazemos? É assim: nos nossos tempos livres, vamos ao teatro, vamos ao cinema, vamos à piscina, vamos ver exposições...E os nossos clientes de lá não são diferentes por isso. Portanto, como é uma comunidade pequena e muito hospitaleira, nós somos convidados para muita coisa...e mesmo quando não somos convidados, assim que sabemos, vamos. Portanto, temos lá um espaço que é um espaço

multiusos que é a Cerâmica Arganilense que recebe muitas exposições...faz a feira do livro...recebe exposições às vezes do Exploratório também...para alunos da secundária...e aí nós tentamos adaptar mais a faixa etária para os nossos... Costumamos também...na cerâmica há projeção de filmes, cinema. Eles costumam ir ver. Portanto, vamos lá ao cinema ver espetáculos. Quando há algum espetáculo de teatro, ou de dança ou de música, eles costumam ir ver. Na nossa última colónia de férias, foram ver concertos de música e gostaram muito e diziam...o nosso XXX [referência a nome próprio de cliente de CAO], que é muito conhecido, dizia: “Isto é mesmo um concerto” [risos]...portanto, percebeu que estava em contexto real e que não estava num concerto lá da APP, só lá dentro. Também já fomos convidados para ir a bares à noite. Portanto, vamos aos bares, assistimos ao DJ ou a algum espetáculo que esteja a haver na altura. Portanto, é assim, apesar de...é diferente de uma cidade. Arganil é uma vila, tem menos oferta cultural, mas a oferta cultural que vai tendo...tem feiras medievais, feira do livro, espetáculos que eu já falei...eles costumam participar nisso tudo, sim.”

I: E como é que acha que participam? Como é que é o usufruto dessas experiências?

APPACDM-2: “Como é que eles participam? Mais uma vez, é assim...eles vão com curiosidade. Sim [risos]. Normalmente, nós fazemos alguma conversa com eles, do género: o que é que nós vamos ver, para introduzirmos o tema, para eles pensarem um bocadinho sobre aquilo que irão ver a seguir...para lhe abrir ali um bocadinho a experiência. Depois, vão ver a experiência e aqui por vezes o que é que falha? Falha a tal acessibilidade a pessoas com dificuldades intelectuais. Por vezes...nós, por acaso, não temos nenhum utente invisual, mas daqueles que têm dificuldade intelectual por vezes os mais...os nossos utentes mais autónomos até costumam ajudar um bocadinho os colegas com mais dificuldades e vão explicando um pouco o que é que se está a passar durante, por exemplo, a peça de teatro. Por exemplo, no espetáculo da nossa gala, isso aconteceu, quando vimos o espetáculo da gala, alguns utentes iam dizendo: “Olha, aquela personagem é tal, aquele...”. Pronto, vão explicando ao colega o que é que se está a passar... Acho que aproveitam em termos de luz, som, sensações...aproveitam isso. No final do espetáculo...ou da visita...que nós façamos, costumamos sempre perguntar: “Então, o que é que vos ficou disto? O que é que vocês sentiram com isso?”. Pronto e trabalha-se isso em grupo. Achamos que é engraçado trabalhar essa parte em grupo porque o que um sente pode não ser o que o outro sente e assim vão partilhando experiências e vão alargando ali o leque das interpretações e dos sentimentos e da experiência. Mas, possivelmente, de forma geral, faltará aqui mais alguma adaptação para as pessoas com dificuldades intelectuais poderem aproveitar mais da situação cultural, poderem usufruir ainda mais, sim.”

I: Pegando nessa ideia, também, na sua opinião, qual é a necessidade de mudança na forma como os espaços culturais recebem habitualmente estas pessoas? Uma vez que já disse que era necessário mudar alguma coisa...O quê?

APPACDM-2: “Sim...penso que sim, que seria...o trabalho que já foi iniciado em Coimbra, em São Silvestre e com a parceria com o Museu Machado de Castro e o Botânico e...o Exploratório, acho que era dar continuidade a esses projetos, aumentando ainda mais, maximizando esses projetos nos locais de oferta cultural, de um modo geral. Portanto, as pessoas perceberem quais são as dificuldades que a pessoa com dificuldade intelectual chega ao local e...elas perceberem quais são as principais dificuldades. É assim: saber que a maior parte delas não lê legendas, saber que não percebe alguns termos mais técnicos, saber se calhar o que é que essa população...o que é que a nossa população com dificuldades intelectuais...como é que aprende melhor, como é que consegue usufruir melhor da informação que lhe é dada. Se é através de imagens, se é através de esquemas, se é através de uma explicação oral da situação...Acho que esses espaços culturais precisam de tudo isto, não precisam só de audioguias, porque um audioguia...um dos nossos clientes pode colocar o audioguia e não perceber os termos, não perceber como é que o que estão a ouvir se relaciona ou não com aquilo que estão a ver...basicamente isto...perceberem quais são as necessidades dos nossos clientes, perceberem as dificuldades que eles possam ter e depois ir ao encontro um bocadinho...arranjar aqui formas de apoios ou de facilitadores, para que eles percebem melhor a situação que estão a viver.”

I: Sim. Nesse sentido, pensando até nos facilitadores, talvez, quais é que acha que são os contributos que podem ser dados pelos profissionais da APPACDM de Coimbra, no sentido de melhorar a forma como as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvidas acedem e usufruem dos espaços culturais? Qual o contributo da APPACDM-2 ou de outros técnicos das instituições de apoio?

APPACDM-2: “Aqui, os contributos mais técnicos...pode ser, por exemplo, darmos estratégias ou dizermos que estratégias é que funcionam mais facilmente com os nossos clientes.”

I: Aos profissionais dos espaços, é isso?

APPACDM-2: Sim, por exemplo, os terapeutas da fala, os terapeutas da reabilitação...falar um bocadinho nas linguagens que usam mais... Aqui não sei muito bem a terminologia, peço desculpa. A linguagem não é aumentativa ou então é aumentativa que dizem...Pronto, utilizar linguagem aumentativa em certos casos, por exemplo, para trabalhar com os clientes...Por exemplo, ou então fazerem visitas com grupos mais pequenos e com grupos mais homogêneos...de clientes que percebam as coisas de determinada maneira...e pôr linguagem simples e explicando o que é que está a acontecer...Usando mais a imagem...mais com

eles...gravuras...mais conceitos que eles dominem no dia a dia e não tanto coisas mais metafísicas. Não é metafísicas...coisas mais abstratas, com eles não deverá funcionar tão bem. Pronto, mas dar assim exemplos mais concretos...ou criar esses materiais, como eu acho que foi criado para o Museu Machado de Castro, tipo um guia com uso dessa linguagem mais aumentativa para esse tipo de clientes.”

I: Sim. E o papel dos técnicos na preparação seria o apoio nessa construção dos guiões?

APPACDM-2: Sim, sim. Parece-me que sim. Sim porquê? Porque dominam se calhar uma série de programas informáticos onde se pode ir buscar alguns símbolos, não é? Que deem para construir...porque se calhar dominam uma linguagem que talvez seja mais universal porque não me parece correto também andarmos aqui a usar diferentes linguagens. Se calhar, a criação de uma linguagem, pelos técnicos de reabilitação e pelos terapeutas da fala, mais universal e que se usem sempre os mesmos símbolos e seja dada formação dessa simbologia...eu penso que seria mais facilitador.”

I: Sim. E na própria visita? Durante a visita, tem alguma sugestão?

APPACDM-2: “Sim, eu penso que, durante a própria visita...é assim: nem sempre...O que é que eu costumo dizer às vezes aos nossos clientes de CAO? É assim: “Vocês vão connosco ver...uma exposição, ver um teatro, ver... Mas isso às vezes não é a verdadeira inclusão. Porque vocês vão connosco enquanto clientes de CAO e, enquanto clientes de CAO, vão um bocadinho protegidos numa redoma, não é?”. O que é que nós temos que fazer? Temos que fazer com que os técnicos da APP, em trabalho conjunto com os técnicos dessas instituições, também estejam sensíveis para, no caso de nós não irmos em grupo visitar os locais...que isso, em termos de...do nosso trabalho no futuro...o que nós vamos promover sempre é a autonomia deles o máximo possível. É que apareça...os nossos utentes ou utentes de outras instituições ou outras pessoas com deficiência intelectual...que apareçam e que sejam acompanhados durante a visita, sem estarem sempre técnicos da APP. Porque o que é que nós costumamos fazer como técnicos da APP? Vamos sempre perguntando e devolvendo. O que é que estão a perceber? Vamos enfatizando algumas ideias que às vezes o guia diz...mas isso não pode acontecer ou não deveria acontecer normalmente. O que devia acontecer era que os próprios guias dos museus, dos teatros...fossem eles próprios a fazer isso, durante a visita. Fossem acompanhando os clientes, fossem perguntando o que é que eles estão a perceber, fossem devolvendo o que é que os clientes lhes estão a dizer, quando isso é possível...e fazerem um pouco esse acompanhamento durante as visitas e não ser necessário sempre técnicos da APP, porque isso aí realmente não é uma verdadeira inclusão.”

I: Sim. A APPACDM-2 já me respondeu a algumas coisas dentro da próxima pergunta, mas eu vou fazer a pergunta na mesma, para o caso de achar que ainda pode dar algum contributo. O

que considera necessário ter em conta numa visita cultural dirigida a pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvidas?

APPACDM-2: “Hum-hum. O que é que é preciso ter em consideração? Eu acho que...é assim, há muita variabilidade entre a nossa população...e, como há muita variabilidade, aí não sei se está a falar em visitas grupais ou individuais.”

I: Posso estar a falar nas duas, sim.

APPACDM-2: “Podem ser as duas. Nas duas, pronto. Eu acho que...o que é que se deve ter em conta? Se for uma visita grupal, termos aqui alguma homogeneidade no grupo que vai visitar, dentro das dificuldades intelectuais. Depois, o que é que se tem que ter em conta...os principais canais em que aquela pessoa aprende... Nós temos vários utentes e é assim... Há utentes que nós temos, por exemplo, o XXX ou o XXX [duas referências a nomes próprios de clientes de CAO], que eu tenho em Arganil...absorvem muito pelo ouvido. Portanto, tudo o que eles ouvem, para eles fica na cabeça porque depois não sabem ler e escrever... Portanto, para eles é mais fácil por esses canais. Por outros, tipo o nosso XXX [referência a nome próprio de cliente de CAO]...sempre que vê alguma imagem...pronto, para ele as imagens são muito importantes e ele retém muita informação através da imagem. Portanto, saber minimamente quais são os principais canais de comunicação daquelas pessoas, os principais canais de aprendizagem daquelas pessoas, como é que eles preferem comunicar...como é que é mais fácil para eles absorver as coisas...Penso que isso aí poderá ser um dado importante. Outro poderá ser...agora, escapou-se-me. [risos] Eu lembrava-me antes do início deste. [pausa mais prolongada] Aqui é sempre termos também uma postura ativa, de escuta ativa, de ir perguntando...Às vezes, também haver aqui alguma flexibilidade...do género, no museu há ali várias salas para ver, mas também ver como é que os utentes estão a sentir e, de acordo com aquilo que eles estiverem a sentir e a dizer, também reconduzir um bocadinho a visita guiada para isso. Pronto, para a vivência deles, o que é que poderá ser importante para essa parte. Eu sei que tinha aqui mais qualquer coisa [risos] que me estou a esquecer. Mas pode ser que eu já lá chegue.”

I: Sim.

APPACDM-2: “Esqueci-me mesmo agora. E era importante [risos] [pausa prolongada]. Às vezes, na aprendizagem no geral, e aqui a visita guiada também poderá ser uma aprendizagem, também uma estratégia poderá ser perguntar aos clientes se já fizeram uma coisa parecida antes...se já tinham visto, por exemplo, aquela exposição antes...ou uma exposição idêntica, para ver aqui aprendizagens prévias...se aquilo é...pronto, se é completamente novo para eles, se não é, ir questionando. Acho que o facto de os ir questionando também será uma possibilidade.”

I: Sim. Eu queria depois dizer-lhe que a entrevista tem outras perguntas que serão realizadas depois do contexto das visitas e não agora. Queria perguntar se há assim mais algum aspeto que, para já, gostaria de referir relativamente a esta temática, que eu não tenha perguntado.

APPACDM-2: “Acho que...todas estas questões são muito importantes. E, se isto for desenvolvido em termos futuros...para que sejam desenvolvidas estratégias, metodologias...para que os nossos utentes consigam usufruir mais dessas experiências, acho que é muito bom. Acho que é uma lacuna que existe hoje em dia, que é...acho que a maior parte das pessoas, se calhar, nem pensa muito nisto...nem pensa que a pessoa que está ao lado e que tem dificuldade intelectual não usufrui plenamente das coisas e que tem esse direito de usufruir. E esse direito está a ser negado e nós, às vezes, negamos esses direitos sem termos consciência disso, portanto eu acho que...este estudo ou estas questões têm muito a ver com...são muito importantes porque, de certa forma, vão aqui mexer, vão ajudar a pensar e vão ajudar a fazer alguma coisa para que isto seja revertido e para que o trabalho da APP e não só...com estas pessoas com dificuldade intelectual...seja um trabalho mais sério e que seja um trabalho que lhes proporcione uma maior participação...que eles neste momento...uma maior participação, uma inclusão que eles vivam as experiências culturais, portanto, estamos a falar da parte da arte e da cultura...que vivam a cultura e a arte de uma forma mais plena. Eu acho que isso realmente é muito importante e...acho que é uma questão muito pertinente nos dias de hoje...e eu sei que eles já usufruem de algumas coisas, já usufruem, mas, assim como eu, às vezes...uma coisa que eu digo é: eu gosto muito de pessoas que me façam pensar fora da caixa e que, às vezes, me digam alguma coisa que seja completamente diferente e que eu nunca tinha pensado, porque isso depois abre-me portas para eu começar a ver as coisas e a viver as experiências de uma forma diferente e, se calhar, mais plena, não é? E acho que os nossos clientes também precisam disso. Precisam dessas metodologias, precisam desse pensamento e dessa filosofia para conseguirem atingir a sua plenitude nesta participação.”

I: Ok, muito obrigada, pela sua participação, pela colaboração no estudo. Muito obrigada.

APPACDM-2: “Obrigada eu”.

2ª parte

I: Tendo por base a visita de hoje [Museu Nacional de Machado de Castro], como é que considera que as pessoas com DID desfrutaram desta visita?

APPACDM-2: “Olhe, fiquei agradavelmente surpreendida porque nós tínhamos feito um exercício prévio com eles...de explicar um pouco o que é que iam ver, para eles ficarem mais situados no tempo e no espaço e perceberem o que é que iam ver e dirigir a atenção para a visita. E fiquei agradavelmente surpreendida porque muitos deles ainda se lembravam o que tinham analisado antes, estiveram muito atentos aos pormenores...foram pacientes...foram

muito pacientes...mesmo quando não se percebia em termos de audição ou de imagem...acho que tiveram a paciência suficiente e a calma para esperar e para corresponder. Estavam preocupados em corresponder e estavam sempre muito curiosos. Sempre que a guia tentava dizer-lhes que ia contar um segredo ou fazer uma revelação, isso ainda prendia mais a atenção...e estavam com a atenção ativa e seletiva ao que estavam a ver. Disseram informações prévias que já sabiam...conseguiram memorizar outras durante a visita...e deram prova disso...que tinham percebido ali informações diferentes que não tinham previamente...e conseguiam lembrar-se uns aos outros o que é que estavam a ver, o que é que se tinha passado. Achei muito interessante.”

I: Ok. Considerando esta visita e este espaço em particular [Museu Machado de Castro], tem alguma sugestão de melhoria relativamente à forma como o museu promove a fruição cultural das pessoas com dificuldades intelectuais?

APPACDM-2: “A forma como nos abordaram também acho que foi uma agradável surpresa. Acho que as próprias pessoas que nos estiveram a apresentar tiveram a preocupação de os conhecer, tiveram a preocupação genuína de interagir com eles...e pedir a opinião deles, pedir a participação...acho que conseguiram...tiveram também o cuidado de pegar nas palavras que os utentes iam dizendo para avançarem na apresentação...Gostei dessa parte, acho que aí eles se sentiram valorizados...sentiram-se ouvidos, sentiram-se parte integrante do processo...aí o que é que poderiam ter feito mais? Deixe-me cá pensar...colocaram questões, também, para ver se tinham percebido, fizeram algum suspense, para cativar a atenção...mais coisas...também procuraram usar muito a imagem...e falar sobre a imagem, sobre esse suporte visual...tiveram um discurso muito claro...penso que, sinceramente, não me lembro de mais nada agora [risos]”.

I: Ok. Fazendo um balanço da visita, em alguns pontos que eu lhe vou dizer...Quais foram as necessidades que identificou ao longo da visita, relativamente às pessoas que apoia?

APPACDM-2: “As necessidades...é assim...eles precisavam que lhes fosse explicado claramente e objetivamente o que é que iam ver. Eu penso que essa parte foi bem conseguida. Às vezes, precisavam, quando a pergunta era um bocadinho mais extensa, do outro lado, precisavam um pouco de ser lembrados daquilo que tinha sido dito. Precisavam de ser reenquadrados no tema, precisava que repetissem as perguntas...ou então que reformulassem a pergunta de uma forma mais simples. Portanto, eu lembro-me de um caso específico, em que não estavam a perceber muito bem...como é que olhando para a figura de Jesus percebiam que ele estava morto. Então aí precisaram de mais esclarecimentos adicionais, não muitos, para perceber o que é que tinham que responder e ver. Eu acho que eles precisam sempre o feedback da outra parte. Quando veem alguma coisa, quando fazem questões ou comentários, também gostam

de perceber da outra parte se aquilo que eles disseram se vai de encontro à realidade, se não vai...portanto, eles precisam sempre do feedback dos outros para validar o que é que estão a sentir. E, mesmo que esse feedback seja contrário àquilo que eles disseram, acho que eles não se importam e que percebem melhor a situação e que precisam desses esclarecimentos adicionais.”

I: Sim. E a forma como eles desfrutaram da visita?

APPACDM-2: “Eu acho que sinceramente é assim...eu acho que desfrutaram plenamente. Acho que...tiveram uma atitude de interesse, curiosidade de ver...estiveram sempre com uma escuta muito atenta. Acho que tiveram prazer naquilo que fizeram...porque, ao longo da visita, para além de estarem a gostar de saber mais, estavam a gostar do feedback que estavam a ter, estavam a gostar de mostrar que estavam interessados e que estavam a perceber a visita...e penso que entenderam, sinceramente, entenderam a obra, entenderam o que lá estava e alguns fizeram algumas considerações adicionais, para além do que tinham visto. Também, quando se vê uma obra de arte, isso também tem cabimento, portanto...eles explicarem o que é que sentem...portanto, eu acho que acabaram por estar a aproveitar ao máximo, mesmo na parte final, em que fizeram mimetização, todos eles estavam orgulhosos por saber os posicionamentos, estavam orgulhosos por tentar fazer aquilo que tinham visto, por imitar o que tinham visto, portanto, acho que desfrutaram plenamente.”

I: Continuando o balanço, quais é que acha que foram as experiências mais significativas para as pessoas que estavam ali envolvidas na visita?

APPACDM-2: “...Acho que foi mesmo a vivência em si. Eles perceberem perfeitamente a descrição das coisas....do grupo escultórico que estavam a ver...eles ajudarem-se mutuamente. Quando um não percebia muito bem, o outro ajudava e dizia ou acrescentava informação ou lembrava um colega. Acho que eles se sentiam bem e sentiam-se úteis em dizer ao colega: “Olha, é isto assim ou lembra-te que é aquilo que tínhamos falado há pouco.” Portanto, sentiam-se bem eles próprios porque se lembravam do que estavam a ver e sentiam que estavam a perceber verdadeiramente o que estavam a ver. E, ao mesmo tempo, eles também se sentiam bem porque estavam a ajudar os colegas a entender. Funcionaram ali como um grupo...e sentiram-se valorizados naquilo que estavam a dizer...alguém estava com paciência com eles, alguém os estava a ouvir e estava a validar o que eles estavam a dizer. Eu acho que eles se sentiram também bem por isso.”

I: Ok, obrigada. O tempo da visita...acha que foi adequado? Não considerando tanto a parte inicial, em que não conseguíamos ouvir bem...

APPACDM-2: “Eu acho que foi...adequado, acho que foi muito equilibrado...Houve vários momentos na visita...a apresentação, que também é importante, para quebrar o gelo...para as

peessoas se conhecerem. Achei muito importante as pessoas tratarem-nos pelo nome, eles sentiam-se bem por isso, sentiam-se mais envolvidos por serem tratados pelo nome e sentirem que tinham tido essa preocupação. Depois, a seguir, começou uma parte um bocadinho mais prática, de exploração do conhecimento do museu por fora e depois a exploração dos materiais, que já implicou aí mais parte prática. Para eles também é importante para estarem concentrados. Depois, a própria descrição da obra, acho que também não foi muito extensa nem foi muito pormenorizada, de forma a que eles conseguissem manter a atenção e o interesse. Portanto, eu penso que correspondeu muito bem e o tempo foi o ideal, sim. E articularam com partes mais passivas, de exposição, de mostrar e depois partes mais participativas que também é importante, porque, quanto mais eles participarem, mais conseguem estar atentos e menos se dispersam.”

I: Ok. E a forma como eles acederam à informação?...Como a informação lhe foi transmitida...durante a visita.

APPACDM-2: “Na visita...a forma como a informação foi transmitida, não é?”

I: Sim, e a forma como eles acederam a ela.”

APPACDM-2: “Eu acho que também foi muito adequada. Mais uma vez, a parte de...visionar...portanto, a parte da imagem...como na maior parte deles é difícil ler e escrever...ou não têm essas competências... compensam um pouco essas competências com a exploração do meio pela audição ou pela...por ver...portanto, eu acho que foi muito importante a parte de usarem sempre a imagem, a parte de demonstrar...explicar, demonstrando e vendo...e mesmo depois explicando como é que se via no guia...penso que foi a mais adequada para este género de população, sim, para cativar a atenção.”

I: Quer acrescentar alguma coisa em relação ao atendimento que foi feito pelas pessoas do museu?

APPACDM-2: “Olhe, eu fiquei encantada [risos]. Acho que não é todos os dias que se vê esse cuidado e não é todos os dias que se vê...pronto, eu já disse algumas coisas antes, que é...a preocupação em saber o nome, em conhecer verdadeiramente e em chamar a pessoa pelo nome...em envolver as pessoas...houve sempre essa preocupação primária, em envolver os utentes na visita...Acho que...são pessoas que transmitem muita calma, muita tranquilidade, muita paciência...e que se mostram disponíveis para ouvir, ouvem verdadeiramente os utentes porque utilizaram expressões deles e frases e devolveram-nas aos utentes...acho que perceberam perfeitamente o grupo que tinham à frente e adequaram a visita a esse grupo. E foram fazendo a visita de acordo com as características dos utentes... aperceberam-se que era importante para eles participarem, então deixavam-nos participar e depois intervinham a seguir.”

I: Ou seja, souberam responder às necessidades que foram identificadas nas pessoas envolvidas?

APPACDM-2: “Sim, sim!”

I: Para finalizar, tem alguma sugestão de outros materiais ou estratégias que se pudessem implementar, além daquelas que foram utilizadas?

APPACDM-2: “É assim...se calhar, em termos futuros ou de continuidade mais da atividade. Porque é assim...os materiais que foram utilizados, tanto no visionamento, como na linguagem adequada, como o uso da imagem, como os próprios....adereços...posso chamar assim...para fazer a mimetização da peça...penso que os utentes perceberam logo...aqueles objetos para que é que era e identificaram-nos, portanto os objetos estão muito reais para a mimetização da peça. Acho que foram muito bem escolhidos. Em termos futuros, até se falou isso durante o visionamento, acho que seria interessante realmente passar-se para o passo seguinte...os nossos clientes irem ao museu, prepararem-se e...eles terem essa responsabilidade de dois ou três conseguirem apresentar o que viram a outros grupos de pessoas com deficiência ou com outro tipo de incapacidade. Porque aí também eles acabavam por se sentirem como elementos interventores e de sensibilização para os outros...e mostrar que é possível passar para a arte e entender a arte pelos olhos deles.”

I: Sim. Obrigada. Quer acrescentar alguma coisa, além do que eu lhe perguntei hoje?

APPACDM-2: “Sim, olhe, achei uma coisa interessante! Depois então da visita virtual, eu verifiquei que a visita virtual não se esgotou em si mesma....O que aconteceu naquela visita e essa experienciação dessa visita prolongou-se no tempo. E, a título ilustrativo disso, eu apanhei vários utentes, depois disto, a falar com os funcionários e com os colegas que não tinham participado nem assistido...e descreveram muito bem as várias etapas da visita e o que é que tinham feito e que personagens é que tinham assumido... e foi engraçado porque os próprios funcionários depois, conseguiram perceber perfeitamente o que é que se tinha passado durante a visita. E foi muito interessante ver utentes com algumas limitações, em termos de memória, em termos de concentração...e serem esses utentes a descrever muito entusiasticamente isto aos colegas e aos funcionários....e transmitiram isso de uma forma plenamente perceptível e achei isso muito interessante porque acabou por ficar na cabeça deles, acabou por se generalizar aos outros contextos e acredito que, quando forem para casa hoje, que as famílias vão ouvir aquilo com entusiasmo e, em próximos contactos com as famílias, que as famílias digam: “Ai, então, estiveram a fazer isto, aquilo?”. E que isso depois nos seja devolvido....É muito giro, como isto se prolonga no tempo, como é que fica na cabeça deles...e como é que eles vão depois pensar sobre isso... portanto, pensaram sobre a própria experiência e até vão ver de outra maneira. Pronto, achei isso muito interessante.”.

I: Sim. Obrigada!

3ª parte

I: Boa tarde!

APPACDM-2: “Boa tarde!”

I: Tendo por base as visitas realizadas no âmbito desta investigação, esta visita em concreto, de hoje [ao Convento São Francisco], como é que considera que as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvidas desfrutaram desta visita?

APPACDM-2: “Mais concretamente sobre a de hoje...”

I: A de hoje, ao Convento de São Francisco.

APPACDM-2: “Eu acho que desfrutaram bem, acho que perceberam o teor da visita, perceberam a exposição, sobre o que é que era, perceberam o que é que se podia fazer no espaço, assim de forma geral, do Convento, que elas não conhecem, e não conhecendo, acho que perceberam, por aquilo que lhes foi dito na visita, o que é que lá se fazia, qual a utilidade do Convento. E penso que... perceberam, quando não perceberam o que diziam, até pelas condições acústicas ou mais tecnológicas, pediam para repetir, as pessoas repetiram, portanto, acho que conseguiram perceber o que é que lá se passava.”

I: Há alguma sugestão de melhoria relativamente à forma como este espaço promove a fruição cultural das pessoas com dificuldades intelectuais?

APPACDM-2: “Nós aqui, posso estar a fazer uma comparação um bocadinho injusta, entre esta visita de hoje, que é visionar uma exposição, e entre a outra do Museu Machado de Castro. Eu acho que eles hoje tiveram menos participação, mas compreendo que seja pelo teor da... do que foram ver concretamente, que era uma exposição e será uma exposição que será mais tátil ou mais aproveitado se for no terreno. Mas, mesmo assim, acho que a pessoa, aqui neste caso a XXX [referência a nome próprio], acho que se esforçou no sentido de lhes explicar o que é que eles estavam a ver, foi perguntando o que é que eles estavam a ver, portanto, acho que, mesmo assim, que... que dentro do carácter da visita virtual que houve um esforço nesse sentido, para que eles percebessem e para participarem.”

I: O que é que acha que podia ser melhorado? Como é que a participação deles podia ser aumentada?

APPACDM-2: “Que fique bem claro que eu acho que, mesmo assim, a pessoa que estava a apresentar, a XXX [referência a nome próprio], se esforçou muito para explicar o que era, quando eles não percebiam, para repetir... acho que podia perder um bocadinho mais tempo... mais tempo, entre aspas, a perguntar-lhes alguma coisa e a esperar um pouco mais de respostas da parte deles. Acho que aqui, neste caso, acho que houve um exemplo ou dois que foi interessante durante a visita, em que ... ela perguntou o que é que eram as coisas que eles

estavam a ver e eles, de acordo com aquilo que conhecem em termos de região geográfica e em termos de cultura de folclore, eles disseram um nome do instrumento musical, que eu nunca tinha ouvido com aquele nome, sinceramente, sei que começa por t...”

I: É a tarola.

APPACDM-2: “Penso que isso é engraçado de ser explorado em visitas futuras, que é: cada pessoa que vai para uma visita, seja ela presencial ou virtual, todas as pessoas vão para um mundo muito próprio, e às vezes nas visitas nós só vemos a cultura de rama, a cultura visível, e não se vê a cultura mais enraizada e mais invisível. Eu acho que, em termos de futuro, as pessoas que trabalham nestas áreas podiam ainda explorar mais isto, porque isto, o exemplo da tarola de hoje, acho que é um exemplo da cultura invisível que estava a surgir. Porque depois cada pessoa que vai, enquanto usuário da exposição, vai realmente com esse background e vai com concepções da vida, vai com valores, vai com crenças, vai com sentido estético ou vai com uma cultura que nós não conhecemos. E, mesmo em termos religiosos, hoje também vieram ... ressaltaram aqui duas coisas, o nome desse instrumento musical, que é mais um nome de um instrumento de uma região, ... é mais de folclore, e saltou a parte religiosa, porque muitos deles ligaram àquela parte de ver lá uma igreja, que agora já não é igreja mas é usada para outra coisa. E veio essa parte da cultura invisível que eles têm, que carregam com eles, porque os valores deles têm a ver com a religião católica, tem a ver com a experiência deles na comunidade, vivenciarem a religião católica e tem a ver com as vivências deles enquanto folclore e enquanto coisas que eles vivem mais nas terras deles. Eu acho que isso, em termos de futuro, era engraçado explorar ainda mais. Do género “Então isso chama-se na tua terra? Como é que tu sabes isso? Sabes isso porquê? Participas nalgum grupo da comunidade?”. Isso seria engraçado, as pessoas estarem mais atentas a isso, isso já é uma meta... uma metarrepresentação de outras coisas no futuro, em termos de... em termos de cultura, portanto, será a cultura mais visível e a invisível. Se calhar não foi por acaso, que eles na exposição do Museu Machado de Castro, para eles o tema da morte não foi nada de mórbido, eles gostaram porque, se calhar, tem muito a ver com a religião católica e com a morte de Cristo e com os amigos de Cristo e com o que eles vivenciam na igreja, da amizade, a solidariedade. E a ideia de morte para eles numa ótica mais de religião se calhar não era assim tão má, viram aquilo como uma parte de Cristo nos salvar, pronto, e hoje, se calhar, também ligaram muito aos sinos da igreja, os valores, os sons, ligavam também mais a conteúdos religiosos, porque se calhar tem a ver mais com essa cultura mais latente que eles têm.”

I: Sim, sim. Vou-lhe pedir agora um balanço acerca desta visita, ao nível das necessidades que identificou, nas pessoas com DID, ao longo da visita.

APPACDM-2: “Para eles, era uma exposição realmente nova, era uma exposição que, se não fosse explicada, claramente, eles não perceberiam o que é que estavam a ver... porque não conseguiam experienciar. Acho que, se fosse experienciado lá, eles tocarem, tinham percebido. Eu acho que essas necessidades de explicar claramente, virtualmente o que é que se estava a passar, acho que foi muito importante e acho que...”

I: Acha que aconteceu?

APPACDM-2: “Acho que a XXX [referência a nome próprio] conseguiu chegar até lá e perceber. O facto de ela lá ter manipulado os instrumentos e ter dito “isto é assim, nós podemos andar em cima das caixas” ou “o que vocês estão a ver é”... ela explicou, realmente levou-os até ao local, foi os olhos deles, eu acho que ela foi os olhos deles à distância e também ia explicando os materiais, portanto, ia explicando a textura para eles imaginarem de que material era feito, eu acho que essa necessidade de ver, a necessidade de perceber claramente ... até houve uma ou duas utentes que disse “eu no início não estava a perceber, mas ela depois explicou melhor e eu percebi”. Eu acho que essas necessidades, realmente, foram... foi de encontro às necessidades deles, sim.”

I: E como é que eles usufruíram da visita?

APPACDM-2: “Acho que estiveram sempre muito atentos, estavam à espera sempre da parte que vinha a seguir, iam fazendo questões que queriam ver clarificadas também ... sempre que queriam participar, participavam. Portanto, isso mostrou interesse da parte deles em estar a usufruir da visita. Depois perguntaram se lá podiam ir, ficaram com aquela questão na cabeça de lá poder ir posteriormente. Portanto, o interesse foi despertado em conhecer o espaço e usufruíram dessa visita nesse sentido. Porque, é assim, enquanto estavam, foram questionando, foram perguntando mais do que aquilo que estavam a dizer e depois disso ainda ficaram com aquela, ficaram na cabeça com aquela curiosidade de ir ao espaço e de ver eles próprios o que é que se lá passava.”

I: O que é que acha que foi mais significativo para eles? Quais foram as experiências mais significativas?

APPACDM-2: “É assim, na visita de hoje, e nas outras, eu acho que é sempre... para eles o facto de conhecerem uma pessoa nova. Acho que isso é importante para eles, conhecerem essa pessoa, perceberem o que é que essa pessoa faz nos locais, no Museu ou no Convento ... e acho que é importante para eles serem respeitados no trato com essa pessoa, portanto, seja ela qual for e em que sítio for. Porque eles referem sempre isso: “Ah! Eu gostei da pessoa, a pessoa foi simpática comigo, a pessoa explicou bem.” Para eles, a ligação humana é importante, o sentirem-se ouvidos também é importante, para além de toda a curiosidade de o que é que estão a ver e o que é que está... pronto, eles sentirem que são ouvidos e que são

respeitados naquilo que perguntam e que pegam nas palavras deles e que as devolvem... portanto, eu acho que esse elemento humano e sentirem essa parte que é sempre importante para eles.”

I: O que é que tem a dizer sobre o tempo de duração da visita?

APPACDM-2: “Eu penso que dada... dada a visita específica de hoje, que era uma exposição, eu acho que foi... que o tempo foi, pronto, passou a voar, mas acho que foi o tempo correto. Se alongassem mais, naquele tipo de exposição, eu penso que seria demasiado. Ou eles depois teriam alguma tarefa para fazer deste lado... alguma tarefa ou ser perguntado mais coisas ao longo da exposição... ou então... ficaria tempo a mais e, se calhar, perderiam um pouco o interesse no espaço. Eles não podendo manipular, eles só vendo e respondendo às questões, eu acho que o tempo mesmo bom para isso e... certo para o limiar de concentração e de interesse da parte deles.”

I: O que é que tem a dizer sobre a forma como eles acederam à informação que lhes foi transmitida? E à forma como essa informação também foi transmitida?

APPACDM-2: “Aqui podemos falar de aceder à informação em dois ou três patamares. Portanto, nós temos sempre por hábito, por uma questão de respeito da pessoa e por uma questão da pessoa ir preparando o que é que vai ver, nós na véspera ou dois dias antes falamos sempre um bocadinho sobre o tema. E, neste caso, ao falarmos sobre o tema, para lhes despertar o interesse e para eles ficarem mais centrados sobre o que iriam ver, foi apresentado o site do Convento de São Francisco, portanto, eles visionaram o site que qualquer um de nós pode ver na net, e que, se calhar, em termos de futuro em vez de irem só pesquisar filmes ou ... músicas que eles gostam, se calhar vão começar a pesquisar outros temas na internet, e foi explorada a página do Convento e, na página do Convento, eles lá foram percebendo que salas é que existiam e o que é que estava patente e para que é que serviam os vários espaços. Depois, ao longo da visita virtual propriamente dita, acho que houve uma preocupação e a preocupação de mostrar um pouco do Convento por fora, explicar o que é que lá existia através da imagem e através das várias salas, acho que foi importante eles visionarem para perceber... para tudo o que eles tinham visto no computador, para ser mais concreto para eles e para perceberem o que é que iam ali fazer, e que o Convento não é só para as freiras e para os padres, mas que também pode ser usado para outras coisas. E esse acesso digital, que é uma metodologia que eles gostam cada vez mais, ver pela internet, ver por imagens... e assim acho que depois, no decorrer da visita, como mostraram o espaço exterior e contextualizaram o edifício, acho que também foi importante.”

I: Também deu para aceder ao espaço. O que é que tem a dizer sobre o atendimento que foi realizado pela XXX [referência a nome próprio]?

APPACDM-2: “Eu acho que foi bom, foi correto, foi adequado, foi ajustado, acho que ... acho que é uma pessoa que se preocupa, que se preocupou em fazer essas apresentações iniciais, explicar quem era e o que estava ali a fazer, preocupou-se em conhecer cada um deles, também, o nome deles ... preocupou-se em ouvir o que eles estavam a dizer e depois devolver o que eles diziam. Se havia alguma dúvida ou nós não ouvíamos, por falha de rede, ela voltava a repetir as coisas e acedeu sempre em fazer isso. Houve a preocupação dela de estar a mostrar as coisas e explicar com entusiasmo o que é que eles estavam a ver, e se viam, porque é que estavam a ver aquilo. Acho que ela transpareceu essa atitude de curiosidade, de motivação, de entusiasmo. Depois, o facto de eles que querem sempre ir mais além, porque sentem muito esta necessidade da relação com o outro, ao sentirem a necessidade de relação com o outro, quando descobriram que ela era cantora, o facto de ela depois no final ter acedido a cantar, acho que foi uma forma de ela ser flexível e ser disponível para se adaptar ali a um contexto que ela inicialmente não deveria estar preparada para o fazer ou não seria expectável no contexto da visita, mas depois que ela acedeu a isso, viu que era importante para eles e que também era uma manifestação cultural, de certa maneira, e foi interessante ela ter acedido a essa parte... e se ter adequado.”

I: Sim, e ter correspondido a esse desejo.

APPACDM-2: “Essa necessidade da parte deles.”

I: Tem alguma sugestão de outro tipo de materiais ou estratégias que podiam ser usadas nesta visita?

APPACDM-2: “Nesta visita, é assim, eu sei que... eu sei que é complicado às vezes haver material disponível para se trazer, mas se calhar ficar um bocadinho a sugestão, porque quando estávamos a ver a visita ... nós também temos aqui uma área mais especificamente de reaproveitamento de materiais, sempre tivemos um bocadinho essa filosofia, e era interessante depois aqui, mesmo que as pessoas que façam a visita virtual, seja do lado de lá seja do lado de cá, se naquele momento não tiverem materiais para eles também verem e mexerem, ficar isso no centro como trabalho futuro, com materiais reutilizáveis, no centro, que eles vão tendo, mimetizar um bocadinho isso, fazer um instrumento musical só com... por exemplo, uma caixa de sons e depois fazer um ritmo com esse instrumento que fizessem só com material reciclado, ou então aqui, uns aos outros, tentarem um pouco repetir essas experiências com coisas que tenham aqui no centro, uns para os outros.”

I: Prolongar.

APPACDM-2: “Sim.”

I: Gostava de saber se tem mais algum aspeto que gostasse de sublinhar nesta fase final.

APPACDM-2: “Eu só vou um pouco enfatizar que é assim, ficamos com o gostinho e gostávamos que continuasse, porque depois sabe sempre a pouco e ... experimentarmos isto para outros espaços e para ... e em termos de futuro podermos ir realmente aos espaços e podermos fazer isto de forma mais eficaz, aqui mais particularmente no nosso centro, quando... até podermos fazer visitas virtuais e quando pudermos ir lá para fora e fazer mesmo isto em diversos contextos, acho que isso é muito importante e abriu-nos aqui essa ... essa vontade e abriu-nos aqui esse desejo e era muito importante...”

I: E estando aqui por exemplo mais longe de Coimbra, eu acredito que o Convento São Francisco está disponível para combinar convosco datas e fazer outras exposições que eles tenham, daqui para a frente, este tipo de atividade, acho que sim.

APPACDM-2: “Isso seria muito interessante.”

I: Eles têm sempre muitas exposições.

APPACDM-2: “Porque agora com estas visitas ficámos um bocadinho com aquelas ferramentas de... como é que nós, enquanto facilitadores, podemos ajudar os nossos utentes nisto, acho que é muito engraçado, quando formos fazer uma visita com eles presencialmente acho que já vamos com outra postura e... de ver as coisas de outra maneira, de descrever, de lhes perguntar, de perguntar o feedback deles, o que é que eles estão a sentir, não estão, eu acho que isso nos abriu aqui portas para nós pensarmos e os ajudarmos de outra maneira, os apoiarmos, aliás, não é ajudar, é apoiar ou facilitar, assim como nós tivemos essa facilitação.”

Codificação do participante: APPACDM-3

Data e hora da entrevista: 18/05/2020 – 18:00 (1ª parte), 25/06/2020 (2ª parte) e 17/07/2020 (3ª parte)

Meio/Local de realização da entrevista: videochamada – Messenger (1ª parte) e Centro de Atividades Ocupacionais de Arganil (2ª e 3ª partes)

Duração da entrevista: 18 minutos e 20 segundos (1ª parte), 10 minutos e 32 segundos (2ª parte) e 11 minutos e 59 segundos (3ª parte)

1ª parte

I: Boa tarde.

APPACDM-3: “Boa tarde.”

I: Antes de mais, agradeço, mais uma vez, a colaboração nesta entrevista. Vou fazer primeiro algumas perguntas sobre a sua experiência profissional, as suas habilitações. Vou começar por lhe perguntar quais são as suas habilitações académicas.

APPACDM-3: “Sou licenciada em Reabilitação Psicomotora...e tenho duas pós-graduações: Educação Especial e Gerontologia.”

I: Ok, obrigada. Neste momento, está a trabalhar como técnica de reabilitação, é isso?

APPACDM-3: “Sim. Na APPACDM, está indicado como técnica de reabilitação...mas a minha categoria profissional de licenciada é psicomotricista.”

I: Já trabalha há quantos anos na APPACDM de Coimbra?

APPACDM-3: “Há três e alguns meses.”

I: Hum-hum. Neste momento, está a trabalhar no Centro de Atividades Ocupacionais de...

APPACDM-3: “De Arganil e no Centro de Recursos para a Inclusão.”

I: Ok. Antes de trabalhar na APPACDM de Coimbra, trabalhou em alguma outra instituição?

APPACDM-3: “Na Cáritas Diocesana de Coimbra.”

I: Hum-hum. Durante muito tempo?

APPACDM-3: “Um ano.”

I: Sim. E nessa altura trabalhou em que tipo de projeto, já agora?

APPACDM-3: “Foi num lar de idosos e estava como animadora sociocultural, embora não fosse a minha categoria [risos]”

I: Sim, sim. Agora, dentro daquilo que é o seu trabalho na APPACDM...podia-me descrever um pouco do seu trabalho com as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

Aquilo que é o seu dia-a-dia enquanto técnica de um Centro de Atividades Ocupacionais.

APPACDM-3: “Ok, tenho várias sessões individuais, outras sessões de grupo. Trabalhamos a parte cognitiva, a parte motora, a parte sensorial, tudo depende um bocado dos casos.

Também fazemos umas sessões de grupo. Trabalho algumas competências sociais, também competências cognitivas. Fazemos algumas adaptações...para eles usufruírem de várias tecnologias...ou equipamento. Vamos à piscina, vou ao Snoezelen...várias coisas”

I: Sim. Quando fala “vamos” e “fazemos”...geralmente trabalha com que equipa?

APPACDM-3: “De colaboradores, não é?”

I: Sim, sim.

APPACDM-3: “Trabalho com a terapeuta da fala, trabalho com a fisioterapeuta e com os auxiliares.”

I: Ok. Dentro das suas funções, quais são os seus principais desafios neste atendimento às pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais? Principais oportunidades e dificuldades...tudo isso... Tudo aquilo que gostar de partilhar.

APPACDM-3: “A criatividade, sermos criativos nas respostas que temos para eles e criar materiais que não sejam repetitivos....A parte dos utentes com mais dificuldades...dar-lhes respostas que realmente sejam importantes e dar-lhes respostas para ser mais

diversificadas...E também a parte da integração na comunidade que é uma coisa que eu gosto, mas que realmente é desafiante porque nem sempre as portas estão abertas.”

I: Hum-hum. Quer-me explicar um bocadinho melhor essa parte?

APPACDM-3: “Porque quando queremos integrar, normalmente temos que ir com eles e, normalmente, eles...os utentes não vão de forma autónoma e muitas vezes as pessoas olham para eles de forma assistencialista e não como pessoa, num ser único e individual.”

I: Sim, muito bem. Agora, passando aqui mais à parte da experiência cultural, de uma forma geral, qual é que lhe parece ser o papel que a vivência de experiências culturais...da cultura, da arte...tem na vida das pessoas em geral? Quando pensa nisso, o que é que lhe ocorre?

APPACDM-3: “Acho que...o acesso à cultura dá-nos experiência, dá-nos conhecimento...É algo que nos enriquece mais e eles também...enquanto eu própria ou enquanto clientes?

I: Nas pessoas em geral. Eu depois vou especificar a parte das pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais.

APPACDM-3: “Pronto, eu acho que é um enriquecimento cultural para nós, é mais o que nós conhecemos e sabemos e podemos falar...Aumenta também o nosso leque de ver o mundo...Pronto.”

I: Sim, ok. Será que esse papel na vida da pessoa é diferente no caso das pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

APPACDM-3: “Eu acho que eles podem observar a cultura de forma diferente do que nós, porque os pontos de interesse também serão outros e as experiências deles também são diferentes das nossas. Ou seja, a atenção deles dirige-se...a outras partes da cultura, se calhar. Podemos ver pela música. Se calhar o meu gosto musical é diferente do deles, também por questões culturais e experiências de vida.”

I: Sim. Se comparar o público com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais com outros públicos, com ou sem deficiência, considera que existem diferenças na forma como estas pessoas desfrutam de uma visita a um espaço cultural?

APPACDM-3: “[pausa mais prolongada] Quando os nossos clientes acedem a um espaço cultural, já por si vão motivados porque é raro irem, pronto. É um dia diferente, uma experiência diferente...Depois, quando eles experienciam lá, acredito que também seja diferente porque eles...enquanto nós, se calhar, uma peça de arte, observamos os materiais utilizados...as texturas, a variação de cor...eles, se calhar...olham, pensam e veem...e tentam procurar algo. Procurar o concreto, não conseguem visualizar o abstrato, não é?”

I: Quando fala no concreto, o que é que pode ser o concreto, neste caso? O que é que pode ser essa procura do concreto? Eu estou a perceber, mas gostava que explicasse só um bocadinho melhor.

APPACDM-3: “Sim...encontrar uma forma ou...numa imagem abstrata, eles vão procurar uma forma, enquanto nós ficamos alegres ou satisfeitos com a arte abstrata. Eles vão procurar uma nuvem, um coração...algo que lhes seja mais palpável e a ver com o seu dia-a-dia.”

I: Sim. No contexto da instituição onde trabalha, existem dinâmicas ou projetos que tenham o objetivo de promover o acesso destas pessoas aos espaços culturais?

APPACDM-3: “No CAO de São Silvestre. No CAO em que eu trabalho, de Arganil, não, mas no CAO de São Silvestre sim.”

I: Então a APPACDM-3 não está envolvida nesses projetos?

APPACDM-3: “Não.”

I: Ok. Naquilo que são as visitas também aos contextos culturais na zona de Arganil...contextos culturais pode ser a visita a um museu ou outro espaço ou vivência cultural como espetáculos... Como é que é a vivência dessa parte da vida das pessoas no caso das pessoas que apoia no Centro de Atividades Ocupacionais?

APPACDM-3: “O acesso à cultura em Arganil acaba por ser em eventos mais pontuais. Não é algo recorrente. Não há um espaço cultural que tenha uma exposição permanente. E, quando há, por norma somos convidados enquanto instituição para ir visitar. Pronto, e depois, vamos em número grande usufruir do espetáculo ou da exposição. [pausa prolongada] Repita-me a pergunta.”

I: O que eu estava a perguntar não faz parte do meu guião de base. Foi a partir do que a APPACDM-3 estava a dizer. No fundo, quais são as experiências culturais que são promovidas também ou desenvolvidas com os clientes do centro que apoia?

APPACDM-3: “Então...são assim atividades pontuais, como uma visita à feira do livro, ou um concerto que haja no auditório...exposições...Às vezes, existe também exposições de ciência, para eles irem fazer experiências...e mesmo no centro da vila, quando há assim espetáculos, também por norma somos convidados a ir assistir.”

I: Sim. Quando me falou há bocado em grande número, o que é que queria dizer?

APPACDM-3: “É quase os clientes todos [risos]. Ou aqueles que normalmente estão interessados. Costumamos questionar quem é que quer ir, mas por norma todos querem.”

I: Sim. E são mais ou menos quantos, por visita e por espetáculo e assim?

APPACDM-3: “Vinte. Trinta.”

I: A APPACDM-3 costuma ir com eles algumas vezes ou conversa com eles sobre isso?

APPACDM-3: “Sim, quase sempre.”

I: Sim. Como é que sente que é a forma como eles desfrutam dessas experiências?

APPACDM-3: “...é sempre algo novo para eles, é sempre uma experiência nova, por isso é que eles querem sempre...estão sempre motivados a ir, não é? Veem sempre contentes, acho que

eles usufruem, principalmente quando tem música...vivenciam de forma mais positiva.

Quando é...algo mais estático, como exposições, não usufruem tanto porque também não lhes é...acho que não percebem bem o que é que está a acontecer, pronto.”

I: Sim. A APPACDM-3 foi alguma vez com eles a alguma exposição?

APPACDM-3: “Sim, lá no auditório da Cerâmica, num centro de exposições.”

I: Pode-me explicar como é que foi a visita?

APPACDM-3: “Rápida. Rápida e normalmente temos que ser nós, colaboradores, a desmistificar o que está a acontecer...para ser mais motivante também. Para ser...para eles compreenderem e se interessarem pelo que está a acontecer. Normalmente, os funcionários que estão, da exposição, têm alguma dificuldade e ficam também um bocado inibidos em fazer a visita e então temos que funcionar ali como mediadores da exposição [risos]”

I: Sim, mas podem-vos ajudar ou são vocês que tomam a iniciativa?

APPACDM-3: “Por norma, somos nós que temos a iniciativa, sim.”

I: Sim, ok. Porque não há uma preparação antes?

APPACDM-3: “Normalmente, não. Somos convidados para ir à hora e data marcada e não...por norma, sabemos na véspera.”

I: Na sua opinião, existe a necessidade de efetuar alguma mudança na forma como os espaços culturais em geral recebem habitualmente as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais? Existe a necessidade de alguma mudança?

APPACDM-3: “É assim...é algo que temos debatido...mesmo em termos da instituição...a acessibilidade cognitiva, não é? Que é algo que ainda está muito...que ainda não é usada, nem sequer é muito falada, mas que realmente faz falta...Mesmo que seja em pistas visuais, não só para as pessoas se dirigirem de forma autónoma, mas também depois compreenderem o que lá está. A verdade é que o nosso público é algo minoritário, quando estamos a falar em acesso à cultura...e acaba por não ser tão utilizado. Eu compreendo a parte dos guias e isso. Se calhar, o melhor é a articulação com a instituição ser feita, previamente, para nós conseguirmos ajudar os guias a fazer essa...esse apoio.”

I: Sim. Nesse sentido, quais é que acha que são os contributos que podem ser dados pelos profissionais de instituições, como a APPACDM de Coimbra, no sentido de melhorar a forma como estas pessoas desfrutam e acedem aos espaços culturais?

APPACDM-3: “Eu sei que a colega de São Silvestre utiliza imagens e...imagens reais que sejam...significativas para os clientes, para eles compreenderem o que estão a observar. Eu acho que essa é uma boa estratégia...acaba por despertar o interesse deles e também para se tornar uma experiência também significativa para eles...Mas também exige um trabalho

prévio, um trabalho anterior e de grande esforço, pronto, que nem sempre é possível, mas, tendo em conta os acordos que existem, acho que é uma mais-valia para os nossos clientes.”

I: Sim. Falámos um bocadinho da preparação e da própria participação na dinamização das visitas. A APPACDM-3 acha que, além disso, há algo que se possa fazer depois de uma visita? Enquanto técnica, tem algum contributo a dar aí?

APPACDM-3: “Normalmente, faz-se a reflexão sobre o que foi visto, o que é que gostaram mais, o que gostaram menos...o que é que sentiram, o que é que foi mais importante. Fazem assim essa reflexão...para também perceber o que é que realmente foi absorvido pelos clientes.”

I: Sim.

APPACDM-3: “Por vezes, também, quando é possível...agora lembrei-me. Nas visitas de estudo que fazemos, eu costumo fazer com eles um trabalho de pesquisa antes, pronto...no computador, aos mais autónomos, eles pesquisarem sobre o que vamos ver ou, por exemplo, àqueles que não conseguem pesquisar fazemos pequenas observações, porque é que isto é importante, o que é que vamos fazer...”

I: Sim, sim. E explorar aquilo que eles já...o que é que já existe, não é?

APPACDM-3: “Sim, mas quando há uma programação alargada, o que nem sempre acontece.”

I: Ou seja, quando também tem tempo, não é?...de ir pesquisar?

APPACDM-3: “Normalmente, quando as visitas são marcadas, por exemplo, para mais longe...quando fomos ao Buddha Éden Park...já explorámos o que é que era aquele parque, quem é que o criou, porque é que estavam lá aquelas estátuas, o que é que aquelas estátuas significariam, pronto. Fizemos esse trabalho prévio. Também, uma vez, fomos visitar...pronto, isto não é bem cultural...uma escola de cães-guia...e fizemos o trabalho prévio: porque é que era importante os cães serem ensinados numa escola própria, qual era a importância para o cego...ter um cão treinado...Pronto, quando é visitas em Arganil é que é mais difícil porque normalmente são convidados pela Câmara, para irmos no dia a seguir. Agora quando são essas visitas mais...com datas agendadas com mais tempo, esse trabalho é possível.”

I: Sim. Queria reforçar só uma questão em relação aos convites. A Câmara e a comunidade de Arganil acabam por vos chamar bastante, mesmo sendo em cima da hora, acabam por vos chamar bastante para essas iniciativas, é isso?

APPACDM-3: “Sim, frequentemente. Muito frequentemente.”

I: Sim. Agora queria perguntar o que é que a APPACDM-3 pensa ser necessário ter em consideração numa visita cultural dirigida a pessoas com dificuldades intelectuais?

APPACDM-3: “A visita ser mesmo dirigida a eles, não é?...Então, essa preparação inicial, fazer a preparação...fazer...no local da visita, associar algo significativo para eles, para que a visita

também se torne assim significativa...com recurso a imagens ou com conto de histórias...E depois, no final, fazer então esse debate, essa reflexão conjunta entre o grupo, para saber o que foi importante para todos.”

I: Sim. Há mais algum aspeto, além do que eu perguntei por agora, que a APPACDM-3 gostaria de referir relativamente a esta temática? Há alguma coisa de que gostasse de falar que eu não tivesse perguntado?

APPACDM-3: “Acho que não. Só posso acrescentar que...realmente o acesso à cultura não é algo tão trabalhado com os nossos clientes. Estamos interessados em inseri-los no meio de trabalho...no ambiente de trabalho e...esquecemo-nos que a cultura também os desenvolve e que, por isso, devia-se fazer um maior investimento também nessa área.”

I: Sim. Obrigada então. Obrigada pela disponibilidade.

APPACDM-3: “Ok, obrigada eu [risos].”

2ª parte

I: Tendo por base a visita realizada hoje, como é que considera que as pessoas com dificuldades intelectuais desfrutam das visitas?

APPACDM-3: “[pausa prolongada] Eles gostaram...eles deram feedback positivo. Gostaram de responder às perguntas e de ser eles a ter a iniciativa de responder antes da guia... Quando a guia colocava as questões, eles saberem as respostas....o trabalho anterior que eles tiveram deu-lhes ferramentas para eles estarem mais motivados em explorar a escultura.”

I: O trabalho anterior foi a leitura prévia do guião em grupo?

APPACDM-3: “Sim, sim. Em grupo e alguns foi individual. Pronto, explorámos a figura. Enquanto eu ia lendo o guião, íamos explorando a figura. Coloquei algumas questões para eles observarem melhor a figura, terem atenção a alguns detalhes...e acho que isso lhes deu ali uma inspiração ou uma motivação para irem depois explorar a escultura. Depois, a interação com a XXX [referência a nome próprio], a senhora que estava a fazer a apresentação da escultura...ir colocando as questões e a interação que ela fazia com eles e depois de os motivar a dizer: “Ah, muito bem”...despertou mais a atenção...e mesmo, como aqui é uma cultura um bocado católica, acho que também era algo que era significativo para eles e também isso despertar a atenção deles...acho que foi interessante e também foi uma experiência diferente. Eles estão habituados a ir ao local e aqui foi através da internet e poderem comunicar com alguém à distância...pronto, foi positivo.”

I: Considerando especificamente o Museu Machado de Castro, tem alguma sugestão de melhoria relativamente à forma como promovem a fruição cultural destas pessoas?

APPACDM-3: “É assim...nunca fui ao Museu Machado de Castro presencialmente. Isto foi a primeira experiência que tive com o museu... Considero que a parte da XXX [referência a nome

próprio de uma profissional do MNMC] foi muito mais apelativa para os nossos utentes...mesmo a parte de, no final, se poder mimetizar... Creio que a parte do guião foi melhor...é melhor para um trabalho prévio...um trabalho anterior...do que propriamente estar ali a explorar...porque eles assim já vão com algumas ideias do que vão ver e depois vão procurá-las na escultura. Considero que este trabalho é muito interessante para continuar... Se elas pudessem até colocar não só para pessoas com deficiência intelectual, mas também grupos de escola...acaba por tornar a visita mais significativa porque estamos a explorar as pessoas: olha aquele é rico, aquele é pobre...por que é que aquele parecia uma mulher, o João, parecia uma mulher e afinal era um homem novo...porque não tinha barba porque era novo...e, se calhar, se tivéssemos ido sem ser com este trabalho prévio de ser para pessoas com deficiência intelectual, nós íamos passar e não observar e não explorar o que a escultura tinha para dar...acabavam por não ver nada, por não interpretá-la.”

I: Agora, gostava que fizesse o balanço da visita. Como já deu alguns contributos, eu vou abordar alguns tópicos, para completar. Quais foram as necessidades que identificou nas pessoas com DID, ao longo da visita?

APPACDM-3: “Pronto, aqui a questão de ser uma visita à distância foi mesmo as questões de som, algumas limitações na qualidade de imagem...mas isso são problemas técnicos. Nós também não conseguimos contornar, tendo em conta as nossas profissões. Depois...mais questões....eu sinceramente acho que gostei. Foi muito explícito, muito simplificado...”

I: Sentiu alguma vez necessidade de dizer alguma coisa para ajudar...

APPACDM-3: “Sim, mas como eu conheço o grupo...acabo por....é preciso sempre uma mediação...porque eles são um grupo muito heterogéneo, não é? E cada um interpreta à sua maneira e nós, como conhecemos as características individuais de cada um, conseguimos fazer essa mediação...e a XXX [referência a nome próprio de profissional do MNMC] está habituada a outro tipo de público...por isso, se calhar é necessário a nossa intervenção para conseguir mediar com o cliente e o guia.”

I: Ok. Em relação àquilo que lhe parece ter sido mais significativo para as pessoas que participaram...

APPACDM-3: “Eu acho que foi mesmo ter percebido que era o funeral de Jesus...os detalhes das roupas, das vestimentas, embora eles não memorizem tanto isso, acaba por, de forma geral, eles conseguirem perceber quem era o rico e quem era o pobre. Esses detalhes acabam por dar uma ideia mais forte do que é que é a escultura e as diferenças entre eles... Mesmo depois a observar...aquela questão que até lhe falei, das mãos estarem cruzadas, acho que isso ainda realça mais qual é Maria...a figura de Maria... porque realmente não há mais nenhuma figura que tenha assim as mãos cruzadas...esses detalhes, que às vezes até nos passam

despercebidos, depois ao refletir sobre a escultura, destaca mais o que é que aquela figura ali está a fazer e quem ela é.”

I: Em relação ao tempo da visita. Não pensando exatamente ao tempo da manhã [em que houve falhas na ligação], mas naquilo que foi o tempo da tarde...

APPACDM-3: “É assim: tendo em conta a nossa população, como eles dispersam a atenção muito facilmente, o que não aconteceu hoje...acho que foi o tempo ideal, para eles usufruírem, gostarem e ficarem com a vontade de querer mais. Não foi muito longa, não foi muito curta...foi o tempo ideal.”

I: A forma como eles acederam à informação e como a informação lhes foi transmitida...

APPACDM-3: “Tendo em conta que nem todos leem...sobre o guia...acho que, pelo menos as imagens, foi importante para aqueles...iam guiando, por exemplo, a XXX [referência ao nome próprio de uma participante com DID] falou de João de Arimateia...que era o da boina, porque se lembrava de ver a figura da boina, embora ele ali não usasse a boina, não é?...usava boina, usava. Na outra era o turbante...ela lembra-se de ver a figura e falou depois disso...lembre-me a pergunta...”

I: Acesso à informação.

APPACDM-3: “Ok, e mesmo os outros que liam iam lendo e conseguiam perceber o que estavam a ler...e acho que a parte prática ainda veio dar mais enfoque à assimilação dos conteúdos que estivemos a falar...e mesmo o pormenor da XXX [referência ao nome próprio de uma participante com DID] pôr a mão...e mesmo a outra mão ninguém lhe disse para ela fazer isso...a parte da posição das mãos foi natural... E depois a XXX [referência ao nome próprio de uma participante com DID] como quis ser Maria, pôs logo as mãos assim [gesto semelhante ao da escultura], assumiu logo o papel: eu sou Maria! Eu acho que eles conseguiram controlar muito bem...assumir as posturas deles e tudo e mesmo estarem tristes, estarem a olhar para o chão...”

I: Muito bem. Em relação ao atendimento realizado pelas pessoas do museu, o que é que a APPACDM-3 sentiu, o que é que achou?

APPACDM-3: “Foi muito empática!”

I: E isso é muito importante ou...

APPACDM-3: “Oh, claro que sim!”

I: A forma como responderam às necessidades que foram sendo identificadas ao longo da visita...como é que isso correu?

APPACDM-3: “Ela fazia ênfase às respostas certas deles...acho que isso foi muito bom...e também se interessava pela opinião deles, sobre o que é que eles tinham para dizer...e pegavam nessa informação que eles diziam para depois dar continuidade à história, que não é

uma história...mas à apresentação da escultura...e isso é importante, essa ligação que ela consegue fazer...não ser só: é assim, é isto...não ser só enumerar o que ali está mas sim envolver o que cada um sabe para a escultura ainda se tornar mais significativa para eles.”

I: Muito bem. Obrigada. Tinha aqui só mais uma questão em relação aos materiais e estratégias...Acha que os materiais foram adequados ou houve coisas que poderiam ter sido diferentes?

APPACDM-3: “Não, eu acho que isso foi tudo...Se calhar, tendo em conta os problemas técnicos que lá houve, só sugeria usar auscultadores para conseguir ouvir-nos melhor, mas isso...é evolução, isto a seguir já vai...Utilizámos a tela e o projetor para eles conseguirem ver...em grupo, verem todos a mesma coisa...o que foi positivo! Mesmo a XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC] ter utilizado o telemóvel para mostrar pormenores também creio que foi positivo...e mesmo os objetos trazidos para mimetizar...eles também conseguiram diferenciar e saber como os colocar...conseguiram perceber o que é que cada objeto era naquela escultura, embora sejam objetos modernos, eles conseguiram fazer a representação deles, conseguiram representar muito bem.”

I: Obrigada.

3ª parte

I: Pensando na visita realizada hoje [ao Convento São Francisco], como é que as pessoas que aqui estiveram desfrutaram desta visita?

APPACDM-3: “...Posso fazer comparação com a visita anterior?”

I: Sim, a ideia do estudo não é propriamente comparar uma e outra, mas, se isso for mais fácil para si, claro que sim.

APPACDM-3: “Pronto...Penso que esta visita seria mais significativa ou...despertava mais interesse neles se fosse prática...no contexto...eles poderem experimentar os robôs, poderem experimentar as projeções, poderem ir ao local. Creio que aquilo apelou um bocado à memória auditiva...eles tentarem reconhecer quais eram os sons...naqueles que lhes são significativos, tentar associar...faltou...creio que eles gostaram, estavam atentos, era uma novidade para eles. Não sei se foi tão vivenciado, de forma tão intensa, comparativamente com a outra [ao MNMC]. Pronto.”

I: E consegue perceber porquê?

APPACDM-3: “Por não ter uma parte prática, talvez...e porque não tinha um tema, um conteúdo que lhes for mais também próximo. A outra é como se fosse uma história, nesta eram várias exposições, vários objetos para eles irem explorar.”

I: Considerando na mesma esta visita, tem alguma sugestão de melhoria relativamente à forma como se promove a fruição destas pessoas?

APPACDM-3: “Esta podia ser presencial e não virtual, mas talvez fazer como na anterior: trazer algo prático para eles depois no fim...realizarem. E até pode ser objetos da sala...eles irem procurar objetos e fazer sons....porque era um bocado...pelo menos o sumulo que eu tirei da exposição era mesmo dos objetos que os artistas tinham à sua volta criam algo sonoro...pronto, tirando a parte eletrónica, que é impossível no momento, mas poderem realizar algo assim mais prático de sons.”

I: Sim. Vou começar por lhe pedir um balanço geral desta visita...o que é que acha que eles tiraram mais proveito, o que é que não...e depois vou aqui a alguns pontos, para a orientar.

APPACDM-3: “Sim. Então...acho que eles tiraram mais proveito foi mesmo da...se calhar da segunda, que tinha vários objetos que eles tinham que reconhecer, que eles reconheciam e que escutavam os sons e...eram objetos familiares para eles. Acho que foi o que eles absorveram mais... A outra, a da água, eles já não percebiam tão bem o que é que era...era algo mais abstrato...se calhar, se eles estivessem lá e percebessem...se vissem mesmo a água a ser projetada, talvez conseguissem compreender melhor. Por exemplo, eu vi uma célula, a Dr.^a XXX [referência a nome próprio] viu a lua, mas eles falaram logo em água! Não conseguiram expandir ou...ser criativos.”

I: Que dificuldades é que identificou nas pessoas com DID, ao longo da visita?

APPACDM-3: “Se calhar, em compreenderem o que é que...que objetos eram aqueles que eles estavam a apresentar...e talvez perceber na realidade como é que elas estavam a pôr os sons em ação. Elas mostraram os botões, mas, se calhar, se eles carregassem, fossem lá e carregassem eles, conseguiam perceber melhor o mecanismo do robô.”

I: Eles tiraram proveito da visita? Usufruíram de uma forma positiva?

APPACDM-3: “Sim, sim. Foi mais uma nova aprendizagem, ver algo diferente... Eles gostam sempre de aprender.”

I: O que é que pode ter sido mais significativo desta vez?

APPACDM-3: “...essa vivência da...da parte da memória auditiva, eu creio que sim...verem que os objetos que eles conhecem produzem sons que lhes são familiares...porque até havia lá um objeto qualquer que não era um sino e que fazia o som do sino e eles foram logo buscar a ideia do sino.”

I: E irem buscar a tarola...

APPACDM-3: “A tarola, sim, porque eles tocam aqui.”

I: Acha que o tempo da visita foi adequado ou não?

APPACDM-3: “Acho que podia ser um bocadito mais longo...”

I: Mais longo para ver mais coisas ou...

APPACDM-3: “É assim: se fosse presencial, explorar mais cada um. Assim, como é virtual, se calhar, ver mais peças, mas também se calhar não havia mais...”

I: Fale-me da forma como foram transmitidos os conteúdos da visita. Acha que eles perceberam?

APPACDM-3: “Sim, sim. Foi de forma simplificada...”

I: Sim. E a forma como foi apresentado o espaço, à medida que estava a sair de um sítio para outra sala?

APPACDM-3: “...é assim: como eles já tinham visto a visita virtual, eles alguns espaços já reconheceram, mesmo, por exemplo, o pátio, quando ela mostrou o restaurante lá em baixo, eles começaram a dizer: “Ai, nós já vimos isso!”. Depois, quando passaram para a igreja, a XXX [referência a nome próprio] também começou logo a dizer: “é uma igreja!”. Se calhar, faltou mostrar mais o espaço em volta, rodar o telemóvel para eles verem e perceberem melhor onde estavam...mas é um pormenor.”

I: Sim. No geral, como é que acha que foi o atendimento realizado pela XXX [referência a nome próprio]?

APPACDM-3: “Acho que foi bom.”

I: O que é que destaca mais nesse atendimento?

APPACDM-3: “A capacidade de comunicar dela. Simpática...um diálogo acessível, simples...”

I: Há bocadinho, já falou de alguns materiais e estratégias que podiam ter sido feitos, mais no final da visita...Tem mais alguma sugestão em relação aos materiais?

APPACDM-3: “Acho que não, que é mesmo eles poderem utilizar...criarem eles depois os sons, irem buscar algo, mesmo até podia ser pelo centro, não precisava de ser da sala...eles escolherem algo ou em pequenos grupos...e produzirem sons e apresentarem para os outros.”

I: Sim. Estamos a finalizar esta parte. Queria perguntar se tem mais alguma coisa a acrescentar além daquilo que já disse.

APPACDM-3: “Podia haver mais! Pode criar esse projeto para a casa! Para a casa em geral, não ser só para São Silvestre...que acho que eles iam gostar. Eles até pediram mais...”

I: Sim, obrigada.

Codificação do participante: APPACDM-4

Data e hora da entrevista: 19/05/2020 – 17:00 (1ª parte) e 26/06/2020 – 16.30 (2ª parte)

Local/Meio de realização da entrevista: videochamada – Skype (1ª parte) e Centro de Atividades Ocupacionais da Tocha (2ª parte)

Duração da entrevista: 30 minutos e 41 segundos (1ª parte) e 8 minutos e 38 segundos (2ª parte)

1ª parte

I: Antes de mais, queria perguntar quais são as suas habilitações académicas.

APPACDM-4: “Hum-hum. Mestrado em Psicologia Clínica.”

I: Sim. Neste momento, está a trabalhar como psicólogo, não é?

APPACDM-4: “Como psicólogo, sim.”

I: No Centro...

APPACDM-4: “Da Tocha. No Centro de Atividades Ocupacionais, sim.”

I: Sim. Já está na casa há quantos anos?

APPACDM-4: “... Ora, portanto, fez três em janeiro.”

I: Hum-hum. Ok. Antes de trabalhar na APPACDM de Coimbra, trabalhou noutra instituição?

APPACDM-4: “Como psicólogo ou pode ser como outra função?”

I: Diga-me aquilo que foi.

APPACDM-4: “Eu trabalhei durante cerca de...uns doze anos, na APCC, na Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra...basicamente, com funções de auxiliar. Depois, fiz lá o estágio profissional...pronto e basicamente é isso, em termos de instituições.”

I: Sim, sim. Pode-me falar um pouco do seu trabalho enquanto psicólogo no atendimento...no acompanhamento...no trabalho que faz na APPACDM de Coimbra com as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

APPACDM-4: “Ora bem...Eu quando vim para cá...eu o primeiro ano estive a meio tempo...e foi um bocadinho focado...nos atendimentos individuais. No acompanhamento individual dos clientes. Um bocadinho porque...na altura foram logo indicados alguns clientes com questões a nível emocional...e questionaram logo a possibilidade de poder fazer esse acompanhamento, a nível psicoterapêutico.... De maneira que o meu primeiro ano foi um bocadinho focado nesses acompanhamentos individuais... De lá para cá, como também comecei a acumular funções na equipa diretiva, isto...ficou um bocadinho mais complicado...de modo que acabo por assumir uma maior responsabilidade na elaboração dos planos individuais...no sentido da coordenação, da monitorização, da elaboração dos mesmos...Mantenho os acompanhamentos individuais, não com a frequência que gostaria...mas pronto, vai-se fazendo o que se pode. Pronto, de maneira que isto depois fica acumulado com funções da equipa diretiva...de alguma forma, pouco mais de uma forma resumida, há a dizer. Em termos de articulações com o lar, por exemplo...também passa muito por aí...Ah! Também temos as dinâmicas de grupo, das histórias sociais, do Cérebro Ativo, do projeto MINCE...”

I: Sim. Quais é que acha que são os principais desafios neste acompanhamento? No trabalho, nesta área.

APPACDM-4: “Os principais desafios?! Hum, boa questão... Aqui na Tocha há um desafio muito grande, que é combatermos aqui o isolamento. Este acho que é mesmo o grande desafio que eu sinto aqui na Tocha, porque nós estamos aqui um bocadinho isolados, dentro do Hospital Rovisco Pais, não é? Não estamos propriamente inseridos na comunidade na Tocha... Este isolamento, às vezes, passa um bocadinho para lá das barreiras físicas...sente-se isto um bocadinho diariamente.... E o que eu tenho sentido é que, às vezes, é muito...é complicado mesmo passarmos para lá destas barreiras... acho que o projeto MINCE ajudou um bocadinho, nesse aspeto, mas acho que ainda há um longo trabalho a fazer neste sentido. Este acho que é mesmo o principal desafio que eu sinto aqui, no trabalho na Tocha.”

I: Sim, sim. Passando agora aqui à temática da fruição cultural, qual é que lhe parece que é o papel que a vivência de experiências culturais tem na vida das pessoas em geral?

APPACDM-4: “Em geral...Epah, boa pergunta! [risos] Bom...eu vejo um bocadinho isto da seguinte forma:...eu acho que há três grandes dimensões...para o desenvolvimento da pessoa enquanto ser humano...A primeira, passa pela família, a segunda se calhar pela sociedade e a terceira pela cultura...Pronto, e nestes termos eu acho que a cultura, sem dúvida, assume aqui um papel fundamental, na constituição da pessoa enquanto ser humano...isto se olharmos para a cultura realmente...como um sistema de ideias, não é, da época...que faz também, muitas vezes, a pessoa identificar-se com a sociedade em que está envolvida. Isto a cultura, realmente, abrange várias coisas, não é? Mas, no fundo, acho que essas várias coisas que a cultura engloba, não é, desde a arte, da música, do cinema, sei lá, desporto...acho que já disse teatro, não sei...bom, por aí fora...isto é tudo uma forma de a pessoa, realmente, se identificar com os valores, com as crenças da sociedade em que está inserida...Sem falar também na questão do próprio desenvolvimento a nível cognitivo, a nível emocional, a nível intelectual...de maneira que, de um modo geral, sim, acho que a cultura tem um papel essencial...na pessoa, não é?”

I: Sim. Será que esse papel é diferente no caso das pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

APPACDM-4: “Não deveria ser! Não deveria ser... Agora, como nós sabemos...ainda há bocado falei de barreiras, não é? Obviamente que acho que ainda há bastantes barreiras no acesso à cultura nas pessoas com dificuldades intelectuais.”

I: Mas a importância dessa vivência, para si, não é diferente?

APPACDM-4: “Não, não é diferente. Não deveria ser [risos].

I: Sim, sim. Se comparar este público com, por exemplo, pessoas que tenham outros tipos de deficiência, ou pessoas sem deficiência, considera que existem diferenças na forma como as pessoas desfrutam de uma visita a um espaço cultural?

APPACDM-4: “Existem diferenças! Se o espaço cultural não estiver preparado para receber as pessoas com deficiência, seja ela qual for...visual, auditiva, intelectual...temos também aqui a paralisias cerebrais...Obviamente que sim, que é diferente e acredito obviamente que, pelo menos a nível nacional, haja bastantes espaços que não estão de todo preparados para receber essas pessoas, não é?”

I: O que é que seria importante acontecer ou mudar para que essa fruição fosse mais significativa para as pessoas com dificuldades intelectuais?

APPACDM-4: “O que era preciso acontecer?”

I: Sim. Algumas sugestões de mudança, por exemplo.

APPACDM-4: “As sugestões é mais complicado [risos]. O que é preciso acontecer é as pessoas...isto parte também do Governo, não é? Parte das pessoas de cima...haver imaginação, criatividade, projetos...ideias...para tornar realmente acessíveis esses locais todos, não é? Pronto, acho que uma excelente ideia é aquela que vocês têm desenvolvido em São Silvestre [projeto em que a investigadora está envolvida], não é?...das “Imagens que guiam”, não é? Todo o percurso de...tornar a parte da comunicação mais acessível, para que eles compreendam realmente o propósito da visita. Esse é um excelente exemplo...Há pouco tempo, também vi um site, se não me engano...agora não me lembro do nome do site...Bom, mas de qualquer forma, era um site que tinha...era uma espécie de agenda virtual onde tinha vários eventos para pessoas com deficiência. Cognitivas, visuais e acho que cada evento era discriminado...se fosse para pessoas com dificuldades auditivas, dificuldades visuais...e a ideia, pelo que eu percebi era essas pessoas terem...para já, terem conhecimento dos eventos que acontecem em várias zonas do país, dos quais podem usufruir. Portanto, isto tudo para dizer que essa também será uma boa ideia, não é? Essas plataformas digitais que permitem às pessoas saberem quais os espaços onde podem realmente usufruir. [pausa prolongada] Há a questão das acessibilidades, em termos físicos, acho que, de alguma forma, já é bastante falada, pelo menos em relação há uns anos atrás...Acho que já há vários sítios que proporcionam...que já têm essas acessibilidades, de modo às pessoas poderem usufruir...Pronto e ao nível das pessoas com dificuldades intelectuais, sim, acho que passa muito pela questão da comunicação...Pronto, de tornar...seja guias, seja panfletos, mais acessíveis, com imagens que chamem mais a atenção dessas pessoas, não é?...mais simplificadas...bom, para que, realmente, as pessoas compreendam...percebam um bocadinho

melhor os propósitos das visitas, não é?...dos sítios onde vão...e poderem usufruir da plenitude dessas visitas.”

I: Sim. O APPACDM-4 já acabou por responder, mas há assim algumas características das pessoas que geralmente apoia que ache que também podem ser tidas em conta numa visita?

APPACDM-4: “Sim, tanto questões físicas, como questões de comunicação, não é? Aliás, estava-me aqui a lembrar que...o ano passado, na nossa colónia de férias, no projeto que fizemos, fomos fazer uma visita a um sítio que era a Eco Aldeia de Janas, relacionado com a agricultura biológica e assim...E as acessibilidades não eram...não era fácil para as clientes que nós tínhamos...e conseguimos arranjar...fazer o aluguer de uma joelette, que permitiu que essas pessoas fizessem a visita à aldeia, juntamente com os colegas. Pronto, isto tudo para dizer o quê? Sim, que há questões físicas, sem dúvida, e depois há questões de comunicação, sim, que é importante haver aqui um trabalho das entidades responsáveis e, neste caso, falando...sei lá...em museus, em sítios histórico-culturais...que, realmente, muitas vezes a comunicação que se calhar fazem não é pensada nestas pessoas...e a linguagem que acaba por sair acaba muitas vezes por ser um bocadinho difícil de entender para elas...pronto e um trabalho a esse nível, sem dúvida que acho que é importante. Essencial.”

I: Sim. Queria perguntar, dentro da instituição onde trabalha, até nomeadamente mesmo no CAO da Tocha, há algumas dinâmicas ou projetos que tenham o objetivo de promover o acesso das pessoas apoiadas aos espaços culturais?

APPACDM-4: “[pausa prolongada] Há...talvez não de uma forma constante e diária, não é? Mas há...O exemplo das colónias de férias acho que é um bom exemplo, não é? Nós nos projetos que fazemos na colónia de férias tentamos sempre ter aqui esta vertente cultural. O ano passado, então, fizemos a visita à aldeia de Janas...fomos também ao Bacalhoa Buddha Éden... e, há dois anos, fizeram também uma visita por Torres Vedras, onde visitaram os castelos, outras zonas histórico-culturais... De maneira que este é o período que é importante nesse sentido, na colónia de férias. De resto, temos o grupo de música, não é? Acho que também faz todo o sentido falar. De alguma forma, também acaba por ser um bocadinho...acaba por se fazer, de alguma forma, aqui um bocadinho da inclusão, não é? O facto de eles poderem realmente ensaiar e tocar e dar espetáculos na comunidade, acho que insere-se totalmente nesta questão.... O desporto, porque não? Desporto acho que também faz parte da cultura portuguesa [risos]... Acho que também, sim também é importante. Depois, se calhar, trabalhamos noutras questões...se calhar, não de forma tão direta, mas indiretamente...O caso das dinâmicas das histórias sociais acho que entram muito aqui, não é?...porque ao estarmos a pensar em conjunto, a debater e a tentar, realmente, que, nessas dinâmicas, se fale um bocadinho acerca do modo como eles devem lidar...comportar-se...o modo até como se

sentem...em diversas situações, tanto interna como externamente...não é?...na sociedade...acho que é um trabalho muito importante, que acaba por desenvolver o sentido depois lá fora...fora do centro, eles...lá está...terem o acesso da melhor forma a esse diferentes espaços...Acho que é um bocadinho isto.”

I: Sim. Voltando àquelas escolhas da colónia...o Jardim do Buddha Éden e assim....como é que são feitas as preparações das visitas, a escolha dos sítios...como é que geralmente fazem?

APPACDM-4: “Hum...Ora bem...os últimos dois anos...os projetos...os dois projetos, foram realizados...fomos nós, equipa técnica...equipa diretiva...que os elaborámos. Tentamos sempre, obviamente, ter em conta as preferências e os gostos e os desejos deles, relativamente ao modo como querem que a colónia se realize...Este ano, tínhamos a novidade, que infelizmente, dada a situação que vivemos [pandemia de COVID-19] não será possível realizar...mas tínhamos a novidade de serem eles próprios a elaborar, ou pelo menos a fazerem parte integrante da elaboração do projeto, no sentido de eles próprios escolherem os sítios onde gostariam de ir. É um bocadinho por aí, não é? Tentamos sempre ir ao encontro dos gostos e das preferências deles, não é? E, se calhar...até de contextos em que eles próprios se sintam familiarizados. Porque o ano passado, a questão da visita à Eco Aldeia de Janas...baseia-se muito nesta questão da agricultura biológica...deste modo mais biológico...se calhar, estava aqui relacionado com o facto de muitos deles estarem aqui na área da agricultura...e então, podíamos aqui...eles podiam-se identificar e, de alguma forma, isto também lhes poder dizer alguma coisa, não é? É um bocadinho por aí.”

I: Sim. Geralmente, quando decidem ir a um sítio, contactam o espaço, o contexto e marcam para um dia. Há alguma articulação antes? Durante? Como é que fazem?

APPACDM-4: “Sim, nestes casos da colónia de férias, tentamos sempre estabelecer um contacto previamente às datas de realização. Neste caso, por exemplo, da Eco Aldeia, em que levámos a joelette, inicialmente tentámos perceber se realmente dava para fazer a visita com todos eles. E, na altura, aquilo que nos foi transmitido foi que, derivado à questão da acessibilidade, seria complicado...E nós próprios fizemos questão de dizer que levávamos uma joelette para ser possível eles todos usufruírem da visita... De maneira que fomos nós, de alguma forma, que tornámos isso possível. Não foi tanto da parte deles que...dizerem que era possível, que tinham acessibilidade para pessoas com dificuldades a nível físico, a nível motor...fomos nós, de alguma forma, que tornámos isso possível. Mas sim, tentamos sempre previamente perceber se há condições para se realizar as visitas.”

I: Sim. E de que forma é que nota, quando vai com eles, como é que eles desfrutam dessas experiências?

APPACDM-4: “Ai...eu acho que eles desfrutam ao máximo...ainda mais, tendo em conta o isolamento que vivem aqui na Tocha quase diariamente, não é? Para eles, sair daqui é muito bom. É muito bom, sem dúvida. Acho que eles acabam por se sentir realizados, não é? Acho que posso mesmo usar essa expressão. Acho que poderem estar todos juntos, não é?...a aproveitar estes dias, estas oportunidades diferentes, não é?...de alguma forma, em alguns deles, se calhar são oportunidades raras...Sem dúvida que eles aproveitam ao máximo, pelo menos é essa a impressão que eu tenho.”

I: Sim, sim. Na sua opinião, APPACDM-4, existe a necessidade de efetuar alguma mudança na forma como os espaços culturais recebem habitualmente as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

APPACDM-4: “Pode repetir a pergunta, Catarina?”

I: Sim, posso. Na sua opinião, existe a necessidade de efetuar alguma mudança na forma como os espaços culturais, assim no geral, recebem estas pessoas? Daquilo que também tem visto e sentido.

APPACDM-4: “Sim, há mudanças a fazer, sim, sem dúvida.... Em grande parte dos espaços, há mudanças a fazer. Veio-me agora à mente, por exemplo...o Jardim Zoológico de Montemor...é muito complicado...eu lembro-me até, quando trabalhava na APCC...acho que posso dar esse exemplo...de irem a uma visita e a maior parte deles iam de cadeira de rodas...aquilo não foi fácil, fazer a visita toda pelo espaço em cadeiras de rodas. Pronto, isto um exemplo de acessibilidade física.”

I: E tendo em conta as características mais gerais das pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais? Quais é que são as mudanças que sugeria? Em geral, não pensando num sítio em particular. O que é que é necessário ter em conta e o que é que é necessário mudar?

APPACDM-4: “É necessário adaptar...adaptar os conteúdos, não é? Isto os conteúdos, obviamente, depende de sítio para sítio... Mas adaptar um bocadinho os conteúdos...lá está, vamos outra vez bater um bocadinho na comunicação e na linguagem, não é? Acho que, de um modo geral, a nossa população...e as pessoas com Dificuldades Intelectuais...necessitam muito deste estímulo, não é?...de sentir que aquilo que estão a ver, a conhecer...que não será assim tão complexo, não é? Eu acho que é um bocadinho mesmo por aí, é tornar as coisas mais simples, mais acessíveis, mais criativas, com mais imaginação, de modo realmente a chamar mais a atenção deles... para o contexto que estão...que possam estar a visitar.”

I: Sim. Enquanto técnico de uma instituição de apoio, quais é que são os contributos que acha que os técnicos como o APPACDM-4 podem dar no sentido de melhorar a forma como as pessoas com dificuldades intelectuais acedem e usufruem dos espaços culturais? Qual pode ser o contributo dos técnicos?

APPACDM-4: “... Se calhar, passa um bocadinho por aquilo que eu disse há bocado, não é? É sermos nós a levarmos as soluções a esses sítios...Acho que, se calhar, passa mesmo pela elaboração, pela realização de projetos que também deem a conhecer um bocadinho a nossa vivência nos centros lá fora...Obviamente, que às vezes é muito simples nós dizermos que os sítios não estão preparados, que não têm acessibilidade...mas também se não formos nós muitas vezes a levarmos essas condições aos espaços e aos sítios, se calhar o caminho torna-se mais longo de percorrer.”

I: Sim. O que é que pode ser feito na preparação das visitas? Enquanto técnico, o que é que acha que pode ser um bom contributo na preparação?

APPACDM-4: “[pausa prolongada] Se calhar, darmos a conhecer um bocadinho o tipo de pessoas que vão fazer a visita, não é? O que é que será necessário? De que modo é que os guias ou os profissionais desses sítios...a melhor forma de eles chegarem aos nossos jovens [pausa prolongada]. Eu acho que é um bocadinho por aí, não é?”

I: Sim, sim.

APPACDM-4: “De repente, agora assim, não me está a surgir mais [risos].”

I: No próprio contexto da visita, durante a sua realização, há alguma coisa que ache que os técnicos podem fazer?

APPACDM-4: “[pausa prolongada] Bem, se calhar, os técnicos aqui servem um bocadinho como mediadores, não é? Se calhar, por vezes, entre os espaços, não é?...e os próprios conteúdos... para os nossos jovens, não é? Servimos aqui um bocadinho de mediadores, não é?”

I: Sim. E depois da visita, há alguma coisa também que possam fazer?

APPACDM-4: “Pode-se refletir acerca...o que é que eles acharam, o que é que eles sentiram...se acham que há coisas que podiam ser melhoradas...alteradas... Ai, isso sim, sem dúvida e, às vezes, será até um trabalho bastante importante. Se calhar, depois, com a opinião deles, podemos dar, de alguma forma, um feedback...ao espaço que visitámos...de modo, realmente, a melhorar as acessibilidades, sejam elas de que tipo forem.”

I: Sim. Estamos quase a terminar as perguntas da entrevista. Ainda gostava aqui de perguntar uma coisa que tem a ver com aquilo também que já falou um pouco...O que pensa ser necessário ter em consideração numa visita cultural dirigida a pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

APPACDM-4: “[pausa prolongada] O que é necessário ter em consideração? [pausa prolongada]”

I: Também dentro daquilo que já conhece.

APPACDM-4: “Pois, é isso. Eu estava a tentar não me repetir...”

I: Não há problema. É aquilo que lhe vier à ideia.

APPACDM-4: “Bem, eu acho que é necessário ter em consideração, em primeiro lugar, realmente...o tipo de jovens, não é? O tipo de pessoas que realmente virão... Isto até porque, na população com deficiência intelectual, temos vários tipos, não é? Logo aí, será necessário ter em consideração, realmente, as pessoas que vão. Isto porque podem ir pessoas mais autónomas, que, à partida, não será necessário...um trabalho no sentido de tornar acessível os conteúdos da visita. Mas depois, podemos também ter pessoas, sei lá, com outros níveis de dificuldades, não ?...isto a nível de linguagem, cognitivo...obviamente, que a preparação à partida que será feita para receber um grupo de jovens mais autónomos e um grupo de jovens um bocadinho mais dependentes não será a mesma...Se calhar, ao nível de jovens mais dependentes, levantam-se aqui questões ao nível mais motor, mais sensorial que, se calhar, é muito importante ter em conta. Tornar, sei lá, uma visita para esses jovens...tornar esta visita...como é que eu hei de dizer? [pausa prolongada] Se calhar, há aqui questões, como eu estava a dizer, a nível motor e a nível sensorial que serão mais interessantes de explorar, não é?...Lá está, no sentido de chegarmos mais a eles...que não serão tão necessários nos grupos mais autónomos...Em grupos mais autónomos, porventura...o tipo de trabalho será mais ao nível da linguagem, da comunicação...Pronto, isto para dizer que é preciso ter em conta, sem dúvida, o tipo de pessoas que irão fazer a visita. [pausa prolongada] Não sei, eu já estou a pensar em coisas do género...”

I: As características de cada um, não é? Ter em conta isso.

APPACDM-4: “Sim, sim, as características de cada um...Porque eu depois acho que o resto vem um bocadinho daí, não é? Depois, o modo como porventura as visitas serão feitas deve ter em conta, sem dúvida, as características...Pronto, acho que, realmente, é importante, se calhar, da parte dos espaços haver esta preocupação de tornar a comunicação e a linguagem mais acessível, acho que isso, sem dúvida, que é um ponto muito importante...É importante, sem dúvida, se calhar, nas pessoas que acompanham...isto da parte da instituição...as pessoas que acompanham, sejam elas técnicos ou outro tipo de colaboradores ou monitores...tanto faz...deve haver realmente esta proximidade...se calhar, neste sentido de haver uma mediação, não é?...Servirem um bocadinho como mediadores entre os guias, não sei, e os nossos jovens...A acessibilidade física, já nem estou a contar com ela, não é? [risos] Acho que essa aí é, sem dúvida, a base [pausa prolongada]. Não sei, agora assim de repente não me está a surgir mais nada.”

I: Sim, ok. Há outras perguntas que irei colocar mais tarde, depois da realização das visitas.

Agora, para finalizar, gostaria de lhe perguntar se há mais algum aspeto que gostaria de referir

relativamente a esta temática, que possa contribuir para a investigação. Alguma coisa que eu não tenha perguntado, mas que gostasse de acrescentar.

APPACDM-4: “[pausa prolongada]”

I: Não tem que haver, mas, se houver...

APPACDM-4: “Sim, eu até gostava que houvesse. Acho que era interessante, mas se calhar fica para a próxima entrevista, então. [risos]”

I: Ok [risos]. Obrigada pela sua disponibilidade e participação.

2ª parte

I: Tendo por base a visita que fizemos hoje pelo Skype, como é que considera que as pessoas com DID desfrutaram desta visita?

APPACDM-4: “...Eu acho que eles desfrutaram, sinceramente... acho que, ao início, ficaram ali um bocadinho confusos...de certa forma era uma situação nova...acho que nós próprios também ficámos ali um bocadinho...e dada a dificuldade da chamada...mas acho que, no fim, o essencial acabou por ficar retido, não é? Acho que, ainda que pudesse ter corrido melhor, ao nível da chamada, pronto, isso são questões técnicas...acho que aquilo que seria suposto retirar da visita retirou-se e acho que isso deu para ver na expressão deles, naquilo que eles comentaram no final...sem dúvida, acho que desfrutaram.”

I: Considerando especificamente o Museu Machado de Castro, tem alguma sugestão de melhoria relativamente à forma como eles promovem a fruição cultural destas pessoas?

APPACDM-4: “Agora assim de repente não. Acho que...eu, pelo menos, fiquei com a sensação que as guias...principalmente a XXX [referência a nome próprio], que estava completamente dentro da situação e dentro da situação é mesmo dentro das características destes jovens...acho que mostrou-se super...à vontade, flexível...mesmo ao nível da interação, acho que correu muito bem, mesmo. Acho que houve uma certa empatia entre ela e os jovens...foi mútuo...ela também...o facto de ela decorar logo os nomes deles, como se já soubesse quase como é que eles eram...”

I: Também viu os perfis que vocês enviaram...

APPACDM-4: “Exatamente, exatamente. Acho que isso, sem dúvida, foi muito importante. E, sem dúvida, esteve na base...sustentou um bocadinho o facto de a visita ter corrido tão bem, como eu acho que correu.”

I: Sim. Fazendo aqui o balanço da visita, segundo alguns pontos, pode-me falar um pouco das necessidades que identificou nas pessoas que apoia...nos participantes, ao longo da visita?

APPACDM-4: “[pausa prolongada] Eu acho que as necessidades deles...nós também tínhamos um grupo digamos autónomo...Acho que as necessidades que eles sentiram mais passou um bocadinho por aí...ou seja, passou pela melhor compreensão...muitas das vezes...eu agora

estava-me a relembrar que, numa ou noutra situação, intuitivamente fui ao telemóvel para lhes mostrar as imagens...para eles perceberem exatamente o que é que se estava a falar...Foi isso que eu senti um bocadinho mais, foi realmente esta parte mais descritiva, mais da compreensão exatamente do que é que estão a ver, o que é que está a ser tratado, falado...e que, às vezes, se calhar as imagens ajudam. Ajudam bastante. Não senti assim mais nenhum tipo de necessidade.”

I: Sim. Em termos do usufruto deles, tem mais alguma coisa a acrescentar em relação ao que já disse?

APPACDM-4: “Não. [risos]”

I: Em relação àquilo que foi mais significativo, dentro daquilo que aconteceu, o que é que acha que foi mais significativo para eles?

APPACDM-4: “O que foi mais significativo para eles foi realmente...terem feito uma coisa diferente. Eu acho que isso é que foi significativo mesmo. O facto de eles terem tido esta possibilidade, ainda mais nos dias de hoje de...fazerem qualquer coisa diferente, interativa, onde eles pudessem participar, ver qualquer coisa nova...Senti também um bocadinho esta curiosidade...não estava...se calhar, aí até fiquei um bocadinho surpreendido...acho que, realmente, eles acabaram por se mostrar bastante curiosos...acerca realmente daquilo que estavam a ver. E isso para mim foi o mais significativo. Foi mesmo eles terem tido a oportunidade de ver algo novo...e a curiosidade.”

I: E o que é que levou a essa curiosidade? Por que é que eles se mantiveram curiosos? O que é que pode ter ajudado a isso?

APPACDM-4: “O que é que pode ter ajudado a isso?...”

I: Simplesmente ser uma coisa diferente ou...

APPACDM-4: “Não digo que tenha sido só isso simplesmente. Acho que isso é muito importante, sem dúvida...agora, obviamente, também acho que é uma coisa de cada um deles, não é?...Acho que se cada um deles não fosse minimamente curioso...não valia de nada ver coisas novas ou não. Ou seja, eu acho que essa curiosidade também já existe um bocadinho dentro de cada um deles.”

I: Sim. Relativamente ao tempo da visita...o que é que achou? Foi longa, foi curta...

APPACDM-4: “Acho que, dadas as circunstâncias, foi o tempo ideal, sim, sem dúvida.”

I: E a forma como eles acederam à informação?

APPACDM-4: “Também não tenho muita coisa a dizer. Acho que...”

I: Acha que eles perceberam o que foi dito?

APPACDM-4: “Acho que sim. Acho que é importante, lá está...uma ou duas imagens que eu mostrei no telemóvel ajudou...pronto, não sei se isso pode ajudar nalguma coisa, o facto de

haver um Tablet, um telemóvel, que às vezes em certas coisas que estejam a ser explicadas, no sentido deles perceberem realmente aquilo que está...visualmente aquilo que está a ser falado...se calhar, pode ajudar.”

I: O atendimento que foi realizado pela XXX e pela XXX [referência ao nome próprio das profissionais do MNMC]...acha que foi adequado?

APPACDM-4: “Foi, sem dúvida. Sim.”

I: A forma como responderam àquilo que foi necessário ao longo da visita...

APPACDM-4: “Sim, sim, sim.”

IP: O APPACDM-4 tem mais alguma sugestão de material ou estratégia que pudesse ser implementada pelo espaço cultural?

APPACDM-4: “Não. Também estamos a falar num contexto um bocadinho diferente, isto de visitas virtuais também...Mas não sei, não está assim a surgir nada, tirando o Tablet... [risos]”

I: Sim, ok.

Codificação do participante: APPACDM-5

Data e hora da entrevista: 19/05/2020 – 18:00 (1ª parte), 26/06/2020 – 15.30 (2ª parte) e 24/07/2020 – 16:00 (3ª parte)

Meio/Local de realização da entrevista: videochamada – Skype (1ª parte) e Centro de Atividades Ocupacionais da Tocha (2ª e 3ª partes)

Duração da entrevista: 20 minutos e 30 segundos (1ª parte), 6 minutos e 24 segundos (2ª parte) e 8 minutos e 50 segundos (3ª parte)

1ª parte

I: Boa tarde. Queria, antes de mais, conversar um bocadinho sobre as suas habilitações académicas e aquilo que faz enquanto profissional na APPACDM. Gostava de saber, então, quais são as suas habilitações académicas.

APPACDM-5: “Então, eu sou terapeuta ocupacional. Licenciiei-me pela Escola de Saúde de Leiria, do Instituto Politécnico de Leiria, em 2018. Depois de acabar a licenciatura, em setembro desse ano, comecei com o estágio profissional na APPACDM de Coimbra, na Unidade Funcional da Tocha. E, depois desses nove meses, fiquei com contrato e lá permaneço [risos].”

I: Sim, muito bem. Então, está na casa desde 2018, é isso?

APPACDM-5: “Exatamente, sim.”

I: Ok. Antes de trabalhar na APPACDM de Coimbra, trabalhou em algum outro contexto?

APPACDM-5: “Eu tive...vários estágios curriculares...sendo que um deles foi na área da deficiência e....além disso, durante o meu percurso académico, desenvolvi um projeto,

também com esta população...intitulado [impercetível], em que nós pretendíamos dar às pessoas com dificuldades intelectuais a experiência de uma noite académica. Então...eles vieram ter connosco, nós jantámos com eles na nossa cantina, lá na escola...depois, fomos fazer o rally tascas pelos bares da cidade...eles pernoveram connosco na escola, cuidámos deles de manhã, as higiènes e tudo mais e depois lá foram à vida deles e assim tiveram a oportunidade de...ter uma noite [risos] universitária.”

I: Sim, e pertenciam a alguma instituição?

APPACDM-5: “Pertenciam, sim. Pertenciam ao Cavalo Azul, ao Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor nas Caldas, à Cercipom e...eu penso que a Oásis também pertenceu, mas já não tenho a certeza. Estas três eu tenho a certeza...foram quatro, foram...a Oásis também. Até parece mal, eu sendo líder deste projeto e agora não me lembrar...”

I: Já passou algum tempo. Pode-me só dizer outra vez o nome do projeto?

APPACDM-5: “ESS-Lei – a cidade e todos nós”.

I: Ah, ok. Obrigada, é que há bocadinho não percebi bem. Obrigada. Agora, relativamente ao seu trabalho na APPACDM de Coimbra, como terapeuta ocupacional num Centro de Atividades Ocupacionais, pode-me falar um bocadinho do seu trabalho com as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

APPACDM-5: “Sim...Então, o papel do terapeuta ocupacional é muito à base da funcionalidade, das atividades de vida diária e tudo mais...Então, nós tentamos...eu tento ao máximo...adaptar o cliente e todas as condicionantes, de forma a que eles consigam participar ao máximo em todas as atividades que pretendam e que são significativas para eles e...tentar ao máximo que eles tirem partido de todas essas experiências, sendo que temos de adaptar ao grau de capacidade deles, como é obvio...as pessoas mais profundas e os ditos mais dependentes...as experiências deles são mais adaptadas, não é?...são muito mais sensoriais, mas é assim que eles vivem o nosso mundo, não é?...portanto, é esta adaptação que temos que fazer. E pronto, é no fundo adaptar, de forma a que eles consigam ter um dia-a-dia o mais funcional possível e o mais gratificante para eles possível.”

I: Sim. Se a APPACDM-5 tivesse que descrever um pouco daquilo que é a sua vivência diária, enquanto terapeuta ocupacional num CAO...como é que descrevia o seu dia? As funções, os desafios...

APPACDM-5: “Então...eu tenho...eu trabalho muito a estimulação cognitiva, a estimulação sensorial, as atividades de vida diária...com eles...fazemos muitas dinâmicas de grupo...também tenho intervenção nas atividades socialmente úteis...para perceber se podemos adaptar ou não as atividades ainda mais, de forma a poder capacitá-los ainda

mais...e, no fundo, é mais ou menos este...é nisto que eu...a estimulação sensorial já está, não já? É muito nisto que eu divido o meu dia [risos].”

I: Se tivesse que dizer assim: “O meu principal desafio nesta tarefa é...”

APPACDM-5: “...O meu principal desafio...deixa-me pensar...Às vezes, o meu principal desafio nem são eles, é a sociedade, no fundo, em que eles estão inseridos...porque as barreiras...a maior parte das barreiras estão à volta deles, não é?...e isso é que é difícil de...na maior parte das vezes não são eles que se têm de adaptar ao meio em que eles estão...é o meio que se tem de adaptar a eles. E, se calhar, a minha maior dificuldade, muitas vezes, é conseguir que as pessoas olhem para eles...deixem de olhar para eles como os coitadinhos [risos] e perceber que eles têm muitas capacidades e...têm muitas limitações e toda a gente vê, mas eles têm muito mais para além disso e a minha batalha, provavelmente, é mostrar...diária...é mostrar as capacidades, no meio de todos os defeitos e incapacidades que eles têm...as poucas capacidades que eles têm...que é essas que são importantes e que nós valorizamos. Acho que a minha grande tarefa, a minha grande dificuldade é esta, mas que é essa que eu vou para lá fazer todos os dias e trabalhar para que, a cada dia que passa, haja menos barreiras [risos].”

I: Sim. Ok, obrigada APPACDM-5. Agora passando à parte da fruição cultural propriamente dita, gostava de lhe perguntar: qual lhe parece ser o papel que a vivência de experiências culturais tem na vida das pessoas em geral? Não das pessoas com dificuldades intelectuais. No geral, no público em geral.

APPACDM-5: “Eu acho que a cultura acaba por definir um bocadinho a pessoa que nós somos. Ou seja, a nossa construção pessoal depende de muitos fatores...e muitos fatores culturais, não é?...Nós estamos inseridos numa sociedade, essa sociedade tem regras, tem hábitos, tem rotinas...tudo isso são fatores culturais e, portanto, na minha opinião, a cultura tem um papel muito muito importante na definição da nossa identidade.”

I: Sim, sim. Obrigada. Será que esse papel é diferente no caso das pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

APPACDM-5: “Eu acho que não é...não é diferente. Eu acho que a cultura tem também esse papel de definição de identidade. O que eu acho que acontece é que as experiências deles são um leque muito mais reduzido do que o nosso. Ou seja, eles não têm o acesso à cultura que nós temos e reflete-se claramente na identidade deles também, não é? E isso é uma das barreiras que temos de derrubar [risos]. Mas sim, têm exatamente o mesmo papel...Acho que ainda não conseguem ter o acesso à cultura que nós...que o resto da população tem...e que é uma grande falha e que devemos, sem dúvida, vir a trabalhá-la [risos].”

I: Sim. Se comparar o público com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais com outros públicos, quer tenham ou não deficiência, considera que existem diferenças na forma como estas pessoas desfrutam de uma visita a um espaço cultural?

APPACDM-5: “[pausa prolongada] Eu acho que, se a visita ao espaço cultural estiver adaptada, eu não considero que seja diferente. Se não estiver adaptada, é diferente sim, eles não vão conseguir recolher metade das informações que as outras pessoas conseguiam recolher, infelizmente, não é? Sim, se não estiver adaptado acho que é diferente. Acho que não conseguem vivenciar o momento na plenitude.”

I: Sim. O que é que a APPACDM-5 considera ser necessário ter em conta numa visita cultural dirigida a pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais? O que é que é necessário ter em conta?

APPACDM-5: “Acho que tem de ser adaptada a eles, ou seja...a informação que normalmente essas visitas têm são maioritariamente escritas, com textos enormes, e isso não funciona para os nossos clientes, não é?...Acho que temos de recorrer à comunicação aumentativa e alternativa, acho que temos que usar muito mais pistas visuais do que são usadas...Acho que, muitas vezes, se for falada numa linguagem mais simplificada, eles conseguem também ter mais acesso a essa informação...Não falando também nas barreiras arquitetónicas, não é? Porque se eles não conseguirem lá entrar, então a visita não se irá realizar, com certeza. Mas sim, acho que se prende muito com estas...depois, se conseguisse vivenciar a experiência através de outros estímulos, melhor, não é? Se conseguissem ter, sei lá...se houvesse uma recriação ou qualquer coisa assim, em que eles estivessem dentro de recriação, provavelmente ainda vivenciariam melhor. Quanto mais estímulo, melhor eles vivenciam [risos].”

I: Sim. No contexto da APPACDM, também daquilo que é o seu trabalho e do conhecimento que tem do trabalho noutros centros, existem algumas dinâmicas ou projetos que tenham o objetivo de promover o acesso das pessoas com dificuldades intelectuais aos espaços culturais?

APPACDM-5: “Existem. Existe um projeto muito interessante na APPACDM, no CAO de São Silvestre. Eles preparam as visitas antes de as visitas acontecerem...preparam os clientes e depois, mesmo na visita...a visita é acompanhada por duas técnicas, preferencialmente...e têm o recurso à informação simplificada que elas preparam e, desta forma, elas conseguem garantir que os clientes vivenciam a visita de uma forma muito mais plena. Em relação à Tocha, que é o caso que eu conheço melhor [risos]...nós temos...nas nossas colónias de férias tentamos sempre ter uma vertente cultural...fazemos questão que isso aconteça. Na colónia de férias anterior, que é a que eu conheço melhor, até porque foi a única em que eu participei

[risos]...nós realizámos, por exemplo, uma visita a uma Eco Aldeia...foi incrível, foi muito muito bom...Visitámos também o Buddha Éden...Para isso, tivemos de contactar com ambas as entidades e perceber se os espaços eram adaptados ou não...Um deles não era e nós arranjámos maneira de ser...arranjámos uma joelette para que todos conseguissem ter acesso e eu sei que, em colónias anteriores isto também já era feito. Nós em cada sítio...para cada sítio que vamos tentamos sempre que eles conheçam um bocadinho da cultura do espaço que vamos conhecer. Pronto, depois conseguem...esse acesso à cultura também de outras formas. Por exemplo, eles têm dois grupos musicais: o JoviCAO e o Rebus Stare...que também ajuda [risos] para a cultura deles. E pronto, acho que é assim mais ou menos isto.”

I: Ok, obrigada. Dentro ainda destas dinâmicas, também da colónia de férias...a visita ao Buddha Éden e assim...Como é que considera que as pessoas que acompanhou nas visitas usufruíram das mesmas?

APPACDM-5: “...A visita ao Buddha Éden foi uma visita...tanto ao Buddha Éden como à Eco Aldeia. Para já, na Eco Aldeia tivemos um dia incrível que conseguimos colocar tudo numa linguagem super simplificada, em que eles perceberam perfeitamente o que estavam a ver. Foi incrível. No Buddha Éden, não tínhamos, então tivemos que ser nós a fazer um bocadinho esse papel de guia...e, portanto, tivemos esse papel de explicar, numa linguagem que eles conseguissem entender, tudo o que estávamos a ver, porque é importante...eu acho que eles conseguiram perceber e vivenciaram e adoraram [risos] e saíram de lá garantidamente mais cultos do que quando entraram [risos].”

I: Sim, ok. Na sua opinião, existe a necessidade de efetuar alguma mudança na forma como os espaços culturais recebem habitualmente estas pessoas?

APPACDM-5: “Ai, sem dúvida, sem dúvida...para além das barreiras físicas, que muitas vezes ainda encontramos, infelizmente...mas muito mais do que isso é esta tal questão depois das informações acerca das peças ou o que seja que estamos a ver, que é tudo numa linguagem super complexa, que às vezes até nós temos dificuldades em perceber, quanto mais eles! Sim, sem dúvida que ainda há aqui um longo caminho a percorrer...ao nível da comunicação, essencialmente, há muito a melhorar para que eles consigam perceber o que realmente ali está porque senão não vai passar de uma estátua ou do que quer que seja que eles nem sequer vão perceber o que é que raio é aquilo [risos].”

I: Sim. A APPACDM-5 há bocadinho falou da Eco Aldeia...que tiveram um guia que facilitou bastante o acesso ao espaço e à experiência...Em que medida é que as próprias pessoas, os profissionais das instituições culturais...qual é o papel que eles podem ter e se há alguma coisa que seja necessário mudar nessa abordagem?

APPACDM-5: “Eu acho que eles podem ter um papel fundamental, sem dúvida...Eu acho é que eles têm de estar predispostos para isso e, se calhar, até ter alguma formação...para conseguir comunicar da melhor forma com estas pessoas...porque acho que nem todos estão sensibilizados para esta temática...ou seja, nem todos percebem a importância que a cultura tem para eles e, por isso, provavelmente não lhes vão dar a devida importância que têm, não é?...e a visita não vai ser adequada a eles. Portanto, acho que eles têm um papel fundamental porque ninguém conhece o espaço que estão a mostrar melhor que eles...e acho que, se articularem connosco...e fizermos ali uma equipa [risos]...acho que vai ser muito bom, acho que é muito importante, sim.”

I: Sim. Pensando nessa equipa de que falou agora.... Quais é que acha que são os contributos que podem ser dados pela APPACDM-5 e por outros profissionais das instituições de apoio, no sentido de melhorar a forma como as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais acedem e desfrutam dos espaços culturais?

APPACDM-5: “Acho que...se tivermos antecipadamente a informação acerca dos espaços e das obras que vamos ver, conseguimos preparar previamente, o que é ótimo. Seria ótimo, porque eles já vão com uma ideia do que vão ver...facilita bastante, depois, a visita...e isso, provavelmente, teria que ser uma articulação entre nós e o espaço, não é?...e depois, mesmo o local...por mais que eles...pronto, para já, acho que os devemos informar das características do grupo, não é?...e adaptar, lá está, o grupo. Se for um grupo muito heterogéneo depois é complicado também para o guia perceber como é que se vai guiar...Mas acho que...se nós conseguirmos explicar ao guia quais são as dificuldades, as limitações e as características do grupo, ele também, provavelmente, se conseguirá adaptar melhor, portanto acho que mesmo que é fundamental haver aqui uma entreaajuda entre os dois lados.”

I: Sim. Pensando, por exemplo, no número de participantes por visita...já refletiu alguma vez sobre a necessidade de pensar nisso?

APPACDM-5: “Ai, acho que não podem ser grupos muito grandes...por vários motivos... porque se tivermos que fazer uma explicação individualizada, quando chegarmos ao último, o primeiro já...a atenção dele já foi... Por imensos motivos...porque conseguimos mantê-los mais controlados, se for um grupo mais pequeno...porque eles próprios vão usufruir melhor se for um grupo mais pequeno... Eu não sei exatamente...não pensei num número certo, mas mais de dez já é muito, aliás...se calhar, dez já é muito, portanto devem ser sim grupos mais pequeninos.”

I: Sim, sim, ok. Ainda pensando aqui nos contributos dos técnicos das instituições de apoio, relativamente às dinâmicas que podem ser realizadas também depois das visitas, tem alguma sugestão ou alguma ideia do que é que seria importante fazer?

APPACDM-5: “Eu acho que há dinâmicas interessantíssimas...porque vai estimular imenso a cognição, não é?...se conseguirmos fazer questões acerca do que eles viram, como experienciaram, o que sentiram...e fazê-los também refletir um bocadinho porque às vezes acho que falta um bocadinho de reflexão...acho que exigimos pouca reflexão dos nossos jovens [risos]. Mas acho que vai criar dinâmicas interessantíssimas e até, passado algum tempo, sessões de reminiscência muito interessantes.”

I: Sim, ok, obrigada. Estamos a chegar ao fim desta parte da entrevista.... Tenho algumas perguntas para fazer depois da realização das visitas...mas não gostaria de terminar sem perguntar se há mais algum aspeto que a APPACDM-5 gostaria de referir relativamente a esta temática, neste momento.

APPACDM-5: “Acho que não, acho que já está tudo. [risos]”

I: Então, agradeço a colaboração e a participação no estudo.

APPACDM-5: “De nada, obrigada eu.”

2ª parte

I: Tendo por base a visita realizada hoje, como é que considera que as pessoas que aqui participaram desfrutaram dessa visita?

APPACDM-5: “Bem, para já, devo dizer que a visita foi, de facto, muito interessante, que o guia estava incrivelmente preparado para esta população...o que, às vezes, é raro de encontrar [risos]...e os nossos clientes saíram daqui radiantes com a visita. Foi, sem dúvida, muito enriquecedor para eles, eles aprenderam muito hoje...e saíram daqui com muita vontade de continuar a explorar este mundo, o que nos deixa super felizes por percebermos que eles querem apostar na cultura [risos].”

I: Muito bem. Considerando especificamente o Museu Machado de Castro, tem alguma sugestão de melhoria relativamente à forma como eles promovem a fruição cultural das pessoas com dificuldades intelectuais?

APPACDM-5: “Eu acho sinceramente que a visita foi fantástica, mesmo. Tal como disse, a guia estava super preparada para a população e, por isso, eu não tenho qualquer reparo a fazer a esse nível.”

I: Em relação às necessidades que identificou nos participantes ao longo da visita. O que é que tem a dizer, em termos de balanço?

APPACDM-5: “Nós tivemos aqui algumas dificuldades com o som, mas...tirando isso, eu acho que eles tiveram...e por isso exigiu uma atenção redobrada deles...eles precisaram de se manter muito mais atentos do que seria normal, com uma visita presencial, mas, ainda assim, achei que estiveram à altura. Mas, de resto, às vezes era preciso reforçar alguma informação,

mas acho que a informação chegou perfeitamente e que eles estiveram à altura do desafio [risos].”

I: A forma como eles usufruíram, da visita....

APPACDM-5: “...em relação a isso, eu acho que a dramatização no final foi incrível, porque eles conseguiram experienciar mesmo, ou seja, para além do estímulo visual e auditivo, eles conseguiram também ter o estímulo proprioceptivo...porque conseguiram sentir com o próprio corpo o que tinham acabado de ver, portanto eu acho que foi incrível e acho que eles sentiram mesmo a visita, o que foi fantástico...portanto, acho que eles viveram a experiência no seu todo. Não sei se mudaria alguma coisa a esse nível.”

I: Qual foi a parte da experiência que pode ter sido mais significativa para eles?

APPACDM-5: “A dramatização acho que foi um bom culminar, acho que foi assim um bom resumo...mas o facto de lhes explicarem pormenorizadamente...todos os pormenores...acho que isso foi o mais significativo para eles. Acho que eles valorizaram muito isso. E depois o facto de estarem a conseguir responder às questões que lhes eram feitas foi muito gratificante para eles! Eles conseguiram perceber de imediato que estavam a conseguir perceber o que ali estava. E acho que isso os valorizou e eles sentiram-se também reconhecidos por isso e acho que foi muito bom.”

I: Sim. Relativamente ao tempo de duração da visita, acha que foi adequado ou mudava alguma coisa nesse aspeto?

APPACDM-5: “O tempo...acho que, se fosse presencial, teria sido mais curto e a atenção ter-se-ia mantido mais facilmente, mas ainda assim acho que eles se mantiveram perfeitamente alertas e, por isso, o tempo não foi excessivo.”

I: E o modo como eles acederam à informação?

APPACDM-5: “...Acho que, atendendo ao panorama atual [risos]...acho que foi o adequado, não é? Se a internet fosse melhor, acho que teria sido melhor, mas acho que, ainda assim, eles conseguiram aceder bem à informação.”

I: Tem alguma coisa mais a acrescentar ao nível do atendimento?

APPACDM-5: “Não, acho que elas foram realmente incríveis, acho que estão muito preparadas para receber este tipo de população. Têm a postura certa, vão atrás dos desafios deles, o que é incrível... não têm uma postura rígida, vão-se moldando, mas também não deixam descambar a visita, portanto, acho que foram mesmo incríveis.”

I: E a forma como responderam às necessidades que foram sendo identificadas ao longo da visita?

APPACDM-5: “Foram, sem dúvida...até a linguagem. A linguagem que elas utilizaram foi super adequada.”

I: Tem alguma sugestão de algum material que pudesse ser usado ou alguma estratégia, além daquilo que foi utilizado?

APPACDM-5: “Eu acho que introduzirem material tátil é excelente. É uma excelente estratégia! Acho que, se conseguirem utilizar ainda mais, perfeito. Mas também, neste caso, se calhar, o que utilizaram não daria para utilizar mais...mas até o recurso àquilo que dava a cor à escultura...se fosse presencial, provavelmente conseguiriam ver ainda mais de perto, mas acho que todos esses elementos é o que faz a visita. São essenciais...tudo o que for estímulos que possam introduzir, perfeito...portanto, se pudesse introduzir mais, melhor, mas eu acho que os que usaram foram muito adequados.”

I: Além do que eu perguntei, há assim mais alguma coisa que gostasse de me dizer em relação à visita de hoje?

APPACDM-5: “Não, acho que é só importante relembrar e referir...acho que já disse isto, mas vou dizer outra vez...que este tipo de visitas são mesmo muito importantes para eles e que espero que isto seja a porta de entrada para realizarmos muitas mais, porque eles próprios o pediram e demonstraram esse interesse.”

3ª parte

I: Tendo por base a visita de hoje, como é que considera que as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvidas desfrutaram desta visita?

APPACDM-5: “Esta visita... é muito sensorial, o que é incrível porque revejo, porque consigo imaginar clientes com bem menos capacidades dos que fizeram a visita a usufruir dela plenamente, o que é ótimo. Portanto, eu acho que eles a conseguiram sentir mais ainda do que, se calhar, a outra. Foi muito interessante, eles estiveram... super atentos o tempo todo, super interessados em tudo e mais alguma coisa, às vezes, o foco era um bocadinho o som, mas eles estiveram interessados em tudo, o som quase que passava ao lado, havia tanta coisa para ver. Eu acho que eles usufruíram plenamente desta visita.”

I: Considerando na mesma esta visita, tem alguma sugestão de melhoria relativamente à forma como o Convento São Francisco promove a fruição cultural das pessoas com DID?

APPACDM-5: “Eu achei que ... que o Convento esteve muito bem, no sentido em que, sendo uma visita tão... lá está, sensorial, vou dizer sensorial muitas vezes, é facilmente adaptável a qualquer tipo de população, mesmo nos mais dependentes, mais profundos, ou seja, acho que esta visita é facilmente adaptável e ... o que é fantástico, acho que foi muito boa, que foi uma iniciativa incrível.”

I: Nós nos outros anos, sem ser esta, não era a mesma exposição mas era na mesma o “Dar a Ouvir”, com outros aparelhos, outras montagens, e fomos com um grupo mais... [a

investigadora participou anteriormente em visitas culturais no Convento São Francisco com os clientes que acompanha no CAO de São Silvestre].

APPACDM-5: “Exato, o que é incrível, porque quando imaginamos um museu, imaginamos pessoas com deficiência, mas com alguma capacidade dentro do leque, mas isto vem demonstrar que, se calhar, somos nós que estamos a meter esta barreira, porque há exposições que dão perfeitamente para os outros, para os mais profundos, o que é ótimo.”

I: E há alguma coisa que achasse que podiam fazer ainda melhor para que resultasse melhor a visita?

APPACDM-5: “Só achei que... foi ótima a duração, foi curtinha e foi ótimo para eles conseguirem manter a atenção...”

I: Eles queriam mais.

APPACDM-5: “Pois, eles queriam mais. Mas conseguiram manter a atenção plena em toda a visita, o que foi ótimo. Eu senti foi que parecia que estávamos ali a certa altura a despachar, eles queriam falar mais e entretanto já estávamos noutra, já estávamos noutra coisa qualquer. É a única sugestão que eu faria.

I: Se calhar mais tempo... para...

APPACDM-5: “Para promover esta interação que eles estavam a pedir. Eles queriam fazer questões ou observações e, às vezes, quando íamos a ver eles estavam a fazer uma observação do que já tinha ficado para trás e já estavam a tentar atropelar-se e fazer daquela também.

I: Era muita coisa.

APPACDM-5: “Era muito, era muita informação... e eles estavam... se calhar se tivéssemos mais tempo focado em cada peça eles tinham conseguido aproveitar ainda mais. Mas ainda assim foi ótimo.”

I: Identificou algumas necessidades, algumas dificuldades, nas pessoas que estiveram presentes (as pessoas com dificuldades intelectuais)?

APPACDM-5: “Sinceramente acho que não, acho que eles, como disse, estou-me a tornar repetitiva, acho que eles sentiram plenamente esta...esta, eu senti mesmo que eles estavam absorver a informação e a interiorizar e a perceber exatamente tudo o que... o que lhes estava a ser explicado. Por serem objetos do dia-a-dia e serem-lhes familiares também os cativou mais e tornou a visita mais interessante. Por isso não sentiram tantas dificuldades em perceber as coisas porque são coisas familiares para eles.”

I: E então como é que eles usufruíram da visita em si?

APPACDM-5: “Eles estavam super interessados, eles falavam dos materiais, eles... eles recordavam aqueles sons, tinha ali uma reminiscência... portanto, foi uma estimulação cognitiva incrível, uma estimulação sensorial... absolutamente incrível também.”

I: Estimulação da memória.

APPACDM-5: “Da memória, exatamente, dos sons das memórias. Aqueles sons fazia-os lembrar de coisas passadas e de coisas do dia-a-dia deles, foi incrível. E eu acho que eles usufruíram na totalidade da... da visita.”

I: E o que é que foi mais significativo para eles?

APPACDM-5: “Acho que foi ... foi perceberem que reconheciam cada uma daquelas coisas, acho que isso... fez com que se sentissem super valorizados, nos museus também há coisas que nós usamos, afinal percebemos alguma coisa daquilo, acho que isso foi incrível para eles. Sim, sim, nós também sabemos disto.”

I: Pensando no acesso à informação, o que tem a dizer sobre este aspeto?

APPACDM-5: “...Nós na outra visita, não sei se posso compará-las... Posso?”

I: Sim, sim. O estudo não vai ser comparativo, mas se for mais fácil...

APPACDM-5: “Na outra visita, nós tivemos um guião, aqui acabámos por não ter nenhum suporte para além do que... do que estávamos ali a ver. A ligação à internet até estava boa, mas, se não estivesse, teria sido bom termos alguma coisa física, e não podendo estar lá, também teria sido altamente se tivéssemos conseguido tocar nalguns daqueles materiais que lá estão para conseguirmos...

I: Ser outro meio de...

APPACDM-5: “Ser outro meio de informação. Mas de resto acho que esteve bem.”

I: O que é que tem a dizer sobre o atendimento que foi realizado pela XXX [referência a nome próprio]?

APPACDM-5: “A XXX [referência a nome próprio] foi incrível, foi ... muito disponível, achei só que... como tinha de despachar, como tinha aquele timing para cumprir, havia ali coisas que às vezes se perdiam, mas isto acontece porque estamos a fazer virtualmente, provavelmente se fosse lá não iria acontecer porque ela ia estar no momento a ouvir as questões deles... mas ainda assim muito acessível, com uma boa interação com eles ... foi muito simpática, foi uma boa guia.”

I: Tem mais sugestões de materiais ou estratégias a implementar nesta visita?

APPACDM-5: “Estando nós privados do toque, era giro se conseguíssemos introduzir aqui algum estímulo tátil, trazer alguns.. pedra, quando falamos da pedra, trazer a madeira, quando falamos da madeira. Mas de resto, a visita é super sensorial, portanto foi ótima, não havia muito mais que eu mudaria.”

I: E aquela ideia de pegar depois nas coisas aqui do CAO...

APPACDM-5: “Isso é incrível, sim. E eles ficaram super entusiasmados... foi muito, muito bom eles terem lançado esse desafio, foi muito giro.”

I: Estamos a finalizar as entrevistas e as visitas no âmbito do estudo. O XXX [referência a nome próprio] já disse que queria ir ao Convento e ao Museu. Eu também tinha que ir porque eu também era do grupo.

APPACDM-5: “Exatamente, fazes parte agora.”

I: Queria perguntar se há mais alguma coisa que gostasse de dizer, para além do que já foi dito, só para finalizar?

APPACDM-5: “De dizer não, só agradecer. Agradecer a iniciativa e ... isto é incrível para nos mostrar que nós estamos nesta luta diária de os incluir e, às vezes, há coisas tão simples como idas ao museu que nos passam ao lado ... por nós lhes criarmos estas barreiras e não pode ser. Portanto, muito obrigada, muito muito obrigada. É mesmo importante que iniciativas destas aconteçam mais vezes para nos abrir os horizontes e para quebrar cada vez mais barreiras, que é a nossa missão.”

I: Obrigada pela vossa colaboração.

Codificação do participante: APPACDM-6

Data e hora da entrevista: 25/05/2020 – 11:00 (1ª parte) e 24/06/2020 – 16:00 (2ª parte)

Meio/Local de realização da entrevista: videochamada – Skype (1ª parte) e Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor-o-Velho (2ª parte)

Duração da entrevista: 33 minutos e 30 segundos (1ª parte) e 9 minutos e 31 segundos (2ª parte)

1ª parte

I: Gostava de saber, em primeiro lugar, quais é que são as habilitações académicas da APPACDM-6.

APPACDM-6: “Eu sou licenciada em Serviço Social.”

I: Sim, muito bem. E, neste momento, está a atuar a que nível no Centro de Atividades Ocupacionais?

APPACDM-6: “Estou numa sala de transição para a vida...e no Snoezelen.”

I: Sim. Já trabalha há quantos anos na instituição?

APPACDM-6: “[risos] Já vou fazer trinta!”

I: Já são muitos. Antes de trabalhar na APPACDM de Coimbra, trabalhou noutro contexto?

APPACDM-6: “Trabalhei na Fernão Mendes Pinto, trabalhei numa rádio, trabalhei nas Finanças, trabalhei em vários sítios.”

I: Muito bem. Pode-me falar um bocadinho daquele que é o seu trabalho com as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais, na APPACDM?

APPACDM-6: “Portanto...na sala de transição para a vida, nós abordamos vários temas...desde a aprendizagem do próprio nome, não é?...que é importante eles saberem fazer a sua assinatura...naqueles que têm mais dificuldades...e depois, nos outros, vamos fazer...aqueles que já sabem, pelo menos, transcrever textos...ou que sabem escrever à mão...pronto, vamos fazendo alguns textos...aproveitamos sempre as saídas...quando fazemos saídas...fazer um bocado o resumo do que é que foi a saída, o que é que gostaram. Trabalhamos os teus livros “Para além do óbvio” [livros de histórias sociais elaborados pela investigadora, em conjunto com outro elemento da instituição]... as histórias sociais, neste caso...trabalhamos muito, também por causa dos comportamentos, para eles perceberem como é que se faz...porque muitos têm a ideia, mas na prática...têm uma ideia, mas na prática depois não conseguem fazer. Pronto, utiliza-se muito aqui nesta sala a parte de informática, também...o computador, os jogos...portanto, tudo isso é trabalhado aqui nesta sala. A sala de Snoezelen é uma sala de relaxamento, embora o nosso Snoezelen seja um bocadinho pobre...Pronto, mas, de qualquer forma, temos...faço a massagem...o ano passado iniciei uma coisa engraçada que foi o Reiki...já não conseguimos fazer muito...porque eu sou reikiana e faço esse tipo de coisas...Era uma experiência com dois utentes...não conseguimos fazer muito, porque depois entretanto também já foi no final, pronto...Aquela sala é mais o relaxamento, uma massagem, pronto...não é muito mais que isto naquela sala porque só temos mesmo o colchão...as outras coisas não temos, mas, de qualquer forma, acho que esta sala é um bocado explorar os conhecimentos, com o intuito na aprendizagem...sempre melhorar, melhorar, melhorar [risos].”

I: Sim. Quando a APPACDM-6 falava nas saídas também no âmbito desses apoios, que saídas são essas?

APPACDM-6: “Uma das saídas foi contigo lá para o Museu, não é? Pronto...foi só uma vez que eu fui... Tentámos perceber...tentei aqui perceber o que é que eles tinham visto. Claro que tive que estar sempre a puxar, a dizer: “então e não viram isto?” ... “Ai, pois vimos!” ... Pronto e para relembrar e explicar...agarrar naquilo que viram e explicar um pouco, para eles terem...é assim: na hora eles ouvem, mas se não for depois recalcado, entre aspas, as coisas vão embora. Outras saídas que fizemos foi a um teatro, em Santa Clara... também com a XXX [referência a nome próprio], fui com a XXX [referência a nome próprio]...portanto, também explorámos isso...o que é que gostaram, o que é que foi, se gostaram de participar...pronto, este tipo de coisas. É para nos darem o feedback se eles gostam de ir... A última que nós fomos foi ao jardim, em Coimbra...Agora, não me recordo o nome, mas era um teatro que havia num

jardim...pronto, agora não me recordo o nome daquilo...mas foi explicado as árvores...o ser vivo...a importância das árvores e não sei quê...e depois viemos aqui e falámos da natureza, a importância de preservar a natureza...é sempre assim à base desses temas que eu exploro quando saio. Aproveito aquela saída para depois falar sobre a saída...e depois fazer o encaixe...com outras coisas ligadas.”

I: Sim. E a APPACDM-6 sente necessidade de o fazer...porquê?

APPACDM-6: “Eu sinto necessidade de o fazer porque...se nós não falarmos disto, aquilo entrou e saiu. Se eu for fazer uma visita e não falar mais dela, eles muitas das vezes...porque eles têm dificuldade em perguntar...Se não perceberem, eles não perguntam. E, então, eu vou buscar...no final da visita...eu vou perceber também o que é que eles não perceberam e o que é que eles gostaram...e qual é a opinião deles...para quê?...para ficar mais consistente essa aprendizagem, pelo menos para eles...sei lá...fiquem a perceber melhor...aquilo que viram...porque tiram dúvidas, eu explico...e é assim.”

I: Muito bem. Passando agora aqui à parte da fruição cultural propriamente dita, qual é que lhe parece ser o papel que a vivência de experiências culturais tem na vida das pessoas em geral? Na nossa vida...

APPACDM-6: “Eu acho que é muito importante...a parte cultural porque eu acho que é ir buscar um bocado aquilo que é nosso, no fundo...é percebermos...como é que foi as coisas, por que é que chegámos aonde chegámos, não é? Portanto, se nós estamos aqui, houve uma grande evolução de certas coisas e isso é importante...Como aquilo que eu vi quando fomos ao museu contigo...a vossa explicação...é importante que eles saibam que nem tudo sempre é igual agora...que houve algo...que nós fomos evoluindo e que há uma base, que é a nossa base, a nossa cultura, a nossa aprendizagem, ao longo dos tempos. Acho que isso que é importante para todos.”

I: Sim. E será que o papel das vivências culturais é diferente no caso das pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

APPACDM-6: “É diferente, em termos de aprendizagem? Em termos de perceber?”

I: Se há alguma diferença...ao nível da importância? Vou reformular: será que há diferença no papel que a vivência de experiências culturais tem na vida das pessoas em geral e na vida das pessoas com dificuldades intelectuais?

APPACDM-6: “É assim: eu acho que, na vida das pessoas com dificuldades, é sempre mais difícil de elas entenderem, não é? Portanto, têm algumas dificuldades. É muito importante essas visitas, é muito importante darmos-lhes a conhecer, porque, provavelmente, pelas dificuldades que tiveram, nunca lhes foram abordados certos temas. E é muito importante eles terem esse contacto...até para a evolução deles porque nós dizemos: “Ai, não fica lá nada!”.

Fica sempre. Eu vejo que fica! Pode não ficar às vezes da forma como nós aprendemos...ou quando vamos...e que falamos sobre as coisas e a importância disse para nós pode ser diferente...e provavelmente é...porque temos outra maneira de ver as coisas, mas para eles eu acho que é muito importante porque...para alguns...claro que não será para todos, mas a maior parte percebe que isso que é importante para eles e que é uma mais-valia esses conhecimentos.”

I: Sim. E considera que existem diferenças na forma como estas pessoas desfrutam de uma visita a um espaço cultural, em relação às outras pessoas?

APPACDM-6: “É assim...Eu acho que eles...É assim...eu não sei se é diferente [risos]...isso é muito complicado, não é?”

I: Sim, mas aqui não há respostas certas nem erradas. É, no fundo, para recolher informações sobre as suas perceções sobre isso.

APPACDM-6: “É assim: eu acho que, provavelmente, eles veem as coisas de uma maneira diferente porque também aquilo para eles pode ser novo. Enquanto que, para mim, quando eu vou a uma visita destas, eu já tenho alguns conhecimentos e aquilo vem-me lembrar provavelmente...ou vejo a imagem e venho-me recordar daquilo que já falei...eles não...provavelmente, aquilo é novo para eles...e claro que o assimilar é diferente. Diferente nesse sentido... Com certeza, é uma aprendizagem do momento que para nós é um lembrar, muitas das vezes, e ir buscar outras coisas que, provavelmente...sei lá...não se viu numa altura e agora “Olha, eu falei disto e afinal...”. Pronto, eu acho que é um pouco diferente...porque nós que já temos alguma experiência da parte cultural...acho que, para eles, é mais aquela aprendizagem e ver pela primeira vez...a curiosidade...e alguns nem a curiosidade têm porque aquilo não lhe é familiar. Temos que nós despertar a curiosidade como tu sabes, não é? E fazer perguntas e perguntar isto e perguntar aquilo e darmos a volta para que eles gostem daquilo que estão a ver, não é? Senão, eles ficam ali a olhar e não dizem muito mais que isso, não é?”

I: Sim, sim. Agora, falando também dessa experiência que teve no museu e noutras visitas onde vão...gostava que me falasse um bocadinho do que eu vou perguntar a seguir: no contexto da APPACDM de Coimbra, existem dinâmicas ou projetos que tenham o objetivo de promover o acesso das pessoas com Dificuldades Intelectuais aos espaços culturais?

APPACDM-6: “Sim, claro que sim. É uma preocupação sempre desta instituição, sempre foi ao longo dos anos...eles terem esse contacto...enquadrarem-se no mundo, no nosso mundo como pessoas normais, não é? Apesar da aprendizagem e daquilo que vão fazer...pode não ser adquirido a cem por cento, mas alguma coisa lá fica e é essa parceria entre as pessoas com dificuldades e as pessoas que, à partida [risos] não têm dificuldades que é quase...aliás, nós na

maior parte das vezes achamos que eles são iguais a nós [risos]. Nem achamos que eles tenham dificuldades...do hábito também, da vivência com eles.”

I: Sim, sim. A APPACDM-6 tem participado nesse tipo de saídas, não é? Nesse tipo de visitas...

APPACDM-6: “Algumas, não muitas, mas algumas, sim.”

I: Sim. Pode-me falar um pouco sobre o processo? Portanto, a parte principalmente das saídas ao teatro e assim...como é que funciona? Como é que vão, como é que preparam, como é que depois é lá?

APPACDM-6: “Pronto é assim...normalmente, estas últimas é sempre...as últimas não, mas as anteriores é com a XXX [referência a nome próprio]. A professora XXX [referência a nome próprio] é que às vezes faz as marcações...ela está mais a par das situações, portanto, como anda mais por fora, marca...Normalmente, nós marcamos sempre com alguma antecedência...ela faz a marcação para lá...nós deslocamos o grupo...seleccionamos sempre o grupo, não é?...não podem ir todos...seleccionamos um grupo e...por exemplo, no teatro, estou-me a lembrar que fomos ver um teatro e levámos realmente o grupo que coube na carrinha. Fomos...e depois, pronto, estivemos a ver o teatro, na altura, e eles gostaram. Riram-se muito, que aquilo era muito engraçado, riram-se muito...quando chegámos aqui...eles realmente disseram que gostavam de continuar a ir a este tipo de coisas porque era muito divertido e por que é que era divertido? “Olha, porque vi isto, porque vi aquilo”. Pronto, eles fazem um bocado esta...fazemos um bocado a descrição que é para que aqueles que estão mais desatentos...os outros acabam por completar [risos] aquilo que eles viram lá. Não sei se respondi à tua pergunta...”

I: Respondeu, sim. Eu vou só aqui passar a outro ponto que, no fundo, também está relacionado, mas que tem a ver com a forma como eles usufruem dessas experiências.

Geralmente, sentem como uma experiência divertida, como uma experiência boa, não é?

APPACDM-6: “Sempre, sempre. Eles gostam...quando se fala em sair, eles gostam de saber para onde é que vão sempre, pronto. E também preparam...ou seja, quando nós vamos...por exemplo, ao teatro...eu antes...eu falo disso. Peço sempre alguma coisa...que me digam o que é, não é? Às vezes, os papelitos...dizer...portanto, tem as descrições...dizer: “amanhã ou no outro dia, vamos ver isto...estejam atentos, é engraçado.” Portanto, eu também já os chamo um bocado para...já os motivo, não é? Eu já os motivo para que, quando eles lá chegarem já estejam atentos. E depois digo: “Olhem, atenção, vocês estejam atentos porque amanhã vamos falar sobre isto. Eu quero ver quem é que sabe o que é que ali se passou!”. E eles estão atentos, nota-se perfeitamente que eles vivem...eu acho que eles, nestes casos, vivem. Temos é que fazer essa preparação, antes. Antes e depois chamá-los à atenção: “Olhem, vocês estejam atentos...vejam: como é que eles vão vestidos, o que é que levam, o que é que têm, o

que é que eles fazem...uma coisa que eles digam que seja engraçada para vocês...tentem fixar”. E depois, no dia a seguir...ou quando eu tenho esse grupo...falamos sobre isso. Falamos sobre isso...eles, muitas das vezes...fazemos apontamento...eles transcrevem para o computador essas experiências.”

I: Sim, muito bem. Há bocadinho, a APPACDM-6 também estava a falar de que não podem ir todos e que, geralmente, enchem uma carrinha e vão... A APPACDM-6 tem alguma ideia do que é que pode funcionar em termos de número de pessoas envolvidas por visita?

APPACDM-6: “Pronto, nós estamos um bocado limitados por causa dos transportes, não é? Como temos de nos deslocar sempre...e depois temos que conciliar o motorista que está liberto e a carrinha que mais lugares tem, para podermos sair...e normalmente é assim que se faz. E depois, é assim, também temos o problema...não é problema, mas que nos dificulta...aqueles que andam no ASU [Atividades Socialmente Úteis, desenvolvidas em contexto de comunidade]...que são aqueles miúdos que andam na rua... e que...eles não podem sair, não é?...e temos que selecionar o grupo com o dia e vamos tentando ver em que dia é que aqueles não vão ou que podem faltar...eles não podem faltar, mas podem ser substituídos...arranjar aqui uma estratégia para os podermos levar. É complicado...Nós aqui, mesmo nestas visitas, nós temos de arranjar estratégias, porque eles têm muitas atividades! [risos].”

I: Mas, APPACDM-6, por exemplo, considera que, se pudesse levar cinquenta de uma vez, isso era bom ou é melhor levar grupos mais pequenos?

APPACDM-6: “Não, não, não, não. Eu acho que é melhor levar grupos mais restritos... Eu até sou apologista...não é fazer discriminação...é assim: eu sou apologista que se leve grupos mais ou menos homogêneos. Porquê? Para que depois, no final, quando nós formos explorar, todos possam participar....porque um grupo que não é tão homogêneo, quando eu venho explorar isso já não posso explorar da mesma maneira...já tenho que apresentar outra... Enquanto que com uns eu posso falar e pô-los até a escrever ou fazer desenhos sobre aquilo, há outros que não. Então, eu sou mais apologista de levar assim grupos mais pequenos e mais homogêneos, no sentido de...até é interessante aqui a explorar...todos participam e todos se sentem bem. Se há um que não sabe tanto...claro que existe sempre isso, não é?...mas se há um que fica assim mais de lado, paradinho a ouvir e depois estar sempre a puxar e não sei quê... Portanto, eu gosto mais de grupos homogêneos precisamente para isso: para que, quando eu vou explorar, eu tenho as minhas estratégias para os que são capazes de falar e de explicar e para outros que até coloco desenhos...e “Olhem, o que é que vocês viram? Viram um homem” e vou buscar a figura de um homem... “Então foi assim como este ou foi assim como aquele?” e faço um bocado isto, assim.”

I: Sim, acho que era importante também essa perspectiva, sim, obrigada.

APPACDM-6: “Pronto, isto é o meu ponto de vista [risos]...porque pode haver outras pessoas que achem que devemos...quer dizer, por um lado, eu acho que há coisas que devemos pô-los a interagir todos, sem estar a fazer esta seleção, entre aspas. Não é uma seleção, mas pronto...mas, para este tipo de visitas, eu acho que devemos levar aqueles...embora eu sei que, por exemplo, há aqui colegas que gostam de levar os profundos, mesmo para um sítio destes, e eu digo: “Olha, eles devem sair, devem-se ir divertir, devem fazer o seu passeio, mas para ali eles não vão ver nada...vão ver...eu sei que...eu tenho este ponto de vista que é diferente de muita gente, eu sei que sim...mas, quando vamos, por exemplo, ver plantas ou ver uma coisa qualquer, eles não percebem...o grupo de miúdos como...a sala dos profundos...tem miúdos que andam, mas que não...eles não entendem... Agora, devemos ir sim passear com eles, fazer outro tipo de atividades. Estas eu acho que eles não aproveitam, embora eu tenha aqui uma colega que acha que eles aproveitam, mas este é o meu ponto de vista [risos].”

I: Sim. Tudo pode ser adaptado, não é?...o tipo de experiência.

APPACDM-6: “Exatamente, exatamente, exatamente. Temos de adaptar.”

I: Falando agora das adaptações que pode ter que haver e nas mudanças que podem ter que existir nos espaços que recebem as pessoas em geral e também estas... Na sua opinião, existe a necessidade de efetuar alguma mudança na forma como os espaços culturais recebem habitualmente as pessoas com dificuldades intelectuais?

APPACDM-6: “É assim, os sítios onde eu tenho ido, talvez porque têm sido também selecionados sempre para este tipo de grupo, de população, eu acho que estão bem...eu nunca...nunca fui a um sítio que dissesse assim: “Ai, isto não tem nada a ver”... O acesso, a maneira como as pessoas recebem...tem sido sempre tão sentida, pessoas tão preocupadas, que eu acho que nos aceitam tão bem estes jovens com estas dificuldades...eu, sinceramente, não tenho...acho que tem corrido tudo bem e a aceitação por parte das pessoas é espetacular! É espetacular, quer no museu quer mesmo no convento...quer mesmo no grupo em que eu fui no jardim...é tudo tão...parece que somos todos iguais. Somos todos diferentes, somos todos iguais...mas parece que não há esse...claro que há alguns acessos, em termos mesmo das infraestruturas, que não dão, mas há sempre preocupação por parte das entidades para que isso seja reduzido...essas dificuldades.”

I: E pensando assim noutros espaços que a APPACDM-6 conheça, no geral...até em sítios onde já tenha ido, mas que não tenha ido com as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais...Acha que todos estão preparados ou ainda há um caminho a fazer?

APPACDM-6: “Não! Ainda há um caminho a fazer, eu acho que ainda há um caminho a fazer. Nem todos estão preparados, isso não. Há um grande caminho ainda a fazer. Eu acho que estes que temos ido também são aqueles que mais lidam com este tipo de população. Agora, no geral...isto é como as cadeiras de rodas, não é? Ainda há muitos sítios que nós não conseguimos ir de cadeiras de rodas...e isso eu acho que ainda não estamos...ainda temos que trabalhar isso [risos].”

I: Sim. E o que é que a APPACDM-6 pensa ser necessário ter em consideração numa visita cultural dirigida a pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

APPACDM-6: “Sempre o acesso, por exemplo...porque, por exemplo, as cadeiras de rodas...dou o exemplo das cadeiras de rodas... É sempre difícil por causa do transporte... E depois...os acessos, às vezes, os acessos, mas isso também depende sempre dos edifícios, que ainda não estão muito...mas eu acho que, no geral, pronto, é um bocado os acessos...que temos ainda que trabalhar e...”

I: A APPACDM-6 há bocadinho falou que iam a alguns sítios e que podia haver a ideia de que, se não fosse trabalhado, que eles não iam perceber o que lá se passava e assim. De que é que, nesse sentido, os espaços culturais devem alterar algumas práticas, de forma a tornar esse acesso também à informação...”

APPACDM-6: “Muitas das vezes, eu acho que é a linguagem...a forma de linguagem...às vezes, as pessoas esquecem-se que eles não estão ao mesmo nível ou não têm...pronto. Eu estou-me a recordar de uma visita, em Coimbra, ao...ao Pavilhão Multiusos...como é que se chama cá em baixo?...”

I: Ao Exploratório?

APPACDM-6: “Ao Exploratório! Em que fomos nós, eu e a minha colega que foi comigo, a explicar porque a moça...não estava dentro do contexto deles...porque explicava as coisas de uma forma que eles não entendiam. Por exemplo, eu acho que tem que ser uma linguagem acessível...para eles perceberem...e, às vezes, também, dar-lhe a oportunidade de eles falarem, para nós também termos noção se eles estão a perceber ou não. Fazer perguntas...às vezes, fala-se muito e não se faz perguntas...e eles não conseguem assimilar aquilo [risos]. Eu acho que fazer perguntas de vez em quando... “O que é que gostaste? E aqui, o que é que achas disto?”...é importante para que eles assimilem melhor...e eu acho que isto é uma das coisas que é importante se fazer.”

I: Sim. Falando dessa experiência, e não só...Partindo da experiência que teve no Exploratório, em que achou que teve de intervir de forma a que a experiência fosse mais positiva...mas também noutros aspetos... Quais são os contributos que podem ser dados pelos profissionais de uma instituição como a APPACDM de Coimbra, no sentido de melhorar a forma como as

peessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais acedem e desfrutam dos espaços culturais? Qual é que pode ser o papel dos técnicos da instituição?

APPACDM-6: “O papel...neste caso, aquilo que eu acho...pronto, aquilo que eu me tenha apercebido é...quer eu quer os colegas que participaram nessa experiência...a nossa preocupação é eles desfrutarem o máximo daquilo que estão ali a fazer e a ver. E então...nós utilizámos essa forma de linguagem...também já estamos habituados...utilizamos essa forma de linguagem simples...sempre com muitas perguntas... “O que é que achas disto? O que é que...Isto foi o quê? Tu lembraste disto? Olha, então...”...Fazendo este tipo de perguntas, eu acho que o papel dos técnicos é isto, é o ir ensinar, mas é ensinar de maneira diferente, não é? Porque, às vezes, o ensinar...explicando não ao pormenor por que é que aquilo está ali, mas, às vezes, até explorar só a própria imagem...aquilo que ali está... Nós, lembra-me que estivemos a falar sobre a alimentação...o que é que eles achavam que a alimentação devia ser...e depois, fizemos a experiência...uns diziam que era bolos, outros...então e se fosse só isto, isto e isto? Não seria melhor? Não era mais...Fazemos este tipo de experiências...porque eu acho que é isso que lhe traz mais conhecimento, é capaz de os completar mais, não é?...às necessidades deles.”

I: Sim, e isso no contexto da visita. Aquilo que me falou de depois ir para o CAO e poderem depois falar sobre o que aconteceu, também considera que esse é um papel importante dos técnicos?

APPACDM-6: “É! Eu aquilo que eu penso é...o técnico tem essa função mesmo. É o ensinar, mas também o saber ensinar e saber ensinar não é dizer-lhe que tem que fazer, sei lá...uma conta de matemática que cinco e cinco são dez! Temos que lhes explicar por que é que são dez! Não é só: “Olha, cinco e cinco são dez!”, não. Pronto, e quem diz este exemplo diz outros... Por que é que isto está mal? Por que é que ao pequeno-almoço não se deve comer muito pão ou não se deve comer muitos bolos? E depois vamos explorar isso, isso é a nossa função enquanto técnicos porque eles não sabem, não é? Estão habituados sempre àquilo. Ora, claro, tudo o que é novo é mais difícil...e pessoas que já estão com muitos anos dessa...agora falta-me a palavra... desse treino...é difícil. Então, o nosso papel enquanto técnicos é explicar, mas saber explicar! Fazê-los intervir...o porquê...perguntar sempre...eu utilizo muito os porquês...porquê isto e porquê aquilo?...porque se eles souberem porquê, muitas das vezes...se eles souberem dar esta resposta, eu percebo que eles que sabem...e que têm uma visão daquilo que estamos a dizer.”

I: Sim, ok. Há aqui depois algumas perguntas que vão ser feitas depois dos contextos das visitas...mas agora queria perguntar, para finalizar, se há mais algum aspeto que a APPACDM-6

gostaria de referir relativamente a esta temática, que possa contribuir para a investigação? Alguma coisa que eu não lhe tenha perguntado e que gostasse, neste momento, de partilhar.

APPACDM-6: “Que eu agora me esteja a lembrar não...Aquilo que eu quero partilhar é...relativamente àquilo que eu tenho trabalhado com os teus livros...tem sido uma mais-valia para eles...Eu escolho sempre...eu não sei porquê, mas, se acontece alguma coisa fora da sala que eu não goste, no sentido que eu vi que eles não estavam a ser corretos...até, às vezes, o comportamento com o colega...seja o que for...ou mesmo...vários temas que estão aqui nos livros...que eu, normalmente, quando isso acontece, eu não vou interferir lá, quando eles estão, porque são muitos e, às vezes, nem estamos no contexto, mas...chego aqui à sala e digo-lhe assim: “Vocês lembram-se daquilo que se passou ali, naquele...? Então vamos lá!” e vamos trabalhar esse tema. Estou-me agora a recordar uma: como é que...mas, por exemplo, trabalhar o amigo...como é que se deve ter comportamentos com o amigo ou...ser bem-educado...o ser bem-educado, por exemplo...muitas das vezes, eles são mal-educados uns para os outros...e eu, na hora, nem estou muito a chamar a atenção, porque acho que, à vezes, não fica bem...e, então, venho aqui e trabalho o tema...vou ao livro e trabalho esse tema. Vários temas...e eles gostam, porque eles dão a opinião deles...seguimos aquilo que aqui está. E eu acho que isso que é importante...eu gostei muito quando elas me propuseram fazer isto porque eu acho que é uma mais-valia e digo: a experiência que eu tenho tido ao longo deste tempo é boa, porque vejo...elas aqui, principalmente as meninas mais ligeiras...que têm dificuldades...dizerem-me assim: “Ah, a APPACDM-6 disse que nós devemos respeitar uns aos outros!”...ou seja, por exemplo...este tipo de atitude eu acho que é uma mais-valia...e depois, quando eles chegam aqui, eles gostam de andar sempre a falar uns dos outros...e eu digo: aqui na minha sala não se fala de ninguém, a não ser das pessoas que aqui estão, para as pessoas se poderem defender. Eu às vezes até rio, porque elas começam a falar e uma diz sempre: “Aqui não se fala de coisas lá de fora! [risos] Aqui só se fala das coisas daqui de dentro!”...Portanto, é este tipo de coisa que fica! Temos de trabalhar, eu acho que, enquanto técnicos, temos de trabalhar e mudar comportamentos...porque eles... É difícil? É! Mas vamos fazendo um pouquinho de cada vez e muda-se comportamentos...que é importante. É muito bom...mesmo a parte das imagens, da adaptação, para eles entenderem...aqueles que têm mais dificuldades de leitura. Eu acho que é um bocado isto que eu trabalho e que está de acordo com as necessidades deles.”

I: Depois também os ajuda nos contextos da comunidade...ajuda-os a ajustarem melhor os seus comportamentos...

APPACDM-6: “Exatamente! Porque, trabalhando isto em sala, eles quando saem eles têm isto! Quer queiramos quer não, eles têm! E os comportamentos vê-se que são diferentes. Vêem-se

alterações...claro que têm que ser muito trabalhado, durante muito tempo...é verdade...nós sabemos disso, mas agora eu penso que, pelo feedback que eu tenho tido...até das colegas lá do gabinete...eu noto diferença neles. Claro que, em alguns, não é muita, mas nota-se diferenças! Nota-se sim!”

I: Obrigada, APPACDM-6. Por agora, acabamos a entrevista.

2ª parte

I: Falando especificamente da visita de hoje, APPACDM-6, e aquilo que aconteceu, como é que considera que as pessoas que aqui estavam, as pessoas que apoia, desfrutaram desta visita?

APPACDM-6: “...eu acho que, para eles, este tipo de acontecimentos é importante, não só pelo facto de eles estarem neste contexto, de aprendizagem, mas também para perceber o que é que há para além de. E depois, o desvendar da imagem, neste caso...hoje, com estas perguntas que foram feitas, percebi que eles não têm noção, não é...só viram que era uma menina e não um menino pelo cabelo...e isso é engraçado de perceber que eles não vão buscar outras coisas, mas sim aquilo que estão a ver naquele momento. Acharam que era uma menina e ficou uma menina, independentemente de acharem que era Jesus [risos] ou não sei...Eu acho que é muito importante para eles porque eles não estão habituados... não são pessoas que façam muito, no seu dia-a-dia em família, este tipo de visita...este tipo mesmo de explorar, este tipo de acontecimento e acho que é muito importante para eles. E senti que eles estavam... eles, apesar de estarem assim...à distância, mas eu acho que foi importante e eles gostaram.”

I: Sim. Tem alguma sugestão de melhoria relativamente à forma como o Museu Machado de Castro promove a fruição cultural das pessoas com dificuldades intelectuais?

APPACDM-6: “Eu não tenho sugestão, eu tenho é que dar os parabéns...como é que fazem este tipo de apresentações...a maneira afável como é que é feito...o interesse para que eles percebam...as maneiras de fazer as várias atividades...de forma a que eles entendam como é que isto tudo é feito...é de dar os parabéns, sim!”

I: Tem alguma coisa a acrescentar em relação às coisas que aconteceram?

APPACDM-6: “Não...é que foi tudo tão bom...que em termos mesmo de aprendizagem deles, senti que eles, mesmo lá fora comigo, quando se falou nisto, estavam satisfeitos, estavam a querer vir: agora a seguir sou eu, a seguir és tu [para as entrevistas], portanto...o interesse. Eu acho que é isso que temos que despertar neles...é o interesse. E eu acho que isso está a ser conseguido.”

I: Houve alguma necessidade das pessoas que identificou ao longo da visita?

APPACDM-6: “É assim, eles não...talvez pela distância a que estavam...da filmagem...não perceberam que a cadeira que era grande...mas depois nas comparações eles já perceberam isso...Claro que é mais difícil de, assim à distância, eles perceberem...o grande, o pequeno...se

estiver a pessoa mesmo no sítio é muito mais fácil. Depois, mesmo as coisas que estavam...os acessórios...o pássaro, a flor, claro que aqui temos que puxar mais por eles, no fundo, para eles perceberem...Mas eu acho que o entusiasmo deles nestas coisas surpreende-me sempre [risos], pela positiva. É importante este tipo de...”

I: O que é que acha que foi mais significativo para eles, nesta visita?

APPACDM-6: “Eu acho que estas ligações que se criam entre as pessoas que é muito importante para eles. Às vezes não é o conteúdo, mas este partilhar de carinho, de afetividade...mesmo, destas experiências...o estar lá, o estar aqui...mesmo através hoje do computador...tudo isto eu acho que é importante para eles e eles gostam desta maneira de apresentação. Claro que se for lá é melhor, mas é melhor porquê? Porque não é só por verem pessoalmente, mas também porque saem da instituição...eu acho que será só por isso porque isto hoje foi muito produtivo, foi muito bom.”

I: Em relação ao tempo de duração da visita, acha que foi o correto?

APPACDM-6: “Acho que sim. Se for mais tempo, eu acho que eles depois começam também a dispersar um bocado os pensamentos, não é? É melhor assim [ver uma só peça] porque eles focalizam-se mais naquela e depois, quando fazemos comparações, é mais fácil de eles perceberem: olha, no dia X, viram isto; no dia X viram aquilo. Se forem duas ao mesmo tempo, é mais difícil nós depois explorarmos isso.”

I: A forma como eles acederam à informação e como a informação lhes chegou...o que é que tem a dizer sobre isso?

APPACDM-6: “É assim, eles demonstraram que perceberam a informação. Demonstraram que perceberam. Claro que depois, mesmo quando nós estamos a descrever as imagens...eles percebem e quando continuam a achar, por exemplo...vamos dar o exemplo outra vez do menino e da menina...mas eles perceberam que era Jesus, ou seja, eles perceberam...só que, depois, pelo facto de terem dito que era uma menina porque tinha os cabelos compridos, eles mantiveram...mas eles perceberam, eu perguntei lá fora e eles perceberam.”

I: Nós não fomos ao espaço, mas houve uma preocupação que eles percebessem que estavam a entrar naquele espaço...

APPACDM-6: “Claro que o facto de...se for presencial, eles vivenciam de outra forma...e talvez fique mais tempo na memória deles porque é o sair, é o ir...mas não quer dizer que isto...esta forma...também não seja produtiva...porque eles acabaram por...eles também gostam da XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC]...acham-na muito simpática...e é, a maneira como ela interage com eles. E, às vezes, isto é que é o importante, embora eu ache que realmente as visitas, em termos pessoais, o entrar no espaço vivo...talvez seja mais

benéfico...mas porque é mesmo um conjunto de circunstâncias que facilitam isso...Aqui, eu acho que foi ótimo esta experiência.”

I: De que forma é que o museu conseguiu responder àquilo que estava a acontecer?

APPACDM-6: “Eu acho que eles que respondem, ficam ali um bocadinho inibidos para ver quem responde primeiro, mas quando começam, eu acho que eles aí...”

I: E a forma como a XXX e a XXX [referências aos nomes próprios das profissionais do MNMC] responderam a isso?

APPACDM-6: “Pois, elas apelam muito, não é? E a maneira como elas falam com eles, a maneira como ela explica, também os leva até lá. Faz de conta que estão lá, ao pé dela [risos]...e isso notou-se aqui, que eles...que a interação deles...notou-se realmente isso.”

I: Sim. E há mais alguma sugestão de materiais ou estratégias que fosse importante implementar nestes contextos, pensando nesta visita?

APPACDM-6: “Materiais, penso que aquilo que se utilizou hoje foi realmente o que é necessário, para eles...estou a falar do aspeto deles...Eu acho que aquilo que foi feito hoje e a forma como foi feito que é o essencial e é a melhor forma de chegar a mensagem até eles.”

I: Ok, obrigada!

PROFISSIONAIS DOS ESPAÇOS CULTURAIS

Codificação do participante: EC1

Data e hora da entrevista: 14/05/2020 – 17:30 (1ª parte) e 30/06/2020 – 18:30 (2ª parte)

Meio de realização da entrevista: videochamada [Skype]

Duração da entrevista: 45 minutos e 4 segundos (1ª parte) e 23 minutos e 10 segundos (2ª parte)

1ª parte

I: Antes de mais, queria saber um bocadinho mais sobre si, sobre as suas características, principalmente a nível profissional. Queria saber quais eram as habilitações académicas da EC1.

EC1: “Ah, sim, eu licenciiei-me em História.”

I: Hum-hum.

EC1: “E depois estou a fazer o mestrado em Património Cultural e Museologia, na vertente de Museologia.”

I: Ok, e agora está a fazer um estágio no Museu Nacional de Machado de Castro, não é?

EC1: “Sim, eu sou da Faculdade de Letras da UC e nós o segundo ano podíamos optar por estágio ou projeto. Então, eu pedi para fazer o estágio no Museu. No Museu Nacional de Machado de Castro.”

I: Sim.

EC1: “E sempre a área que eu gostei mais dentro da Museologia foi Acessibilidade e Inclusão Cultural.”

I: Muito bem.

EC1: “Que são os projetos em que eu estou a trabalhar agora.”

I: Sim. E a EC1, na altura, escolheu o Museu Nacional de Machado de Castro ou calhou ser essa escolha.

EC1: “Não, não. Foi...eu já tinha ideia que eu queria ir para o Museu.”

I: Sim, pode-me só, já agora, explicar um bocadinho o porquê dessa escolha, também?

EC1: “Olhe, foi assim num contexto de me sentir muito perdida quando entrei no mestrado, porque Museologia é uma área que tem diversas...diversos...como é que eu hei de explicar? É uma área em que podemos entrar por muitos lados, Conservação e assim. Eu não sabia exatamente aquilo que eu queria. Eu como tinha uma amiga com necessidades especiais, a XXX [referência a nome próprio].”

I: Sim.

EC1: “Lembrei-me que ela gosta de fazer atividades e gosta de aprender coisas novas e gosta...gosta de sentir que faz parte do mundo, digamos assim.”

I: Sim.

EC1: “Eu pensei: “Se a XXX [referência a nome próprio] fosse ao museu, como é que era?”. E depois foi assim do nada. Foi...era a escolher a decisão de um trabalho que tínhamos de entregar no final da aula e então foi assim muito à pressa que surgiu essa ideia.”

I: Sim.

EC1: “E depois comecei a fazer trabalhos e comecei a gostar cada vez mais deste assunto.”

I: Sim. E a escolha do museu foi... deste museu em concreto, para o estágio, aconteceu como?

EC1: “Aconteceu porque eu já tinha estado a fazer estágio no Museu da Ciência.”

I: Sim.

EC1: “Então eu queria passar pela experiência de fazer o estágio noutra museu. Porque ia ser uma experiência diferente e o Museu Machado de Castro é um museu nacional, o que faz com que a experiência ainda ia ser mais diferente. E depois eu também já tinha ideia, já tinha conhecimento de alguns projetos de inclusão.”

I: Sim.

EC1: “Também a Dr.^a X, que faz parte do projeto “Eu no Museu”, mas é no Museu da Ciência, falou que para a minha área o Museu Nacional de Machado de Castro é o museu ideal para mim. “

I: Muito bem. Já agora, já que falou aí do Museu da Ciência, podia só explicar-me um bocadinho como é que foi essa passagem por lá, a sua experiência lá.

EC1: “Ah, sim, no museu da Ciência não trabalhei nada com Acessibilidade e Inclusão.”

I: Sim. Ah, ok.

EC1: “Foi mais preparação de exposições e seleção de objetos e...foi mais aprender a fazer o trabalho museológico em si, aprender o que é que é trabalhar no museu.”

I: Sim.

EC1: “Porque mesmo a utopia na prática e na teórica são coisas completamente diferentes. São iguais, mas há coisas que só com a experiência é que se aprende mesmo. “

I: Muito bem, obrigada, EC1. Depois queria aqui saber se já teve contacto com pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais em contexto cultural.

EC1: “Já.”

I: Sim. Pode falar-me um bocadinho dessa experiência?

EC1: “Sim, lhe, a minha primeira experiência nesse contexto foi no Museu Nacional de Machado de Castro, foi no projeto Imagens que guiam.”

I: Sim.

EC1: ““Foi...Só fiz uma sessão para já. Não sei... eu no final da sessão eu comecei a chorar de emoção. “

I: Sim.

EC1: “Porque para mim aquilo foi... é um público que eu achei super interessado.”

I: Sim.

EC1: “E que as pessoas à partida dizem: “Ah, mas eles percebem? Mas eles entendem?”. Eles têm muito mais capacidade e eles provaram ali que têm muito mais capacidade do que aquilo que...nós subestimamos essas pessoas e a capacidade delas. E eu ali percebi que essas pessoas não são incapacitadas de forma alguma. Capacidades diferentes para mim não são capacidades inferiores ou limitadas.”

I: Sim.

EC1: “E eu, para mim aquela experiência foi algo...foi surreal. Eu estava muito nervosa, também, estava envergonhada.”

I: Sim.

EC1: “E...como eu tinha lido as várias características das pessoas, eu sabia que alguns ficavam um bocadinho frustrados quando as pessoas não os compreendiam.”

I: Sim.

EC1: “Não entendiam o que eles dizem...Eu tentei também recolher um bocado nesse sentido porque eu não queria magoar ninguém nem deixar ninguém frustrado.”

I: Sim, sim.

EC1: “Mas por acaso não aconteceu e tive experiências muito boas e tive pessoas que ficaram na minha memória e falo muitas vezes nelas à Dr.^a XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”]. E só estive com elas uma vez.”

I: Sim. Muito bem. Pode-me descrever.... Pode-me falar um bocadinho dessa experiência? O que é que viu, o que é que... o que é que foi mais significativo? Como é que acha que foi...

EC1: “Claro. Foi uma sessão que decorreu...foi no Museu Machado de Castro e foi na...no Tesouro da Rainha Santa Isabel. O objeto...a obra de arte analisada nessa sessão foi o quadro da Rainha Santa.”

I: Sim.

EC1: “E... lá está...eu fui só observar, não participei. Inicialmente aquilo começou com a Dr.^a XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”], que é ela que faz a dinamização das sessões, que estava com cada um, cada um dos elementos do público, um a um. E fez algumas perguntas. Eu acho que foi que foi ...foi a ideia-chave para eles se situarem no que estavam a ver. E todos à partida mostraram-se muito...uns mais tímidos, mas outros mais à vontade, mas todos mostraram que conheciam, que sabiam e...acima de tudo, interesse, eu acho.”

I: Sim.

EC1: “Quando estamos com um público, por exemplo, jovem, por exemplo dos 15 aos 16 anos, por exemplo, que eu fui assistir a uma visita. Era o telemóvel, estavam a bocejar, estavam...não é tão motivador, enquanto este público eu notei que eles estavam atentos, faziam perguntas e queriam saber mais.”

I: Sim.

EC1: “Então notava-se tão bem quando eles acertavam uma coisa, ficavam contentes. “Sim, eu consegui”. Eu acho também que os museus podem ter este poder nestas pessoas. E mostrar: vocês são capazes, vocês conseguem, não há motivo para vocês não conseguirem. E acho que o museu, principalmente quem trabalha neles tem a obrigação de saber comunicar aquilo que está lá dentro, ou seja, todas as obras, toda a história do museu com todos os públicos, independentemente da forma que sejam, das capacidades que tenham. Acho que o museu tem a obrigação de saber comunicar.”

I: Sim.

EC1: “É a principal função do museu, também é comunicar.”

I: Sim.

EC1: "Não sei se estou a dizer aquilo que é importante."

I: Eu estou a gostar de ouvir [risos].

EC1: "Eu tenho a tendência para divagar muito."

I: Não, mas está dentro daquilo que é...lá está, as respostas...não há respostas certas, não há respostas erradas, mas tudo aquilo que está a dizer também vai ao encontro daquilo que é...mesmo a bibliografia que existe nesta área, portanto...todas as contribuições são válidas e essas também, claro.

EC1: "E foi uma experiência. Espero bem ter a oportunidade de ter mais experiências, mas para mim foi uma experiência que me marcou muito."

I: Sim.

EC1: "Não sabia que me ia marcar tanto."

I: Sim [risos]. Ao estar a preparar e assim não achou que fosse...

EC1: "Não, não. Eu já sabia...a primeira vez que eu fui ao museu, a Dr.ª XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto "Imagens que guiam"] chamou-me para eu ir lá ver acho que era no dia do turismo acessível e foi feito com várias pessoas com vários grupos dos projetos."

I: Sim.

EC1: "E então ela chamou-me também na iniciativa de perceber se eu gostava mesmo daquilo ou não e já na altura eu fiquei um bocado emocionada."

I: Sim.

EC1: "Porque...ou seja, porque tudo o que eu passei o ano a ler e a escrever e a defender visto...posto na prática ali. Para mim foi isso. E eu já trabalhei estas questões de acessibilidade e inclusão com alguns museus. Trabalhei no sentido de investigação dos trabalhos. "

I: Sim.

EC1: "E diziam: "Ah, não fazemos mais porque não temos dinheiro, não temos possibilidades. Não dá, não é possível". E acho que nesta experiência eu consigo perceber que é possível, basta querer, organizar-se e ter força de vontade e levar um projeto destes para a frente."

I: Sim, então para a EC1, não só o dinheiro é importante, é importante mais que tudo a motivação das pessoas para fazer este trabalho, é isso?

EC1: "Acho que é sobretudo a motivação e a paixão. Não é? Porque quando vamos trabalhar para o museu temos que ter paixão por aquilo que fazemos. Porque depois também precisamos de transmitir essa paixão e essa energia a quem está no outro lado, a quem nos visita. Temos que acolher essas pessoas."

I: Sim.

EC1: “Eu acho que o que falta muito aos museus é saberem acolher as pessoas, principalmente quando falamos de pessoas...como é que é o termo? Eu vou dizer incapacidade intelectual.”

I: Sim, sim, sim. Use o termo que achar mais confortável para si, sim. Queria perguntar se considera que existe a necessidade de adaptar o espaço cultural, no caso o museu, às características e necessidades das pessoas com Dificuldades Intelectuais...e

Desenvolvimentais. Ou seja, é necessário, de alguma forma, que o museu esteja preparado para receber estas pessoas?

EC1: “Claro, tem que haver sempre uma preparação, não é? Às vezes, há pessoas que não estão habituadas...a lidar ou nunca tiveram uma experiência, um contacto com essas pessoas e podem ter medo de falhar. Mas eu acho que, como são pessoas perfeitamente normais...nem devia estar a aplicar este termo, mas pronto. Eu acho que se uma pessoa aparecer, não é por o museu não ter um guião de comunicação aumentativa que não o vai receber e não vai fazer uma visita, lógico que vai.”

I: Sim.

EC1: “Lá está, é na vontade das pessoas e é na vontade de fazer.”

I: Sim, e...o que é que considera necessário ter em consideração quando se preparam e depois dinamizam estas visitas para estas pessoas?

EC1: “Essa tenho que pensar, não é?”

I: O que é necessário ter em conta, sim.

EC1: “Vou pensar. O que é necessário ter em conta...[pausa mais prolongada]. Olhe, eu acho que o necessário ter em consideração é...primeiro passo, é...acho que é estudarmos bem a obra.”

I: Hum-hum.

EC1: “Percebermos a mensagem principal que essa obra tem e não fugirmos muito ao assunto nem tentar...falar muito de pormenores que às vezes não interessam e que se calhar para esse público não vai fazer sentido aprender isso. Eu acho que o principal é termos em consideração, transmitir...imagine, sei lá, vamos fazer uma sessão com um quadro e esse quadro e esse pintor tem uma história bonita e tem... pintou aquele quadro com uma mensagem. Eu acho que é importante fazer chegar sobretudo as mensagens.”

I: Sim.

EC1: “Daquilo que temos...às pessoas. E claro fazê-las sentir-se em casa, bem acolhidas e que...ter sempre em mente: ok, vamos fazer que isto seja uma experiência significativa e marcante para todas as pessoas...para que voltem ao museu, para que voltemos a estar todos juntos e a aprender mais e cada vez mais. Acho que sim.”

I: Muito bem.

EC1: “Acho que é com esse objetivo.”

I: Sim. Obrigada. Agora queria perguntar... A EC1 não está há muito tempo no museu...está neste último ano, não é? Já agora, eu há bocadinho não perguntei: está no museu desde que data, mais coisa menos coisa?

EC1: “Desde outubro, inícios de outubro.”

I: Outubro, ok, sim. Já contactou com os projetos, já viu muita gente, já...pronto, já está dentro da dinâmica do museu. Como tal, gostava de perguntar...como é que acha que o Museu Nacional de Machado de Castro está a organizar e a preparar os seus profissionais para o atendimento das pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais? Como é que acha que este processo funciona?

EC1: “Ok, eu acho que esse processo, na minha opinião, de quem está um pouco dentro do assunto, está completamente entregue às mãos da Dr.^a XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”]...que fez um mestrado também nessa área...e é ela que está encarregue de todos os projetos de inclusão...nomeadamente nesta área...Eu acho que ela sentiu...ela...lá está, ela sentiu a necessidade de se especializar, ela tirou mestrado nessa área. Eu acho que o Museu Nacional de Machado de Castro é um museu que está aberto, sim, para receber estas pessoas e está disposto sim a aprender sobre este assunto, se for necessário...e a fazer colaborações com quem também os ensine, não é? Porque aprendemos sempre uns com os outros. Uns aprendem umas coisas. E eu acho que o Museu Machado de Castro está aberto a aprender e acho que tem todas as condições para receber essas pessoas.”

I: Sim.

EC1: “Tem trabalhado nomeadamente os guiões de comunicação aumentativa de algumas obras de...do museu. Não todas infelizmente porque é muito trabalho, acredito que sim...mas eu acredito que seja esse um dos objetivos do museu...é conseguirem comunicar...terem um guião...pelo menos...não digo para todas as obras, se calhar para as obras principais...assim numa perspetiva assim mais...lá está eu também não posso falar muito porque eu não sou propriamente do museu.”

I: Sim, sim, mas está dentro do...neste último ano...tem estado dentro e envolvida nestes projetos, não é?

EC1: “Sim.”

I: Sim. Então, pelo que eu percebi, EC1...acaba por haver também dentro do museu a necessidade, que parte muitas vezes dos profissionais que estão nestes projetos de procurar formação complementar nesta área para dar uma maior resposta.

EC1: “Sim, eu acho que sim porque...lá está...não é qualquer pessoa que faz um guião de comunicação aumentativa e...se não fosse necessário...não havia...sei lá...formações de terapia ocupacional, não havia mestrados nestas áreas...são pessoas que...estão mais preparadas para lidar com determinados assuntos, se calhar uma pessoa licenciada em história ou...história da arte e que já esteja há muitos anos no museu e até pode estar às vezes um pouco desatualizada, não é? Digamos assim...Eu acho que é necessário fazer formações... e agora há N...N...por exemplo, a instituição...a Acesso Cultura...prepara muito bem nesse sentido, por exemplo.”

I: Sim, sim. Acaba por ser...muitas vezes mais da iniciativa dos profissionais do museu procurarem essa formação do que propriamente o museu a sugerir que as pessoas procurem...tenham esse tipo de formação, não é?

EC1: “Faz muita falta nos museus em geral é uma pessoa que esteja...digamos assim, não é?...neste caso, é o diretor ou então propriamente a Direção Geral do Património, por exemplo...”

I: Sim.

EC1: “Eu acho que era organizar a equipa e sensibilizarem todos para este assunto da inclusão cultural. Porque podemos...mesmo museus em que se trabalha inclusão...metade das pessoas estão nos projetos e sabem o que é que é...outra metade não está nem sonha com o que é que se está a passar ali.”

I: Sim. E mesmo atualmente, com a mudança de paradigma que há nesta área...a EC1 que saiu...e que ainda está no contexto da universidade...nota que, por exemplo, no seu curso, houve alguma...atenção a estes públicos ou não?

EC1: “Não, eu não...lá está, eu trabalhei este assunto porque nos davam liberdade para escolher os assuntos, mas eu disse várias vezes que eu acho que...num mestrado em Museologia...achava necessário para mim uma cadeira dedicada à acessibilidade e à inclusão cultural. Porque não é um semestre, não é...não íamos...não é?... Sair dali a saber tudo e mais alguma coisa mas já saíamos dali com algum conhecimento e com alguma sensibilidade e...por onde começar, o que fazer a seguir...e se calhar quando fossem trabalhar para um museu já iam com essa ideia, já iam com ideias escritas ou então até...fazer propostas museológicas no sentido de serem o mais inclusivas possível. Eu acho muita falta... Eu falo na perspetiva do meu mestrado...estes assuntos foram falados porque eu os trabalhei. Não havia necessariamente uma cadeira ou então fazia parte de um conteúdo programático de uma cadeira, não.”

I: Sim, pois.

EC1: “Aliás, eu acho que muita...os museus em geral não estão preparados porque...quando eu ia falar de inclusão ou de acessibilidade...a primeira resposta é “sim, temos...dá para vir em

cadeiras de rodas e... acho que....e eu “pois mas eu não quero só saber se entram em cadeiras de rodas” ... e às vezes íamos à instituição e não era bem assim, uma cadeira de rodas não circulava...”

I: Nem a parte da cadeira de rodas.

EC1: “Eu acho que sim porque eu acho que quando imaginamos alguém ir na cadeira de rodas temos que imaginar a pessoa a fazer o percurso todo de forma autónoma.”

I: Sim.

EC1: “Acho que nessa parte mais de acessibilidade, não tanto de inclusão...que eu acho que faz muita falta isso...Ah, os parques de estacionamento não temos para cadeiras de rodas, mas isso não é importante. Eu acho que ajuda um bocadinho, sim...não é? Eu acho que já é ótimo uma pessoa que se desloque em cadeira de rodas consiga fazer um percurso num museu todo de forma autónoma, sem ajuda. Porquê? Porque quando uma pessoa vai a um museu eu acho que vai para se divertir, para passar um bom tempo, para aprender umas coisas novas. Eu não acho que vá para se sentir frustrado.”

I: Pois.

EC1: “Que às vezes não é preciso...não é preciso muito para as pessoas se sentirem frustradas num museu.”

I: Sim, se é...o que é que pode...sim.

EC1: “Não falha só para este público que nós estamos a falar.”

I: Sim.

EC1: “A comunicação falha com muitos públicos.”

I: E o que é que pode frustrar o público em geral? Já agora.

EC1: “Olhe...eu falo por experiência própria...também tiro a conclusão. É entrar no museu a saber o mesmo...aliás, sair do museu a saber o mesmo que quando entrou.”

I: Sim.

EC1: “E ler, aqueles textos enormes e não perceber nada do que está ali escrito, não perceber...e é também a sensação quando entramos no museu que nós é que estamos a fazer um favor a eles em lá ir e não são eles que nos estão a fazer um favor a nós. Não, ao contrário, enganei-me. Eles é que nos estão a fazer um favor a nós. E não é esse...a imagem que deve passar, para o público.”

I: Sim, deve haver uma troca, não é?

EC1: “Claro, porque o museu sem público...não há, não é um museu. Não funciona, não existe. Acho que...as coleções são muito importantes sim, mas o público também é importante. É muito importante. Eu metia 50/50. [discurso impercetível] e sem público também não. Ou seja, um precisa do outro. Que adianta o museu ter muitas coleções e ter obras magníficas se

as obras não são trabalhadas...as obras...não vivem as obras. As obras precisam...as obras foram feitas para um propósito. Foram feitas para as pessoas, para as pessoas verem, para as pessoas a sentirem. E se o museu tem obras e não as circula, não é? Não as põe em contacto com o público, está a falhar no seu papel...eu acho.”

I: Hum-hum, sim. Há mais aqui umas perguntas que eu tenho. Falando assim nas pessoas em geral, nos públicos assim em geral, sem especificar muito nenhum público em particular, qual é que lhe parece que é o papel da vivência e da fruição cultural na vida de uma pessoa?... Para que é que isso serve? O que é que pode...o que é que pode ser?

EC1: “Vá, vamos então começar, em primeiro lugar, porque...uma pessoa quando está a usufruir de algo cultural, tem de perceber que está a usufruir de algo que é seu. Ou seja, é um direito. “

I: Hum-hum.

EC1: “Ou seja, uma pessoa que vá a um museu ou que vá a uma galeria de arte etc. está a exercer uma cidadania ativa, ou seja, elas têm o direito de chegar lá e usufruir dos espaços culturais e toda a cultura. Eu acho que...todo o lado cultural é importante...porque é uma forma de educação não formal. Não é aquela educação igual à das escolas, mas acho que complementa. Eu acho que dá para desenvolver a criatividade, por exemplo.”

I: Sim.

EC1: “Agora estou bloqueada, não é?”

I: Mas disse coisas importantes. Está a focar coisas importantes, parece-me que sim.

EC1: “Sim, eu acho que ajuda a construir o Homem em si, não é? Toda a capacidade...também é importante...lá está, é a nossa essência, aquilo que nós somos, é o nosso passado, é a nossa identidade, é...aquilo faz parte de uma história que também é nossa...digamos assim, e acho que tenho direito e devo compreendê-la. Eu acho que os espaços culturais, nesse sentido, devem fazer com que a pessoa se aperceba da dimensão do que é a cultura e para que é que a cultura serve, neste caso... e que é um direito que elas podem exercer e devem exercer.”

I: Sim.

EC1: “Porque muita gente não se sente incluída nos espaços culturais porque não percebe o que está ali ou porque não lhe interessa, mas a realidade é que aquilo é seu.”

I: Sim.

EC1: “Não é? Porque um monumento ou qualquer coisa definida como Património Mundial da Humanidade é da humanidade, é de toda a gente. Porque aquilo é importante para alguma coisa, não é? Eu acho que as pessoas devem... devem...eu acho que as pessoas deviam estar mais unidas à cultura. Não estou a falar só museus. Estou a falar de teatro, por exemplo. Porque eu acho que desenvolve muito a criatividade. E eu acho que se as pessoas vivessem

mais a cultura eram muito mais felizes porque viam o mundo de outra forma...ou de uma forma mais colorida, ou seja, não viam o mundo só a preto e branco, acho que a cultura e a arte ensinam-nos que o mundo pode ser...de muitas formas. Eu acho que é isso. E que nós podemos escolher a forma que nós queremos ver o mundo, mas se não quisermos aquela forma tudo bem, temos outras formas de...ver e interpretar o mundo. E eu acho que os espaços culturais e a arte são então essa...essa fronteira para esses pensamentos, para essas formas, para desenvolver. Eu acho que é importante, até mesmo...a nível de desenvolvimento pessoal, eu acho que faz as pessoas mais felizes. Eu acho que sim. Ir a um museu e...sei lá, uma pessoa “Ai, aprendi isto, aprendi aquilo”, chegar a casa e contar aos pais...e até pode ser um momento bom para a família e...eu acho que sim, eu acho que quanto mais nós...uma pessoa sabe e uma pessoa sabe sobre o mundo e descobre sobre o mundo, acho que a pessoa é mais feliz, sim.”

I: Obrigada EC1. Passando agora aqui para...pensando nas pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais...a EC1 considera que o papel da fruição cultural, da cultura, desta vivência...será igual àquela que é sentida e vivida pelas outras pessoas...ou é diferente?
EC1: “Eu acho que é igual...igualzinha. Sem tirar nem pôr.”

I: Ok... Se comparar o público com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais com outros públicos, com ou sem deficiência, considera que existem diferenças na forma como estas pessoas desfrutam...usufruem de uma visita a um espaço cultural?

EC1: “A experiência que eu tive, como já falei anteriormente, totalmente. Estas pessoas, este grupo de pessoas com...incapacidade intelectual aproveita muito mais, respeita muito mais quem está do outro lado também, que é muito importante...porque às vezes, para nós que estamos a falar com o público, é difícil ver o público bocejar ou o público dizer isto ou assado. E com este público, a experiência que eu tive não é assim. Eles têm respeito pelas pessoas...e aprendem e gostam...eu acho que...para mim...eu gostei muito mais de trabalhar com estes públicos...do que com os públicos dito normais, pronto.”

I: Sim... Pensando, por exemplo, até no número de participantes numa visita com outros públicos e com estes públicos, aquilo que sentiu...qual é a sua experiência por exemplo em termos de número de participantes numa visita...de alunos, que há bocadinho falou...de adolescentes...costumam ir, por exemplo, a turma toda...

EC1: “Sim, neste caso, eu só fui também assistir. Eu também não fui falar. Mas eu acho que os projetos de inclusão nesse sentido ter um limite de pessoas por cada sessão eu acho que é...que é bom. Eu acho que sim, porquê? Porque conseguimos chegar muito mais às pessoas, conseguimos dar muito mais atenção a toda a gente e ficamos...e além disso como somos menos acho que fica um espaço mais acolhedor. Ou seja, é uma conversa entre amigos. Vamos

aprender uma coisa nova todos juntos e nós que estamos deste lado do museu conseguimos comunicar mais com as pessoas, de forma mais afetiva porque quando nós estamos com muita gente não conseguimos dar atenção, ficamos também um pouco desorientados, não é?”

I: Sim.

EC1: “E, então, tendo ali um grupo limitado de pessoas, eu acho que...a nossa mensagem...vamos conseguir transmitir a nossa mensagem e a nossa comunicação vai ser...vai ser mais eficaz.”

I: Sim.

EC1: “E melhor.”

I: A EC1, por exemplo, acha que, havendo até grupos mais pequenos...com outros participantes...sem deficiência ou com outros tipos de deficiência...também pode ser uma mais-valia, não só para este público mas também para os outros?

EC1: “Eu acho que é uma mais-valia para toda a gente, porque lá está, nós tendo um número restrito de pessoas por cada sessão nós conseguimos...a dinâmica é diferente. Conseguimos comunicar e também há mais espaços para quem está do outro lado também poder comunicar. Não é só nós ali do início ao fim a falar. Isto...eu também acho importante passar a palavra a quem está...a quem nos foi visitar, a quem nos está a ouvir, a quem foi ao museu. Acho que é importante e acho que a palavra deles até é mais importante do que a nossa, não é? Porque dúvidas ou pequenos comentários, qualquer coisa que eles vão dizer até nos podem pôr a pensar: “Olha, isso...e se fossemos pesquisar sobre isso e saber mais sobre este assunto? De facto, nunca tinha pensado desta forma.” Eu acho que sim, que o número limite de pessoas eu acho que ajuda muito à ligação, tanto da nossa parte como da parte deles. Acho que conseguimos comunicar melhor uns com os outros, além da mensagem que nós pretendemos transmitir, também acho que chega melhor às pessoas.”

I: Sim, muito bem. Na sua opinião, EC1, existe a necessidade de efetuar alguma mudança na forma como os espaços culturais em geral recebem habitualmente as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

EC1: “Completamente. Tudo [risos]. Eu acho que sim.”

I: Sim. Pode-me só especificar um bocadinho esse tudo, só para...assim alguns pontos em que ache importante haver mudanças?

EC1: “Olhe, eu falo também da experiência que eu tenho com uma amiga. A primeira é não tratar por coitadinhos.”

I: Sim.

EC1: “Acho que sim porque “Ah, porque eu tenho um amigo, por exemplo, coitadinho não faz e não percebe”. Não, eu acho que essas atitudes preconceituosas, que é o que eu vou chamar

assim...não devem existir num museu. E...não devem...como é que eu hei-de dizer? Eu acho que devem receber como recebem toda a gente, com carinho...e de forma dedicada. E gostar mesmo daquilo que estão a fazer. E fazer com que as pessoas se sintam bem lá no museu e que aprendam. E sobretudo ouvir, dar espaço para ouvir as pessoas é importante. No museu aprende-se de ambos os lados. Vocês...os públicos aprendem connosco e nós aprendemos com os públicos. E, no caso das pessoas com necessidade intelectual não é diferente. Não é? São pessoas, têm alguma coisa para dizer, têm alguma coisa para nos ensinar. Eu acho que é importante ... opah, não sei...eu acho que é importante melhorar a comunicação porque a forma como se comunica no museu eu acho que é uma forma muito [pausa prolongada] demasiado formal...para aquilo que se pretende no museu, principalmente quando queremos ter uma sessão mais animada e que as pessoas aprendam e que estejam mais à vontade... eu acho que aquela comunicação formalizada que os museus normalmente têm...que é assim um texto decorado, à base de termos técnicos de história da arte e arqueologia, isso não...acho que isso é a primeira falha num museu, é a comunicação. Eu acho que o que devem melhorar é a comunicação. Olhe, eu acho que a técnica dos guiões da comunicação aumentativa...eu acho uma técnica excelente porque as pessoas vão podendo acompanhar e vão compreendendo e têm ali as palavras-chave...e o ideal era que darmos a todos e todos poderem levar para casa e espero que um dia também isso aconteça e depois possam ir lá e ler sempre a história e lembrarem-se “Olha, fui ao museu e aprendia isto”. Porque eu acho que o museu pode ser uma experiência significativa se o fizermos para isso. Eu acho que, então a primeira coisa que mudava era a atitude relativamente a preconceitos e a ideias já impostas. Ou eles não percebem ou não entendem. Ou não têm capacidades, isso é para esquecer, isso é para arrumar para canto. E a segunda coisa é como...como chegar a estas pessoas. Como comunicar bem. Se eu estivesse do outro lado o que é que ele queria ouvir. Eu acho que é mais por aí.”

I: Pensando especificamente no Museu Nacional de Machado de Castro, o que é que a EC1 achava que seria importante alterar...neste atendimento? Há alguma coisa que se lembre? Pode não se lembrar de nada, mas...há assim alguma coisa que lhe ocorra que fosse importante mudar...fazer melhor?

EC1: “Assim não me está a ocorrer nada porque eu acho aquilo tão divertido e tão informal e tão à vontade. Informal entre aspas, não é? Informal no sentido de estarmos todos à vontade uns com os outros e sermos todos amigos, não ser...eu vou ao museu e está lá a senhora do museu, não, é a minha amiga do museu, é nesse sentido. Eu acho...pela experiência que eu tive, eu acho que não mudava nada porque foi...eu gostei mesmo dessa forma. Todos falaram. Todos tiveram o seu espaço...todos são recebidos pela euforia da Dr.ª XXX [referência a nome

próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”]...que tem alegria para dar e vender. Eu acho que sim, que é isso.”

I: Pensando aqui, por exemplo, em alguns pontos como a preparação das visitas, a própria dinamização de que a EC1 já falou, ou algumas coisas que se possam fazer depois das visitas realizadas...não lhe ocorre assim mais nada?

EC1: “Depois das visitas realizadas, até poderemos fazer uma coisa que até se faz noutra projeto que é o “Eu no museu”. São as reuniões pós sessão, ou seja, é refletirmos como é que a sessão correu, os pontos mais fortes, os pontos mais fracos e o que podemos melhorar. Porque há sempre alguma coisa para melhorar, não é?”

I: Sim.

EC1: “Na realidade. E também compreender o que é que o público tomou mais atenção, o que é que já deu menos atenção e se calhar...reunir. Não é reunir...é uma espécie de reunião para fazermos uma reflexão depois das sessões, com o que correu bem, o que correu mal, o que podemos melhorar para a próxima sessão, o que é que o público não gostou. Pronto, eu acho que esse tipo de reflexões também são importantes porque é refletindo que vamos melhorando. Eu acho que é o principal, isso sim.”

I: Ok. E...como participante...nestas dinâmicas, nestes projetos do museu, quais é que são os contributos que a EC1 espera da parte de profissionais que trabalhem em instituições que apoiam estas pessoas?... Quando preparam ou na própria dinamização. Pensando na preparação e na dinamização. O que é que espera dos técnicos que acompanham estas pessoas no dia-a-dia nos centros, por exemplo, nos Centros de Atividades Ocupacionais?

EC1: “Ok, então em primeiro lugar eu acho que esses...são muito importantes para...para o apoio da própria sessão, do decorrer da própria sessão. Porque eu notei por exemplo que há...que havia pontos por exemplo que a XXX ou que a XXX [referência a nomes próprios de duas técnicas da APPACDM de Coimbra] conseguiam pôr chamar a pessoa “Olha, ela está a dizer isto”... São uma ajuda, digamos assim. Uma ajuda fundamental que...acho que estas sessões não são possíveis sem profissionais da vossa área....porque nós sabemos como comunicar a obra de arte, agora o resto, eu acho que há...há pontos chave e...e mesmo com o bem-estar da pessoa...eu acho que é importante estarem estas pessoas para darem assim às vezes o pequeno clique... até para nós, não é só para as pessoas, é principalmente para nós que aí na...falo por mim, que ainda estou a aprender e tenho muito medo de falhar e às vezes é preciso a ajuda destas pessoas, dos profissionais destas áreas e destas instituições ali para nos apoiarem...porque eles também fazem parte da sessão, não são só as pessoas...Os profissionais estão lá, estão ali para nos ajudar, não é? E... São uma ferramenta chave da parte da comunicação. Acho que eles trabalham connosco... e é ...uma entreajuda, digamos assim.

Eu acho que estas instituições devem estar sempre disponíveis quando receberem algum convite do museu, alguma proposta de um projeto ou assim...eu acho que é uma mais-valia. “

I: OK. E de que forma é que acha que essas parcerias...essa colaboração ... de que forma é que acha que pode resultar melhor, por exemplo?

EC1: “pausa mais prolongada] Essa pergunta é difícil [pausa mais prolongada]. Não sei, eu acho que as...as instituições, tanto o museu como outra instituição devem estar as duas “ok, vamos fazer isto juntas” e...tem que ser visto como um trabalho em equipa e...eu acho que temos que nos despir um bocado do nosso papel de...EC1, de Catarina, nestes...projetos e é pensar no nosso público, o que é que eles precisam, o que é que eles querem e eu acho que...o trabalho do museu e o trabalho da instituição em colaboração vai resultar muito melhor do que só...a instituição por exemplo ah dizer que sim...e depois não se envolver nas sessões, não se envolver no projeto, não se envolver com o museu. E o mesmo do museu. Vocês pedirem uma visita e nós dizermos tudo bem, chegarmos lá e só estarmos ali meia hora a falar e não darmos espaço para ninguém. Eu acho que tem de ser preparado tanto da parte do museu como da parte da instituição. Eu acho que devem estar...mente aberta e preparadas para trabalhar...e aceitar que há pessoas de outras áreas que também podem trabalhar na nossa e isso não vai tirar o lugar a ninguém. Eu acho que é importante, principalmente da parte dos museus. Não falo tanto das instituições, mas o museu ainda é aquele...aquele lugar de elite que... e há muitos profissionais do museu que são contra a inclusão. Eu já li imensas coisas: põem as obras de arte em risco, que...estão a tornar os espaços...o trabalho...tipo...como é que eu hei de explicar? Estão a tornar os profissionais de um museu em serviços sociais, digamos assim... e não é, não é isso que está a acontecer e...está a acontecer aquilo que já devia ter acontecido há muito tempo: é o museu saber comunicar com toda a gente, que é o seu papel.”

I: Está ótimo, EC1, está ótimo. Estamos a finalizar aqui as perguntas. Queria perguntar à EC1 se há mais algum aspeto que gostaria de partilhar comigo relativamente a este tema e que possa contribuir nesta área de investigação. Há assim alguma coisa que ache que podia ter perguntado, que não perguntei, alguma coisa que gostasse de partilhar além disto?

EC1: “Posso partilhar algumas coisas, mas sugerir algumas perguntas...”

I: Não, mas sugerir alguma coisa... ou seja, eu acho ainda que faltou dizer isto. E esteja à vontade de dizer alguma coisa que gostasse de partilhar e que eu perguntei assim tão diretamente.

EC1: “Não, eu acho que daqui...no futuro, não é?... eu vendo no futuro e assim...no futuro os museus como museus inclusivos....eu acho que estas instituições como a sua...vão ser fundamentais...acho que vão ser os melhores amigos dos museus, digamos assim....O museu vai ter que começar a trabalhar com outras instituições e [pausa mais prolongada] e acho que

estas instituições também vão começar a estar mais presentes no museu porque nós não podemos trabalhar a inclusão sem incluir uma instituição, sem incluir alguém da área, alguém com uma formação específica ou então o próprio museu começar a contratar pessoas destas...dessas áreas...para... ter lá sempre uma pessoa sempre pronta para...como agora é muito comum agora termos lá intérpretes de língua gestual portuguesa... Acho que não é tão...acho que há várias áreas. Eu ache que o museu vai conseguir atingir estas áreas e acho que estas instituições...vão ser importantes porque vão estar muito presentes no museu e esta mudança vai ser feita acompanhada por vocês... eu acho que sim. Eu acho que o museu não...não consegue dar estes passos sozinho, precisa de...de quem realmente sabe também como lidar, como falar, como fazer, não é? Nós tratamos da parte das obras de arte e de as comunicar e de fazer com que as pessoas...exerçam a sua cidadania, que sejam cidadãos ativos e que usufruam daquilo que é seu. Nós cá estaremos, os museus, espero que estejam abertos para receber sempre estas pessoas, independentemente do tipo de público que for. Não é... o ideal é que não seja necessário estar a agendar assim uma visita, uma sessão e ...a ter que haver todo um planeamento e...toda uma preparação de um mês antes. É chegar lá e atender logo e receber logo e estarmos preparados... Acho que é esse o segredo.”

I: Sim, e o que é que é preciso para chegar aí?

EC1: “Ui, tanta coisa! Há passos tão pequeninos. Não é? Olhe, foi o que eu falei lá atrás: eu acho que...para chegarmos a esse...lá está...foi o que eu disse a seguir...”

I: EC1, eu estou a acompanhar. Estou a acompanhar tudo e acho que está a fazer um raciocínio que dá para perceber bem o que quer dizer, sim.

EC1: “O que eu quero dizer é que para chegarmos a esse ponto eu acho que...via ter que haver profissionais do museu não só ligados à arte, não só ligados à museologia...tem que... e à comunicação. Depois há dois tipos de comunicação, por exemplo, nos museus que...acho que a parte da comunicação não devia ser só um técnico de comunicação porque há muitas formas de comunicação...e eu acho que...”

I: Quando a EC1 fala de técnicos de comunicação... a comunicação social, não? Quais são os técnicos?

EC1: “É assim, a divulgação do museu e...a parte do marketing.”

I: Sim.

EC1: “E tudo. Eu acho que também devia haver uma pessoa que não fosse só ligada ao marketing e...e à divulgação. Eu acho que quando se fala num técnico de comunicação havia de haver outro noutra área, no sentido de...agora está-me a faltar as palavras...ou seja, vou dizer de forma mais resumida [discurso impercetível]. Eu acho que, para isto acontecer eu acho que preciso de aumentar outras áreas de museus. Nomeadamente terapia ocupacional

...e entre outros cursos, não é? Outras formações, outras especialidades, que há para tratar destes assuntos. Eu acho que sim, que é por aí...e...mudança de mentalidades, porque acho que, para mim, é o principal entrave...é a mentalidade: não queremos que o museu mude, para mim o museu é isto e porquê? Também vemos sempre pessoas muito mais velhas, não é? Que já trabalham há muitos anos, já têm aquele cargo há muitos anos no museu e eu acho que...a entrada de...sangue novo no museu ia fazer a diferença. Primeiro vai quebrar estes estereótipos todos, estes preconceitos todos... Depois, acho que é... aceitar depois é aceitarmos que o museu não é um espaço só de elite, não é um espaço só para quem sabe, não é um espaço para historiadores de arte, é um espaço, como é que eu hei de dizer? Entrar em mais áreas para dentro do museu, mais pessoas, dar mais vida ao museu. E eu acho que não é só ter uma pessoa formada em turismo que vai dar uma visita guiada a um grupo de turistas, acho que é termos lá uma pessoa que...entende da área, chega lá um grupo de pessoas e diz “Ok, eu vou recebê-las, temos guiões, estamos preparados temos boa vontade acima de tudo, vamos receber, vamos fazer a visita. Eu acho que é por aí. Mas eu também tenho umas ideias um bocado à parte, um bocado irrealistas.”

I: Mas aos poucos, não é? Vão-se concretizando.

EC1: “Vamos chegar lá. Ou então ter parcerias com uma instituição em que seja: chegou aqui um grupo de pessoas, venham a correr. [risos] Mas acho que isso ainda vai demorar uns anos...uns bons aninhos. Por mim era aqui já agora, amanhã, agora. Mas para isso era preciso que toda a gente que trabalhasse no museu...pensasse assim e para isso era preciso haver...uma boa liderança nesse sentido. Organizar a equipa toda do museu e ter aqui técnicos e conservadores...as pessoas que estão no atendimento...às pessoas que estão lá na cafetaria ... a toda a equipa e quando eu digo toda a equipa estou a englobar toda a gente: seguranças, vigilantes, tudo...formar as pessoas para este...sensibilizar e formar....para esta...para este sentido. Porque se tivermos uma equipa no museu formada e sensibilizada para este sentido eu acho que vai ser tão fácil! Das coisas fluírem de outra forma. Porque, não é, nós damos pequenos passos, marcamos uma sessão, mas temos que a preparar porque...mas lá está...se aparecesse lá de surpresa alguma coisa tinha que também...o Machado de Castro é um museu minimamente preparado, mas se calhar se... se falarmos de outros museu, se calhar já não estão.”

I: Sim.

EC1: “Acho que sim.”

I: Ok, obrigada EC1. Muito obrigada pela entrevista.

2ª parte

I: Queria que a EC-1 me fizesse o balanço das visitas culturais realizadas na última semana.

EC-1: “Eu acho que o balanço foi muito positivo, até bastante positivo. Fiquei surpreendida porque também foi a minha primeira vez ... que fiz uma visita para públicos com deficiência intelectual, foi a primeira vez que apliquei um guião e então estava um bocado receosa, mas o receio perdeu-se logo quando comecei a fazer as visitas. ... Surpreendeu-me muito porque são pessoas... tivemos públicos bastante comunicativos como foi... e que sabiam e mostraram que gostavam de aprender. A que me surpreendeu mais foi a XXX [referência a nome próprio], foi do último grupo, no último dia, ela começou a ler o guião sozinha e eu disse “Eu não estou aqui a fazer nada.” São bastante independentes e gostam de aprender e é isso que eu valorizo num público. Eu não gosto de estar a falar para um público que não me ouça e não está ali... que está ali obrigado e que não quer aprender. Não! Foi um público que usufruiu bastante da experiência que lhe foi proporcionada. E isso para nós também nos dá...dá bastante gozo. Depois houve outras preocupações, houve um ou outro erro técnico de telemóveis e tecnologias que nós estávamos a ficar ... a começar a ficar receosos que provocasse alguma frustração no público, mas pelos vistos a frustração foi só da nossa parte.”

I: Foi só dos técnicos, de um lado e de outro. Sim, é verdade. Quais foram as necessidades que identificou ou longo da visita? As necessidades das pessoas... deste público. Houve assim alguma coisa que tenha surgido?

EC-1: “Necessidades não, mas notei que é um público bastante comunicativo e que gosta de fazer perguntas, que é curioso e também que nós do outro lado conseguimos responder a todas as perguntas, o que torna um público até bastante mais exigente, porque à medida que vai tendo interesse e vai colocando mais perguntas, temos que ir mais bem preparados do que aquilo que imaginámos. Eles fizeram n perguntas e queriam saber tudo e era um público bastante curioso. A nível de necessidades, não ... não notei nada. Notei que era um público curioso, interessado e com muita vontade de aprender. Depois nós, a nível do museu, é que notamos algumas alterações que podemos fazer a nível do futuro, mais tarde, não só ser incutida aquela obra, hoje vamos ver aquela, dar um bocado a opção de escolha para eles, porque cada um tem as suas preferências.”

I: Vai variar de visita para visita, não é?

EC-1: “Sim.”

I: Como é que acha que eles usufruíram desta experiência?

EC-1: “Eles?”

I: Sim, eles.

EC-1: “Eu acho que eles gostaram. Pelo menos foi o que me pareceu. Foi bastante positivo, até porque agora esta situação toda do Covid e assim, já é muito... pronto, a pessoa está mais fechada e não sai tanto para o mundo e o museu ir ter com eles eu acho que é uma

experiência que para eles foi enriquecedora, que aprenderam coisas novas e conheceram pessoas novas e ficaram, se calhar, com futuros locais para onde ir passear com as famílias ou até com a própria instituição e o museu também deixou a proposta que eles seriam sempre bem-vindos e que isto era para continuar a trabalhar. Eu acho que, do ponto de vista cultural, e até mesmo para eles porque... muitos se calhar ficaram, digo eu, podiam ter ficado um bocadinho mais, com um bocadinho mais de autoestima, porque conquistaram... conseguiram responder a todas as perguntas que foram colocadas, toda a mensagem que nós pretendíamos transmitir com as obras foi alcançada, até ultrapassada, digamos assim. Eles chegaram muito além do que tínhamos planeado de ... pronto tentar chegar aquela seguinte mensagem, explorar aqueles assuntos, mas ... fizemos um guião, como diz a Dra. XXX [referência a nome próprio] para destruir. Eles conseguiram com muita facilidade interpretar as mensagens e, como eles já... por norma, os grupos já vão com o guião estudado, os técnicos estudam com eles, mesmo... eu fiquei admirada porque, mesmo eles analisando os guiões antes de nós analisarmos com eles na sessão, há certos pormenores que são difíceis de aprender e de memorizar e de... nomes e contextos e eles todos memorizaram e leram aquele guião como se o tivessem decorado, já sabiam tudo o que era, quem interessava quem ...”

I: Principalmente o grupo de Arganil, não foi?

EC-1: “Sim, era o que eu ia dizer. Uma das situações que eu achei muita piada foi, nós íamos mostrar primeiro a Capela do Tesoureiro, para eles conhecerem um bocado o espaço do museu e eles darem logo com a obra “É aqui, é aquela que nós vamos falar.”.”

I: Sim, porque esse também foi o único grupo que tinha feito a leitura prévia do guião, por iniciativa dos técnicos daquele centro.

EC-1: “Os outros não fizeram?”

I: Não, os outros não. Mas foi por iniciativa deles, foram os técnicos que acharam que deviam fazer. Não dei orientações nesse sentido.

EC-1: “Ok.”

I: Quais foram as experiências que considera terem sido mais significativas?

EC-1: “Para mim ou para eles? Para mim?”

I: Para os dois. Eu estava a pensar mais neles, mas se tiver também coisas a partilhar de si diga.

EC-1: “Eu acho que, no geral, foi ... foi uma experiência gratificante para ambas as partes, porque estamos a ... no fundo a ... juntar dois mundos que até então eram incompatíveis ou as pessoas deduziam que não era possível fazer e ... tudo o que agora se defende, com os direitos que as pessoas com deficiência têm, que de facto devem usufruir do mundo cultural e devem ter a possibilidade de ir ao museu sem nenhuma limitação, restrição que os possa constranger. Eu acho que isto foi visível que resulta e que não há nenhuma incapacidade da parte deles,

que não possam usufruir, muito pelo contrário. Eu acho que eles, e para eles mesmo se afirmarem enquanto cidadãos, eles foram exigentes, exigiram respostas, fizeram perguntas, procuraram saber outras coisas para além daquilo que estava inicialmente planeado ... trabalharmos com eles. Eu acho que a nível de desenvolvimento pessoal, eu acho que dei, eu acho que os ajudou um bocado. Porque como nós percebemos, pelo menos eu que nunca tinha tido esta experiência, que eles são capazes de mais do que aquilo que nós estamos ali a apresentar, que eles vão além. Para eles se calhar também foi ... sentiram-se felizes e orgulhosos em terem participado e eu acho que aqui pode ser um início de muitos museus começarem a abrir portas para ... porque são bons exemplos, foram bons exemplos, correram muito bem, na minha opinião e que ... foi muito interessante as perguntas, a quererem ver a universidade e ... visitarem Coimbra. Eu gostei, gostei. E acho que para eles fez sentido, aprenderam coisas novas a nível cultural e a nível pessoal, trouxe esses dois benefícios. Para o conhecimento, digamos assim, aprenderam uma coisa nova, conheceram um museu novo, não... da maneira que seria melhor mas dentro desta situação do Covid foi o melhor que conseguimos ... e a nível pessoal que eles ultrapassaram as barreiras, estipuladas até pelo próprio museu, olha vamos trabalhar isto com eles e estudar estes assuntos e eles foram muito mais além. Eu acho positivo nesse sentido.”

I: O tempo da visita, das várias visitas... considera que foi o adequado, que podia ter sido mais curto, mais longo? O que é que tem a dizer sobre esse tempo?

EC-1: “Eu acho que o tempo foi adequado, mas se fosse era para ser mais longo.”

I: Eles conseguiam, não é?

EC-1: “Sim, conseguiam, conseguiam. Eu acho que foi bem pensado porque não dá... curto só se fossemos nós a falar e o público estar calado e não é esse o objetivo.”

I: Em relação à forma como as pessoas com dificuldades intelectuais acederam à informação. Há bocadinho a EC-1 já disse que eles entenderam as coisas e que foram além, quer acrescentar assim mais alguma coisa?

EC-1: “Não sei, estou a pensar. Eu acho que é basicamente isso, porque eu fiquei admirada, porque primeiro nunca tinha trabalhado com este ... com este público... e eu não sabia também um bocado o que esperar. Uma coisa é aprender na teoria, outra coisa é aplicar na prática e, para mim, isso foi uma experiência enriquecedora porque eu vi que de facto é possível. ... Mas eles atingiram super bem a mensagem e acho que eles não terão, em qualquer contexto cultural, dificuldade nenhuma em compreender e aprender porque eles sabem ... e têm interesse que é, eu acho que é fundamental, eles têm interesse em aprender e gostam e dão valor àquilo que estão a ouvir, eu notei muito isso.”

I: Sim, é verdade. Agora passando à parte dos materiais que foram utilizados, eu vi alguns, gostava que a EC-1 me falasse um bocadinho disso. Utilizou algum tipo de materiais de apoio no decorrer das visitas, no âmbito desta investigação?

EC-1: “Sim, utilizámos vários materiais. Sem ser os guiões de comunicação aumentativa, nós também sugerimos alguns materiais para eles terem com eles, para eles poderem... no final da sessão fazerem a mimetização. Para além da mimetização, que permite que eles se sintam parte, que são a obra de arte naquele momento, é bom os materiais para eles irem percebendo o interior, explorando o interior da obra de arte a ser estudada. Na primeira sessão, que era a Senhora da Rosa, tínhamos uma rosa, porque na pintura a Nossa Senhora tinha uma rosa na mão, o Menino Jesus tinha um passarinho, eles tinham um passarinho ... o manto da Nossa Senhora ... não me consigo lembrar mais, porque eram muitos. Depois, na segunda sessão, já tinham o mármore, tinham o mármore e o calcário que era para eles explorarem a diferença entre os tipos de pedras de que a escultura era feita. Depois também tinham... pedimos também que tivessem um banco para... para quem fosse fazer de Jesus se deitar ... tinha ... Ui! Tinha imensa coisa. Tinha um cofre...”

I: Já não temos cofre, partiu-se, temos que arranjar outro.

EC-1: “Era o colar, nós também tínhamos um colar ... um turbante ... e acho que para esse dia era só. Podem-me estar a faltar mais coisas...”

I: Sim, mas não faz mal, é para ter uma ideia das coisas. Assim está ótimo.

EC-1: “No terceiro dia, também utilizámos a estratégia das pedras, porque também foi analisada uma escultura também feita da Pedra de Ançã e também trabalhamos com eles as pedras, levámos pigmentos para eles conseguirem perceber que cor tinha aquela escultura já no seu ... pronto quando foi feita, as cores iniciais porque com o tempo vai-se desgastando ... e perde-se a cor e então conseguimos explorar essa parte das cores com eles, a folha de ouro ... Depois também ... Ah! Temos levado também umas imagens porque normalmente as peças antes de irem para o museu têm outro local, tinham outra...”

I: Outra localização?

EC-1: “Sim, tinham um objetivo específico, por exemplo n’ “A deposição no Túmulo” estava, sabemos que estava no mosteiro de Santa Cruz, e então nós levámos a imagem do Mosteiro de Santa Cruz para eles terem também uma perceção de onde aquilo estava e porque é que aquilo foi... como é que foi parar ao museu e, mesmo assim, no caso do terceiro dia, com o Retábulo de São Silvestre, também levámos uma imagem do palácio de São Silvestre, também explicámos que hoje em dia aquilo era um hotel... foi os pigmentos ... e acho que foi só. Depois para a mimetização já levaram a harpa, os elementos que estavam presentes propriamente ditos na ... na estrutura, foi a harpa ... eles fizeram de anjos, levaram os anjinhos, uma coroa, o

manto da Nossa Senhora... Ou seja, tentamos sempre com a equipa que está... com a equipa da APPACDM, tentar reunir os materiais possíveis, que conseguimos, para a mimetização correr melhor e ficar mais parecida com a obra e também eles perceberem os elementos que integram a obra.”

I: Estes materiais são criados especificamente para este público?

EC-1: “Sim, sim.”

I: E porque é que acha que estes materiais são criados? Qual é que é o motivo para a sua criação?

EC-1: “Eu acho que, quando estamos a estudar uma obra de arte, se tivermos os elementos que a compõem ao lado, é muito mais fácil perceber a fundo a mensagem que ela pretende transmitir e o que o pintor utilizou... acho que nos aproxima mais da realidade estarmos em contacto com tudo o que aquela obra de arte necessitou para ser produzida. E até para passar a própria mensagem ... falar que o anjinho tinha uma harpa na mão e darmos a eles uma harpa para as mãos é totalmente diferente, é uma experiência que eles sentem que fazem parte da obra, que estão a fazer parte da visita e até é uma forma da visita ser mais dinamizada, não ser tão a exposição, a informação...”

I: E isso contribui também para a qualidade da visita?

EC-1: “Sim, sim.”

I: Há outros materiais que não tenham sido usados ou que estava previsto e não foram usados?

EC-1: “Acho que não.”

I: Durante a visita, ou depois da sua realização, há algum material que achasse que fazia sentido ter usado e que não foi usado?

EC-1: “Eu acho que, quando houver mais disponibilidade, mais tempo, eu acho que, além de haver a criação dos guiões... até os guiões serem mais desenvolvidos, ... acho que, eu já... até já tinha referido isso, acho que o museu tem que ter uma caixa de materiais para estas sessões. Quanto mais conseguirmos explorar, mas também não em demasia se não também fugimos ao objetivo, mas, quanto mais conseguirmos explorar aquilo que é importante, melhor, e às vezes os materiais são uma mais-valia nesse sentido.”

I: Sim, sim. Em relação às estratégias, sem ser propriamente os materiais, a que estratégias é que recorreu durante a visita para ajudar as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais a usufruírem daquele espaço?

EC-1: “Eu tentei falar de forma mais pausada, porque tenho tendência a falar rápido, e também, como estávamos a usar o Skype e o museu tem uma acústica que não favorece nada ... eu tentei falar de forma pausada e também para perceber se tinha resposta do outro lado,

ou seja, porque eu não queria atropelar ninguém, não queria falar por cima de ninguém, eu ia falando de forma pausada para conseguir perceber, e atenta à reação do público, porque durante o meu discurso podia surgir uma dúvida ou alguém até nem ter percebido muito bem a minha voz, eu tentei sempre estar atenta às necessidades deles, às necessidades de, quando falo a nível de perguntas, se não perceberam alguma coisa por causa do telefone, tentei, esta foi a minha estratégia principal. E claro tentar utilizar palavras simples, não muito complexas, que quem estuda uma obra de arte há palavras complexas que nós percebemos de imediato que aquilo não funciona nem para ninguém e tentamos sempre adequar palavras mais simples para que a mensagem seja melhor transmitida, digamos assim. Eu acho que o segredo para isso correr bem é dar voz ao público, não sermos só nós a falar.”

I: A EC-1 foi a primeira vez que usou este tipo de estratégias?

EC-1: “Foi sim, foi.”

I: Como é que acha que seria a fruição das pessoas com dificuldades intelectuais se essas estratégias não tivessem sido utilizadas?

EC-1: “Eu acho que poderia ter provocado talvez algum desinteresse porque, quando estamos a ouvir uma pessoa a falar e não estamos a ... quando não conseguimos interpretar, compreender o discurso da pessoa, desinteressa-nos automaticamente, parece que desligamos, acho que poderia ter provocado isso. Porque ... lá está, é o que eu digo, é importante o público participar da visita porque senão a visita torna-se desinteressante e, com a ajuda dos materiais, a exploração da obra de arte e a consciência cultural que estamos a transmitir a consciência sobre aquela obra, sobre história e sobre o pintor e tudo o que envolve chega muito melhor, atinge muito melhor o público, e o público recebe melhor também. Porque eles percebem “Ah! Então isto foi feito assim, então isto correu assim.”. Dá-se a oportunidade de explorar as coisas no tempo e no espaço certo, com os materiais certos. Foi essa a percepção com que eu fiquei.”

I: Há alguma estratégia que se lembrasse depois que podia ter usado e que não usou?

EC-1: “Não sei, no meu caso foi o à vontade a falar, eu estava muito nervosa... e podia ter falado mais com eles, ter brincado... brincar mais um bocadinho... só que eles foram as minhas primeiras visitas, eu estava super nervosa, só queria ler o guião, para eu não me esquecer de nada.. e a minha preocupação voltou-se para aí. Por mais que eu tenha aproveitado e usufruído e estarei sempre grata por esta experiência, e espero poder fazer... continuar a fazer isto no meu futuro, não sei, sinto que me podia ter envolvido mais. ... Acho que faz parte dos receios e ...”

I: Não há que ter esse receio. Correu bem!

EC-1: “Por mais que eu soubesse que ia ser uma experiência gratificante e que, mesmo que alguma coisa eventualmente corresse mal, não ia ter julgamento, se calhar do outro lado, ... se calhar ia ter compreensão, mas mesmo assim eu ... queria, estava-me a esforçar para que tudo corresse pelo melhor.”

I: Sim, sim. Obrigada EC-1!

Codificação do participante: EC-2

Data e hora da entrevista: 16/05/2020 – 15:00 (1ª parte) e 01/07/2020 – 21:30 (2ª parte)

Meio de realização da entrevista: videochamada por WhatsApp (1ª parte) e por Zoom (2ª parte)

Duração da entrevista: 1 hora 9 minutos e 26 segundos (1ª parte) e 1 hora 1 minuto e 45 segundos (2ª parte)

1ª parte

I: Antes de mais, gostaria de recolher algumas informações gerais sobre si, principalmente a nível profissional. Queria saber, em primeiro lugar, quais são as suas habilitações académicas.

EC-2: “As habilitações académicas são a licenciatura em História, pela Faculdade de Letras de Coimbra....a licenciatura em História de Arte...as curriculares, pela Faculdade de Letras de Coimbra...não, a de História é por Lisboa [risos] ...a de História de Arte é que é em Coimbra e...depois o mestrado pela ESECS em Leiria...do Instituto Politécnico de Leiria, em Educação Especial, domínio cognitivo-motor. Ensino especial. Com a...dissertação em comunicação aumentativa.”

I: Muito bem, sim. Agora também queria saber mais sobre a área em que atua a nível profissional. A sua área de atuação.

EC-2: “Eu comecei por atuar ao nível profissional...com a comunicação do Palácio para o exterior. Eu estava no palácio, em noventa, no Paço dos Duques de Bragança e Guimarães e estive três anos a fazer a comunicação com a autarquia, com a Segurança Social e a preparar os eventos, os grandes eventos...que eram mais ou menos semestrais...do palácio. Com serviços educativos que tinham a ver não só com as dinâmicas do palácio, mas também com as da cidade...articulado com escolas, com...colegas da Câmara e da Segurança Social...de Guimarães, neste caso, e com Cerci's, etc. Aliás, é muito engraçado porque, mais de dez anos depois de sair de lá, era conhecida...na tutela, nos serviços centrais, como a X EC2 do Paço dos Duques. Pelo número de pessoas que nós chegámos a ter...chegámos a ter seis mil crianças no Dia Internacional da Criança. E fazíamos sempre atividades, etc., portanto, o meu início foi aí.

Com alguns contos escritos, etc. Depois, vim para o Museu Machado de Castro...para o Museu Nacional de Machado de Castro... como conservadora da coleção de pintura, no final de 1992. Foi a 7 de dezembro de 92. E, desde aí, fiquei com a coleção de Pintura, Desenho e Gravura do museu. Foi quando fiz, entretanto, em 96 as disciplinas curriculares de História de Arte, por necessidade. E fui frequentando sempre alguns cursos ou algumas atividades que tivessem a ver com a ligação entre o contexto museológico, entre o acervo e...as coleções, os espaços e os públicos. E, nesse sentido, depois de alguns anos, a preparar e a fazer sempre dinamização do que ia estudando ao nível de investigação, porque também fui fazendo investigação na área da pintura antiga...tenho algumas coisas feitas...nomeadamente o estudo do material de algumas pinturas...os cadernos de encargos para conservação e restauro de outras...o estudo da liga de ouro das pinturas do século XV e XVI...etc...paralelamente, tudo o que ia estudando achei que não devia ser só eu ou os técnicos do museu ou os investigadores a terem conhecimento. Portanto, quando fazia alguma coisa sobre um assunto era sempre no sentido de que o público também soubesse. Por isso mesmo, quando em 2014 foi possível...porque pensava que ia fazer Comunicação Acessível [risos]...inscrever-me no curso que não abriu de mestrado no Instituto Politécnico de Leiria, achei que era a oportunidade de fazer aquele mestrado que não tinha querido ou conseguido, por algumas razões, fazer até aí. Porque...ainda pensei em Conservação na perspetiva dos museus...ainda pensei nisso...fazer o historial...ainda tenho ali ...para ali escrito, uma sinopsesinha do que poderia ser uma candidatura ao mestrado na Faculdade de Letras da Faculdade de Coimbra, sobre em que medida é que foi necessário conservar e preservar as peças para que elas fossem mostradas ao público, desde o início do museu até aos tempos atuais. E, depois, quando surgiu o mestrado em Leiria...deixei tudo de lado e lá fui eu fazer as minhas caminhadas para Leiria...que acabou por ser o mestrado em Ensino Especial porque o outro mestrado não abriu. Entretanto, já tinha feito algumas coisas com pessoas comumente ditas com demência...portanto, com perturbações neurocognitivas ...segundo o que diz a DSM5...e depois, pronto, dinamizo...continuo a dinamizar desde 2011 o grupo de participantes do “Eu no Museu”. Entretanto, tinha já feito em 2013, no âmbito de uma aluna que tinha estado connosco, de mestrado, tinha feito em 2013 um alargamento para um outro...um outro projeto de inclusão que é o...”Nós no Museu”...que, no início, era só para...é engraçado porque em 2011, no âmbito também de outro mestrado, abriu um projeto que se chama “Construa pontes e não barreiras” que estive desde 2011...até 2014 ativo...naquele modelo...e tinha a ver também com o CAO de São Silvestre da APPACDM...e se relacionava com um grupo específico de teatro, o “Brinkasério” que...aprendia o que é que era o tempo, através do Criptopórtico do Museu. E, desde aí, do “Construa pontes e não barreiras” começámos a ter um estreitamento maior, uma ligação mais estreita com a APPACDM...e,

paralela ao “Eu no Museu”, com pessoas com demência e paralela também ao tal que, em 2013, cresceu...com outra metodologia completamente diferente, que é o “Nós no Museu”, para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Esse “Nós no Museu” abordou grupos institucionalizados de sem-abrigo, de profissionais...ex-profissionais do sexo, crianças...porque tinha as duas vertentes, para adultos e para crianças...ex-profissionais do sexo, crianças à guarda do tribunal, a Acreditar...Portanto, os parceiros neste “Nós no Museu”, entre a vertente de adultos e a vertente de crianças são cerca de dez. Sempre em parcerias. Todos os projetos têm tido parcerias que...o que nós chamamos agora, nos museus, de há dois anos para cá...que acabam por ser a certificação do que se está a fazer da parte do público...e o conhecimento do público...e, por outro lado, também...o que se chama o...conselho consultivo...os conselhos consultivos para cada um dos projetos. No caso das Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais, que tinha nascido nesse grupozinho específico do “Brinkasério” do CAO de São Silvestre da APPACDM...Depois, em 2014, parou um bocadinho e, em 2015, inícios de 2015, fui abordada por duas técnicas...da APPACDM...que vinham entusiasmadíssimas, porque sabiam que tínhamos já feito alguma coisa...a esse nível...com os seus utentes...que chamam os seus clientes...Foi muito difícil eu habituar-me a essa palavra, embora já a entenda...Para mim, eram utentes. Portanto, também é um grupo institucionalizado...e vinham...solicitar uma visita, porque tinham ouvido falar do que fazíamos...uma visita ao museu. Acontece que...eu disse que a visita ao museu tinha que passar por uma visita primeiro comigo...E pronto, e desde aí até hoje, as coisas desenvolveram-se de uma tal forma e...num sentido, sobretudo...no sentido comum de que cada um sabe daquilo que trabalha, em primeiro lugar. E é através de...os instrumentos são os guiões de comunicação aumentativa, que passou a chamar-se...já tinham no CAO o nome “A Cultura também é para Nós”...e nós tínhamos o tal “Construa pontes e não barreiras”, que, junto tudo isto começou a chamar-se um outro nome, que é “Imagens que guiam”. E a “Imagens que guiam” é um trabalho conjunto e...conjunto e não tem nem mais de um lado nem mais do outro. O que trabalha é...o Museu Nacional de Machado de Castro, com as suas características, com as suas coleções, com os seus espaços...e a APPACDM, com o conhecimento que tem dos perfis dos clientes. Ou seja...é um projeto que enriquece ambas as partes, pelo respeito que ambas as partes têm de que o outro sabe da sua área e pelo objetivo comum que é permitir às pessoas...ou seja, é ser mediador. No fundo é ser mediador para que uma pessoa, seja ela qual for, neste caso específico, uma pessoa com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais entenda que o museu também é para ele. Acabou!”

I: Sim, obrigada EC2.

EC-2: “Não tem mais perguntas acerca desta parte, pois não?”

I: Tenho aqui mais algumas que se vão misturando e que, se calhar, vou perguntando aqui alguns pontos que podem ter escapado. Globalmente, apanhou vários pontos daquilo que era pretendido na entrevista. De qualquer das formas, vou pegar em alguns pontos para aprofundar um bocadinho mais, está bem?

EC-2: “Sim, senhora.”

I: Pode-me falar um pouco da experiência que tem tido no contacto com pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais no contexto cultural onde está...onde trabalha?

EC-2: “Pode repetir, Catarina, desculpe?”

I: Sim, claro que sim. Queria-lhe pedir se me pode descrever um pouco mais da experiência que tem tido no atendimento às pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais, no contexto cultural onde trabalha, ou seja, no Museu. Se me pode falar um pouco mais desse atendimento, desse contacto...

EC-2: “...O contacto efetivo tem sido...já aconteceu sem ser institucionalizado...do que eu estava a dizer, porque eu estava a resumir só...porque a minha vontade era continuar a dizer...No que toca às pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais...eu não...a experiência que eu tenho é lindíssima, é...eu tenho aprendido muito e tenho sentido sobretudo...a confirmar uma coisa que eu já achava: é que...nós somos pessoas e em qualquer espaço onde vamos...se a experiência for adequada à nossa própria pessoa, qualquer um de nós a fixa...e a torna melhor. Portanto, é essa só...não há diferenças. O que há é...os espaços culturais não estão habituados...eu não sei se já estou a ultrapassar aquilo que podemos responder.”

I: Não há problema.

EC-2: “Os espaços culturais...depois tenho medo de não ir ao resto...Os espaços culturais não estão, de modo nenhum...por tradição...um espaço museológico é um espaço onde a pessoa, como diz o nosso Guarda-chaves, o Ricardo Kalash, enquanto Guarda-chaves, um espaço cultural é um sítio onde uma pessoa entra muda e sai calada. E durante muitos anos, desde o alvor dos museus, quando foram criados quase todos, exceto os de História Natural e os de Ciência...foram criados a partir da República, a partir de 1911, 1913...e o Machado de Castro é um deles...eram espaços de investigação para eruditos...para professores, das universidades...geralmente os diretores eram professores das universidades...e que faziam o estudo...era um estudo forma, era um estudo comparado, durante algum tempo...das coleções, relativamente ao seu interesse para a cultura. Mas a cultura para eles era uma cultura de...interessados, de elite, de reconhecidamente interessados. Não era a cultura do povo, ou seja, no povo no sentido de todos os cidadãos, não era. Era uma cultura em que era prestado ao povo o favor de lhes ensinar o que é que era a nossa matriz cultural, e

nomeadamente nas artes. E nas artes plásticas e nas ditas, na altura, artes decorativas....Pouco mais havia...é engraçado porque, no caso do Museu Nacional de Machado de Castro, houve aqui uma grande variante. Quando ele é criado, de propósito...tem nos seus estatutos, pelo primeiro diretor, que era um republicano convicto e maçom...o António Augusto Gonçalves...e que era um artista. O António Augusto Gonçalves, quando geria o Museu Machado de Castro, antes de o abrir faz os seus estatutos e diz que, numa ligação a um movimento europeu e o artesanato...era importante criar um museu onde os artesãos e os artistas da região, ele citava ambos, fossem formados no rigor estético e no saber...ou seja, o museu era criado de uma forma que ensinasse as pessoas a poder criar, a serem artistas, a desenvolver o seu gosto...o que faziam como nas profissões, nas diversas profissões e isso, sobretudo, com base no quê...com base no gosto que lhe era transmitido da obra de arte e também com base na prática constante do desenho. Era isto. Foi-se mantendo, depois dos anos 40, o professor Virgílio Correia que foi um dos diretores do museu, durante algum tempo sucedeu a António Augusto Gonçalves, já vira isto para outro lado...que é para a investigação rigorosa e sobretudo uma das componentes do Museu Nacional de Machado de Castro, que é a arqueologia. O museu tem três vertentes fundamentais, que é a arquitetura, a arqueologia e as coleções, a arte. É o património móvel, o dito património móvel. Ora, isto tudo permite, quando nós chegamos aqui há uns vinte anos atrás, os museus continuavam...aliás, é muito engraçado porque nos anos 60 há ali um movimento que coincide não só com cursos de conservador de museus...50,60...e com monitores, com uma nova categoria de profissionais dos museus...que são os monitores, que vão ser formados para fazer a ponte com as crianças. Crianças agora ditas para nós normativas. Ditas normais. Portanto a criança tem a sua recreação e, lá está, a formação a nível estético e artístico dentro do museu. Havia...é quando se criam...quando há a grande vaga dos serviços educativos...os serviços educativos que, nuns casos, só...os serviços educativos são sobretudo criados...a base do Museu Nacional de Arte Antiga, com o Dr. João Couto, que era diretor nos anos 50...e com a Dr.^a Madalena Cabral, que é uma mulher que é formada por ele para criar os serviços educativos...no Museu de Arte Antiga. Paralelamente, no Museu de José Malhoa, nas Caldas, há uma mulher que vai aprender com o Dr. João Couto, ao mesmo tempo que a Madalena Cabral e...às incursões que faz das crianças no museu, com outro nome...com um nome completamente diferente que já vai para aquilo que nós queremos chegar...que é educação pela arte. E educação pela arte que...nas Caldas...onde está instalado o Museu José Malhoa, as crianças diziam que era a escolinha da Maria Helena...ela chamava-se Maria Helena Coimbra...A escolinha da Maria Helena permitia o quê...que as crianças de todas as idades, até aos doze, treze anos, de toda a condição, com ou não maior desempenho intelectual, pudessem estar no museu ao mesmo tempo, tratadas da

mesma maneira, a fazer o que lhes apetecesse. Isto estamos nos anos 60! [risos] 66 mais ou menos. 60, 66. E na educação pela arte, que é uma coisa para mim completamente diferente de serviços educativos, o que ali se fazia era escolhido pelas próprias crianças, elas...uma das atividades era criarem entre eles uma locomotiva. Escolhia-se uma máquina, uma locomotiva, que era uma das crianças, e a máquina decidia onde havia de parar no museu...e, não só, levantava as questões que ela tinha sobre a peça onde tinha parado e que queria escolher para falar, como permitia...permitia não...como esperava que os outros fizessem as suas perguntas. Quando estivessem todos satisfeitos, a máquina continuava para outra peça ou para outro espaço porque também estavam contempladas as esculturas do jardim, as de ar livre. E, neste grupo de crianças, iam as crianças já ditas com dificuldade intelectual e desenvolvimental, que na altura eram poucas porque estávamos num período de tempo em que naturalmente elas não saíam à rua...é preciso não esquecer isto...eram as que a Maria Helena conseguia perceber e ir buscar ou ir cativar...eram os ciganos, os filhos dos casais com muitas dificuldades e que passavam fome...e que acabavam por ir lanchar ao museu também...Portanto, do que eu estou a falar é de uma situação de...que não tem a ver com os tais serviços educativos que se mantiveram até aos anos 90...estou a falar de uma situação em que a aprendizagem é global, é universal e é transversal e não é só do conservador do museu, é também das outras áreas do conhecimento que possam contribuir para esse enriquecer todo, ou seja, as crianças, os adultos e os próprios profissionais...é neste sentido da globalidade que eu acho que se deve atuar no museu. Às vezes há uma coisa que eu penso...bom, isto depois foi correndo...houve ali um marasmo muito grande nos anos 90...e uma indecisão...No resto da Europa já se...ouvia falar...eu fui a alguns cursos em que se falava dos mediadores culturais que eram já não os monitores que...porque este caso das Caldas é único, não foi repetido quase em todo o país....Houve algumas incursões em alguns museus, mas muito pouco. O que era padrão era...prepara-se um serviço para crianças...pomos esta peça, aquela, aquela e aquela...e vamos ensinar isto, aquilo e aquilo. Por isso é que eu detesto o nome “serviço educativo”! Porque acho que qualquer utente, qualquer fruidor de um espaço cultural teria...para mim, tem de ter, o direito de...primeiro, obviamente, conhecer...e conhecer conhece através das redes sociais, se for possível, conhece através dos websites, conhece através de umas primeiras visitas...se for possível. É desejável. E depois pode ele próprio escolher o que é que quer tratar. No que toca a público em geral, eu penso que neste momento...e desenvolvidos que estão vários projetos e...o “Eu no Museu” é um programa já para mim...porque já tem outras características...mas temos vários projetos, desde 2011...há outros...eles são seis ao todo...Eu penso que...muitas vezes ponho esta questão: nós estaremos a incluir públicos com diferentes dificuldades, mas públicos que são um nicho, descurando o público em geral? Muitas vezes

penso nisto. Porque o público em geral não tem alguns dos instrumentos e alguns dos materiais de acesso e de reinterpretação e de apoio para a reinterpretação da obra de arte que têm estes públicos com outras...com algumas dificuldades ou em situação de vulnerabilidade social, por exclusão social. Ora, o que acontece é se nós...nós vamos ter que caminhar para isso...vamos ter que caminhar para uma situação em que...e estamos a tentar fazê-lo também no “Imagens que guiam”, em que sejam formados os profissionais que lidam com os grupos institucionalizados de pessoas, aos diferentes níveis. E que esses profissionais possam ter ferramentas, possam colocar questões, possam ser envolvidos e implicados, de modo que eles próprios, porque conhecem o seu público, saibam o que é que querem do museu e lhes seja possível interagir à vontade das pessoas com quem estão. E, noutra medida, também é possível mais tarde...nós criarmos alguns mecanismos que o público em geral também use. Isto porquê? Porque eu acho que ao tratarmos...se, por um lado, punha essa questão, por outro lado também vejo outra...abertura. É que, tanto no caso de cegos, como no caso...se estivermos a falar de maquetes sensoriais, se estivermos a falar de plantas 2D e meio, de plantas e maquetes 3D, etc., se estivermos a falar também de guiões em comunicação aumentativa, quer pelo SPC ou outros formatos, o que aqui acontece é que o que nós tivermos disponível para estes públicos é garantidamente usado pelo público em geral. Portanto, tornando o quê? Tornando estes recursos aumentativos, estes recursos mais adequados aos públicos...também recursos universais e aí já estamos a falar do quê? De uma globalidade, que depois ao nível dos recursos humanos tem de ser trabalhada nunca...nunca não...não só ao nível interno dos museus...que, quanto a mim, continuam muito reduzidos quanto a este caminho...só temos dois ou três técnicos...num universo de seis, sete técnicos, temos um sensibilizado para a questão. Depois, temos dois a fazer de conta que estão sensibilizados, porque é moda, porque é muito bonito de há dois anos para cá. E teremos dois ou três a nem sequer querer ouvir falar do assunto e a torcer o nariz. Porquê? Porque ainda não foi feito um trabalho nesse sentido. E porque ainda não é entendido...se isto está a acontecer, é porque dentro dos profissionais não há uma coerência no trabalho que se faz como...quase nunca houve. E porque ainda se continua na velha esteira que, no fundo, como vê, não é o início...dos museus. Mas é a esteira ali dos anos 50 e que é muito bem, muito erudito estar-se no museu, trabalhar-se no museu e usar-se linguagem tão intelectual que ninguém perceba. [risos] Já respondi a tudo, Catarina?”

I: Sim, já deu aqui a volta a muitos assuntos, mas eu ainda vou fazer algumas perguntas. Há bocadinho, falou da necessidade de adaptar os espaços e os conteúdos às características das pessoas com dificuldades intelectuais. Pode-me explicar um pouco mais o que é que acha que é necessário modificar, de forma a possibilitar este acesso com uma maior qualidade?

EC-2: “Eu não acho que o próprio espaço deva ser alterado.”

I: Sim, eu quando falo no espaço é o contexto cultural, é tudo aquilo que abarca o museu, no fundo, não propriamente o espaço físico.

EC-2: “Pronto, porque o contexto é mudar as mentalidades dos técnicos e o problema passa mesmo pela mentalidade dos técnicos dos próprios museus. E a questão do “vamos fazer assim porque é moda”, só que depois é muito pouco consistente...eu penso do que tenho falado que quem lida diretamente com estes públicos, ou seja, os CAO's e outras instituições, sentem certamente que há momentos, em certas instituições, que nem apetece estar lá. Porquê? Porque o que é feito é tão de moda e tão de fica bem que quando...como com todas as pessoas...Todos nós, ao entrar num espaço cultural, ou seja o que for, temos necessidades, e necessidades que são diferentes de um para outro. Eu terei umas necessidades que a Catarina não tem. Eu sou dos públicos piores para um museu. A mim não me venham dizer que não pode entrar ali. É a primeira porta que eu vou tentar abrir. Se me disserem “a porta é proibida” e não me explicarem ou não estiver muito claro, eu tento furar por ali. Se me disserem “silêncio” não resulta, com este vozeirão, como se sabe. [risos] Se me disserem que as pessoas devem andar muito caladas sem discutir, é isso exatamente o contrário do que eu penso. Eu penso que o museu é o espaço...o museu é um dos espaços ideais para nós estarmos a comunicar, a falar e a tentar perceber o que é que o outro vê, o que é que o outro sente quando olha para ali. Isto porquê? Porque uma obra de arte possibilita...mesmo ao nível dos hemisférios cerebrais...uma maior libertação da criatividade e, posto isto, a pessoa também se sente muito mais confortável. Ora, agora, vamos falar em contextos e em espaços de visita. Se para isso...e se acrescido a isso, existir um banco ou uma cadeira para cada um, em que se esteja a gozar uma obra de arte sentadinho a olhar para ela, melhor ainda. Mas isto não se aplica só às pessoas com necessidades...intelectuais e desenvolvimentais...ou com dificuldades. Aplica-se a todos nós. A todos nós. Nós só estamos a olhar para uma obra de arte, só nos deixamos apanhar pelo belo, e até pelo outro, quando estivermos confortáveis connosco próprios. Uma cadeira é um dos instrumentos ótimos para isso. E, depois, claro, é a informação...o modo como as obras estão dispostas. Obviamente que, num museu de arte antiga, é um bocadinho mais difícil de o fazer que num museu de arte contemporânea. Enquanto que, num museu de arte contemporânea, as obras podem ser reinterpretadas de uma forma até intuitiva, porque temos a linha, o traço e o ponto...basta-nos isso. E isso no desenho é muito intuitivo para qualquer um de nós e liberta-nos da obra... No caso da arte antiga, é necessário fazer ali uma certa ponte, mas uma ponte que resulta num outro polo, que é na matriz cultural. E como resulta nessa matriz cultural, todos podemos ir buscar...por exemplo, eu estou a ver o caso de uma Nossa Senhora com o menino ao colo...é muito fácil

fazer a ponte com a mãe de cada um de nós. A Nossa Senhora da Expectação, a Virgem da Expectação que é uma virgem grávida...é fazer a ponte...Uma Santa Inês, que tem o cordeirinho aos pés, é muito fácil falar dos pastores. E falar de ovelhas, e falar de cabras e falar de tudo aquilo que nós conhecemos no nosso meio...Estou a ver, por exemplo, o Retábulo da Natividade do Museu Machado de Castro, também se consegue...obviamente, não se consegue pedir à pessoa que invente...mas consegue-se pedir...ou facilitar que a pessoa desenvolva alguns conhecimentos que também tem do seu próprio espaço e da sua própria convivência, quer com o familiar que a rodeia, quer com a instituição onde vai nos tempos livres...Portanto, é neste diálogo constante e conhecendo também, através dos técnicos que com eles trabalham, a história de vida, o perfil, ou seja, as condições em que a pessoa gosta mais de estar, aquele que é o seu modo de ver a vida. Por exemplo, eu não vou ter junto de uma pessoa que não quer falar...estar sempre a insistir se ela está em sala. Não insisto, mas tento que ela também dialogue, que ela também fale. É neste compromisso com o que nós próprios somos. E, no fundo, o que é que nós somos? Pessoas. Pessoas! Todos nós. Cada um com as suas características...A diferença aqui é uma diferença que...o que se pode ajustar no contexto museológico tem sempre a ver com o diálogo com uma pessoa e com um grupo de pessoas, dentro da sua própria circunstância e à sua medida, como faríamos para nós próprios.”

I: Sim. Há alguma coisa que a EC2 gostasse de acrescentar em relação àquilo que é preciso ter em consideração quando prepara ou dinamiza visitas culturais para estas pessoas?

EC-2: “Oh, Catarina, há uma coisa que me interessa sempre quando eu dinamizo: é conhecê-las, em primeiro lugar...vejo sempre os perfis...o que temos trabalhado, no caso das “Imagens que guiam” é isso também...sempre conhecer os perfis...e é saber se a pessoa, tendo ido ao museu, gostou ou não gostou e porquê...e preparo sempre no sentido de que seja uma experiência gratificante para todos nós, com alegria, num espaço que todos tenhamos a consciência que valoriza o nosso papel de cidadãos, o meu e o deles. E que...saíam de lá a sentir: “eu também participei”. Ou seja, não é sentir “eu também participei”, até é outra coisa que eu acho que, neste caso, acontece...é sentir que é uma coisa normal, como estar no CAO, durante todo o dia. Só que é um dia de festa porque não se sai do CAO todos os dias. Só por essa razão. Portanto, acho que é um espaço de convívio, em que se veem ou vivem coisas diferentes das do CAO, mas em que a pessoa pode expressar-se também. Eu penso que é isto. É quanto mais for natural as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais frequentarem estes espaços, mais nos vamos nós dando conta de que não há diferenças entre as pessoas. Há sim, isso sim, uma adaptação...nós também a fazemos em relação a todos nós. Eu não vou fazer uma visita para uma pessoa de idade, com uma idade avançada e que mostra

que tem dificuldade de audição, nem a correr no museu...primeiro, é logo a cadeirinha ou o banquinho que eu levo...e depois, se eu puder arranjar alguns recursos como fotocópias com ampliação das peças que estão dentro das vitrines, porque a pessoa, a nível visuoperceptivo, já não tem a mesma acuidade. Portanto, há que ter algum cuidado, mas é um cuidado que temos com todos nós. Eu não sei se se adequa.”

I: Adequa, sim, obrigada. Queria agora perguntar-lhe, a respeito dos recursos humanos que estão disponíveis no museu, de que forma é que o museu organiza e prepara os seus profissionais para o atendimento de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais?

EC-2: “Isso leva-me a uma questão que eu queria logo no início, quando falei da minha área de atuação...Tive logo uma vontade enorme de dizer isso [risos]. Exceto estes casos...que ainda são pontuais...de ligação com instituições...e, com instituições, para mim é melhor porque nós conseguimos perceber o público e trabalhá-lo melhor, trabalhar melhor o espaço...no sentido de todos lucrarmos com a experiência do museu...O que a Catarina me está a perguntar é: como é que é organizado o museu se for um grupo que não vá institucionalizado de pessoas e que entre e que queira ver o museu?”

I: Sim.

EC-2: “Resposta simples: desamparado. Completamente desamparado...pode nem chegar a entrar. O que, no Museu Machado de Castro...e aí sim, Catarina, eu devo fazer honras à nossa equipa do Museu...aos nossos vigilantes. Mal se apercebem...Normalmente, se for uma pessoa isolada, o que acontece é, dependendo...isto é muito mau dizer-se mas é verdade... dependendo da pessoa que esteja na loja ou na bilheteira do museu, há grande probabilidade, para aí com metade dos vigilantes, de eu ser chamada para fazer eu a visita. E eu vou. Posso estar com outras tarefas e não conseguir mesmo, mas tento sempre ir. Isto pode acontecer. É de não esquecer que as visitas não são frequentes. Em primeiro lugar, isto. Em segundo lugar, se acontecer e não houver um aviso prévio, em cinquenta por cento dos nossos vigilantes há sensibilidade para me chamar e eu vou...A não ser que esteja numa coisa que não possa, como já disse. Depois, por outro lado, como as visitas são marcadas com antecedência, através do mail dos serviços educativos, a XXX [referência a nome próprio da coordenadora dos vigilantes], que é a mulher com sensibilidade que recebe isto e também é a coordenadora dos vigilantes do museu, avisa-me sempre. Portanto, o que nós temos feito é, quando há um grupo identificado com esta situação, normalmente, e é muito engraçado, normalmente a primeira coisa que a XXXX [referência a nome próprio da coordenadora dos vigilantes] faz é avisar-me...serei eu a responder, faço o contacto logo com a instituição ou com a pessoa que a representa, mas já tem acontecido várias vezes...mais do que o contrário...que a pessoa não

quer a visita acompanhada. A pessoa quer vir sozinha com os seus utentes ou os seus clientes e...com muita dificuldade alguns deles aceitam que eu lhes envie logo os nossos guiões [risos]. É muito engraçado porque ainda se continua a pensar...Isto leva-nos a pensar uma coisa: se, por um lado, nós profissionais dos museus e eu particularmente neste caso pensamos que nós ainda não fizemos completamente a ponte, no sentido de criar condições para que o público se manifeste...diga: “eu no dia tal quero ir ao museu e quero ver estas obras desta maneira”...e a adaptação já está de base, mesmo ao nível de guiões de comunicação já está preparada e eu penso que o problema é nosso...e algumas das idiossincrasias são nossas...Por outro lado, também se pensarmos agora bem, do lado dos profissionais que convivem diretamente com este público, também...talvez por uma tradição de não serem bem recebidos e de serem deixados ao acaso dentro de um espaço cultural...nem todos estão preparados para ser bem recebidos. Eu acho...há ali um... “Vai mostrar e vai mostrar o quê? É capaz de me querer levar só para aquele ponto!”. E, pronto, e depois, o que é que lhes parece? Digo eu, dos profissionais que vão acompanhar estas pessoas...se for eu, resguardo-os mais. Se for eu com eles, sei melhor o que querem. Ora, lá está, estamos outra vez na mesma história... É no crescimento mútuo, no diálogo entre os vários conhecimentos que nós podemos criar alguma plataforma de...criatividade, de consciência de alguma autonomia como cidadão, para todos e para os públicos que estas instituições também recebem.”

I: Sim, e qual é que acha que pode ser exatamente o papel dos técnicos dessas instituições nesta dinâmica?

EC-2: “Olhe, eu vou-lhe dar um exemplo...o papel dos técnicos, eu continuo a achar que é de uma formação conjunta, quer do profissional de Museologia, do conservador ou mesmo das pessoas que trabalhem...que eu acho que não são serviços educativos...que trabalhem a área da educação para todos...Em museus, há que ter formação contínua a esse nível. Há que ir a tudo. Já que não nos é facilitada também a vida a esse nível, há que ir a tudo o que parece relevante. Às vezes, o que não parece relevante da área destes profissionais é...um fator de crescimento se nós formos assistir. É sempre um fator de crescimento conhecer o que é que o outro faz. Por outro lado, também temos nós a obrigação...dos museus...de fazer formação para que...e divulgação maior juntos destes públicos, destes profissionais, para que não só saibam o que temos para dar, em que medida é que a obra de arte pode propiciar melhores condições...quer de melhor reconhecimento da autonomia, como de autonomia cidadã...e até grupal também...E fazendo isto de que forma...convidando a ir, divulgando e criando ações de formação constantes, como por exemplo nós, no caso do “Imagens que guiam”, fazemos formação para profissionais do setor do acompanhamento de pessoas com dificuldade intelectual e desenvolvimental. E temos feito, já fizemos duas sessões que esgotaram...vamos

continuar...mas isto a falar em comunicação aumentativa... Depois, também podemos falar numa outra área que não só de comunicação aumentativa, mas a da fruição um bocadinho antes, num momento anterior, do próprio espaço de um museu. Porque, no caso das “Imagens que guiam”, isto não cheguei a falar...os momentos são vários...porque, não só quando nós preparamos o guião em comunicação aumentativa, as técnicas do CAO de São Silvestre têm conhecimento da obra de arte, através de tudo o que já foi produzido sobre ela...e também do seu contexto, em que zona é que está no museu...nós temos também as peças imbuídas de uma forma cronológico-estilística...exceto dois ou três casos que são temáticos, no museu. E elas ficam a saber qual é a importância destas obras e eu...estou a falar de mim porque sou a pessoa que representa o museu neste projeto...ou alguma das estagiárias que eu tenha porque também temos estagiárias...e agora temos, este ano, a XXX [referência a nome próprio], que está como estagiária de mestrado de Museologia...é a primeira nesta área da inclusão...que vai fazer algumas coisas, lá está, vai fazer...a partir dos guiões que nós já temos, ela vai trabalhar visitas e, nesta situação nova da pandemia [Covid-19]...Portanto, o que nós encontramos sempre é novos pontos de diálogo, novos pontos em que se possa quer a obra de arte, quer os profissionais, quer o público a que se destina terem uma interação maior. Mas, para que isso aconteça, é necessário também...que os guiões que nós criamos sejam não só na própria instituição, no CAO, por exemplo... Como, em sala, quando estamos no museu...como também depois no CAO com uma coisa extraordinária que são as mimetizações. Eu vou-lhe contar um segredo: quando nós começámos no “Imagens que guiam” com as mimetizações, calhou que alguém do Museu Machado de Castro desse por isso e disse: “Olha, parece que estão a imitar!”. Pois é, estão a imitar, só que tanta pessoa dita normativa gostaria de o fazer e não pode, por alguns dos mecanismos sociais que lhes são impostos. E qualquer um de nós, ao tomar a posição do outro e o imitar... se imitar a obra de arte fixa muito mais e aprende com ela. E pode avançar para o passo seguinte.”

I: Queria-lhe só perguntar se me pode explicar um pouco melhor em que consistiu a formação das “Imagens que guiam” aos profissionais.

EC-2: “Ai, Catarina, é tão difícil! [risos]

I: Sobretudo, quem foram os participantes, porque o resto penso que já foi explicado.

EC-2: “A formação...é engraçado porque quando pensámos...eu e as técnicas do CAO de São Silvestre da APPACDM de Coimbra...fazer a formação, foi mais...eu já expliquei, pronto...é mesmo o objetivo que os outros tenham consigo os instrumentos para trabalhar, para ir ao museu autonomamente, com os seus clientes. Esse era o objetivo. Em segundo lugar, o que nós pensámos foi “Vamos abrir para profissionais dos museus”, porque isto não existe em museus e não existia em 2016...2016 não, foi no final de 2017...já, penso eu...foi final de 2017,

início de 2018, foram feitos um até em novembro e outro em janeiro. E...o que aconteceu ali foi...vamos abrir as inscrições para os técnicos da APPACDM e não só...da APPDA, pronto, profissionais desta área que trabalham com pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais e também, claro do espectro do autismo...e que quisessem vir e arranjar ferramentas para puderem vir independentemente aos museus. Mas também se divulgou para os museus. Eu acho que foi 50/50, por cento, mais ou menos. Foi pessoal...profissionais dos museus e profissionais desta área da saúde que entraram como inscrição. E depois, foi muito engraçado porque...aqui para nós, vinham todos a zero, como se suspeitava. Como se suspeitava, era uma novidade, na altura... Percebeu-se que as pessoas...porque há aqui uma coisa, é que as pessoas ou vêm a zero ou acham que já sabem tudo. Vêm nos dois polos. E os que sabem tudo, durante a formação foram percebendo que tinham que ter calma e perceber mais um bocadinho. Os que vinham a zero, levaram daqui, desta experiência connosco, a mesma...algumas das dúvidas que nós temos e uma das dúvidas é...mas essa é constante com seres humanos...é: estamos a fazer bem? Estamos a chegar ao objetivo? Isto é normal. Agora a novidade era...cada um de nós, com o seu corpo, pode transmitir mensagens que são entendidas pelos outros. Esta era a base. E depois as imagens são universais. E quanto mais universal for a mensagem que estamos a transmitir, neste caso através de imagens, a maior número de pessoas chegamos e mais difícil é de fazer pelo profissional [risos]. Eu penso que foi esta a conclusão a que chegaram todos. Obviamente que, durante a formação, nós tivemos o cuidado de mostrar o que é que era o museu e o que é que era o ambiente de CAO, o que é que era o ambiente de profissional que lida com estas pessoas diariamente...para que se entendesse que só das duas vertentes é que se criava o todo.”

I: Obrigada. Agora, passando assim para algo mais geral para depois particularizar...queria perguntar-lhe qual é que lhe parece ser o papel da vivência e da fruição cultural na vida das pessoas em geral... Para que é que isto serve, no fundo?

EC-2: “Isto serve para nos inserirmos numa comunidade em que não somos só nós. Ou seja, se nós tivermos uma intervenção...não, se tivermos acesso a um espaço cultural em que nos sintamos bem tratados como pessoas, é muito mais fácil nós...exigirmos alguns direitos, porque também aprendemos a matriz cultural...não é só que é muito lindo! Há sempre requisitos que são dados numa abordagem a uma obra de arte, obviamente. E esta consciência como cidadão não só leva a que cada um se sinta mais confortável consigo, que possa exigir os seus direitos e se sinta igual às outras pessoas como deve estar, e finalmente que possa sentir-se parte, porque é isso que se quer...é que todos nós nos sintamos parte de uma comunidade que é mais alargada. Eu estou-me a lembrar, por exemplo, no “Nós no Museu”...quando nós fazemos...no “Nós no Museu” temos outros mecanismos de ação e outra metodologia. E tem

vários passos e um dos passos, o segundo...porque o primeiro é a reunião com as equipes...da instituição fora do museu...e o segundo é, desse resultado da primeira reunião, levarmos fotografias, prepararmos um PowerPoint com fotografias de objetos que as pessoas na instituição fizeram ou de que gostam, como por exemplo, o crochê, uma pintura, um banco que se reconstruiu...e de outros objetos que usam no cotidiano, como um copo, como um prato, etc., misturados com obras de arte do Museu Machado de Castro. Isto dá o quê? Dá exatamente aquilo que queremos que seja para toda a gente, que é a consciência do grupo e da convivência do grupo e da pertença a um grupo restrito que é a instituição ou outro, mas saber que estas obras já foram usadas...as obras do museu já foram usadas por outros, criadas... um banco, por exemplo, é construído para sentar, pela própria pessoa, mas ela faz ao seu jeito, não é uma obra de arte. Mas também temos cadeiras de cabedal com ferragens, do século XVII que eram feitas para as pessoas se sentarem. Ora, tudo isso faz parte da nossa identidade cultural, portanto, junta-se a consciência do grupo restrito, com a consciência de um grupo mais lato a que pertencemos como cidadãos, como pessoas, de um país.”

I: A minha pergunta seguinte, penso que a EC2 já respondeu, mas eu vou fazê-la na mesma. Será o papel da fruição cultural, da vivência cultural, no caso das pessoas com DID, diferente das outras pessoas? A sua resposta deu a entender que não, não é?

EC-2: “A minha resposta não é dar a entender que não. É perentoriamente não! Por todas as razões já explicadas.”

I: Sim, sim. Agora, queria ver consigo aqui outra coisa que é: Se comparar este público com outros públicos, quer tenham deficiência ou não, considera que existem diferenças na forma como desfrutam de uma visita a um espaço cultural?

EC-2: “Oh, Catarina, muito sinceramente, como eu já disse, também dentro dos recursos que nós temos...depende dos recursos para cada pessoa. Eu não consigo ver do ponto de vista de maior dificuldade ou não. Consigo ver segundo as características de cada pessoa. Eu posso ter uma pessoa intelectualmente muito desenvolvida ou...não sei dizer, nem me agrada sequer dizer assim...Vamos pôr a outro nível: eu posso ter um professor universitário em visita a um museu e ter uma experiência que para ele exija, na sua cabeça, que eu lhe diga coisas tecnicamente muito difíceis...que vá, por exemplo, a pormenores do estudo do material da obra de arte...e que não lhe interesse nada se a Nossa Senhora está com um ar contido ou não, ou com alegria ou com alguma emoção representada. Ora, o meu papel será, em primeiro lugar, aceder às necessidades do senhor, porque ele só é feliz se eu responder segundo a sua necessidade. Só que eu também já sei que, enquanto ser humano, ele precisa, já de uma forma a outro nível, em segunda instância, que lhe seja dada alguma emoção...que ele nem reconhece, pode nem reconhecer. Portanto, é nesta atenção...neste diálogo de percurso de

visita e de entendimento do outro que primeiro damos o que a pessoa quer, mas depois vamos fornecendo outros mecanismos que possibilitem criar outras perspetivas. É exatamente o que eu penso que...o professor universitário quer o contrário. Mas quer o contrário porquê? Porque aprendeu que é muito mais...que lhe compete a si ter esse papel. Ora nós...ditos comuns mortais, não queremos nada ter um papel, queremos é fruir e dialogar e estar com os outros. E é disto que trata a vida e que deve tratar a nossa identidade cultural.”

I: Muito bem. Há pouco, a EC2 falou da necessidade de mudar algumas coisas no contexto do museu para receber as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais e que tinha muito a ver também com a perspetiva do profissional em relação às pessoas. Quer acrescentar mais alguma necessidade de mudança, a este nível?

EC-2: “Eu comecei por dizer há bocadinho que era a formação contínua de todos nós. Eu acho que ainda falta algum tempo...eu penso que estas formações como a “Imagens que guiam” e outras que teremos de fazer, o conjunto destes profissionais destas áreas, tanto da saúde como dos museus...devemos fazê-las para sensibilizar as pessoas e para cada vez ser mais natural reinterpretar obras de arte. Ou seja, entender as obras de arte não como um bicho papão, mas como aquele testemunho que se liga com o nosso dia-a-dia e que se liga com várias necessidades de representação que o ser humano tem. Isto, dentro dos museus, era bom se, um dia destes, nós pudéssemos ter ou...eu nem digo em guiões, porque eu acho que os guiões em multimédia são os mais amigáveis nestes momentos para a utilização de qualquer um de nós...Eu, cada vez mais, porque sou da velha guarda, vai-me desculpar, o que penso é...mesmo em apps dos próprios telemóveis, com o QR code, a pessoa ter a possibilidade de chegar a uma obra de arte, clica no QR code..ou ela ou o terapeuta com quem está...e vê, ao seu ritmo, segundo a sua necessidade e a sua condição...a possibilidade de uma reinterpretação de obra de arte que lhe dê espaço para também fazer a sua própria. Isto é o ideal. Mas, é preciso não esquecermos que estamos com pessoas e, num balcão de um museu, se, à partida, não está quem já esteja sensibilizado, também não...há sempre ali uma barreira...humana, efetiva, o que não se pretende. Isto porque estamos a falar de pessoas iguais às outras pessoas. O que se pretende é: quanto maior formação for a dos profissionais dos museus, mais fluência de entendimento há para todos. Eu estou a falar...mesmo para...olhe, eu agora estou a lembrar-me de um grupo...houve um grupo uma vez de cadeira de rodas...com paralisia cerebral, que chegaram ao museu dez pessoas. Foi um trinta e um. Foi um trinta e um porque dez pessoas em cadeira de rodas a almoçar no Loggia [restaurante no espaço do MNMC] e depois a fazer a visita ao museu [discurso impercetível] porque não havia não sei quê, não havia condições...Não! É usar o pessoal que já está sensibilizado e que pode

proporcionar uma visita...sobretudo uma visita aqui...mais calma e mais ao ritmo de cada um. É o que se pretende.”

I: Sim, muito bem. Além do que eu lhe perguntei, há assim algum aspeto mais que gostaria de referir relativamente a esta temática, que eu não tenha perguntado? Estamos a terminar, mas antes de terminar, gostaria só de perguntar se tem algum acrescento que gostasse de dizer e que eu não tivesse feito a pergunta.

EC-2: “Eu acho que não, Catarina. Fez-me as perguntas todas e eu comecei a desenvolver ainda antes [risos]. Como isto é um modo de estar, mesmo como profissional, as coisas encadeiam e acabam por vir exemplos dos outros...das outras experiências. Também lhe digo uma coisa: era natural que eu ao responder-lhe...porque não gosto de entrevistas...eu estava muito mais à vontade num outro diálogo que não fosse uma entrevista formal...É natural que, depois de desligarmos, de acabarmos a entrevista, eu dê-me conta que, a nível de conceitos, até de bibliografia subjacente, eu nada tenha dito. Mas porquê? Porque eu acho que...primeiro, por este meu medo de entrevistas, que é horroroso. Por outro lado, porque eu continuo a sentir que, em primeiro lugar, a ação e a sensibilidade são fundamentais...porque se nós formos dar...obviamente, que bibliografia é muito importante, mas é depois de a pessoa saber que tem que se comportar como ser humano perante outros seres humanos. E, se tivermos regras mínimas, nós estamos aptos para receber qualquer pessoa e, muitas vezes, fazê-la mais feliz em museus e com a consciência de si própria, enquanto pessoa, do que muitas bibliografias lidas e nada de vida vivida.”

2ª parte

I: Boa noite!

EC-2: “Boa noite!”

I: Gostava que me fizesse, agora depois de termos realizado as visitas...um balanço acerca das mesmas, ou seja, que me falasse um pouco...não sei se prefere falar em geral, se quer falar em cada contexto em particular...do que é que considera que aconteceu e, no fundo, qual o balanço daquilo que aconteceu nas visitas.

EC-2: “... Bem, fazer uma sessão das “Imagens que Guiam” é um encantamento verdadeiro. ... Eu acho que há uma coisa aqui que me está já a lembrar e que eu acho que é importante ficar registado...que eu cheguei a falar consigo no final acho que da segunda sessão. As sessões foram em três dias ... três manhãs, quarta, quinta e sexta passadas, e ... uma das coisas que me ficou e que até lhe falei foi esta: ... dentro das estratégias que nós usamos, da metodologia utilizada, uma das estratégias é exatamente a mimetização. E eu penso que a mimetização, tal como outras coisas ...outras estratégias que utilizamos, mas esta é mais sensível para o público dito normativo e para os técnicos de museu sobretudo. Estou a falar do meu lado. Para um

técnico de museu ... o simples facto de colocar público a mimetizar só é possível, na cabeça delas em crianças, porque a criança é que está a aprender, esquecem-se de uma coisa, é que todos nós aprendemos ao longo da vida. Que aquilo que nós vemos e vivemos é muito mais fácil de decorar para sempre, ou de perceber, e é nesta base que nós as três [EC-2, investigadora e terapeuta ocupacional da APPACDM de Coimbra] temos estado a fazer as ... mimetizações. Portanto, o “Imagens que Guiam” tem várias etapas e a última etapa costuma ser em sala, já depois da visita ao museu ... a mimetização da obra de arte explorada. Acontece que, nestas sessões, como nós estávamos em direto, via online, via net, com uma net nem sempre boa...É mais um balanço! ... o que ali aconteceu foi que tivemos a oportunidade única de ver as pessoas a fazer a mimetização logo a seguir. O que foi interessante a todos os níveis, por um lado, foi interessante, bastante interessante. E também porque participámos nelas, vivemo-las e, não só por isso, porque eu já tinha esta ideia antes, mas também por isso, porque a equipa estava toda junta e em sequência, em contínuo a fazer isto, ... a meter esta tarefa, o que ali acontece é que ficou com maior ainda, com ainda maior consciência de que a mimetização é fundamental. Deixa as pessoas felizes, deixa as pessoas responsáveis e permite uma maior consciencialização de cidadania. Isto para mim foi fundamental e penso que o que aconteceu ali me ajudou a entender que é necessário fazer formação com um técnico da APPACDM, obviamente, e sobretudo com as coordenadoras que comigo trabalham as “Imagens que Guiam”, fazermos de uma vez por todas formação de equipas, formação já fizemos, mas agora é fazer formação de técnicos, quer de museus quer de instituições, para pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais, mas que tenham a ver com uma coisa essencial, que é desmistificar a mimetização também. Para além das outras componentes que já tínhamos, e de que é importante a componente prática, o fazer um guião aplicá-lo com os clientes em sala, ou seja, no espaço museológico ... é também necessário encontrar uma fundamentação teórica que, de uma vez por todas, nos apoie a desmistificar a mimetização, que é fundamental.”

I: Até porque eu lembro-me que quando fizemos aquela formação na DGPC, no Palácio da Ajuda, lembro-me da pessoa responsável por aquele guia ... pelo guia das acessibilidades nos museus e nos monumentos...

EC-2: “A XXX ou o XXX [referência a nomes próprios]?”

I: A XXX, sim, XXX [referência a nome próprio], era ela a responsável pela coordenação daquele guia, e ela ter dito, quando nós apresentámos as mimetizações que nunca se tinha lembrado disso. É uma das coisas que é importante, também me parece que sim.

EC-2: “É importante porque ela não só consolida como estreita laços até entre equipas e, por outro lado, ela fica para a vida inteira. Porque nós estamos num processo que é a tal diferença,

que às vezes eu falo, entre a forma de atuação, porque tenho os dois polos, tenho o das “Imagens que Guiam” e tenho o do museu, e aqui, nas “Imagens que Guiam”, nós estamos com um público que aprende e aprende-se a si próprio se nós tivermos coragem de usar as ferramentas para tal, mesmo em museu, sobretudo em museu.”

I: Sim, sim. Muito bem. Podia-me falar um pouco nas necessidades que identificou nas pessoas com dificuldades intelectuais ao longo das visitas? O que é que sentiu...pode também partilhar aquilo que sente que é uma necessidade deste público ... até noutros contextos, mas pensando concretamente nestas visitas, o que é que sentiu necessário fazer para corresponder àquilo que era as especificidades deles? As particularidades, mesmo em termos cognitivos e sociais e assim.

EC-2: “Catarina, eu só me lembro quando (risos) falamos dessa questão das necessidades, eu lembro-me só de uma memória que tenho acerca desse assunto. E vou pedir desculpa, mas é só essa que me vem à cabeça e já devo ter contado vezes sem conta. Que é uma vez que fui a Leiria e que estávamos no Museu Municipal de Leiria numa conferência sobre acessibilidades e o XXX [referência a nome próprio] do CRID a certa altura, porque estavam sobretudo pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais e estavam ... estava um maior número de pessoas da ACAPO, e chegou a um ponto, mas também estavam ... pessoas cegas eram as duas necessidades ou dificuldades. Então aconteceu a uma certa altura que perguntaram isso ao XXX [referência a nome próprio] e ele respondeu “Mas eu não estou a perceber. Eu só vejo pessoas.” E eu agora também só consigo dizer isso. Eu só vejo pessoas. Ou seja, as dificuldades que eles sentem eu também as sinto. E é nessa medida que eu acho que nós... se estamos a trabalhar com eles, temos que os ver pessoa a pessoa. Portanto a partir daí não sentimos ... as necessidades são tão fluentes para nós que se formos racionalizar sobre o assunto o que é que pode lembrar mais a necessidade de a pessoa tocar a peça e não estava ali para o fazer. Para poder visualizar a peça... Por exemplo uma das coisas que, se formos a esse tipo de necessidades, mas também noto em várias faixas etárias ou sociais ou fossem as que fossem era ... quando eu comecei a falar, por exemplo na quarta-feira, com Montemor da Senhora da Rosa, eu fiz aquele gesto da peça ser grande e não conseguiam imaginar o quão grande ela era. Nem com a minha escala ao lado.”

I: Só depois de alguma insistência. Sim.

EC-2: “Só depois de insistência que vissem melhor o meu tamanho e o da peça. Isto porquê? Porque para além da dificuldade que uma ou duas pessoas possam ter tido a nível visual, que todos nós podemos ter, elas não estavam junto à peça, portanto eu não sei até que ponto é que a ver no ecrã numa parede ao longe aquilo se tornava ou não mensurável ... em termos de dificuldade da pessoa, está a ver? Não sei.”

I: E há muitas coisas também que terão sido acauteladas na visita para que as necessidades não fossem evidentes. Não é?

EC-2: “Acauteladas antes da visita ... como?”

I: Houve preocupação em tornar as coisas simples, em fazer as coisas de uma determinada forma, não é? De uma determinada ordem, para que não sobressaíssem dificuldades ao longo da visita.

EC-2: “Oh Catarina, mas isso tem a ver com uma coisa, que é o trabalhar pessoa a pessoa.”

I: Claro!

EC-2: “Não é... eu sinceramente, eu não consigo ver mais história aí porque eu se for com um grupo de idosos fazer a visita ao museu eu também trabalho para eles. Se eu vejo que uma senhora é gaga, ora eu tenho em conta, se souber antes que ela vem, eu já sei que ... não estou constantemente a colocar-lhe questões para não a deixar embaraçada, por um lado, mas também sei que tenho que lhe dar mais tempo para ela falar, eu já sei que tenho que acrescentar X tempo para ela ter o seu tempo de antena, nem que chegasse ao ponto de lhe dizer “Olhe cante!”. Sou menina para isso, como a Catarina sabe [risos]. “Se fica mais à vontade a cantar, olhe faça favor! Esteja perfeitamente à vontade”. Ou seja, o que nós tentamos, e eu penso que é de uma forma natural em algumas equipas, é ... facilitar a comunicação e o facilitar a comunicação é estar atento ao outro e, se possível, a cada um dos outros. Pode-me pôr a questão: “Mas não fazemos isso com o público em geral?”. Olhe pois não, que pena! Porque de certeza que o público em geral era mais feliz se isso acontecesse e era bom sinal, ficavam mais felizes, era sinal que tínhamos mais técnicos para o fazer ... e entenderiam muito mais o quanto a obra de arte pode ser um bom veículo de felicidade e um bom veículo de bem-estar.”

I: Sim, sim. Muito bem!

EC-2: “Eu acho.”

I: A EC-2 já destacou a mimetização como umas das partes mais importantes nestas visitas. Que outras experiências significativas é que gostava de destacar?

EC-2: “Que outras experiências significativas? ... em relação às sessões ou em relação às”

I: Em relação às sessões. O que é que lhe pareceu ser mais significativo? Pode ser apenas a parte da mimetização, não queria era de deixar de lhe perguntar para que não passasse.

EC-2: “Oh Catarina ... eu acho que significativo foi tudo, pronto. E foram bem sendo diferentes as três sessões, que o foram... apesar... pronto houve ali uma... Ah! Significativo, por exemplo foi a conclusão a que eu cheguei que as frustrações são nossas e não são deles. Aprendi isto, aprendi e serviu-me de liçãozinha bem estudada. A questão de nós estarmos com algumas dificuldades ... mas também lhe digo, isto pode não ser só apanágio do público com

dificuldades desenvolvimentais, pode não ser. O que é aqui é que quem está a fazer, tendo problemas de comunicação, como foi o caso que tivemos em duas das sessões sobretudo ... na quinta e na sexta-feira ... aquelas dificuldades bastante grandes que tivemos de net e a nossa responsabilidade levam-nos a ficar frustrados porque estamos a demorar muito tempo, está a chegar a hora de almoço, podem estar com fome, mas isto também nós faríamos se tivéssemos convidados em casa. Está a correu mal, a responsabilidade é minha, vai ficar tudo mal, eles não vão gostar. [risos] Mas isso foi umas das coisas que me ensinou ... que é engraçado, nós estávamos a ficar muito preocupados, tentámos ... não foi que não tentássemos de todos os modos ultrapassar ... os problemas. Aliás, tanto do nosso lado como do lado das APPACDM's foram ... eles foram extraordinários."

I: Sim, foram todos.

EC-2: "Acho que todos fizemos o nosso melhor e por isso mesmo é que resolvemos. Depois estou-me a lembrar na quinta-feira nós chegámos a um ponto que tivemos que mudar para a tarde. Estava a chegar à hora de almoço e a net era teimosa, não nos fazia vontade nenhuma. [risos] Nem com routers novos nem com nada. E aí eu tive um bocadinho de medo com a proposta de fazermos à tarde, a seguir ao almoço, tive um bocadito de medo que as pessoas desanimassem. E foi aí que eu tive a grande lição. Não! Estavam na maior, bem-dispostos, contentes, disponíveis, colaboradores, etc."

I: E o pormenor de terem estado antes... isto não fez parte da visita em si nem depois das entrevistas. O facto de terem depois estado antes da hora marcada, antes da uma e meia já estavam todos à porta à espera que fosse hora de entrar também foi muito engraçado.

EC-2: "Ai que giro! Eu não sabia dessa."

I: Sim, foi.

EC-2: "Eles estavam todos à porta?"

I: Estavam à espera. Tínhamos marcado para a uma e meia, para aí desde a uma e um quarto que estavam lá à porta. Sim!

EC-2: "Mais interessante ainda! Mais interessante ainda, porque com as dificuldades podiam já nem sequer estar motivados para depois ir. ... E é sinal que também conseguimos transmitir alguma coisa que agarrasse, não é? É as duas coisas. Portanto isso foi ... Isso é muito bom de ouvir! Outra coisa, outra coisa muito engraçada Catarina. ... que cada vez mais, é mais uma lição e foi um prazer imenso. Embora eu tenha tido ... muito prazer nas duas anteriores sessões, na sexta-feira aconteceu uma coisa que ... eu acho que na quinta também aconteceu que eu até falei. Isto é cidadania ativa, não há dúvida, estou muito feliz. Foi na quinta-feira que aconteceu qualquer coisa que eu agora que eu agora não consigo, olhe vai ter que ir buscar às gravações ... porque houve ali uma coisa muito importante na quinta-feira ... mas não consigo

dizer qual é neste momento. Porque o nível de intervenção de sexta-feira foi, de facto, surpreendente. ... Já há algum tempo que temos andado a falar que era interessante serem as próprias pessoas a escolherem as peças que vão visitar ao museu. Era uma das coisas.”

I: Sim, isso até surgiu na quinta. Isso surgiu na quinta, que eu lembro-me. Na quinta, porque como eles tinham, penso eu que foi, que a EC-2 tinha partilhado comigo.

EC-2: “Foi também na quinta-feira, não foi?”

I: Como ele preparam a visita lendo o guião antes, depois também já estavam capacitados para ir respondendo muito dentro daquilo que era a obra. Sim.

EC-2: “Pois, isso aconteceu na quinta-feira.”

I: Mas foi a partir daí que se pensou outra vez em... que a EC-2 partilhou, que poderia ser feito algo preparado por eles para outros. Sim, lembro-me disso.

EC-2: “Sim. Eu penso que para outras obras pode ser algo escolhido por eles. ... Terem... por exemplo, fazermos talvez uma sessão quando passarem a ser novamente presenciais, fazermos uma sessão que seja mais curta, para eles poderem dar a volta ao museu e escolher. Por exemplo. E nós fazemos um guião a partir daí, da escolha deles. Porque ... isto surgiu de mim como surgiu na quinta, porque eu estava na ideia que aconteceu qualquer coisa, foi uma coisa específica, precisa, que eu disse, isto é que é ato de cidadania, isto é cidadania e vamos ter que agarrar.”

I: Sim, mas eu acho que foi isso, sim. Penso que foi isso que falou.

EC-2: “Mas foi mais algo, foi algo mais. Além disso houve ali alguma coisa que eu não sei o que se passou. Mas na sexta-feira, então na sexta-feira foi uma maravilha! Quando eu começo a falar da virgem com o menino e há um dos clientes, há uma das clientes, que me pergunta “Não tem por aí um Cristo crucificado?”. [risos] E eu digo “Tenho.” E vamos ver o Cristo crucificado pois está claro. Fomos ao Cristo crucificado, e então aí foi surpreendente, eu confesso que fiz de propósito, Catarina, eu passei do Cristo negro, portanto, o tal Cristo crucificado, passei dele devagarinho ao lado pela Senhora do Ó, do mestre Pero, eu fiquei um bocadinho de perto da Senhora do Ó a ver se diziam alguma coisa. Então acabei por perguntar, não tenho a certeza se perguntei, e há um deles que diz “Eu nunca tinha visto a Nossa Senhora com o Jesus na barriga”.

I: Sim, sim, foi!

EC-2: “Arrasou! Arrasou! E depois, eu vou-lhe contar uma coisa ... acho que é importante ficar registado. Qualquer técnico ... e não é só ... com pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais, mas também. Porquê? Porque como continuamos a desvalorizar a capacidade de interagir das pessoas ditas com dificuldades, desvalorizamos muito ... em museus, sobretudo em museus, é de museus que eu estou a falar, o que acontece é que

“Vamos levar aquilo feitinho e chega! Chega! Se a pessoa perguntar e não estivermos preparados, paciência. Também vai esquecer no momento seguinte.” Asneira! Asneira! Nós também não esqueceríamos. Por outro lado ... o levar aquilo certinho tem que se preparar muito bem porque há sempre questões à margem ... e na sexta-feira se não tivéssemos preparado ... Foi extraordinário! O facto de na sexta-feira, e eu acho que também podia ter acontecido na quinta, talvez nem tanto na quarta porque eles estavam, são educados a estar muito mais bem-comportados e tudo isso, fui puxando, eles correspondiam, mas não passavam para além do que era correspondido. Não agiam por si só. Na sexta-feira o que aconteceu foi que se eu não levava para o retábulo de São Silvestre os pigmentos todos, a folha de ouro ou ... a imagem do palácio de onde vem a peça, etc., etc., nós tínhamos tido ali uma situação em que não chegava o que estava preparado e em que não chegava o guião. O guião, de facto, eu apercebi-me que ele tem que ser mais desenvolvido, porque quantas mais questões ou pistas o guião tiver mais fácil lhes é... mais e continuamos, inclusivamente como aconteceu ali, chegámos ao ponto de eu ter necessidade de ir logo a seguir à sessão buscar ao restauro um frasquinho de óleo de linhaça para poderem perceber o que é que se mistura nos pigmentos. [risos] Por exemplo.”

I: Sim, sim.

EC-2: “E podemos chegar ao ponto de se fazer uma sessão mesmo de aplicação de pintura para perceberem, embora não tenha tempo de secagem, mas perceberem os vários momentos. E isto pode perfeitamente fazer-se. Isto foi, não uma descoberta, mas foi uma grande satisfação perceber que, por um lado era exigido mais, e do outro lado era possível avançar. Isto foi mesmo...”

I: Pois foi! É verdade!

EC-2: “Foi para todos nós, acho eu. Não foi?”

I: Sim, foi. Não consigo ser imparcial.

EC-2: “Não consegue ser imparcial porque eu acho que todos nós estávamos ... aquilo que chegou, foi logo de início, a situação da ... ou a interação que eles estavam a propor e a exigir ... tornou-se de tal forma em crescendo, foi crescendo, crescendo, crescendo, que nos obrigou a nós ... apesar das dificuldades da net, porque havia momentos que não me ouviam ... levou-nos a todos nós a um grau cada vez maior de ... até de abstração. Até de abstração! Porque foi muito bom, foi muito bom!”

I: Relativamente à forma como as pessoas, os participantes do lado do CAO acederam à informação que foi transmitida, tem alguma coisa a dizer neste aspeto?

EC-2: “A qual informação?”

I: A informação que a XXX e a XXX [referência aos nomes próprios das profissionais do MNMC] lhes foram transmitindo ao longo da visita. Há algum aspeto que gostasse de destacar?

EC-2: “A forma como foram reagindo às nossas...?”

I: Sim.

EC-2: “Eu confesso que talvez também tenha havido aí algum ... ponto de falta de ... eu tentei sempre, eu confesso. Eu punha... Eu vou-lhe dizer o que é que nós fizemos porque se calhar também não foi óbvio para quem esteve do outro lado. Nós preparámos a sessão, como era óbvio. Para além dos guiões em comunicação aumentativa, eu tinha na minha mente, até ensinar a XXX [referência a nome próprio] como deve fazer nas sessões dela, que vai agora preparar neste mês um vídeo. Embora não haja interação, mas ela precisa entender o que é que é importante e o que é um fio condutor que permita ... resposta. Interação e pedido até de esclarecimento, etc. ... e, pronto ... e maior comunicação entre todos, e por isso mesmo nós preparámos sempre ... fizemos o alinhamento. E no alinhamento, eu tinha escrito a um certo ponto, havia coisas que eu tinha fixas porque eu não estou habituada a gerir o outro lado também. Por um lado, porque os técnicos costumam estar comigo, por outro lado.... os técnicos dos clientes costumam estar comigo. Por outro lado, ... não estavam presentes em sala e não eram os mesmos técnicos, eram novidade. Eu já estive também em Montemor e obviamente já tínhamos trabalho com Montemor, mas do lado de lá, eles com os instrumentos, portanto, com os materiais de apoio, nós do lado de cá, para nós partia-se do princípio “Eles vão ter aquilo à mão.” [risos]”

I: Sim.

EC-2: “Há ali um momento em que se percebe que não têm aquilo à mão...E foi da primeira sessão que percebemos. Portanto, como aprendemos logo essa lição, nos alinhamentos das sessões seguintes estava “XXX [referência a nome próprio] apresentar. Apresentar XXX [referência a nome próprio] ... Pedir autorização para tirar máscara.” risos] Pois, era preciso. Porque se nós estamos a dizer às pessoas que usem máscara, de repente há uma chica esperta que tira a máscara e se põe a falar sem máscara aquilo não tem jeito nenhum. ... E nem é correto em relação às pessoas. Neste momento, não é. E, portanto, tinha que ser explicado. Por outro lado, estava lá a vermelho “Avisar os técnicos da APPACDM que preparem as coisas da maleta”. [risos] Porque eu acho que do primeiro dia não veio logo tudo da maleta, não foi?”

I: Veio. Estava. Sim, estava.

EC-2: “Mas houve ali um momento em que se estava a pedir as coisas e não vieram logo. Foi, foi.”

I: Mas estavam. Pode ter demorado um pouco mais a tirar, ou assim. Não sei, não me lembro exatamente. Mas estava tudo como nos outros. Mas era a primeira! Era mais difícil.

EC-2: “Lá está, eu para a segunda já sabia. Logo a vermelho “Pedir para tirarem as coisas.””

I: Sim, é verdade.

EC-2: “Era isto que queria saber?”

I: Era era. Mas preciso só agora, em relação aos materiais que usou ... gostava de destacar mais algum? Uma vez que já falou dos guiões, já falou da maleta pedagógica, ... falou dos instrumentos da mimetização. Há alguma coisa que queira destacar?

EC-2: “Sem os nomear falei dos instrumentos de mimetização, mas não os nomeei.”

I: Pode não dizer tudo em pormenor, não se lembrar de todos, mas ... no fundo, aquilo que eu gostava de perceber com os materiais é se foram criados especificamente para este público, se são materiais que são usados nas visitas em geral...

EC-2: “... Numa situação e a outra ... Então vamos lá. Os guiões são guiões em comunicação aumentativa que são preparados ... pelas coordenadoras das “Imagens que Guiam”, pelas três coordenadoras. Posso dizer os nomes?”

I: Sim. Pode sim.

EC-2: “Posso? Obrigada. As “Imagens que Guiam” surgiram exatamente de uma ... de uma colaboração entre duas terapeutas da ... da APPACDM de Coimbra, do CAO de São Silvestre, a Catarina Santos [investigadora], que não está aqui para nos ouvir, que é terapeuta da fala, e a XXX [referência a nome próprio] que é terapeuta ocupacional, também do CAO de São Silvestre da APPACDM. Surgiram em 2015, salvo o erro, numa altura em que elas foram ao museu e nós já tínhamos alguma coisa feita sobre ... adaptação para ... era uma adaptação mais, não eram instrumentos que permitissem uma maior vivência, havia alguma sensibilidade para ... de como lidar com ... estes públicos, de como os fazer viver a experiência significativamente, havia já a minha experiência em comunicação aumentativa, mais o SPC do que propriamente o ... Widgit, o da Widgit, mas chegámos à conclusão que, sendo o Invento da Widgit mais apropriado para palavras-chave e muito mais esquemático do que propriamente o Bordmaker que eu costumo usar ... e porque percebemos também as três que ... tudo o que se faça tem que ter a colaboração de todos no entendimento mútuo, dos dois mundos, dos dois mundos, quer do mundo dos museus quer do mundo da ... APPA e dos perfis dos clientes... Clientes foi uma coisa que me custou muito a aprender, não queria aceitar porque eram utentes... depois percebi o conceito e entendo perfeitamente e já uso, como se vê. ... depois de teimar comigo própria. Mas o que acontece aqui é que entendemos que, para a linguagem ser mais acessível, havia que trabalhar quer a obra de arte quer os perfis das pessoas que iam abordar ... que iam estudar essa obra de arte. E, por isso, é exclusivamente feito para pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais ... os guiões de comunicação aumentativa das “Imagens que Guiam”. Mas isso não implica que não seja também uma boa ferramenta

para pessoas com baixa literacia. E até para crianças, em algumas situações. ... Nós as três não achamos que isso tenha algum problema, antes pelo contrário. E ficamos muito felizes por isso. [risos] Eu já estou a falar em nome de três! Estou a falar, uma das autoras está aqui presente.”

I: Sim, pois é!

EC-2: “Depois por outro lado, a maleta, a maleta pedagógica foi feita em 2001, salvo o erro ... para ... para que ... porque estávamos a preparar o museu para fechar, ou 2001 ou 2002, e estávamos a preparar o museu para fechar e tivemos uma ... uma bolseira de Múrcia, espanhola, que trabalhou exatamente essa maleta, fez os seus materiais ... todas as ferramentas que lá estão dentro ... para levar o museu fora, às escolas. Tem ali uma linguagem que é para crianças dos, salvo o erro, dos cinco aos doze anos, ou dos seis anos aos doze anos, mas o que acontece ali é que nós da maleta... em várias ferramentas o museu ... há várias, uma delas é o contador, que já usámos no CAO de São Silvestre, é aquele cofre namban que nós pusemos...”

I: Cofre?

EC-2: “Cofre namban. É ... é um cofre com embutidos em madrepérola, em vários materiais preciosos.”

I: Sim. Eu não sabia era esse termo.

EC-2: “Namban tem a mistura da cultura portuguesa com a oriental.”

I: Não conhecia o termo.

EC-2: “Namban acho que era o nome que os chineses chamavam aos portugueses quando lá chegaram, aos missionários, era namban. E então, como é a tal mistura, chama-se... tem os embutidos com os nossos materiais, com os deles, etc. Este cofre namban é feito ... é uma reprodução de um cofre nosso, da coleção, que tem as gavetas vazias, e embora ele tenha à partida um conceito que é ter o museu todo dentro, em imagens, e ter um pequeno texto a esclarecer que imagem é ... e ter basicamente passado, presente e futuro, porque era para quando o museu abrisse era levar o museu às escolas, o que nós temos feito é adequá-lo também noutras situações, até nós no museu o fazemos. Adequamos sempre à realidade das outras pessoas. Portanto, quando o levamos, levamos coisas que as outras pessoas, que sejam do museu, mas que tenham conexão com o que o outro faz no seu meio. Por exemplo, se a pessoa faz ... escultura no CAO, nós levamos uma pequenina escultura ou imagens de escultura que já não cabem no cofre, mas se fizerem algum bordado nós levamos um bocadinho de um têxtil de uma peça do séc. XVII ou do séc. XVIII do museu, e é isso que se faz. Portanto, usamos, para além dos guiões que foram feitos por causa deles, nós usamos quer da maleta quer do contador namban, usamos na ... é o contador, que é a partir de um cofre namban ...

usamos os materiais que já lá estavam. Por exemplo, a maleta, nós não usamos tudo o que está na maleta com o ... público do CAO. O que usámos foi ... as tipologias de obras de arte, e de suporte e de técnica... a talha dourada serviu para mostrar a folha de ouro das pinturas ou das esculturas ... Portanto, há uma reinterpretação dos materiais ... as a pedra ... a pedra calcária de Ançã que serve para se perceber com o é que é feito a escultura, maioritariamente a escultura do Museu Nacional Machado Castro é de Pedra de Ançã, também serviu para isso. Mais ... pronto, a pintura também em tela também serve para ver como se faz pintura em tela quando é caso disso. Não estou a ver assim mais nada. Os materiais de mimetização são os que cada um pode angariar, exceto ... no caso de São Silvestre ... do retábulo de São Silvestre que é necessário com o guião também ... nós acabamos por nos ... pautar pelo guião. E se o guião está a falar, ainda por cima são cinco grupos de anjos, é natural que se tenha de fazer alguma ferramenta quando temos anjos músicos. Portanto fez-se aquelas harpazinhas, os violinos, a flauta, etc., para ... e o cálice e o cordeiro para poder ... usar como atributo. Catarina, uma coisa interessante para futuro, nós podemos ensinar, ajudar a perceber o que é um atributo das figuras. Porque, por exemplo, aconteceu-me uma coisa, Ah! Outra coisa significativa. Uma das coisas significativas foi a ... foi quando eu simplifiquei demasiado e disse que o cálice que o anjo, no primeiro plano em baixo, à esquerda, no retábulo de São Silvestre, tinha na mão um copo. E o que me respondeu a XXX [referência a nome próprio]?"

I: Que não era um copo.

EC-2: "Não é um copo. Eu costumo ouvir chamar a isso um cálice."

I: Sim, sim.

EC-2: "Por outro lado, eu aqui deparei-me com outra questão que é eu tenho que explicar isto de maneira que ela fique satisfeita, porque é um cálice, e que os outros entendam o que é um cálice, e foi fácil. Foi só dizer que era um copo da missa e está explicado. Portanto, é uma questão muitas vezes de entendimento do objeto e por outro lado de disponibilidade para ... entender o outro e rapidamente atuar."

I: Gostava de destacar mais alguma coisa em relação à forma como os materiais utilizados contribuíram para a qualidade da visita?

EC-2: ...

I: Não precisa de explicar todos, um a um, mas, no geral, porque é que é importante usar tanto os guiões como...

EC-2: "Pela razão que eu tinha explicado a mimetização. Então, depois, é o prazer de qualquer ser, todas as artes são aliciantes. Todas! E eu penso que a música e o teatro são as mais aliciantes para qualquer ser humano. Porque estamos a fazer um papel, e cada um de nós gosta muito de fazer papéis. Podemos às vezes ser mais ou menos envergonhados, mas

gostaríamos de fazer, nem que seja cantar na casa de banho, no chuveiro. Portanto, o que aqui acontece quando nós permitimos à pessoa que assuma um papel que, neste caso, está escudado no imitar aquela representação. Portanto, não é ela que está... a tomar para si um papel ou a ... a inventá-lo na hora, está-se a apoiar, portanto, está a fazer verdadeiramente o papel do outro, que é mais fácil. Fazendo isto ... não só os materiais permitem que a pessoa esteja a incorporar aquele outro papel que lhe dá algum prazer, obviamente, senão também não o fazia. Como, por outro lado, lhe dá o gozo de fazer em conjunto. Porque, mesmo a distribuição de papéis, e foi aí como eu lhe disse há bocado, o prazer foi para nós, também colaboramos a dizer “Então, mas agora falta uma touca, mas agora falta não sei o quê”. Estávamos na maior! Porque não é costume também colaborarmos e ... ou então perguntar “Então o que é que tem mais o Cristo?” Também faríamos isso entre nós, não é possível sempre. Foi uma experiência também significativa para nós. Mas, oh Catarina, não sei se queria fazer a pergunta de outro modo, ou...”

I: Não, não, está ótimo. Era nesse sentido. Como disse.

EC-2: “E depois é ... é o trabalhar em grupo... é o agir e é o controlar-se a si próprio também como uma sociedade o faz. No fim disto tudo o que temos aqui é uma micro sociedade.”

I: Pois é. É verdade! Só aqui uma questão...

EC-2: “Depois há mais uma coisa.”

I: Falou de materiais e também foi falando de algumas estratégias. Há assim mais algumas questões relacionadas com as estratégias que gostasse de partilhar? A que estratégias recorreu durante as visitas para ajudar as pessoas que participaram nelas a usufruírem do museu e da obra de arte que foi explorada em cada local?

EC-2: “Oh Catarina ... como eu já lhe tenho dito algumas vezes quando falamos disto ... eu sou mais da ação do que racionalização sobre ... as questões de como o faço. Tenho-me sentido muito mais obrigada nestes últimos tempos a fazê-lo, até para poder dar o exemplo aos outros e dizer o que é que resulta. Portanto, isto obriga-me a recorrer a alguma fundamentação teórica que não era muito aquilo que eu costumava fazer, ou que eu achava que fosse natural para mim fazer. Mas já percebi que, se nos queremos fazer entender, temos que saber o que estamos a dizer. Até em termos de bibliografia, de ferramentas, etc. Então agora o que acontece quanto às estratégias é que eu muitas vezes não me dava conta das estratégias que usava. ... E há uma que se destaca de entre todas elas, acho eu, a Catarina depois diga-me se eu estou a esquecer algum ponto, por favor, que já tem visto o que fazemos ... e também faz. Eu procuro sempre que ... e no caso de quinta-feira por acaso surpreenderam-me porque eles já tinham lido antes o guião e não era exatamente o que se pretendia.”

I: Mas também não foi uma orientação que tenha sido dada. Foi por iniciativa das técnicas que acharam que seria para fazer, sem ter sido dada essa indicação.

EC-2: “Isso eu percebi, e que fique claro que eu entendi, eu e a XXX [referência a nome próprio] entendemos bem que não era uma indicação sua, não tinham recebido essa indicação. O que lhes pareceu a elas foi que ... podiam avançar com alguma coisa e fizeram antes, pronto ... E isso para mim foi uma surpresa porque ... embora nós saibamos que nos CAO's se trabalha antes os guiões ... um bocadinho, o fator surpresa pode ajudar... a descobrir a obra de arte, a discutir e a pensar sobre ela. Isto é uma coisa que ainda não está completamente ... também ...calibrada. Porque nós temos estado sempre a fazer com a ... preparação. Podíamos tentar ver... Porque a descoberta perante a própria obra de arte é uma das estratégias que eu uso. A outra... a outra estratégia é claramente a interação e a descoberta pelo próprio. Perante a obra de arte, se o próprio ... o que se tenta fazer é que também vamos pôr isso para nós próprios. Quando perante uma coisa estiver alguém a apoiar-nos a descobri-la, mas nós soubermos que somos nós ... a vivência de sermos nós a fazê-lo com o apoio de um outro torna a experiência mais significativa. E é isso mesmo que nós fazemos. É a interação da descoberta perante a obra de arte e colocando perguntas... que normalmente são obtidas respostas, respostas que levam para outras perguntas e para níveis mais difíceis, e muitas vezes, de abordagem, normalmente sim, e por outro lado ... a estratégia é ... fazer sempre contraponto, sempre que possível, com outros objetos que sejam diferentes para consolidar a ideia. E depois ir descobrindo paulatinamente, não vou dizer que seja do geral para o particular, porque nem sempre é, porque também outra das estratégias é ir ao sabor da resposta. Não perder o fio, não perder o guião mas seguir sempre as respostas e por seguir sempre as respostas é que se viu o que aconteceu na sexta-feira, fomos parar a outro lado do museu [risos] a ver outra obra de arte que nada tinha a ver com o assunto.”

I: E há outra coisa que talvez fosse importante destacar que é... gostava só de acrescentar que da análise que fiz, que ainda não foi uma análise detalhada, penso que uma das coisas que ... daquilo também que já vi antes, e posso partilhar aqui, também para pedir a sua opinião sobre isso, daquilo que vi e vivi noutras visitas em que participei e nestas por videochamada, penso que aquela ligação com os elementos, os acontecimentos, as experiências deles do dia-a-dia, penso que por videochamada e uma vez que é mais difícil estabelecer pergunta-resposta em todos os contextos e com a envolvimento dos técnicos, pode não ter sido tão significativo aqui, mas é um ponto importante.

EC-2: “É! Obrigada Catarina por me lembrar. A relação com o quotidiano da pessoa, a relação com o quotidiano e com o seu perfil.”

I: Nem estou a falar propriamente no perfil, mas ...

EC-2: “Neste caso com a vida quotidiana, chamar sempre para as vivências das pessoas.”

I: A ligação entre os conteúdos explorados na visita e a vida dos participantes, por ser por videochamada, foi menos visível do que noutros contextos.

EC-2: “Foi?”

I: Sim. Sim, mas é um ponto entre muitos, não é uma crítica.

EC-2: “Não estou a entender como crítica, estou a tomar nota só agora.”

I: Eu fui pondo sim/não nas grelhas e nessa parte fiquei na dúvida se tinha sido feito muito visivelmente e fiquei na dúvida, e penso que não.

EC-2: “Na sexta-feira foi.”

I: Sim. Lembro-me na sexta-feira que o XXX [referência a nome próprio] disse, por causa da Pedra de Ançã, ele disse “Vocês só conhecem o bolo de Ançã”. Aí foi uma ligação entre aquilo que é o conhecimento... mas não há muitas como existe noutras interações nossas. Talvez também não pela continuidade da relação dos técnicos convosco ... de poderem fazer essas... não sei.

EC-2: “Pode também aqui haver o fator de... já há muita cumplicidade entre nós as três...Por um lado, há essa cumplicidade entre nós as três e há um entendimento, quando uma não está a fazer a outra vai lá ... e faz. Mas, por outro lado, aqui, além de não haver já esta continuidade de trabalho e ... o conhecimento até mais continuado com as pessoas que estavam a assistir, por um lado, por outro eu penso que quinta e sexta isso aconteceu. Não tenho dúvidas porque eu vou confessar uma coisa. Eu, por exemplo na sexta-feira que o grupo foi muito comunicativo, ... interagiu imenso ... colocou questões ... colocou escolhas, etc. Eu na sexta-feira não fiquei cansada pelo grupo, mas fiquei cansada por saber que não me estavam a ouvir. Porque com as dificuldades da net chegam a um ponto que a pessoa percebe que está a gastar muitas forças para ser pura e simplesmente ouvida, “ouvista”. Porque a qualidade da imagem e do som que passavam para o outro lado, como não eram a melhor ... peço desculpa, mas isso ajudou a que algumas das coisas não ... a pessoa já não consegue fazer porque ... Mas essa é uma estratégia que nós usamos e que aqui, se calhar, não foi relevante porque estávamos a primeira vez e estávamo-nos a adaptar, talvez isso também. Eu penso que uma nova estratégia é nós ... é nós propormos mesmo que tenham a possibilidade de ver o museu, quando voltarmos às sessões presenciais, e ... tentar perceber se, com visita ou não no final, ajuda para escolherem eles próprios as peças para os guiões. As peças, os conteúdos, os monumentos, os espaços, etc. Isso eu acho que é uma nova estratégia que nós podemos implementar que é ... ouvi-los. Ouvi-los nas suas escolhas. Nós vimos que é possível agora passar a essa fase. E usar como estratégia, pura e simplesmente, dizer “Gostávamos de te ouvir. Vê se queres fazer, se queres ir ... passear e escolher.” Acho que isto é uma das coisas que podemos passar a ter. ...

Em termos de trabalho a fazer, eu penso que, usando em alguns casos esta nova estratégia ... nos que não usarmos, os guiões têm que permitir ainda mais um bocadinho, ser um bocadinho mais longos aqueles que eram curtos... Eu senti claramente isso no retábulo de São Silvestre..."

I: Porque foram os primeiros que fizemos.

EC-2: "É exatamente nos primeiros que nós já estamos naquele ponto em que aquilo já não chega. E depois é muito engraçado, porque a XXX [referência a nome próprio] dizia-me "Eu não leio o guião, eu já não preciso. O guião está muito aquém disto.""

I: Sim, falou.

EC-2: "E isso é de facto o alcançar de um objetivo, que é toda a gente participar, estar ativa na situação, na interação."

I: Sim, é.

Codificação do participante: EC-3

Data e hora da entrevista: 24/07/2020 – 17:30

Local da realização da entrevista: Convento São Francisco

Duração da entrevista: 34 minutos e 4 segundos

Observações: Na parte da legitimação da entrevista, a participante referiu que gostaria que a investigadora se dirigisse a si usando a segunda pessoa do singular, pelo que essa indicação foi seguida ao longo de toda a entrevista.

I: Queria saber quais são as tuas habilitações académicas.

EC-3: "Sou licenciada em Ciências da Educação."

I: Hum-hum. E, neste momento, no Convento...

EC-3: "Eu sou responsável pelo Projeto Educativo e Mediação de Públicos."

I: Há quanto tempo é que estás no Convento São Francisco?

EC-3: "Desde 2016..."

I: E antes?

EC-3: "Antes trabalhei em "Novas oportunidades", portanto, trabalhei sempre muito com população de adultos."

I: Sim. Antes destas visitas, já tinhas tido contacto com pessoas com dificuldades intelectuais, em contexto cultural?

EC-3: "Estava aqui a tentar pensar...estava a ver mesmo em termos profissionais...mesmo quando dei a formação de adultos, tive também contacto, sim. E durante o meu curso.

Tínhamos educação especial, quer dizer...tínhamos essas valências e, portanto, tive contacto com este público."

I: Podes falar-me um bocadinho dessas experiências?

EC-3: “...[risos] Eram muito interessantes, porque eles são muito...este público, portanto, estas pessoas...com dificuldades intelectuais...são pessoas muito especiais...muito sem filtros e...um bocadinho quase como aos idosos. Eu comparo muito isso com a educação de adultos...sem filtros, ou seja, eles são muito mais diretos, com aquilo que têm a dizer...mais até do que as crianças...e o que eu dizia sempre era: trabalhar com este tipo de pessoas, até mesmo trabalhar com idosos era meio caminho andado para conseguirmos trabalhar muito bem com crianças. Porque isto de não ter filtros, dizerem aquilo que lhes vem à cabeça...obriga-nos realmente a trabalhar com sinceridade [risos] e...a tratá-los com respeito, não é? Até porque eles também têm muito respeito para connosco. Isso é muito engraçado ver. São pessoas que têm mesmo esta noção do outro e da pessoa que está a transmitir alguma coisa...um grande respeito...alguém com algum saber e com quem eles estão a aprender. Isso é muito bom.”

I: Consideras que existe a necessidade de adaptar o Convento São Francisco às características e especificidades destas pessoas?

EC-3: “...eu acho que, no Convento, tudo depende da pessoa que os recebe... e essa pessoa faz a ponte para aquilo que é apresentado, quer seja um espetáculo, quer seja uma exposição, para estas pessoas. Para estas pessoas...porque, por exemplo, para outras pessoas, como sejam pessoas cegas, aí já é diferente. E aí, se calhar, provavelmente, é preciso estudarmos algumas coisas no espaço, por forma a que estas pessoas sejam mais integradas. Com este grupo de pessoas, eu penso que o próprio mediador, a própria pessoa que os acompanha faz essa ponte e que consegue adequar qualquer uma da programação a eles. Por isso é que nós não temos sessões especiais...qualquer sessão, eles podem assistir como público, porque são público!”

I: Muito bem. O que consideras necessário ter em consideração quando preparas e dinamizas estas visitas?

EC-3: “É ter primeiro o contacto com as pessoas que os vão acompanhar, portanto, com as educadoras, com as terapeutas. E perceber de que forma é que podemos trabalhar cada uma das valências que vamos apresentar. Isso é fundamental! Porque elas conhecem-nos e percebem logo de que forma é que podemos explorar determinada oferta que temos no nosso Convento. É isso que tem sido a prática [risos]”

I: Ok. Pedia agora que fizesses o balanço destas três visitas. O balanço geral e eu depois vou pedindo aqui alguns tópicos.

EC-3: “Ok. Pronto, tive muita pena que não fosse presencial. Porque conseguir ver em cada um deles e no rosto a forma como estão a usufruir daquilo que lhes está a ser mostrado é outra coisa. E este tipo de exposição em particular, porque é muito sensorial e tem muito a questão

do ouvir e a questão do ver e como é que as coisas...e isso foi um bocadinho...foi muito difícil para mim e para a XXX [referência a nome próprio]...ou seja, tentar passar tudo o que é aquele estímulo que ali está naquele espaço expositivo. Foi muito difícil, mas eu penso que, para eles, foi engraçado, até porque logo a primeira coisa que nós mostramos, que são as caixinhas, eles conseguem ter uma melhor perceção do que está dentro de cada uma delas, porque a câmara vai mesmo até lá dentro, e conseguem ver todo o mecanismo, do que nós que estamos de fora...isso nós percebemos que era interessante. Claro que houve coisas que...o facto de eles estarem com a máscara e nós não conseguirmos ouvir muito bem, mas pronto, tem a ver com aquilo que vivemos atualmente e é o possível.”

I: Identificaste algumas necessidades neles, ao longo das visitas?

EC-3: “Não, eu achei-os muito...aliás, superou as minhas expectativas, porque eles, de facto, estiveram muito atentos. Mesmo à distância, sendo uma exposição como aquela, que é preciso ouvir bem e estar a ver as coisas, eles estiveram sempre muito atentos e questionavam e interagiam e isso superou as expectativas que nós tínhamos [risos].”

I: Como é que achas que eles usufruíram das visitas?

EC-3: “[risos] Eu espero que bem. A ideia com que fiquei é que eles gostaram, porque colocavam questões, porque estavam interessados. Depois, era tudo muito diferente umas coisas das outras...eu acho que isso também os motivou...e é como digo: fiquei surpreendida com a reação...assim à distância. Também foi a primeira vez que nós fizemos uma visita virtual!”

I: Quais é que achas que foram as experiências mais significativas para o público que tiveste?

EC-3: “Eu acho que...perceber como é que os mecanismos...como é que as coisas funcionam. Pô-las a funcionar. Ver que...ainda para mais, esta exposição que era com objetos que podiam ser do quotidiano...perceber que aquilo podia resultar numa peça daquelas e que era engraçado o resultado. Eu que eram coisas do dia-a-dia, eu acho que eram assim coisas tão orgânicas e tão comuns que eu acho que isso pode ter sido um fator de interesse.”

I: Sim, sem dúvida. Relativamente ao tempo da visita, sentiste que foi o adequado ou mudarias alguma coisa?

EC-3: “Não, eu acho que senti que foi o adequado. Senti...não é a mesma coisa que estar num espaço físico. Eu acho que aquele tempo é o tempo ideal. É quase como ver um documentário ou uma aula...tem de ter aquele tempo. Uma coisa é ver e usufruir, outra coisa é tu seres o espetador. És passivo, ou seja, não pode mexer. Naquele caso, podes interagir e falar e perguntar, mas não podes mexer, portanto acho que foi o tempo...para aquele tipo de exposição, acho que foi o tempo ideal.”

I: Sim. Como é que achas que as pessoas acederam à informação que tu foste transmitindo?

EC-3: “Ai, eu espero [risos]...tive sempre receios se estaria a fazer-me entender, se eles estariam a perceber. Muitas vezes, dava por mim a pensar: Eu usei este termo. Será que eles perceberam? Se calhar, não devia usar este termo. Mas eu falei com eles como falei para...como falo! Se via que alguma palavra podia ser de mais difícil entendimento, eu depois voltava...mas é a mesma coisa, é como quando eu recebo os miúdos da escola...tento sempre adequar a linguagem. E ali foi a mesma coisa. Espero é que eles tenham entendido [risos].”

I: E como é que achas que eles, apesar de não terem ido ao espaço físico, usufruíram daquele espaço? Ou como é que o sentiram do outro lado?

EC-3: “O feedback foi sempre tão positivo...eles estavam sempre tão interessados...eu penso que bem! Eu espero que eles tenham ficado com vontade de ir lá.”

I: Sim. Ficaram.

EC-3: “Tive pena, principalmente para aqueles que nunca foram ao Convento, perceberem que grande é aquele espaço. Se calhar, podia ter explicado o que é que era aquele espaço, também podia ter feito uma contextualização. Só que o tempo também...eu acho que tínhamos que partir para a exposição. Eu acho que, acima de tudo, se eles ficarem com vontade de ir, para mim isso já é meio caminho andado. Isso é que é fundamental, não ficar ali só como espetador. Dizer: ok, eu tenho mesmo vontade. Quero ir ver aquilo! Pronto, isso é um ganho já.”

I: Sim. Em relação à necessidade de adaptação da linguagem e assim, sentiste que foste respondendo a isso à medida que...

EC-3: “Sim...havia um grupo...foi o de Arganil...era engraçado porque, quando eles começaram com as apresentações, eu vi que havia ali grandes dificuldades nalguns...e depois fiquei muito surpreendida com os comentários que faziam dos objetos. Que aquela moça, quando disse que aquilo era uma tarola, era exatamente uma tarola! Não era uma caixa, era uma mesmo uma tarola! Mas foi tão engraçado, ela assim: “é uma tarola!” e eu até comentei em casa, o XXX [referência a nome próprio] é músico...”Vê lá tu que identificaram aquilo como uma tarola!” [risos]”.

I: Agora, passando aqui mais à informação sobre as dinâmicas, os recursos do Convento, podes explicar-me de que forma é que o Convento organiza e prepara os profissionais (tu e outros que estejam envolvidos) para o atendimento das pessoas com dificuldades intelectuais?

EC-3: “[risos] Pois, eu acho que isso já vem um bocadinho de nós. Eu tenho o curso de Ciências da Educação, não quer dizer que...a minha área foi sempre a educação de adultos, mas tenho alguma sensibilidade para estas questões porque estudei...enquanto estudante...e eu acho que tem de ser um bocadinho ir aprendendo com os grupos que nos chegam, não é? Vocês têm sido espetadores regulares...e eu sinto...já referi isso contigo, que eles estão a ganhar hábitos,

que quando vão...é como disse, nós não temos sessões especiais para estes ou para aqueles...vai tudo junto, tudo o que é escolas e instituições...eles vão inseridos em grupos mistos e ninguém olha para eles de forma diferente. É tudo o público ali...e houve uma vez uma coisa muito interessante que o teatro de Praga disse, quando foi fazer lá...eu não sei se eram vocês ou se era o Cavalo Azul que estava...e que o elenco disse assim: “Isto é muito interessante vocês...que aqui seja um todo, porque lá nós temos sessões especiais e isso acaba por ser castrador, porque, automaticamente, a bilheteira encaminha logo para aquela sessão.” Quer dizer, queremos que todos usufruam da cultura...pronto, eu entendo que o público depois também quer...que há sempre barulhos...e então já sabemos que aquela sessão vai ser assim, mas ali nada disso aconteceu, porque eles aprendem a estar. Estando com outros. Essas coisas são trabalhadas. Nunca sentimos que houvesse essa necessidade.”

I: Não há propriamente formações ou...

EC-3: “Não! Fiz uma vez uma. Fiz uma vez aquela no Museu Machado de Castro! Eu fiz essa [risos]”

I: Ah. Porque sentiste essa necessidade?

EC-3: “Senti. Senti a necessidade, sobretudo, de saber o que os outros espaços estão a fazer, como é que os outros espaço acolhem.”

I: Isso foi uma iniciativa tua?

EC-3: “Uma iniciativa minha.”

I: Não foi ninguém do Convento que disse que era melhor ires?

EC-3: “Não, não foi.”

I: Como é que vocês se organizam para saber quem vai estar?

EC-3: “Nós vamo-nos revezando, eu tento estar sempre, aliás, eu tento sempre, e sobretudo com estes grupos, eu tento sempre estar, nem que seja só no acolhimento, especialmente se é uma coisa mais plástica, que a XXX [referência a nome próprio], ela veio das Belas Artes, e se é uma coisa mais prática para fazer, para estar com eles. Mas eu tento sempre fazer esse acolhimento porque eu sei que muitos deles já me conhecem, e agora também já começam a conhecer a XXX [referência a nome próprio], e eu faço isso, mas eu não faço só com este público, eu faço com todos. [risos]”

I: Já aconteceu não terem visitas marcadas com estes públicos e aparecerem...

EC-3: “Por iniciativa... não, normalmente marcam sempre.”

I: Mesmo as outras visitas também são marcadas?

EC-3: “Acabam sempre por ser marcadas. Agora se me perguntas se vêm em espetáculos para o público em geral, se costumamos ter? Não. Já vimos alguns deles a virem com familiares,

achamos isso maravilhoso. Mas... que a família tome a iniciativa, que vão ... normalmente vão com a instituição.”

I: Durante as visitas de hoje, utilizaste alguns materiais de apoio que possam ter apoiado a visita?

EC-3: “Não. Mostrei o que estava, não adiantava mostrar mais nada.”

I: E achas que, durante, houve alguma coisa que sentiste necessidade de ter e não tinhas?

EC-3: “Não, tinha que trabalhar com aquilo que estava na exposição, não podia... até porque isso era um bocadinho falsear... para aquele tipo de exposição... eu tinha que trabalhar com os conteúdos do artista, porque era a instalação que lá estava, não podia ir para além disso. Quer dizer, trabalhei com o telemóvel.” [risos]

I: A que estratégias recorreste, nestas três visitas, para melhorar a fruição?

EC-3: “Naquela da distorção geométrica, para eles perceberem o material que é, eu aproximei-me dele manuseando-o, não acionando logo os botões, perceber quais eram os componentes e que, de facto ... colocando outro impulso o que é que podia despoletar. Ou seja ... também porque a peça em si ... era um bocadinho... de que forma é que eu posso dar ... o movimento a esta peça ou só esta peça sem que eu venha aqui com as mãos, rodando os botões. Os de hoje perceberam logo que aquilo eram os botões do volume ... e a mesma coisa com aqueles objetos. Houve uma coisa que eu disse que ia fazer e depois... porque não ouvíamos bem, que era pôr cada um deles a tocar os botões mas eu tinha muita dificuldade em perceber.”

I: Na primeira visita fizeste isso.

EC-3: “Então, eu decidi, vamos clicar nos botões e perceber como é que o mecanismo funciona.”

I: Uma das minhas colegas, acho que foi de Montemor, deu a sugestão de ter os números e eles poderem escolher a partir daí.

EC-3: “Pois.”

I: Fica a sugestão para próxima.

EC-3: “Fica a sugestão. Mesmo assim eu tinha muita dificuldade em vos entender, também foi por isso, porque depois eu acabava por perder ali muito tempo a tentar perceber o que é que era...”

I: Até porque os de Montemor também tinham mais dificuldade em tomar iniciativa para dizer...

EC-3: “Eles eram todos muito diferentes, realmente os de Montemor tinham menos iniciativa.”

I: Conseguem falar e conseguem dizer muitas coisas mas, ali no momento, não tomam iniciativa.

EC-3: “Têm que ser muitas vezes questionados, a gente tem que puxar.”

I: Sim. Este tipo de estratégias já são utilizadas noutros contextos?

EC-3: “Quais estratégias?”

I: Esta de chegar e de mostrar.

EC-3: “Sim, não é preciso ser online.”

I: Porque é que achas que a utilização desse tipo de estratégias ajuda na qualidade da visita?
Ou na compreensão daquilo que é dito?

EC-3: “Nestas visitas em particular?”

I: Sim.

EC-3: “... Sobretudo porque... e tu percebeste isso, é uma exposição interativa e agora tu estás online ... como é que vais trabalhar isso? Tens que mostrar o mecanismo, tens que ir para lá daquilo que ... por exemplo, para lá daquilo que interessa às pessoas que vão visitar, que é mexer nos botões, porque eles não podem, ali é ir e tentar perceber como é que funciona, que som é que faz e.... ou seja, a motivação terá que ser por aí, o input terá que ser por aí. Porque, de facto, ela é muito particular e eu acredito que eles ficassem desejosos de ir para ali mexer naquilo tudo, naqueles botões. [risos]”

I: Se não usasse essas estratégias eles não conseguiriam tirar proveito?

EC-3: “Não ... vamos ao pormenor, vamos ver que isto aqui é um pandeiro, que toca, que os ritmos não estão todos a tocar ao mesmo tempo, que há... eles próprios sentiam, os de Arganil, via-se que sentiam que aquilo era uma música, era uma banda que ali estava e era perceberem esse mecanismo todo.”

I: E também tem muito a ver com aquilo, acho eu, que é mais trabalhado nos centros.

EC-3: “Ali é música, é?”

I: É muito, sim. Eles gostam muito.

EC-3: “Então é isso. Eu percebi que eles gostaram, eles começaram logo a dançar. Os de Montemor também houve uma que começou.”

I: Também.

EC-3: “Havia ali muito ritmo.”

I: Ali [Tocha] eram as oficinas.

EC-3: “Aquilo é feito assim e é tal. Eu até estava com medo de dizer alguma barbaridade e que depois me dissessem.”

I: Há coisas que eles sabiam melhor. [risos] Pensando nas pessoas em geral e mudando aqui o foco das visitas, mas pensando na vivência cultural de toda a gente no dia-a-dia, qual é que te parece ser o papel dessa vivência na nossa vida?

EC-3: “A cultura?” [risos]

I: A cultura, sim.

EC-3: “A cultura torna-nos mais críticos, aproxima-nos uns dos outros, ajuda-nos a ser tolerantes ... a aceitar o que é diferente, despertar a curiosidade, sentir-nos bem com nós próprios. Sei lá, é tanta valência ... que partilhamos o mesmo gosto pelas coisas, só o facto, que agora também se vai perdendo um bocadinho, de estarmos com uma pessoa ao lado a usufruir de algo é logo... é uma grande experiência, que agora vamos estar um bocadinho mais...”

I: Mas eles sentiram.

EC-3: “Isso é bom.”

I: E já eramos um grupo.

EC-3: “Pois, exato.”

I: Eu já fazia parte do grupo disto, das visitas. Portanto é um grupo, eles sentem que estão a fazer aquilo em conjunto. E essa ideia do grupo hoje, mais do que eu estar no grupo, era haver esse grupo. E isso é bom.

EC-3: “É bom.”

I: Será que esse papel da cultura é diferente nas pessoas com dificuldades intelectuais?

EC-3: “Não. Eu acho que, para eles, é ... é como abrir um portal, para eles é tudo... é tudo uma novidade, é assim tudo ... eles olham para as coisas como se aparecesse pela primeira vez e fosse uma coisa espetacular e veem ...e muitas vezes veem para além daquilo que nós...nós estamos tão ... muitas vezes tão formatados...eles veem um bocadinho para além. Eu lembro-me disso quando foi aquela exposição do António Jorge Gonçalves, os desenhos. Os comentários, aquilo que eles...como eles viam as imagens é muito interessante. Aliás, eles não têm filtros, isso é maravilhoso.”

I: Por exemplo, na visita de Montemor, havia uma que era a XXX [referência a nome próprio de pessoa com DID] que disse que o saxofone...

EC-3: “Sim, sim.”

I: E isso foi tão marcante para ela que eu perguntei “O que é que tu gostaste mais?” e ela disse “O saxofone”. Mas pareceu-me que não foi propriamente do saxofone em si, foi ela ter dito uma coisa e ter sido validada.

EC-3: “Ter sido validada. Pois. É a opinião deles e é válida, é o que eles estão a ver. Eu acho que isso é maravilhoso.”

I: Arganil viu água, não viu mais do que a água, depois viram as fitas dos filmes.

EC-3: “Sim, eu acho que isso ... e torna-os ... do mesmo, somos todos. Vimos aquelas coisas, estamos todos juntos a ver aquilo, somos todos o mesmo ... o mesmo grupo. Não há nada que nós sejamos menores do que outros. Eu acho que a cultura é muito boa nesse sentido.”

I: Sim, sem dúvida.

EC-3: “Eles não se sentem menos capazes por estarem a usufruir de uma... pelo contrário. Estão a usufruir à maneira deles, com o interesse deles, com aquilo que ... com o feedback que lhes chega e está tudo bem.”

I: Comparando este público com outros que tenham ou não deficiência, consideras que existam diferenças na forma como eles desfrutaram da uma visita?

EC-3: “Eu só tive dificuldade com um tipo de público que são os surdos. É muito difícil, são muito desconfiados, acham que não estamos a passar a informação toda. E eu tive essa experiência uma vez, foi a escola XXX [referência a nome de escola] que levou os meninos, alguns ouviam, estavam com aparelhos, ou seja, não eram totalmente... Foi uma intérprete de linguagem gestual e também foi uma outra intérprete que era auxiliar lá, que era mesmo surda, ela era com língua gestual. A dada altura, eu já não estava a fazer a visita para as crianças, eu já estava a fazer para ela, porque ela questionava-me em tudo e achava que eu estava... ora, eu estava a fazer visita guiada para miúdos de cinco anos, obviamente que eu não conto as mesmas coisas, porque para crianças pequenas não lhes interessa isso, e foi muito difícil. Ela com uma agressividade e queria saber tudo e achava que eu não estava a dizer tudo e foi muito difícil... E nós tivemos também um espetáculo somente para eles, na Fada Oriana tínhamos a linguagem gestual, e a própria intérprete disse que ... há muita dificuldade porque não há coisas para eles, mas quando se faz eles também não aparecem. É muito fechada e foi onde eu senti mais dificuldade... Eu até me senti mal de não me lembrar mais, mas eu não tinha como. De resto... não.”

I: Não notas diferença?

EC-3: “Não.”

I: Na tua opinião, existe a necessidade de fazer alguma mudança, no geral, nos espaços culturais, na forma como recebem as pessoas com dificuldades intelectuais? Pensando no geral e não pensando no Convento em particular.

EC-3: “Eu acho que o papel do mediador, da pessoa que acolhe e que... que realmente ajuda numa descodificação do que ali está não serve só para as pessoas com deficiência intelectual, serve para todos. Nós temos uma população que não tem hábitos culturais e, como tal, tem muita dificuldade. Para já tem algum preconceito em aceder a estes espaços porque acha que aquilo não é para eles e depois quando acede tem alguma dificuldade em descodificar e, portanto, isso vale para todos. Eu acho que é importante que os espaços tenham, quer sejam os museus, quer sejam as galerias, tenham esta mediação de públicos, este serviço educativo que faça a ponte entre a instituição e as pessoas que vêm visitar, e vale para toda a gente, não é específico de grupos, eu acho que é transversal a toda a população portuguesa.”

I: Pensando especificamente no Convento de São Francisco, há algum aspeto do atendimento às pessoas com dificuldades intelectuais que tu gostasses de ver alterado?

EC-3: [risos] “Eu acho que não. Corre sempre tudo tão bem. Temos sempre a preocupação, mesmo em termos de acessibilidade, nós conseguirmos dar resposta... eu acho que as coisas têm corrido bem. Eu acho que uma coisa fundamental que é a gratuidade para o público, que serve tanto para... as necessidades educativas especiais, pessoas com deficiência intelectual, como para os alunos com escalão A, B e C, como as IPSS, para que toda a gente tenha acesso à cultura ... E depois é como eu te digo, todos os espetáculos que são pensados para escolas e instituições é para toda a gente e nós quando pensamos... achamos que estamos a fazer um bom [risos] trabalho e isso sente-se no facto de eles serem um público que sabe estar.”

I: Tu já falaste nos contributos que têm sido dados pelos técnicos da APPACDM e de outras instituições durante as visitas ... Quais são os contributos que tu esperas da parte dos profissionais das instituições durante uma visita ou durante a preparação da visita?

EC-3: “Durante a preparação nós já falámos, que é o facto de vocês irem ou, mesmo que a gente não tenha lá o evento, que vocês percebam o que é que aquilo é para saber se é indicado ou não. Durante... se for visitas a exposições, é muito importante o vosso papel ... e são sempre tão interessantes, porque vocês conhecem bem os utentes, muitas vezes vocês conseguem... estimulá-los, porque os conhecem e puxar por outra capacidade dessa pessoa. Portanto, é fundamental, isso é fundamental. E a forma como vocês lidam com eles que eu acho que é tão... é bonita, é bonita a relação que vocês têm com estes... com estas pessoas, e elas estão sempre tão satisfeitas, é uma maravilha. Eu gosto imenso, gosto imenso de fazer as visitas e fico sempre muito feliz quando vocês lá vão e acho que corre sempre tudo muito bem... e depois, é perceber... porque muitas vezes nós estamos em atividades e perceber que aquela pessoa faz na instituição isto, ou faz aquilo e é muito...”

I: Sim, mas isso eu notei... hoje nem tanto, mas nas... nas duas visitas anteriores, também foste perguntando muito se eles conheciam, se eles tinham, as coisas da cozinha... ajudou que eles estivessem mais... hoje não, que eles estavam só a falar.

EC-3: “Dos motores das batedeiras e dos bolos, eles começaram logo a falar dos bolos.”

I: Isso de ir buscar a experiência que eles já têm para a visita é muito importante para os envolver.

EC-3: “Eu estava a ver que levava com as receitas todas dos bolos. [risos]”

I: Ainda por cima, tinham feito cheesecake, os de Montemor.

EC-3: “Pois foi.”

I: Queria perguntar-te se há mais algum aspeto que gostarias de referir relativamente a este tema que eu não tenha perguntado.

EC-3: “Não.”

APÊNDICE 7 – ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Grelhas individuais de análise de conteúdo – Pessoas com DID

Tema: Fruição cultural de pessoas com DID que frequentam instituições de apoio

Código do participante: DID-1

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	29 anos	"29"[anos]
	Contexto familiar	Vive com os pais, as irmãs e a avó	"Vivo com o pai, a avó, a mãe e com as irmãs."
	Tempo de frequência no CAO	- Não sabe há quanto tempo está no CAO. - Antes de estar no CAO, estive na Formação Profissional (cozinha, lavandaria, estágio numa piscina)	"Não, Catarina, isso agora não sei." [há quantos anos está no CAO] "Se calhar, é muitos anos." "Estive com a D. XXX, com a D. XXX [referência a nomes próprios] ... na cozinha. Estive a passar a ferro com a D. XXX [referência a nomes próprios]. E estive a fazer um estágio na piscina e depois tive um na XXX [referência a nome próprio]. E depois fui passar para o CAO."
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	- Faz limpeza, lava a loiça, cose (bonecos, porta-chaves), arranca ervas na rua - Neste momento, por causa da pandemia, deixou de fazer atividades no exterior	"Faço limpeza, com a D. XXX [referência a nome próprio], lavo a louça, estou com a XXX [referência a nome próprio] a coser. A gente cose bonecos, porta-chaves...agora a gente não cose por causa disto [COVID-19] e estou com a XXX [referência a nome próprio], na rua a arrancar ervas. Só que agora...não podem ir à rua. A gente faz muita coisa."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Tem educação física e música; escreve textos e faz contas noutra apoio	“A gente faz educação física, com a Dr.ª XXX [referência a nome próprio], que dá-nos a aula. Dantes, era o professor XXX [referência a nome próprio]. O professor XXX [referência a nome próprio] só fazia apoios aos outros meninos e agora a Dr.ª XXX [referência a nome próprio] veio na vez dele e chamou a gente e a gente também faz educação física. E estou com a professora XXX [referência a nome próprio] também.” “Música e estou com a XXX [referência a nome próprio] também.” “Com a XXX [referência a nome próprio], a gente faz contas, faz textos. Eu estou a fazer textos para a gente fazer um livro. Depois a XXX [referência a nome próprio] vai mais a gente lá abaixo e vai fazer um livro...é uma surpresa, para a gente mostrar à Dr.ª XXX [referência a nome próprio].”
	Atividades de lazer preferidas	• Andar de bicicleta, passear, andar a pé e passear o cão	“Gosto de andar de bicicleta, gosto de passear, gosto de andar a pé e tenho um cãozito, que às vezes vou passear com ele.”
	Contacto prévio com contextos culturais	• Só costuma participar em eventos culturais organizados pelo CAO • Já tinha ido ao MNMC e ao Convento São Francisco • Gosta de ir a museus e quer ir mais vezes	“Não, só aqui na escola.” “Daqui da escola, às vezes que a Dr.ª XXX [referência a nome próprio] manda uma carta para casa, a gente vai. Já fui ao museu, já fui a esse museu que vi a Catarina e...já fui com a professora XXX [referência a nome próprio] ao outro, que eu não me estava a lembrar, que vi a Catarina também. É só estes é que a gente vai.” “Não”[visitar outros espaços culturais, com a família] “Sim” [ir mais vezes] “Não, gosto de ir aos museus!”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Percepções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	Fez de Jesus (também lá estava alguém a fazer de Maria), em conjunto com os colegas (mimetização)	“Fiz a Maria...o Jesus...e não me lembro mais nada.” “Mais a XXX [referência a nome próprio de outra participante] e os outros colegas todos.” “Foi...a XXX [referência a nome próprio de outra participante] era Maria...eu era o menino...e a XXX [referência a nome próprio de outra participante] era a Maria.”
	Como correu	Bem	“Correu bem”
	O que gostou mais	- Das profissionais do MNMC - De ver as imagens e que lhe tenham ensinado essas imagens	“Muita coisa. Gostei da XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC] e da outra senhora.” “Foi ver as imagens. Elas ensinaram à gente as imagens e foi muita bom.”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Não.”[se houve alguma coisa de que não tenha gostado]
	Interesse em participar noutras visitas	Quer participar em mais visitas (agora, virtuais, pela pandemia) porque gosta	“Agora teve que ser no computador porque não se pode lá ir ao museu.” “Porque gosto.” [por que razão quer participar mais vezes]
	O que achou do espaço cultural	É muito lindo	“Muito lindo.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Funções do espaço cultural	• Para as pessoas visitarem • Para ver as imagens e ver do que são feitas	“Para as pessoas irem fazer uma visita.” “Vão ver as imagens...são feitas de pedra.”
	Como se sentiu	• Gosta de ver • Aprende coisas novas	“É coisas que a gente gosta de ver.” “aprendo coisas novas.”
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Não.”[se teve alguma dificuldade]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Gostou das pessoas • As pessoas sabiam o seu nome porque já lá tinha ido • Puseram-se à disposição para explicar melhor as coisas, sempre que necessário • Mostraram as dimensões da peça, através de gestos/ movimentos	“Boas.”[o que achou de quem os recebeu] “Sabiam...elas sabiam o meu nome que a gente esteve lá e a gente viu-se.” “Elas diziam que a gente não entendesse para a gente dizer outra vez.” “Ver as imagens, mostrar o pequeno e o grande.” “Assim [imitação do gesto da profissional do MNMC].”[como mostrou o tamanho da peça]
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Não, não.”[se gostava que alguma coisa tivesse sido diferente]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Percepções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	- Gostou da visita - Recorda muita coisa: cordas, sons dos vasos	“Gostei.” “Muita coisa” “As cordas...os sons dos vasos...e gostei muito.”
	Como correu	Bem	“Correu bem.”
	O que gostou mais	Gostou de tudo	“De tudo.”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Não. Gostei de tudo.”
	Interesse em participar noutras visitas	Quer participar em mais visitas porque gosta	“Sim.” [gostava de participar em mais visitas deste género] “Gostei. Eu gosto.” [porquê]
	O que achou do espaço cultural	É muito lindo	“Muito lindo.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Funções do espaço cultural	• Para as pessoas verem o que lá existe, para visitar	“Para as pessoas irem ver os coisos...ver...para fazer uma visita.”
	Como se sentiu	• Bem	“Senti bem!”
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Não.” [se sentiu algum tipo de dificuldade]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Tratou-a bem • Mostrou a exposição • Teve em conta as necessidades dos visitantes • Explicou bem os conteúdos	DID-1: “Era boa.” “Tratou bem.” “Foi sempre a mostrar os coisos à gente.” “...sim.” [teve em conta as necessidades] “Bem.” [como explicou os conteúdos]
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Não.” [se gostava que alguma coisa tivesse sido diferente]

Código do participante: DID-2

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	48 anos	“Não, isso eu não sei.” [de acordo com a equipa diretiva do CAO, tem 48 anos]
	Contexto familiar	- Mora com os irmãos e as cunhadas - Os pais já faleceram	“Moro com as minhas cunhadas.” “E os meus irmãos.” “A minha mãe faleceu e o meu pai também.” “A minha mãe foi agora há pouco tempo e o meu pai foi há muito tempo. Eu estou na minha casa, na casa da minha mãe, mas eles [irmãos] estão lá a viver também.” “Gosto. E com as minhas cunhadas.” [de viver com]
	Tempo de frequência no CAO	Não sabe há quanto tempo está no CAO	“Isso é que não me lembro.”
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	- Refere alterações no funcionamento do CAO em tempo de pandemia (menos atividade) - Faz tarefas na lavandaria e no bar - Vai aos apoios de música, à ginástica e aos computadores	“Agora não fazemos nada. Estamos nas salas.” “Fazemos. Vamos passar a ferro, vamos lavar para o bar, vamos pôr roupa a enxugar...e vamos juntar...a roupa.” DID-2: “Vou.”[à música] “Eu vou para a professora XXX [referência a nome próprio]...faz ginástica. E vou...para a XXX [referência a nome próprio].” “Para os computadores.”
	Atividades de lazer preferidas	Conversar com os colegas do CAO, tarefas domésticas (lavar a loiça, transportar	“Falar com os meus colegas.” “Lavar a louça, levar a lenha [impercetível]...e arrumo as casas.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		lenha, arrumar a casa), ver televisão, ouvir música, ir às compras e visitar familiares	“Gosto, gosto.”[de ver televisão] “As novelas.” DID-2: “Ouvir música.” “Gosto do Quim Barreiros. E gosto de...outras coisas, outras músicas.” “Ia mais eles às compras. E ia mais eles à casa das minhas tias.”
	Contacto prévio com contextos culturais	Já participou em visitas a espaços culturais de Coimbra	“Costumo. Eu agora quando aqui estou costumo ir.” “Já fui ao museu....e a outros sítios.” “Vimos coisas.” Vimos museu da pedra...vimos...este que a gente viu hoje...” [MNMC]
Perceções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	- A visita decorreu no computador - Viu uma pintura - Imitou a pintura, em conjunto com os outros participantes - Descreveu os elementos principais da pintura (Nossa Senhora e o Menino Jesus) - Explicou o motivo da posição das personagens da pintura (de joelhos, a rezar)	“Fizemos o coiso...as santinhas.” “Fizemos no computador.” “Estivemos de joelhos... A XXX [referência a nome próprio] fez de Nossa Senhora...” “Vimos as nossas senhoras.” “Os meninos ao colo de Nossa Senhora.” “Uma pintura.” “Por causa de estar a rezar.” [por que estava de joelhos]
	Como correu	Bem	“Correu bem.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que gostou mais	De ver a pintura com a Nossa Senhora e de fazer a mimetização.	"Gostei das nossas senhoras." [de ver a pintura e de fazer a mimetização]
	O que não gostou	Nada a assinalar	"Correu tudo bem"
	Interesse em participar noutras visitas	Quer participar em mais visitas deste género, porque é bonito e porque gosta de ver a Nossa Senhora (tem saudades de ver a Nossa Senhora na missa)	"Gostava." [de participar em mais visitas deste género] "Porque é lindo." "A Nossa Senhora." "Agora não vou à missa por causa...a igreja está fechada." "Tinha" [saudades de ver Nossa Senhora]
	O que achou do espaço cultural	É lindo	"Achei lindo."
	Funções do espaço cultural	Para as pessoas irem ver coisas	"Para a gente ir ver as coisas."
	Como se sentiu	Bem	"Bem."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar (referiu que a profissional da instituição de apoio que acompanhou a visita ajudou a orientar a visita, chamando a atenção para alguns detalhes)	“Não” [se sentiu alguma dificuldade durante a visita] “[A Dr.ª XXX [referência a nome próprio] (...) Dizia as coisas...para a gente ver.”
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Gostou delas - Trataram-na bem - Tiveram em conta as suas necessidades - Queriam saber se os participantes estavam a gostar do que viam	“Gostei bem, eram lindas.” “Bem.” [como a trataram] “Acho que sim” [se tiveram em conta as suas necessidades] “Perguntavam se eu gostava das coisas.” “Falaram bem”
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Não” [se gostava que algo tivesse sido diferente]
Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	- Da situação em que disse ver um saxofone numa projeção na parede, a partir de um projetor - A igreja - Umas caixas e outros objetos que faziam barulho	“Foi do saxofone.” “A igreja, umas caixinhas...e...o que é que foi mais...e foi...coisas.” “Faziam barulho.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Como correu	Bem	"Correu bem"
	O que gostou mais	Do saxofone, da igreja e do som dos instrumentos	"Gostei do saxofone, gostei da igreja e gostei daquele som dos instrumentos."
	O que não gostou	Nada a assinalar	"gostei de tudo"
	Interesse em participar noutras visitas	Quer participar mais vezes nestas visitas porque é algo que considera bonito	"Gostava." [de participar em mais visitas deste género] "Porque é lindo!"
	O que achou do espaço cultural	Gostou de ver os elementos da exposição	"Gostei das coisas."
	Funções do espaço cultural	Para as pessoas verem o que lá está dentro	"É para as pessoas irem ver as coisas que eles lá têm dentro."
	Como se sentiu	- Bem - Gostou do que viu	"Senti-me bem." "gostei de ver."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não, não" [se sentiu alguma dificuldade durante a visita]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Gostou da pessoa que os recebeu - Era simpática, tratou-os bem, foi tentando saber se a estavam a perceber, teve em conta as necessidades dos participantes e queria saber se estavam a ouvir os sons e se estavam a gostar da exposição	"Gostei bem." "Era forte. Era simpática." "Bem." [como a tratou] "Sim." [se foi tentando saber se a estavam a perceber] "Sim." [se teve em conta as suas necessidades] "Se a gente tinha ouvido as coisas...se a gente gostava das coisas." [como falava]
	Sugestões de melhoria	- Queria ver mais espaços do Convento - Achou a visita curta	"Era...as coisas para outras salas..." "Achei." [que a visita foi curta] "Queria" [se queria ver mais coisas]

Código do participante: DID-3

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	47 anos	"47 anos."
	Contexto familiar	- Vive com os pais numa aldeia - Tem poucos vizinhos	"Mais o meu pai e a minha mãe." "no Viso. É uma aldeia." "Temos poucos vizinhos. A gente temos lá alguns vizinhos que falam para a gente"

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Tempo de frequência no CAO	Há cerca de dois anos (anteriormente, estive noutra instituição de saúde mental)	“eu entrei para aqui a 1 de setembro...” “Estive na Costa de Arnes, a trabalhar (...) Depois...na quinta...fechou tudo. Depois, fui fazer limpeza às casas de Alfarelos... Antes de eu entrar para aqui. E estive ali em cima na D. XXX [referência a nome próprio], ali em cima ao pé aqui desta escola. E depois inscrevi-me aqui e fiquei sempre por aqui. (...) e depois tivemos umas férias na Tocha...e tivemos lá umas casas para viver uns dias...levámos roupas naquela mala grande...[risos].” (...)“Foi duas vezes.”
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	- Estende e passa a roupa a ferro - Participa nas limpezas do CAO (vidros, casas de banho) - Tem acesso a alguns apoios, como música e ginástica, mas desiste com alguma frequência dos mesmos	“Estou com a D. XXX [referência a nome próprio]...agora, estou a passar roupas a ferro e as máscaras...e as roupas a enxugar, mais as minhas colegas...e se as roupas estiverem enxutas a gente vamos buscá-las...e ficam ali no cesto...e depois vamos passar a roupa a ferro...toalhas e os panos...” “e também lavava aqui vidros (...) e lavava as casas de banho” “Fui ali naquela sala da música, mas agora deixei de lá andar, porque aquilo era muito barulho para a minha cabeça e a minha cabeça não queria assim muito barulho, não queria música. E também fazia ginástica (...) e agora já não fui, porque depois à noite chego a casa e estou cansada, parece que tenho o meu corpo todo partido” “Ai aos computadores? Isso não sei mexer nos computadores...sei pintar desenhos, sei fazer contas.”
	Atividades de lazer preferidas	Referência ao trabalho, em primeiro lugar (no CAO e em casa)	“em minha casa também trabalho.” “dormir a sesta e descansar.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Descansar (ex.: sesta) • Fazer caminhadas com a mãe • Ver televisão à noite • Nunca vai às compras • Às vezes, visita o irmão ou é visitado por ele	“Fazer uma caminhada mais a minha mãe, lá pela rua, naquela estrada. Faço isso. E depois à noite ficamos sentadas e ficamos ali no sofá...a ver televisão.” “às compras nunca fui. Só a minha mãe é que vai.” “Às vezes, vou a casa do meu irmão. E eles, a minha casa, vão também ver a gente, como estamos.”
	Contacto prévio com contextos culturais	• Refere nunca ter frequentado espaços culturais	“Ai, isso nunca fui.” “nunca fui para aí.”
Percepções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	• Viu as profissionais do MNMC • Explicaram-lhes a pintura (Nossa Senhora, o Menino Jesus com o cabelo grande, uma rosa, um pássaro) • Descreveu o espaço (porta) • Descreveu as cores da pintura (vermelho, castanho, azul) e a retificação por uma das profissionais do MNMC (parecia uma cor e era outra)	“Estivemos a ver a XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC] ali... e a colega dela, que ela disse o nome dela e agora esqueci-me!” “Estiveram a explicar aquilo....aquela senhora com o menino...o Menino Jesus...aquele do cabelo grande...ao colo...e tinha uma rosa...e depois tinha um pássaro.” “Era uma coisa...para a gente entrar e...lá dentro, daquela porta...assim lá em cima...uns coisões assim [gestos]...” “Foi aquela pintura...é vermelha, é castanho e era azul, então. E era que ela disse. E a gente dissemos que era preto [risos]...e era azul, então.” “Daqui parecia. Depois é que ela: “Ai, não é preto, é azul! Vocês estão a ver mal! [risos]”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Como correu	Bem	"Correu bem"
	O que gostou mais	A mimetização (imitação dos gestos das figuras a rezar)	"E a gente depois a rezar... aquilo assim com as mãos assim [gesto]" "Gostei, mas aquele que estava ali ao pé do Menino Jesus...esse também estava pintado...aquele castanho...também gostei. Esse também gostei, que estava aqui deste lado."
	O que não gostou	Nada a assinalar	"Para mim, correu bem"
	Interesse em participar noutras visitas	Quer participar em mais visitas destas (é bom)	"Sim." "Porque era bom."
	O que achou do espaço cultural	- Era bonito - Gostou muito	"Sim, este hoje era." [bonito] "Gostei muito, muito muito."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Funções do espaço cultural	• Para mostrar às pessoas • Vê as coisas na televisão e na missa (é bom ver num espaço cultural)	“É para mostrar à gente e a gente vê-las.” “É bom. Que a gente também vê na televisão! [risos] Então e quando eu vou à missa também vejo...vejo Nosso Senhor que está lá no céu...assim, com as mãos assim [gesto da cruz] e depois faço assim também. (...) É igual!”
	Como se sentiu	• Bem (foi bom)	“Foi bom [suspiro]” “Senti bem.”
	Dificuldades que teve	• Em fazer-se ouvir, por causa da máscara • A utilização dos guiões ajudou a fazer-se entender na interação com as profissionais do MNMC	“Não, porque eu estava muito séria a olhar para isso e depois ainda falei muito alto...do que as minhas colegas [risos]. Porque não ouviram por causa disto [apontou para a máscara].” “E depois olhei para aqueles papéis [guião em comunicação aumentativa do MNMC] que a Dr.ª XXX [referência a nome próprio] foi buscar e a gente olhámos para isso e depois falámos nisto e elas depois ouviram a nossa voz.” “Para a gente ver e depois dizer a elas...à XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC].” [para que servissem os guiões em comunicação aumentativa]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Gostou da interação com elas - Trataram-na bem e tiveram em conta as suas necessidades - Explicaram os conteúdos de uma forma fácil e acessível	“Gostei, bem... de as ver...e fiz-lhes assim [gesto de adeus] e elas também disseram à gente.” “Trataram bem.” “Tiveram.” [em conta as suas necessidades] “Diziam bem.” [as coisas] “Explicaram isso bem à gente! De uma forma boa.” “Eu percebia bem. E depois falei alto!”
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Não” [se gostava que algo tivesse sido diferente]
Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	- Gostou de ver a exposição - Viu vários objetos a bater e a fazer som (vasos, cordas – descrição das dimensões, do local onde era produzido o som, do mecanismo para a produção de som e das cores)	“Gostei de ver isso.” “Vi aquele coiso assim a bater...aquele coiso pequeno e aquele grande (...) os vasos! Três vasos ali deitados assim no chão...e eram dois pequenitos e dois grandes (...) não era aqui dentro, era fora...batia assim [gesto e som]. E tinha as quatro...cordas e aquele coiso branco...só um é que batia...e os outros três já não batia nada...esse também havia...e depois ainda batiam os três e um é que ficou ainda parado...e depois bateu também...e depois estive debaixo daquelas coisas...dos balões (...) E depois ainda foi de joelhos, lá dentro...” “Era muito pequenito...e outro maior...ela ainda lá foi dentro...e aquilo estava vermelho, cor-de-rosa...”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Como correu	Bem	"Correu bem"
	O que gostou mais	De ver a antiga igreja (percebeu que já não é uma igreja, atualmente)	"Foi aquela sala da igreja!...que agora já não há lá padres..."
	O que não gostou		
	Interesse em participar noutras visitas	Quer participar em mais visitas, mas só de forma ocasional	"Sim, mais ou menos. Porque eu, às vezes, gosto. Só de vez em quando."
	O que achou do espaço cultural	Gostou do Convento e sentiu-se bem	"Gostei bem. Foi bom." "Senti bem."
	Funções do espaço cultural	Para as pessoas verem	"É para a gente ver."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Como se sentiu	A visita fez-lhe bem, gostou de ver a exposição	“Também gostei de ver aquilo.” “Fez-me bem.”
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Isso já eu não sei...”
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Explicou a exposição e pedia para dizerem o que estavam a ver (incitou à participação na visita) - É uma boa pessoa - Teve em conta as suas necessidades	“Estava a explicar isso à gente, para a gente falar alto, para ela ouvir e a colega dela, que estava ao pé dela.” “Achei boa. Achei bem.” “Uma boa...pessoa! E a colega dela também era. As duas, as duas.” “Sim.” [teve em conta as suas necessidades] “Para a gente ouvir e depois falar...com ela, para ela ouvir as nossas...” [respostas]
	Sugestões de melhoria	Quer ir ao Convento ver a exposição	“Gostava que a gente agora fosse lá outra vez ver isso.”

Código do participante: DID-4

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização do participante	Idade	54 anos	“54”
	Contexto familiar	Vive com os primos	“Com os primos”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Tempo de frequência no CAO	• Está há uns meses no CAO (anteriormente, estava em casa)	“Estou aqui desde dia 9 setembro.” “Trabalhava lá...era lá aquele primo...ajudava lá. (...)Tem quintal...”
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	• Participa em atividades no exterior do CAO • Participa nas limpezas • Tem vários apoios • Aprende a fazer números e tarefas similares	“estou aqui e vou à rua às vezes...e é assim.” “Limpar...mais os meus colegas.” “Vou ali à professora XXX [referência a nome próprio], vou ali...a XXX [referência a nome próprio]...e vou à XXX [referência a nome próprio]” “Fazer números e fazer essas coisas”
	Atividades de lazer preferidas	• Gosta de trabalhar • Estar no quintal • Vê televisão (telenovelas) • Passeia a pé perto de casa, aos domingos	“É trabalhar.” “Olha, vou ao quintal e assim.” “A telenovela à noite” I: Então e passear? Às vezes, vais passear? “Ao domingo é passear ao pé de casa só. Lá onde eu estou a viver. Andar por lá.”
	Contacto prévio com contextos culturais	• Não costuma frequentar espaços culturais	“Não, não” [se costuma ir a espaços culturais]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Percepções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	- Foi ao museu e gostou - Achou-o bonito - Viu uma menina/menino - Estava lá uma senhora [do MNMC] - Viu imagens - Segurou nos bonecos e na manta [mimetização] - Era o Menino Jesus	“Museu.” “A XXX [referência a nome próprio] disse que não podia ser aí, tinha que ser aqui.” “Bonito.” “Gostei.” “Era a menina...menino...” “Mais a senhora. Não me lembro agora.” “Não, eram imagens.” “Eu estive com os bonecos.” “Aqueles bonecos e a manta.” I: E o que é que era isso dos bonecos e da manta? “Era o menino Jesus...ai não.”
	Como correu	Bem	“Correu bem, sim.”
	O que gostou mais	De tudo	“Tudo.”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Não” [se houve algo de que não tenha gostado]
	Interesse em participar noutras visitas	Gostava de participar noutras visitas porque nunca participou	“Sim.” [se gostava de participar em mais visitas deste género] “Então, curtia ver...eu nunca vi, não é? Essas coisas...nunca vi.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou do espaço cultural	Bonito	"Bonito."
	Funções do espaço cultural	Não sabe	"Sei lá."
	Como se sentiu	Bem	"Senti bem"
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não" [se sentiu alguma dificuldade durante a visita]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Gostou delas - Trataram-no bem - Tiveram em conta as suas necessidades - Ouvia e percebia bem o que diziam	"Gostei delas. Curti de ver." "Bem" [como o trataram] "Sim" [se tiveram em conta as suas necessidades] "Quando elas falavam, ouvia-se bem."
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	"Não" [se gostava que algo tivesse sido diferente]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Percepções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	- Os tambores, os sinos, os objetos a mexer quando se carregava nos botões (algumas coisas batiam) - A profissional do Convento carregava nos botões escolhidos pelos participantes com DID	“Lembro-me de tudo! Era tambores...os sinos...mais...aquelas coisas mexer...era aquelas coisas...ela mexia os botões...andava a bater...” “Era ela carregava.” “Era a gente.” [eram os participantes com DID que indicavam onde é que a profissional do Convento São Francisco carregava]
	Como correu	Bem	“Correu bem.”
	O que gostou mais	- Todas as partes foram interessantes - Gostou mais da parte dos botões	“Mais...os botões” “Eu achei todas.” [as partes interessantes]
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Não.” [se mudava alguma coisa] “Gostei todas.”
	Interesse em participar noutras visitas	Quer participar noutras visitas (e sublinha que nunca teve a oportunidade de ir)	“Nunca lá fui. Gostava de lá ir ver, gostava.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou do espaço cultural	Gostou de ver o que havia no Convento	"Gostei de ver."
	Funções do espaço cultural	Para as pessoas irem ver o que lá está	"O pessoal ir ver."
	Como se sentiu	Bem	"Bem"
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não" [se sentiu alguma dificuldade]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Gostou de ouvir a profissional do Convento - Tratou-o bem, falava bem e era muito simpática - Teve em conta as suas necessidades - Percebeu o que disse	"Gostei de ouvir." "Bem." [como o trataram] "Ela falava bem tudo...era toda simpática" "Sim." [se teve em conta as suas necessidades] "percebi bem."
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	"Não." [se mudava alguma coisa]

Código do participante: DID-5

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	23 anos	"23"
	Contexto familiar	Vive com o pai e o irmão	"Com o pai e com o mano."
	Tempo de frequência no CAO	Dois anos	"Há dois anos."
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	- Passa a ferro - Antes da pandemia, trabalhava no exterior do CAO, a arrancar ervas - Trabalha no computador, faz contas e textos	"Estou com a D. XXX [referência a nome próprio], passo a ferro...a passar batas, máscaras...o que for preciso!" "Quando não há Coronavírus, ia para a rua, trabalhar...trabalhava, fazia coisas. "Ia mais os meus amigos para a rua arrancar ervas, com ela...e gostava." "Vou para a XXX [referência a nome próprio], escrevo, fazer contas...estar no computador...fazer textos no computador. Adoro o computador!"
	Atividades de lazer preferidas	- Vê o programa "Os malucos do riso" (de forma repetida) - Faz caminhadas e vai a casa de uma amiga, que lhe faz massagens	"Vejo os Malucos do Riso. Tenho os vídeos e depois estou sempre a ver o mesmo e o meu irmão diz assim: estás sempre a ver o mesmo!" "Gosto de ir dar caminhadas e gosto de ir a casa da minha amiga XXX [referência a nome próprio]". "Ela faz massagens e tudo!"
	Contacto prévio com contextos culturais	Foi com a irmã às termas do Gerês	"Com a minha mana, nunca fui...Só...quando eu vou mais a minha irmã de férias, fui às termas do Gerês." "com a minha família não."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Visita espaços culturais com o CAO (mas não com a família)	“Aqui com o Centro, já fui...que eu vi...mais a professora XXX [referência a nome próprio]...e falei na rádio.”
Percepções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	• A primeira referência corresponde às profissionais do MNMC envolvidas na visita (falaram com o grupo, explicaram a pintura que estavam a ver – Maria e Jesus) • Imitou Maria na mimetização (ofereceu-se para essa tarefa) • Maria estava sentada, com Jesus ao colo e tinha uma rosa	“Era uma senhora...chamada XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC]...e uma menina chamada XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC]...que estavam a falar connosco por videochamada...estavam a explicar o quadro...estava a explicar o que é que era o quadro...e o quadro tinha uma senhora...e era o senhor Jesus...e Maria...e eu fiz de Maria! (...) fiz como estava lá no retrato...como me mandaram fazer!” “Fui eu!” [quem se ofereceu para fazer de Maria, na mimetização] “Estava sentada...e depois tinha o Jesus ao colo.” “Tinha uma rosa.” [Maria tinha uma rosa na mão] “pintura da...rosa.” [nome da pintura]
	Como correu	• Bem	“Correu bem!”
	O que gostou mais	• De falar com as profissionais do MNMC e de fazer de Maria, na mimetização	“Gostei mais de falar com as senhoras...e gostei de fazer de Maria.”
	O que não gostou	• Nem sempre conseguia ouvir, pela qualidade da videochamada	“Eu gostei de tudo, mas (...) há coisas que eu, por exemplo, não estava a ouvir.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Interesse em participar noutras visitas	- Gostava de participar em mais visitas porque gosta de fazer atividades variadas e porque é importante para si - Gostava de partilhar esta experiência com os seus familiares e amigos (ensinar os outros – reforçar o que há de bom num museu e no trabalho dos artistas)	“Gostava.” [de participar em mais visitas a espaços culturais] “Eu gosto...de fazer um pouco de tudo.” “Porque acho que é importante para mim e eu gostava...pronto, que as pessoas vissem...e gostava que a minha irmã visse e a minha amiga XXX [referência a nome próprio] e os meus pais e o meu irmão.” “É importante para mim porque...gostava...de fazer alguma coisa, está a perceber? Eu gostava de ser atriz, mas não posso ser!” “Gostava de ensinar os outros! O que é que é importante no museu...e o que é que há lá no museu...e que os pintores fazem coisas boas...”
	O que achou do espaço cultural	É fixe, porque é grande e gostou das pessoas do MNMC	“Achei que é fixe!” “Porque é grande e...gostei das pessoas que estavam a apresentar aquilo.”
	Funções do espaço cultural	Para mostrar objetos antigos, para as pessoas saberem o que aconteceu no passado	“Para mostrar coisas...antigas, que já se passaram.” “Que é para a gente saber o que é que se passou antes de a gente existir.”
	Como se sentiu	Bem (bem-disposta)	“Bem...estava bem-disposta.”
	Dificuldades que teve	Em ouvir o que era dito (pela qualidade da videochamada)	“Às vezes, não percebia o que ela dizia.” “Ela dizia coisas fáceis, mas só que eu não conseguia ouvir.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Bonitas e simpáticas • Trataram-na bem • Tiveram em conta as suas necessidades • Apresentaram/falaram bem • Disseram coisas fáceis de perceber	“Eu achei que elas eram bonitas e simpáticas.” “Trataram bem.” “Sim, sim, sim!” [se tiveram em conta as suas necessidades] “Elas acho que apresentaram bem...falaram bem.” “Elas tiraram a máscara para a gente ouvi-las melhor!” “Coisas que eu percebia!”
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Não”
Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	• Ouviu sons e gostou • Aprendeu que não pode ser sempre ela a falar e que tem que deixar os outros falarem também	“Lembro-me de ouvir sons...e gostei de ouvir sons...e aprendi quando as outras pessoas estão fartas...tenho de deixar as outras pessoas ouvirem e depois é que posso falar.” (...) “E não posso ficar chateada.”
	Como correu	• Bem • Gosta do grupo	“Correu bem. E gosto do grupo.”
	O que gostou mais	• De tudo (sobretudo do tambor, porque fazia um som bonito)	“Gostei de tudo. Gostei mais do tambor...porque fazia um som muito lindo.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que não gostou	• Das partes em que não ouvia bem	“Não gostei daquela parte em que não se ouvia. Às vezes, não se ouvia muito bem.”
	Interesse em participar noutras visitas	• Quer visitar museus com objetos antigos e encontrar um tesouro (para saber o que acontecia antigamente) • Gostava de ver espadas num museu e de ver o que os reis e as princesas usavam	“Gostava de visitar, por exemplo, museus sobre coisas antigas...e sabe o que é que eu gostava? Gostava de encontrar tipo um tesouro!” “Gostava de (...) ir ao museu para encontrar coisas antigas!” “Porque é para saber o que é que havia antigamente” “É importante, para eu saber (...) o que é que os reis usavam...e as princesas...e que, dantes havia guerra e (...) o que eu gostava de ir ver no museu era espadas!”
	O que achou do espaço cultural	• Fixe	“É fixe.”
	Funções do espaço cultural	• Para visitas • Já foi um convento de freiras	“Para que é que ele serve? Para visitas...e já foi um convento de freiras!” “Porque os conventos é para as freiras. Eu já lá tinha ido mais a XXX [referência a nome próprio].”
	Como se sentiu	• Bem (bem-disposta)	“Bem!” “Bem-disposta!”
	Dificuldades que teve	• Dar a vez aos outros e não estar sempre a falar (não gosta de incomodar os outros)	“Senti...senti que não posso falar muito muito...tenho que deixar os outros ouvirem e depois falo.” “Não gosto é de incomodar os outros. E mal-educada também não gosto de ser.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• É boa pessoa • Fez uma boa apresentação (explicava/contava bem) • Tratou-a bem • Teve em conta as suas necessidades	“É uma boa pessoa...e apresentou bem as coisas! E gostei da XXX [referência a nome próprio da profissional do Convento São Francisco que estava a filmar a videochamada]” “Bem!” [como a trataram] “Sim, sim.” [se tiveram em conta as suas necessidades] “Contava bem as coisas!”
	Sugestões de melhoria	• Queria ir fazer uma visita presencial	“Gostava que não estivesse esta doença e gostava de ir lá mesmo.”

Código do participante: DID-6

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	• 38 anos	“38”
	Contexto familiar	• Vive com os pais	“Com os meus pais.”
	Tempo de frequência no CAO	• Frequenta a instituição desde os 8 anos	“Desde os 8 anos.”
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	• Varre as ruas, limpa as feiras, faz a recolha do papelão • Tem apoio de música, tem aulas de natação e vai à col�nia de férias	“Varrer as ruas...vou limpar as feiras...vou fazer limpeza à feira...vou tirar o papelão...fazer a recolha...” “De música...às vezes, � terça-feira...e � quinta, de manhã...e ter aulas de nata�o...aprender a nadar...ir para a col�nia de férias...”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Atividades de lazer preferidas	- Ajudar a família na fazenda e a limpar a casa - Ajudar as outras pessoas (as pessoas idosas e os sobrinhos) - Fazer musculação - Cultivar os jardins	“Ajudar o pai a trabalhar na fazenda...ajudar os meus pais...a fazer limpeza à casa...” “O que eu gosto de fazer é...ajudar os velhinhos a atravessar a estrada...de um lado ao outro...ajudar os meus sobrinhos...ajudar a carregá-los...lá em casa...aqui a mesma coisa...” “Fazer musculação.” “Cultivar os jardins.”
	Contacto prévio com contextos culturais	- Vai a Coimbra, ocasionalmente - Visitou as grutas de Mira de Aire, a Casa da Música, a Expo 98, o Estádio da Luz, o Zoo da Maia e uma fábrica de gelados - As visitas decorrem em contexto institucional (não vai com a família)	“Às vezes, vou a Coimbra...nas carrinhas...já fui às grutas de Mira de Aire...fui à Casa da Música do Porto...fui a Lisboa, à Expo...e fui ao estádio da Luz...e fomos no autocarro da Câmara...ver o estádio da Luz...o velho...e fomos ao Jardim Zoológico, àquele ao pé do Porto...fomos num comboio.” “Às vezes, com os meus colegas. Com a família, não. Ah, e fomos a Lisboa no comboio, entrar lá em Coimbra...a minha sobrinha e o XXX [referência a nome próprio], fomos lá num passeio, numa visita de estudo...a Lisboa, Santa Apolónia.” (...) “Ao McDonald’s. Fomos ver...passear...fomos ver o autocarro lá em Lisboa...e fomos à fábrica de gelados...”
Perceções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	Jesus estava deitado, morto, com um manto por baixo	“O senhor estava deitado...estava morto...o manto por baixo...”
	Como correu	Bem	“Correu bem”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que gostou mais	De tudo (salientou ter visto a igreja de Santa Cruz)	"Ver a igreja...Santa Cruz...[pausa prolongada] de tudo, gostei de tudo."
	O que não gostou	Nada a assinalar	"Nada!" [que tenha corrido mal]
	Interesse em participar noutras visitas	Quer participar em mais visitas culturais porque sente que é bom para si, que o faz feliz e sente que está entretido	"Sim!" [gostava de participar em mais visitas culturais] "É bom para mim." "Feliz!" [o que lhe faz] "Estive entretido."
	O que achou do espaço cultural	- Acha bem - Fez de José (na mimetização)	"Acho bem...de José..."
	Funções do espaço cultural	Para ver o túmulo de Jesus Cristo e Nossa Senhora	"Para...ver o túmulo de Nosso Senhor...Jesus Cristo e a mãe dele." "porque é bom. Jesus Cristo usava um manto..."
	Como se sentiu	Feliz e entretido	"Feliz!" "Estive entretido."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Não” [se sentiu alguma dificuldade]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Achou bem • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades • Percebeu tudo (explicações fáceis de entender)	“Achei bem.” “Bem.” [como o trataram] “Sim!” [se tiveram em conta se estava a perceber] “Eu percebi bem.” “Fácil!” [como explicaram os conteúdos]
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Igual” [se gostava que alguma coisa tivesse sido diferente]
Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	• Ouvir os sinos a tocar • Viram a tarola	“A gente ouviu os sinos a tocar...a gente viu a tarola a tocar...tipo caixa [pausa prolongada].”
	Como correu	• Bom	“Foi bom.”
	O que gostou mais	• Ver os pratos de ferrinhos	“Gostei...ver os pratos de ferrinhos.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que não gostou	Nada a assinalar	"Eu gostei de tudo!"
	Interesse em participar noutras visitas	• Quer participar mais vezes porque é giro e porque gosta. • Sente-se bem (fica contente e distraído) • Gosta de estar atento às pessoas	"Sim!"(...) "Porque sim...mais vezes." "Porque é giro...eu gosto!" "Sinto-me bem."(...) "Estar contente, distraído..." "Uma coisa que eu gosto de fazer é estar atento às pessoas..."
	O que achou do espaço cultural	• Bem • Ficou com vontade de lá ir (nunca foi)	"Achei bem." "Não." [nunca lá foi] "Fiquei com vontade de ir."
	Funções do espaço cultural	• É um sítio onde estão freiras	"o convento das freiras..."
	Como se sentiu	• Bem	"Senti-me bem."
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não" [se sentiu alguma dificuldade]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Bem • Tratou-o bem • Teve em conta as suas necessidades (precisa de ajuda para estar entretido e contente) • Explicou bem os conteúdos	“Achei...bem.” “Tratou-me bem!” “Sim.” [se teve em conta as suas necessidades] [o que precisa durante uma visita] “De ajuda...para estar contente, distraído...entretido.” “Explicou bem.”
	Sugestões de melhoria	• Gostava de fazer uma visita presencial ao Convento, no futuro	“Era um dia ir lá.”

Código do participante: DID-7

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	• 22 anos [de acordo com informação recolhida junto dos técnicos do CAO]	“[abanou a cabeça, a dizer que não]”
	Contexto familiar	• Vive com a mãe	“A minha mãe.”
	Tempo de frequência no CAO	• Um ano	“Um ano.”
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	• Trabalha na rua, a recolher o lixo • Também está nas salas do CAO	“Lá fora rua.” “Tirar lixos.” “A salas”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Atividades de lazer preferidas	Gosta de ir à piscina	"Gosto a piscina."
	Contacto prévio com contextos culturais	- Nunca tinha ido ao MNMC - Nunca foi em família a um espaço cultural (foi com a escola)	"Ali não" "Não." [se foi com a mãe a um espaço cultural] "é longe!" "Não" [se já tinha ido a um museu] "Já" [foi a espaços culturais quando andava na escola]
Perceções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	- Viu um homem, que era Jesus e estava morto - Também viu Maria, a mãe de Jesus	"Um homem." "Jesus." "Estava morto." "É o filho." "A Maria estava."
	Como correu	Gostou e achou fixe	"Sim." [se gostou] "Fixe"
	O que gostou mais		
	O que não gostou		

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Interesse em participar noutras visitas	Gostava de participar em mais visitas culturais	[E tu querias ir mais vezes aos museus?] “Posso.” [Se te chamarem, tu queres ir?] “Posso.”
	O que achou do espaço cultural	Lindo	“Lindo.”
	Funções do espaço cultural	Ter pedras	“é pedras”
	Como se sentiu	Bem	“É bem.”
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Não” [se achou alguma coisa difícil]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Eram lindas, mas estão longe - Percebeu o que elas disseram	“Eram lindas. Está longe.” “Foi bem.” “Sim” [se percebeu o que diziam]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	"[gesto de dúvida]"
Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	Os sons (dos pratos, do bombo e outros objetos)	"O som." "Pratos...o bombo...e mais..."
	Como correu	Bem	"É bem."
	O que gostou mais	De tudo	"Ver...todas"
	O que não gostou	Nada a assinalar	"..."
	Interesse em participar noutras visitas	Quer ir mais vezes com a instituição	"[pausa prologada] Posso." "A APP (...) meninos"
	O que achou do espaço cultural	Lindo	"É lindo."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Funções do espaço cultural	Nada a assinalar	"..."
	Como se sentiu	Bem	"É bem."
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não" [se sentiu alguma dificuldade]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Achou bem - Tratou-o bem - Explicaram bem os conteúdos	"É bem." "Bem." [como o tratou] "Sim." [se explicou bem as coisas]
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	"Não." [se mudava alguma coisa]

Código do participante: DID-8

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização do participante	Idade	36 anos	"Tenho 36."
	Contexto familiar	Vive com os irmãos (a mãe está num lar)	"Estou na minha casa sozinha. Vai lá uma senhora [serviço de apoio domiciliário] ajudar. Ajudar os meus irmãos. Os meus

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Tem apoio domiciliário	irmãos não sabem fazer nada. E eu ajudo. Depois, a senhora ajuda também. A minha mãe está no lar, lá para cima na serra. Passa Coja para cima.”
	Tempo de frequência no CAO	• Não sabe (andou na escola, mas terá saído por dificuldades de aprendizagem)	“Ai, agora não sei muito bem.” “Eu não sabia escrever ou quê...”
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	• Trabalha numa fábrica, mas agora em tempo de pandemia está numa sala do CAO	“Agora estou aqui estou na sala da Dr.ª XXX [referência a nome próprio].” “Eu vou a uma fábrica...na madeira.”
	Atividades de lazer preferidas	• Ver televisão, arrumar a casa, ir ao café e fazer caminhadas/passeios	“A ver a televisão.” “Arrumar a casa...passear...caminhar...” “Gosto...[de ir ao café] não posso ir agora...este vírus...”
	Contacto prévio com contextos culturais	• Já participou noutras visitas, em contexto de CAO • Participou numa caminhada em Coimbra	“[acenou afirmativamente] [se já participou em alguma visita cultural] “A doutora....a XXX [referência a nome próprio de uma profissional do CAO].” [com quem foi] “a gente fomos a Coimbra.” “Uma caminhada”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Percepções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	• As duas pessoas que a receberam • A pedra • Jesus deitado/morto, um pano, os anjos atrás, José • Na mimetização, segurou Nossa Senhora (referiu a posição de outros colegas) • Na mimetização, estavam tristes (a imitar as figuras da escultura) • Gostou de participar na mimetização	“Estava lá (...) duas mulheres...” (...) “A receber-nos.” “A pedra...o Jesus estava deitado...” (...) “O pano...” “Os anjos...atrás [pausa prolongada] era o José...era mão direita...era o lado esquerdo ou lado direito, não sei...” “O Jesus estava deitado. Estava morto.” “Eu estava a segurar a senhora. Era eu...era o XXX [referência a nome próprio]. (...) a Senhora estava ao meio...o outro estava ao lado...era o XXX [referência a nome próprio]. Do lado direito...Aí era o XXX [referência a nome próprio] a segurar também a Maria.” “A gente estava triste.” “ eu gostei.” [de participar na mimetização]
	Como correu	• Bem	“Bem”
	O que gostou mais	• Gostou de tudo	“É tudo”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Não, eu gostei tudo.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Interesse em participar noutras visitas	- Gostava de participar em mais visitas (gosta de ver os objetos do museu, que ainda não viu) - Gosta de ver Jesus e as outras figuras	“...sim” [se gostava de participar em mais visitas a museus] “Eu gosto...ver as coisas...museus...o túmulo...ainda não vi.” “Não.” [se já tinha visto] “Gosto de ver o Jesus...o túmulo...a Maria...José...o outro estava ao pé os pés...” “É ver.”[por que gostava de participar em visitas culturais]
	O que achou do espaço cultural	- Bonito - Entraram e foram à bilheteira, para depois verem o museu	“A gente fomos...entrámos...a gente fomos buscar os bilhetes... depois, a gente fomos ver o museu.” “Foi bonito”
	Funções do espaço cultural	Para ver	“a gente ver...”
	Como se sentiu	Bem	“Fiquei bem.”
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Não” [se sentiu algum tipo de dificuldade]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Bem - Trataram-na bem - Perguntavam se estava a perceber e esperavam pela sua resposta - Pediu ajuda a uma das profissionais do CAO, porque não estava a ouvir bem (qualidade da videochamada)	“Foi bem.” “Bem!” [como a trataram] “Ela estava a perguntar: tu está a perceber bem? E eu disse que sim.” “Uma era difícil...eu estava a falar com ela e ela não estava a perceber...”(...) “Depois disse à XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais da instituição de apoio]. Ela falou.”
	Sugestões de melhoria	Gostava de participar numa visita presencial (gosta mais)	“É lá no museu.”(...) “Eu gosto mais de ver o museu...do que na internet.”
Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	A água, as baterias a bater, o relógio da igreja, o barulho	“tinha água...tinha bater a baterias...vi o relógio da igreja” “Barulho”
	Como correu	Bem (gostou)	“Gostei.” “Correu bem.”
	O que gostou mais	De tudo	“Tudo”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Não” [se houve algo de que não tenha gostado]
	Interesse em participar noutras visitas	Gostava de participar em mais visitas, porque não costuma ir e ajuda a passar o tempo	“Sim.” [se gostava de participar em mais visitas] “...eu não fui...” “passa mais tempo...”
	O que achou do espaço cultural	- Grande - Nunca lá tinha ido	“Era grande.” “Não” [se já lá tinha ido]
	Funções do espaço cultural	Ter quadros para as pessoas verem	“É pôr...como é que chama? Quadros...” “Ir lá ver.”
	Como se sentiu	Bem	“Bem.”
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Não” [se sentiu alguma dificuldade]
	O que achou sobre os profissionais	- Falava bem (percebia o que dizia) - Estava atenta às suas necessidades	“Falava bem.” “Sim.” [se percebeu o que dizia] “Sim.” [se esteve atenta às suas necessidades] “Cantava bem.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	do espaço cultural	• Cantava bem	
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Estava tudo bem”

Código do participante: DID-9

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	• 46 anos	“[mostrou o cartão de cidadão, para mostrar o ano do seu nascimento: 1973]”
	Contexto familiar	• Vive com a irmã, o cunhado e a sobrinha	“Minha irmã...meu cunhado...minha sobrinha.”
	Tempo de frequência no CAO	• Esteve vários anos no CAO de São Silvestre antes de estar no de Arganil (mas não sabe há quantos anos está no CAO)	“Não sei” “Sim.” [esteve muitos anos no CAO de São Silvestre]
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	• Tira cafés, limpa a rua/a feira, recolhe o papelão • Faz natação, ginástica e fisioterapia	“Tiro café...limpo a rua...feira...o papelão...” “Tem piscina...ginástica...aquele coiso a XXX [referência a nome próprio] ...menina...outra XXX...tapete...ginástica...igual e ti.”
	Atividades de lazer preferidas	• Estar no computador a jogar • Não gosta muito de sair à rua (tem medo)	“[gesto] computador.”(...) “Jogo...e estou cansado apago...vou dormir.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			“Pouco. [se gosta de passear na rua] Há lá muito bêbado. É melhor ficar casa. Eu tenho medo.”
	Contacto prévio com contextos culturais	- Foi com a família ao Caramulo, a Piódão e a Mortágua - Viu o barco em Mortágua e as ovelhas de pedra no Caramulo	“Costumo...uma vez fui meu irmão...Viseu carro...ver o carro antigo...fui Caramulo... Caramulo está muito negro...ovelhas...ovelhas pedra...” “Piódão...” “Vi...Mortágua...o barco...”
Perceções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	A profissional do MNMC (amiga)	“A nossa amiga...eu não sei o nome a nossa amiga...”
	Como correu	- Bem - Estava bem-disposto	“Correu bem. Eu estava bem-disposto...”
	O que gostou mais	- Ver a imagem na parede - Gostou de tudo	“Parede...computador...” “Foi de tudo.”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Não” [se houve algo de que não tenha gostado]
	Interesse em participar noutras visitas	- Quer participar em mais visitas - É muito bonito	“Sim.”[se gostava de participar em mais visitas] “É muito bonito.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou do espaço cultural	Muito bonito	"É muito bonito."
	Funções do espaço cultural	Falar sobre a morte de Jesus	"Jesus Cristo...morreu."
	Como se sentiu	- Bem-disposto - Estava atento a ouvir, com a ajuda do guião de comunicação aumentativa	"...bem-disposto." "Não...eu estou ouvir." [se estava cansado, numa parte da visita em que esteve muito calado] "(...) eu estive a ver o papel, eu estive a ouvir..."
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não! Não. Correu tudo bem!"
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Descreveu a interação com as profissionais do MNMC (relatando algo que não aconteceu – piscar o olho) - Bonitas - Explicaram muito bem os conteúdos e percebeu o que disseram	"E a nossa amiga a gente ouviu...ela piscou-me o olho..." "Ela...brincar comigo...[risos] ela não me conhece não brinca...ela me conhece brinca!" "É bonita [risos]." "...muito bem!" [como explicaram os conteúdos] "Percebi." [o que disseram]
	Sugestões de melhoria	O espaço devia estar mais iluminado	"O sítio estava muito escuro...via-se muito bem. Tinha luzes...tinha muitas luzes..."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Percepções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	• Objetos a fazer sons: sino, tábua a tocar música, bateria, ferrinhos • Água (disse que era vinho)	“Sino...tem aquela coisa faz som...aquele tábua toca música...bateria...sino...já está...” “Água...[risos] eu disse ela: é vinho...é brincar, é brincar...ferrinhos...há muita coisa!”
	Como correu	• Bem	“Correu bem.”
	O que gostou mais	• De tudo (em especial, a bateria e o tambor igual ao professor de música)	“Eu gosto tudo.” “Sino...bateria...e tambor...caixa...igual ao professor.”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Eu gosto tudo.”
	Interesse em participar noutras visitas	• Quer participar em mais visitas com música (ajuda-o a ficar mais calmo)	“Yah. Música.” “Fico mais calmo...”
	O que achou do espaço cultural	• Muito bonito	“É muito bonito!”
	Funções do espaço cultural	• Ver cinema	“Para ver cinema.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Como se sentiu	• Calmo (estive a ouvir)	"Calmo. Estive a ouvir."
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não" [se sentiu alguma dificuldade na visita]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Cantou bem • Explicou bem os conteúdos • Tratou-o muito bem • Precisa que lhe expliquem os conteúdos com calma	"Cantou muito bem." "Pois!" [se falou bem] "Muito bem." [como o tratou] "Mais calmo." [explicou os conteúdos com calma] "Muito bem." [se explicou bem]
	Sugestões de melhoria	• Queria que a sala tivesse uma iluminação diferente	"A sala muito escuro...tipo cinema."

Código do participante: DID-10

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	• 32 anos	"32."
	Contexto familiar	• Vive com os pais	"A mãe...o pai."
	Tempo de frequência no CAO	• Não sabe há quantos anos frequenta o CAO	"[pausa prolongada] não sei..."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	- Faz atividades no computador - Tem apoio de música (toca instrumentos) - Participa nas tarefas de reciclagem (papelão)	“Os computadores...professor XXX [referência a nome próprio]”(…) “A tocar...instrumentos.” “Limpar feira...” “O papelão!...as caixas...as prensas...pumba!” “Cartão novo...reciclagem”
	Atividades de lazer preferidas	- Gosta de estar no computador, no Facebook - Gosta de música	“É o computador.”(…) “É Facebook.” “As músicas...”
	Contacto prévio com contextos culturais	Foi uma vez ao Museu do Pão	“Museu pão.”(…) “Aqui a APP.”(…) “Fui, uma vez.”
Perceções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	O Menino Jesus deitado	“...O Menino Jesus...” “deitado...”
	Como correu	Bem	“Bem.”
	O que gostou mais	Gostou muito (não refere o que gostou mais)	“[pausa prolongada] eu não sei.” “Gostei mesmo.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que não gostou	Nada a assinalar	"[gesto indicativo de que não sabia]"
	Interesse em participar noutras visitas	• Quer participar em mais visitas culturais	"Sim." [se gostava de participar em mais visitas culturais]
	O que achou do espaço cultural	• Engraçado	"Engraçado."
	Funções do espaço cultural	• Para ver obras de arte	"É ver." (...) "Obras arte."
	Como se sentiu		
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não sei."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Simpáticas • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades • Explicaram bem as coisas	“Simpáticas.” “Bem!” [como o trataram] “Sim.” [se tiveram em conta as suas necessidades] “Explicar bem.”
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Não sei.”
Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	• A chapa, os cães da feira, uma tigela, o chupa-chupa, um toque de telefone, os sinos a tocar	“...a chapa...os cãesinhos...os cães bebés...uma tigela...o chupa-chupa, assim...um toque telefone...tocar os sinos...e não sei.”
	Como correu	• Bem (gostou muito)	“Correu bem.” “Gostei mesmo!”
	O que gostou mais	• Tudo	“Não sei...é tudo.”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Não sei”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Interesse em participar noutras visitas	• Quer ir ver a casa da Amália, em Lisboa (e ver a cama onde ela dormia)	“...a casa Amália, a Lisboa!” “É ver a cama a Amália.”
	O que achou do espaço cultural	• Bem • Nunca lá foi	“Correu bem.” “Não” [se já tinha ido ao Convento]
	Funções do espaço cultural	Nada a assinalar	“...eu não sei.”
	Como se sentiu	• Bem	“Sim, bem.”
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Fácil!”
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Bem • Canta bem • Tratou-o bem • Teve em conta as suas necessidades • Percebeu o que disse • Mostrou os objetos para eles verem (uma tarola)	“Correu bem.” “Canta bem.” “Só bem.” [como o tratou] “Sim.” [teve em conta as suas necessidades] “É ver as coisas.” “Uma caixa, uma tarola a tocar.” “Sim.” [se percebeu o que disse]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	"..."

Código do participante: DID-11

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	31 anos	"Não sei...não sei..." [31 anos, segundo informação recolhida juntos dos técnicos do CAO]
	Contexto familiar	Vive com os pais (o irmão vive com a namorada)	"Com a mãe, com o pai (...) o mano já está Coja com a namorada dele."
	Tempo de frequência no CAO	Não sabe há quantos anos está no CAO, mas sabe que está na instituição desde criança	"entrei pequenita."
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	- Vai para a feira apanhar o lixo; faz limpeza em casa; faz a recolha do papelão - Agora, em tempo de pandemia, cose botões, faz atividades no computador (jogos, música, pintura) - Tem apoio de terapia da fala	"Vou para a feira." (...) "Apanhar o lixo. Temos casas...varrer...limpo o pó, varro as garagens, (...) estou no papelão..." "Agora não por causa do vírus....tiro papelão...e agora estou sala XXX [referência a nome próprio] coso os botões...levo computador, faz uns jogos, estou na música...às vezes, estou a pintar...fazer pinturas...estou com a XXX [referência a nome próprio] na terapia."
	Atividades de lazer preferidas	Ouvir música e estar no computador a fazer puzzles	"Gosto ouvir música...o computador...gosto ver puzzles no computador..."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Contacto prévio com contextos culturais	- Foi ao Jardim Zoológico de Montemor - Nunca foi ao MNMC - Vai à biblioteca, em contexto institucional - Foi ao Museu do Pão - Gosta de ver exposições	“(...)fui a Montemor ver os animais, lá a Montemor, ver os animais, macacos e isso tudo.” “Não, nunca lá fui.” [visitar exposições] DID-11: “(...) às vezes fomos à biblioteca...ver o computador. [com o CAO]” “Gostava muito ver...gosto ver exposições, gosto de ver isso tudo...” “Ao Museu do Pão.” [onde gostava de ir] “Acho fui. Já não me lembro...”
Perceções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	- Jesus, Maria Madalena, Maria, José e os amigos de Jesus - Jesus estava deitado, morto - Imitou Jesus na mimetização (fechou os olhos e tirou as socas, porque Jesus estava descalço)	“Do Jesus, da Maria Madalena, do pai do Jesus e a Maria. Era amigos.” [Jesus] “Estava deitado...” “Estava morto. Morreu...e depois fui eu.” “Eu estava deitada...tinha as socas calçadas...e depois ela tirou e depois fechou os olhos e depois pediram-nos...” “Porque Jesus estava descalço.” [por que tirou as socas]
	Como correu	Bem	“Correu bem.”
	O que gostou mais	- De Maria Madalena, Maria e dos amigos - Das profissionais do MNMC (a interação com elas)	“Gostei da Madalena, da Maria, dos amigos...e da XXX e da XXX [referência aos nomes próprios das profissionais do MNMC.]” “Elas a falar connosco.” [a parte que gostou mais]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que não gostou	Nada a assinalar	"Eu gostei de tudo!"
	Interesse em participar noutras visitas	Gostava de participar em mais visitas (presenciais)	"Sim" [se gostava de participar em mais visitas] "Porque eu gosto ver ao pé."
	O que achou do espaço cultural	Bom, fixe	"Foi bom!...foi fixe."
	Funções do espaço cultural	Para ver as peças (também relacionadas com Jesus)	"Museus é...para ver aquelas coisas...Jesus"
	Como se sentiu	Bem	"Estava bom. Correu bem."
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não" [se sentiu alguma dificuldade]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Fixes (queria saber de onde eram) • Trataram-na bem • Explicaram muito bem os conteúdos	“Foi fixe. É de lá, de Coimbra? Fixe, gostei.” “Trataram bem.” “Eu estava a gostar” “Percebi bem. Explicaram muito bem!”
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Não, está bom”
Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	• Convento das freiras • Viu algo que parecia água, uma campainha, tambores, uma corda que parecia uma cobra, uma antiga ifreja • Percorreu várias salas	“...Convento das freiras, não sei...” “Vi aquilo parece água (...) e o outro parece uma campainha...e depois os tambores...e outro lado fomos outra sala...vimos a corda parece uma cobra...e depois fomos outro lado mostrar as coisas parece água também...a igreja de lá dentro...agora não é igreja (...) Estava escuro não vimos nadinha.”
	Como correu	• Bem	“Correu bem.”
	O que gostou mais	• Da água, campainha, tambor e vaso • Da tarola (parecia uma banda)	“Da água, campainha, tambor, um vaso...” “Parece uma tarola...parece uma banda.”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Eu gostei tudo.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Interesse em participar noutras visitas	Gostava de participar em mais visitas para conhecer melhor o Convento e para ver as suas exposições	“Sim.” [se gostava de participar em mais visitas] “Para conhecer o convento das freiras...e ver aquelas coisas...exposições...coisas da parede...e mais quadros também da parede...”
	O que achou do espaço cultural	- Bom, porreiro - Gostou	“Foi bom, gostei.” “É porreiro!”
	Funções do espaço cultural	Para ter exposições	“Serve para pôr exposições nas paredes.”
	Como se sentiu	Sentiu que foi bom	“Foi bom.”
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Não” [se sentiu alguma dificuldade]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Fixe - Boa pessoa - Explicou bem os conteúdos - Teve em conta as suas necessidades	“Foi fixe!” “Porque é boa pessoa.”(...) “Porque ouvi ela a falar.”(...) “Explicar as coisas.” “Sim.” [se teve em conta as suas necessidades, durante a visita]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	"Não sei"

Código do participante: DID-12

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	58 anos	"22 do 5 de 62." [data de nascimento]
	Contexto familiar	Vive com um primo	"Com o meu primo."
	Tempo de frequência no CAO	- Há 10 anos - Viveu em Lisboa, anteriormente	"Andei em Lisboa." "Há dez."
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	Toca bateria, está no grupo de teatro, faz pesquisas (não trabalha no exterior do CAO)	"Faço tudo." "Toco bateria..." "Sou... [do grupo de teatro]. Já não há teatro, parece, ou ainda há?" "Faço pesquisa..." "Não." [se faz atividades no exterior]
	Atividades de lazer preferidas	Fazer pesquisas, ler e de museus	"Gosto de fazer pesquisas, ler..."(...) "Qualquer livro." "Gosto de museus."
	Contacto prévio com contextos culturais	- Costuma visitar museus - Visitou, há muitos anos, o Museu Militar, o Aquário	"Costumo." [visitar museus] "Antigamente, em Lisboa, fui muitas vezes visitar...o Museu Militar (...) o Aquário Vasco da Gama...e fui muitas vezes, nos anos sessenta, ao Jardim Zoológico! Havia uma coisa no Jardim Zoológico que agora já não há, mas nesse tempo havia, que

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Vasco da Gama, o Jardim Zoológico Gostava de ir mais vezes aos espaços culturais	era uma coisa...do trânsito!...era com carros, mas era semáforos...e tinha um homem a explicar...agora já não há!” “No Aquário Vasco da Gama? Ia com o meu pai...” I: Então, e gostavas de ir mais vezes aos espaços culturais...aos museus e assim? DID-12: “Sim.” [gostava de ir mais vezes aos espaços culturais]
Perceções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	- Já tinha ouvido falar do MNMC na televisão (Praça da Alegria) – sabia que era um museu com exposições de pintura e escultura - Queria que a visita fosse presencial - Conseguiu perceber o conteúdo da visita - Era uma exposição sobre a morte de Jesus (Jesus no túmulo, com os amigos: Maria, José, Nicodemos, João Evangelista e Maria Madalena)	“Eu já tinha ouvido falar no Museu Machado de Castro, na Praça da Alegria... Disseram que era um museu que tinha várias exposições...pintura e escultura e...” “Era melhor...se não houvesse o corona, era melhor a visita ao natural...” “Percebi...deu para perceber.” “A exposição...a morte de Jesus...” “Era um funeral...”(...) “De Jesus...no túmulo.” “havia os amigos de Jesus...a Maria...a mãe de Jesus...o José...e o...Nicodemos...e o João Evangelista...e a Maria Madalena...”
	Como correu	Bem	“Correu bem”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que gostou mais	• Tudo	"gostei de tudo..."
	O que não gostou		
	Interesse em participar noutras visitas	• Quer ir mais vezes aos espaços culturais • Tem direito a ir (é um direito de todos)	"Sim" (...) "É melhor" "Tenho direito! É para todos."
	O que achou do espaço cultural	• Bem, interessante	"Achei bem...achei interessante."
	Funções do espaço cultural	• Para a cultura das pessoas (da sua terra)	"...Para a nossa cultura." "[a cultura] É (...) a história da nossa terra!"
	Como se sentiu	• Bem	"Senti-me bem."
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não" [se teve alguma dificuldade durante a visita]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Bem • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades (mas não as identificou) • Explicaram por palavras e outras ferramentas (papel, fotografias, pedras), o que o ajudou a saber mais	“Achei bem.” “Trataram bem.” “Sim, sim.” [se tiveram em conta as suas necessidades] “Não precisava de nada!” “foi...por palavras.” [como transmitiram a informação] “Foi o papel, as fotografias. E a pedra! As pedras.” [o que usaram além das palavras] “A evoluir mais.” [para que serviram esses materiais]
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Não” [se gostava de mudar alguma coisa]
Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	• A robótica/eletrónica • Batimentos • Sons	“Dos batimentos...da robótica!” “Eletrónica!” “Para ouvir.”
	Como correu	• Bem	“Correu bem”
	O que gostou mais	• Da robótica e da parte que tinha uma espécie de escadas	“da robótica” “[gesto de escadas]”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que não gostou	Nada a assinalar	"gostei de tudo."
	Interesse em participar noutras visitas	• Quer participar em mais visitas, para ficar a saber mais sobre a cultura portuguesa	"Sim" [se gostava de participar em mais visitas] "...para saber cultura." "para conhecer melhor a cultura portuguesa."
	O que achou do espaço cultural	• Bem, bonito	"Foi bem. Bonito."
	Funções do espaço cultural	• Para ter exposições	"Para exposições."
	Como se sentiu	• Bem, confortável	"Senti-me bem. Confortável."
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não" [se teve alguma dificuldade, durante a visita]
	O que achou sobre os profissionais	• Foi simpática, falou bem • Tratou com muito nível • Explicou os conteúdos de uma forma amável	"Bem...foi simpática. Tratou bem, alto nível. Falou bem." "Explicou amavelmente."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	do espaço cultural		
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Não” [se mudava alguma coisa]

Código do participante: DID-13

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	• 35 anos	“35. Fiz agora.”
	Contexto familiar	• Vive na Residência Autónoma da APPACDM de Coimbra • Esteve, desde criança, numa instituição. Voltou, aos 18 anos, para a casa da família, mas depois entrou no lar. • Mantém contacto com o irmão e com um monitor da instituição anterior	“estou no lar, lá com os colegas, com os coordenadores.” “Sim” [se está na Residência Autónoma] “Estava [numa instituição]. Sim, desde pequeno. Estive lá até aos 18, depois tinha que sair ou para uma família de acolhimento ou tinha que ir para uma instituição. Ainda fui para casa da minha mãe, mas as coisas não correram bem...o meu padrasto conseguiu falar com a XXX [referência a nome próprio] e eu entrei para o lar.” “a minha mãe vivia em Quiaios e ainda está...com o meu padrasto...estou em contacto com o meu irmão...mas com a minha mãe não tenho muito contacto com ela. Tenho é depois os pais do XXX [referência a nome próprio], que é como se fossem meus pais...que são pais de um monitor meu do Loreto. Vêm cá nos meus anos...no Natal...na Páscoa. Vêm-me

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			trazer as prenditas...não me são nada, mas eu trato-os como pais.”
	Tempo de frequência no CAO	• Não sabe há quantos anos está no CAO (antes, frequentou a Formação Profissional)	“Não te sei dizer.” [há quantos anos está no CAO] “Eu entrei para o lar...antes de entrar para o lar, ainda estive a trabalhar na formação...”
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	• Trabalha nas Oficinas • Joga futebol, faz natação, treino de remo e karaté	“Trabalho nas oficinas, na área lá atrás com o XXX [referência a nome próprio]...” “Futebol...também, às vezes, faço piscina...tenho treinado na máquina do remo...Agora, nesta altura, tenho treinado assim...também ainda, como está a decorrer as coisas em Tribunal, ainda não posso continuar no karaté...porque eu estou no karaté, sou cinto preto, graduado.”
	Atividades de lazer preferidas	• Jogar futebol, participar em provas de natação, fazer karaté, estar no computador e ouvir música	“E gosto de jogar futebol, quando vou com o professor...fazer as provas da piscina...” “eu estou no karaté, sou cinto preto, graduado.” “No lar, estou no computador um bocado, ouvir música”
	Contacto prévio com contextos culturais	• Conheceu, há uns anos, alguns locais de Coimbra • Frequentava espaços culturais com a instituição anterior • Gosta de visitar estes espaços • Visitou um moinho antigo (filmou e guardou no computador)	“Lá em Coimbra agora, não conheço muitos, porque aquilo está tudo mudado. Na altura em que eu estive, ainda conheci lá alguns sítios, mas agora está tudo mudado.” “Sim, ia.” [a espaços culturais, quando estava noutra instituição] “gosto de ver coisas, gosto de pesquisar.” “Uma vez fui visitar, mas foi um moinho. Um moinho antigo, que era aquele coiso feito...farinha...tem uma pedra que anda ao lado...depois, tem uma charrua...eu fui visitar e tive a coisa

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			de filmar...eu tenho isso guardado no meu computador...tive a coisa de filmar o moinho por dentro a trabalhar.”
Perceções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	• A estátua de Nossa Senhora com o bebé ao colo, os anjos, os pombos	“Foi aquela estátua...tinha...a santa de Fátima...tinha o bebé ao colo...depois, tinha os anjos...depois tinha os pombos...decorei essa estátua.”
	Como correu	• Bem (foi boa)	“Boa. Correu bem.”
	O que gostou mais	• Do espaço • De saber que é grande • Quer ir visitar quando tiver oportunidade	“Do espaço...saber que aquilo é grande...Quando tiver oportunidade, a ver se vou lá visitar aquilo...mas gostei.”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“gostei de tudo”
	Interesse em participar noutras visitas	• Quer ir visitar quando tiver oportunidade • Gostou do espaço, de ver o que lá existe e de pesquisar	“Quando tiver oportunidade, a ver se vou lá visitar aquilo” “Gostei do espaço, gosto de ver as coisas, gosto de pesquisar.”
	O que achou do espaço cultural	• Bonito	“Bonito”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Funções do espaço cultural	Ter lá objetos antigos para as pessoas verem	"o museu é para meter coisas antigas para as pessoas verem"
	Como se sentiu	Bem, tranquilo	"Bem...tranquilo..."
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não" [se sentiu alguma dificuldade]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Simpáticas, boas pessoas - Trataram-no bem - Tiveram em conta as suas necessidades, pois repetiam a informação a pedido - Transmitiram bem a informação	"Umas joias de pessoas...simpáticas..." "Bem." [como o trataram] "Sim." [se tiveram em conta as suas necessidades] "estavam sempre a repetir as coisas quando a gente pedia..." "Bem!" [como transmitiram a informação]
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	"Não" [se gostava que algo tivesse sido diferente]
Percepções sobre a visita ao Convento	O que recorda	Os sons, vários objetos/materiais a tocar (gostou de ouvir e identificou na exposição)	"Os sons. Várias coisas...estavam a tocar, eu gosto de ouvir...e vários materiais, que alguns a gente trabalha com eles..." "Aquele coiso dos vidros, depois foi aquelas bolas que eu também sei o que é que é...várias coisas que eu gostei."

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		alguns materiais que usa no seu trabalho)	
	Como correu	Bem (gostou e aprendeu coisas que não sabia)	“Correu bem” “Gostei, aprendi outras coisas...”
	O que gostou mais	- De tudo - A parte mais interessante foi o equipamento que tinha luzes e sons dentro das caixas (estava bem feito e ele gostou dos sons e das luzes)	“De tudo.” [a parte mais interessante] “Foi aquela das luzes. Tinha os sons lá dentro nas caixas.”(...) “Porque gosto de ouvir os sons e gosto de ver as luzes e aquilo estava bem feito, eu gostei.”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Não” [se não gostou de algo]
	Interesse em participar noutras visitas	Quer participar em mais visitas porque gosta de ouvir os sons, ver coisas diferentes e aprender mais a partir daí	“Sim!” [gostava de participar em mais visitas](...) “Porque gosto de ouvir os sons, gosto de ver mais coisas e aprender mais.”
	O que achou do espaço cultural	- Muito bem feito/criado - Muito bonito - Nunca lá tinha ido	“Está muito bem feito, muito bem criado...muito bonito. Gostei!” “Ainda não.” [se já lá tinha ido] “Quero!” [se quer lá ir no fim da pandemia]

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Quer lá ir	
	Funções do espaço cultural	• Para as pessoas visitarem e aprenderem coisas novas, com os artistas que criam os objetos/as músicas (aprender no contacto com outras pessoas)	“Para as pessoas visitarem e aprenderem mais...com os grupos também, que criam as músicas e os objetos...e aprender mais com outras pessoas.”
	Como se sentiu	• Bem	“Senti-me bem.”
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Não!” [se sentiu alguma dificuldade]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Muito simpáticas, a repetirem a informação quando necessário • Trataram-no muito bem • Tiveram em conta as suas necessidades (mostraram os objetos e repetiam a informação quando não percebiam o que era dito)	“Muito simpáticas.” “A repetirem as coisas...” “Muito bem.” [como o trataram] “Sim.” [se tiveram em conta as suas necessidades] (...) “A mostrar as coisas e o que a gente não percebia eles repetiam outra vez.” “Explicaram os objetos, o que é que era...eu gostei.”(...) “Para a gente aprender mais e saber mais coisas.”

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Explicaram os objetos e de que eram feitos, para que os participantes pudessem aprender/saber mais	
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Não” [se gostava de mudar alguma coisa]

Código do participante: DID-14

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	• 40 anos	“40 aninhos...tenho 40, vou fazer os 41 este ano.”
	Contexto familiar	• Vive no lar da Tocha	“quando a minha mãe teve o acidente...quando estavam-me a querer dar alta, eu disse: por favor, a minha mãe não tem condições para tratar da medicação e para me tratar em condições...eles aí foram falar com a assistente social da Casa Branca e mandaram-me para aqui...para a Tocha.”
	Tempo de frequência no CAO	• Está no Centro da Tocha há 22 anos • Frequenta a APPACDM de Coimbra desde os 7 anos • Anteriormente, frequentou o ensino regular e a Formação Profissional	“Eu estou na Tocha há 22 anos.” “Desde os 7 anos que eu estou na instituição...mas, antes de vir para a instituição, eu...meteram-me numa escola normal...e, na escola normal. Eu não estava a conseguir aprender. E estava a ter uma psicóloga...e uma assistente social também na escola...(...) Depois, daí, eles resolveram com a minha mãe e...puseram-me na APP...Fui para Coimbra, para o Centro nº1...estive aí uns anos...depois, fomos para a Rua Gomes Freire...depois, acabei a escola...até ao sexto ano...o

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			sexto ano já foi na Casa Branca...comecei a tirar um curso de barman...também estava a tirar um curso de escolaridade de 6º ano, de adulto...e depois acabou. Eu depois, passado um tempo, entrei na formação.”
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	• Está na área de serralharia (solda, corta, rebarba) • É DJ no Hotel da Quinta da Fonte Quente • Faz parte do grupo de teatro • Pertence à Assembleia da instituição, em representação dos clientes	“Agora, estou na área de serralharia...e estou a aprender algumas coisas...não sabia soldar (...) cortar também eu já sei...rebarbar, agora estou-me a aplicar...poque há muitos serviços que é preciso saber mesmo rebarbar (...) agora o meu monitor viu que eu me ajeitava a rebarbar...e pediu-me para eu rebarbar agora umas peças para um colega meu...” “Quando não há coronavírus, eu sou DJ ali no Hotel da Quinta da Fonte Quente...faço discoteca para grupos...eu não tenho curso para discotecas...DJ’s...mas o tempo que eu já tenho em prática ninguém me bate! Porque eu sei trabalhar com os grupos! Nós temos que saber se o grupo gosta ou não. (...) E ando também no teatro da APP...e também pertenço à Assembleia há cinco anos...A presidente convidou-me!...a ingressar na Assembleia...como era uma coisa de responsabilidade, eu tive a hesitação...mas como era também uma coisa de ver os direitos e os deveres que nós temos...eu também achei bem de estar alguém na Direção...para os clientes estarem representados...para saber o que se passa com o dinheiro e o funcionamento e essas coisas...Eu estou satisfeito e gosto de cá estar.”
	Atividades de lazer preferidas	• Gosta de animais (tem uma gata e um cão)	“Não sou muito amante de ler...Gosto de animais...eu tenho dois...tenho uma gata...e tenho um cão...que tem 12 anos...já um cão grande e bem grande...eu também tenho ferramentas

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Gosta de trabalhar com ferramentas	particulares...fui comprando...eu sei mexer mais ou menos em quase tudo..."
	Contacto prévio com contextos culturais	- Pouco contacto (por falta de tempo e de dinheiro – acha que os bilhetes de entrada costumam ser caros) - Conhece o Museu de Conímbriga, o MNMC, o Jardim Zoológico	"Raramente visito...porque, às vezes, ou não tenho tempo ou não tenho possibilidade de pagar os bilhetes...também são um bocado caros...porque eu agora recebo uma pensão...uma pensão de invalidez" "Conheço o de Condeixa, Conímbriga...conheço o Machado Castro...porque mais ou menos já lá tinha ido aos anos, também...e poucas coisas...o Jardim Zoológico conheço porque houve um ano a instituição fez uma visita para nós irmos visitar o Jardim Zoológico...e nós fomos...eu fui com todo o gosto."
Perceções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	- A entrada é espetacular, muito bonita, com uma arquitetura antiga e também com partes mais modernas - Descobriu/aprendeu coisas novas e sentiu-se cativado	"lembro-me da entrada...A entrada é espetacular! É uma entrada muito bonita...onde tem arquiteturas antigas...e não só...e algumas modernas agora...e as coisas que lá estavam acho que ainda cativaram mais...Houve lá coisas que eu digo mesmo que não sabia"
	Como correu	- Apesar dos problemas na internet, correu lindamente - Ainda teria sido melhor se pudesse ser presencial	"Eu penso...por mim, correu lindamente...com algumas interferências da net...Se fosse pessoalmente, eu e os meus colegas tínhamos que sentir na mão as coisas...ver ao vivo é diferente."

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que gostou mais	- De saber os materiais das esculturas (pedra de Ançã) – aprender algo diferente - As pessoas que orientaram a visita (têm amor pelo que fazem)	“gostei de saber...como eram feitas certas figuras...eu sabia que eram de pedra, mas não sabia que eram daquela pedra...de Ançã. Eu, por acaso, não sabia dessa parte...eu fiquei a saber uma coisa diferente.” “as pessoas que estavam a fazer a visita...estavam lindamente...porreiras, eu acho. Eu acho que as pessoas têm amor...não é amor ao dinheiro, é amor à camisola.”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Não, por acaso não.” [se houve algo de que não tenha gostado]
	Interesse em participar noutras visitas	- Quer participar em mais visitas - É necessário melhorar a acessibilidade dos espaços culturais	“Por acaso, gostava!...e que as pessoas com deficiência também tivessem acessos melhores...para que as pessoas com deficiência entrassem nos museus...essa parte, eu acho que precisam ainda de trabalhar!”
	O que achou do espaço cultural	É uma forma de representar a história de Portugal e o que já foi descoberto no mundo (ainda há muito a descobrir)	“É a nossa história de Portugal, é como se diz...é para representar a nossa história, como nós viemos ao mundo...e para representar os achados...que existe ainda no mundo todo...porque há muita coisa que ainda não foi descoberta!”
	Funções do espaço cultural	Para mostrar os objetos às pessoas (portuguesas e estrangeiras)	“Para mostrar as coisas aos turistas e não só...e às pessoas portuguesas.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Como se sentiu	Bem (gostou)	"Senti-me bem. Gostei!"
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Por acaso, não." [se tinha sentido alguma dificuldade durante a visita]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Estiveram muito bem (lindamente), muito simpáticas, porreiras, acolhedoras e meigas - Trataram-no bem (foram atenciosas e explicaram os conteúdos com calma) - Tiveram em conta as suas necessidades (quando não percebia ou sabia algo) - Explicaram os conteúdos através de palavras, de desenhos e de amostras	"as pessoas que estavam a fazer a visita...estavam lindamente...porreiras, eu acho. Eu acho que as pessoas têm amor...não é amor ao dinheiro, é amor à camisola." "Achei-as muito simpáticas, muito acolhedoras...e meigas!" "Bem!" [como o trataram](...) "Serem atenciosas...e explicar as coisas calmamente...há pessoas que não fazem a calma para as pessoas..." "Tiveram em conta as minhas necessidades...porque podia não perceber ou podia não saber, mas...por acaso..." "[transmitiram a informação] Pelas palavras...e por alguns desenhos que elas tinham e algumas amostras...de coisas que elas tinham no museu."
	Sugestões de melhoria	Queria que a visita fosse presencial (ia recordar mais e ser mais cativante)	"Era ir ver mesmo ao terreno...porque acho que...era mais cativante...ainda ficava mais cativante...ficava na memória de toda a gente."

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Percepções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	• Esteve numa sala com vários instrumentos, que aproveitavam diferentes materiais (ferro, corda, outros materiais para fazer as ligações/eletricidade) • Ficou com ideias para aproveitar materiais no seu trabalho de serralharia	“Há algumas coisas...nós estivemos na sala onde estavam vários instrumentos...mas com aproveitamento de vários materiais...ferro e pode ser corda ou outras coisitas que possa fazer as ligações...porque não é só as ligações...também mexe um bocado com a eletricidade...por acaso, não mostravam, mas eu topei. (...) também nós temos que ver que dá para várias coisas. Mas, por acaso, tem muita coisa boa...e muito material que um gajo não sabe às vezes o que há de fazer e pode-se aproveitar para várias...”
	Como correu	• Muito bem (melhor do que pensava, porque não foi maçador)	“Eu acho que correu muito bem! Até correu melhor do que eu pensava!” (...) “Pensava que a visita hoje fosse um bocadinho mais maçadora” (...) “por acaso não foi maçadora nem nada...”
	O que gostou mais	• De tudo	“Gostei de tudo, mesmo.”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“eu por acaso gostei de tudo. Está tudo bem.”
	Interesse em participar noutras visitas	• Gostava de participar em mais visitas porque há muitas coisas que não conhece • Quer evoluir mais e saber mais sobre os materiais usados	“gostava. Há muitas coisas que eu ainda não tenho muito conhecimento” “Evoluir mais para poder ter mais noção do que é que se trabalha em material. E houve uma coisa numa madeira que eu não...foi aquela que tinha o rasgo, aquela madeira...”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou do espaço cultural	Muito grande (podia ser melhor aproveitado/mais dividido)	“Achei muito grande! Achei que o podiam aproveitar muito melhor ainda!” “o Convento ser, pronto...está bem que ele é muito grande, mas tentar dividi-lo um bocado mais para ter mais coisas, no espaço grande deles...”
	Funções do espaço cultural	- Mostrar objetos antigos - Fazer espetáculos - Angariar fundos	“para mostrar as coisas antigas...e não só, também para fazer alguns espetáculos...porque é assim: o Convento não é só uma coisa que é antiga...aquilo também tem que ter mão de obra! E as exposições também são para tentar angariar fundos. Porque há alguns que tem que se pagar...”
	Como se sentiu	Muito bem	“Senti-me muito bem.”
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Por acaso, não!” [se sentiu alguma dificuldade]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Muito simpática, acolhedora - Gostou de a ouvir cantar - Tratou-o como uma pessoa sem deficiência - Superou as suas necessidades (respondia às suas questões)	“Achei muito simpática, muito acolhedora...ela recebeu-nos muito bem...e acho que ela...pelo final que ela deu...” (...) “Da cantiga...eu acho que ela tem ali a voz...ela podia ser uma boa cantora...” “Tratou-me como uma pessoa normal! Ela não me excluiu nem nada! Ela tratou-me como se eu fosse uma pessoa completamente normal.” “Ela foi superior às minhas necessidades! Ela ultrapassou...porque houve coisas que eu dizia-lhe e ela já estava a responder!”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Transmitiu as informações com calma, falou devagar (tem que se falar com cuidado e com calma para que se perceba)	“Transmitiu-me [as informações] com calma. E falou devagar! Há pessoas que falam as coisas, mas à pressa. Numa visita, para explicar as coisas a um turista, tem que ser falado devagarinho e com cuidado para a pessoa perceber o que é que está a ver. Ela fez muito bem e há que agradecer.”
	Sugestões de melhoria	Queria uma visita presencial	“Era irmos pessoalmente!”

Código do participante: DID-15

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	29 anos	“29 anos.”
	Contexto familiar	Vive com os pais e a irmã	“Com a minha mãe, com o meu pai e com a minha irmã.”
	Tempo de frequência no CAO	- Não se lembra há quantos anos está no CAO - Andou na escola e fez cursos de Formação Profissional (cozinha, jardinagem, carpintaria)	“Ui, já perdi a conta!” “Andei [na escola], em Cantanhede.” (...) “Até ao nono. Depois, vim para o curso...de cozinha, de jardinagem...e carpintaria...e fui trabalhar lá para fora...” “Voltei para o CAO. Agora estou a trabalhar lá em baixo.”
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	- Planta morangos, amendoins e amêndoa - Trata dos animais - Faz ginástica, joga futebol, faz remo	“A plantar morangos...Nesta altura, era para ser amendoim, mas foi tudo com as ervas...e ficámos sem nada...e fazemos amendoim torrado, amêndoa torrada...pois, agora não há nada.” “Tratar dos animais...ao pé do galinheiro....e temos aqui ginástica e temos aqui tudo. Às vezes, vamos jogar futebol lá

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Participa em provas desportivas no exterior	para fora...tivemos também remo...ainda antes disto acontecer, tínhamos provas...íamos para Cantanhede...íamos muito lado..."
	Atividades de lazer preferidas	Andar de bicicleta	"Oh, andar bicicleta."
	Contacto prévio com contextos culturais	- Não costuma visitar espaços culturais - Conhece alguns locais de Coimbra (Parque Verde e Rua da Sofia) - Gostava de ir visitar o MNMC	"Não." [se costuma visitar espaços culturais] "Conheço melhor Coimbra...conheço Parque Verde...conheço Rua da Sofia..." "Uma coisa que eu gostava de ir ver...e tem que ser todos...era aquele museu que a gente vimos aqui. A outra coisa que eu também gostava de visitar...não era o Portugal dos Pequenitos, é outro...também é um museu também em Coimbra." "Gostava de ver e ir lá visitar."
Perceções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	- Estátuas de pedra, com Nossa Senhora de Fátima sentada com o filho ao colo, uma taça de pão na mão e anjos com instrumentos musicais (flauta, violino) e um cálice - Uma imagem de um hotel, onde morada Nossa Senhora de Fátima	"Lembro...ver...o museu...estátuas pedras...lembro ver Nossa Senhora de Fátima sentada...e ter o filho ao colo...ver ela com uma taça de pão na mão...e anjinhos ao lado dela... um com a flauta, outro com violino e...vi outro com...com o cálice...vi também as outras coisas...vi também tipo o hotel."(...) "Era lá que morava o pessoal...Nossa Senhora de Fátima."

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Como correu	Bem	"Correu bem!"
	O que gostou mais	Tudo	"Gostei de tudo."
	O que não gostou	Nada a assinalar	"Não." [se houve algo de que não tenha gostado]
	Interesse em participar noutras visitas	Gostava de visitar mais espaços culturais	"Sim, gostava." [se gostava de participar noutras visitas] "Eu gostava de visitar as outras coisas melhores."
	O que achou do espaço cultural	Bem	"Bem!"
	Funções do espaço cultural	Para visitar e fazer perguntas a quem está a mediar a visita	"Para as pessoas ir visitar e...fazer as perguntas ao pessoal que está a visitar...a fazer de guia."
	Como se sentiu	Bem	"Bem!"

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Não.” [se sentiu alguma dificuldade durante a visita]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Bem • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades, explicando melhor quando necessário (falar com calma)	“Achei bem.” “Bem.” [como o trataram] “Sim.” [tiveram em conta as suas necessidades] “Explicar (...) as coisas melhor.” [quais as suas necessidades] “Falar com calma com as pessoas.” [como percebe melhor]
	Sugestões de melhoria	• Queria visitar, presencialmente, todo o museu (ir lá várias vezes para visitar tudo)	“Gostava que a gente tivesse lá todos e fizéssemos a visita àquilo tudo. Visitar de uma ponta à outra!” “Ir lá muitas vezes. Por exemplo, começava de um lado...e ir lá outra vez e ver do outro lado...”
Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	• Foi fixe, gostava de visitar • Viu objetos antigos (para cortar, tábuas, vaso) • Fazia música (tinha botões para tocar e fazer som)	“Era uma visita a...coisas mais antigas, tipo...coisas cortar tábuas...e outras coisas...um vaso plantar as flores...” (...) “[fazia]...música. Há uns sítios que a gente podia tocar num lado e fazer som ao mesmo tempo. Fazia som de um lado, fazia som de outro...”
	Como correu	• Bem	“Bem”
	O que gostou mais	• De ouvir os sons	“Foi ouvir os sons.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que não gostou	Nada a assinalar	"gostei de tudo."
	Interesse em participar noutras visitas	Gostava de participar em mais visitas e de conhecer espaços culturais novos	"Gostava." [de participar em mais visitas deste género](...) "Gostava conhecer os outros casos...gostava de ir visitar outros museus." "Exatamente!" [se o que queria era conhecer coisas novas]
	O que achou do espaço cultural	Bem (bonito)	"Bem, bonito."
	Funções do espaço cultural	Para visitar, ver os objetos e pedir opinião sobre o que fazer nos contextos de trabalho diários onde estão (como os materiais de que dispõem)	"Para o pessoal ir lá visitar...ver as coisas...irmos lá pedir uma opinião às pessoas...para que é que aquilo serve...perceber. E também podemos pedir uma opinião das coisas que nós podemos fazer nas nossas áreas! Lá atrás, já vai dar, na oficina deles. Eles têm muitos ferros já antigos e eles podiam fazer o que ela estava lá a fazer, os trabalhos todos."
	Como se sentiu	Bem	"Bem."
	Dificuldades que teve	Relacionadas com as falhas na internet	"Algumas sim, mas outras não." [problemas na internet]

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Bem • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades, explicando melhor os conteúdos • Conseguiu perceber tudo o que disseram	“Bem!” [como o trataram] “Bem.” “Sim.” [se teve em conta as suas necessidades] (...) “Explicava melhor.” “Consegui perceber tudo.”
	Sugestões de melhoria	• Queria que a visita fosse mais longa e que se ouvissem melhor os sons	“Foi pouco tempo. Devia ser mais tempo. E gostava ouvir melhor as coisas.”

Código do participante: DID-16

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	• 58 anos	“58.”
	Contexto familiar	• Vive com a mãe	“Com a minha mãe.”
	Tempo de frequência no CAO	• Três anos	“Há três anos.”
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	• Trabalha na área de agropecuária (semeia batatas, morangos, amendoim, curgete; trata dos animais) • Trabalha na cozinha	“Na Agropecuária.” (...) semeamos batatas, plantamos morangos...semeamos amendoim...e curgete...tratamos dos animais...temos animais...trabalho na cozinha...e pronto, é assim.” “Agora aqui temos a ginástica... Aqui eu, só ginástica.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Faz ginástica	
	Atividades de lazer preferidas	- Ir a festas (arraiais) - Estar entretido a trabalhar	“Gosto de ir a uma festa, mas agora não há. Gosto de andar entretido a trabalhar.” “Festas assim...de arraiais!”
	Contacto prévio com contextos culturais	Nunca visitou espaços culturais, mas gostou muito do MNMC (quer participar mais vezes)	“Não, por acaso nunca vi. Mas eu este de hoje gostei de ver. Gostei muito de ver!” “Gostava, sim.” [se gostava de visitar museus]
Percepções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	- Viu Nossa Senhora de Fátima e os anjos - A parte em que uma participante pediu para ver Jesus na cruz	“Então, vimos o museu....vimos a Nossa Senhora de Fátima...vimos aqueles anjos...vimos...ai, como é que a XXX [referência a nome próprio de outra participante com DID]...se aquilo era...ai...esqueci-me!” [quando outra participante pediu para ver uma imagem de Jesus na cruz]
	Como correu	Bem	“A visita correu bem.”
	O que gostou mais	Ver o museu	“Eu já disse: foi ver o museu!”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“Gostei de tudo.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Interesse em participar noutras visitas	• Quer participar em mais visitas porque achou bonito	“Gostava de participar...gostava de ir assim visitar essas coisas.” “Porque foi bonito!”
	O que achou do espaço cultural	• Bonito	“Achei bonito.”
	Funções do espaço cultural	• Para fazer visitas e ter experiências interessantes	“Então, serve para fazer visitas!” “Então...é interessante!...é interessante ir lá...não sei dizer mais nada.”
	Como se sentiu	• Bem	“Senti-me bem!”
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“não senti dificuldade nenhuma!”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Estava tudo bem • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades • Foram atenciosas e respeitaram os visitantes • Falaram sobre os seus interesses e partilharam-nos com os visitantes	“creio que estava tudo bem.” “Trataram bem.” “Creio que sim.” [se tiveram em conta as suas necessidades] “Foram atenciosas, sim...respeitaram uma pessoa bem...e por aí fora.” “Falaram em coisas que interessavam assim a elas e para transmitir também a nós.”
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“não gostava nada que tivesse sido diferente! Foi tudo lindamente! Lindamente!”
Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	• Os latões e os materiais das oficinas • Gostou de ver	“...aquelas coisas todas dos latões...e mais...e aquilo das oficinas...então, e que mais? Pronto, gostei de ver.”
	Como correu	• Muito bem, muito natural • Gostou de ver (nunca tinha visto algo do género) • Gostava de visitar presencialmente • Chegou calado, mas ficou surpreendido no final da visita porque foi boa	“A visita correu muito bem...muito assim natural...pronto, foi boa. Gostei de ver...e eram coisas que eu nunca tinha visto...e gostava de ir visitar.” “entrei e vinha assim um pouquinho calados...a visita acabou e ficámos todos mais surpreendidos!” (...)“Porque foi uma visita boa!”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que gostou mais	A parte relacionada com as oficinas	“Do que eu gostei de ver mais foi...aquilo nas oficinas!”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“gostei de tudo”
	Interesse em participar noutras visitas	- Gostava de participar em mais visitas porque considera ser algo interessante - É bom conviver (não tem muitas oportunidades destas) e ficar alegre nestes convívios - Faz bem à memória - Aprende algo	“Sim, gostava mais de participar em visitas assim, sim, sim, sim.” “Porque é interessante!” (...) “Pronto, é visitar assim estas coisas...nós vamos, gostamos de ver...” [o que é mais interessante nestas visitas] “É um bocado de convívio...e ficamos um pouquinho mais alegres...isso faz com que a nossa memória fique um pouquinho mais...como hei-de dizer...mas também é bom para nós, porque eu gosto de ver uma visita assim...e faz com que nós até aprendemos alguma coisa (...) é um pouquinho de convívio assim a mais, que nós não temos...”
	O que achou do espaço cultural	Nunca lá foi e achou-o bonito	“O que é que eu achei do espaço?...eu nunca fui ali...pronto, eu achei que aquilo que foi bonito. Aquilo é um espaço bonito, sim.”
	Funções do espaço cultural	Para visitar e ficar satisfeito	“É para nós visitarmos. E sairmos de lá mais satisfeitos.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Como se sentiu	Bem, confortável	"Eu senti-me bem!...Confortável."
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não senti dificuldade nenhuma, creio que não."
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Recebeu-os muito bem e falou bem - Teve em conta as suas necessidades - Explicou muito bem os conteúdos, esclarecendo para que percebessem melhor	"Acho que ela recebeu muito bem a gente...e ela também falou muito bem." "Tratou bem." "Sim." [se teve em conta as suas necessidades] "explicou aquilo muito bem!" (...) "ela foi muito esclarecida...falou muito bem...pronto, ela explicou-se muito bem, porque a gente esclareceu-se aquilo que ela falou...ela esclareceu-se muito bem, sim, para que nós entendêssemos aquilo."
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	"...Talvez não mudasse nada! O que ela falou foi correto."

Código do participante: DID-17

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização do participante	Idade	31 anos	"31"
	Contexto familiar	Vive com a mãe e o avô	[vive com a mãe] "E com o meu avô"

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Tempo de frequência no CAO	• Não sabe há quantos anos está no CAO • Terminou o 3º ciclo e esteve na Formação Profissional	“...desde a Formação, mas não sei muito bem nem o ano nem o mês, que a minha mãe me pôs aqui.” “fiz o nono ano...em Quiaios.”
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	• Trata das máscaras (colocar filtros e passar a ferro) • Ajuda na cozinha • Faz desporto (ginástica) • Desistiu da música e não tem tido informática	“Eu agora, todas as semanas, mal chego, estou com a XXX [referência a nome próprio] a tratar das máscaras...que me fizeram responsável dos tecidos dentro das máscaras e passá-las e depois vou lá para a cozinha ajudar.” “Eu não tenho apoios...as atividades que eu gosto é só desporto.” “Vou [à ginástica], às terças e quintas.” “Já tive música, mas desisti. E antes de estarmos como estamos, eu tinha informática, mas agora já não temos.” (...) “Pelo menos, passava tempo até à hora de almoço.”
	Atividades de lazer preferidas	• Piscina (sozinha ou acompanhada)	“é só piscina...agora, de resto, se eu não tiver companhia, vou mesmo sozinha.”
	Contacto prévio com contextos culturais	• Participou em visitas em colónias de férias • Uma vez, viu um museu com ossos de baleia e ferramentas (não se lembra se foi com a família ou com a instituição)	“quando visitava, era só em colónias” “Lembro-me que fui a uma viagem...não sei se foi com o meu avô, se foi organizada aqui...fomos a um museu ver ossos de baleia, ver as ferramentas, entre outras coisas.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Percepções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	• Viu a Nossa Senhora de Fátima, o Menino Jesus, os anjos • Viu Jesus Cristo na cruz • Viu pedras (calcário e mármore)	“Ver a Nossa Senhora de Fátima...o Menino Jesus, os anjos...o Jesus Cristo na cruz...foi só o que a gente falou, tirando as pedras...minerais e...o calcário...o gesso [mármore]...”
	Como correu	• Bem (tirando as interrupções, por dificuldades de internet)	“Foi boa...tirando sempre aquelas paragens...”
	O que gostou mais	• Fez muitas perguntas à profissional do MNMC, que lhe respondia sempre • Acertou nas perguntas que a profissional do MNMC colocou • Gosta de saber que ainda se lembra do que aprendeu	“Gostei mais quando (...) estive sempre a perguntar coisas à senhora e ela me estava a responder e, por acaso, o que eu lhe perguntava e observava até que era as respostas corretas...” (...) “Sempre gostei...eu não ando mais na escola, mas o que eu aprendi ainda ficou memorizado.” “mas gostei mais da parte mesmo em que eu fiz as perguntas e ela me respondeu.”
	O que não gostou	Nada a assinalar	“...acho que não...”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Interesse em participar noutras visitas	- Os espaços culturais são interessantes, mas não as esculturas - Gosta mais de visitar espaços relacionados com a ciência do que esculturas	“Sim, esses sítios são interessantes. Sinceramente, mais interessantes do que estátuas.” “Gostei...mas acho secante...está bem que participei, disse algumas coisas, não é muito o meu estilo (...) Não é muito interessante. Gosto mais de ver assim outras coisas, tipo ossos de baleia...ou então coisas sobre o sistema solar ou outras coisas mais interessantes sobre ciências.” “Sim, mas para ser mais interessantes...” (...) “não é muito o meu estilo ver estátuas”
	O que achou do espaço cultural	Bonito	“Era bonito.”
	Funções do espaço cultural	Para guardar objetos valiosos e para as pessoas poderem visitar (objetos antigos – pirâmides e reis)	“Então...o museu serve para guardar...coisas ou então coisas mais valiosas, mais importantes...ou para fazer visitas...quando está aberto.” “(...) pode ser tanta gente...pode ser coisas católicas, (...) não é de pirâmides, podia ser coisas ou de pirâmides ou de reis, da Antiguidade...esse tipo de coisas.” “Sempre pensei que o museu era para guardar coisas e para as pessoas verem o que está lá dentro.”
	Como se sentiu	- Bem (mas não gostou de participar na mimetização) - Não gostou de responder corretamente às perguntas	“Bem...tirando aquela parte em que eu devia ter ficado calada e fiquei na poltrona.” “gostei, mas sinceramente mais valia ter ficado de boca calada em vez de responder tudo certo.” “Gosto de rir, mas [suspiro] isto de fazer de Nossa Senhora não é bem a minha cara.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	“Não” [se sentiu alguma dificuldade durante a visita]
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Não as conhece, mas pensa que são boas pessoas • Explicaram tudo o que perguntou e trataram-na bem • Teve em conta os seus pedidos • Não gostou que se tivessem rido quando pediu para ver Jesus na cruz • Explicaram bem a parte das plantas (pigmentos das tintas)	“Achei que são boas pessoas...tirando que não as conheço.” “Explicou-me tudo o que eu lhe perguntei...e tratou-me bem.” “Sim.” [se teve em conta o que pediu ao longo da visita] “Só não gostei foi de uma parte que toda a gente se riu quando eu perguntei se havia uma estátua de Jesus Cristo. Dessa parte, eu não gostei.” (...) “eu, sinceramente, também nunca gostei que as pessoas se rissem de qualquer coisa que eu fale.” “Falaram bem...explicaram as coisas...principalmente, as plantas.”
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“agora assim de repente não sei.”
Perceções sobre a visita ao Convent	O que recorda		

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Como correu		
	O que gostou mais		
	O que não gostou		
	Interesse em participar noutras visitas		
	O que achou do espaço cultural		
	Funções do espaço cultural		
	Como se sentiu		

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Dificuldades que teve		
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural		
	Sugestões de melhoria		

Código do participante: DID-18

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Idade	• 24 anos	"24!"
	Contexto familiar	• Vive com os pais	"Com a mãe e com o pai."
	Tempo de frequência no CAO	• 6 anos	"Há seis!"
	Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	• Varre, limpa condomínios, vai à feira, ao teatro e ao papelão • Trabalha no computador e no Tablet	"Ir varrer, ir limpar os condomínios, ir à feira, ao teatro e ao papelão, também." "Às vezes, vou para ao pé da XXX [referência a nome próprio], para o computador ou para o Tablet..." "Yoga...os outros colegas também vão..."

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Faz Yoga, Crossfit, natação e música	“Também Crossfit...e piscina...e música!”
	Atividades de lazer preferidas	- Passear, fazer excursões, ir à praia - Fazer puzzles e ver televisão (filmes e novelas)	“Excursões! Ir passear! À praia...à Tocha...ir a Mira...Figueira da Foz...” “Fazer puzzles...e ver televisão...os filmes e as novelas.”
	Contacto prévio com contextos culturais	- Não vai porque os bilhetes são caros - Visita exposições no pavilhão da Cerâmica, da Biblioteca e da Câmara, em contexto de CAO - Gostava de participar mais vezes nestas visitas	“Não. São muito caros” “Exposições é só quando eu vou com a Dr.ª XXX [referência a nome próprio].” (...) “À Cerâmica...à Biblioteca...e à Câmara.” “Aos culturais! Gostava de ir, sim.”
Perceções sobre a visita ao MNMC	O que recorda	Viu Jesus num túmulo, morto	“Ver Jesus a ir para dentro de um túmulo...e muita mais!” “...só me lembro disto! Só me lembro de ver Jesus Cristo...morto!” “Os personagens eu não sei...já não me lembro!”
	Como correu	Bem	“Correu bem...”
	O que gostou mais	De ver as figuras da escultura	“Ver as personagens...”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que não gostou	Nada a assinalar	"Eu gostei de tudo..."
	Interesse em participar noutras visitas	Gosta de visitar o museu e quer repetir	"Sim!" (...) "Porque eu gosto de ver o museu..."
	O que achou do espaço cultural	Bonito	"Bonito!"
	Funções do espaço cultural	Para as pessoas visitarem (porque gostam de ver os objetos – imagens, esculturas)	"Para as pessoas irem e visitarem o museu..." (...) "Porque as pessoas gostam de ver as imagens...as estátuas..."
	Como se sentiu	Bem	"Senti-me bem!"
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não..." [se teve alguma dificuldade]

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	- Foi bom - Gostou delas (são amigas, gostam dela e fizeram-lhe perguntas) - Tinham interesse na opinião dela - Trataram-na bem - Tiveram em conta as suas necessidades - Foi fácil de perceber o conteúdo porque usaram imagens	“Foi fixe...eu gosto delas!” (...) “Porque elas são amigas!” (...) “Porque elas gostam muito de mim, também...elas fizeram perguntas...” “Sim!” [se tinham interesse em saber a sua opinião] “Trataram-me bem.” “Sim.” [se tiveram em conta as suas necessidades] “Foi fácil!” [o que explicaram] (...) “mostraram imagens.”
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Não” [se gostava de mudar alguma coisa]
Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco	O que recorda	Ouviu uma campainha, guitarras, bateria (e outros instrumentos)	“Ouvir a campainha...e mais...” “Ouvimos as guitarras...e a bateria!” “...de instrumentos. Os sons!”
	Como correu	Bem	“Correu bem.”
	O que gostou mais	De tudo (sobretudo de ouvir a profissional do	“Gostei de tudo.” “De ouvir a XXX [referência a nome próprio] a cantar.” (...) “Porque nós pedimos!”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Convento a cantar, a pedido dos participantes)	"Cantava bem..."
	O que não gostou	Nada a assinalar	"Não" [se não gostou de alguma coisa]
	Interesse em participar noutras visitas	• Quer participar noutras visitas porque é bonito (gostou da visita virtual)	"Sim" (...) "Porque é mais bonito. Eu gosto de ver as visitas pela internet, por videochamada."
	O que achou do espaço cultural	• Bom, bonito	"Foi bom. Era bonito."
	Funções do espaço cultural	• Para as pessoas verem as exposições	"Para ver as exposições. Para as pessoas verem as exposições."
	Como se sentiu	• Bem	"Senti-me bem."
	Dificuldades que teve	Nada a assinalar	"Não" [se sentiu alguma dificuldade durante a visita]

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	• Bem • Explicou os objetos da exposição • Tratou-os bem • Percebeu o que disse • Precisa que as pessoas lhe expliquem as coisas	“Achei bem. Esteve bem. Explicou os objetos.” “Tratou-nos bem.” “Estávamos a perceber!” “Preciso de ajuda!”(...) “Para...para as pessoas explicarem.”
	Sugestões de melhoria	Nada a assinalar	“Não” [se gostava que algo tivesse sido diferente]

Grelha de análise de conteúdo (Total) – entrevistas às pessoas com DI

Categoria: Caracterização dos participantes

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Idade (em anos)	DID-1	29
	DID-2	48
	DID-3	47
	DID-4	54
	DID-5	23
	DID-6	38
	DID-7	22
	DID-8	36
	DID-9	46
	DID-10	32
	DID-11	31
	DID-12	58
	DID-13	35
	DID-14	40
	DID-15	29
	DID-16	58
	DID-17	31
	DID-18	24

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Contexto familiar	DID-1	• Vive com os pais, as irmãs e a avó
	DID-2	• Mora com os irmãos e as cunhadas • Os pais já faleceram
	DID-3	• Vive com os pais numa aldeia • Tem poucos vizinhos
	DID-4	• Vive com os primos
	DID-5	• Vive com o pai e o irmão
	DID-6	• Vive com os pais
	DID-7	• Vive com a mãe
	DID-8	• Vive com os irmãos (a mãe está num lar) • Tem apoio domiciliário
	DID-9	• Vive com a irmã, o cunhado e a sobrinha
	DID-10	• Vive com os pais
	DID-11	• Vive com os pais (o irmão vive com a namorada)
	DID-12	• Vive com um primo
	DID-13	• Vive na Residência Autónoma da APPACDM de Coimbra • Esteve, desde criança, numa instituição. Voltou, aos 18 anos, para a casa da família, mas depois entrou no lar. • Mantém contacto com o irmão e com um monitor da instituição anterior
	DID-14	• Vive no lar da Tocha
	DID-15	• Vive com os pais e a irmã
	DID-16	• Vive com a mãe
	DID-17	• Vive com a mãe e o avô
	DID-18	• Vive com os pais
	DID-1	• Não sabe há quanto tempo está no CAO.

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Tempo de frequência no CAO		• Antes de estar no CAO, esteve na Formação Profissional (cozinha, lavandaria, estágio numa piscina)
	DID-2	• Não sabe há quanto tempo está no CAO
	DID-3	• Há cerca de dois anos (anteriormente, esteve noutra instituição de saúde mental)
	DID-4	• Está há uns meses no CAO (anteriormente, estava em casa)
	DID-5	• Dois anos
	DID-6	• Frequenta a instituição desde os 8 anos
	DID-7	• Um ano
	DID-8	• Não sabe (andou na escola, mas terá saído por dificuldades de aprendizagem)
	DID-9	• Esteve vários anos no CAO de São Silvestre antes de estar no de Arganil (mas não sabe há quantos anos está no CAO)
	DID-10	• Não sabe há quantos anos frequenta o CAO
	DID-11	• Não sabe há quantos anos está no CAO, mas sabe que está na instituição desde criança
	DID-12	• Há 10 anos • Viveu em Lisboa, anteriormente
	DID-13	• Não sabe há quantos anos está no CAO (antes, frequentou a Formação Profissional)
	DID-14	• Está no Centro da Tocha há 22 anos • Frequenta a APPACDM de Coimbra desde os 7 anos • Anteriormente, frequentou o ensino regular e a Formação Profissional
	DID-15	• Não se lembra há quantos anos está no CAO • Andou na escola e fez cursos de Formação Profissional (cozinha, jardinagem, carpintaria)
	DID-16	• Três anos
	DID-17	• Não sabe há quantos anos está no CAO • Terminou o 3º ciclo e esteve na Formação Profissional
	DID-18	• 6 anos

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Atividades desenvolvidas em contexto de CAO	DID-1	- Faz limpeza, lava a loiça, cose (bonecos, porta-chaves), arranca ervas na rua - Neste momento, por causa da pandemia, deixou de fazer atividades no exterior - Tem educação física e música; escreve textos e faz contas noutro apoio
	DID-2	- Refere alterações no funcionamento do CAO em tempo de pandemia (menos atividade) - Faz tarefas na lavandaria e no bar - Vai aos apoios de música, à ginástica e aos computadores
	DID-3	- Estende e passa a roupa a ferro - Participa nas limpezas do CAO (vidros, casas de banho) - Tem acesso a alguns apoios, como música e ginástica, mas desiste com alguma frequência dos mesmos
	DID-4	- Participa em atividades no exterior do CAO - Participa nas limpezas - Tem vários apoios - Aprende a fazer números e tarefas similares
	DID-5	- Passa a ferro - Antes da pandemia, trabalhava no exterior do CAO, a arrancar ervas - Trabalha no computador, faz contas e textos
	DID-6	- Varre as ruas, limpa as feiras, faz a recolha do papelão - Tem apoio de música, tem aulas de natação e vai à colónia de férias
	DID-7	- Trabalha na rua, a recolher o lixo - Também está nas salas do CAO
	DID-8	Trabalha numa fábrica, mas agora em tempo de pandemia está numa sala do CAO
	DID-9	- Tira cafés, limpa a rua/a feira, recolhe o papelão - Faz natação, ginástica e fisioterapia
	DID-10	Faz atividades no computador

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• Tem apoio de música (toca instrumentos) • Participa nas tarefas de reciclagem (papelão)
	DID-11	• Vai para a feira apanhar o lixo; faz limpeza em casa; faz a recolha do papelão • Agora, em tempo de pandemia, cose botões, faz atividades no computador (jogos, música, pintura) • Tem apoio de terapia da fala
	DID-12	• Toca bateria, está no grupo de teatro, faz pesquisas (não trabalha no exterior do CAO)
	DID-13	• Trabalha nas Oficinas • Joga futebol, faz natação, treino de remo e karaté
	DID-14	• Está na área de serralharia (solda, corta, rebarba) • É DJ no Hotel da Quinta da Fonte Quente • Faz parte do grupo de teatro • Pertence à Assembleia da instituição, em representação dos clientes
	DID-15	• Planta morangos, amendoins e amêndoa • Trata dos animais • Faz ginástica, joga futebol, faz remo • Participa em provas desportivas no exterior
	DID-16	• Trabalha na área de agropecuária (semeia batatas, morangos, amendoim, curgete; trata dos animais) • Trabalha na cozinha • Faz ginástica
	DID-17	• Trata das máscaras (colocar filtros e passar a ferro) • Ajuda na cozinha • Faz desporto (ginástica) • Desistiu da música e não tem tido informática

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-18	• Varre, limpa condomínios, vai à feira, ao teatro e ao papelão • Trabalha no computador e no Tablet • Faz Yoga, Crossfit, natação e música
Atividades de lazer preferidas	DID-1	• Andar de bicicleta, passear, andar a pé e passear o cão
	DID-2	• Conversar com os colegas do CAO, tarefas domésticas (lavar a loiça, transportar lenha, arrumar a casa), ver televisão, ouvir música, ir às compras e visitar familiares
	DID-3	• Referência ao trabalho, em primeiro lugar (no CAO e em casa) • Descansar (ex.: sesta) • Fazer caminhadas com a mãe • Ver televisão à noite • Nunca vai às compras • Às vezes, visita o irmão ou é visitado por ele
	DID-4	• Gosta de trabalhar • Estar no quintal • Vê televisão (telenovelas) • Passeia a pé perto de casa, aos domingos
	DID-5	• Vê o programa “Os malucos do riso” (de forma repetida) • Faz caminhadas e vai a casa de uma amiga, que lhe faz massagens
	DID-6	• Ajudar a família na fazenda e a limpar a casa • Ajudar as outras pessoas (as pessoas idosas e os sobrinhos) • Fazer musculação • Cultivar os jardins
	DID-7	• Gosta de ir à piscina
	DID-8	• Ver televisão, arrumar a casa, ir ao café e fazer caminhadas/passeios
	DID-9	• Estar no computador a jogar

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• Não gosta muito de sair à rua (tem medo)
	DID-10	• Gosta de estar no computador, no Facebook • Gosta de música
	DID-11	• Ouvir música e estar no computador a fazer puzzles
	DID-12	• Fazer pesquisas, ler e de museus
	DID-13	• Jogar futebol, participar em provas de natação, fazer karaté, estar no computador e ouvir música
	DID-14	• Gosta de animais (tem uma gata e um cão) • Gosta de trabalhar com ferramentas
	DID-15	• Andar de bicicleta
	DID-16	• Ir a festas (arraiais) • Estar entretido a trabalhar
	DID-17	• Piscina (sozinha ou acompanhada)
	DID-18	• Passear, fazer excursões, ir à praia • Fazer puzzles e ver televisão (filmes e novelas)
Contacto prévio com contextos culturais	DID-1	• Só costuma participar em eventos culturais organizados pelo CAO • Já tinha ido ao MNMC e ao Convento São Francisco • Gosta de ir a museus e quer ir mais vezes
	DID-2	• Já participou em visitas a espaços culturais de Coimbra
	DID-3	• Refere nunca ter frequentado espaços culturais
	DID-4	• Não costuma frequentar espaços culturais
	DID-5	• Foi com a irmã às termas do Gerês • Visita espaços culturais com o CAO (mas não com a família)
	DID-6	• Vai a Coimbra, ocasionalmente

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• Visitou as grutas de Mira de Aire, a Casa da Música, a Expo 98, o Estádio da Luz, o Zoo da Maia e uma fábrica de gelados • As visitas decorrem em contexto institucional (não vai com a família)
	DID-7	• Nunca tinha ido ao MNMC • Nunca foi em família a um espaço cultural (foi com a escola)
	DID-8	• Já participou noutras visitas, em contexto de CAO • Participou numa caminhada em Coimbra
	DID-9	• Foi com a família ao Caramulo, a Piódão e a Mortágua • Viu o barco em Mortágua e as ovelhas de pedra no Caramulo
	DID-10	• Foi uma vez ao Museu do Pão
	DID-11	• Foi ao Jardim Zoológico de Montemor • Nunca foi ao MNMC • Vai à biblioteca, em contexto institucional • Foi ao Museu do Pão • Gosta de ver exposições
	DID-12	• Costuma visitar museus • Visitou, há muitos anos, o Museu Militar, o Aquário Vasco da Gama, o Jardim Zoológico • Gostava de ir mais vezes aos espaços culturais
	DID-13	• Conheceu, há uns anos, alguns locais de Coimbra • Frequentava espaços culturais com a instituição anterior • Gosta de visitar estes espaços • Visitou um moinho antigo (filmou e guardou no computador)
	DID-14	• Pouco contacto (por falta de tempo e de dinheiro – acha que os bilhetes de entrada costumam ser caros) • Conhece o Museu de Conímbriga, o MNMC, o Jardim Zoológico

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-15	• Não costuma visitar espaços culturais • Conhece alguns locais de Coimbra (Parque Verde e Rua da Sofia) • Gostava de ir visitar o MNMC
	DID-16	• Nunca visitou espaços culturais, mas gostou muito do MNMC (quer participar mais vezes)
	DID-17	• Participou em visitas em colónias de férias • Uma vez, viu um museu com ossos de baleia e ferramentas (não se lembra se foi com a família ou com a instituição)
	DID-18	• Não vai porque os bilhetes são caros • Visita exposições no pavilhão da Cerâmica, da Biblioteca e da Câmara, em contexto de CAO • Gostava de participar mais vezes nestas visitas

Categoria: Perceções sobre a visita ao MNMC

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
O que recorda	DID-1	• Fez de Jesus (também lá estava alguém a fazer de Maria), em conjunto com os colegas (mimetização)
	DID-2	• A visita decorreu no computador • Viu uma pintura • Imitou a pintura, em conjunto com os outros participantes • Descreveu os elementos principais da pintura (Nossa Senhora e o Menino Jesus) • Explicou o motivo da posição das personagens da pintura (de joelhos, a rezar)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-3	• Viu as profissionais do MNMC • Explicaram-lhes a pintura (Nossa Senhora, o Menino Jesus com o cabelo grande, uma rosa, um pássaro) • Descreveu o espaço (porta) • Descreveu as cores da pintura (vermelho, castanho, azul) e a retificação por uma das profissionais do MNMC (parecia uma cor e era outra)
	DID-4	• Foi ao museu e gostou • Achou-o bonito • Viu uma menina/menino • Estava lá uma senhora [do MNMC] • Viu imagens • Segurou nos bonecos e na manta [mimetização] • Era o Menino Jesus
	DID-5	• A primeira referência corresponde às profissionais do MNMC envolvidas na visita (falaram com o grupo, explicaram a pintura que estavam a ver – Maria e Jesus) • Imitou Maria na mimetização (ofereceu-se para essa tarefa) • Maria estava sentada, com Jesus ao colo e tinha uma rosa
	DID-6	• Jesus estava deitado, morto, com um manto por baixo
	DID-7	• Viu um homem, que era Jesus e estava morto • Também viu Maria, a mãe de Jesus
	DID-8	• As duas pessoas que a receberam • A pedra • Jesus deitado/morto, um pano, os anjos atrás, José • Na mimetização, segurou Nossa Senhora (referiu a posição de outros colegas)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• Na mimetização, estavam tristes (a imitar as figuras da escultura) • Gostou de participar na mimetização
	DID-9	• A profissional do MNMC (amiga)
	DID-10	• O Menino Jesus deitado
	DID-11	• Jesus, Maria Madalena, Maria, José e os amigos de Jesus • Jesus estava deitado, morto • Imitou Jesus na mimetização (fechou os olhos e tirou as socas, porque Jesus estava descalço)
	DID-12	• Já tinha ouvido falar do MNMC na televisão (Praça da Alegria) – sabia que era um museu com exposições de pintura e escultura • Queria que a visita fosse presencial • Conseguiu perceber o conteúdo da visita • Era uma exposição sobre a morte de Jesus (Jesus no túmulo, com os amigos: Maria, José, Nicodemos, João Evangelista e Maria Madalena)
	DID-13	• A estátua de Nossa Senhora com o bebé ao colo, os anjos, os pombos
	DID-14	• A entrada é espetacular, muito bonita, com uma arquitetura antiga e também com partes mais modernas • Descobriu/aprendeu coisas novas e sentiu-se cativado
	DID-15	• Estátuas de pedra, com Nossa Senhora de Fátima sentada com o filho ao colo, uma taça de pão na mão e anjos com instrumentos musicais (flauta, violino) e um cálice • Uma imagem de um hotel, onde morada Nossa Senhora de Fátima

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-16	• Viu Nossa Senhora de Fátima e os anjos • A parte em que uma participante pediu para ver Jesus na cruz
	DID-17	• Viu a Nossa Senhora de Fátima, o Menino Jesus, os anjos • Viu Jesus Cristo na cruz • Viu pedras (calcário e mármore)
	DID-18	• Viu Jesus num túmulo, morto
Como correu	DID-1	• Bem
	DID-2	• Bem
	DID-3	• Bem
	DID-4	• Bem
	DID-5	• Bem
	DID-6	• Bem
	DID-7	• Gostou e achou fixe
	DID-8	• Bem
	DID-9	• Bem • Estava bem-disposto
	DID-10	• Bem
	DID-11	• Bem
	DID-12	• Bem
	DID-13	• Bem (foi boa)
	DID-14	• Apesar dos problemas na internet, correu lindamente • Ainda teria sido melhor se pudesse ser presencial
	DID-15	• Bem

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-16	Bem
	DID-17	Bem (tirando as interrupções, por dificuldades de internet)
	DID-18	Bem
O que gostou mais	DID-1	- Das profissionais do MNMC - De ver as imagens e que lhe tenham ensinado essas imagens
	DID-2	De ver a pintura com a Nossa Senhora e de fazer a mimetização.
	DID-3	A mimetização (imitação dos gestos das figuras a rezar)
	DID-4	De tudo
	DID-5	De falar com as profissionais do MNMC e de fazer de Maria, na mimetização
	DID-6	De tudo (salientou ter visto a igreja de Santa Cruz)
	DID-7	
	DID-8	Gostou de tudo
	DID-9	- Ver a imagem na parede - Gostou de tudo
	DID-10	Gostou muito (não refere o que gostou mais)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-11	- De Maria Madalena, Maria e dos amigos - Das profissionais do MNMC (a interação com elas)
	DID-12	Tudo
	DID-13	- Do espaço - De saber que é grande - Quer ir visitar quando tiver oportunidade
	DID-14	- De saber os materiais das esculturas (pedra de Ançã) – aprender algo diferente - As pessoas que orientaram a visita (têm amor pelo que fazem)
	DID-15	Tudo
	DID-16	Ver o museu
	DID-17	- Fez muitas perguntas à profissional do MNMC, que lhe respondia sempre - Acertou nas perguntas que a profissional do MNMC colocou - Gosta de saber que ainda se lembra do que aprendeu
	DID-18	De ver as figuras da escultura
O que não gostou	DID-1	Nada a assinalar
	DID-2	Nada a assinalar
	DID-3	Nada a assinalar
	DID-4	Nada a assinalar
	DID-5	Nem sempre conseguia ouvir, pela qualidade da videochamada
	DID-6	Nada a assinalar

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-7	
	DID-8	Nada a assinalar
	DID-9	Nada a assinalar
	DID-10	Nada a assinalar
	DID-11	Nada a assinalar
	DID-12	
	DID-13	Nada a assinalar
	DID-14	Nada a assinalar
	DID-15	Nada a assinalar
	DID-16	Nada a assinalar
	DID-17	Nada a assinalar
	DID-18	Nada a assinalar
Interesse em participar noutras visitas	DID-1	• Quer participar em mais visitas (agora, virtuais, pela pandemia) porque gosta
	DID-2	• Quer participar em mais visitas deste género, porque é bonito e porque gosta de ver a Nossa Senhora (tem saudades de ver a Nossa Senhora na missa)
	DID-3	• Quer participar em mais visitas destas (é bom)
	DID-4	• Gostava de participar noutras visitas porque nunca participou
	DID-5	• Gostava de participar em mais visitas porque gosta de fazer atividades variadas e porque é importante para si • Gostava de partilhar esta experiência com os seus familiares e amigos (ensinar os outros – reforçar o que há de bom num museu e no trabalho dos artistas)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-6	• Quer participar em mais visitas culturais porque sente que é bom para si, que o faz feliz e sente que está entretido
	DID-7	• Gostava de participar em mais visitas culturais
	DID-8	• Gostava de participar em mais visitas (gosta de ver os objetos do museu, que ainda não viu) • Gosta de ver Jesus e as outras figuras
	DID-9	• Quer participar em mais visitas • É muito bonito
	DID-10	• Quer participar em mais visitas culturais
	DID-11	• Gostava de participar em mais visitas (presenciais)
	DID-12	• Quer ir mais vezes aos espaços culturais • Tem direito a ir (é um direito de todos)
	DID-13	• Quer ir visitar quando tiver oportunidade • Gostou do espaço, de ver o que lá existe e de pesquisar
	DID-14	• Quer participar em mais visitas • É necessário melhorar a acessibilidade dos espaços culturais
	DID-15	• Gostava de visitar mais espaços culturais
	DID-16	• Quer participar em mais visitas porque achou bonito

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-17	- Os espaços culturais são interessantes, mas não as esculturas - Gosta mais de visitar espaços relacionados com a ciência do que esculturas
	DID-18	Gosta de visitar o museu e quer repetir
O que achou do espaço cultural	DID-1	É muito lindo
	DID-2	É lindo
	DID-3	- Era bonito - Gostou muito
	DID-4	Bonito
	DID-5	É fixe, porque é grande e gostou das pessoas do MNMC
	DID-6	- Acha bem - Fez de José (na mimetização)
	DID-7	É lindo
	DID-8	- Bonito - Entraram e foram à bilheteira, para depois verem o museu
	DID-9	Muito bonito
	DID-10	Engraçado
	DID-11	Bom, fixe
	DID-12	Bem, interessante
	DID-13	Bonito
	DID-14	É uma forma de representar a história de Portugal e o que já foi descoberto no mundo (ainda há muito a descobrir)
	DID-15	Bem
	DID-16	Bonito

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-17	Bonito
	DID-18	Bonito
Funções do espaço cultural	DID-1	- Para as pessoas visitarem - Para ver as imagens e ver do que são feitas
	DID-2	Para as pessoas irem ver coisas
	DID-3	- Para mostrar às pessoas - Vê as coisas na televisão e na missa (é bom ver num espaço cultural)
	DID-4	Não sabe
	DID-5	Para mostrar objetos antigos, para as pessoas saberem o que aconteceu no passado
	DID-6	Para ver o túmulo de Jesus Cristo e Nossa Senhora
	DID-7	Ter pedras
	DID-8	Para ver
	DID-9	Falar sobre a morte de Jesus
	DID-10	Para ver obras de arte
	DID-11	Para ver as peças (também relacionadas com Jesus)
	DID-12	Para a cultura das pessoas (da sua terra)
	DID-13	Ter lá objetos antigos para as pessoas verem
	DID-14	Para mostrar os objetos às pessoas (portuguesas e estrangeiras)
	DID-15	Para visitar e fazer perguntas a quem está a mediar a visita
	DID-16	Para fazer visitas e ter experiências interessantes
	DID-17	Para guardar objetos valiosos e para as pessoas poderem visitar (objetos antigos – pirâmides e reis)
	DID-18	Para as pessoas visitarem (porque gostam de ver os objetos – imagens, esculturas)
	DID-1	- Gosta de ver - Aprende coisas novas

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Como se sentiu	DID-2	Bem
	DID-3	Bem (foi bom)
	DID-4	Bem
	DID-5	Bem (bem-disposta)
	DID-6	Feliz e entretido
	DID-7	Bem
	DID-8	Bem
	DID-9	- Bem-disposto - Estava atento a ouvir, com a ajuda do guião de comunicação aumentativa
	DID-10	
	DID-11	Bem
	DID-12	Bem
	DID-13	Bem, tranquilo
	DID-14	Bem (gostou)
	DID-15	Bem
	DID-16	Bem
	DID-17	- Bem (mas não gostou de participar na mimetização) - Não gostou de responder corretamente às perguntas
	DID-18	Bem
Dificuldades que teve	DID-1	Nada a assinalar
	DID-2	Nada a assinalar (referiu que a profissional da instituição de apoio que acompanhou a visita ajudou a orientar a visita, chamando a atenção para alguns detalhes)
	DID-3	- Em fazer-se ouvir, por causa da máscara - A utilização dos guiões ajudou a fazer-se entender na interação com as profissionais do MNMC

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-4	Nada a assinalar
	DID-5	Em ouvir o que era dito (pela qualidade da videochamada)
	DID-6	Nada a assinalar
	DID-7	Nada a assinalar
	DID-8	Nada a assinalar
	DID-9	Nada a assinalar
	DID-10	Nada a assinalar
	DID-11	Nada a assinalar
	DID-12	Nada a assinalar
	DID-13	Nada a assinalar
	DID-14	Nada a assinalar
	DID-15	Nada a assinalar
	DID-16	Nada a assinalar
	DID-17	Nada a assinalar
	DID-18	Nada a assinalar
O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	DID-1	- Gostou das pessoas - As pessoas sabiam o seu nome porque já lá tinha ido - Puseram-se à disposição para explicar melhor as coisas, sempre que necessário - Mostraram as dimensões da peça, através de gestos/ movimentos
	DID-2	- Gostou delas - Trataram-na bem - Tiveram em conta as suas necessidades - Queriam saber se os participantes estavam a gostar do que viam
	DID-3	- Gostou da interação com elas - Trataram-na bem e tiveram em conta as suas necessidades

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• Explicaram os conteúdos de uma forma fácil e acessível
	DID-4	• Gostou delas • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades • Ouvia e percebia bem o que diziam
	DID-5	• Bonitas e simpáticas • Trataram-na bem • Tiveram em conta as suas necessidades • Apresentaram/falaram bem • Disseram coisas fáceis de perceber
	DID-6	• Achou bem • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades • Percebeu tudo (explicações fáceis de entender)
	DID-7	• Eram lindas, mas estão longe • Percebeu o que ela disseram
	DID-8	• Bem • Trataram-na bem • Perguntavam se estava a perceber e esperavam pela sua resposta • Pediu ajuda a uma das profissionais do CAO, porque não estava a ouvir bem (qualidade da videochamada)
	DID-9	• Descreveu a interação com as profissionais do MNMC (relatando algo que não aconteceu – piscar o olho) • Bonitas • Explicaram muito bem os conteúdos e percebeu o que disseram

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-10	• Simpáticas • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades • Explicaram bem as coisas
	DID-11	• Fixes (queria saber de onde eram) • Trataram-na bem • Explicaram muito bem os conteúdos
	DID-12	• Bem • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades (mas não as identificou) • Explicaram por palavras e outras ferramentas (papel, fotografias, pedras), o que o ajudou a saber mais
	DID-13	• Simpáticas, boas pessoas • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades, pois repetiam a informação a pedido • Transmitiram bem a informação
	DID-14	• Estiveram muito bem (lindamente), muito simpáticas, porreiras, acolhedoras e meigas • Trataram-no bem (foram atenciosas e explicaram os conteúdos com calma) • Tiveram em conta as suas necessidades (quando não percebia ou sabia algo) • Explicaram os conteúdos através de palavras, de desenhos e de amostras
	DID-15	• Bem • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades, explicando melhor quando necessário (falar com calma)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-16	• Estava tudo bem • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades • Foram atenciosas e respeitaram os visitantes • Falaram sobre os seus interesses e partilharam-nos com os visitantes
	DID-17	• Não as conhece, mas pensa que são boas pessoas • Explicaram tudo o que perguntou e trataram-na bem • Teve em conta os seus pedidos • Não gostou que se tivessem rido quando pediu para ver Jesus na cruz • Explicaram bem a parte das plantas (pigmentos das tintas)
	DID-18	• Foi bom • Gostou delas (são amigas, gostam dela e fizeram-lhe perguntas) • Tinham interesse na opinião dela • Trataram-na bem • Tiveram em conta as suas necessidades • Foi fácil de perceber o conteúdo porque usaram imagens
Sugestões de melhoria	DID-1	Nada a assinalar
	DID-2	Nada a assinalar
	DID-3	Nada a assinalar
	DID-4	Nada a assinalar
	DID-5	Nada a assinalar
	DID-6	Nada a assinalar
	DID-7	Nada a assinalar
	DID-8	• Gostava de participar numa visita presencial (gosta mais)
	DID-9	• O espaço devia estar mais iluminado

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-10	Nada a assinalar
	DID-11	Nada a assinalar
	DID-12	Nada a assinalar
	DID-13	Nada a assinalar
	DID-14	• Queria que a visita fosse presencial (ia recordar mais e ser mais cativante)
	DID-15	• Queria visitar, presencialmente, todo o museu (ir lá várias vezes para visitar tudo)
	DID-16	Nada a assinalar
	DID-17	Nada a assinalar
	DID-18	Nada a assinalar

Categoria: Perceções sobre a visita ao Convento São Francisco

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
O que recorda	DID-1	• Gostou da visita • Recorda muita coisa: cordas, sons dos vasos
	DID-2	• Da situação em que disse ver um saxofone numa projeção na parede, a partir de um projetor • A igreja • Umas caixas e outros objetos que faziam barulho
	DID-3	• Gostou de ver a exposição • Viu vários objetos a bater e a fazer som (vasos, cordas – descrição das dimensões, do local onde era produzido o som, do mecanismo para a produção de som e das cores)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-4	- Os tambores, os sinos, os objetos a mexer quando se carregava nos botões (algumas coisas batiam) - A profissional do Convento carregava nos botões escolhidos pelos participantes com DID
	DID-5	- Ouviu sons e gostou - Aprendeu que não pode ser sempre ela a falar e que tem que deixar os outros falarem também
	DID-6	- Ouvir os sinos a tocar - Viram a tarola
	DID-7	Os sons (dos pratos, do bombo e outros objetos)
	DID-8	A água, as baterias a bater, o relógio da igreja, o barulho
	DID-9	- Objetos a fazer sons: sino, tábua a tocar música, bateria, ferrinhos - Água (disse que era vinho)
	DID-10	A chapa, os cães da feira, uma tigela, o chupa-chupa, um toque de telefone, os sinos a tocar
	DID-11	- Convento das freiras - Viu algo que parecia água, uma campainha, tambores, uma corda que parecia uma cobra, uma antiga igreja - Percorreu várias salas
	DID-12	- A robótica/eletrónica - Batimentos

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		Sons
	DID-13	Os sons, vários objetos/materiais a tocar (gostou de ouvir e identificou na exposição alguns materiais que usa no seu trabalho)
	DID-14	- Esteve numa sala com vários instrumentos, que aproveitavam diferentes materiais (ferro, corda, outros materiais para fazer as ligações/electricidade) - Ficou com ideias para aproveitar materiais no seu trabalho de serralharia
	DID-15	- Foi fixe, gostava de visitar - Viu objetos antigos (para cortar, tábuas, vaso) - Fazia música (tinha botões para tocar e fazer som)
	DID-16	- Os latões e os materiais das oficinas - Gostou de ver
	DID-17	
	DID-18	Ouviu uma campainha, guitarras, bateria (e outros instrumentos)
Como correu	DID-1	Bem
	DID-2	Bem
	DID-3	Bem
	DID-4	Bem
	DID-5	- Bem - Gosta do grupo
	DID-6	Bom
	DID-7	Bem
	DID-8	Bem (gostou)
	DID-9	Bem

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-10	Bem (gostou muito)
	DID-11	Bem
	DID-12	Bem
	DID-13	Bem (gostou e aprendeu coisas que não sabia)
	DID-14	Muito bem (melhor do que pensava, porque não foi maçador)
	DID-15	Bem
	DID-16	- Muito bem, muito natural - Gostou de ver (nunca tinha visto algo do gênero) - Gostava de visitar presencialmente - Chegou calado, mas ficou surpreso no final da visita porque foi boa
	DID-17	
	DID-18	Bem
O que gostou mais	DID-1	Gostou de tudo
	DID-2	Do saxofone, da igreja e do som dos instrumentos
	DID-3	De ver a antiga igreja (percebeu que já não é uma igreja, atualmente)
	DID-4	- Todas as partes foram interessantes - Gostou mais da parte dos botões
	DID-5	De tudo (sobretudo do tambor, porque fazia um som bonito)
	DID-6	Ver os pratos de ferrinhos
	DID-7	De tudo
	DID-8	De tudo
	DID-9	De tudo (em especial, a bateria e o tambor igual ao professor de música)
	DID-10	Tudo

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-11	• Da água, campainha, tambor e vaso • Da tarola (parecia uma banda)
	DID-12	• Da robótica e da parte que tinha uma espécie de escadas
	DID-13	• De tudo • A parte mais interessante foi o equipamento que tinha luzes e sons dentro das caixas (estava bem feito e ele gostou dos sons e das luzes)
	DID-14	• De tudo
	DID-15	• De ouvir os sons
	DID-16	• A parte relacionada com as oficinas
	DID-17	
	DID-18	• De tudo (sobretudo de ouvir a profissional do Convento a cantar, a pedido dos participantes)
O que não gostou	DID-1	Nada a assinalar
	DID-2	Nada a assinalar
	DID-3	
	DID-4	Nada a assinalar
	DID-5	• Das partes em que não ouvia bem
	DID-6	Nada a assinalar
	DID-7	Nada a assinalar
	DID-8	Nada a assinalar
	DID-9	Nada a assinalar
	DID-10	Nada a assinalar
	DID-11	Nada a assinalar
	DID-12	Nada a assinalar

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-13	Nada a assinalar
	DID-14	Nada a assinalar
	DID-15	Nada a assinalar
	DID-16	Nada a assinalar
	DID-17	
	DID-18	Nada a assinalar
Interesse em participar noutras visitas	DID-1	• Quer participar em mais visitas porque gosta
	DID-2	• Quer participar mais vezes nestas visitas porque é algo que considera bonito
	DID-3	• Quer participar em mais visitas, mas só de forma ocasional
	DID-4	• Quer participar noutras visitas (e sublinha que nunca teve a oportunidade de ir)
	DID-5	• Quer visitar museus com objetos antigos e encontrar um tesouro (para saber o que acontecia antigamente) • Gostava de ver espadas num museu e de ver o que os reis e as princesas usavam
	DID-6	• Quer participar mais vezes porque é giro e porque gosta. • Sente-se bem (fica contente e distraído) • Gosta de estar atento às pessoas
	DID-7	• Quer ir mais vezes com a instituição
	DID-8	• Gostava de participar em mais visitas, porque não costuma ir e ajuda a passar o tempo
	DID-9	• Quer participar em mais visitas com música (ajuda-o a ficar mais calmo)
	DID-10	• Quer ir ver a casa da Amália, em Lisboa (e ver a cama onde ela dormia)
	DID-11	• Gostava de participar em mais visitas para conhecer melhor o Convento e para ver as suas exposições
	DID-12	• Quer participar em mais visitas, para ficar a saber mais sobre a cultura portuguesa

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-13	• Quer participar em mais visitas porque gosta de ouvir os sons, ver coisas diferentes e aprender mais a partir daí
	DID-14	• Gostava de participar em mais visitas porque há muitas coisas que não conhece • Quer evoluir mais e saber mais sobre os materiais usados
	DID-15	• Gostava de participar em mais visitas e de conhecer espaços culturais novos
	DID-16	• Gostava de participar em mais visitas porque considera ser algo interessante • É bom conviver (não tem muitas oportunidades destas) e ficar alegre nestes convívios • Faz bem à memória • Aprende algo
	DID-17	
	DID-18	• Quer participar noutras visitas porque é bonito (gostou da visita virtual)
O que achou do espaço cultural	DID-1	• É muito lindo
	DID-2	• Gostou de ver os elementos da exposição
	DID-3	• Gostou do Convento e sentiu-se bem
	DID-4	• Gostou de ver o que havia no Convento
	DID-5	• Fixe
	DID-6	• Bem • Ficou com vontade de lá ir (nunca foi)
	DID-7	• Lindo
	DID-8	• Grande • Nunca lá tinha ido
	DID-9	• Muito bonito
	DID-10	• Bem

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		Nunca lá foi
	DID-11	- Bom, porreiro - Gostou
	DID-12	Bem, bonito
	DID-13	- Muito bem feito/criado - Muito bonito - Nunca lá tinha ido - Quer lá ir
	DID-14	Muito grande (podia ser melhor aproveitado/mais dividido)
	DID-15	Bem (bonito)
	DID-16	Nunca lá foi e achou-o bonito
	DID-17	
	DID-18	Bom, bonito
Funções do espaço cultural	DID-1	Para as pessoas verem o que lá existe, para visitar
	DID-2	Para as pessoas verem o que lá está dentro
	DID-3	Para as pessoas verem
	DID-4	Para as pessoas irem ver o que lá está
	DID-5	- Para visitas - Já foi um convento de freiras
	DID-6	É um sítio onde estão freiras
	DID-7	Nada a assinalar
	DID-8	Ter quadros para as pessoas verem
	DID-9	Ver cinema

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-10	Nada a assinalar
	DID-11	• Para ter exposições
	DID-12	• Para ter exposições
	DID-13	• Para as pessoas visitarem e aprenderem coisas novas, com os artistas que criam os objetos/as músicas (aprender no contacto com outras pessoas)
	DID-14	• Mostrar objetos antigos • Fazer espetáculos • Angariar fundos
	DID-15	• Para visitar, ver os objetos e pedir opinião sobre o que fazer nos contextos de trabalho diários onde estão (como os materiais de que dispõem)
	DID-16	• Para visitar e ficar satisfeito
	DID-17	
	DID-18	• Para as pessoas verem as exposições
Como se sentiu	DID-1	• Bem
	DID-2	• Bem • Gostou do que viu
	DID-3	• A visita fez-lhe bem, gostou de ver a exposição
	DID-4	• Bem
	DID-5	• Bem (bem-disposta)
	DID-6	• Bem
	DID-7	• Bem
	DID-8	• Bem
	DID-9	• Calmo (esteve a ouvir)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-10	Bem
	DID-11	Sentiu que foi bom
	DID-12	Bem, confortável
	DID-13	Bem
	DID-14	Muito bem
	DID-15	Bem
	DID-16	Bem, confortável
	DID-17	
	DID-18	Bem
Dificuldades que teve	DID-1	Nada a assinalar
	DID-2	Nada a assinalar
	DID-3	Nada a assinalar
	DID-4	Nada a assinalar
	DID-5	Dar a vez aos outros e não estar sempre a falar (não gosta de incomodar os outros)
	DID-6	Nada a assinalar
	DID-7	Nada a assinalar
	DID-8	Nada a assinalar
	DID-9	Nada a assinalar
	DID-10	Nada a assinalar
	DID-11	Nada a assinalar
	DID-12	Nada a assinalar
	DID-13	Nada a assinalar
	DID-14	Nada a assinalar

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-15	• Relacionadas com as falhas na internet
	DID-16	Nada a assinalar
	DID-17	
	DID-18	Nada a assinalar
O que achou sobre os profissionais do espaço cultural	DID-1	• Tratou-a bem • Mostrou a exposição • Teve em conta as necessidades dos visitantes • Explicou bem os conteúdos
	DID-2	• Gostou da pessoa que os recebeu • Era simpática, tratou-os bem, foi tentando saber se a estavam a perceber, teve em conta as necessidades dos participantes e queria saber se estavam a ouvir os sons e se estavam a gostar da exposição
	DID-3	• Explicou a exposição e pedia para dizerem o que estavam a ver (incitou à participação na visita) • É uma boa pessoa • Teve em conta as suas necessidades
	DID-4	• Gostou de ouvir a profissional do Convento • Tratou-o bem, falava bem e era muito simpática • Teve em conta as suas necessidades • Percebeu o que disse
	DID-5	• É boa pessoa • Fez uma boa apresentação (explicava/contava bem) • Tratou-a bem • Teve em conta as suas necessidades

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-6	• Bem • Tratou-o bem • Teve em conta as suas necessidades (precisa de ajuda para estar entretido e contente) • Explicou bem os conteúdos
	DID-7	• Achou bem • Tratou-o bem • Explicaram bem os conteúdos
	DID-8	• Falava bem (percebia o que dizia) • Estava atenta às suas necessidades • Cantava bem
	DID-9	• Cantou bem • Explicou bem os conteúdos • Tratou-o muito bem • Precisa que lhe expliquem os conteúdos com calma
	DID-10	• Bem • Canta bem • Tratou-o bem • Teve em conta as suas necessidades • Percebeu o que disse • Mostrou os objetos para eles verem (uma tarola)
	DID-11	• Fixe • Boa pessoa • Explicou bem os conteúdos

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• Teve em conta as suas necessidades
	DID-12	• Foi simpática, falou bem • Tratou com muito nível • Explicou os conteúdos de uma forma amável
	DID-13	• Muito simpáticas, a repetirem a informação quando necessário • Trataram-no muito bem • Tiveram em conta as suas necessidades (mostraram os objetos e repetiam a informação quando não percebiam o que era dito) • Explicaram os objetos e de que eram feitos, para que os participantes pudessem aprender/saber mais
	DID-14	• Muito simpática, acolhedora • Gostou de a ouvir cantar • Tratou-o como uma pessoa sem deficiência • Superou as suas necessidades (respondia às suas questões) • Transmitiu as informações com calma, falou devagar (tem que se falar com cuidado e com calma para que se perceba)
	DID-15	• Bem • Trataram-no bem • Tiveram em conta as suas necessidades, explicando melhor os conteúdos • Conseguiu perceber tudo o que disseram
	DID-16	• Recebeu-os muito bem e falou bem • Teve em conta as suas necessidades • Explicou muito bem os conteúdos, esclarecendo para que percebessem melhor

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-17	
	DID-18	• Bem • Explicou os objetos da exposição • Tratou-os bem • Percebeu o que disse • Precisa que as pessoas lhe expliquem as coisas
Sugestões de melhoria	DID-1	Nada a assinalar
	DID-2	• Queria ver mais espaços do Convento • Achou a visita curta
	DID-3	• Quer ir ao Convento ver a exposição
	DID-4	Nada a assinalar
	DID-5	• Queria ir fazer uma visita presencial
	DID-6	• Gostava de fazer uma visita presencial ao Convento, no futuro
	DID-7	Nada a assinalar
	DID-8	Nada a assinalar
	DID-9	• Queria que a sala tivesse uma iluminação diferente
	DID-10	Nada a assinalar
	DID-11	Nada a assinalar
	DID-12	Nada a assinalar
	DID-13	Nada a assinalar
	DID-14	• Queria uma visita presencial
	DID-15	• Queria que a visita fosse mais longa e que se ouvissem melhor os sons

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	DID-16	Nada a assinalar
	DID-17	
	DID-18	Nada a assinalar

Grelhas individuais de análise de conteúdo – Profissionais da instituição de apoio

Tema: Fruição cultural de pessoas com DID que frequentam instituições de apoio

Código do participante: APPACDM-1

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Habilitações académicas	Licenciatura em Psicologia, Mestrado em Neuropsicologia Clínica e formação em Equitação com fins terapêuticos	“Eu sou licenciada em psicologia e... tenho um mestrado em neuropsicologia clínica (...) para além disso, eu tenho formação em equitação com fins terapêuticos.”
	Área de atuação profissional	Psicóloga	“Como psicóloga”
	Tempo de serviço na APPACDM de Coimbra	4 anos (mais o período de estágio profissional)	“Há quatro” [anos] “também fiz o estágio na APPACDM.” “mas como profissional é há quatro” [anos]
	Experiência profissional anterior	Trabalhou na área da equitação com fins terapêuticos durante três anos	“Trabalhei numa empresa de equitação com fins terapêuticos durante três anos e pouco.”
Experiência no trabalho com pessoas com DID	Funções	- Trabalha no CAO de Montemor-o-Velho, com 30 clientes - Faz o acompanhamento individual	“Eu trabalho no Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor...que é na Unidade de Montemor da APPACDM de Coimbra... Somos um CAO assim... pequenino médio, com 30 utentes. Lá eu (...) faço o acompanhamento individual, sempre que necessário, aos utentes... A par disso, eu também acabo por fazer parte da gestão do centro (...) para dividir aqui algumas tarefas. Não estou tanto ou como gostaria no direto com eles... Mas participo (...) nos planos individuais (...) onde

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Participa no planeamento individual (sonhos, objetivos dos clientes) • Trabalha com as famílias • Participa na gestão do Centro • Gostava de estar mais tempo em trabalho direto com as pessoas com DID	nós abordamos muito o que é o sonho deles e traçar os objetivos deles e também (...) com as famílias, o trabalho com as famílias e com os utentes.”
	Principais desafios/ dificuldades	• O trabalho com as famílias e com os funcionários do CAO (e não tanto o trabalho com as pessoas com DID apoiadas) • Funcionários que trabalham na instituição há muitos anos, sem formação específica e com hábitos que os condicionam. • Não sente dificuldades específicas no trabalho com pessoas com DID (em parte, porque tem sempre atuado junto de pessoas que revelam algum défice)	“acaba por ser mais desafiador quer as famílias quer os funcionários do que os próprios utentes. (...) porque (...) nós temos bastantes pessoas com bastante antiguidade na casa...e que em termos de formação específica também muitas dessas pessoas não têm essa formação específica e isso por vezes acaba por as limitar um bocadinho. (...) normalmente os hábitos que já têm acabam por as condicionar.” [principais dificuldades no trabalho com as pessoas com DID] “[pausa prolongada] não posso dizer que não é nada porque [risos] não era justo...” “As oportunidades que eu gostava de ter de melhoria era mesmo fazer um acompanhamento mais personalizado e (...) poder passar mais tempo com eles (...) fazer um trabalho mais direto com eles do que aquele que eu faço. (...) as dificuldades que encontramos são as dificuldades normais que encontramos em todo o lado. Não há uma dificuldade

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Gostava de fazer um trabalho mais direto e personalizado	específica ao trabalhar com esta população. (...) eu estive na APPACDM e quando estive na equitação terapêutica também com pessoas que sofriam de algum tipo de dificuldade. (...) na sua maioria...E no Rovisco Pais, com pessoas que tinham sofrido lesão cerebral, seja por AVC ou por traumatismo. (...) acabei por trabalhar sempre (...) com o défice, não é? E os desafios vão acontecendo, não é? Mas...consegue-se trabalhar neles e...consegue-se desenvolver qualquer atividade a que nos propomos, não é?”
Fruição cultural	Para as pessoas em geral	A cultura tem um poder muito importante (o conhecimento dá poder às pessoas)	“A cultura é muito importante. (...) O saber é poder. O conhecimento é poder (...)”
	Para as pessoas com DID	- Há uma tendência para se pensar que as pessoas com DID não se interessam e que não compreendem - Todas as pessoas têm o seu entendimento das coisas e têm gostos diferentes - A cultura é importante para as pessoas com DID - A cultura desperta outros interesses nas pessoas com DID - O papel da fruição cultural é idêntico, no caso das	“Há uma tendência até para pensar (...)que não se interessam...ou que não querem saber...ou que não vão conseguir compreender. (...) e todos nós à nossa maneira temos o nosso entendimento das coisas. Uns gostamos mais de uma coisas, outros gostamos de outras e... a cultura é muito importante (...) até porque acaba por...por também despertar outros interesses.” “Eu não acho que seja diferente. Porque...eles vivenciam...é como nós, não é? Eles vivenciam da mesma forma....podem chegar lá através de outras ajudas e precisando de outros recursos, mas isso nós também, porque...eu posso gostar muito de pintura e outra pessoa pode não gostar nada de pintura, não é? E para ela ser uma seca. Eu posso gostar muito de carros antigos e a outra pessoa (...) não ver aquilo da

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		pessoas com DID e das pessoas em geral • A forma como se vivem as experiências está relacionada com os interesses de cada um • Para que as pessoas com DID possam dizer se gostam ou não de uma determinada experiência cultural, têm que ser expostas a ela	mesma forma. Depende muito dos interesses, não é? E depois...de cada um. E se nós não os expusermos, eles também nunca vão conseguir dizer se gostaram ou se não gostaram”
	Diferenças nas pessoas com DID	• Podem existir diferenças, consoante os défices • Utilização de outros recursos, outro tipo de adaptações • Pode existir uma forma de perceção diferente • Ser diferente não significa que é menos válido nem menos interessante	“Poderá haver diferenças, dependendo dos défices (...) [pausa mais prolongada] que podem ser mais sensoriais. Estou a pensar que pode ser uma pessoa invisual (...) E aí teremos que ter outros recursos...também pode ser uma pessoa que pode ter algum tipo de lesão específica e que tenham que ser feitos (...) outro tipo de adaptações... e poderá ser diferente, sim a perceção. Diferente, não menos válido....nem menos interessante.”
	Considerações a partir da visita virtual ao MNMC	• Foi uma visita diferente, por ser virtual (foi desafiante) • As pessoas com DID estiveram atentas e	“Esta visita foi diferente (...)Por isso...foi algo desafiante...e percebeu-se que eles estavam atentos e que gostavam, apesar das limitações às vezes que a internet nos coloca ou os materiais ou termos que esperar um bocadinho para focar...acho que eles gostaram, eles perceberam onde é que

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		empenhadas e gostaram, perceberam onde estavam, mesmo aquelas que não conheciam o espaço (apesar das limitações da videochamada) • As pessoas com DID que já tinham estado no MNMC, identificaram logo os elementos do exterior	estavam, mesmo aqueles que não conheciam o espaço...aqueles que conheciam, identificaram logo os arcos e o largo e que tínhamos tirado ali as fotografias (...). Aqueles que não conheciam não podemos dizer que passaram a conhecer porque, claro, isto é diferente, mas identificaram e perceberam que estavam no museu e com obras de arte. E usufruíram...eles gostaram... empenharam-se (...) Viram os pormenores (...)”
	Considerações a partir da visita virtual ao Convento São Francisco	• As pessoas com DID gostaram • Foi uma visita rica e interessante (percepção auditiva e visual; associações entre elementos) • Era necessário mais tempo porque não dá para ver e perceber logo tudo (pediu para parar e mostrar de novo, em alguns momentos) • As profissionais do Convento colocaram-se ao lado dos elementos da	“Eu acho que gostaram ... que foi rica, em termos... quer da percepção auditiva quer visual, das associações que conseguimos fazer ... porque estou a pensar muito nos cães, porque achei muita graça (...) mas os bombos (...) foi rico nesse sentido e foi interessante e eles gostaram. (...) O que eu acho que acaba por falhar um bocadinho sempre é que, nestas visitas, tem que se estar mais tempo porque não se consegue perceber logo ou ver logo o que é que se está a passar. Elas tiveram a preocupação até de se pôr ao lado daquilo que estávamos a ver, para ver à escala, e isso foi muito importante, mas, às vezes, o tempo, por causa da internet e da chamada em si, não é suficiente e fomos pedindo para parar ou para mostrar outra vez, mas não é logo suficiente, não é (...) logo nítido.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		exposição para dar a entender o seu tamanho	
Intervenção dos CAO's da APPACDM de Coimbra ao nível da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID	Projetos existentes	- Projeto mais formal, intitulado "A Cultura também é para Nós", realizado no CAO de São Silvestre (mais específico e estruturado) - O CAO de Montemor-o-Velho também já teve a oportunidade de participar nesse projeto	"Sim, existem...(...) do que eu conheço existe um projeto que acaba por ser mais formal e que é do CAO de São Silvestre...que se chama "A Cultura também é para Nós"... é um projeto mais...acho que mais específico e estruturado. Pronto, porque é um projeto que (...) teve o seu princípio, meio e fim, não é? Nós também já tivemos a oportunidade...Montemor...de participar nesse projeto (...)"
	Dinâmicas consideradas	- Visita de um grupo de clientes do CAO de Montemor-o-Velho ao MNMC - Material previamente trabalhado pelas técnicas da APPACDM de Coimbra e pela responsável do MNMC - A imagem foi analisada em pormenor e contextualizada (ex.: qual era o seu material) - Foi reforçada a importância de não se poder tocar nas peças do museu (as	"Foi no Museu Machado de Castro...Fomos ver a escultura...esse material percebeu-se que claramente tinha sido todo trabalhado anteriormente pelas técnicas...quer pelas técnicas, quer pela pessoa que lá está a representar, portanto, o museu e que faz o acompanhamento à visita. (...) tudo foi sendo falado...foi esmiuçada a imagem. Foi falado desde qual é que era o material, (...) foi sendo tudo muito contextualizado e...inclusive há ali uma parte em que...que também acaba por ser muito importante (...) Que é para nós próprios não sermos descontextualizados...que é: não se pode tocar...na peça. (...)Porque muitas vezes nós vamos a sítios e depois não sabemos como é que devemos agir e a tendência para conhecer também muitas vezes é tocar, (...) sem qualquer tipo de intuito negativo, mas facilmente os nossos utentes

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• pessoas com DID têm tendência a agarrar as coisas) • Foi feita a caracterização dos clientes do CAO para as pessoas do MNMC os conhecerem • Foram informados da escultura que iriam vir • O material estava organizado • Foi feita a “desmontagem” da escultura • Uma pessoa do MNMC fez o acompanhamento durante a visita • Depois da visita, os clientes do CAO de Montemor-o-Velho deslocaram-se ao CAO de São Silvestre e viram as fotografias e os vídeos da visita (da observação e da exploração da escultura) • Nessa sessão, fizeram a mimetização da imagem	vão e agarram nas coisas, não o podendo fazer. (...) depois dessa visita nós tivemos a oportunidade então de ir ver outra escultura e aí...foi um trabalho muito interessante porque fizemos a caracterização dos nossos utentes...para que as pessoas os conhecessem também, (...)porque não trabalham no dia-a-dia com eles. Então, foi-nos pedido para fazer uma breve caracterização dos utentes pelas técnicas, a terapeuta da fala e a terapeuta ocupacional de São Silvestre... Percebemos que escultura é que íamos ver...Elas também já tinham esse material organizado...da desmontagem de toda a escultura... Fomos observá-la (...) ao contexto real do museu. Fomos...falar com...a pessoa responsável, a representante do museu, não é? A XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”] (...) que estava lá...que nos acompanhou e orientou durante a visita...E depois, deslocámo-nos todos para o CAO de São Silvestre e (...) para além de termos visto as fotografias e os vídeos que fizemos...enquanto estávamos a observar e a explorar a escultura...que é sempre interessante, não é, ter aquele plano de fora... fizemos a mimetização da imagem, (...) analisando cada pormenor, o que é que tinham vestido, tendo em conta tudo isso. Isso também foi preparado...porque já havia aqueles materiais que depois acabavam por estar disponíveis para a caracterização.” “Eu agora não consigo dizer qual é que era o nome da escultura. Estou a visualizá-la.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		(análise das roupas das personagens da escultura) • Os materiais para a mimetização já estavam preparados • A mimetização consistiu na imitação das personagens da escultura (um dos clientes imitou Jesus Cristo morto) • Durante a mimetização, foi feito o apelo às expressões faciais e a todos os pormenores das roupas e outros adereços	“(...) era Jesus Cristo [pausa mais prolongada]. Sei que estava lá Maria Madalena, (...) tivemos um morto fantástico... que se manteve...” “Eles imitaram (...) a escultura. Fizeram a mimetização mesmo da escultura. Portanto, havia alguém que estava deitado e que assumimos que estaria morto, não é? E essa pessoa mimetizou a morte, de forma exemplar, aliás [risos]...pronto, e depois, tínhamos (...) todas as outras pessoas que seriam próximas (...) dessa... pessoa morta...não é?...e que estavam em redor dela ...pronto, inclusive tentávamos apelar também às expressões faciais, não é? (...) não estariam todos felizes e contentes, estando ali ao pé de um ente-querido que teria morrido... Pronto, havia pessoas com cabelo mais comprido ou com barba. E...uns mais ricos, outros também ...mais pobres, via-se pela forma como se vestiam. Tentámos apelar a esses pormenores todos.”
	Envolvimentos dos profissionais da instituição de apoio	• Participou numa visita, em conjunto com uma monitora do CAO de Montemor-o-Velho e com a terapeuta da fala e a terapeuta ocupacional de São Silvestre	“Foram duas técnicas de São Silvestre (...) a terapeuta da fala e a terapeuta ocupacional e acompanharam-nos (...) Fui eu e outra colega que é monitora no Centro de Atividades Ocupacionais de Montemor. Escolhemos um grupo que (...) eu penso que era de dez utentes...mais ou menos(...) Escolhemos também pelo interesse deles, perguntámos, explicámos o que é que íamos fazer e eles aceitaram o desafio. Explicámos que também era um desafio para nós porque era a primeira vez

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Escolheu um grupo de cerca de dez clientes para a visita (escolha foi realizada em função do interesse dos clientes) • Explicação prévia do que seria feito e reforço de que era um desafio novo para todos • Antes da visita com o grupo do CAO de Montemor-o-Velho, observou uma visita de um grupo de São Silvestre para perceber como seria • Percebeu, nessa observação, que os materiais eram preparados com antecedência • Organiza algumas visitas, sobretudo ao teatro (mas não participa tanto nelas) • Tentam ao máximo que as pessoas com DID façam parte, que participem nas atividades culturais e que as outras pessoas	que estávamos a fazer este trabalho em conjunto... Houve uma primeira fase antes disto, ainda em que nós pudemos ir ter com o grupo de São Silvestre e pudemos fazer a experiência..." "Nós profissionais só, sim. Eu e a monitora. Foi-nos dada essa oportunidade. Ir com o grupo de São Silvestre e perceber, primeiro, como é que se iria realizar a dinâmica, ou seja, nesse dia, nós acompanhámos o grupo e estivemos a observar, não é? Percebemos que eram preparados os materiais, com antecedência, ou seja, ia-se ver determinada (...) escultura" "(...) eu organizei algumas visitas...quer ao teatro ou a última que fomos foi o Teatro da Primavera, na Marioneta... Pronto e tentamos participar...em atividades culturais, sempre que podemos. Ir ao teatro, ir ao cinema...até situações mais...estou a pensar (...) no Festival dos Espantalhos. Pronto, tentarmos fazer ao máximo parte da...parte do mundo, não é? Fazer parte! Participar e que as pessoas vejam que somos capazes. (...) acabo por organizar mais e não por participar tanto."

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		percebam que elas são capazes	
	Usufruto das pessoas com DID	• As pessoas com DID gostaram de participar porque tiveram a oportunidade de conhecer o museu • Ir a um sítio e ver a maior quantidade de coisas faz com que não aproveitemos muito porque é muita informação superficial (nesta visita, isso não aconteceu, porque as pessoas com DID puderam ver outras esculturas à volta, mas não se dispersaram) • As pessoas com DID tiraram algumas fotografias junto a outras esculturas, mas a imagem que guardaram depois da visita foi a escultura que exploraram	“Eles gostaram muito de participar. Gostaram, porque foram...tiveram a oportunidade de conhecer o museu, pronto, e depois valorizaram ...às vezes quando vamos a um (...) sítio e queremos ver o mais possível e conhecer o mais possível acabamos por não aproveitar nada e por não retirar nada dali porque é muita informação e muita informação superficial (...) E ali não. Eles acabaram por ver outras esculturas por onde nós passávamos, não é? Mas...eles não...não se dispersaram. Eles tiraram algumas fotografias, mesmo junto de outras esculturas, mas ficaram com aquela imagem...marcada, porque tinham feito aquilo. Pronto, inclusive foram para o Centro e foram contar aos colegas o que tinham feito e tinham visto.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Já no CAO, contaram às outras pessoas o que tinham visto e feito	
Mudanças necessárias para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural das pessoas com DID	Atendimento: -nos espaços culturais em geral	- Necessidade de uma maior abertura ao atendimento das pessoas com DID - Não são as instituições de apoio que devem impor essa abertura (tem de ser pelos exemplos de boas práticas) - Ainda há um medo associado ao atendimento de pessoas com DID, por alterações no seu comportamento (ex.: gritar, bater) - Durante a visita ao MNMC, alguns visitantes foram-se aproximando das pessoas com DID - É preciso mostrar que as pessoas com DID podem estar presentes, de uma forma agradável (para que os espaços culturais sintam	“Acho que é a necessidade de abertura. E acho que isso....não vamos conseguir ser nós a impor. Nós podemos ir mostrando através destes exemplos, que acho que são de muito valor e ir expondo estes exemplos porque isto acaba também por ser uma abertura do Museu Machado de Castro, não é? Daquilo que eu entendo, também o interesse. Porque quando nós falamos em pessoas com deficiência...com dificuldades intelectuais...há muito medo associado... Vai-se passar, vai começar a gritar...vai bater em alguém (...) e as pessoas não querem estas pessoas em espaços culturais (...) Nós inclusive...e estou-me a recordar disso...enquanto estivemos no museu, e porque havia as visitas a decorrer normalmente, à nossa volta...houve algumas pessoas que se foram aproximando, que perceberam que nós estávamos ali, que se foram aproximando e que foram ouvindo também o que estávamos a dizer e que foram ficando até por ali...alguns talvez por curiosidade...outros porque estavam a passar e queriam ver a escultura mais de perto. Mas acho que essencialmente é importante estarmos presentes e mostrarmos que isso é possível, não é? Principalmente de forma agradável. Que é para que os outros também sintam essa necessidade. Ok, eu quero ter as portas abertas a toda a gente...e também quero chegar até estas pessoas...e então desenvolver nos museus a preocupação... quer ter uma

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		a necessidade de abrir a este público) • É importante utilizar uma linguagem mais acessível, tanto para as pessoas com DID como para o público em geral (para que os conceitos fiquem na memória) • A primeira abordagem às pessoas com DID por parte dos contextos da comunidade costuma ser negativa • Há o entendimento inicial, por parte dos locais que recebem, de que a qualidade das ações e a importância das pessoas com DID é menor, mas, quando conhecem, o feedback é positivo (a ideia é tão negativa que, quando conhecem torna-se muito positivo) • Há contactos que são feitos com espaços da	linguagem mais acessível...não só para as pessoas com deficiência. Para todas até...porque há palavras e chavões que não vão ficar na nossa memória.” “a professora de música (...) diz que muitas vezes (...) a primeira abordagem é negativa. (...) porque nós próprios temos o nosso grupo de artes de palco e nós próprios vamos apresentar espetáculos ao exterior e a primeira abordagem, quando não os conhecem, por norma é negativa. Muito no:...Vêm para aqui apresentar alguma coisa de menor qualidade...ou de menor importância e, depois de verem, de darem essa oportunidade, o feedback é muito positivo. Pronto, até porque depois é assim...as pessoas têm uma ideia tão negativa da deficiência que, quando contactam com ela e quando contactam com alguma coisa, acaba por ser exponencialmente positivo porque elas estão à espera de alguma coisa muito má e que alguma coisa corra muito mal [risos]...E nisso ela refere que sim, que a primeira abordagem costuma ser...mais negativa. Eu também já tive alguns contactos...em que as pessoas de início estão muito de pé atrás...dizem que não sabem muito bem o que é que pretendo...e é preciso desmontar ali um bocadinho as coisas e tentar perceber que não vai ser complicado.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		comunidade, em que as pessoas ficam receosas e não percebem bem o intuito do contacto (é necessário explicar e dar a entender que não é complicado)	
	-no MNMC	• Não tem propriamente sugestões de melhoria (só questões relacionadas com a qualidade da imagem e outros aspetos da videochamada) • De resto, já existe uma sintonia entre os técnicos da instituição de apoio e os profissionais do MNMC	“...de melhoria...não...há sempre coisas que nós podemos agilizar...por exemplo, se calhar até se continuarmos a fazer visitas virtuais, estava a pensar, uma das dificuldades é manter a imagem focada...mas (...) para nos deslocarmos e eu acho que isso foi interessantíssimo...o termos vindo de fora para dentro...também é difícil de ter uma coisa estanque...só se for mesmo em termos de imagem e de qualidade ou de velocidade da imagem em si. (...) De resto, acho que eles e nós já estão perfeitamente enquadrados. Vocês [investigadora e terapeuta ocupacional do CAO de São Silvestre] fizeram um bom trabalho (...). Eles estão muito à vontade connosco.”
	-no Convento São Francisco	• Não tem propriamente sugestões de melhoria relativamente à visita, mas considera que o Convento deveria ser mais divulgado (as suas atividades são pouco conhecidas na comunidade)	“não tenho assim, tirando essa parte do tempo, nenhuma sugestão de... de melhoria. Acho que é um espaço que devia ser mais divulgado, vê-se pouco ou conhece-se pouco.” “As pessoas não sabem. Passa muito ao lado, não chega lá e é um espaço bonito, um espaço interessante da cidade e que acho que podia estar mais explorado, mesmo esta exposição que nós vimos hoje”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Contributos dos profissionais das instituições de apoio nas visitas -Preparação	• O contacto prévio dos profissionais das instituições de apoio com os profissionais dos espaços culturais é muito importante (preparar as pessoas e explicar-lhes com o que podem contar) • A caracterização das pessoas com DID, partilhada com os espaços culturais permite aos profissionais um maior conhecimento e uma melhor preparação • Deve existir um conhecimento prévio do conteúdo da visita, para que haja uma transmissão positiva às pessoas com DID • Deve haver uma articulação entre os profissionais dos espaços culturais e os profissionais das instituições de apoio	“Acho que é muito importante [o contacto prévio feito pelos técnicos da instituição]. As pessoas já sabem com o que é que vão contar. Neste, caso, que nós fizemos a apresentação dos utentes. (...) depois a XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”] ia brincando com algumas questões porque já sabia que havia ali algumas características deles. (...) Por isso eu acho que preparar as pessoas e mostrar-lhes o que é que podem contar... é importante.” “Convém (...) que se domine minimamente aquilo que se vai fazer ou do que é que se vai falar, que nos possamos sentir à vontade, não é? Porque se vamos para lá também completamente...às escuras e se não dominarmos (...)também acabamos por não conseguir transmitir aos nossos utentes. Convém que haja um conhecimento prévio, pedir ali algumas dicas, alguma ajuda no que vai fazer.” “Em articulação” “Podemos ou ir fazer uma visita prévia (...) se isso for possível. Às vezes não é de todo possível, mas pelo menos questionar algumas coisas...Mesmo em termos de acessibilidade...como é que se vai...como é que vai acontecer, como é que não vai....ser muito claro...se temos alguém em cadeira de rodas mas que até se pode deslocar sem cadeira...como é que vai funcionar (...) perceber o tempo, também acho que é uma coisa importante, quanto tempo é que vamos estar ali, é que vamos demorar a fazer aquela visita. Isto também para prepararmos os utentes, não é? Para não chegarmos ali e os

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• A possibilidade de fazer uma visita prévia (se não for possível, fazer pelo menos algumas questões: como vai ser a visita, qual a sua duração, quais as acessibilidades, conhecer a forma como os espaços estão organizados) • Um conhecimento prévio (mínimo) ajuda a diminuir a tensão de estar num espaço novo, no qual as pessoas com DID não sabem o que vai acontecer	atirarmos... ah, vamos ali e logo vemos o que é que é. (...) há coisas que são simples e nós já não valorizamos porque são coisas que nós fazemos...automaticamente, mas mesmo o chegar ao local e eles poderem (...) olhar para o sítio e perceber onde é que são as casas de banho...pronto, isso acaba por também os fazer sentir mais cómodos, não é? Se estamos ali todos em tensão e temos que estar ali e não sabemos muito bem ao que vamos e...não podemos fazer nada (...) acho que essa preparação é importante, esse conhecimento mínimo.”
	-Dinamização	• O acompanhamento dos técnicos nas visitas ajuda a sublinhar as potencialidades de cada um e a apoiar as situações de menor tolerância à frustração	“Nós também fomos apelando (...) ao que é que é mais positivo, aos que não têm tanta tolerância à frustração e que poderia ali acontecer alguma situação (...) mais constrangedora, no sentido de ficarem amuados ou (...) melindrados com alguma coisa.”
	-Pós-visitas	• Explorar o que aconteceu numa visita e a forma como decorreu, para perceber o que ficou da experiência e porque	“[exploração das visitas depois da sua realização] Nós fazemos muito isso, seja... em qualquer contexto. (...) depois fazemos todo o trabalho do que é que aconteceu, o que é que correu...o que é que correu bem, o que é que podia ter corrido melhor,

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		surgem muitas ideias diferentes, algumas delas erradas • Clarificar as experiências e esclarecer dúvidas	fazemos isso tudo. Porque...é importante é perceber o que é que se retirou da experiência... porque vão surgir muitas ideias diferentes. Podem também surgir muitas ideias que não são tão corretas ou tão adequadas...podem surgir mal-entendidos e convém sempre fazer uma abordagem e clarificar aquilo que se passou. Fazer (...) um apanhado, um resumo e tentar resolver divergências porque quanto mais...mais cedo se resolverem também melhor. Se houver dúvidas...”
Adaptação das visitas às características das pessoas com DID	Aspetos a considerar numa visita	• O mais importante é conhecer as pessoas (pontos fortes e limitações) para uma melhor abordagem • Sentir a pessoa e perceber se ela está a compreender e se está a apreciar	“Acho que é interessante conhecerem, lá está, as pessoas. Isso será o mais importante, não é? (...)se se dispõem a falar para aquelas pessoas ou a comunicar com aquelas pessoas, conhecê-las, conhecer quais é que são os seus pontos fortes, quais é que são as suas limitações, (...) para poder abordar as coisas da melhor maneira. E sobretudo depois, nessa altura, senti-las um bocadinho, não é, como nós fazemos...mesmo com pessoas sem deficiência. Tentar... perceber se a pessoa está a perceber, se a pessoa está a apreciar, se não está, se não está a perceber nada daquilo...pronto. Acho que isso que é o mais importante.”
	MNMC – necessidades identificadas e resposta às mesmas	• As pessoas com DID não expressam tanto as suas necessidades durante as visitas (se não perceberem algo, ficam caladas ou pedem ajuda aos técnicos da instituição de apoio)	“Eu acho que eles, às vezes, não expressam tanto as necessidades...não tanto como nós...eles tentavam ir ao encontro daquilo que era pretendido e, se não percebessem alguma coisa, eram capazes de ficar ou mais calados ou recorrer à ajuda de quem estava aqui, do lado de cá...nunca verbalizando...só quando eram instigados a verbalizar que não estavam a perceber é que o fazem...”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Foi difícil para o grupo perceber que a imagem de Jesus na pintura era de uma pessoa do sexo masculino e não do sexo feminino, pelas características físicas representadas	“Tanto que para eles...e isto é muito engraçado perceber...Jesus continuava a ser menina (...), porque tem o cabelo comprido e supostamente é menina...mas Jesus Cristo é homem e Jesus Cristo tem o cabelo comprido e eles têm esse conceito...e todos eles sabiam isso. Eles não identificam é Jesus Cristo nesta figura, ao colo da mãe...com anjinhos e...acho que isto é importante para lhes dar outra visão.(...) Tanto que a XXX [referência a nome próprio] disse logo que era o Menino Jesus (...) porque nasceu no Natal.”
	MNMC – usufruto dos participantes	As pessoas com DID foram muito colaborantes, estavam muito empenhadas em participar na visita e gostaram	“Eu gostei muito. Estava com algumas dúvidas se se ia perceber bem...se se ia ver bem...e acho realmente que eles foram extremamente colaborantes e estavam muito empenhados em participar e gostaram de participar.”
	MNMC – experiências mais significativas	- A experiência é significativa - Falar de temas da Igreja Católica (figuras que lhes são familiares, pela educação que tiveram)	“A experiência em si é significativa...” “Acho que falámos de Jesus Cristo e de Maria, que, para eles, e vindo maioritariamente de uma educação de base católica, são figuras que lhes são familiares...e que eles conseguem contextualizar.”
	MNMC - duração das visitas	- Inicialmente, considerava que a visita ia ser mais rápida - É de valorizar a atenção que as pessoas com DID demonstraram ao fim de	“O tempo...acabámos por demorar mais tempo do que o que eu pensava. Eu penso que demorámos cerca de hora e meia...e, por isso, acho que é de valorizar a capacidade que eles tiveram de se manter sempre responsivos e ativos participantes na visita, só evidenciando cansaço até mais para o final e quando já estávamos na nossa partilha já sem estar em videochamada.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		1h30 (mantiveram-se ativos e responsivos)	
	MNMC - acesso à informação	• É facilitado pela utilização dos guiões, pois estes tornam a explicação mais acessível, o que é essencial (as pessoas com DID conseguem assim perceber melhor os assuntos) • Os profissionais do MNMC têm sempre o cuidado de usar os termos mais adequados, mas também que estes sejam percebidos pelas pessoas com DID	“O acesso à informação é facilitado pela Catarina(...) E acho que isso é muito importante. Fazer os guiões (...) Acho que isso que é importante e torna acessível esta explicação, acho que é essencial. E eles gostam e identificam-se e conseguem perceber melhor do que estamos a falar. Em termos do museu, acho que eles têm sempre o cuidado...embora tentando sempre usar os termos mais adequados...têm sempre muito cuidado de tentar que eles percebam tudo aquilo que está a ser dito.”
	MNMC - acesso ao espaço e sua fruição	• O início da visita no espaço exterior fez muito sentido (cumprimentar as pessoas, etc.) e ajudou a aproximar esta experiência de uma visita presencial	“acho que termos entrado de fora fez todo o sentido, termos cumprimentado as pessoas...que estavam lá...era o que faríamos numa situação normal...viríamos sempre de fora, entraríamos no museu...eu lembrei-me logo que entrávamos no museu e íamos à casa de banho...pronto, mas cumprimentámos as pessoas que estavam ali à entrada e fomos.”
	MNMC – atendimento realizado pelos profissionais	• Sempre fantástico • Corresponderam sempre a tudo o que lhes foi dito (quando havia alguma	“é sempre fantástico!” “Foram sempre correspondendo a tudo aquilo que nós fôssemos falando, ela iam sempre tentando...quando houve

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	do espaço cultural	dificuldade, pela qualidade da videochamada, tentavam sempre colmatar)	alguma dificuldade, até em termos do som ou da imagem...elas iam sempre colmatando isso.”
	MNMC – sugestão de outros materiais/estratégias	• Por ser em videochamada, não é possível falar em tempo real e chega-se sempre depois (não é possível partilhar nem brincar tanto, para que não se perca o fio condutor da visita)	“o único bloqueio que encontrei é como não estamos a falar em tempo real...e chega sempre mais tarde...acabamos se calhar por não partilhar tantas coisas ou por não brincar até tanto com as coisas e até ir buscar outros exemplos, porque não queremos perder o fio à meada.”
	Convento São Francisco – necessidades identificadas e resposta às mesmas		
	Convento São Francisco – usufruto dos participantes	• Visita interessante e engraçada • As pessoas com DID usufruem mais quando participam na atividade e percebem • Podia ter existido uma exploração prévia dos materiais ou a sua	“Eu achei a visita muito interessante e muito engraçada” “A dada altura, no final, eu puxei um bocado desse assunto, “se pudéssemos imitar sons, o que é que fazíamos?” porque eu acho que eles usufruem muito quando participam do esquema da coisa e fica mais retido neles quando... participam e percebem e nós temos os materiais e da outra vez isso aconteceu, e explorámos a imagem, e aqui também não tínhamos preparado isso previamente, mas não houve essa exploração de sons e se calhar (...) do próprio mecanismo,

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		utilização durante a visita, no lado do CAO (para a informação ficar mais retida e consolidada) • É importante que contactem com diferentes contextos, para depois perceberem se gostam ou não e se querem voltar	podíamos explorar de maneira diferente, seria mais complicado porque era da nossa memória, há coisas que nós não íamos conseguir reproduzir, mas acho que fica mais retido, fica mais consolidado.” “Eu acho que é importante, acima de tudo, verem coisas diferentes e contextos diferentes. É importante mostrar, porque depois podem escolher se gostam ou se não gostam, se querem voltar a ir ou se não querem ... mas, pelo menos, terem essa oportunidade... de estar noutros contextos, de ver outros contextos e outras realidades.”
	Convento São Francisco – experiências mais significativas	• Ter contacto com os elementos da exposição e fazer a ligação com a realidade que conhecem • A experiência foi diferente daquelas que tiveram antes (a forma de apresentação)	“ter contacto com as coisas, associámos os bombos à filarmónica e às festas... que todos eles conhecem... Em si, foi tudo uma experiência diferente porque, apesar dos sons alguns já terem conhecido ou associarem, a experiência toda em si é diferente e o espaço é diferente e a maneira como é apresentado os sons é diferente.”
	Convento São Francisco - duração das visitas	• Adequada	“Acho que sim.” [se o tempo de duração da visita foi o adequado]
	Convento São Francisco - acesso à informação	• Correu bem • As pessoas com DID foram perguntando quando não percebiam ou quando contactavam com algo	“correu bem, eles foram sempre perguntando quando não percebiam, quando alguma coisa era estranha, nós também nos fomos antecipando, cada vez que achámos que alguma coisa era estranha para eles ou que eles não estavam a perceber bem ...”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		diferente do habitual (os técnicos da instituição de apoio foram antecipando estas situações) • Informação perceptível	“acho que foi perfeitamente... perceptível... e foi ao encontro disso, pelo menos foi tentado... sempre.”
	Convento São Francisco - acesso ao espaço e sua fruição		
	Convento São Francisco – atendimento realizado pelos profissionais do espaço cultural	• Muito adequado (apresentou-se e interagiu de uma forma positiva e próxima) • Adaptou-se muito bem (foi ao encontro do que estava a ser pedido e fez a ligação com a realidade do CAO – bolos)	“Eu acho que foi muito adequado, (...) apresentou-se, interagiu connosco de forma muito positiva e como se já nos conhecesse” “acho que correu bem até porque as pessoas também não nos conheciam, nós nunca fomos ali, nunca tínhamos visto e acho que se adaptaram muito bem a nós e tentaram ir ao encontro também do que é que nós estávamos a ... ver e a explorar, as perguntas que íamos fazendo ou do que íamos pedindo ... e também nos trouxeram um bocadinho para o contexto, falamos dos bolos, não é por acaso, que elas tinham estado a acabar um bolo antes de virem para aqui e ... e acho que se preocuparam”
	Convento São Francisco – sugestão de outros	• A explicação dos materiais é importante (devia haver mais tempo para essa explicação)	“Houve uma coisa que eu senti necessidade, não sei se eles sentiram, havia bolas e havia materiais, que elas foram explicando ou que eram de esferovite ou eram metálicos, houve outros que não. E acho que é importante falarmos do que é que são os materiais, porque se não, não se consegue

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	materiais/ estratégias	Os botões do robô poderiam ser numerados para facilitar a escolha, numa visita virtual (ter um esquema semelhante no lado do CAO, para facilitar a escolha)	perceber, há sons que se definem logo mas há outros que não e isso acho que é importante, e daí, lá está, mais esse tempo e esse dar espaço para... para questionarmos isso, “porque é que faz aquele som, porque é que sai dali” ... Mas de resto acho que correu muito bem.” “Quando a gente está lá e vê, é capaz de fazer mais perguntas ou de chegar... Mesmo aquele robot grande, era muito grande. Uma sugestão era que aqueles botões (...) a montagem grande, que faziam parte dos cães, aqueles botõezinhos que ela foi explorando é difícil perceber onde é que eles se mexem e foi muito complicado (...) escolhê-los de forma objetiva, acho, por exemplo, que podiam estar numerados” “se calhar até ter ... tipo um molde desse painel para nós escolhermos, isto nas visitas virtuais, ao pé do telemóvel, mas já estar ao pé do aparelho, porque aquele tempo que estávamos a escolher e depois íamos para ao pé do aparelho, acabava-se por perder ali tempo e, às tantas, eles estavam a escolher mas já não estavam a escolher nada, porque ela ia dizendo “Posso carregar neste?”, que eram aqueles que faltavam e acaba por não se ter ali aquele tempo para eles explorarem ... porque se quer mostrar tudo e eles às tantas... também não conseguem... nem estar a escolher nem depois perceber...”

Código do participante: APPACDM-2

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Habilitações acadêmicas	Licenciatura em Psicologia, pós-graduação em Psicologia Clínica, Comportamental e Sistêmica	“Eu sou licenciada em Psicologia. Depois, cheguei a fazer uma pós-graduação em Psicologia clínica, comportamental e sistêmica. É basicamente isso.”
	Área de atuação profissional	Psicóloga (acumulando outras funções)	“é enquanto psicóloga na APPACDM de Coimbra, na Unidade Funcional de Arganil. Se bem que as psicólogas na casa e no meu caso em concreto...nós acumulamos outras funções.”
	Tempo de serviço na APPACDM de Coimbra	Há 18 anos a contrato (há vinte anos, incluindo o estágio profissional)	“eu entrei na APPACDM há vinte anos, como estagiária, como estágio profissional. E tenho contrato há cerca de 18 anos a esta parte na casa.”
	Experiência profissional anterior	• Não trabalhou noutra instituição antes de trabalhar na APPACDM de Coimbra. • No contexto da APPACDM de Coimbra, trabalhou inicialmente nas empresas de inserção, no turismo social, CAO e Formação Profissional, estando na Unidade Funcional de Arganil desde 2003.	“Não [trabalhou noutra instituição/serviço], foi o meu primeiro trabalho. Na APPACDM é que já trabalhei noutras unidades. Comecei por estagiar na Tocha e (...) acompanhei o arranque das empresas de inserção, portanto fiz a seleção de (...) de população desfavorecida...de mulheres desfavorecidas para integrar as empresas de inserção. Na Tocha acompanhei essa parte mais de turismo social, das empresas de inserção, que na altura era de agricultura biológica e de turismo social...e acompanhei, desde logo, o CAO e a Formação também. (...)estive só um ano na Formação em Coimbra, na Formação Profissional... Depois então fui para Arganil em 2003, portanto sempre na mesma casa.”
Experiência no trabalho com pessoas com DID	Funções	• Psicóloga em três valências: CAO, Formação Profissional e CRI (Centro de Recursos para a Inclusão)	“sou psicóloga de três valências: CAO, Centro de Atividades Ocupacionais, Formação Profissional e também no CRI. No CRI não sou tanto psicóloga, mas (...) faço de monitora de TVPE, isto é, os alunos dos últimos três anos da escola que tenham necessidades especiais de acordo com o artigo (...) 54...”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• No CRI, atua como monitora de TVPE (Transição para a Vida Pós-escolar) - acompanhamento de alunos a empresas para despiste vocacional • Coordenadora da Unidade Funcional de Arganil (coordenação dos colaboradores, HCCP, sistema de qualidade, etc.) • Trabalha com a população com DID em idade adulta • No CAO, realiza entrevistas de avaliação e seleção (para a admissão dos clientes), os planos de acolhimento, os planos individuais (incluindo a avaliação e monitorização), em equipa multidisciplinar • Promove também reuniões com a equipa de colaboradores (informações gerais ou de âmbito técnico)	Acompanho-os a empresas para fazerem despistes vocacionais (...) e fazerem ali alguma aproximação mais ao mundo real do trabalho. Para além de psicóloga, sou coordenadora do Centro, da Unidade Funcional...tenho essa responsabilidade de coordenação, de coordenação do pessoal...também ver ali um bocadinho a higiene e a segurança da Unidade...o HCCP...a parte da qualidade, também, que é outra das funções que nós temos na APPACDM. Portanto, garantir o sistema de qualidade na APP... Portanto, são muitas funções e...são funções várias e diversificadas.” “Neste momento, na APPACDM estou mais...na maior parte do tempo, estou com população com dificuldades intelectuais (...) adulta... Portanto, a população do CAO é população adulta. Depois, temos alguns menores de idade, no caso do CRI, mas é uma amostra muito mais reduzida. Portanto, enquanto psicóloga no CAO e na Formação Profissional...vou começar pelo CAO...O que é que eu faço? Faço entrevistas de avaliação e de seleção, em conjunto com a técnica de serviço social...tento sempre numa perspetiva multidisciplinar no meu trabalho...mesmo na parte da avaliação (...) integro um pouco desse trabalho multidisciplinar...ou com a assistente social ou com outros técnicos de outras instituições que me possam dar informações sobre o utente. Portanto, faço essa sinalização, avaliação e peço a admissão dos clientes a CAO. Depois de essa avaliação ser feita, fazemos o plano de acolhimento, fazemos os planos individuais... Tanto o plano de acolhimento como os planos individuais também poderão ser feitos numa

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Faz ainda acompanhamento psicológico, nas situações de necessidade • Realiza reuniões individuais e coletivas com os clientes com DID (ex.: autodeterminação, direitos, qualidade de vida) • Na Formação Profissional, faz a avaliação, admissão e encaminhamento de candidatos (depois, insere-os no Centro) • Articula com a formadora todas as questões burocráticas • Como coordenadora da Formação Profissional, realiza as execuções físicas • No CAO e na Formação, faz acompanhamento a consultas médicas • No CAO, promove reuniões com as famílias (partilha de informações, questões específicas dos clientes,	equipa multidisciplinar. Fazemos então a avaliação desses planos e a monitorização (...). Para além disso, de forma geral, faço reuniões com alguma regularidade com a equipa de trabalho... Algumas reuniões podem ser mais gerais, com passagem de informação e discussão sobre o funcionamento. Outras mais específicas, que têm mais a ver com a minha área de Psicologia ou com a área técnica, portanto...e aí tenho que fazer reuniões mais de cariz técnico, com a técnica de reabilitação, com a assistente social, com a fisioterapeuta...e também, dessas reuniões, poderem surgir sugestões de atividades ou para o plano individual ou para desenvolver com os utentes. Nessas reuniões, depois se achar por bem, posso fazer reuniões mais alargadas, com as auxiliares ou com o restante pessoal, de assuntos que tenham a ver com o trabalho diretamente ligado com os clientes com deficiência intelectual. Portanto, no CAO, trabalho mais técnico será esse, com os utentes. Acompanhamento psicológico também...em situações em que às vezes nós vemos que os utentes estão a passar por momentos mais complicados, ou por crises mais agudas que tenham a ver com saúde ou com algum episódio que se passe na vida deles, também faço acompanhamento psicológico. Penso que, basicamente, em termos de psicologia será essa parte. Manter abertos espaços de reflexão. Às vezes, não tenho que fazer reuniões sistemáticas sempre com utentes...mas também promover essas reuniões com os clientes para falarem sobre eles. Ou em termos individuais ou então em termos coletivos. (...) Quando faço reuniões para

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		criação de grupo de apoio entre as famílias, com a mediação da psicóloga)	desenvolver competências de autodeterminação ou então reuniões para trabalhar alguns temas específicos que eu ache...eu ou a equipa técnica...ou maioritariamente os clientes quando acham que têm lacunas em determinadas áreas...ou quando me pedem para falar sobre um tema, nós falamos. Por exemplo, ou sobre autodeterminação, ou sobre direitos, ou sobre a qualidade de vida. (...) ainda posso fazer reuniões mais alargadas. Ou as faço sozinha com os clientes ou então peço (...) para estar a assistente social ou então a técnica de reabilitação também.... Depois, na Formação Profissional, para além da avaliação, admissão dos possíveis candidatos a formação, faço encaminhamento destes candidatos para o Centro de Recursos da nossa área de residência, para os validarem ou não. Faço todo o processo de admissão, que é um processo um bocadinho burocrático também em termos de papelada (...) Apresento (...) e enquadro os formandos no Centro, explico-lhes as regras básicas de funcionamento (...) Depois, ao longo do tempo, tenho que articular com a formadora em termos de dossiers técnico-pedagógicos, para ter tudo em ordem...os sumários, as horas de formação...e, enquanto coordenadora da Formação, tenho que fazer as execuções físicas (...) de dois em dois meses temos que colocar as horas numa plataforma específica para o efeito....Também aqui, no CAO e na Formação, poderá haver a necessidade às vezes de acompanharmos a consultas específicas. Eu e a assistente social dividimos às vezes, entre os utentes, quem é que vai acompanhar determinadas consultas médicas, tanto

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			de formandos, como de clientes de CAO, que têm dificuldades intelectuais. Às vezes, depende da problemática que é apresentada, depende do grau de relação que nós temos com o cliente e com as famílias. (...) Para além disso, não tanto com a Formação Profissional, mais com o CAO (...) também costumo promover reuniões com famílias....ou quando temos informações para dar, ou quando vemos disso, para trabalhar algum assunto específico dos clientes...mas, pelo menos, duas a três por ano, fazemos sempre (...) para debate de informações gerais, questões mais particulares dos utentes. Podem ser feitas três reuniões com famílias em grupo, em grande grupo (...) agora as famílias o que pretendem é criar um grupo de apoio entre elas, em que sejam mediadas por mim, para falar sobre vários assuntos da vivência de ser mãe ou um pai ou um familiar de uma pessoa com dificuldades intelectuais...Ou então podem ser feitas também reuniões individuais com as famílias, para tratar de assuntos específicos ou para fazer os planos individuais, nos casos em que as famílias tenham que participar ou que os utentes queiram ver os seus familiares envolvidos.”
	Principais desafios/dificuldades	• Esta área parece mais complicada de se trabalhar do que outras, mas, quando se começa, é mais fácil (se a pessoa tiver mente aberta e se se focar naquilo que os clientes	“é uma área que, às vezes, parece mais complicada de se trabalhar à partida...mas, quando começamos a interagir com a população, e se tivermos a mente aberta, e se nos focarmos naquilo que os clientes nos dizem e nos transmitem...pode ser por palavras ou não só...às vezes, é mais fácil. Eu acho que o desafio aqui é mesmo esse: é nós libertarmo-nos de preconceitos, é libertarmo-nos de ideias pré-concebidas

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		transmitem, por palavras ou por outras vias) • O desafio é libertarmo-nos de ideias pré-concebidas e ouvir o que a pessoa com DID tem para dizer (pode ser um desafio quando a pessoa não consegue falar - é preciso perceber pela forma como se comporta; usar outras formas de comunicação, como imagens, gravuras, música; pedir ajuda também às outras pessoas com DID com quem a pessoa mais interage) • Outro desafio é o técnico despojar-se das competências técnicas e não achar que sabe as coisas em vez da pessoa com DID (o que quer, o é melhor para ela) - nem sempre é fácil para o técnico fazer esse trabalho horizontal (o técnico	e...não é colocarmo-nos no lugar do outro, é ouvir o que o outro tem para dizer. Porque...se eu tiver vinte anos de experiência, eu acho que há coisas que eu nunca vou conseguir antecipar o que é que o outro está a pensar ou o que é que o outro quer, portanto aí o que eu costumo fazer é...e já tive algumas surpresas...porque achei que o cliente estaria a reagir de uma determinada forma por uma questão e não era. Aí é mesmo ouvir...se nós não percebermos, clarificar o que é que eles nos está a querer dizer. Às vezes, isto é um desafio nos clientes com dificuldades intelectuais que não têm oralidade...e esse desafio aí é mais engraçado, porque temos que chegar a eles de outra forma, ou perceber através das atitudes ou perceber através dos colegas deles, que os conhecem bem porque estão todos os dias. O que é que eles quererão dizer. Ou então arranjarmos formas alternativas de comunicar e de eles nos fazerem transmitir essas ideias...ou através de imagens, de gravuras ou através de uma música, de um sentimento, perceber o que é que eles nos dizem. Portanto, eu acho que o maior desafio é este. E outro dos desafios associados é nós, enquanto técnicos, nos despojarmos dessas competências técnicas, acharmos que nós sabemos as coisas por eles...o que é que é melhor para eles ou o que é que eles querem. (...) nem sempre isso é fácil. Mas...é tirar esses conhecimentos técnicos de lado e é fazermos uma relação horizontal com os nossos utentes... É: nós estamos aqui para ajudar, entre aspas...para apoiar naquilo que eles precisarem e que acharem que é necessário, mas nunca nos

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		também não deve ser passivo por completo) • As pessoas escolhem aquilo que conhecem, por isso, é importante proporcionar às pessoas com DID experiências dentro e fora do CAO que geralmente não têm (visitas de estudo, atividades com outras instituições), para que conheçam outras realidades (para saber se gostam ou não) • Posteriormente, as escolhas das pessoas com DID são feitas consoante as experiências novas que tiveram e de que gostaram • Estes desafios não são fáceis, mas é possível alcançá-los (ter uma relação genuína com as pessoas com DID e estar preparado para essa relação)	sobrepondo com a nossa opinião. Também concordo, a par disto, que nós não devemos ser completamente passivos nas coisas, não é? Uma coisa é aceitar a opinião e outra coisa é...que a nossa chefe nos diz muito: “Nós só escolhemos aquilo que nós conhecemos”. Acho que outro dos nossos desafios é, para além de ouvir o cliente...proporcionar-lhes experiências em que eles...tenham experiências dentro e fora do Centro, dentro e fora da sua família, que não têm normalmente...Porque senão, se eles não conhecerem o que é que há para além das fronteiras da sua casa ou do seu centro...ou através de visitas de estudo, ou através de atividades com outras instituições (...) as metodologias podem ser várias, mas nós temos essa obrigação de lhes mostrar outros quadros, outras realidades. Para ver se eles gostam, se eles não gostam, se concordam, se não concordam...E o que é engraçado é que eles vão experimentando e, à medida que vão experimentando, alguns fazem as escolhas de acordo com aquilo que (...) experimentaram e que gostaram. E também lhes abre aí mais portas para que, no futuro, possam estar mais abertos a outras experiências que também nunca tiveram. Portanto, acho que são desafios interessantes, que às vezes não são muito fáceis (...) às vezes até podemos achar: “Ai, então isto é tão simples de chegar lá!”. Não é. (...)nós temos que ter uma relação genuína com eles e temos que estar preparados para ter essa relação genuína.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Fruição cultural	Para as pessoas em geral	• A parte cultural na vida das pessoas em geral é interessante porque varia de uma pessoa para outra (depende da vivência e do sentir de cada um) • A vivência e a interpretação de diferentes experiências culturais varia de pessoa para pessoa • É algo muito individual e privado, que é importante para “mexer” com o conhecimento, as sensações, as emoções da pessoa (pensar o mundo de outra forma) • Na cultura, nada é imposto e cada pessoa expressa as suas preferências • Pensar no que a experiência cultural traz de novo à vida de cada um	“na vida das pessoas em geral...eu acho que...a parte cultural é interessante porque...a cultura ou arte para as pessoas no geral, acho que...depende de cada um. E eu...depende da vivência de cada um, o que é que cada um sente. Quando nós vamos a um espetáculo de teatro, de música, a um museu ou a qualquer manifestação cultural ou musical...cada um de nós...sai de lá com uma vivência diferente e com uma interpretação diferente do que está a ver. Portanto, eu acho que isso é muito importante para quê? Para mexer... Como é uma coisa muito privada e muito individual...acho que é interessante para mexer...ou com os nossos conhecimentos, com aquilo que nós já temos, com as nossas sensações, com as nossas emoções e leva-nos a pensar o mundo depois também de outra forma. E o que é giro é que não é nada imposto, portanto cada um tem a sua experiência própria e...não temos que andar aqui a...a gostar todos, por exemplo, de música clássica, a gostar todos de uma peça de teatro mais...daquelas mais antigas...portanto, mais formais. O que eu acho mais interessante é isso: nós explorarmos as nossas emoções, os nossos sentimentos, o que é que nós a assistirmos à manifestação cultural...o que é que aquilo nos traz de novo à nossa vida. Se traz tranquilidade, se traz alegria, se traz bem-estar, se traz conhecimento...mais conhecimento. Se é uma forma metafórica de nós vermos a nossa vida e o nosso quotidiano.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Para as pessoas com DID	• O papel da experiência cultural é semelhante nas pessoas com e sem DID • As pessoas com DID são pessoas (todas as pessoas têm áreas fortes e áreas fracas) • As pessoas com DID têm dificuldades a nível cognitivo, mas percebem os sentimentos dos outros em relação a elas • As famílias de Arganil têm, geralmente, um nível socioeconómico baixo (apesar disso, as pessoas com DID têm curiosidade pelo que se passa à sua volta e gostam de ter experiências culturais) • Apesar de haver experiências mais significativas para uns do que para outros, as vivências são iguais às das pessoas sem DID	“Eu penso que não [o papel da experiência cultural não é diferente no caso das pessoas com DID], (...) porque a pessoa com dificuldade intelectual é uma pessoa, ponto final. (...) Todos nós temos áreas em que somos muito bons, temos áreas em que temos mais limitações, temos áreas em que já nascemos dotados para fazermos certas coisas e noutras áreas não. E temos uma certa funcionalidade no nosso dia-a-dia, portanto a pessoa com dificuldade intelectual também tem. Tem dificuldade intelectual, mas também tem áreas muito boas. Pode ser um excelente pintor, pode ser um excelente comunicador, pode ser um excelente observador daquilo que nos rodeia. Aliás, há muitas pessoas com dificuldades intelectuais...eu acho que a maior parte da nossa população é assim...que...pode não ter um nível cognitivo muito elevado, mas, através da relação, percebe perfeitamente quando é que estão a ser enganadas, quem é que gosta delas e quem é que não gosta. (...) Com todas as suas grandiosidades e com todas as suas limitações. Aqui, especificamente em Arganil...que é a realidade que estou mais próxima...as nossas famílias, de modo geral, são famílias que têm um nível socioeconómico um bocadinho baixo e que têm condições socioculturais um bocadinho limitadas, mas isso não implica que os nossos clientes não estejam curiosos...e não queiram absorver tudo o que se passa à volta. Portanto, aqui a vivência por eles é tida como a vivência que nós temos. Quando nós lhes proporcionamos essa possibilidade de irem ver uma exposição, um concerto, um teatro...eles vão com curiosidade,

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		As pessoas com DID podem ter outras dificuldades associadas, tais como ao nível da compreensão global da experiência cultural, mas essa questão da acessibilidade está dependente da instituição e do espaço cultural	vão com os sentidos alerta, veem o que é que se passou...alguma coisa lá fica, como alguma coisa nos fica a nós, não é? Há espetáculos que nos dizem mais, há espetáculos que nos dizem menos, mas penso que as vivências são completamente iguais. Podem não ser iguais numa parte (...) que é...nem todos os clientes com dificuldade intelectual às vezes têm outro tipo de dificuldades associadas...e podem não compreender, na sua totalidade, o espetáculo que vão ver, mas isso depois depende de nós ou da entidade que está a promover o espetáculo, a acessibilidade para essa pessoa.”
	Diferenças nas pessoas com DID	- Podem existir diferenças na forma como as pessoas com DID desfrutam de uma visita cultural - As pessoas têm mais dificuldade em perceber as dificuldades de uma pessoa com DID do que de uma pessoa com deficiência motora ou visual (dificuldade em perceber o que é que a pessoa está a entender ou não) - As pessoas com DID podem não perceber o que acontece à sua volta (o que é dito, o que é pretendido,	“Ainda (...) poderão haver diferenças ao desfrutar. (...) E estivemos numa formação há pouco tempo...algumas de nós na casa em que isso era dito. Se calhar, é mais fácil para nós percebermos quais são as limitações de uma pessoa invisual ou de uma pessoa com uma deficiência física porque...basta colocarmo-nos numa cadeira e não nos podermos mexer e vermos a limitação que isso causa...ou numa pessoa invisual colocar uma venda e perceber (...) o que é que nós não conseguimos ver. Numa pessoa com limitações intelectuais, às vezes é muito mais difícil nós percebermos o que é que a pessoa está a entender ou não daquilo que se passa à sua volta. (...) isso poderá ser uma limitação. E uma formadora disse...deu um exemplo que me ficou para sempre na cabeça, que é assim: eu não percebo nada de alemão...se eu estiver num sítio onde só se fala alemão, se calhar é uma experiência idêntica ao que se passa com os nossos clientes com dificuldade intelectual que é...não perceberem o que é que se

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		o que devem fazer com a informação, a forma como se devem orientar no espaço) e isso pode tornar a vivência diferente • Relativamente às pessoas com DID, ainda não existem muitas adaptações para que desfrutem da experiência por completo, em comparação com as pessoas com outros tipos de deficiência	está a falar à sua volta. Não percebem o que é dito, não percebem o que é que é pretendido, não sabem orientar-se naquele espaço e não sabem o que é que é para fazer com as informações que estão sempre a receber. (...) possivelmente aqui essa vivência pode ser diferente para a pessoa com deficiência intelectual, comparativamente a outras populações. Porque, por exemplo, nós vemos que agora já há aqueles audioguias (...) nas exposições, para serem adaptados para outras populações e para a população com deficiência intelectual ainda não existem tantas adaptações assim, de forma a que as pessoas desfrutem completamente da experiência.”
	Considerações a partir da visita virtual ao MNMC	• Ficou muito surpreendida (muito interessante) porque, antes da visita, as técnicas do CAO tinham analisado com os participantes com DID o que iam ver, para se situarem melhor na visita e eles ainda se lembravam dessa análise e estiveram com muita atenção aos pormenores • Foram muito pacientes para esperar e	“(...) nós tínhamos feito um exercício prévio com eles...de explicar um pouco o que é que iam ver, para eles ficarem mais situados no tempo e no espaço e perceberem o que é que iam ver e dirigir a atenção para a visita. E fiquei agradavelmente surpreendida porque muitos deles ainda se lembravam o que tinham analisado antes, estiveram muito atentos aos pormenores (...) foram muito pacientes...mesmo quando não se percebia em termos de audição ou de imagem...acho que tiveram a paciência suficiente e a calma para esperar e para corresponder. Estavam preocupados em corresponder e estavam sempre muito curiosos. Sempre que a guia tentava dizer-lhes que ia contar um segredo ou fazer uma revelação, isso ainda prendia mais a atenção...e estavam com a atenção ativa e seletiva ao que estavam a ver. Disseram informações

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		corresponder, mesmo quando não se percebia bem, pela qualidade da videochamada • Estiveram sempre muito curiosos e atentos (a estratégia da profissional do espaço cultural de dizer que ia contar um segredo/fazer uma revelação ainda contribuiu mais para isso) • Contribuíram com o que sabiam previamente sobre o que iam ver e ampliaram os seus conhecimentos a partir do que vivenciaram na visita	prévias que já sabiam...conseguiram memorizar outras durante a visita...e deram prova disso...que tinham percebido ali informações diferentes que não tinham previamente...e conseguiam lembrar-se uns aos outros o que é que estavam a ver, o que é que se tinha passado. Achei muito interessante.”
	Considerações a partir da visita virtual ao Convento São Francisco	• Desfrutaram bem, perceberam o teor da visita, perceberam a exposição (o tema, o que se podia fazer naquele espaço, qual a utilidade do espaço cultural) • Pediam para repetir, quando não percebiam	“Eu acho que desfrutaram bem, acho que perceberam o teor da visita, perceberam a exposição, sobre o que é que era, perceberam o que é que se podia fazer no espaço, assim de forma geral, do Convento, que elas não conhecem, e não conhecendo, acho que perceberam, por aquilo que lhes foi dito na visita, o que é que lá se fazia, qual a utilidade do Convento. E penso que... perceberam, quando não perceberam o que diziam, até pelas condições acústicas ou mais tecnológicas, pediam para repetir, as pessoas repetiram,

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		algo (mais pela qualidade da videochamada) e a profissional repetia	portanto, acho que conseguiram perceber o que é que lá se passava.”
Intervenção dos CAO’s da APPACDM de Coimbra ao nível da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID	Projetos existentes	• Projeto do CAO de São Silvestre (também disseminado um pouco para os outros CAO’s) • No CAO de Arganil, a terapeuta da fala também apoia nesta área • Existe um projeto de histórias sociais, em que são utilizados dois livros com esta metodologia, através da análise de situações do quotidiano em que as pessoas com DID têm algum tipo de dificuldade (explicação em linguagem acessível) • A terapeuta da fala também faz a adaptação da linguagem em atividades na comunidade (incluindo experiências culturais – para as pessoas	“Sim, nós temos tido conhecimento (...) do projeto que se desenvolve mais especificamente no Centro de São Silvestre, mas que também já foi um pouco disseminado para os outros centros. No Centro de Arganil, temos uma terapeuta da fala, também, que ajuda nessa parte. Um dos projetos é...agora não me lembro do nome dele [risos]...mas pronto, basicamente, (...)são uns projetos das histórias sociais (...) em que nos mostram situações do quotidiano que, normalmente, as pessoas com dificuldades intelectuais têm dificuldade. Por exemplo, numa situação social de como interromper uma conversa, de como dizer que não a um amigo (...) e esses livros com as histórias sociais são muito bons, porque têm a descrição dessa história com linguagem corrente e com linguagem acessível...e também com algumas sugestões sobre como abordar o tema. Portanto, isso tem sido muito interessante no trabalho com os nossos utentes...começou a ser feito primeiro em São Silvestre e agora já foi disseminado por todos os CAO’s da casa. E é muito importante porque, a partir daí, podemos trabalhar questões muito funcionais do dia-a-dia dos clientes (...) isso é uma ajuda muito importante...(...) o trabalho na APPACDM não se tem restringido a abrir o livro, trabalhar aquela história e ponto final. (...) já aconteceu nós termos eventos em Arganil (...) por exemplo, as Jogolíadas, que são jogos adaptados para pessoas

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		com DID saberem onde vão e o que vão ver)	com dificuldades intelectuais...e a terapeuta da fala o que fez foi adaptar todos os jogos, para linguagem mais acessível...as instruções dos jogos também com essa linguagem... mesmo o mapa da deslocação e da localização dos jogos também foi feito nessa linguagem. E sempre que (...) existe algum espetáculo ou alguma atividade que seja promovida por nós na comunidade, também usamos essa metodologia de trabalho nesses locais, para as pessoas saberem onde se dirigem, o que é que vão ver, portanto, isso foi muito interessante.”
	Dinâmicas consideradas	• No projeto “Cultura para nós” [“A Cultura também é para Nós”], as pessoas com DID vão visitar espaços culturais como o Jardim Botânico, o Museu Nacional de Machado de Castro e o Exploratório • São acompanhados por técnicos da APPACDM de Coimbra e são utilizados guiões para facilitar o acompanhamento pelos profissionais dos espaços culturais • O objetivo geral é visitar os espaços culturais, perceber	“Depois o projeto, que agora já me lembrei, que é o Cultura para nós (...) o que interessa é o objetivo e é o conhecimento do projeto...isso acho que conheço...É ir-se visitar certos espaços, como o Jardim Botânico, como o Museu Machado de Castro...e o Exploratório...e essas visitas serem feitas com utentes nossos com dificuldades intelectuais, mas serem feitas com um guião, de forma...e com acompanhamento por parte dos profissionais desses locais...e com alguém da APP...mas aí o objetivo geral é fazerem as visitas a esses locais, perceberem o que é que lá estão a fazer, perceber-se o que é que sentiram nessas visitas...e depois, ao mesmo tempo, esses profissionais, por exemplo, do Museu Machado de Castro, ter um guião acessível para outras pessoas com deficiência que não os nossos...que lá vão e que consigam...fazer uma visita e perceber o que é que se passa nesse museu em particular...Portanto, eu acho que isso são projetos...acho que

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		o que estão lá a fazer, perceber o que sentiram nas visitas • Além disso, os espaços culturais ficam com recursos (ex.: guião acessível) para o atendimento a outras pessoas com DID • A filosofia de trabalho da instituição visa a aproximação das experiências das pessoas com DID àquelas que são vividas pelas pessoas em geral (trabalho, estudo e lazer, de acordo com a faixa etária) • Existem muitos convites da comunidade de Arganil dirigidos às pessoas com DID apoiadas pelo CAO (ex.: pavilhão multiusos Cerâmica Arganilense - feira do livro, cinema, espetáculos)	são muito interessantes para...promover essa vivência da nossa população no exterior.” “nós em Arganil (...) a nossa filosofia de trabalho, assim como na APP no geral, é que (...) os nossos clientes tenham as vivências o mais normalizantes possível. (...) eles são uma pessoa, assim como eu sou. Então, tudo o que nós fazemos...nós somos todos adultos...o que é que os adultos fazem nesta fase da vida?...ou trabalhamos, ou temos algumas formações também (...) Ou então andamos a estudar ainda. E o que é que nós fazemos? (...) nos nossos tempos livres, vamos ao teatro, vamos ao cinema, vamos à piscina, vamos ver exposições...E os nossos clientes de lá não são diferentes por isso. (...) como é uma comunidade pequena e muito hospitaleira, nós somos convidados para muita coisa...e mesmo quando não somos convidados, assim que sabemos, vamos. Portanto, temos lá um espaço que é um espaço multiusos que é a Cerâmica Arganilense que recebe muitas exposições...faz a feira do livro...recebe exposições às vezes do Exploratório também...para alunos da secundária...e aí nós tentamos adaptar mais a faixa etária para os nossos (...) na cerâmica há projeção de filmes, cinema. Eles costumam ir ver. Portanto, vamos lá ao cinema ver espetáculos. Quando há algum espetáculo de teatro, ou de dança ou de música, eles costumam ir ver. Na nossa última colónia de férias, foram ver concertos de música e gostaram muito e diziam...o nosso XXX [referência a nome próprio de cliente de CAO] (...) dizia: “Isto é mesmo um concerto” (...) portanto, percebeu que estava em

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Na colónia de férias, os clientes do CAO de Arganil foram ver um concerto e sentiram que era mesmo a sério • Existem convites para ir a bares, ver espetáculos ou DJ's • Arganil é uma vila e não tem muita oferta cultural, mas os clientes do CAO participam em todas as iniciativas	contexto real e que não estava num concerto lá da APP, só lá dentro. Também já fomos convidados para ir a bares à noite. (...) vamos aos bares, assistimos ao DJ ou a algum espetáculo que esteja a haver na altura. (...) é diferente de uma cidade. Arganil é uma vila, tem menos oferta cultural, mas a oferta cultural que vai tendo...tem feiras medievais, feira do livro, espetáculos (...) eles costumam participar nisso tudo, sim."
	Envolvimentos dos profissionais da instituição de apoio	• As pessoas com DID são acompanhadas por técnicos da APPACDM de Coimbra nas visitas	"e com acompanhamento por parte dos profissionais desses locais...e com alguém da APP..."
	Usufruto das pessoas com DID	• As pessoas com DID participam nas atividades culturais com curiosidade • Existe um trabalho prévio de exploração para aumentar o conhecimento gerado a partir da experiência	"Como é que eles participam? (...) eles vão com curiosidade. (...) Normalmente, nós fazemos alguma conversa com eles, do género: o que é que nós vamos ver, para introduzirmos o tema, para eles pensarem um bocadinho sobre aquilo que irão ver a seguir...para lhe abrir ali um bocadinho a experiência. Depois, vão ver a experiência e aqui por vezes o que é que falha? Falha a tal acessibilidade a pessoas com dificuldades intelectuais. (...) nós, por acaso, não temos nenhum utente

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Existem falhas na acessibilidade a pessoas com DID • As pessoas com DID com mais autonomia ajudam as pessoas com mais limitações e explicam-lhes o que está a acontecer • As pessoas com DID com maiores limitações aproveitam aspetos como a luz, o som, as sensações • No final da experiência cultural, em grupo, os técnicos perguntam às pessoas com DID o que viram e sentiram • O trabalho em grupo permite a partilha de experiências e o alargamento do leque de interpretações/sentimentos/ experiências • Falta uma maior adaptação para que as pessoas com DID usufruam mais	invisual, mas daqueles que têm dificuldade intelectual por vezes (...) os nossos utentes mais autónomos até costumam ajudar um bocadinho os colegas com mais dificuldades e vão explicando um pouco o que é que se está a passar durante, por exemplo, a peça de teatro. (...) no espetáculo da nossa gala, isso aconteceu (...) alguns utentes iam dizendo: “Olha, aquela personagem é tal, aquele...”. (...) vão explicando ao colega o que é que se está a passar... Acho que aproveitam em termos de luz, som, sensações. (...) No final do espetáculo...ou da visita...que nós façamos, costumamos sempre perguntar: “Então, o que é que vos ficou disto? O que é que vocês sentiram com isso?”. (...) e trabalha-se isso em grupo. Achamos que é engraçado trabalhar essa parte em grupo porque o que um sente pode não ser o que o outro sente e assim vão partilhando experiências e vão alargando ali o leque das interpretações e dos sentimentos e da experiência. Mas, possivelmente, de forma geral, faltarão aqui mais alguma adaptação para as pessoas com dificuldades intelectuais poderem aproveitar mais da situação cultural, poderem usufruir ainda mais (...)”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Mudanças necessárias para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural das pessoas com DID	Atendimento: -nos espaços culturais em geral	• Dar continuidade a projetos como o iniciado pelo CAO de São Silvestre em parceria com o MNMC, o Jardim Botânico e o Exploratório (alargar para outros espaços culturais) • É necessário que os espaços culturais percebam quais são as dificuldades das pessoas com DID (ex.: que a maioria não consegue ler e que não percebe termos muito técnicos), como é que aprendem melhor, como podem usufruir melhor da informação que lhes é transmitida (ex.: através de imagens, esquemas, exploração oral, etc.) • A utilização de audioguias não é suficiente pela dificuldade em relacionar o que estão a ouvir com o que estão a ver)	“Sim...penso que sim, que seria...o trabalho que já foi iniciado em Coimbra, em São Silvestre e com a parceria com o Museu Machado de Castro e o Botânico e...o Exploratório, acho que era dar continuidade a esses projetos (...), maximizando esses projetos nos locais de oferta cultural, de um modo geral. (...) as pessoas perceberem quais são as dificuldades que a pessoa com dificuldade intelectual chega ao local e...elas perceberem quais são as principais dificuldades. É assim: saber que a maior parte delas não lê legendas, saber que não percebe alguns termos mais técnicos, saber se calhar(...) como é que aprende melhor, como é que consegue usufruir melhor da informação que lhe é dada. Se é através de imagens, se é através de esquemas, se é através de uma explicação oral da situação...Acho que esses espaços culturais precisam de tudo isto, não precisam só de audioguias, porque um audioguia...um dos nossos clientes pode colocar o audioguia e não perceber os termos, não perceber como é que o que estão a ouvir se relaciona ou não com aquilo que estão a ver (...) perceberem quais são as necessidades dos nossos clientes, perceberem as dificuldades que eles possam ter e depois ir ao encontro um bocadinho...arranjar (...) formas de apoios ou de facilitadores, para que eles percebem melhor a situação que estão a viver.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Perceber as dificuldades e arranjar formas de ir ao encontro e facilitar a compreensão da experiência	
	-no MNMC	• Não tem sugestões de melhoria relativamente à forma como a visita foi realizada • A abordagem foi uma surpresa agradável (houve a preocupação de conhecer os participantes com DID, de interagir com eles, de pedir a opinião/participação, de partir dos seus contributos para avançar, de colocar questões para confirmar a compreensão da mensagem, de fazer suspense para obter a atenção, de ter um suporte visual) • Os participantes com DID sentiram-se valorizados,	“A forma como nos abordaram também acho que foi uma agradável surpresa. Acho que as próprias pessoas que nos estiveram a apresentar tiveram a preocupação de os conhecer, tiveram a preocupação genuína de interagir com eles...e pedir a opinião deles, pedir a participação...acho que conseguiram...tiveram também o cuidado de pegar nas palavras que os utentes iam dizendo para avançarem na apresentação...Gostei dessa parte, acho que aí eles se sentiram valorizados...sentiram-se ouvidos, sentiram-se parte integrante do processo...aí o que é que poderiam ter feito mais? (...) colocaram questões, também, para ver se tinham percebido, fizeram algum suspense, para cativar a atenção...mais coisas...também procuraram usar muito a imagem...e falar sobre a imagem, sobre esse suporte visual...tiveram um discurso muito claro...penso que, sinceramente, não me lembro de mais nada agora [risos]”.

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		ouvidos, parte integrante do processo	
	-no Convento São Francisco	• Comparando com a visita ao MNMC, os participantes com DID tiveram uma participação menor, pelo teor mais tátil desta exposição, o qual seria melhor aproveitado presencialmente • A profissional do Convento esforçou-se para explicar o que viam, perguntou, repetiu e tentou que participassem, podendo ter demorado mais tempo a perguntar e a esperar pelas respostas • Os participantes com DID deram respostas também em função da região onde vivem (cultura de folclore – tarola) • Há a cultura de rama/visível e a cultura mais enraizada/invisível (esta última podia ser mais	“(...) posso estar a fazer uma comparação um bocadinho injusta, entre esta visita de hoje, que é visionar uma exposição, e entre a outra do Museu Machado de Castro. Eu acho que eles hoje tiveram menos participação, mas compreendo que seja pelo teor (...) do que foram ver concretamente, que era uma exposição (...) mais tátil ou mais aproveitado se for no terreno. Mas, mesmo assim, acho que a (...) a XXX [referência a nome próprio] (...) se esforçou no sentido de lhes explicar o que é que eles estavam a ver, foi perguntando o que é que eles estavam a ver, portanto, acho que (...) dentro do carácter da visita virtual que houve um esforço nesse sentido, para que eles percebessem e para participarem.” “(...) eu acho que, mesmo assim, a pessoa que estava a apresentar (...) se esforçou muito para explicar o que era, quando eles não percebiam, para repetir... acho que podia perder um bocadinho mais tempo (...) a perguntar-lhes alguma coisa e a esperar um pouco mais de respostas da parte deles. (...) acho que houve um exemplo ou dois que foi interessante durante a visita, em que ... ela perguntou o que é que eram as coisas que eles estavam a ver e eles, de acordo com aquilo que conhecem em termos de região geográfica e em termos de cultura de folclore, eles disseram um nome do instrumento musical, que eu nunca tinha ouvido com aquele nome [tarola]”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		explorada, através de perguntas) – cada pessoa vai a uma visita carregada com os seus valores, crenças, sentido estético e cultura acumulada • Ressaltou a parte religiosa (a sala que já tinha sido uma igreja) – a experiência na comunidade onde vivem (cultura invisível)	“Penso que isso é engraçado de ser explorado em visitas futuras, que é: cada pessoa que vai para uma visita, seja ela presencial ou virtual, todas as pessoas vão para um mundo muito próprio, e às vezes nas visitas nós só vemos a cultura de rama, a cultura visível, e não se vê a cultura mais enraizada e mais invisível. (...) as pessoas que trabalham nestas áreas podiam ainda explorar mais isto, porque (...) o exemplo da tarola de hoje, acho que é um exemplo da cultura invisível que estava a surgir. Porque depois cada pessoa que vai, enquanto usuário da exposição, vai realmente com esse background e vai com concepções da vida, vai com valores, vai com crenças, vai com sentido estético ou vai com uma cultura que nós não conhecemos. E, mesmo em termos religiosos, hoje também (...) ressaltaram aqui duas coisas, o nome desse instrumento musical, (...) e saltou a parte religiosa, porque muitos deles ligaram àquela parte de ver lá uma igreja, que agora já não é igreja mas é usada para outra coisa. E veio essa parte da cultura invisível que eles têm, que carregam com eles, porque os valores deles têm a ver com a religião católica, tem a ver com a experiência deles na comunidade, vivenciarem a religião católica e tem a ver com as vivências deles enquanto folclore e enquanto coisas que eles vivem mais nas terras deles. (...) era engraçado explorar ainda mais. Do género “Então isso chama-se na tua terra? Como é que tu sabes isso? Sabes isso porquê? Participas nalgum grupo da comunidade?”. (...) as pessoas estarem mais atentas a isso (...)”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Contributos dos profissionais das instituições de apoio nas visitas -Preparação	• Os técnicos das instituições de apoio podem explicar quais as estratégias que funcionam melhor com as pessoas com DID • Utilização de comunicação aumentativa, pelos terapeutas da fala e pelos técnicos de reabilitação (acompanhada por linguagem simples a explicar o que está a acontecer) • Utilização de imagens, gravuras • Utilização de conceitos da vida diária (menos conceitos abstratos) - exemplos mais concretos • Criação de materiais, como no caso do MNMC, em que foram construídos guias com comunicação aumentativa para as pessoas com DID • Os técnicos das instituições de apoio têm	“Aqui, os contributos mais técnicos...pode ser, por exemplo, darmos estratégias ou dizermos que estratégias é que funcionam mais facilmente com os nossos clientes.” “por exemplo, os terapeutas da fala, os terapeutas da reabilitação...falar um bocadinho nas linguagens que usam mais (...) utilizar linguagem aumentativa em certos casos, por exemplo, para trabalhar com os clientes (...) ou então fazerem visitas com grupos mais pequenos e com grupos mais homogêneos...de clientes que percebam as coisas de determinada maneira...e pôr linguagem simples e explicando o que é que está a acontecer...Usando mais a imagem (...) gravuras...mais conceitos que eles dominem no dia a dia e não tanto (...)coisas mais abstratas, com eles não deverá funcionar tão bem (...) dar assim exemplos mais concretos...ou criar esses materiais, como eu acho que foi criado para o Museu Machado de Castro, tipo um guia com uso dessa linguagem mais aumentativa para esse tipo de clientes.” “Sim, sim [o papel dos técnicos na preparação seria o apoio na construção dos guiões]. Parece-me que sim. Sim porquê? Porque dominam se calhar uma série de programas informáticos onde se pode ir buscar alguns símbolos, não é? Que deem para construir...porque se calhar dominam uma linguagem que talvez seja mais universal porque não me parece correto também andarmos aqui a usar diferentes linguagens. Se calhar, a criação de uma linguagem, pelos técnicos de reabilitação e pelos terapeutas da fala, mais universal e que se usem sempre os mesmos símbolos e seja

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		conhecimento de programas de comunicação aumentativa e sabem utilizar uma linguagem mais “universal” (uso dos mesmos símbolos para os mesmos conceitos) • Seria um facilitador os técnicos darem formação em comunicação aumentativa	dada formação dessa simbologia...eu penso que seria mais facilitador.”
	-Dinamização	• A verdadeira inclusão pode não ser ir com os técnicos da instituição de apoio aos espaços culturais (vão protegidos, numa espécie de redoma) • É recomendado o trabalho conjunto entre os profissionais da instituição de apoio e os profissionais dos espaços culturais, para que estes estejam mais sensibilizados para o atendimento que pode acontecer sem a presença dos técnicos da instituição	“durante a própria visita (...) O que é que eu costumo dizer às vezes aos nossos clientes de CAO? (...) “Vocês vão connosco ver...uma exposição, ver um teatro, ver... Mas isso às vezes não é a verdadeira inclusão. Porque vocês vão connosco enquanto clientes de CAO e, enquanto clientes de CAO, vão um bocadinho protegidos numa redoma, não é?”. (...) Temos que fazer com que os técnicos da APP, em trabalho conjunto com os técnicos dessas instituições, também estejam sensíveis para, no caso de nós não irmos em grupo visitar os locais...que isso, em termos (...) do nosso trabalho no futuro...o que nós vamos promover sempre é a autonomia deles o máximo possível. É que apareça...os nossos utentes ou utentes de outras instituições ou outras pessoas com deficiência intelectual...que apareçam e que sejam acompanhados durante a visita, sem estarem sempre técnicos da APP. Porque o que é que nós costumamos fazer como técnicos da APP?

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		de apoio (para promover a autonomia das pessoas com DID) Os profissionais da APPACDM de Coimbra vão perguntando, desenvolvendo, enfatizando algumas ideias transmitidas pelos profissionais dos espaços culturais (mas o que devia acontecer era os profissionais dos espaços culturais fazerem isso e não os profissionais das instituições de apoio)	Vamos sempre perguntando e devolvendo. O que é que estão a perceber? Vamos enfatizando algumas ideias que às vezes o guia diz...mas isso (...) não deveria acontecer normalmente. O que devia acontecer era que os próprios guias dos museus, dos teatros...fossem eles próprios a fazer isso, durante a visita. Fossem acompanhando os clientes, fossem perguntando o que é que eles estão a perceber, fossem devolvendo o que é que os clientes lhes estão a dizer, quando isso é possível...e fazerem um pouco esse acompanhamento durante as visitas e não ser necessário sempre técnicos da APP, porque isso aí realmente não é uma verdadeira inclusão.”
	-Pós-visitas	- No final da experiência cultural, em grupo, os técnicos perguntam às pessoas com DID o que viram e sentiram - O trabalho em grupo permite a partilha de experiências e o alargamento do leque de interpretações/sentimentos/ experiências	“No final do espetáculo...ou da visita...que nós façamos, costumamos sempre perguntar: “Então, o que é que vos ficou disto? O que é que vocês sentiram com isso?” (...) e trabalha-se isso em grupo. Achamos que é engraçado trabalhar essa parte em grupo porque o que um sente pode não ser o que o outro sente e assim vão partilhando experiências e vão alargando ali o leque das interpretações e dos sentimentos e da experiência.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Adaptação das visitas às características das pessoas com DID	Aspetos a considerar numa visita	• As pessoas com DID não têm todas as mesmas características • Se a visita for em grupo, é importante que o grupo tenha características homogéneas • Ter em consideração os principais canais de aprendizagem de cada pessoa com DID (ex.: auditivo, visual) e a forma como comunicam (de que forma é que a compreensão é facilitada) • Ter uma escuta ativa e flexibilidade (alterar a visita no seu decorrer, se necessário, em função das respostas das pessoas com DID) • Perguntar às pessoas com DID se já tiveram alguma experiência prévia semelhante • É muito importante ir questionando	“há muita variabilidade entre a nossa população” “o que é que se deve ter em conta? Se for uma visita grupal, termos aqui alguma homogeneidade no grupo que vai visitar, dentro das dificuldades intelectuais. Depois, o que é que se tem que ter em conta...os principais canais em que aquela pessoa aprende... Nós temos vários utentes e (...) Há utentes que nós temos, por exemplo, o XXX ou o XXX [duas referências a nomes próprios de clientes de CAO] (...) absorvem muito pelo ouvido. Portanto, tudo o que eles ouvem, para eles fica na cabeça porque depois não sabem ler e escrever (...) para eles é mais fácil por esses canais. Por outros, (...) o nosso XXX [referência a nome próprio de cliente de CAO] (...) para ele as imagens são muito importantes e ele retém muita informação através da imagem. (...) saber minimamente quais são os (...) os principais canais de aprendizagem daquelas pessoas, como é que eles preferem comunicar...como é que é mais fácil para eles absorver as coisas...Penso que isso aí poderá ser um dado importante. (...) Aqui é sempre termos também uma postura ativa, de escuta ativa, de ir perguntando (...) também haver aqui alguma flexibilidade...do género, no museu há ali várias salas para ver, mas também ver como é que os utentes estão a sentir e, de acordo com aquilo que eles estiverem a sentir e a dizer, também reconduzir um bocadinho a visita guiada para isso. (...) para a vivência deles, o que é que poderá ser importante para essa parte. (...) “Às vezes, na aprendizagem no geral, e aqui a visita guiada também poderá ser uma aprendizagem, também uma

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Deve continuar a haver um desenvolvimento nesta área, no futuro, para que haja uma maior fruição das pessoas com DID • A maior parte das pessoas não pensa muito nestes aspetos (que as pessoas com DID podem ter mais dificuldade em usufruir de experiências culturais, mas que também têm esse direito) • É importante que se pense mais em formas de participação das pessoas com DID (para que as experiências culturais sejam vividas de forma mais plena, que faça com que as pessoas possam ir mais além)	estratégia poderá ser perguntar aos clientes se já fizeram uma coisa parecida antes...se já tinham visto, por exemplo, aquela exposição antes...ou uma exposição idêntica, para ver aqui aprendizagens prévias...se aquilo (...) é completamente novo para eles, se não é, ir questionando. Acho que o facto de os ir questionando também será uma possibilidade.” “e isto for desenvolvido em termos futuros...para que sejam desenvolvidas estratégias, metodologias...para que os nossos utentes consigam usufruir mais dessas experiências, acho que é muito bom. Acho que é uma lacuna que existe hoje em dia, que é...acho que a maior parte das pessoas, se calhar, nem pensa muito nisto...nem pensa que a pessoa que está ao lado e que tem dificuldade intelectual não usufrui plenamente das coisas e que tem esse direito de usufruir. E esse direito está a ser negado e nós, às vezes, negamos esses direitos sem termos consciência disso, portanto eu acho que...este estudo ou estas questões têm muito a ver com...são muito importantes porque, de certa forma, vão aqui mexer, vão ajudar a pensar e vão ajudar a fazer alguma coisa para que isto seja revertido e para que o trabalho da APP e não só...com estas pessoas com dificuldade intelectual....seja um trabalho mais sério e que seja um trabalho que lhes proporcione uma maior participação (...) uma inclusão que (...) que vivam a cultura e a arte de uma forma mais plena. Eu acho que isso realmente é muito importante e...acho que é uma questão muito pertinente nos dias de hoje...e eu sei que eles já usufruem de algumas coisas, já usufruem, mas (...) uma coisa que eu digo é: eu gosto muito

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			de pessoas que me façam pensar fora da caixa e que, às vezes, me digam alguma coisa que seja completamente diferente e que eu nunca tinha pensado, porque isso depois abre-me portas para eu começar a ver as coisas e a viver as experiências de uma forma diferente e, se calhar, mais plena, não é? E acho que os nossos clientes também precisam disso. Precisam dessas metodologias, precisam desse pensamento e dessa filosofia para conseguirem atingir a sua plenitude nesta participação.”
	MNMC – necessidades identificadas e resposta às mesmas	• Explicações claras e objetivas do que vão ver (parte bem conseguida) • Esclarecimentos quando as perguntas são extensas (repetição ou reformulação das perguntas para se reenquadrarem no tema) • Não estavam a perceber como é que chegavam à ideia de que Jesus estava morto (foram necessários esclarecimentos adicionais) • Feedback da outra parte (perceber se o que dizem vai ao encontro da realidade e validar o que estão a sentir – não se	“eles precisavam que lhes fosse explicado claramente e objetivamente o que é que iam ver. Eu penso que essa parte foi bem conseguida. Às vezes, precisavam, quando a pergunta era um bocadinho mais extensa, do outro lado, precisavam um pouco de ser relembrados daquilo que tinha sido dito. Precisavam de ser reenquadrados no tema, precisava que repetissem as perguntas...ou então que reformulassem a pergunta de uma forma mais simples. Portanto, eu lembro-me de um caso específico, em que não estavam a perceber muito bem...como é que olhando para a figura de Jesus percebiam que ele estava morto. Então aí precisaram de mais esclarecimentos adicionais, não muitos, para perceber o que é que tinham que responder e ver. Eu acho que eles precisam sempre o feedback da outra parte. Quando vêem alguma coisa, quando fazem questões ou comentários, também gostam de perceber da outra parte se aquilo que eles disseram se vai de encontro à realidade, se não vai...portanto, eles precisam sempre do feedback dos outros para validar o que é

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		importam que o feedback vá noutro sentido)	que estão a sentir. E, mesmo que esse feedback seja contrário àquilo que eles disseram, acho que eles não se importam e que percebem melhor a situação e que precisam desses esclarecimentos adicionais.”
	MNMC – usufruto dos participantes	• Desfrutaram plenamente (aproveitaram ao máximo) • Atitude de interesse, curiosidade, escuta ativa, prazer (gostaram de saber mais, do feedback e de mostrar que estavam a perceber) • Entenderam a obra de arte, explicaram o que estavam a sentir • Na mimetização, estavam orgulhosos por imitar o que tinham visto • A visita prolongou-se além do seu tempo – no final, partilharam com outras pessoas o que tinha acontecido (alguns participantes com mais dificuldades conseguiram descrever a experiência	“(…) eu acho que desfrutaram plenamente. Acho que...tiveram uma atitude de interesse, curiosidade de ver...estiveram sempre com uma escuta muito atenta. Acho que tiveram prazer naquilo que fizeram...porque, ao longo da visita, para além de estarem a gostar de saber mais, estavam a gostar do feedback que estavam a ter, estavam a gostar de mostrar que estavam interessados e que estavam a perceber a visita...e penso que entenderam, sinceramente, entenderam a obra, entenderam o que lá estava e alguns fizeram algumas considerações adicionais, para além do que tinham visto. Também, quando se vê uma obra de arte, isso também tem cabimento, (...) eles explicarem o que é que sentem...portanto, eu acho que acabaram por estar a aproveitar ao máximo, mesmo na parte final, em que fizeram mimetização, todos eles estavam orgulhosos por saber os posicionamentos, estavam orgulhosos por tentar fazer aquilo que tinham visto, por imitar o que tinham visto (...)” “Depois então da visita virtual, eu verifiquei que a visita virtual não se esgotou em si mesma....O que aconteceu naquela visita e essa experiencição dessa visita prolongou-se no tempo. E, a título ilustrativo disso, eu apanhei vários utentes, depois disto, a falar com os funcionários e com os colegas que não tinham participado nem assistido...e descreveram muito bem as várias

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		com entusiasmo e de forma perceptível a outros)	etapas da visita e o que é que tinham feito e que personagens é que tinham assumido... e foi engraçado porque os próprios funcionários depois, conseguiram perceber perfeitamente o que é que se tinha passado durante a visita. E foi muito interessante ver utentes com algumas limitações, em termos de memória, em termos de concentração...e serem esses utentes a descrever muito entusiasticamente isto aos colegas e aos funcionários....e transmitiram isso de uma forma plenamente perceptível e achei isso muito interessante porque acabou por ficar na cabeça deles, acabou por se generalizar aos outros contextos e acredito que, quando forem para casa hoje, que as famílias vão ouvir aquilo com entusiasmo e, em próximos contactos com as famílias, que as famílias digam: “Ai, então, estiveram a fazer isto, aquilo?”. E que isso depois nos seja devolvido....É muito giro, como isto se prolonga no tempo, como é que fica na cabeça deles...e como é que eles vão depois pensar sobre isso... portanto, pensaram sobre a própria experiência e até vão ver de outra maneira. Pronto, achei isso muito interessante.”
	MNMC – experiências mais significativas	• A vivência em si: perceberem a descrição da obra de arte; ajudarem-se mutuamente ao longo da visita (funcionamento enquanto grupo); sentiram-se valorizados	“...Acho que foi mesmo a vivência em si. Eles perceberem perfeitamente a descrição das coisas....do grupo escultórico que estavam a ver...eles ajudarem-se mutuamente. Quando um não percebia muito bem, o outro ajudava e dizia ou acrescentava informação ou lembrava um colega. Acho que eles se sentiam bem e sentiam-se úteis em dizer ao colega: “Olha, é isto assim ou lembra-te que é aquilo que tínhamos falado há pouco.” Portanto, sentiam-se bem eles próprios

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		pelo que diziam (validação dos seus contributos)	porque se lembravam do que estavam a ver e sentiam que estavam a perceber verdadeiramente o que estavam a ver. E, ao mesmo tempo, eles também se sentiam bem porque estavam a ajudar os colegas a entender. Funcionaram ali como um grupo...e sentiram-se valorizados naquilo que estavam a dizer...alguém estava com paciência com eles, alguém os estava a ouvir e estava a validar o que eles estavam a dizer. Eu acho que eles se sentiram também bem por isso.”
	MNMC - duração das visitas	• Adequada, equilibrada • Vários momentos: apresentação (importante para quebrar o gelo); tratamento pelo nome (maior envolvimento, preocupação por cada pessoa); parte mais prática (exploração do conhecimento do museu por fora e exploração dos materiais – importante para a concentração); descrição da obra de arte não foi demasiado extensa e pormenorizada (para manter atenção e interesse)	“Eu acho que foi...adequado (...) muito equilibrado...Houve vários momentos na visita...a apresentação, que também é importante, para quebrar o gelo...para as pessoas se conhecerem. Achei muito importante as pessoas tratarem-nos pelo nome, eles sentiam-se bem por isso, sentiam-se mais envolvidos por serem tratados pelo nome e sentiram que tinham tido essa preocupação. Depois, a seguir, começou uma parte um bocadinho mais prática, de exploração do conhecimento do museu por fora e depois a exploração dos materiais, que já implicou aí mais parte prática. Para eles também é importante para estarem concentrados. Depois, a própria descrição da obra, acho que também não foi muito extensa nem foi muito pormenorizada, de forma a que eles conseguissem manter a atenção e o interesse. Portanto, eu penso que correspondeu muito bem e o tempo foi o ideal, sim. E articularam com partes mais passivas, de exposição, de mostrar e depois partes mais participativas que também é importante, porque, quanto mais eles participarem, mais conseguem estar atentos e menos se dispersam.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Boa articulação entre partes passivas e partes mais participativas	
	MNMC - acesso à informação	- O uso da imagem foi muito importante e adequado (porque muitos não têm boas competências de linguagem escrita) - A parte de demonstrar e explicar, pela imagem foi muito importante - A explicação usando o guião de comunicação aumentativa ajudou a cativar a atenção	“Eu acho que também foi muito adequada. Mais uma vez, (...) a parte da imagem...como na maior parte deles é difícil ler e escrever...ou não têm essas competências... compensam um pouco essas competências com a exploração do meio pela audição ou (...) por ver...portanto, eu acho que foi muito importante a parte de usarem sempre a imagem, a parte de demonstrar...explicar, demonstrando e vendo...e mesmo depois explicando como é que se via no guia...penso que foi a mais adequada para este género de população, sim, para cativar a atenção.”
	MNMC - acesso ao espaço e sua fruição		
	MNMC – atendimento realizado pelos profissionais do espaço cultural	- Ficou encantada (com o cuidado, a preocupação em saber o nome, em conhecer de verdade, em envolver) - Transmitem muita calma e paciência	“eu fiquei encantada [risos]. Acho que não é todos os dias que se vê esse cuidado e não é todos os dias que se vê (...) a preocupação em saber o nome, em conhecer verdadeiramente e em chamar a pessoa pelo nome...em envolver as pessoas...houve sempre essa preocupação primária, (...) são pessoas que transmitem muita calma, muita tranquilidade, muita paciência...e que se mostram disponíveis para ouvir, ouvem verdadeiramente os utentes porque

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Disponíveis para ouvir verdadeiramente (usaram expressões das pessoas com DID, devolveram-nas) • Perceberam perfeitamente o grupo e adequaram a visita ao grupo, de acordo com as características de cada um • Deixaram-nos participar porque perceberam que era importante para eles	utilizaram expressões deles e frases e devolveram-nas aos utentes...acho que perceberam perfeitamente o grupo que tinham à frente e adequaram a visita a esse grupo. E foram fazendo a visita de acordo com as características dos utentes...aperceberam-se que era importante para eles participarem, então deixavam-nos participar e depois intervinham a seguir.”
	MNMC – sugestão de outros materiais/estratégias	• Realizar mais visitas (mais atividades) • Os materiais usados foram os adequados (imagens, adereços da mimetização), assim como a linguagem • No futuro, era interessante algumas pessoas com DID irem ao museu e apresentarem o que viram a outras pessoas com deficiência/incapacidade (para sentirem um envolvimento ainda maior – entender a arte pelos	“se calhar, em termos futuros ou de continuidade mais da atividade. Porque (...) os materiais que foram utilizados, tanto no visionamento, como na linguagem adequada, como o uso da imagem, como os próprios....adereços...posso chamar assim...para fazer a mimetização da peça...penso que os utentes perceberam logo...aqueles objetos para que é que era e identificaram-nos, portanto os objetos estão muito reais para a mimetização da peça. Acho que foram muito bem escolhidos. Em termos futuros, até se falou isso durante o visionamento, acho que seria interessante realmente passar-se para o passo seguinte...os nossos clientes irem ao museu, prepararem-se e...eles terem essa responsabilidade de dois ou três conseguirem apresentar o que viram a outros grupos de pessoas com deficiência ou com outro tipo de incapacidade. Porque aí também eles acabavam por se sentirem como

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		olhos das pessoas com DID)	elementos interventores e de sensibilização para os outros...e mostrar que é possível passar para a arte e entender a arte pelos olhos deles.”
	Convento São Francisco – necessidades identificadas e resposta às mesmas	• Sendo um exposição nova (com outras características), tinha que ser explicada de forma clara, para que as pessoas com DID a percebessem e conseguissem experienciar • A profissional do Convento conseguiu fazer perceber (manipulou os instrumentos e concretizou – levou-os até lá e foi os seus olhos; explicou os materiais e a sua textura)	“Para eles, era uma exposição realmente nova, era uma exposição que, se não fosse explicada, claramente, eles não perceberiam o que é que estavam a ver... porque não conseguiam experienciar. Acho que, se fosse experienciado lá, eles tocarem, tinham percebido. Eu acho que essas necessidades de explicar claramente, virtualmente o que é que se estava a passar, acho que foi muito importante” “Acho que a XXX [referência a nome próprio] conseguiu chegar até lá e perceber. O facto de ela lá ter manipulado os instrumentos e ter dito “isto é assim, nós podemos andar em cima das caixas” ou “o que vocês estão a ver é”... ela explicou, realmente levou-os até ao local, foi os olhos deles, eu acho que ela foi os olhos deles à distância e também ia explicando os materiais, portanto, ia explicando a textura para eles imaginarem de que material era feito, eu acho que essa necessidade de ver, a necessidade de perceber claramente ... até houve uma ou duas utentes que disse “eu no início não estava a perceber, mas ela depois explicou melhor e eu percebi”. Eu acho que (...) foi de encontro às necessidades deles, sim.”
	Convento São Francisco – usufruto dos participantes	• Estiveram sempre atentos e à espera do que vinha a seguir	“Acho que estiveram sempre muito atentos, estavam à espera sempre da parte que vinha a seguir, iam fazendo questões que queriam ver clarificadas também ... sempre que queriam participar, participavam. Portanto, isso mostrou interesse da

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		- Fizeram perguntas para clarificar e saber mais do que aquilo que estava a ser dito - Participaram sempre que quiseram - Perguntaram se podiam ir ao Convento (foi despertado o interesse/curiosidade por conhecer este espaço)	parte deles em estar a usufruir da visita. Depois perguntaram se lá podiam ir, ficaram com aquela questão na cabeça de lá poder ir posteriormente. Portanto, o interesse foi despertado em conhecer o espaço e usufruíram dessa visita nesse sentido. Porque, é assim, enquanto estavam, foram questionando, foram perguntando mais do que aquilo que estavam a dizer e depois disso (...) ficaram na cabeça com aquela curiosidade de ir ao espaço e de ver eles próprios o que é que se lá passava.”
	Convento São Francisco – experiências mais significativas	- Conhecerem uma pessoa nova (perceberem o que faz no espaço cultural e serem respeitados por ela) - Sentirem-se ouvidos e respeitados naquilo que dizem, além da curiosidade pelo que estão a ver (terem feedback acerca dos seus contributos)	“na visita de hoje, e nas outras, eu acho que é sempre... para eles o facto de conhecerem uma pessoa nova. Acho que isso é importante para eles, conhecerem essa pessoa, perceberem o que é que essa pessoa faz nos locais, no Museu ou no Convento ... e acho que é importante para eles serem respeitados no trato com essa pessoa (...) seja ela qual for e em que sítio for. Porque eles referem sempre isso: “Ah! Eu gostei da pessoa, a pessoa foi simpática comigo, a pessoa explicou bem.” Para eles, a ligação humana é importante, o sentirem-se ouvidos também é importante, para além de toda a curiosidade de o que é que estão a ver (...) eles sentem que são ouvidos e que são respeitados naquilo que perguntam e que pegam nas palavras deles e que as devolvem...”
	Convento São Francisco -	O tempo passou a voar, mas foi o correto (dado o tipo de exposição e pelo	“dada a visita específica de hoje, que era uma exposição, eu acho (...) que o tempo (...) passou a voar, mas acho que foi o tempo correto. Se alongassem mais, naquele tipo de

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	duração das visitas	facto de não poderem manipular os objetos de forma direta/presencial) – alongar seria errado (haveria perda de interesse) • Poderiam, ainda assim, ter uma tarefa para fazer no final da visita ou que lhes fossem colocadas mais perguntas ao longo da exposição	exposição, eu penso que seria demasiado. Ou eles depois teriam alguma tarefa para fazer deste lado... alguma tarefa ou ser perguntado mais coisas ao longo da exposição... ou então... ficaria tempo a mais e, se calhar, perderiam um pouco o interesse no espaço. Eles não podendo manipular, eles só vendo e respondendo às questões, eu acho que o tempo mesmo bom para isso e... certo para o limiar de concentração e de interesse da parte deles.”
	Convento São Francisco - acesso à informação	• Diferentes patamares de acesso à informação • Para preparar as pessoas com DID para o que vai acontecer, há o hábito no CAO de falar antecipadamente sobre o tema (foi apresentado o site do Convento e perceberam melhor os seus espaços)	“Aqui podemos falar de aceder à informação em dois ou três patamares. Portanto, nós temos sempre por hábito, por uma questão de respeito da pessoa e por uma questão da pessoa ir preparando o que é que vai ver, nós na véspera ou dois dias antes falamos sempre um bocadinho sobre o tema. E, neste caso, ao falarmos sobre o tema, para lhes despertar o interesse e para eles ficarem mais centrados sobre o que iriam ver, foi apresentado o site do Convento de São Francisco, portanto, eles visionaram o site que qualquer um de nós pode ver na net, e que, se calhar, em termos de futuro em vez de irem só pesquisar filmes ou ... músicas que eles gostam, se calhar vão começar a pesquisar outros temas na internet, e foi explorada a página do Convento e, na página do Convento, eles lá foram percebendo que salas é que existiam e o que é

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			que estava patente e para que é que serviam os vários espaços.”
	Convento São Francisco - acesso ao espaço e sua fruição	Houve a preocupação de mostrar a parte exterior do Convento, durante a visita (foi importante visualizarem, para uma melhor compreensão – para ser mais concreto e perceberem o que iam fazer – saber que o Convento não é só um sítio para freiras e padres)	“ao longo da visita virtual propriamente dita, acho que houve uma preocupação (...) de mostrar um pouco do Convento por fora, explicar o que é que lá existia através da imagem e através das várias salas, acho que foi importante eles visionarem para perceber... para tudo o que eles tinham visto no computador, para ser mais concreto para eles e para perceberem o que é que iam ali fazer, e que o Convento não é só para as freiras e para os padres, mas que também pode ser usado para outras coisas. E esse acesso digital, que é uma metodologia que eles gostam cada vez mais, ver pela internet, ver por imagens... e assim acho que depois, no decorrer da visita, como mostraram o espaço exterior e contextualizaram o edifício, acho que também foi importante.”
	Convento São Francisco – atendimento realizado pelos profissionais do espaço cultural	- Bom, correto, adequado, ajustado - Preocupou-se com as apresentações iniciais (quem é e o que faz, nomes dos participantes) - Ouviu o que diziam e devolveu a informação - Aceitou sempre repetir quando não se percebia alguma informação	“Eu acho que foi bom, foi correto, foi adequado, foi ajustado, (...) é uma pessoa que se preocupa, que se preocupou em fazer essas apresentações iniciais, explicar quem era e o que estava ali a fazer, preocupou-se em conhecer cada um deles, também, o nome deles ... preocupou-se em ouvir o que eles estavam a dizer e depois devolver o que eles diziam. Se havia alguma dúvida ou nós não ouvíamos, por falha de rede, ela voltava a repetir as coisas e acedeu sempre em fazer isso. Houve a preocupação dela de estar a mostrar as coisas e explicar com entusiasmo o que é que eles estavam a ver, e se viam, porque é que estavam a ver aquilo. Acho que ela transpareceu essa atitude de curiosidade, de motivação, de

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Mostrou os objetos e explicou com entusiasmo (o que viam e porquê) • Atitude de curiosidade, motivação e entusiasmo • Aceitou cantar no final, porque percebeu que as pessoas com DID tinham uma necessidade de se relacionar com o outro (era importante para elas)	entusiasmo. Depois, o facto de eles que querem sempre ir mais além, porque sentem muito esta necessidade da relação com o outro, ao sentirem a necessidade de relação com o outro, quando descobriram que ela era cantora, o facto de ela depois no final ter acedido a cantar, acho que foi uma forma de ela ser flexível e ser disponível para se adaptar ali a um contexto que ela inicialmente não deveria estar preparada para o fazer ou não seria expectável no contexto da visita, mas depois que ela acedeu a isso, viu que era importante para eles e que também era uma manifestação cultural, de certa maneira, e foi interessante ela ter acedido a essa parte... e se ter adequado.”
	Convento São Francisco – sugestão de outros materiais/estratégias	• Sugere que fossem usados materiais (que também são reaproveitados em contexto de CAO) para as pessoas com DID verem de perto e mexerem e para serem usados em trabalhos futuros (mimetizar – fazer um instrumento musical e usá-lo para um ritmo, repetindo a experiência com materiais do seu quotidiano)	“Nesta visita, (...) eu sei que é complicado às vezes haver material disponível para se trazer, mas se calhar ficar um bocadinho a sugestão, porque quando estávamos a ver a visita ... nós também temos aqui uma área mais especificamente de reaproveitamento de materiais, sempre tivemos um bocadinho essa filosofia, e era interessante depois aqui, mesmo que as pessoas que façam a visita virtual, seja do lado de lá seja do lado de cá, se naquele momento não tiverem materiais para eles também verem e mexerem, ficar isso no centro como trabalho futuro, com materiais reutilizáveis, no centro, que eles vão tendo, mimetizar um bocadinho isso, fazer um instrumento musical só com... por exemplo, uma caixa de sons e depois fazer um ritmo com esse instrumento que fizessem só com material reciclado, ou então aqui, uns aos

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			outros, tentarem um pouco repetir essas experiências com coisas que tenham aqui no centro, uns para os outros.”

Código do participante: APPACDM-3

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Habilitações académicas	Licenciatura em Reabilitação Psicomotora e duas pós-graduações (Educação Especial e Gerontologia)	“Sou licenciada em Reabilitação Psicomotora...e tenho duas pós-graduações: Educação Especial e Gerontologia.”
	Área de atuação profissional	Trabalha como técnica de reabilitação (psicomotricista)	“Na APPACDM, está indicado como técnica de reabilitação...mas a minha categoria profissional de licenciada é psicomotricista.”
	Tempo de serviço na APPACDM de Coimbra	Três anos e alguns meses	“Há três [anos] e alguns meses”
	Experiência profissional anterior	Trabalhou, em animação sociocultural, num lar de idosos (Cáritas Diocesana de Coimbra)	“Na Cáritas Diocesana de Coimbra.” “Um ano.” “Foi num lar de idosos e estava como animadora sociocultural”
Experiência no trabalho	Funções	Trabalha no CAO de Arganil e no CRI	“[CAO] de Arganil e no Centro de Recursos para a Inclusão” “tenho várias sessões individuais, outras sessões de grupo. Trabalhamos a parte cognitiva, a parte motora, a parte sensorial, tudo depende um bocado dos casos. Também

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		- Faz sessões de acompanhamento individual e de grupo - Intervém a nível cognitivo, motor, sensorial, social, consoante os casos - Faz adaptações, para as pessoas com DID usufruírem dos equipamentos/da tecnologia - Apoia na piscina e no Snoezelen - Trabalha com a terapeuta da fala, a fisioterapeuta e os auxiliares	fazemos umas sessões de grupo. Trabalho algumas competências sociais, também competências cognitivas. Fazemos algumas adaptações...para eles usufruírem de várias tecnologias...ou equipamento. Vamos à piscina, vou ao Snoezelen...várias coisas” “Trabalho com a terapeuta da fala, trabalho com a fisioterapeuta e com os auxiliares.”
	Principais desafios/dificuldades	- Fazer um trabalho criativo, com materiais que não sejam repetitivos - Dar respostas às pessoas com DID que apresentam maiores limitações (respostas realmente importantes e diversificadas)	“A criatividade, sermos criativos nas respostas que temos para eles e criar materiais que não sejam repetitivos....A parte dos utentes com mais dificuldades...dar-lhes respostas que realmente sejam importantes e dar-lhes respostas para ser mais diversificadas...E também a parte da integração na comunidade que é uma coisa que eu gosto, mas que realmente é desafiante porque nem sempre as portas estão abertas.” “Porque quando queremos integrar, normalmente temos que ir com eles e, normalmente, (...) não vão de forma autónoma e

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		- Integração das pessoas com DID na comunidade (existem barreiras no acesso à comunidade) - é geralmente necessário um acompanhamento pela instituição de apoio (não vão de forma autônoma) - As pessoas da comunidade não tratam as pessoas com DID como pessoas, mas sim de uma forma assistencialista	muitas vezes as pessoas olham para eles de forma assistencialista e não como pessoa, num ser único e individual.”
Fruição cultural	Para as pessoas em geral	- O acesso à cultura dá experiência e conhecimento às pessoas - É algo que nos enriquece enquanto pessoas, algo que aumenta a nossa visão do mundo	“Acho que...o acesso à cultura dá-nos experiência, dá-nos conhecimento...É algo que nos enriquece mais e eles também (...)” “eu acho que é um enriquecimento cultural para nós, é mais o que nós conhecemos e sabemos e podemos falar...Aumenta também o nosso leque de ver o mundo”
	Para as pessoas com DID	A cultura pode ser observada de forma diferente pelas pessoas com DID porque os pontos de interesse e as	“Eu acho que eles podem observar a cultura de forma diferente do que nós, porque os pontos de interesse também serão outros e as experiências deles também são diferentes das nossas. Ou seja, a atenção deles dirige-se...a outras partes da cultura, se calhar. Podemos ver pela música. Se calhar o

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		experiências também são diferentes • A atenção das pessoas com DID dirige-se a outras partes da cultura • Os gostos (ex.: música) podem ser diferentes por questões culturais e de experiência de vida • O acesso à cultura não é muito trabalhado com os clientes do CAO de Arganil (há uma maior preocupação em inseri-los no mundo do trabalho, mas a cultura também os desenvolve e devia haver um maior investimento nesta área)	meu gosto musical é diferente do deles, também por questões culturais e experiências de vida.” “realmente o acesso à cultura não é algo tão trabalhado com os nossos clientes. Estamos interessados em inseri-los (...) no ambiente de trabalho e...esquecemo-nos que a cultura também os desenvolve e que, por isso, devia-se fazer um maior investimento também nessa área.”
	Diferenças nas pessoas com DID	• Existe motivação nas pessoas com DID quando acedem a um espaço cultural, porque não vão muitas vezes • As experiências culturais são diferentes porque as	“[pausa mais prolongada] Quando os nossos clientes acedem a um espaço cultural, já por si vão motivados porque é raro irem (...) É um dia diferente, uma experiência diferente...Depois, quando eles experienciam lá, acredito que também seja diferente porque eles...enquanto nós, se calhar, uma peça de arte, observamos os materiais utilizados...as texturas, a variação de cor...eles, se calhar...olham, pensam e veem...e

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		peessoas em geral estão focadas noutros aspetos (como os materiais, as texturas, as cores) As pessoas com DID procuram o concreto, não conseguem ver o abstrato (vão tentar encontrar uma forma, algo mais palpável e relacionado com o seu dia-a-dia)	tentam procurar algo. Procurar o concreto, não conseguem visualizar o abstrato” “(…)numa imagem abstrata, eles vão procurar uma forma, enquanto nós ficamos alegres ou satisfeitos com a arte abstrata. Eles vão procurar uma nuvem, um coração...algo que lhes seja mais palpável e a ver com o seu dia-a-dia.”
	Considerações a partir da visita virtual ao MNMC	- As pessoas com DID gostaram da visita, deram um feedback positivo (gostaram de responder às perguntas e de ter a iniciativa de responder/explicar antes; de saber as respostas – maior motivação para explorar a escultura por causa da leitura prévia do guião) - Na exploração prévia do guião, as pessoas com DID foram alertadas para os	“Eles gostaram...eles deram feedback positivo. Gostaram de responder às perguntas e de ser eles a ter a iniciativa de responder antes da guia... Quando a guia colocava as questões, eles saberem as respostas....o trabalho anterior que eles tiveram deu-lhes ferramentas para eles estarem mais motivados em explorar a escultura.” “Enquanto eu ia lendo o guião, íamos explorando a figura. Coloquei algumas questões para eles observarem melhor a figura, terem atenção a alguns detalhes...e acho que isso lhes deu ali uma inspiração ou uma motivação para irem depois explorar a escultura. Depois, a interação com a XXX [referência a nome próprio], a senhora que estava a fazer a apresentação da escultura...ir colocando as questões e a interação que ela fazia com eles e depois de os motivar a dizer: “Ah, muito bem”...despertou mais a atenção...e mesmo, como aqui é uma

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		pormenores mais relevantes da escultura • A apresentação da profissional do MNMC contribuiu para uma maior motivação (interação, perguntas, validação das respostas) • A cultura católica também era significativa para os participantes • Comunicar com alguém à distância foi positivo	cultura um bocado católica, acho que também era algo que era significativo para eles e também isso despertar a atenção deles...acho que foi interessante e também foi uma experiência diferente. Eles estão habituados a ir ao local e aqui foi através da internet e poderem comunicar com alguém à distância (...) foi positivo."
	Considerações a partir da visita virtual ao Convento São Francisco	• A visita seria mais significativa e interessante se fosse presencial (para poderem experimentar os equipamentos) • Apelou à memória auditiva (reconhecer os sons mais significativos e fazer associações) • As pessoas com DID gostaram e estiveram atentas (não sabe se foi vivenciado de forma tão	"Penso que esta visita seria mais significativa ou...despertava mais interesse neles se fosse prática...no contexto...eles poderem experimentar os robôs, poderem experimentar as projeções, poderem ir ao local. Creio que aquilo apelou um bocado à memória auditiva...eles tentarem reconhecer quais eram os sons...naqueles que lhes são significativos, tentar associar (...) creio que eles gostaram, estavam atentos, era uma novidade para eles. Não sei se foi tão vivenciado, de forma tão intensa, comparativamente com a outra [ao MNMC]." (...) "Por não ter uma parte prática, talvez...e porque não tinha um tema, um conteúdo que lhes for mais também próximo. A outra é como se fosse uma história, nesta eram várias exposições, vários objetos para eles irem explorar."

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		intensa como no MNMC, por não ter tido uma parte prática e por não ser um conteúdo tão próximo das suas vivências)	
Intervenção dos CAO's da APPACDM de Coimbra ao nível da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID	Projetos existentes	Existe um projeto no CAO de São Silvestre, mas não no CAO de Arganil	"(...) No CAO em que eu trabalho, de Arganil, não, mas no CAO de São Silvestre sim."
	Dinâmicas consideradas	- Em Arganil, não há um espaço cultural que tenha uma exposição permanente (há eventos pontuais - ex.: feira do livro, concertos, exposições -, para os quais os clientes do CAO são convidados e vão em grande número) - Quando há um convite, vão quase todos os clientes (vinte ou trinta de uma vez) ou pelo menos aqueles que demonstram interesse - A visita ao auditório da Cerâmica Arganilense em que participou foi rápida e	"O acesso à cultura em Arganil acaba por ser em eventos mais pontuais. Não é algo recorrente. Não há um espaço cultural que tenha uma exposição permanente. E, quando há, por norma somos convidados enquanto instituição para ir visitar. (...) e depois, vamos em número grande usufruir do espetáculo ou da exposição." "(...) são assim atividades pontuais, como uma visita à feira do livro, ou um concerto que haja no auditório...exposições...Às vezes, existe também exposições de ciência, para eles irem fazer experiências...e mesmo no centro da vila, quando há (...) espetáculos, também por norma somos convidados a ir assistir." "É quase os clientes todos [risos]. Ou aqueles que normalmente estão interessados. Costumamos questionar quem é que quer ir, mas por norma todos querem." "Vinte. Trinta."[clientes] "[foi alguma vez com eles a alguma exposição?] Sim, lá no auditório da Cerâmica, num centro de exposições."

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		foram os profissionais da instituição que ajudaram a explicar o que estava a acontecer (mediadores da exposição), por iniciativa própria • Os convites surgem numa data muito próxima das visitas e geralmente não dá tempo para preparar nada antes • Quando as visitas são marcadas com mais tempo de antecedência, é feita uma exploração prévia com as pessoas com DID (o que existe no espaço, quem o criou, o significado das peças existentes, etc.)	“[como é que foi a visita?] Rápida. Rápida e normalmente temos que ser nós, colaboradores, a desmistificar o que está a acontecer...para ser mais motivante também. (...) para eles compreenderem e se interessarem pelo que está a acontecer. Normalmente, os funcionários que estão, da exposição, têm alguma dificuldade e ficam também um bocado inibidos em fazer a visita e então temos que funcionar ali como mediadores da exposição [risos]” “[pedem-vos ajuda ou são vocês que tomam a iniciativa?] Por norma, somos nós que temos a iniciativa (...)” “[Porque não há uma preparação antes?] Normalmente, não. Somos convidados para ir à hora e data marcada e (...) por norma, sabemos na véspera.” “Normalmente, quando as visitas são marcadas, por exemplo, para mais longe...quando fomos ao Buddha Éden Park...já explorámos o que é que era aquele parque, quem é que o criou, porque é que estavam lá aquelas estátuas, o que é que aquelas estátuas significariam (...) Fizemos esse trabalho prévio. Também, uma vez, fomos visitar (...) isto não é bem cultural...uma escola de cães-guia...e fizemos o trabalho prévio: porque é que era importante os cães serem ensinados numa escola própria, qual era a importância para o cego...ter um cão treinado (...) quando é visitas em Arganil é que é mais difícil porque normalmente são convidados pela Câmara, para irmos no dia a seguir. Agora quando são essas visitas (...) com datas agendadas com mais tempo, esse trabalho é possível.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Envolvimentos dos profissionais da instituição de apoio	• Participa quase sempre nas visitas realizadas com os clientes do CAO de Arganil • No contexto da visita, são os profissionais da APPACDM de Coimbra que facilitam o acesso à informação (estimulam o interesse e a participação) • Os profissionais dos espaços culturais geralmente precisam que os profissionais da APPACDM atuem como mediadores, porque se inibem na relação com as pessoas com DID	“[costuma ir com eles algumas vezes ou conversa com eles sobre isso?] Sim, quase sempre.” “e normalmente temos que ser nós, colaboradores, a desmistificar o que está a acontecer...para ser mais motivante também. (...) para eles compreenderem e se interessarem pelo que está a acontecer. Normalmente, os funcionários que estão, da exposição, têm alguma dificuldade e ficam também um bocado inibidos em fazer a visita e então temos que funcionar ali como mediadores da exposição [risos]”
	Usufruto das pessoas com DID	• As pessoas com DID estão sempre motivados para este tipo de experiência, que sentem como algo novo • Sentem-se contentes e desfrutam, sobretudo em atividades com música	“...é sempre algo novo para eles, é sempre uma experiência nova, por isso é que eles querem sempre...estão sempre motivados a ir, não é? Vêm sempre contentes, acho que eles usufruem, principalmente quando tem música...vivenciam de forma mais positiva. Quando é...algo mais estático, como exposições, não usufruem tanto porque também (...) acho que não percebem bem o que é que está a acontecer (...)”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Em atividades mais estáticas, como ver uma exposição, não usufruem tanto porque não conseguem perceber bem o que está a acontecer	
Mudanças necessárias para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural das pessoas com DID	Atendimento: -nos espaços culturais em geral	- A acessibilidade cognitiva ainda não é muito usada nem falada, mas faz falta - Uso de pistas visuais, para as pessoas acederem de forma autónoma e para compreenderem o que estão a ver - Como o público com DID é minoritário, ainda não existem muitas respostas - É melhor haver uma articulação prévia com os técnicos da instituição, para que os profissionais dos espaços culturais possam melhorar o atendimento às pessoas com DID	“é algo que temos debatido...mesmo em termos da instituição...a acessibilidade cognitiva (...) Que é algo (...) que ainda não é usada, nem sequer é muito falada, mas que realmente faz falta...Mesmo que seja em pistas visuais, não só para as pessoas se dirigirem de forma autónoma, mas também depois compreenderem o que lá está. A verdade é que o nosso público é algo minoritário, quando estamos a falar em acesso à cultura...e acaba por não ser tão utilizado. Eu compreendo a parte dos guias e isso. Se calhar, o melhor é a articulação com a instituição ser feita, previamente, para nós conseguirmos ajudar os guias a fazer (...) esse apoio.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	-no MNMC	• A parte da exploração da obra de arte e a mimetização foram muito mais apelativas • A parte da leitura do guião deve acontecer antes da visita e não durante a mesma • A exploração das figuras e das suas características é muito importante (através da leitura prévia do guião) – sem ela poderia não existir tanta participação da parte das pessoas com DID	“Considero que a parte da XXX [referência a nome próprio de uma profissional do MNMC] foi muito mais apelativa para os nossos utentes...mesmo a parte de, no final, se poder mimetizar... Creio que a parte do guião (...) é melhor para um trabalho prévio (...) do que propriamente estar ali a explorar...porque eles assim já vão com algumas ideias do que vão ver e depois vão procurá-las na escultura. (...) acaba por tornar a visita mais significativa porque estamos a explorar as pessoas: olha aquele é rico, aquele é pobre...por que é que aquele parecia uma mulher, o João, parecia uma mulher e afinal era um homem novo...porque não tinha barba porque era novo...e, se calhar, se tivéssemos ido sem ser com este trabalho prévio (...), nós íamos passar e não observar e não explorar o que a escultura tinha para dar...acabavam por não ver nada, por não interpretá-la.”
	-no Convento São Francisco	• A visita deveria ser presencial e não virtual • Trazer algo mais prático para realizar no final (ex.: procurar objetos no centro, para fazer sons)	“Esta podia ser presencial e não virtual, mas talvez fazer como na anterior: trazer algo prático para eles depois no fim...realizarem. E até pode ser objetos da sala...eles irem procurar objetos e fazer sons....porque (...) pelo menos o sumulo que eu tirei da exposição era mesmo dos objetos que os artistas tinham à sua volta criam algo sonoro (...) tirando a parte eletrónica, que é impossível no momento, mas poderem realizar algo assim mais prático de sons.”
	Contributos dos	• Deve existir um trabalho anterior, de grande	“Mas também exige um trabalho prévio (...) e de grande esforço (...) que nem sempre é possível, mas, tendo em conta

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	profissionais das instituições de apoio nas visitas -Preparação	esforço, que nem sempre é possível pelos acordos que existem (mas que é importante para as pessoas com DID) Fazer um trabalho de pesquisa antes da visita (pesquisar o que vão ver ou pelo menos comentar antes o que vão fazer)	os acordos que existem, acho que é uma mais-valia para os nossos clientes.” “Nas visitas de estudo que fazemos, eu costumo fazer com eles um trabalho de pesquisa antes, (...) no computador, aos mais autónomos, eles pesquisarem sobre o que vamos ver ou, por exemplo, àqueles que não conseguem pesquisar fazemos pequenas observações, porque é que isto é importante, o que é que vamos fazer...”
	-Dinamização	- Utilização de imagens reais significativas para as pessoas com DID, para que possam compreender o que observam (para despertar o interesse e para tornar a experiência significativa) - Tornar a experiência motivante para as pessoas com DID, através da explicação do que está a acontecer, de modo a ultrapassar a possível inibição dos profissionais dos espaços culturais	“Eu sei que a colega de São Silvestre utiliza (...) imagens reais que sejam...significativas para os clientes, para eles compreenderem o que estão a observar. Eu acho que essa é uma boa estratégia...acaba por despertar o interesse deles e também para se tornar uma experiência também significativa para eles...” “normalmente temos que ser nós, colaboradores, a desmistificar o que está a acontecer...para ser mais motivante também. (...) para eles compreenderem e se interessarem pelo que está a acontecer. Normalmente, os funcionários que estão, da exposição, têm alguma dificuldade e ficam também um bocado inibidos em fazer a visita e então temos que funcionar ali como mediadores da exposição [risos]” “[pedem-vos ajuda ou são vocês que tomam a iniciativa?] Por norma, somos nós que temos a iniciativa, sim.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	-Pós-visitas	Reflexão sobre a visita (o que viram, o que gostaram mais e menos, o que sentiram, o que foi mais importante), para perceber o que foi absorvido pelas pessoas com DID	“Normalmente, faz-se a reflexão sobre o que foi visto, o que é que gostaram mais, o que gostaram menos...o que é que sentiram, o que é que foi mais importante. Fazem assim essa reflexão...para também perceber o que é que realmente foi absorvido pelos clientes.”
Adaptação das visitas às características das pessoas com DID	Aspetos a considerar numa visita	- Dirigir a visita às características das pessoas com DID - Fazer a preparação inicial da visita - Na visita, associar algo que seja significativo para as pessoas com DID (com recurso a imagens, histórias) - No final, fazer uma reflexão conjunta com o grupo, para destacar o que foi importante	“A visita ser mesmo dirigida a eles, não é?...Então, essa preparação inicial, fazer a preparação (...) no local da visita, associar algo significativo para eles, para que a visita também se torne assim significativa...com recurso a imagens ou com conto de histórias...E depois, no final, fazer então esse debate, essa reflexão conjunta entre o grupo, para saber o que foi importante para todos.”
	MNMC – necessidades identificadas e resposta às mesmas	Enfoque na qualidade do som e da imagem (problemas técnicos da videochamada)	“aqui a questão de ser uma visita à distância foi mesmo as questões de som, algumas limitações na qualidade de imagem...mas isso são problemas técnicos.” “é preciso sempre uma mediação...porque eles são um grupo muito heterogéneo (...) E cada um interpreta à sua maneira e

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		É necessário existir uma mediação pelos técnicos da instituição de apoio (grupo muito heterogêneo, com diferentes interpretações)	nós, como conhecemos as características individuais de cada um, conseguimos fazer essa mediação...e a XXX [referência a nome próprio de profissional do MNMC] está habituada a outro tipo de público...por isso, se calhar é necessário a nossa intervenção para conseguir mediar com o cliente e o guia.”
	MNMC – usufruto dos participantes		
	MNMC – experiências mais significativas	- Terem percebido que era o funeral de Jesus - Exploração dos detalhes das indumentárias e das posições das figuras (distinção entre elas)	“Eu acho que foi mesmo ter percebido que era o funeral de Jesus...os detalhes das roupas, das vestimentas, embora eles não memorizem tanto isso, acaba por, de forma geral, eles conseguirem perceber quem era o rico e quem era o pobre. Esses detalhes acabam por dar uma ideia mais forte do que é que é a escultura e as diferenças entre eles... Mesmo depois a observar...aquela questão que até lhe falei, das mãos estarem cruzadas, acho que isso ainda realça mais qual é Maria...a figura de Maria... porque realmente não há mais nenhuma figura que tenha assim as mãos cruzadas...esses detalhes, que às vezes até nos passam despercebidos, depois ao refletir sobre a escultura, destaca mais o que é que aquela figura ali está a fazer e quem ela é.”
	MNMC - duração das visitas	O tempo foi o ideal para usufruírem, gostarem e quererem mais experiências do género	“tendo em conta a nossa população, como eles dispersam a atenção muito facilmente, o que não aconteceu hoje...acho que foi o tempo ideal, para eles usufruírem, gostarem e ficarem com a vontade de querer mais. Não foi muito longa, não foi muito curta”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	MNMC - acesso à informação	• A transmissão da informação aconteceu de uma forma muito explícita e simplificada • O guião de comunicação aumentativa ajudou (com o apoio das imagens) • A mimetização contribuiu para a assimilação dos conteúdos (imitação dos pormenores das posições dos corpos das figuras e a comunicação não verbal)	“Foi muito expícito, muito simplificado...” “Tendo em conta que nem todos leem...sobre o guia...acho que, pelo menos as imagens, foi importante para aqueles...iam guiando, por exemplo, a XXX [referência ao nome próprio de uma participante com DID] falou de João de Arimateia...que era o da boina, porque se lembrava de ver a figura da boina, (...) Na outra era o turbante...ela lembra-se de ver a figura e falou depois disso (...)” “mesmo os outros que liam iam lendo e conseguiam perceber o que estavam a ler...e acho que a parte prática ainda veio dar mais enfoque à assimilação dos conteúdos que estivemos a falar...e mesmo o pormenor da XXX [referência ao nome próprio de uma participante com DID] pôr a mão...e mesmo a outra mão ninguém lhe disse para ela fazer isso...a parte da posição das mãos foi natural... E depois a XXX [referência ao nome próprio de uma participante com DID] como quis ser Maria, pôs logo as mãos assim [gesto semelhante ao da escultura], assumiu logo o papel: eu sou Maria! Eu acho que eles conseguiram controlar muito bem...assumir as posturas deles e tudo e mesmo estarem tristes, estarem a olhar para o chão...”
	MNMC - acesso ao espaço e sua fruição		

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	MNMC – atendimento realizado pelos profissionais do espaço cultural	• Revelou muita empatia • Valorizava as respostas das pessoas com DID • Interessava-se pelas suas opiniões (pegava nos seus contributos para dar continuidade) • Não se limitou a enumerar o que estavam a ver, mas envolveu o conhecimento de cada um para que a experiência fosse mais significativa	“Foi muito empática!” “Ela fazia ênfase às respostas certas deles...acho que isso foi muito bom...e também se interessava pela opinião deles, sobre o que é que eles tinham para dizer...e pegavam nessa informação que eles diziam para depois dar continuidade à história, (...) à apresentação da escultura...e isso é importante, essa ligação que ela consegue fazer...não ser só: é assim, é isto...não ser só enumerar o que ali está mas sim envolver o que cada um sabe para a escultura ainda se tornar mais significativa para eles.”
	MNMC – sugestão de outros materiais/estratégias	• Pelos problemas técnicos, sugeria a utilização de auscultadores no MNMC, durante a visita virtual • A utilização do telemóvel permitiu ver os pormenores da obra de arte • Os objetos da mimetização permitiram que as pessoas com DID representassem muito bem (imitassem a escultura)	“Se calhar, tendo em conta os problemas técnicos que lá houve, só sugeria usar auscultadores para conseguir ouvir-nos melhor, mas isso...é evolução, isto a seguir já vai...Utilizámos a tela e o projetor para eles conseguirem ver...em grupo, verem todos a mesma coisa...o que foi positivo! Mesmo a XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC] ter utilizado o telemóvel para mostrar pormenores também creio que foi positivo...e mesmo os objetos trazidos para mimetizar...eles também conseguiram diferenciar e saber como os colocar...conseguiram perceber o que é que cada objeto era naquela escultura, embora sejam objetos modernos, eles conseguiram fazer a representação deles, conseguiram representar muito bem.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Convento São Francisco – necessidades identificadas e resposta às mesmas	As pessoas com DID tiveram dificuldade em saber que objetos estavam a ser apresentados e como estavam a ser postos a funcionar (se pudessem carregar nos botões dos equipamentos seria mais fácil perceber os mecanismos dos equipamentos)	“Se calhar, em compreenderem (...) que objetos eram aqueles que eles estavam a apresentar...e talvez perceber na realidade como é que elas estavam a pôr os sons em ação. Elas mostraram os botões, mas, se calhar, se eles carregassem, fossem lá e carregassem eles, conseguiam perceber melhor o mecanismo do robô.”
	Convento São Francisco – usufruto dos participantes	- Tiraram um maior proveito do robô com os diferentes objetos a produzir sons (reconhecer vários objetos que lhes eram familiares) - Não perceberam tão bem o equipamento com os projetores e a água - Foi uma nova aprendizagem, uma experiência diferente	“acho que eles tiraram mais proveito foi mesmo (...) da segunda, que tinha vários objetos que eles tinham que reconhecer, que eles reconheciam e que escutavam os sons e...eram objetos familiares para eles. Acho que foi o que eles absorveram mais... A outra, a da água, eles já não percebiam tão bem o que é que era...era algo mais abstrato...se calhar, se eles estivessem lá e percebessem...se vissem mesmo a água a ser projetada, talvez conseguissem compreender melhor. Por exemplo, eu vi uma célula, a Dr.ª XXX [referência a nome próprio] viu a lua, mas eles falaram logo em água! Não conseguiram expandir ou...ser criativos.” “Foi mais uma nova aprendizagem, ver algo diferente... Eles gostam sempre de aprender.”
	Convento São Francisco –	A parte da memória auditiva (ver que os	“...essa vivência (...) da parte da memória auditiva, (...) verem que os objetos que eles conhecem produzem sons que lhes

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	experiências mais significativas	objetos conhecidos produzem sons familiares) • Alguns sons parecem de um objeto familiar mas são de outro (sino)	são familiares...porque até havia lá um objeto qualquer que não era um sino e que fazia o som do sino e eles foram logo buscar a ideia do sino.”
	Convento São Francisco - duração das visitas	• Podia ser um pouco mais longa • Em visita presencial, podia haver uma exploração mais prolongada de cada equipamento • Em visita virtual, podiam ser vistas mais peças	“Acho que podia ser um bocadito mais longo...” “se fosse presencial, explorar mais cada um. Assim, como é virtual, se calhar, ver mais peças, mas também se calhar não havia mais...”
	Convento São Francisco - acesso à informação	• A informação foi transmitida de forma simplificada	“Foi de forma simplificada...”
	Convento São Francisco - acesso ao espaço e sua fruição	• A exploração prévia dos espaços do Convento no seu site permitiu um reconhecimento de alguns desses espaços no decurso da visita • Podia ter havido uma exploração mais prolongada ou detalhada	“como eles já tinham visto a visita virtual, eles alguns espaços já reconheceram, mesmo, por exemplo, o pátio, quando ela mostrou o restaurante lá em baixo, eles começaram a dizer: “Ai, nós já vimos isso!”. Depois, quando passaram para a igreja, a XXX [referência a nome próprio] também começou logo a dizer: “é uma igreja!”. Se calhar, faltou mostrar mais o espaço em volta, rodar o telemóvel para eles verem e perceberem melhor onde estavam...mas é um pormenor.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		dos espaços (para perceber melhor onde estavam)	
	Convento São Francisco – atendimento realizado pelos profissionais do espaço cultural	• Foi bom • Boa capacidade de comunicar, simpatia e diálogo simples e acessível	“Acho que foi bom.” “A capacidade de comunicar dela. Simpática...um diálogo acessível, simples...”
	Convento São Francisco – sugestão de outros materiais/estratégias	• Possibilitar a utilização dos objetos e a criação de sons a partir dos objetos do seu cotidiano, no centro (em pequenos grupos)	“é mesmo eles poderem utilizar...criarem eles depois os sons, irem buscar algo, mesmo até podia ser pelo centro, não precisava de ser da sala...eles escolherem algo ou em pequenos grupos...e produzirem sons e apresentarem para os outros.”

Código do participante: APPACDM-4

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Habilitações acadêmicas	Mestrado em Psicologia Clínica	“Mestrado em Psicologia Clínica.”
	Área de atuação profissional	Psicólogo no Centro de Atividades Ocupacionais da Tocha	“Como psicólogo, sim.” “Da Tocha. No Centro de Atividades Ocupacionais, sim.”
	Tempo de serviço na	Três anos	“(...)fez três em janeiro.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	APPACDM de Coimbra		
	Experiência profissional anterior	• Trabalhou como auxiliar na Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra, durante 12 anos • Fez o estágio profissional, enquanto psicólogo, na mesma instituição	“Eu trabalhei durante cerca de...uns doze anos, na APCC, na Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra...basicamente, com funções de auxiliar. Depois, fiz lá o estágio profissional (...) e basicamente é isso, em termos de instituições.”
Experiência no trabalho com pessoas com DID	Funções	• No primeiro ano, trabalhou sobretudo no acompanhamento individual das pessoas com DID (acompanhamento psicoterapêutico a clientes com questões emocionais) • Nos últimos dois anos, acumula funções na equipa diretiva (maior responsabilidade na elaboração e monitorização dos planos individuais) • Mantém acompanhamentos individuais, mas não com a frequência desejada	“Eu quando vim para cá (...) o primeiro ano estive a meio tempo...e foi um bocadinho focado (...) no acompanhamento individual dos clientes. (...) porque...na altura foram logo indicados alguns clientes com questões a nível emocional...e questionaram (...) a possibilidade de poder fazer esse acompanhamento, a nível psicoterapêutico.... (...) o meu primeiro ano foi um bocadinho focado nesses acompanhamentos individuais... De lá para cá, como também comecei a acumular funções na equipa diretiva, isto...ficou um bocadinho mais complicado...de modo que acabo por assumir uma maior responsabilidade na elaboração dos planos individuais...no sentido da coordenação, da monitorização, da elaboração dos mesmos...Mantenho os acompanhamentos individuais, não com a frequência que gostaria...mas (...) vai-se fazendo o que se pode. (...) isto depois fica acumulado com funções da equipa diretiva (...) pouco mais de uma forma resumida, há a dizer. Em termos de articulações com o lar, por exemplo...também passa muito por aí...Ah! Também temos as

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Articula com o Lar residencial • Faz dinâmicas de grupo (histórias sociais, estimulação cognitiva e projeto MINCE)	dinâmicas de grupo, das histórias sociais, do Cérebro Ativo, do projeto MINCE..."
	Principais desafios/dificuldades	• Combate ao isolamento (específico no CAO da Tocha) • CAO não está inserido na comunidade da Tocha • Isolamento vai além das barreiras físicas e é sentido diariamente • O projeto MINCE ajudou a diminuir o isolamento, mas ainda há um grande trabalho a fazer a este nível	"(...) Aqui na Tocha há um desafio muito grande, que é combatermos aqui o isolamento. Este acho que é mesmo o grande desafio que eu sinto aqui na Tocha, porque nós estamos aqui um bocadinho isolados, dentro do Hospital Rovisco Pais, não é? Não estamos propriamente inseridos na comunidade na Tocha... Este isolamento, às vezes, passa um bocadinho para lá das barreiras físicas...sente-se isto um bocadinho diariamente.... E o que eu tenho sentido é que, às vezes, é muito...é complicado mesmo passarmos para lá destas barreiras... acho que o projeto MINCE ajudou um bocadinho, nesse aspeto, mas acho que ainda há um longo trabalho a fazer neste sentido(...)"
Fruição cultural	Para as pessoas em geral	• Há três grandes dimensões para o desenvolvimento do ser humano: família, sociedade e cultura • A cultura assume um papel fundamental na construção do ser humano	"Bom...eu vejo um bocadinho isto da seguinte forma:...eu acho que há três grandes dimensões...para o desenvolvimento da pessoa enquanto ser humano...A primeira, passa pela família, a segunda se calhar pela sociedade e a terceira pela cultura(...) e nestes termos eu acho que a cultura, sem dúvida, assume aqui um papel fundamental, na constituição da pessoa enquanto ser humano...isto se olharmos para a cultura (...) como um sistema de ideias (...) da época...que faz também,

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• A cultura é entendida como um sistema de ideias de uma época que leva a pessoa a identificar-se com os valores e as crenças da sociedade em que está inserida • A cultura abrange muitas coisas (arte, música, cinema, desporto) • Desenvolvimento cognitivo, emocional	muitas vezes, a pessoa identificar-se com a sociedade em que está envolvida. Isto a cultura, realmente, abrange várias coisas, não é? Mas, no fundo, acho que essas várias coisas que a cultura engloba, (...) desde a arte, da música, do cinema, sei lá, desporto (...) teatro, (...) por aí fora...isto é tudo uma forma de a pessoa, realmente, se identificar com os valores, com as crenças da sociedade em que está inserida...Sem falar também na questão do próprio desenvolvimento a nível cognitivo, a nível emocional, a nível intelectual (...) acho que a cultura tem um papel essencial...na pessoa (...)”
	Para as pessoas com DID	• O papel da fruição cultural na vida das pessoas com DID não deveria ser diferente em comparação com as outras pessoas, mas ainda existem bastantes barreiras no acesso destas pessoas à cultura • A importância da vivência cultural é semelhante às outras pessoas	“[o papel da fruição cultural na vida das pessoas com DID é diferente?] Não deveria ser! Não deveria ser... Agora, como nós sabemos...ainda há bocado falei de barreiras (...) Obviamente que acho que ainda há bastantes barreiras no acesso à cultura nas pessoas com dificuldades intelectuais.” “[a importância da vivência cultural é diferente?] Não, não é diferente. Não deveria ser [risos].”
	Diferenças nas pessoas com DID	• Existem diferenças no caso das pessoas com DID, se o	“Existem diferenças! Se o espaço cultural não estiver preparado para receber as pessoas com deficiência, seja ela qual for...visual, auditiva, intelectual...temos também aqui a

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		espaço cultural não estiver preparado para as receber • A nível nacional, há muitos espaços culturais que não estão preparados para receber as pessoas com DID	paralisias cerebrais...Obviamente que sim, que é diferente e acredito (...) que, pelo menos a nível nacional, haja bastantes espaços que não estão de todo preparados para receber essas pessoas (...)”
	Considerações a partir da visita virtual ao MNMC	• As pessoas com DID (foi evidente, pelas suas expressões e comentários no final) • Ao início, estavam um pouco confusos (os técnicos também), em parte pela qualidade da videochamada • No final, a informação essencial foi retida	“...Eu acho que eles desfrutaram, sinceramente... (...) ao início, ficaram ali um bocadinho confusos...de certa forma era uma situação nova (...) nós próprios também ficámos ali um bocadinho...e dada a dificuldade da chamada...mas (...) no fim, o essencial acabou por ficar retido (...) ainda que pudesse ter corrido melhor, ao nível da chamada (...) isso são questões técnicas...acho que aquilo que seria suposto retirar da visita retirou-se e acho que isso deu para ver na expressão deles, naquilo que eles comentaram no final...sem dúvida, acho que desfrutaram.”
	Considerações a partir da visita virtual ao Convento São Francisco		
Intervenção dos CAO's da APPACD	Projetos existentes	• Não é feita uma intervenção regular no CAO da Tocha ao nível da fruição cultural	“Há...talvez não de uma forma constante e diária (...) Mas há...O exemplo das colónias de férias acho que é um bom exemplo (...) Nós nos projetos que fazemos na colónia de férias tentamos sempre ter aqui esta vertente cultural. O ano

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		- Nas colónias de férias, há sempre uma vertente cultural (Aldeia de Janas, Bacalhoa Buddha Éden, zonas histórico-culturais de Torres Vedras) - Grupo de música (as pessoas com DID ensaiam e dão espetáculos na comunidade) - Desporto (também faz parte da cultura) - De uma forma indireta, as dinâmicas das histórias sociais ajudam a refletir sobre os comportamentos e o modo como se sentem em diferentes situações, dentro e fora do CAO	passado (...) fizemos a visita à aldeia de Janas...fomos também ao Bacalhoa Buddha Éden... e, há dois anos, fizeram também uma visita por Torres Vedras, onde visitaram os castelos, outras zonas histórico-culturais...(...) este é o período que é importante nesse sentido, na colónia de férias. De resto, temos o grupo de música, não é? Acho que também faz todo o sentido falar. (...) acaba por se fazer, de alguma forma, aqui um bocadinho da inclusão, não é? O facto de eles poderem realmente ensaiar e tocar e dar espetáculos na comunidade, acho que insere-se totalmente nesta questão.... O desporto, porque não? Desporto acho que também faz parte da cultura portuguesa [risos]... Acho que também, sim também é importante. Depois, se calhar, trabalhamos noutras questões...se calhar, não de forma tão direta, mas indiretamente...O caso das dinâmicas das histórias sociais acho que entram muito aqui (...) porque ao estarmos a pensar em conjunto, a debater e a tentar (...) que, nessas dinâmicas, se fale um bocadinho acerca do modo como eles devem lidar...comportar-se...o modo até como se sentem...em diversas situações, tanto interna como externamente (...) na sociedade...acho que é um trabalho muito importante, que acaba por desenvolver o sentido depois lá fora...fora do centro, eles (...) terem o acesso da melhor forma a esses diferentes espaços (...)”
	Dinâmicas consideradas	Na organização de atividades culturais, a equipa tem sempre em	“Tentamos sempre, obviamente, ter em conta as preferências e os gostos e os desejos deles, relativamente ao modo como querem que a colónia se realize...Este ano, tínhamos a

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		consideração os gostos e preferências das pessoas com DID apoiadas pelo CAO • Este ano, as pessoas com DID iriam fazer parte integrante da equipa que elabora os projetos, para que pudessem escolher os sítios onde ir • As atividades e os locais escolhidos também se baseiam nas atividades que as pessoas com DID desenvolvem ao longo do ano no contexto de CAO • Tentam estabelecer um contacto prévio com o espaço cultural que vai ser visitado, para perceber se é acessível para todos e se há condições para realizar a visita • Quando o espaço não é acessível, há situações em que é a própria instituição de apoio que arranja as	novidade, que infelizmente, dada a situação que vivemos [pandemia de COVID-19] não será possível realizar...mas tínhamos a novidade de serem eles próprios a elaborar, ou pelo menos a fazerem parte integrante da elaboração do projeto, no sentido de eles próprios escolherem os sítios onde gostariam de ir. (...) Tentamos sempre ir ao encontro dos gostos e das preferências deles, não é? E (...) até de contextos em que eles próprios se sintam familiarizados. Porque o ano passado, a questão da visita à Eco Aldeia de Janas...baseia-se muito nesta questão da agricultura biológica (...) estava (...) relacionado com o facto de muitos deles estarem aqui na área da agricultura...e então, podíamos aqui...eles podiam-se identificar e, de alguma forma, isto também lhes poder dizer alguma coisa (...)” “nestes casos da colónia de férias, tentamos sempre estabelecer um contacto previamente às datas de realização. Neste caso, por exemplo, da Eco Aldeia, em que levámos a joelette, inicialmente tentámos perceber se realmente dava para fazer a visita com todos eles. E, na altura, aquilo que nos foi transmitido foi que, derivado à questão da acessibilidade, seria complicado...E nós próprios fizemos questão de dizer que levávamos uma joelette para ser possível eles todos usufruírem da visita... De maneira que fomos nós, de alguma forma, que tornámos isso possível. Não foi tanto da parte deles que...dizerem que era possível, que tinham acessibilidade para pessoas com dificuldades a nível físico, a nível motor...fomos nós, de alguma forma, que tornámos isso

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		soluções de acessibilidade (física)	possível. Mas sim, tentamos sempre previamente perceber se há condições para se realizar as visitas.”
	Envolvimentos dos profissionais da instituição de apoio	Nos últimos dois anos, participou na elaboração dos projetos da colônia de férias que contemplaram a vertente cultural	“Ora bem...os últimos dois anos (...) os dois projetos, foram realizados...fomos nós, equipa técnica...equipa diretiva...que os elaborámos.”
	Usufruto das pessoas com DID	- As pessoas com DID desfrutam ao máximo, tendo em conta o isolamento diário no caso da Tocha - Consideram que é bom sair do CAO, sentem-se realizadas e que é bom aproveitar estas oportunidades em conjunto (porque são raras)	“(...) eu acho que eles desfrutam ao máximo...ainda mais, tendo em conta o isolamento que vivem aqui na Tocha quase diariamente, não é? Para eles, sair daqui é muito bom. (...) sem dúvida. Acho que eles acabam por se sentir realizados, não é? Acho que posso mesmo usar essa expressão. Acho que podem estar todos juntos (...) a aproveitar estes dias, estas oportunidades diferentes (...) de alguma forma, em alguns deles, se calhar são oportunidades raras...Sem dúvida que eles aproveitam ao máximo, pelo menos é essa a impressão que eu tenho.”
Mudanças necessárias para a melhoria da acessibilidade e	Atendimento: -nos espaços culturais em geral	- As mudanças também têm de partir do Governo - Têm de existir projetos e ideias criativas para tornar os espaços culturais mais acessíveis - Projetos como o “Imagens que guiam” [CAO São	“O que é preciso acontecer é (...) isto parte também do Governo (...) Parte das pessoas de cima...haver imaginação, criatividade, projetos...ideias...para tornar realmente acessíveis esses locais todos (...) acho que uma excelente ideia é aquela que vocês têm desenvolvido em São Silvestre [projeto em que a investigadora está envolvida], (...) das “Imagens que guiam” (...) Todo o percurso de...tornar a parte da comunicação mais acessível, para que eles compreendam

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Silvestre e MNMC] são uma ideia excelente porque tornam a comunicação mais acessível, de modo a que as pessoas com DID compreendam o propósito das visitas • Existe um site com uma agenda virtual com os eventos existentes para as pessoas com deficiência (para haver um conhecimento dos eventos existentes no país para pessoas com diferentes tipos de deficiência) • A acessibilidade física já é considerada há mais tempo • O acesso das pessoas com DID está muito relacionado com a área da comunicação (criação de guias ou panfletos mais acessíveis, com imagens que chamem a atenção, mais simplificadas para que	realmente o propósito da visita. Esse é um excelente exemplo...Há pouco tempo, também vi um site (...) era um site que tinha (...) uma espécie de agenda virtual onde tinha vários eventos para pessoas com deficiência. Cognitivas, visuais e acho que cada evento era discriminado...se fosse para pessoas com dificuldades auditivas, dificuldades visuais...e a ideia, pelo que eu percebi era essas pessoas (...) para já, terem conhecimento dos eventos que acontecem em várias zonas do país, dos quais podem usufruir. (...) essa também será uma boa ideia, não é? Essas plataformas digitais que permitem às pessoas saberem quais os espaços onde podem realmente usufruir. [pausa prolongada] Há a questão das acessibilidades, em termos físicos, acho que, de alguma forma, já é bastante falada, pelo menos em relação há uns anos atrás...Acho que já há vários sítios que proporcionam...que já têm essas acessibilidades, de modo às pessoas poderem usufruir (...) e ao nível das pessoas com dificuldades intelectuais, sim, acho que passa muito pela questão da comunicação (...) de tornar...seja guias, seja panfletos, mais acessíveis, com imagens que chamem mais a atenção dessas pessoas (...) mais simplificadas...bom, para que, realmente, as pessoas compreendam...percebam um bocadinho melhor os propósitos das visitas, (...) dos sítios onde vão...e poderem usufruir da plenitude dessas visitas.” “Sim, há mudanças a fazer, sim, sem dúvida.... Em grande parte dos espaços, há mudanças a fazer. Veio-me agora à mente, por exemplo...o Jardim Zoológico de Montemor...é

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		as pessoas compreendam o propósito do local visitado e usufruam dele de forma plena) • Na maioria dos casos, há mudanças a fazer [enumeração de aspetos relacionados com a acessibilidade física] • Há a necessidade de adaptar os conteúdos (varia de um local para outro) • As pessoas com DID precisam de sentir que aquilo que estão a ver não é assim tão complexo	muito complicado...eu lembro-me até, quando trabalhava na APCC (...) de irem a uma visita e a maior parte deles iam de cadeira de rodas...aquilo não foi fácil, fazer a visita toda pelo espaço em cadeiras de rodas. (...) isto um exemplo de acessibilidade física.” “É necessário (...) adaptar os conteúdos (...) Isto os conteúdos, obviamente, depende de sítio para sítio... Mas adaptar um bocadinho os conteúdos (...) vamos outra vez bater um bocadinho na comunicação e na linguagem (...) Acho que, de um modo geral, a nossa população...e as pessoas com Dificuldades Intelectuais...necessitam muito deste estímulo, (...)de sentir que aquilo que estão a ver, a conhecer...que não será assim tão complexo (...) é tornar as coisas mais simples, mais acessíveis, mais criativas, com mais imaginação, de modo realmente a chamar mais a atenção deles... para o contexto que estão...que possam estar a visitar.”
	-no MNMC	• A profissional do MNMC estava muito à vontade, muito flexível • Decorou os nomes das pessoas com DID (proximidade) – existiu a partilha dos perfis individuais dos participantes (base de	“fiquei com a sensação que as guias...principalmente a XXX [referência a nome próprio], que estava completamente dentro da situação e dentro da situação é mesmo dentro das características destes jovens...acho que mostrou-se super...à vontade, flexível...mesmo ao nível da interação, acho que correu muito bem, mesmo. Acho que houve uma certa empatia entre ela e os jovens...foi mútuo (...) o facto de ela decorar logo os nomes deles, como se já soubesse quase como é que eles eram...”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		sustentação para que a visita corresse tão bem) • A interação correu muito bem (empatia)	“Acho que isso [o envio dos perfis de cada participante com DID], sem dúvida, foi muito importante. E, sem dúvida, (...) sustentou um bocadinho o facto de a visita ter corrido tão bem, como eu acho que correu.”
	-no Convento São Francisco		
	Contributos dos profissionais das instituições de apoio nas visitas -Preparação	• Os profissionais das instituições de apoio também podem levar soluções aos espaços culturais • Realização de projetos que deem a conhecer a realidade dos CAO's à comunidade • Se as instituições de apoio não ajudarem a proporcionar as condições necessárias, o caminho a percorrer até os contextos serem acessíveis é mais longo • Dar a conhecer os perfis das pessoas com DID que vão participar nas visitas	“(…)passa um bocadinho por aquilo que eu disse há bocado (...) É sermos nós a levarmos as soluções a esses sítios....Acho que (...) passa mesmo pela elaboração, pela realização de projetos que também deem a conhecer um bocadinho a nossa vivência nos centros lá fora...Obviamente, que às vezes é muito simples nós dizermos que os sítios não estão preparados, que não têm acessibilidade...mas também se não formos nós muitas vezes a levarmos essas condições aos espaços e aos sítios, se calhar o caminho torna-se mais longo de percorrer.” “(…) darmos a conhecer um bocadinho o tipo de pessoas que vão fazer a visita (...)”
	-Dinamização	• Os profissionais da instituição de apoio devem	“(…) se calhar, os técnicos aqui servem um bocadinho como mediadores (...) por vezes, entre os espaços (...) e os próprios

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		atuar como mediadores entre os espaços culturais (e os seus conteúdos) e as pessoas com DID	conteúdos... para os nossos jovens, não é? Servimos aqui um bocadinho de mediadores (...)”
	-Pós-visitas	• Refletir com as pessoas com DID acerca do que acharam da visita, o que sentiram, o que deveria ser alterado • A partir dessa reflexão, dar feedback ao espaço cultural visitado, para que a sua acessibilidade possa ser melhorada	“Pode-se refletir acerca...o que é que eles acharam, o que é que eles sentiram...se acham que há coisas que podiam ser melhoradas...alteradas (...) isso sim, sem dúvida (...) será até um trabalho bastante importante. Se calhar, depois, com a opinião deles, podemos dar, de alguma forma, um feedback...ao espaço que visitámos...de modo (...) a melhorar as acessibilidades, sejam elas de que tipo forem.”
Adaptação das visitas às características das pessoas com DID	Aspetos a considerar numa visita	• Questões físicas e de comunicação • Frequentemente, a comunicação dos espaços culturais não é pensada para as pessoas com DID (a linguagem é de difícil compreensão) e é necessário existir um trabalho a este nível • Saber de antemão as características das pessoas	“Sim, tanto questões físicas, como questões de comunicação (...) Aliás, estava-me aqui a lembrar que...o ano passado, na nossa colónia de férias, no projeto que fizemos, fomos fazer uma visita a um sítio que era a Eco Aldeia de Janas, relacionado com a agricultura biológica e assim...E as acessibilidades não eram...não era fácil para as clientes que nós tínhamos...e conseguimos arranjar...fazer o aluguer de uma joelette, que permitiu que essas pessoas fizessem a visita à aldeia, juntamente com os colegas. (...) Sim (...) há questões físicas, sem dúvida, e depois há questões de comunicação, sim, que é importante haver aqui um trabalho das entidades responsáveis e, neste caso, falando (...)em museus, em sítios

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		com DID (há muitas variações nesta população) • As pessoas com DID têm diferentes níveis de autonomia, portanto, a preparação e a abordagem numa visita varia em função disso • Nos casos de maior dependência, pode ser importante atuar mais a nível motor e sensorial • Nos casos em que se regista uma maior autonomia, pode ser importante atuar mais ao nível da comunicação/ linguagem • Atender às características de cada um • Os espaços culturais devem ter a preocupação de tornar a comunicação e a linguagem mais acessíveis • Deve haver uma proximidade e uma	histórico-culturais...que (...) muitas vezes a comunicação que (...) fazem não é pensada nestas pessoas...e a linguagem (...) acaba muitas vezes por ser um bocadinho difícil de entender para elas (...) e um trabalho a esse nível, sem dúvida que acho que é importante. Essencial.” “Bem, eu acho que é necessário ter em consideração, em primeiro lugar, (...) O tipo de pessoas que (...) virão... Isto até porque, na população com deficiência intelectual, temos vários tipos (...) Isto porque podem ir pessoas mais autónomas, que, à partida, não será necessário...um trabalho no sentido de tornar acessível os conteúdos da visita. Mas depois, podemos também ter pessoas (...) com outros níveis de dificuldades (...) isto a nível de linguagem, cognitivo...obviamente, que a preparação à partida que será feita para receber um grupo de jovens mais autónomos e um grupo de jovens um bocadinho mais dependentes não será a mesma (...) ao nível de jovens mais dependentes, levantam-se aqui questões ao nível mais motor, mais sensorial que (...) é muito importante ter em conta. (...) há aqui questões, como eu estava a dizer, a nível motor e a nível sensorial que serão mais interessantes de explorar (...) no sentido de chegarmos mais a eles...que não serão tão necessários nos grupos mais autónomos...Em grupos mais autónomos, porventura...o tipo de trabalho será mais ao nível da linguagem, da comunicação (...) é preciso ter em conta, sem dúvida, o tipo de pessoas que irão fazer a visita.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		mediação, por parte dos profissionais da instituição de apoio, entre os profissionais dos espaços culturais e as pessoas com DID	“as características de cada um...Porque eu depois acho que o resto vem um bocadinho daí (...) Depois, o modo como (...) as visitas serão feitas deve ter em conta, sem dúvida, as características (...) acho que, realmente, é importante (...) da parte dos espaços haver esta preocupação de tornar a comunicação e a linguagem mais acessível, acho que isso, sem dúvida, que é um ponto muito importante...É importante, sem dúvida (...) isto da parte da instituição...as pessoas que acompanham, sejam elas técnicos ou outro tipo de colaboradores ou monitores...tanto faz...deve haver realmente esta proximidade (...) neste sentido de haver uma mediação, (...) servirem um bocadinho como mediadores entre os guias (...) e os nossos jovens...”
	MNMC – necessidades identificadas e resposta às mesmas	• O grupo era bastante autónomo • Foi necessário contribuir para uma melhor compreensão em alguns momentos (usou o telemóvel para mostrar imagens a ilustrar os conceitos que estavam a ser abordados) • Não sentiu outro tipo de necessidade	“nós também tínhamos um grupo digamos autónomo...Acho que as necessidades que eles sentiram mais (...) passou pela melhor compreensão...muitas das vezes...eu agora estava-me a lembrar que, numa ou noutra situação, instintivamente fui ao telemóvel para lhes mostrar as imagens...para eles perceberem exatamente o que é que se estava a falar...Foi isso que eu senti um bocadinho mais, foi realmente esta parte mais descritiva, mais da compreensão exatamente do que é que estão a ver, o que é que está a ser tratado, falado...e que, às vezes, se calhar as imagens ajudam (...) bastante. Não senti assim mais nenhum tipo de necessidade.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	MNMC – usufruto dos participantes		
	MNMC – experiências mais significativas	• Ser uma experiência diferente, interativa (onde podiam participar) – mais ainda em tempos de isolamento social • Ficou surpreendido com a curiosidade demonstrada pelos participantes (a curiosidade também já existe nestas pessoas)	“terem feito uma coisa diferente. Eu acho que isso é que foi significativo mesmo. O facto de eles terem tido esta possibilidade, ainda mais nos dias de hoje de...fazerem qualquer coisa diferente, interativa, onde eles pudessem participar, ver qualquer coisa nova...Senti também um bocadinho esta curiosidade(...) até fiquei um bocadinho surpreendido...acho que, realmente, eles acabaram por se mostrar bastante curiosos...acerca (...) daquilo que estavam a ver. E isso para mim foi o mais significativo. Foi mesmo eles terem tido a oportunidade de ver algo novo...e a curiosidade.” “Acho que se cada um deles não fosse minimamente curioso...não valia de nada ver coisas novas ou não. Ou seja, eu acho que essa curiosidade também já existe um bocadinho dentro de cada um deles.”
	MNMC - duração das visitas	• O tempo foi o ideal (dadas as circunstâncias)	“Acho que, dadas as circunstâncias, foi o tempo ideal, sim, sem dúvida.”
	MNMC - acesso à informação	• As pessoas com DID perceberam as informações (ajudou ter mostrado imagens no telemóvel) • A utilização de um Tablet/ telemóvel pode ajudar a	“Acho que sim [as pessoas com DID perceberam o que foi dito]. (...) uma ou duas imagens que eu mostrei no telemóvel ajudou(...) não sei se isso pode ajudar nalguma coisa, o facto de haver um Tablet, um telemóvel, que às vezes em certas coisas que estejam a ser explicadas, no sentido deles perceberem (...) visualmente aquilo que está a ser falado...se calhar, pode ajudar.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		perceber melhor o que está a ser falado (pistas visuais)	
	MNMC - acesso ao espaço e sua fruição		
	MNMC – atendimento realizado pelos profissionais do espaço cultural	• Adequado	“Foi, sem dúvida. Sim.” [se o atendimento foi adequado]
	MNMC – sugestão de outros materiais/ estratégias	• Tablet	“não está assim a surgir nada, tirando o Tablet”
	Convento São Francisco – necessidades identificadas e resposta às mesmas		
	Convento São Francisco –		

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	usufruto dos participantes		
	Convento São Francisco – experiências mais significativas		
	Convento São Francisco - duração das visitas		
	Convento São Francisco - acesso à informação		
	Convento São Francisco - acesso ao espaço e sua fruição		
	Convento São Francisco – atendimento realizado pelos profissionais do espaço cultural		

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Convento São Francisco – sugestão de outros materiais/estratégias		

Código do participante: APPACDM-5

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Habilitações académicas	Licenciatura em Terapia ocupacional (em 2018)	“eu sou terapeuta ocupacional. Licenciei-me pela Escola de Saúde de Leiria, do Instituto Politécnico de Leiria, em 2018.”
	Área de atuação profissional	Terapeuta ocupacional na Unidade Funcional da Tocha	“eu sou terapeuta ocupacional.” “Depois de acabar a licenciatura, em setembro desse ano, comecei com o estágio profissional na APPACDM de Coimbra, na Unidade Funcional da Tocha.”
	Tempo de serviço na APPACDM de Coimbra	Iniciou estágio profissional em setembro de 2018 e, após esse período, iniciou contrato com a instituição até ao momento atual (1 ano e 8 meses)	“Licenciei-me pela Escola de Saúde de Leiria, do Instituto Politécnico de Leiria, em 2018. Depois de acabar a licenciatura, em setembro desse ano, comecei com o estágio profissional na APPACDM de Coimbra, na Unidade Funcional da Tocha. E, depois desses nove meses, fiquei com contrato e lá permaneço”
	Experiência profissional anterior	• Estágios curriculares (um deles na área da deficiência) • Participação num projeto (“ESS-Lei – a cidade e todos	“Eu tive...vários estágios curriculares...sendo que um deles foi na área da deficiência e....além disso, durante o meu percurso académico, desenvolvi um projeto, também com esta população (...), em que nós pretendíamos dar às pessoas com dificuldades intelectuais a experiência de uma noite académica. (...) eles vieram ter connosco, nós jantámos com

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		nós”) que fomentava o acesso de pessoas com DID (que frequentavam diferentes instituições de apoio) à experiência de uma noite acadêmica	eles na nossa cantina, lá na escola...depois, fomos fazer o raly tascas pelos bares da cidade...eles pernoitaram connosco na escola, cuidámos deles de manhã, as higenes e tudo mais e depois lá foram à vida deles e assim tiveram a oportunidade de...ter uma noite [risos] universitária.” “Pertenciam, sim. Pertenciam ao Cavalo Azul, ao Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor nas Caldas, à Cercipom e... eu penso que a Oásis também pertenceu, mas já não tenho a certeza. Estas três eu tenho a certeza...foram quatro, foram...a Oásis também (...)” “ESS-Lei – a cidade e todos nós”.
Experiência no trabalho com pessoas com DID	Funções	• O papel do terapeuta ocupacional é direcionado para a funcionalidade e as atividades de vida diária • Adaptação das características das pessoas e do seu meio envolvente para uma participação plena nas atividades significativas • Adaptação ao grau de capacidade de cada pessoa (as experiências das pessoas com mais limitações são mais sensoriais)	“o papel do terapeuta ocupacional é muito à base da funcionalidade, das atividades de vida diária e tudo mais (...) eu tento ao máximo...adaptar o cliente e todas as condicionantes, de forma a que eles consigam participar ao máximo em todas as atividades que pretendam e que são significativas para eles e...tentar ao máximo que eles tirem partido de todas essas experiências, sendo que temos de adaptar ao grau de capacidade deles, como é obvio...as pessoas mais profundas e os ditos mais dependentes...as experiências deles são mais adaptadas (...) são muito mais sensoriais, mas é assim que eles vivem o nosso mundo (...) portanto, é esta adaptação que temos que fazer. (...) é no fundo adaptar, de forma a que eles consigam ter um dia-a-dia o mais funcional possível e o mais gratificante para eles possível.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		- Intervenção ao nível da estimulação cognitiva, estimulação sensorial, em dinâmicas de grupo - Intervenção nas atividades socialmente úteis (adaptação)	“eu trabalho muito a estimulação cognitiva, a estimulação sensorial, as atividades de vida diária...com eles...fazemos muitas dinâmicas de grupo...também tenho intervenção nas atividades socialmente úteis...para perceber se podemos adaptar ou não as atividades ainda mais, de forma a poder capacitá-los ainda mais (...) É muito nisto que eu divido o meu dia [risos].”
	Principais desafios/dificuldades	- O principal desafio não está nas pessoas com DID mas na sociedade de que fazem parte (barreiras) - Tem de existir uma adaptação do meio às pessoas com DID e não apenas o contrário - Que as outras pessoas entendam que as pessoas com DID têm muitas capacidades além das limitações - Diminuir as barreiras que existem em relação às pessoas com DID	“Às vezes, o meu principal desafio nem são eles, é a sociedade, no fundo, em que eles estão inseridos...porque as barreiras...a maior parte das barreiras estão à volta deles, não é?...e isso é que é difícil de...na maior parte das vezes não são eles que se têm de adaptar ao meio em que eles estão...é o meio que se tem de adaptar a eles. E, se calhar, a minha maior dificuldade, muitas vezes, é conseguir que as pessoas olhem para eles...deixem de olhar para eles como os coitadinhos [risos] e perceber que eles têm muitas capacidades e...têm muitas limitações e toda a gente vê, mas eles têm muito mais para além disso e a minha batalha (...) diária...é mostrar as capacidades, no meio de todos os defeitos e incapacidades que eles têm...as poucas capacidades que eles têm...que é essas que são importantes e que nós valorizamos. Acho que a minha grande tarefa, a minha grande dificuldade é esta, mas que é essa que eu vou para lá fazer todos os dias e trabalhar para que, a cada dia que passa, haja menos barreiras [risos].”
Fruição cultural	Para as pessoas em geral	A cultura define aquilo que somos (a construção da	“Eu acho que a cultura acaba por definir um bocadinho a pessoa que nós somos. Ou seja, a nossa construção pessoal depende de muitos fatores...e muitos fatores culturais (...) Nós

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		pessoa depende de fatores culturais) • A sociedade tem regras e hábitos que constituem fatores culturais • A cultura tem um papel muito importante na definição da identidade da pessoa	estamos inseridos numa sociedade, essa sociedade tem regras, tem hábitos, tem rotinas...tudo isso são fatores culturais e, portanto, na minha opinião, a cultura tem um papel muito muito importante na definição da nossa identidade.”
	Para as pessoas com DID	• A cultura também tem um papel na definição da identidade, no caso das pessoas com DID • O leque de experiências das pessoas com DID é mais reduzido (o acesso à cultura é menor e isso reflete-se na sua identidade) • É preciso derrubar esta barreira no acesso à cultura (trabalhar nesse sentido) • A cultura tem o mesmo papel na vida das pessoas com DID, em comparação com as pessoas em geral	“Eu acho que (...) não é diferente. Eu acho que a cultura tem também esse papel de definição de identidade. O que eu acho que acontece é que as experiências deles são um leque muito mais reduzido do que o nosso. Ou seja, eles não têm o acesso à cultura que nós temos e reflete-se claramente na identidade deles também (...) E isso é uma das barreiras que temos de derrubar [risos]. Mas sim, têm exatamente o mesmo papel... Acho que ainda não conseguem ter o acesso à cultura que nós...que o resto da população tem...e que é uma grande falha e que devemos, sem dúvida, vir a trabalhá-la [risos].”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Diferenças nas pessoas com DID	• A fruição cultural não é diferente nas pessoas com DID, no caso de a visita ao espaço cultural estar adaptada (é diferente, se não estiver) • Dificuldades na recolha das informações transmitidas • Se a visita não estiver adaptada, as pessoas com DID não a conseguem viver plenamente	“Eu acho que, se a visita ao espaço cultural estiver adaptada, eu não considero que seja diferente. Se não estiver adaptada, é diferente sim, eles não vão conseguir recolher metade das informações que as outras pessoas conseguiam recolher, infelizmente (...) Sim, se não estiver adaptado acho que é diferente. Acho que não conseguem vivenciar o momento na plenitude.”
	Considerações a partir da visita virtual ao MNMC	• A visita foi muito interessante • A profissional do MNMC estava muito preparada para o atendimento das pessoas com DID • As pessoas com DID saíram radiantes da visita (muito enriquecedor, aprenderam muito e saíram com vontade de continuar estas experiências – querem apostar na cultura)	“a visita foi, de facto, muito interessante, que o guia estava incrivelmente preparado para esta população...o que, às vezes, é raro de encontrar (...) e os nossos clientes saíram daqui radiantes com a visita. Foi, sem dúvida, muito enriquecedor para eles, eles aprenderam muito hoje...e saíram daqui com muita vontade de continuar a explorar este mundo, o que nos deixa super felizes por percebermos que eles querem apostar na cultura”
	Considerações a partir da	• A visita é muito sensorial (aspeto positivo)	“Esta visita... é muito sensorial, o que é incrível (...) porque consigo imaginar clientes com bem menos capacidades dos

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	visita virtual ao Convento São Francisco	• É apropriada também para pessoas com mais limitações • As pessoas com DID conseguiram sentir ainda mais do que na visita ao MNMC (estavam muito atentas, interessadas em tudo – som/imagem – e desfrutaram plenamente	que fizeram a visita a usufruir dela plenamente, o que é ótimo. Portanto, eu acho que eles a conseguiram sentir mais ainda do que, se calhar, a outra. Foi muito interessante, eles estiveram... super atentos o tempo todo, super interessados em tudo e mais alguma coisa, às vezes, o foco era um bocadinho o som, mas eles estiveram interessados em tudo, o som quase que passava ao lado, havia tanta coisa para ver. Eu acho que eles usufruíram plenamente desta visita.”
Intervenção dos CAO's da APPACDM de Coimbra ao nível da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID	Projetos existentes	• Existe um projeto no CAO de São Silvestre • No CAO da Tocha, as colónias de férias têm uma vertente cultural (visita a Eco Aldeia, Buddha Éden) • No CAO da Tocha, existe a preocupação de dar a conhecer a cultura do local onde decorrem as colónias de férias • Outras formas de acesso à cultura: grupos musicais do CAO	“Existe um projeto muito interessante na APPACDM, no CAO de São Silvestre. (...) Em relação à Tocha, que é o caso que eu conheço melhor [risos]...nós temos...nas nossas colónias de férias tentamos sempre ter uma vertente cultural...fazemos questão que isso aconteça. (...) Nós (...) para cada sítio que vamos tentamos sempre que eles conheçam um bocadinho da cultura do espaço que vamos conhecer. (...) depois conseguem...esse acesso à cultura também de outras formas. Por exemplo, eles têm dois grupos musicais: o JoviCAO e o Rebus Stare...que também ajuda [risos] para a cultura deles.”
	Dinâmicas consideradas	• No projeto do CAO de São Silvestre, é feita uma preparação (das pessoas	“Eles preparam as visitas antes de as visitas acontecerem...preparam os clientes e depois (...) a visita é acompanhada por duas técnicas, preferencialmente...e têm o

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		com DID) antes das visitas e estas são acompanhadas por duas técnicas do CAO, com recurso a informação simplificada que possibilita uma vivência mais plena - Nas atividades programadas para as colónias de férias do CAO da Tocha, há contactos com os espaços culturais para fazer o levantamento das necessidades de adaptação - Há soluções de acessibilidade que são levadas pelo CAO ao espaço cultural (joelette)	recurso à informação simplificada que elas preparam e, desta forma, elas conseguem garantir que os clientes vivenciam a visita de uma forma muito mais plena.” “Em relação à Tocha (...) nas nossas colónias de férias tentamos sempre ter uma vertente cultural...fazemos questão que isso aconteça. Na colónia de férias anterior, que é a que eu conheço melhor, (...) nós realizámos, por exemplo, uma visita a uma Eco Aldeia...foi incrível, foi muito muito bom...Visitámos também o Buddha Éden...Para isso, tivemos de contactar com ambas as entidades e perceber se os espaços eram adaptados ou não...Um deles não era e nós arranjámos maneira de ser...arranjámos uma joelette para que todos conseguissem ter acesso e eu sei que, em colónias anteriores isto também já era feito.”
	Envolvimentos dos profissionais da instituição de apoio	- Existe a preocupação dos técnicos em dar a conhecer a cultura do local visitado - Existe um contacto com os espaços culturais para levantamento das necessidades de adaptação	“nas nossas colónias de férias tentamos sempre ter uma vertente cultural...fazemos questão que isso aconteça. Na colónia de férias anterior, que é a que eu conheço melhor, até porque foi a única em que eu participei [risos]...nós realizámos, por exemplo, uma visita a uma Eco Aldeia...foi incrível, foi muito muito bom...Visitámos também o Buddha Éden...Para isso, tivemos de contactar com ambas as entidades e perceber se os espaços eram adaptados ou

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Os técnicos do CAO arranjam e levam as adaptações, em algumas situações • Existe a preocupação de tornar a linguagem mais simples, para que as pessoas com DID percebam o que estão a ver (aproveitando os recursos existentes no espaço cultural) • Os técnicos do CAO fazem o papel de guia (explicar o que estão a ver, numa linguagem acessível)	não...Um deles não era e nós arranjámos maneira de ser...arranjámos uma joelette para que todos conseguissem ter acesso e eu sei que, em colónias anteriores isto também já era feito.” “...A visita ao Buddha Éden foi uma visita...tanto ao Buddha Éden como à Eco Aldeia. Para já, na Eco Aldeia tivemos um dia incrível que conseguimos colocar tudo numa linguagem super simplificada, em que eles perceberam perfeitamente o que estavam a ver. Foi incrível. No Buddha Éden, não tínhamos, então tivemos que ser nós a fazer um bocadinho esse papel de guia...e, portanto, tivemos esse papel de explicar, numa linguagem que eles conseguissem entender, tudo o que estávamos a ver, porque é importante...”
	Usufruto das pessoas com DID	• As pessoas com DID conseguem perceber, vivenciar e gostar de uma experiência cultural e ficam mais cultos a partir dessa experiência	“eu acho que eles conseguiram perceber e vivenciaram e adoraram [risos] e saíram de lá garantidamente mais cultos do que quando entraram [risos].”
Mudanças necessárias para a melhoria da	Atendimento: -nos espaços culturais em geral	• Têm de existir mudanças na forma como os espaços culturais recebem as pessoas com DID	“(...) sem dúvida, sem dúvida...para além das barreiras físicas, que muitas vezes ainda encontramos, infelizmente...mas muito mais do que isso é esta tal questão depois das informações acerca das peças ou o que seja que estamos a ver, que é tudo numa linguagem super complexa, que às vezes

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Além das barreiras físicas, é necessário adaptar a linguagem (geralmente, muito complexa, mesmo para o público em geral) • Há um longo caminho a percorrer ao nível da comunicação (para que as pessoas com DID compreendam o que existe nos espaços culturais) • Os profissionais dos espaços culturais têm um papel fundamental (precisam de estar predispostos para este atendimento e ter formação para melhorarem a forma como comunicam) • Nem todos os profissionais dos espaços culturais estão sensibilizados para a importância que a cultura pode ter para as pessoas com DID (mas têm um papel fundamental pelo	até nós temos dificuldades em perceber, quanto mais eles! (...) ainda há aqui um longo caminho a percorrer...ao nível da comunicação, essencialmente, há muito a melhorar para que eles consigam perceber o que realmente ali está porque senão não vai passar de uma estátua ou do que quer que seja que eles nem sequer vão perceber o que é que raio é aquilo [risos].” “Eu acho que eles podem ter um papel fundamental, sem dúvida (...) eles têm de estar predispostos para isso e, se calhar, até ter alguma formação...para conseguir comunicar da melhor forma com estas pessoas...porque acho que nem todos estão sensibilizados para esta temática...ou seja, nem todos percebem a importância que a cultura tem para eles e, por isso, provavelmente não lhes vão dar a devida importância que têm (...) e a visita não vai ser adequada a eles. Portanto, acho que eles têm um papel fundamental porque ninguém conhece o espaço que estão a mostrar melhor que eles...e acho que, se articularem connosco...e fizermos ali uma equipa [risos]...acho que vai ser muito bom, acho que é muito importante, sim.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		conhecimento que têm do espaço cultural) • É importante haver uma articulação/um trabalho de equipa entre os profissionais dos espaços culturais e os profissionais das instituições de apoio	
	-no MNMC	• A visita foi fantástica • A profissional estava muito bem preparada (sem sugestões de melhoria)	“Eu acho sinceramente que a visita foi fantástica, mesmo. Tal como disse, a guia estava super preparada para a população e, por isso, eu não tenho qualquer reparo a fazer a esse nível.”
	-no Convento São Francisco	• A visita é sensorial e, por isso, é fácil adaptá-la a pessoas com mais limitações (ao contrário do que é comum pensar)	“o Convento esteve muito bem, no sentido em que, sendo uma visita tão (...) sensorial (...) é facilmente adaptável a qualquer tipo de população, mesmo nos mais dependentes (...) ou seja, acho que esta visita é facilmente adaptável e ... o que é fantástico, acho que foi muito boa, que foi uma iniciativa incrível.” “quando imaginamos um museu, imaginamos pessoas com deficiência, mas com alguma capacidade dentro do leque, mas isto vem demonstrar que, se calhar, somos nós que estamos a meter esta barreira, porque há exposições que dão perfeitamente para os outros, para os mais profundos, o que é ótimo.”
	Contributos dos profissionais	• É importante preparar as visitas de forma prévia e, para isso, é necessário ter	“se tivermos antecipadamente a informação acerca dos espaços e das obras que vamos ver, conseguimos preparar previamente, o que é ótimo. (...) porque eles já vão com uma

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	das instituições de apoio nas visitas -Preparação	acesso à informação acerca dos espaços culturais e das obras nele exploradas) • Através da preparação das visitas, as pessoas com DID ficam com uma ideia do que vão ver, o que facilita a visita • É importante haver uma articulação entre os profissionais dos espaços culturais e os profissionais da instituição de apoio • Informar o espaço cultural das características do grupo de pessoas com DID e adaptar esse grupo	ideia do que vão ver...facilita bastante, depois, a visita...e isso, provavelmente, teria que ser uma articulação entre nós e o espaço (...) e depois, mesmo o local (...) acho que os devemos informar das características do grupo, não é?...e adaptar, lá está, o grupo.”
	-Dinamização	• Selecionar grupos mais homogéneos para que os profissionais dos espaços culturais possam orientar melhor • Explicar as características (limitações) ao profissional do espaço cultural, para que ele se consiga adaptar melhor	“Se for um grupo muito heterogéneo depois é complicado também para o guia perceber como é que se vai guiar...Mas acho que...se nós conseguirmos explicar ao guia quais são as dificuldades, as limitações e as características do grupo, ele também, provavelmente, se conseguirá adaptar melhor, portanto acho que mesmo que é fundamental haver aqui uma entreaajuda entre os dois lados.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Entreatajuda entre os dois tipos de profissionais envolvidos	
	-Pós-visitas	• As dinâmicas depois das visitas vão estimular a cognição • Fazer questões sobre o que as pessoas com DID viram, como experienciaram e o que sentiram • Apoiar na reflexão (existem poucas oportunidades de reflexão) • Criar dinâmicas interessantes (sessões de reminiscência)	“Eu acho que há dinâmicas interessantíssimas...porque vai estimular imenso a cognição (...) se conseguirmos fazer questões acerca do que eles viram, como experienciaram, o que sentiram...e fazê-los também refletir um bocadinho porque às vezes acho que falta um bocadinho de reflexão (...) Mas acho que vai criar dinâmicas interessantíssimas e até, passado algum tempo, sessões de reminiscência muito interessantes.”
Adaptação das visitas às características das pessoas com DID	Aspetos a considerar numa visita	• Têm de existir adaptações para as pessoas com DID • A informação de uma visita é apresentada sobretudo por escrito, em textos de grandes dimensões, o que não funciona para as pessoas com DID • Recorrer à comunicação aumentativa e alternativa (uso de pistas visuais)	“Acho que tem de ser adaptada a eles, ou seja...a informação que normalmente essas visitas têm são maioritariamente escritas, com textos enormes, e isso não funciona para os nossos clientes (...) Acho que temos de recorrer à comunicação aumentativa e alternativa, (...) temos que usar muito mais pistas visuais do que são usadas...Acho que, muitas vezes, se for falada numa linguagem mais simplificada, eles conseguem também ter mais acesso a essa informação...Não falando também nas barreiras arquitetónicas, não é? Porque se eles não conseguirem lá entrar, então a visita não se irá realizar, com certeza. (...) depois, se conseguisse vivenciar a

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Utilização de uma linguagem mais simplificada para facilitar o acesso à informação • As barreiras arquitetônicas também podem impedir o acesso • Vivenciar a experiência através de outros estímulos • Recriação (estar dentro da recriação para vivenciar melhor a experiência) • Quanto maior o número de estímulos, melhor a experiência • Os grupos de visitantes com DID não podem ser muito grandes (número limite de 10 pessoas por grupo), porque é necessária uma explicação individualizada, pelas questões relacionadas com a atenção e para um maior controle do grupo	experiência através de outros estímulos, melhor (...) se houvesse uma recriação ou qualquer coisa assim, em que eles estivessem dentro de recriação, provavelmente ainda vivenciariam melhor. Quanto mais estímulo, melhor eles vivenciam [risos].” “(...) acho que não podem ser grupos muito grandes.... por vários motivos... porque se tivermos que fazer uma explicação individualizada, quando chegarmos ao último, o primeiro já...a atenção dele já foi... Por imensos motivos...porque conseguimos mantê-los mais controlados, se for um grupo mais pequeno...porque eles próprios vão usufruir melhor se for um grupo mais pequeno... Eu (...) não pensei num número certo, mas mais de dez já é muito, aliás...se calhar, dez já é muito, portanto devem ser sim grupos mais pequeninos.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Um grupo mais pequeno permite uma melhor fruição	
	MNMC – necessidades identificadas e resposta às mesmas	• Existiram algumas dificuldades com o som da videochamada, o que exigiu uma maior atenção da parte das pessoas com DID (mas estiveram à altura do desafio) • Por vezes, era necessário reforçar a informação	“Nós tivemos aqui algumas dificuldades com o som, (...) por isso exigiu uma atenção redobrada deles...eles precisaram de se manter muito mais atentos do que seria normal, com uma visita presencial, mas, ainda assim, achei que estiveram à altura. (...) às vezes era preciso reforçar alguma informação, mas acho que a informação chegou perfeitamente e que eles estiveram à altura do desafio”
	MNMC – usufruto dos participantes	• A mimetização foi incrível (além do estímulo visual e auditivo, tiveram também o proprioceptivo – sentir com o próprio corpo o que tinham visto) • Sentiram mesmo a visita e viveram a experiência na totalidade • Estas visitas são muito importantes (as pessoas com DID demonstraram vontade de participar noutras)	“eu acho que a dramatização no final foi incrível, porque eles conseguiram experienciar mesmo, ou seja, para além do estímulo visual e auditivo, eles conseguiram também ter o estímulo proprioceptivo...porque conseguiram sentir com o próprio corpo o que tinham acabado de ver, portanto eu acho que foi incrível e acho que eles sentiram mesmo a visita, o que foi fantástico...portanto, acho que eles viveram a experiência no seu todo. Não sei se mudaria alguma coisa a esse nível.” “este tipo de visitas são mesmo muito importantes para eles e que espero que isto seja a porta de entrada para realizarmos muitas mais, porque eles próprios o pediram e demonstraram esse interesse.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	MNMC – experiências mais significativas	• A mimetização constituiu um bom resumo/culminar • A explicação pormenorizada foi o aspeto mais significativo • Conseguirem responder às perguntas (muito gratificante) – perceberam o que estavam a ver (sentiram-se reconhecidos por isso)	“A dramatização acho que foi um bom culminar, acho que foi assim um bom resumo...mas o facto de lhes explicarem (...) todos os pormenores...acho que isso foi o mais significativo para eles. Acho que eles valorizaram muito isso. E depois o facto de estarem a conseguir responder às questões que lhes eram feitas foi muito gratificante para eles! Eles conseguiram perceber de imediato que estavam a conseguir perceber o que ali estava. E acho que isso os valorizou e eles sentiram-se também reconhecidos por isso e acho que foi muito bom.”
	MNMC - duração das visitas	• Uma visita presencial teria sido mais curta, mas o tempo não foi excessivo	“acho que, se fosse presencial, teria sido mais curto e a atenção ter-se-ia mantido mais facilmente, mas ainda assim acho que eles se mantiveram perfeitamente alertas e, por isso, o tempo não foi excessivo.”
	MNMC - acesso à informação	• Adequado (tendo em conta a situação atual) • Teria sido melhor se a videochamada tivesse mais qualidade, mas as pessoas com DID acederam bem à informação	“atendendo ao panorama atual (...) acho que foi o adequado (...) Se a internet fosse melhor, acho que teria sido melhor, mas acho que, ainda assim, eles conseguiram aceder bem à informação.”
	MNMC - acesso ao espaço e sua fruição		

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	MNMC – atendimento realizado pelos profissionais do espaço cultural	• Foram incríveis (estavam muito preparadas para este atendimento) • Apresentam a postura certa, correspondem aos desafios das pessoas com DID, com flexibilidade (sem deixar descambar) • Usaram uma linguagem muito adequada	“acho que elas foram realmente incríveis, acho que estão muito preparadas para receber este tipo de população. Têm a postura certa, vão atrás dos desafios deles, o que é incrível... não têm uma postura rígida, vão-se moldando, mas também não deixam descambar a visita, portanto, acho que foram mesmo incríveis.” “A linguagem que elas utilizaram foi super adequada.”
	MNMC – sugestão de outros materiais/estratégias	• A introdução de material tátil é uma estratégia excelente (quanto mais, melhor) • O uso dos pigmentos de cor seria ainda mais proveitoso numa visita presencial	“Eu acho que introduzirem material tátil (...) É uma excelente estratégia! Acho que, se conseguirem utilizar ainda mais, perfeito. Mas também, neste caso, se calhar, o que utilizaram não daria para utilizar mais...mas até o recurso àquilo que dava a cor à escultura...se fosse presencial, provavelmente conseguiriam ver ainda mais de perto, mas acho que todos esses elementos é o que faz a visita. São essenciais...tudo o que for estímulos que possam introduzir, perfeito...portanto, se pudesse introduzir mais, melhor, mas eu acho que os que usaram foram muito adequados.”
	Convento São Francisco – necessidades identificadas e resposta às mesmas	• Nada a salientar (as pessoas com DID absorveram e perceberam a informação) • A visita cativou-os por serem objetos do cotidiano (familiares) –	“Sinceramente acho que não, (...) acho que eles sentiram plenamente esta (...) eu senti mesmo que eles estavam absorver a informação e a interiorizar e a perceber exatamente tudo (...) o que lhes estava a ser explicado. Por serem objetos do dia-a-dia e serem-lhes familiares também os cativou mais e tornou a visita mais interessante. Por isso não sentiram tantas dificuldades em perceber as coisas”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		tornou a visita mais interessante e não sentiram dificuldades em perceber os conteúdos	
	Convento São Francisco – usufruto dos participantes	• Estavam muito interessados, falavam dos materiais, recordavam os sons (reminiscência) – os sons lembravam-lhes coisas familiares/passadas • Foi uma estimulação cognitiva e sensorial incrível • Usufruíram na totalidade	“Eles estavam super interessados, eles falavam dos materiais, (...) recordavam aqueles sons, tinha ali uma reminiscência... portanto, foi uma estimulação cognitiva incrível, uma estimulação sensorial... absolutamente incrível também.” “dos sons das memórias. Aqueles sons fazia-os lembrar de coisas passadas e de coisas do dia-a-dia deles, foi incrível. E eu acho que eles usufruíram na totalidade (...) da visita.”
	Convento São Francisco – experiências mais significativas	• Perceber que reconheciam os elementos da exposição (sentiram-se muito valorizados por isso, sentiram que também percebiam deste assunto dos espaços culturais)	“foi perceberem que reconheciam cada uma daquelas coisas, acho que isso... fez com que se sentissem super valorizados, nos museus também há coisas que nós usamos, afinal percebemos alguma coisa daquilo, acho que isso foi incrível para eles. Sim, sim, nós também sabemos disto.”
	Convento São Francisco - duração das visitas	• Ótima (curta, para manterem a atenção plena) • As pessoas com DID queriam mais	“foi ótima a duração, foi curtinha e foi ótimo para eles conseguirem manter a atenção...” “eles queriam mais. Mas conseguiram manter a atenção plena em toda a visita, o que foi ótimo. Eu senti foi que parecia que estávamos ali a certa altura a despachar, eles queriam falar

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		- A certa altura, achou que a profissional estava a acelerar/despachar (as pessoas com DID queriam dar outros contributos sobre o que viam, mas já se estava noutro sítio) - Era muita informação (podia estar-se mais tempo em cada peça para aproveitar mais)	mais e entretanto (...) já estávamos noutra coisa qualquer. É a única sugestão que eu faria.” “[mais tempo] Para promover esta interação que eles estavam a pedir. Eles queriam fazer questões ou observações e, às vezes, quando íamos a ver eles estavam a fazer uma observação do que já tinha ficado para trás e já estavam a tentar atropelar-se e fazer daquela também.” “era muita informação (...) se calhar se tivéssemos mais tempo focado em cada peça eles tinham conseguido aproveitar ainda mais.”
	Convento São Francisco - acesso à informação	- Na visita ao MNMC, existia um guião em comunicação aumentativa - Aqui não havia nenhum suporte (se a videochamada não tivesse funcionado bem, seria importante existir outro suporte) - Também era bom ter a oportunidade de tocar em alguns dos materiais da exposição	“Na outra visita, nós tivemos um guião, aqui acabámos por não ter nenhum suporte para além (...) do que estávamos ali a ver. A ligação à internet até estava boa, mas, se não estivesse, teria sido bom termos alguma coisa física, e não podendo estar lá, também teria sido altamente se tivéssemos conseguido tocar nalguns daqueles materiais que lá estão para conseguirmos”
	Convento São Francisco - acesso ao		

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	espaço e sua fruição		
	Convento São Francisco – atendimento realizado pelos profissionais do espaço cultural	- Foi incrível, (muito disponível, simpática, muito acessível, boa interação) - Acelerou em alguns momentos e houve informação que se perdeu (mas aconteceu porque era uma visita virtual)	“A XXX [referência a nome próprio] foi incrível, foi ... muito disponível, achei só que... como tinha de despachar, como tinha aquele timing para cumprir, havia ali coisas que às vezes se perdiam, mas isto acontece porque estamos a fazer virtualmente, provavelmente se fosse lá não iria acontecer porque ela ia estar no momento a ouvir as questões deles... mas ainda assim muito acessível, com uma boa interação com eles ... foi muito simpática, foi uma boa guia.”
	Convento São Francisco – sugestão de outros materiais/estratégias	Introduzir estímulos táteis (ter pedra e madeira no CAO, quando se fala destes materiais)	“Estando nós privados do toque, era giro se conseguíssemos introduzir aqui algum estímulo tátil, trazer (...) pedra, quando falamos da pedra, trazer a madeira, quando falamos da madeira. Mas de resto, a visita é super sensorial, portanto foi ótima, não havia muito mais que eu mudaria.”

Código do participante: APPACDM-6

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Habilitações académicas	Licenciatura em Serviço Social	“Eu sou licenciada em Serviço Social.”
	Área de atuação profissional	Responsável pelo apoio numa sala de transição para a vida e numa sala Snoezelen	“Estou numa sala de transição para a vida...e no Snoezelen.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Tempo de serviço na APPACDM de Coimbra	29 anos	“Já vou fazer trinta!”
	Experiência profissional anterior	Trabalhou em diferentes instituições e desempenhou diferentes funções, antes de iniciar o trabalho na APPACDM de Coimbra (ex.: rádio, finanças)	“Trabalhei na Fernão Mendes Pinto, trabalhei numa rádio, trabalhei nas Finanças, trabalhei em vários sítios.”
Experiência no trabalho com pessoas com DID	Funções	• Na sala de transição para a vida, trabalha diferentes temas e competências (ex.: escrita do nome, escrita de textos, relato de experiências na comunidade, histórias sociais), sobretudo mediante a utilização do computador • Na sala Snoezelen, trabalha ao nível do relaxamento (incluindo massagem e Reiki), mas este CAO não possui muitos recursos nesta área	“Portanto...na sala de transição para a vida, nós abordamos vários temas...desde a aprendizagem do próprio nome (...) que é importante eles saberem fazer a sua assinatura...naqueles que têm mais dificuldades...e depois, nos outros (...) aqueles que já sabem, pelo menos, transcrever textos...ou que sabem escrever à mão (...) vamos fazendo alguns textos... aproveitamos sempre as saídas...quando fazemos saídas...fazer um bocado o resumo do que é que foi a saída, o que é que gostaram. Trabalhamos os teus livros “Para além do óbvio” [livros de histórias sociais elaborados pela investigadora, em conjunto com outro elemento da instituição]... as histórias sociais, neste caso...trabalhamos muito, também por causa dos comportamentos, para eles perceberem como é que se faz...porque muitos (...) têm uma ideia, mas na prática depois não conseguem fazer. (...) utiliza-se muito aqui nesta sala a parte de informática, também...o computador, os jogos (...) A sala de Snoezelen é uma sala de relaxamento, embora o nosso Snoezelen seja um bocadinho

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			pobre (...) faço a massagem...o ano passado iniciei uma coisa engraçada que foi o Reiki...já não conseguimos fazer muito...porque eu sou reikiana (...) Era uma experiência com dois utentes...não conseguimos fazer muito (...) não é muito mais que isto naquela sala porque só temos mesmo o colchão...as outras coisas não temos, mas, de qualquer forma, acho que esta sala é um bocado explorar os conhecimentos, com o intuito na aprendizagem...sempre melhorar, melhorar, melhorar [risos].”
	Principais desafios/ dificuldades		
Fruição cultural	Para as pessoas em geral	• A parte cultural é muito importante porque ajuda a compreender o passado • É importante que as pessoas tenham em consideração a evolução que houve ao longo dos tempos na sociedade • É importante que as pessoas saibam que existe uma base a partir da qual se evoluiu e que essa base corresponde à cultura	“Eu acho que é muito importante....a parte cultural porque eu acho que é ir buscar um bocado aquilo que é nosso (...) é percebermos...como é que foi as coisas, por que é que chegámos aonde chegámos (...) Portanto, se nós estamos aqui, houve uma grande evolução de certas coisas e isso é importante...Como aquilo que eu vi quando fomos ao museu contigo...a vossa explicação...é importante que eles saibam que nem tudo sempre é igual agora (...) que nós fomos evoluindo e que há uma base, que é (...) a nossa cultura, a nossa aprendizagem, ao longo dos tempos. Acho que isso que é importante para todos.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Para as pessoas com DID	• É importante que as pessoas com DID percebam que existe uma base a partir da qual se evoluiu e que essa base corresponde à cultura • As pessoas com DID têm mais dificuldades em entender as coisas, mas é muito importante participarem em visitas culturais para que tenham contacto com temas novos • Há pessoas que acham que as pessoas com DID não retêm a informação, mas elas retêm (podem não aprender da mesma forma que as outras pessoas, porque têm modos diferentes de ver as coisas) • O conhecimento que as pessoas com DID adquirem no acesso à cultura é uma mais-valia para elas	“Como aquilo que eu vi quando fomos ao museu contigo...a vossa explicação...é importante que eles saibam que nem tudo sempre é igual agora (...) que nós fomos evoluindo e que há uma base, que é (...) a nossa cultura, a nossa aprendizagem, ao longo dos tempos. Acho que isso que é importante para todos.” “É assim: eu acho que, na vida das pessoas com dificuldades, é sempre mais difícil de elas entenderem (...) têm algumas dificuldades. É muito importante essas visitas, (...) darmos-lhes a conhecer, porque, provavelmente, pelas dificuldades que tiveram, nunca lhes foram abordados certos temas. E é muito importante eles terem esse contacto...até para a evolução deles porque nós dizemos: “Ai, não fica lá nada!”. Fica sempre. Eu vejo que fica! Pode não ficar às vezes da forma como nós aprendemos...ou quando vamos...e que falamos sobre as coisas e a importância disso para nós pode ser diferente...e provavelmente é...porque temos outra maneira de ver as coisas, mas para eles eu acho que é muito importante porque...para alguns...claro que não será para todos, mas a maior parte percebe que isso que é importante para eles e que é uma mais-valia esses conhecimentos.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Nem todas as pessoas com DID conseguem aceder (só algumas)	
	Diferenças nas pessoas com DID	- Dúvidas relativamente à existência de diferenças nas pessoas com DID relativamente às pessoas em geral no que diz respeito à fruição cultural - As pessoas com DID veem (e assimilam) as coisas de forma diferente porque não tiveram antes uma experiência semelhante - As pessoas em geral têm mais experiência na área cultural e, deste modo, quando veem um objeto cultural relacionam-no com algo que já tenham visto (as pessoas com DID revelam mais curiosidade porque não tiveram tanto contacto) - É preciso despertar a curiosidade das pessoas com DID, fazendo	“...eu não sei se é diferente [risos]...isso é muito complicado (...)” “eu acho que, provavelmente, eles veem as coisas de uma maneira diferente porque também aquilo para eles pode ser novo. Enquanto que, para mim, quando eu vou a uma visita destas, eu já tenho alguns conhecimentos e aquilo vem-me lembrar (...) ou vejo a imagem e venho-me recordar daquilo que já falei...eles não...provavelmente, aquilo é novo para eles...e claro que o assimilar é diferente (...) nesse sentido... Com certeza, é uma aprendizagem do momento que para nós é um lembrar, muitas das vezes, e ir buscar outras coisas que (...) não se viu numa altura e agora “Olha, eu falei disto e afinal...”. Pronto, eu acho que é um pouco diferente...porque nós que já temos alguma experiência da parte cultural...acho que, para eles, é mais aquela aprendizagem e ver pela primeira vez...a curiosidade...e alguns nem a curiosidade têm porque aquilo não lhe é familiar. Temos que nós despertar a curiosidade (...) E fazer perguntas e (...) darmos a volta para que eles gostem daquilo que estão a ver (...) Senão, eles ficam ali a olhar e não dizem muito mais que isso (...)”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		perguntas, para aumentar a sua participação nas visitas	
	Considerações a partir da visita virtual ao MNMC	• Este tipo de experiência é importante para as pessoas com DID (por estarem num contexto de aprendizagem e para irem mais além) • Têm algumas dificuldades (não vão além do que veem – Menino Jesus de cabelos compridos /menina) e precisam destas experiências, porque não são muito frequentes nas suas vidas	“para eles, este tipo de acontecimentos é importante, não só pelo facto de eles estarem neste contexto, de aprendizagem, mas também para perceber o que é que há para além de. E depois, o desvendar da imagem, neste caso...hoje, com estas perguntas que foram feitas, percebi que eles não têm noção, (...) só viram que era uma menina e não um menino pelo cabelo...e isso é engraçado de perceber que eles não vão buscar outras coisas, mas sim aquilo que estão a ver naquele momento. Acharam que era uma menina e ficou uma menina, independentemente de acharem que era Jesus [risos] ou não sei...Eu acho que é muito importante para eles porque eles não estão habituados... não são pessoas que façam muito, no seu dia-a-dia em família, este tipo de visita (...) mesmo de explorar (...) apesar de estarem assim...à distância, (...) foi importante e eles gostaram.”
	Considerações a partir da visita virtual ao Convento São Francisco		
Intervenção dos CAO's da APPACD	Projetos existentes	• A APPACDM de Coimbra sempre teve a preocupação de fomentar	“Sim, claro que sim. É uma preocupação sempre desta instituição, sempre foi ao longo dos anos...eles terem esse contacto...enquadrarem-se (...) no nosso mundo como pessoas normais, não é?”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		o contacto das pessoas com DID com a sociedade	
	Dinâmicas consideradas	- Depois da ida ao MNMC, tentou fazer o levantamento do que as pessoas com DID tinham visto, através de perguntas - Pegar naquilo que as pessoas com DID viram e dar explicações a partir daí - O CAO de Montemor costuma ir ao teatro, em Santa Clara, e, no final, é feita uma exploração do que gostaram - Também foram ver um teatro a um jardim, em que foi feita uma explicação sobre as árvores (posteriormente, em contexto de CAO, foi dada continuidade à exploração deste tema) - Nas dinâmicas de exploração das saídas, em contexto de CAO, é feita a ligação entre seu o	“Uma das saídas foi contigo lá para o Museu (...) foi só uma vez que eu fui (...) tentei aqui perceber o que é que eles tinham visto. Claro que tive que estar sempre a puxar, a dizer: “então e não viram isto?”... “Ai, pois vimos!”... Pronto e para relembrar e explicar...agarrar naquilo que viram e explicar um pouco(...) Outras saídas que fizemos foi a um teatro, em Santa Clara (...) fui com a XXX [referência a nome próprio] (...) também explorámos isso...o que é que gostaram, o que é que foi, se gostaram de participar (...) este tipo de coisas. É para nos darem o feedback se eles gostam de ir... A última que nós fomos foi ao jardim, em Coimbra (...) era um teatro que havia num jardim (...) foi explicado as árvores...o ser vivo...a importância das árvores (...)e depois viemos aqui e falámos da (...) importância de preservar a natureza...é sempre assim à base desses temas que eu exploro quando saio. Aproveito aquela saída para depois falar sobre a saída...e depois fazer o encaixe...com outras coisas ligadas.” “Eu sinto necessidade de o fazer porque...se nós não falarmos disto, aquilo entrou e saiu. Se eu for fazer uma visita e não falar mais dela, eles muitas das vezes...porque eles têm dificuldade em perguntar...Se não perceberem, eles não perguntam. E, então (...) no final da visita...eu vou perceber também o que é que eles não perceberam e o que é que eles gostaram...e qual é a opinião deles (...) para ficar mais consistente essa aprendizagem, pelo menos para eles (...)

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		conteúdo e outros temas relacionados • Como as pessoas com DID têm dificuldade em questionar quando não compreendem algo, a informação não fica consolidada se não existirem estas dinâmicas de exploração das visitas • Os agendamentos das visitas são feitos com alguma antecedência • O grupo de visitantes é selecionado pelos técnicos do CAO, em função dos lugares disponíveis na carrinha da instituição (existem limitações em relação aos transportes, sendo que estes são sempre necessários nestas situações de visitas culturais) • Existem algumas dinâmicas do CAO que podem dificultar a seleção de	ficarem a perceber melhor...aquilo que viram...porque tiram dúvidas, eu explico” “normalmente, (...) as anteriores é com a XXX [referência a nome próprio]. A professora XXX [referência a nome próprio] é que às vezes faz as marcações...ela está mais a par das situações, portanto, como anda mais por fora, marca...Normalmente, nós marcamos sempre com alguma antecedência...ela faz a marcação para lá...nós deslocamos o grupo (...) não podem ir todos...seleccionamos um grupo e...por exemplo (...) estou-me a lembrar que fomos ver um teatro e levámos realmente o grupo que coube na carrinha.” “(...) nós estamos um bocado limitados por causa dos transportes (...) Como temos de nos deslocar sempre...e depois temos que conciliar o motorista que está liberto e a carrinha que mais lugares tem, para podermos sair (...) também temos o problema...não é problema, mas que nos dificulta...aqueles que andam no ASU [Atividades Socialmente Úteis, desenvolvidas em contexto de comunidade](...) eles não podem sair (...) e temos que seleccionar o grupo com o dia e vamos tentando ver em que dia é que aqueles não vão ou que podem faltar (...) arranjar aqui uma estratégia para os podermos levar. É complicado (...) mesmo nestas visitas, nós temos de arranjar estratégias, porque eles têm muitas atividades! [risos].”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		alguns dos clientes (participação noutras atividades)	
	Envolvimentos dos profissionais da instituição de apoio	• Tem participado em algumas saídas a espaços culturais, mas não muitas	“Algumas, não muitas, mas algumas, sim.”
	Usufruto das pessoas com DID	• As pessoas com DID podem não adquirir totalmente as aprendizagens como as outras pessoas, mas conseguem sempre adquirir algo • Se não houver uma continuidade depois da experiência cultural, as informações relacionadas com essa experiência desaparecem • As pessoas com DID gostam de assistir a espetáculos como teatro porque acham divertido • As pessoas com DID expressam que querem	“Apesar da aprendizagem e daquilo que vão fazer...pode não ser adquirido a cem por cento, mas alguma coisa lá fica e é essa parceria entre as pessoas com dificuldades e as pessoas que, à partida [risos] não têm dificuldades (...) nós na maior parte das vezes achamos que eles são iguais a nós [risos]. Nem achamos que eles tenham dificuldades...do hábito também, da vivência com eles.” “na hora eles ouvem, mas se não for depois recalcado, entre aspas, as coisas vão embora.” “Fomos...e (...) estivemos a ver o teatro, na altura, e eles gostaram. Riram-se muito, que aquilo era muito engraçado, (...) quando chegámos aqui...eles realmente disseram que gostavam de continuar a ir a este tipo de coisas porque era muito divertido e por que é que era divertido? “Olha, porque vi isto, porque vi aquilo”. (...) fazemos um bocado a descrição que é para que aqueles que estão mais desatentos...os outros acabam por completar [risos] aquilo que eles viram lá.” “Sempre, sempre. Eles gostam...quando se fala em sair, eles gostam de saber para onde é que vão sempre (...) E também

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		continuar a participar neste tipo de experiências - Nas dinâmicas de exploração das experiências culturais, as trocas entre as pessoas com DID ajudam aquelas que possam ter estado mais desatentas (completam-se) - As pessoas com DID apoiadas pelo CAO querem sempre sair para os contextos da comunidade e gostam de saber onde vão - Existem avisos prévios para as saídas, para motivar as pessoas com DID para o que vai acontecer - Nas saídas culturais, as pessoas com DID estão atentas e vivem a experiência - O relato das experiências culturais pode ser escrito no computador	(...) quando nós vamos...por exemplo, ao teatro...eu antes (...) falo disso. Peço sempre alguma coisa...que me digam o que é, (...) Às vezes, os papelitos (...) tem as descrições...dizer: “amanhã ou no outro dia, vamos ver isto...estejam atentos, é engraçado.” (...) eu também (...) já os motivo, (...) para que, quando eles lá chegarem já estejam atentos. E depois digo: “Olhem, atenção, vocês estejam atentos porque amanhã vamos falar sobre isto. Eu quero ver quem é que sabe o que é que ali se passou!”. E eles estão atentos, nota-se perfeitamente que eles vivem (...) Temos é que fazer essa preparação, antes. (...) depois chamá-los à atenção: “Olhem, vocês estejam atentos...vejam: como é que eles vão vestidos, o que é que levam, o que é que têm, o que é que eles fazem...uma coisa que eles digam que seja engraçada para vocês...tentem fixar”. “E depois, no dia a seguir (...) quando eu tenho esse grupo...falamos sobre isso. (...) fazemos apontamento...eles transcrevem para o computador essas experiências.” “para este tipo de visitas, (...) eu sei que, por exemplo, há aqui colegas que gostam de levar os profundos, mesmo para um sítio destes, e eu digo: “Olha, eles devem sair, devem-se ir divertir, devem fazer o seu passeio, mas para ali eles não vão ver nada (...) eu tenho este ponto de vista que é diferente de muita gente, eu sei que sim...mas, quando vamos, por exemplo, ver plantas ou ver uma coisa qualquer, eles não percebem (...) a sala dos profundos...tem miúdos que andam, mas (...) não entendem... Agora, devemos ir sim passear com

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		As pessoas com DID com mais limitações devem sair para espaços da comunidade, mas não retiram proveito da participação em visitas culturais porque não compreendem	eles, fazer outro tipo de atividades. Estas eu acho que eles não aproveitam, embora eu tenha aqui uma colega que acha que eles aproveitam, mas este é o meu ponto de vista [risos].”
Mudanças necessárias para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural das pessoas com DID	Atendimento: -nos espaços culturais em geral	- Os espaços culturais que visitou (MNMC e Convento) têm dinâmicas que se adequam à fruição cultural de pessoas com DID - O atendimento pelos profissionais dos espaços culturais que visitou também tem sido positivo (boa aceitação das pessoas com DID) - Existe uma preocupação dos espaços culturais visitados para que as dificuldades de acesso (infraestruturas) sejam minimizadas	“os sítios onde eu tenho ido, talvez porque têm sido também selecionados sempre para este tipo (...)de população, eu acho que estão bem (...) nunca fui a um sítio que dissesse assim: “Ai, isto não tem nada a ver”... O acesso, a maneira como as pessoas recebem...tem sido sempre tão sentida, pessoas tão preocupadas, que eu acho que nos aceitam tão bem estes jovens com estas dificuldades (...) acho que tem corrido tudo bem e a aceitação por parte das pessoas é espetacular! (...) quer no museu quer mesmo no convento...quer mesmo no grupo em que eu fui no jardim (...) parece que somos todos iguais. (...) claro que há alguns acessos, em termos mesmo das infraestruturas, que não dão, mas há sempre preocupação por parte das entidades para que isso seja reduzido...essas dificuldades.” “(...) eu acho que ainda há um caminho a fazer. Nem todos estão preparados, isso não. (...) Eu acho que estes que temos ido também são aqueles que mais lidam com este tipo de população. Agora, no geral...isto é como as cadeiras de rodas,

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Nem todos os espaços culturais estão preparados para receber as pessoas com DID (longo caminho a percorrer) - foco na acessibilidade física (cadeiras de rodas)	(...) Ainda há muitos sítios que nós não conseguimos ir de cadeiras de rodas (...) ainda temos que trabalhar isso [risos].”
	-no MNMC	- Não tem sugestões de melhoria – quer dar os parabéns pela forma afável com que interagem, pelo interesse demonstrado pelas pessoas, com a preocupação para que entendam o que dizem - Foi tudo muito bom (as pessoas com DID ficaram satisfeitas, interessadas e motivadas) - O importante é despertar o interesse nas pessoas com DID	“Eu não tenho sugestão, eu tenho é que dar os parabéns...como é que fazem este tipo de apresentações...a maneira afável como é que é feito...o interesse para que eles percebam...as maneiras de fazer as várias atividades...de forma a que eles entendam como é que isto tudo é feito” “foi tudo tão bom...que em termos mesmo de aprendizagem deles, senti que eles, mesmo lá fora comigo, quando se falou nisto, estavam satisfeitos, estavam a querer vir: agora a seguir sou eu, a seguir és tu [para as entrevistas], portanto...o interesse. Eu acho que é isso que temos que despertar neles...é o interesse. E eu acho que isso está a ser conseguido.”
	-no Convento São Francisco		
	Contributos dos profissionais	Os agendamentos das visitas ocorrem com alguma antecedência	“Normalmente, nós marcamos sempre com alguma antecedência...ela faz a marcação para lá...nós deslocamos o grupo...seleccionamos sempre o grupo”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	das instituições de apoio nas visitas -Preparação	• É feita a seleção das pessoas com DID que vão participar na visita • Preparar as pessoas com DID para o que vão ver (lembrar que devem estar atentas e motivá-las para a experiência)	“quando nós vamos...por exemplo, ao teatro...eu antes (...) falo disso. Peço sempre alguma coisa...que me digam o que é (...) Às vezes, os papelitos (...) tem as descrições...dizer: “amanhã ou no outro dia, vamos ver isto...estejam atentos, é engraçado.” Portanto, eu também já (...) os motivo (...) para que, quando eles lá chegarem já estejam atentos. E depois digo: “Olhem, atenção, vocês estejam atentos porque amanhã vamos falar sobre isto. Eu quero ver quem é que sabe o que é que ali se passou!”. E eles estão atentos, nota-se perfeitamente que eles vivem (...) Temos é que fazer essa preparação, antes. Antes e depois chamá-los à atenção: “Olhem, vocês estejam atentos...vejam: como é que eles vão vestidos, o que é que levam, o que é que têm, o que é que eles fazem...uma coisa que eles digam que seja engraçada para vocês...tentem fixar”.
	-Dinamização	• Existe uma preocupação no sentido de as pessoas com DID desfrutarem ao máximo da experiência • Utilização de uma linguagem simples • Uso de perguntas (os técnicos têm o papel de ensinar, de maneira diferente)	“(...) aquilo que eu me tenha apercebido é...quer eu quer os colegas que participaram nessa experiência...a nossa preocupação é eles desfrutarem o máximo daquilo que estão ali a fazer e a ver. (...) também já estamos habituados... utilizamos essa forma de linguagem simples...sempre com muitas perguntas... “O que é que achas disto? O que é que...Isto foi o quê? Tu lembraste disto? Olha, então...” ...Fazendo este tipo de perguntas, eu acho que o papel dos técnicos (...) é o ir ensinar, mas é ensinar de maneira diferente (...) Porque, às vezes, o ensinar...explicando não ao pormenor por que é que aquilo está ali, mas (...) até explorar só a própria imagem...aquilo que ali está... Nós, lembra-me

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Explicar a própria imagem, sem pormenorizar demasiado • Adaptar os conteúdos às necessidades das pessoas com DID	que estivemos a falar sobre a alimentação...o que é que eles achavam que a alimentação devia ser...e depois, fizemos a experiência...uns diziam que era bolos, outros...então e se fosse só isto, isto e isto? Não seria melhor? (...) Fazemos este tipo de experiências...porque eu acho que é isso que lhe traz mais conhecimento, é capaz de os completar mais (...) às necessidades deles.”
	-Pós-visitas	• Os técnicos da instituição de apoio têm a função de ensinar, explicando o porquê das coisas, de forma concreta (porque as pessoas com DID têm dificuldade nesta área) • A exploração de conteúdos novos é mais difícil e é necessário que os técnicos saibam explicar e ajudem as pessoas com DID a intervir (a participar) mais • Exploração do porquê das coisas (o técnico deve incitar a isso) • Utilização de diferentes estratégias (desenhos, apresentação de imagens	“Eu aquilo que eu penso é...o técnico tem essa função mesmo. É o ensinar, mas também o saber ensinar e saber ensinar não é dizer-lhe que tem que fazer, sei lá...uma conta de matemática que cinco e cinco são dez! Temos que lhes explicar por que é que são dez! Não é só: “Olha, cinco e cinco são dez!”, não. (...) E depois vamos explorar isso, (...) é a nossa função enquanto técnicos porque eles não sabem (...) Estão habituados sempre àquilo. Ora, claro, tudo o que é novo é mais difícil...e pessoas que já estão com muitos anos (...) desse treino...é difícil. Então, o nosso papel enquanto técnicos é explicar, mas saber explicar! Fazê-los intervir (...) eu utilizo muito os porquês (...) porque (...) se eles souberem dar esta resposta, eu percebo que eles que sabem...e que têm uma visão daquilo que estamos a dizer.” “eu tenho as minhas estratégias para os que são capazes de falar e de explicar e para outros que até coloco desenhos...e “Olhem, o que é que vocês viram? Viram um homem” e vou buscar a figura de um homem... “Então foi assim como este ou foi assim como aquele?” (...)

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		relacionadas com as visitas)	
Adaptação das visitas às características das pessoas com DID	Aspetos a considerar numa visita	• É melhor que os grupos sejam mais pequenos e homogéneos (para que, no final, a exploração da visita funcione melhor para todos os envolvidos e todos se sintam bem - utilização de estratégias semelhantes para os diferentes participantes) • Foco na acessibilidade física • É necessário ter em consideração a linguagem utilizada numa visita (a forma como se explicam os conteúdos tem de ser acessível, tem de se adequar às competências das pessoas com DID) • Durante uma visita, é necessário dar a oportunidade às pessoas com DID de falarem, para que os técnicos percebam	“(…) Eu acho que é melhor levar grupos mais restritos... (…) eu sou apologista que se leve grupos mais ou menos homogéneos. (…) Para que depois, no final, quando nós formos explorar, todos possam participar....porque um grupo que não é tão homogéneo, quando eu venho explorar isso já não posso explorar da mesma maneira...já tenho que apresentar outra... Enquanto que com uns eu posso falar e pô-los até a escrever ou fazer desenhos sobre aquilo, há outros que não (...) todos participam e todos se sentem bem. Se há um que não sabe tanto...claro que existe sempre isso (...) mas se há um que fica assim mais de lado, paradinho a ouvir e depois estar sempre a puxar (...) Portanto, eu gosto mais de grupos homogéneos precisamente para isso: para que, quando eu vou explorar, eu tenho as minhas estratégias para os que são capazes de falar e de explicar e para outros que até coloco desenhos...e “Olhem, o que é que vocês viram? Viram um homem” e vou buscar a figura de um homem... “Então foi assim como este ou foi assim como aquele?” “(…) dou o exemplo das cadeiras de rodas... É sempre difícil por causa do transporte... E depois...os acessos (...) mas isso também depende sempre dos edifícios, que ainda não estão muito...mas eu acho que, no geral, pronto, é um bocado os acessos...que temos ainda que trabalhar” “Muitas das vezes, eu acho que é a linguagem...a forma de linguagem (...) as pessoas esquecem-se que eles não estão ao

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		se estão a perceber o que está a ser dito • Além de falar, é importante fazer perguntas às pessoas com DID (pedir a opinião, expressar gostos), para facilitar o acesso à informação	mesmo nível (...) Eu estou-me a recordar de uma visita, em Coimbra, ao (...) Pavilhão Multiusos" "Ao Exploratório! Em que fomos nós, eu e a minha colega que foi comigo, a explicar porque a moça...não estava dentro do contexto deles...porque explicava as coisas de uma forma que eles não entendiam. (...) eu acho que tem que ser uma linguagem acessível...para eles perceberem...e (...) também, dar-lhe a oportunidade de eles falarem, para nós também termos noção se eles estão a perceber ou não. Fazer perguntas (...) fala-se muito e não se faz perguntas...e eles não conseguem assimilar aquilo [risos]. (...) "O que é que gostaste? E aqui, o que é que achas disto?" ...é importante para que eles assimilem melhor"
	MNMC – necessidades identificadas e resposta às mesmas	• Pelo facto de a visita ser virtual, não perceberam que a cadeira da pintura era grande (foi necessário fazer comparações) • Foi necessário "puxar" pelas pessoas, para que percebessem (como o apoio de acessórios, como o pássaro e a flor)	"talvez pela distância a que estavam...da filmagem...não perceberam que a cadeira que era grande...mas depois nas comparações eles já perceberam isso (...)se estiver a pessoa mesmo no sítio é muito mais fácil. Depois, (...) os acessórios...o pássaro, a flor, claro que aqui temos que puxar mais por eles, no fundo, para eles perceberem"
	MNMC – usufruto dos participantes	• Fica sempre surpreendida pelo entusiasmo das pessoas com DID	"eu acho que o entusiasmo deles nestas coisas surpreende-me sempre [risos], pela positiva." "se for presencial, eles vivenciam de outra forma...e talvez fique mais tempo na memória deles porque é o sair, é o

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Se a visita for presencial, a vivência é diferente (memorizam mais ao estar mesmo no local), porque saem da instituição, mas a visita virtual também é produtiva • As pessoas com DID gostam da profissional do MNMC e de interagir com ela	ir...mas não quer dizer que isto...esta forma...também não seja produtiva...porque eles acabaram por...eles também gostam da XXX [referência a nome próprio de uma das profissionais do MNMC]...acham-na muito simpática...e é, a maneira como ela interage com eles. E, às vezes, isto é que é o importante, embora eu ache que realmente as visitas, em termos pessoais, o entrar no espaço vivo...talvez seja mais benéfico...mas porque é mesmo um conjunto de circunstâncias que facilitam isso...Aqui, eu acho que foi ótimo esta experiência.”
	MNMC – experiências mais significativas	• As ligações entre as pessoas (não tanto os conteúdos abordados, mas a partilha de afetos) • Gostam deste tipo de apresentações	“Eu acho que estas ligações que se criam entre as pessoas que é muito importante para eles. Às vezes não é o conteúdo, mas este partilhar de carinho, de afetividade (...) destas experiências...o estar lá, o estar aqui...mesmo através hoje do computador...tudo isto eu acho que é importante para eles e eles gostam desta maneira de apresentação”
	MNMC - duração das visitas	• Se fosse mais tempo, havia uma maior dispersão dos pensamentos • É melhor ver só uma peça em cada visita (maior foco), para uma melhor exploração e compreensão)	“Se for mais tempo, eu acho que eles depois começam também a dispersar um bocado os pensamentos (...) É melhor assim [ver uma só peça] porque eles focalizam-se mais naquela e depois, quando fazemos comparações, é mais fácil de eles perceberem: olha, no dia X, viram isto; no dia X viram aquilo. Se forem duas ao mesmo tempo, é mais difícil nós depois explorarmos isso.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	MNMC - acesso à informação	As pessoas com DID perceberam a informação (mesmo quando acharam que a imagem de Jesus era uma menina)	“eles demonstraram que perceberam a informação. (...) Claro que depois, mesmo quando nós estamos a descrever as imagens (...) vamos dar o exemplo outra vez do menino e da menina...mas eles perceberam que era Jesus (...) só que, depois, pelo facto de terem dito que era uma menina porque tinha os cabelos compridos, eles mantiveram...mas (...) eu perguntei lá fora e eles perceberam.”
	MNMC - acesso ao espaço e sua fruição		
	MNMC – atendimento realizado pelos profissionais do espaço cultural	- São muito apelativas - A forma como explica faz com que pareça que se está lá no museu	“elas apelam muito, não é? E a maneira como elas falam com eles, a maneira como ela explica, também os leva até lá. Faz de conta que estão lá, ao pé dela”
	MNMC – sugestão de outros materiais/ estratégias	Os materiais e estratégias utilizados foram os necessários para estas visitas (para fazer chegar a mensagem até às pessoas com DID)	“penso que aquilo que se utilizou hoje foi realmente o que é necessário, para eles (...) acho que aquilo que foi feito hoje e a forma como foi feito que é o essencial e é a melhor forma de chegar a mensagem até eles.”
	Convento São Francisco – necessidades identificadas e		

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	resposta às mesmas		
	Convento São Francisco – usufruto dos participantes		
	Convento São Francisco – experiências mais significativas		
	Convento São Francisco - duração das visitas		
	Convento São Francisco - acesso à informação		
	Convento São Francisco - acesso ao espaço e sua fruição		
	Convento São Francisco – atendimento		

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	realizado pelos profissionais do espaço cultural		
	Convento São Francisco – sugestão de outros materiais/estratégias		

Grelha de análise de conteúdo (Total) - entrevistas aos profissionais da instituição de apoio (APPACDM de Coimbra)

Categoria: Caracterização dos participantes

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Habilitações académicas	APPACDM-1	Licenciatura em Psicologia, Mestrado em Neuropsicologia Clínica e formação em Equitação com fins terapêuticos
	APPACDM-2	Licenciatura em Psicologia, pós-graduação em Psicologia Clínica, Comportamental e Sistémica
	APPACDM-3	Licenciatura em Reabilitação Psicomotora e duas pós-graduações (Educação Especial e Gerontologia)
	APPACDM-4	Mestrado em Psicologia Clínica
	APPACDM-5	Licenciatura em Terapia ocupacional (em 2018)
	APPACDM-6	Licenciatura em Serviço Social
Área de atuação profissional	APPACDM-1	Psicóloga
	APPACDM-2	Psicóloga (acumulando outras funções)
	APPACDM-3	Trabalha como técnica de reabilitação (psicomotricista)
	APPACDM-4	Psicólogo no Centro de Atividades Ocupacionais da Tocha
	APPACDM-5	Terapeuta ocupacional na Unidade Funcional da Tocha
	APPACDM-6	Responsável pelo apoio numa sala de transição para a vida e numa sala Snoezelen
Tempo de serviço na APPACDM de Coimbra	APPACDM-1	4 anos (mais o período de estágio profissional)
	APPACDM-2	Há 18 anos a contrato (há vinte anos, incluindo o estágio profissional)
	APPACDM-3	Três anos e alguns meses
	APPACDM-4	Três anos
	APPACDM-5	Iniciou estágio profissional em setembro de 2018 e, após esse período, iniciou contrato com a instituição até ao momento atual (1 ano e 8 meses)
	APPACDM-6	29 anos

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Experiência profissional anterior	APPACDM-1	Trabalhou na área da equitação com fins terapêuticos durante três anos
	APPACDM-2	- Não trabalhou noutra instituição antes de trabalhar na APPACDM de Coimbra. - No contexto da APPACDM de Coimbra, trabalhou inicialmente nas empresas de inserção, no turismo social, CAO e Formação Profissional, estando na Unidade Funcional de Arganil desde 2003.
	APPACDM-3	Trabalhou, em animação sociocultural, num lar de idosos (Cáritas Diocesana de Coimbra)
	APPACDM-4	- Trabalhou como auxiliar na Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra, durante 12 anos - Fez o estágio profissional, enquanto psicólogo, na mesma instituição
	APPACDM-5	- Estágios curriculares (um deles na área da deficiência) - Participação num projeto (“ESS-Lei – a cidade e todos nós”) que fomentava o acesso de pessoas com DID (que frequentavam diferentes instituições de apoio) à experiência de uma noite académica
	APPACDM-6	Trabalhou em diferentes instituições e desempenhou diferentes funções, antes de iniciar o trabalho na APPACDM de Coimbra (ex.: rádio, finanças)

Categoria: Experiência no trabalho com pessoas com DID

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Funções	APPACDM-1	- Trabalha no CAO de Montemor-o-Velho, com 30 clientes - Faz o acompanhamento individual - Participa no planeamento individual (sonhos, objetivos dos clientes) - Trabalha com as famílias - Participa na gestão do Centro - Gostava de estar mais tempo em trabalho direto com as pessoas com DID

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	APPACDM-2	• Psicóloga em três valências: CAO, Formação Profissional e CRI (Centro de Recursos para a Inclusão) • No CRI, atua como monitora de TVPE (Transição para a Vida Pós-escolar) - acompanhamento de alunos a empresas para despiste vocacional • Coordenadora da Unidade Funcional de Arganil (coordenação dos colaboradores, HCCP, sistema de qualidade, etc.) • Trabalha com a população com DID em idade adulta • No CAO, realiza entrevistas de avaliação e seleção (para a admissão dos clientes), os planos de acolhimento, os planos individuais (incluindo a avaliação e monitorização), em equipa multidisciplinar • Promove também reuniões com a equipa de colaboradores (informações gerais ou de âmbito técnico) • Faz ainda acompanhamento psicológico, nas situações de necessidade • Realiza reuniões individuais e coletivas com os clientes com DID (ex.: autodeterminação, direitos, qualidade de vida) • Na Formação Profissional, faz a avaliação, admissão e encaminhamento de candidatos (depois, insere-os no Centro) • Articula com a formadora todas as questões burocráticas • Como coordenadora da Formação Profissional, realiza as execuções físicas • No CAO e na Formação, faz acompanhamento a consultas médicas • No CAO, promove reuniões com as famílias (partilha de informações, questões específicas dos clientes, criação de grupo de apoio entre as famílias, com a mediação da psicóloga)
	APPACDM-3	• Trabalha no CAO de Arganil e no CRI • Faz sessões de acompanhamento individual e de grupo • Intervém a nível cognitivo, motor, sensorial, social, consoante os casos • Faz adaptações, para as pessoas com DID usufruírem dos equipamentos/da tecnologia

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• Apoia na piscina e no Snoezelen • Trabalha com a terapeuta da fala, a fisioterapeuta e os auxiliares
	APPACDM-4	• No primeiro ano, trabalhou sobretudo no acompanhamento individual das pessoas com DID (acompanhamento psicoterapêutico a clientes com questões emocionais) • Nos últimos dois anos, acumula funções na equipa diretiva (maior responsabilidade na elaboração e monitorização dos planos individuais) • Mantém acompanhamentos individuais, mas não com a frequência desejada • Articula com o Lar residencial • Faz dinâmicas de grupo (histórias sociais, estimulação cognitiva e projeto MINCE)
	APPACDM-5	• O papel do terapeuta ocupacional é direcionado para a funcionalidade e as atividades de vida diária • Adaptação das características das pessoas e do seu meio envolvente para uma participação plena nas atividades significativas • Adaptação ao grau de capacidade de cada pessoa (as experiências das pessoas com mais limitações são mais sensoriais) • Intervenção ao nível da estimulação cognitiva, estimulação sensorial, em dinâmicas de grupo • Intervenção nas atividades socialmente úteis (adaptação)
	APPACDM-6	• Na sala de transição para a vida, trabalha diferentes temas e competências (ex.: escrita do nome, escrita de textos, relato de experiências na comunidade, histórias sociais), sobretudo mediante a utilização do computador • Na sala Snoezelen, trabalha ao nível do relaxamento (incluindo massagem e Reiki), mas este CAO não possui muitos recursos nesta área
Principais desafios/ dificuldades	APPACDM-1	• O trabalho com as famílias e com os funcionários do CAO (e não tanto o trabalho com as pessoas com DID apoiadas) • Funcionários que trabalham na instituição há muitos anos, sem formação específica e com hábitos que os condicionam.

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• Não sente dificuldades específicas no trabalho com pessoas com DID (em parte, porque tem sempre atuado junto de pessoas que revelam algum déficit) • Gostava de fazer um trabalho mais direto e personalizado
	APPACDM-2	• Esta área parece mais complicada de se trabalhar do que outras, mas, quando se começa, é mais fácil (se a pessoa tiver mente aberta e se se focar naquilo que os clientes transmitem, por palavras ou por outras vias) • O desafio é libertarmo-nos de ideias pré-concebidas e ouvir o que a pessoa com DID tem para dizer (pode ser um desafio quando a pessoa não consegue falar - é preciso perceber pela forma como se comporta; usar outras formas de comunicação, como imagens, gravuras, música; pedir ajuda também às outras pessoas com DID com quem a pessoa mais interage) • Outro desafio é o técnico despojar-se das competências técnicas e não achar que sabe as coisas em vez da pessoa com DID (o que quer, o é melhor para ela) - nem sempre é fácil para o técnico fazer esse trabalho horizontal (o técnico também não deve ser passivo por completo) • As pessoas escolhem aquilo que conhecem, por isso, é importante proporcionar às pessoas com DID experiências dentro e fora do CAO que geralmente não têm (visitas de estudo, atividades com outras instituições), para que conheçam outras realidades (para saber se gostam ou não) • Posteriormente, as escolhas das pessoas com DID são feitas consoante as experiências novas que tiveram e de que gostaram • Estes desafios não são fáceis, mas é possível alcançá-los (ter uma relação genuína com as pessoas com DID e estar preparado para essa relação)
	APPACDM-3	• Fazer um trabalho criativo, com materiais que não sejam repetitivos • Dar respostas às pessoas com DID que apresentam maiores limitações (respostas realmente importantes e diversificadas)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		- Integração das pessoas com DID na comunidade (existem barreiras no acesso à comunidade) - é geralmente necessário um acompanhamento pela instituição de apoio (não vão de forma autónoma) - As pessoas da comunidade não tratam as pessoas com DID como pessoas, mas sim de uma forma assistencialista
	APPACDM-4	- Combate ao isolamento (específico no CAO da Tocha) - CAO não está inserido na comunidade da Tocha - Isolamento vai além das barreiras físicas e é sentido diariamente - O projeto MINCE ajudou a diminuir o isolamento, mas ainda há um grande trabalho a fazer a este nível
	APPACDM-5	- O principal desafio não está nas pessoas com DID mas na sociedade de que fazem parte (barreiras) - Tem de existir uma adaptação do meio às pessoas com DID e não apenas o contrário - Que as outras pessoas entendam que as pessoas com DID têm muitas capacidades além das limitações - Diminuir as barreiras que existem em relação às pessoas com DID
	APPACDM-6	

Categoria: Fruição cultural

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Para as pessoas em geral	APPACDM-1	A cultura tem um poder muito importante (o conhecimento dá poder às pessoas)
	APPACDM-2	A parte cultural na vida das pessoas em geral é interessante porque varia de uma pessoa para outra (depende da vivência e do sentir de cada um)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• A vivência e a interpretação de diferentes experiências culturais varia de pessoa para pessoa • É algo muito individual e privado, que é importante para “mexer” com o conhecimento, as sensações, as emoções da pessoa (pensar o mundo de outra forma) • Na cultura, nada é imposto e cada pessoa expressa as suas preferências • Pensar no que a experiência cultural traz de novo à vida de cada um
	APPACDM-3	• O acesso à cultura dá experiência e conhecimento às pessoas • É algo que nos enriquece enquanto pessoas, algo que aumenta a nossa visão do mundo
	APPACDM-4	• Há três grandes dimensões para o desenvolvimento do ser humano: família, sociedade e cultura • A cultura assume um papel fundamental na construção do ser humano • A cultura é entendida como um sistema de ideias de uma época que leva a pessoa a identificar-se com os valores e as crenças da sociedade em que está inserida • A cultura abrange muitas coisas (arte, música, cinema, desporto) • Desenvolvimento cognitivo, emocional
	APPACDM-5	• A cultura define aquilo que somos (a construção da pessoa depende de fatores culturais) • A sociedade tem regras e hábitos que constituem fatores culturais • A cultura tem um papel muito importante na definição da identidade da pessoa
	APPACDM-6	• A parte cultural é muito importante porque ajuda a compreender o passado • É importante que as pessoas tenham em consideração a evolução que houve ao longo dos tempos na sociedade • É importante que as pessoas saibam que existe uma base a partir da qual se evoluiu e que essa base corresponde à cultura
	APPACDM-1	• Há uma tendência para se pensar que as pessoas com DID não se interessam e que não compreendem

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Para as pessoas com DID		• Todas as pessoas têm o seu entendimento das coisas e têm gostos diferentes • A cultura é importante para as pessoas com DID • A cultura desperta outros interesses nas pessoas com DID • O papel da fruição cultural é idêntico, no caso das pessoas com DID e das pessoas em geral • A forma como se vivem as experiências está relacionada com os interesses de cada um • Para que as pessoas com DID possam dizer se gostam ou não de uma determinada experiência cultural, têm que ser expostas a ela
	APPACDM-2	• O papel da experiência cultural é semelhante nas pessoas com e sem DID • As pessoas com DID são pessoas (todas as pessoas têm áreas fortes e áreas fracas) • As pessoas com DID têm dificuldades a nível cognitivo, mas percebem os sentimentos dos outros em relação a elas • As famílias de Arganil têm, geralmente, um nível socioeconómico baixo (apesar disso, as pessoas com DID têm curiosidade pelo que se passa à sua volta e gostam de ter experiências culturais) • Apesar de haver experiências mais significativas para uns do que para outros, as vivências são iguais às das pessoas sem DID • As pessoas com DID podem ter outras dificuldades associadas, tais como ao nível da compreensão global da experiência cultural, mas essa questão da acessibilidade está dependente da instituição e do espaço cultural
	APPACDM-3	• A cultura pode ser observada de forma diferente pelas pessoas com DID porque os pontos de interesse e as experiências também são diferentes • A atenção das pessoas com DID dirige-se a outras partes da cultura • Os gostos (ex.: música) podem ser diferentes por questões culturais e de experiência de vida

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		O acesso à cultura não é muito trabalhado com os clientes do CAO de Arganil (há uma maior preocupação em inseri-los no mundo do trabalho, mas a cultura também os desenvolve e devia haver um maior investimento nesta área)
	APPACDM-4	- O papel da fruição cultural na vida das pessoas com DID não deveria ser diferente em comparação com as outras pessoas, mas ainda existem bastantes barreiras no acesso destas pessoas à cultura - A importância da vivência cultural é semelhante às outras pessoas
	APPACDM-5	- A cultura também tem um papel na definição da identidade, no caso das pessoas com DID - O leque de experiências das pessoas com DID é mais reduzido (o acesso à cultura é menor e isso reflete-se na sua identidade) - É preciso derrubar esta barreira no acesso à cultura (trabalhar nesse sentido) - A cultura tem o mesmo papel na vida das pessoas com DID, em comparação com as pessoas em geral
	APPACDM-6	- É importante que as pessoas com DID percebam que existe uma base a partir da qual se evoluiu e que essa base corresponde à cultura - As pessoas com DID têm mais dificuldades em entender as coisas, mas é muito importante participarem em visitas culturais para que tenham contacto com temas novos - Há pessoas que acham que as pessoas com DID não retêm a informação, mas elas retêm (podem não aprender da mesma forma que as outras pessoas, porque têm modos diferentes de ver as coisas) - O conhecimento que as pessoas com DID adquirem no acesso à cultura é uma mais-valia para elas - Nem todas as pessoas com DID conseguem aceder (só algumas)
Diferenças nas pessoas com DID	APPACDM-1	- Podem existir diferenças, consoante os défices - Utilização de outros recursos, outro tipo de adaptações - Pode existir uma forma de percepção diferente

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• Ser diferente não significa que é menos válido nem menos interessante
	APPACDM-2	• Podem existir diferenças na forma como as pessoas com DID desfrutam de uma visita cultural • As pessoas têm mais dificuldade em perceber as dificuldades de uma pessoa com DID do que de uma pessoa com deficiência motora ou visual (dificuldade em perceber o que é que a pessoa está a entender ou não) • As pessoas com DID podem não perceber o que acontece à sua volta (o que é dito, o que é pretendido, o que devem fazer com a informação, a forma como se devem orientar no espaço) e isso pode tornar a vivência diferente • Relativamente às pessoas com DID, ainda não existem muitas adaptações para que desfrutem da experiência por completo, em comparação com as pessoas com outros tipos de deficiência
	APPACDM-3	• Existe motivação nas pessoas com DID quando acedem a um espaço cultural, porque não vão muitas vezes • As experiências culturais são diferentes porque as pessoas em geral estão focadas noutros aspetos (como os materiais, as texturas, as cores) • As pessoas com DID procuram o concreto, não conseguem ver o abstrato (vão tentar encontrar uma forma, algo mais palpável e relacionado com o seu dia-a-dia)
	APPACDM-4	• Existem diferenças no caso das pessoas com DID, se o espaço cultural não estiver preparado para as receber • A nível nacional, há muitos espaços culturais que não estão preparados para receber as pessoas com DID
	APPACDM-5	• A fruição cultural não é diferente nas pessoas com DID, no caso de a visita ao espaço cultural estar adaptada (é diferente, se não estiver) • Dificuldades na recolha das informações transmitidas • Se a visita não estiver adaptada, as pessoas com DID não a conseguem viver plenamente

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	APPACDM-6	- Dúvidas relativamente à existência de diferenças nas pessoas com DID relativamente às pessoas em geral no que diz respeito à fruição cultural - As pessoas com DID veem (e assimilam) as coisas de forma diferente porque não tiveram antes uma experiência semelhante - As pessoas em geral têm mais experiência na área cultural e, deste modo, quando veem um objeto cultural relacionam-no com algo que já tenham visto (as pessoas com DID revelam mais curiosidade porque não tiveram tanto contacto) - É preciso despertar a curiosidade das pessoas com DID, fazendo perguntas, para aumentar a sua participação nas visitas
Considerações a partir da visita virtual ao MNMC	APPACDM-1	- Foi uma visita diferente, por ser virtual (foi desafiante) - As pessoas com DID estiveram atentas e empenhadas e gostaram, perceberam onde estavam, mesmo aquelas que não conheciam o espaço (apesar das limitações da videochamada) - As pessoas com DID que já tinham estado no MNMC, identificaram logo os elementos do exterior
	APPACDM-2	- Ficou muito surpreendida (muito interessante) porque, antes da visita, as técnicas do CAO tinham analisado com os participantes com DID o que iam ver, para se situarem melhor na visita e eles ainda se lembravam dessa análise e estiveram com muita atenção aos pormenores - Foram muito pacientes para esperar e corresponder, mesmo quando não se percebia bem, pela qualidade da videochamada - Estiveram sempre muito curiosos e atentos (a estratégia da profissional do espaço cultural de dizer que ia contar um segredo/fazer uma revelação ainda contribuiu mais para isso) - Contribuíram com o que sabiam previamente sobre o que iam ver e ampliaram os seus conhecimentos a partir do que vivenciaram na visita

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	APPACDM-3	- As pessoas com DID gostaram da visita, deram um feedback positivo (gostaram de responder às perguntas e de ter a iniciativa de responder/explicar antes; de saber as respostas – maior motivação para explorar a escultura por causa da leitura prévia do guião) - Na exploração prévia do guião, as pessoas com DID foram alertadas para os pormenores mais relevantes da escultura - A apresentação da profissional do MNMC contribuiu para uma maior motivação (interação, perguntas, validação das respostas) - A cultura católica também era significativa para os participantes - Comunicar com alguém à distância foi positivo
	APPACDM-4	- As pessoas com DID (foi evidente, pelas suas expressões e comentários no final) - Ao início, estavam um pouco confusos (os técnicos também), em parte pela qualidade da videochamada - No final, a informação essencial foi retida
	APPACDM-5	- A visita foi muito interessante - A profissional do MNMC estava muito preparada para o atendimento das pessoas com DID - As pessoas com DID saíram radiantes da visita (muito enriquecedor, aprenderam muito e saíram com vontade de continuar estas experiências – querem apostar na cultura)
	APPACDM-6	- Este tipo de experiência é importante para as pessoas com DID (por estarem num contexto de aprendizagem e para irem mais além) - Têm algumas dificuldades (não vão além do que veem – Menino Jesus de cabelos compridos/menina) e precisam destas experiências, porque não são muito frequentes nas suas vidas
Considerações a partir da visita virtual	APPACDM-1	- As pessoas com DID gostaram - Foi uma visita rica e interessante (percepção auditiva e visual; associações entre elementos) - Era necessário mais tempo porque não dá para ver e perceber logo tudo (pediu para parar e mostrar de novo, em alguns momentos)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
ao Convento São Francisco		As profissionais do Convento colocaram-se ao lado dos elementos da exposição para dar a entender o seu tamanho
	APPACDM-2	- Desfrutaram bem, perceberam o teor da visita, perceberam a exposição (o tema, o que se podia fazer naquele espaço, qual a utilidade do espaço cultural) - Pediam para repetir, quando não percebiam algo (mais pela qualidade da videochamada) e a profissional repetia
	APPACDM-3	- A visita seria mais significativa e interessante se fosse presencial (para poderem experimentar os equipamentos) - Apelou à memória auditiva (reconhecer os sons mais significativos e fazer associações) - As pessoas com DID gostaram e estiveram atentas (não sabe se foi vivenciado de forma tão intensa como no MNMC, por não ter tido uma parte prática e por não ser um conteúdo tão próximo das suas vivências)
	APPACDM-4	
	APPACDM-5	- A visita é muito sensorial (aspeto positivo) - É apropriada também para pessoas com mais limitações - As pessoas com DID conseguiram sentir ainda mais do que na visita ao MNMC (estavam muito atentas, interessadas em tudo – som/imagem – e desfrutaram plenamente)
	APPACDM-6	

Categoria: Intervenção dos CAO's da APPACDM de Coimbra ao nível da acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Projetos existentes	APPACDM-1	- Projeto mais formal, intitulado “A Cultura também é para Nós”, realizado no CAO de São Silvestre (mais específico e estruturado) - O CAO de Montemor-o-Velho também já teve a oportunidade de participar nesse projeto

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	APPACDM-2	- Projeto do CAO de São Silvestre (também disseminado um pouco para os outros CAO's) - No CAO de Arganil, a terapeuta da fala também apoia nesta área - Existe um projeto de histórias sociais, em que são utilizados dois livros com esta metodologia, através da análise de situações do quotidiano em que as pessoas com DID têm algum tipo de dificuldade (explicação em linguagem acessível) - A terapeuta da fala também faz a adaptação da linguagem em atividades na comunidade (incluindo experiências culturais – para as pessoas com DID saberem onde vão e o que vão ver)
	APPACDM-3	Existe um projeto no CAO de São Silvestre, mas não no CAO de Arganil
	APPACDM-4	- Não é feita uma intervenção regular no CAO da Tocha ao nível da fruição cultural - Nas colónias de férias, há sempre uma vertente cultural (Aldeia de Janas, Bacalhoa Buddha Éden, zonas histórico-culturais de Torres Vedras) - Grupo de música (as pessoas com DID ensaiam e dão espetáculos na comunidade) - Desporto (também faz parte da cultura) - De uma forma indireta, as dinâmicas das histórias sociais ajudam a refletir sobre os comportamentos e o modo como se sentem em diferentes situações, dentro e fora do CAO
	APPACDM-5	- Existe um projeto no CAO de São Silvestre - No CAO da Tocha, as colónias de férias têm uma vertente cultural (visita a Eco Aldeia, Buddha Éden) - No CAO da Tocha, existe a preocupação de dar a conhecer a cultura do local onde decorrem as colónias de férias - Outras formas de acesso à cultura: grupos musicais do CAO
	APPACDM-6	A APPACDM de Coimbra sempre teve a preocupação de fomentar o contacto das pessoas com DID com a sociedade
	APPACDM-1	Visita de um grupo de clientes do CAO de Montemor-o-Velho ao MNMC

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Dinâmicas consideradas		• Material previamente trabalhado pelas técnicas da APPACDM de Coimbra e pela responsável do MNMC • A imagem foi analisada em pormenor e contextualizada (ex.: qual era o seu material) • Foi reforçada a importância de não se poder tocar nas peças do museu (as pessoas com DID têm tendência a agarrar as coisas) • Foi feita a caracterização dos clientes do CAO para as pessoas do MNMC os conhecerem • Foram informados da escultura que iriam vir • O material estava organizado • Foi feita a “desmontagem” da escultura • Uma pessoa do MNMC fez o acompanhamento durante a visita • Depois da visita, os clientes do CAO de Montemor-o-Velho deslocaram-se ao CAO de São Silvestre e viram as fotografias e os vídeos da visita (da observação e da exploração da escultura) • Nessa sessão, fizeram a mimetização da imagem (análise das roupas das personagens da escultura) • Os materiais para a mimetização já estavam preparados • A mimetização consistiu na imitação das personagens da escultura (um dos clientes imitou Jesus Cristo morto) • Durante a mimetização, foi feito o apelo às expressões faciais e a todos os pormenores das roupas e outros adereços
	APPACDM-2	• No projeto “Cultura para nós” [“A Cultura também é para Nós”], as pessoas com DID vão visitar espaços culturais como o Jardim Botânico, o Museu Nacional de Machado de Castro e o Exploratório • São acompanhados por técnicos da APPACDM de Coimbra e são utilizados guiões para facilitar o acompanhamento pelos profissionais dos espaços culturais

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• O objetivo geral é visitar os espaços culturais, perceber o que estão lá a fazer, perceber o que sentiram nas visitas • Além disso, os espaços culturais ficam com recursos (ex.: guião acessível) para o atendimento a outras pessoas com DID • A filosofia de trabalho da instituição visa a aproximação das experiências das pessoas com DID àquelas que são vividas pelas pessoas em geral (trabalho, estudo e lazer, de acordo com a faixa etária) • Existem muitos convites da comunidade de Arganil dirigidos às pessoas com DID apoiadas pelo CAO (ex.: pavilhão multiusos Cerâmica Arganilense - feira do livro, cinema, espetáculos) • Na colónia de férias, os clientes do CAO de Arganil foram ver um concerto e sentiram que era mesmo a sério • Existem convites para ir a bares, ver espetáculos ou DJ's • Arganil é uma vila e não tem muita oferta cultural, mas os clientes do CAO participam em todas as iniciativas
	APPACDM-3	• Em Arganil, não há um espaço cultural que tenha uma exposição permanente (há eventos pontuais - ex.: feira do livro, concertos, exposições -, para os quais os clientes do CAO são convidados e vão em grande número) • Quando há um convite, vão quase todos os clientes (vinte ou trinta de uma vez) ou pelo menos aqueles que demonstram interesse • A visita ao auditório da Cerâmica Arganilense em que participou foi rápida e foram os profissionais da instituição que ajudaram a explicar o que estava a acontecer (mediadores da exposição), por iniciativa própria • Os convites surgem numa data muito próxima das visitas e geralmente não dá tempo para preparar nada antes

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		Quando as visitas são marcadas com mais tempo de antecedência, é feita uma exploração prévia com as pessoas com DID (o que existe no espaço, quem o criou, o significado das peças existentes, etc.)
	APPACDM-4	- Na organização de atividades culturais, a equipa tem sempre em consideração os gostos e preferências das pessoas com DID apoiadas pelo CAO - Este ano, as pessoas com DID iriam fazer parte integrante da equipa que elabora os projetos, para que pudessem escolher os sítios onde ir - As atividades e os locais escolhidos também se baseiam nas atividades que as pessoas com DID desenvolvem ao longo do ano no contexto de CAO - Tentam estabelecer um contacto prévio com o espaço cultural que vai ser visitado, para perceber se é acessível para todos e se há condições para realizar a visita - Quando o espaço não é acessível, há situações em que é a própria instituição de apoio que arranja as soluções de acessibilidade (física)
	APPACDM-5	- No projeto do CAO de São Silvestre, é feita uma preparação (das pessoas com DID) antes das visitas e estas são acompanhadas por duas técnicas do CAO, com recurso a informação simplificada que possibilita uma vivência mais plena - Nas atividades programadas para as colónias de férias do CAO da Tocha, há contactos com os espaços culturais para fazer o levantamento das necessidades de adaptação - Há soluções de acessibilidade que são levadas pelo CAO ao espaço cultural (joelette)
	APPACDM-6	- Depois da ida ao MNMC, tentou fazer o levantamento do que as pessoas com DID tinham visto, através de perguntas - Pegar naquilo que as pessoas com DID viram e dar explicações a partir daí - O CAO de Montemor costuma ir ao teatro, em Santa Clara, e, no final, é feita uma exploração do que gostaram - Também foram ver um teatro a um jardim, em que foi feita uma explicação sobre as árvores (posteriormente, em contexto de CAO, foi dada continuidade à exploração deste tema)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		- Nas dinâmicas de exploração das saídas, em contexto de CAO, é feita a ligação entre seu o conteúdo e outros temas relacionados - Como as pessoas com DID têm dificuldade em questionar quando não compreendem algo, a informação não fica consolidada se não existirem estas dinâmicas de exploração das visitas - Os agendamentos das visitas são feitos com alguma antecedência - O grupo de visitantes é selecionado pelos técnicos do CAO, em função dos lugares disponíveis na carrinha da instituição (existem limitações em relação aos transportes, sendo que estes são sempre necessários nestas situações de visitas culturais) - Existem algumas dinâmicas do CAO que podem dificultar a seleção de alguns dos clientes (participação noutras atividades)
Envolvimento dos profissionais da instituição de apoio	APPACDM-1	- Participou numa visita, em conjunto com uma monitora do CAO de Montemor-o-Velho e com a terapeuta da fala e a terapeuta ocupacional de São Silvestre - Escolheu um grupo de cerca de dez clientes para a visita (escolha foi realizada em função do interesse dos clientes) - Explicação prévia do que seria feito e reforço de que era um desafio novo para todos - Antes da visita com o grupo do CAO de Montemor-o-Velho, observou uma visita de um grupo de São Silvestre para perceber como seria - Percebeu, nessa observação, que os materiais eram preparados com antecedência - Organiza algumas visitas, sobretudo ao teatro (mas não participa tanto nelas) - Tentam ao máximo que as pessoas com DID façam parte, que participem nas atividades culturais e que as outras pessoas percebam que elas são capazes
	APPACDM-2	As pessoas com DID são acompanhadas por técnicos da APPACDM de Coimbra nas visitas
	APPACDM-3	- Participa quase sempre nas visitas realizadas com os clientes do CAO de Arganil - No contexto da visita, são os profissionais da APPACDM de Coimbra que facilitam o acesso à informação (estimulam o interesse e a participação)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		Os profissionais dos espaços culturais geralmente precisam que os profissionais da APPACDM atuem como mediadores, porque se inibem na relação com as pessoas com DID
	APPACDM-4	Nos últimos dois anos, participou na elaboração dos projetos da colónia de férias que contemplaram a vertente cultural
	APPACDM-5	- Existe a preocupação dos técnicos em dar a conhecer a cultura do local visitado - Existe um contacto com os espaços culturais para levantamento das necessidades de adaptação - Os técnicos do CAO arranjam e levam as adaptações, em algumas situações - Existe a preocupação de tornar a linguagem mais simples, para que as pessoas com DID percebam o que estão a ver (aproveitando os recursos existentes no espaço cultural) - Os técnicos do CAO fazem o papel de guia (explicar o que estão a ver, numa linguagem acessível)
	APPACDM-6	Tem participado em algumas saídas a espaços culturais, mas não muitas
Usufruto das pessoas com DID	APPACDM-1	- As pessoas com DID gostaram de participar porque tiveram a oportunidade de conhecer o museu - Ir a um sítio e ver a maior quantidade de coisas faz com que não aproveitemos muito porque é muita informação superficial (nesta visita, isso não aconteceu, porque as pessoas com DID puderam ver outras esculturas à volta, mas não se dispersaram) - As pessoas com DID tiraram algumas fotografias junto a outras esculturas, mas a imagem que guardaram depois da visita foi a escultura que exploraram - Já no CAO, contaram às outras pessoas o que tinham visto e feito
	APPACDM-2	- As pessoas com DID participam nas atividades culturais com curiosidade - Existe um trabalho prévio de exploração para aumentar o conhecimento gerado a partir da experiência - Existem falhas na acessibilidade a pessoas com DID

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• As pessoas com DID com mais autonomia ajudam as pessoas com mais limitações e explicam-lhes o que está a acontecer • As pessoas com DID com maiores limitações aproveitam aspetos como a luz, o som, as sensações • No final da experiência cultural, em grupo, os técnicos perguntam às pessoas com DID o que viram e sentiram • O trabalho em grupo permite a partilha de experiências e o alargamento do leque de interpretações/sentimentos/ experiências • Falta uma maior adaptação para que as pessoas com DID usufruam mais
	APPACDM-3	• As pessoas com DID estão sempre motivados para este tipo de experiência, que sentem como algo novo • Sentem-se contentes e desfrutam, sobretudo em atividades com música • Em atividades mais estáticas, como ver uma exposição, não usufruem tanto porque não conseguem perceber bem o que está a acontecer
	APPACDM-4	• As pessoas com DID desfrutam ao máximo, tendo em conta o isolamento diário no caso da Tocha • Consideram que é bom sair do CAO, sentem-se realizadas e que é bom aproveitar estas oportunidades em conjunto (porque são raras)
	APPACDM-5	• As pessoas com DID conseguem perceber, vivenciar e gostar de uma experiência cultural e ficam mais cultos a partir dessa experiência
	APPACDM-6	• As pessoas com DID podem não adquirir totalmente as aprendizagens como as outras pessoas, mas conseguem sempre adquirir algo • Se não houver uma continuidade depois da experiência cultural, as informações relacionadas com essa experiência desaparecem • As pessoas com DID gostam de assistir a espetáculos como teatro porque acham divertido

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• As pessoas com DID expressam que querem continuar a participar neste tipo de experiências • Nas dinâmicas de exploração das experiências culturais, as trocas entre as pessoas com DID ajudam aquelas que possam ter estado mais desatentas (completam-se) • As pessoas com DID apoiadas pelo CAO querem sempre sair para os contextos da comunidade e gostam de saber onde vão • Existem avisos prévios para as saídas, para motivar as pessoas com DID para o que vai acontecer • Nas saídas culturais, as pessoas com DID estão atentas e vivem a experiência • O relato das experiências culturais pode ser escrito no computador • As pessoas com DID com mais limitações devem sair para espaços da comunidade, mas não retiram proveito da participação em visitas culturais porque não compreendem

Categoria: Mudanças necessárias para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural das pessoas com DID

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Atendimento -nos espaços culturais em geral	APPACDM-1	• Necessidade de uma maior abertura ao atendimento das pessoas com DID • Não são as instituições de apoio que devem impor essa abertura (tem de ser pelos exemplos de boas práticas) • Ainda há um medo associado ao atendimento de pessoas com DID, por alterações no seu comportamento (ex.: gritar, bater) • Durante a visita ao MNMC, alguns visitantes foram-se aproximando das pessoas com DID • É preciso mostrar que as pessoas com DID podem estar presentes, de uma forma agradável (para que os espaços culturais sintam a necessidade de abrir a este público)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• É importante utilizar uma linguagem mais acessível, tanto para as pessoas com DID como para o público em geral (para que os conceitos fiquem na memória) • A primeira abordagem às pessoas com DID por parte dos contextos da comunidade costuma ser negativa • Há o entendimento inicial, por parte dos locais que recebem, de que a qualidade das ações e a importância das pessoas com DID é menor, mas, quando conhecem, o feedback é positivo (a ideia é tão negativa que, quando conhecem torna-se muito positivo) • Há contactos que são feitos com espaços da comunidade, em que as pessoas ficam receosas e não percebem bem o intuito do contacto (é necessário explicar e dar a entender que não é complicado)
	APPACDM-2	• Dar continuidade a projetos como o iniciado pelo CAO de São Silvestre em parceria com o MNMC, o Jardim Botânico e o Exploratório (alargar para outros espaços culturais) • É necessário que os espaços culturais percebam quais são as dificuldades das pessoas com DID (ex.: que a maioria não consegue ler e que não percebe termos muito técnicos), como é que aprendem melhor, como podem usufruir melhor da informação que lhes é transmitida (ex.: através de imagens, esquemas, exploração oral, etc.) • A utilização de audioguias não é suficiente pela dificuldade em relacionar o que estão a ouvir com o que estão a ver) • Perceber as dificuldades e arranjar formas de ir ao encontro e facilitar a compreensão da experiência
	APPACDM-3	• A acessibilidade cognitiva ainda não é muito usada nem falada, mas faz falta • Uso de pistas visuais, para as pessoas acederem de forma autónoma e para compreenderem o que estão a ver • Como o público com DID é minoritário, ainda não existem muitas respostas

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• É melhor haver uma articulação prévia com os técnicos da instituição, para que os profissionais dos espaços culturais possam melhorar o atendimento às pessoas com DID
	APPACDM-4	• As mudanças também têm de partir do Governo • Têm de existir projetos e ideias criativas para tornar os espaços culturais mais acessíveis • Projetos como o “Imagens que guiam” [CAO São Silvestre e MNMC] são uma ideia excelente porque tornam a comunicação mais acessível, de modo a que as pessoas com DID compreendam o propósito das visitas • Existe um site com uma agenda virtual com os eventos existentes para as pessoas com deficiência (para haver um conhecimento dos eventos existentes no país para pessoas com diferentes tipos de deficiência) • A acessibilidade física já é considerada há mais tempo • O acesso das pessoas com DID está muito relacionado com a área da comunicação (criação de guias ou panfletos mais acessíveis, com imagens que chamem a atenção, mais simplificadas para que as pessoas compreendam o propósito do local visitado e usufruam dele de forma plena) • Na maioria dos casos, há mudanças a fazer [enumeração de aspetos relacionados com a acessibilidade física] • Há a necessidade de adaptar os conteúdos (varia de um local para outro) • As pessoas com DID precisam de sentir que aquilo que estão a ver não é assim tão complexo
	APPACDM-5	• Têm de existir mudanças na forma como os espaços culturais recebem as pessoas com DID • Além das barreiras físicas, é necessário adaptar a linguagem (geralmente, muito complexa, mesmo para o público em geral) • Há um longo caminho a percorrer ao nível da comunicação (para que as pessoas com DID compreendam o que existe nos espaços culturais)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		- Os profissionais dos espaços culturais têm um papel fundamental (precisam de estar predispostos para este atendimento e ter formação para melhorarem a forma como comunicam) - Nem todos os profissionais dos espaços culturais estão sensibilizados para a importância que a cultura pode ter para as pessoas com DID (mas têm um papel fundamental pelo conhecimento que têm do espaço cultural) - É importante haver uma articulação/um trabalho de equipa entre os profissionais dos espaços culturais e os profissionais das instituições de apoio
	APPACDM-6	- Os espaços culturais que visitou (MNMC e Convento) têm dinâmicas que se adequam à fruição cultural de pessoas com DID - O atendimento pelos profissionais dos espaços culturais que visitou também tem sido positivo (boa aceitação das pessoas com DID) - Existe uma preocupação dos espaços culturais visitados para que as dificuldades de acesso (infraestruturas) sejam minimizadas - Nem todos os espaços culturais estão preparados para receber as pessoas com DID (longo caminho a percorrer) - foco na acessibilidade física (cadeiras de rodas)
no MNMC	APPACDM-1	- Não tem propriamente sugestões de melhoria (só questões relacionadas com a qualidade da imagem e outros aspetos da videochamada) - De resto, já existe uma sintonia entre os técnicos da instituição de apoio e os profissionais do MNMC
	APPACDM-2	- Não tem sugestões de melhoria relativamente à forma como a visita foi realizada - A abordagem foi uma surpresa agradável (houve a preocupação de conhecer os participantes com DID, de interagir com eles, de pedir a opinião/participação, de partir dos seus contributos para avançar, de colocar questões para confirmar a compreensão da mensagem, de fazer suspense para obter a atenção, de ter um suporte visual) - Os participantes com DID sentiram-se valorizados, ouvidos, parte integrante do processo

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	APPACDM-3	• A parte da exploração da obra de arte e a mimetização foram muito mais apelativas • A parte da leitura do guião deve acontecer antes da visita e não durante a mesma • A exploração das figuras e das suas características é muito importante (através da leitura prévia do guião) – sem ela poderia não existir tanta participação da parte das pessoas com DID
	APPACDM-4	• A profissional do MNMC estava muito à vontade, muito flexível • Decorou os nomes das pessoas com DID (proximidade) – existiu a partilha dos perfis individuais dos participantes (base de sustentação para que a visita corresse tão bem) • A interação correu muito bem (empatia)
	APPACDM-5	• A visita foi fantástica • A profissional estava muito bem preparada (sem sugestões de melhoria)
	APPACDM-6	• Não tem sugestões de melhoria – quer dar os parabéns pela forma afável com que interagem, pelo interesse demonstrado pelas pessoas, com a preocupação para que entendam o que dizem • Foi tudo muito bom (as pessoas com DID ficaram satisfeitas, interessadas e motivadas) • O importante é despertar o interesse nas pessoas com DID
no Convento São Francisco	APPACDM-1	• Não tem propriamente sugestões de melhoria relativamente à visita, mas considera que o Convento deveria ser mais divulgado (as suas atividades são pouco conhecidas na comunidade)
	APPACDM-2	• Comparando com a visita ao MNMC, os participantes com DID tiveram uma participação menor, pelo teor mais tático desta exposição, o qual seria melhor aproveitado presencialmente • A profissional do Convento esforçou-se para explicar o que viam, perguntou, repetiu e tentou que participassem, podendo ter demorado mais tempo a perguntar e a esperar pelas respostas

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		- Os participantes com DID deram respostas também em função da região onde vivem (cultura de folclore – tarola) - Há a cultura de rama/ visível e a cultura mais enraizada/invisível (esta última podia ser mais explorada, através de perguntas) – cada pessoa vai a uma visita carregada com os seus valores, crenças, sentido estético e cultura acumulada - Ressaltou a parte religiosa (a sala que já tinha sido uma igreja) – a experiência na comunidade onde vivem (cultura invisível)
	APPACDM-3	- A visita deveria ser presencial e não virtual - Trazer algo mais prático para realizar no final (ex.: procurar objetos no centro, para fazer sons)
	APPACDM-4	
	APPACDM-5	A visita é sensorial e, por isso, é fácil adaptá-la a pessoas com mais limitações (ao contrário do que é comum pensar)
	APPACDM-6	
Contributos dos profissionais das instituições	APPACDM-1	- O contacto prévio dos profissionais das instituições de apoio com os profissionais dos espaços culturais é muito importante (preparar as pessoas e explicar-lhes com o que podem contar) - A caracterização das pessoas com DID, partilhada com os espaços culturais permite aos profissionais um maior conhecimento e uma melhor preparação - Deve existir um conhecimento prévio do conteúdo da visita, para que haja uma transmissão positiva às pessoas com DID - Deve haver uma articulação entre os profissionais dos espaços culturais e os profissionais das instituições de apoio

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
de apoio nas visitas -Preparação		• A possibilidade de fazer uma visita prévia (se não for possível, fazer pelo menos algumas questões: como vai ser a visita, qual a sua duração, quais as acessibilidades, conhecer a forma como os espaços estão organizados) • Um conhecimento prévio (mínimo) ajuda a diminuir a tensão de estar num espaço novo, no qual as pessoas com DID não sabem o que vai acontecer
	APPACDM-2	• Os técnicos das instituições de apoio podem explicar quais as estratégias que funcionam melhor com as pessoas com DID • Utilização de comunicação aumentativa, pelos terapeutas da fala e pelos técnicos de reabilitação (acompanhada por linguagem simples a explicar o que está a acontecer) • Utilização de imagens, gravuras • Utilização de conceitos da vida diária (menos conceitos abstratos) - exemplos mais concretos • Criação de materiais, como no caso do MNMC, em que foram construídos guias com comunicação aumentativa para as pessoas com DID • Os técnicos das instituições de apoio têm conhecimento de programas de comunicação aumentativa e sabem utilizar uma linguagem mais “universal” (uso dos mesmos símbolos para os mesmos conceitos) • Seria um facilitador os técnicos darem formação em comunicação aumentativa
	APPACDM-3	• Deve existir um trabalho anterior, de grande esforço, que nem sempre é possível pelos acordos que existem (mas que é importante para as pessoas com DID) • Fazer um trabalho de pesquisa antes da visita (pesquisar o que vão ver ou pelo menos comentar antes o que vão fazer)
	APPACDM-4	• Os profissionais das instituições de apoio também podem levar soluções aos espaços culturais • Realização de projetos que deem a conhecer a realidade dos CAO's à comunidade

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• Se as instituições de apoio não ajudarem a proporcionar as condições necessárias, o caminho a percorrer até os contextos serem acessíveis é mais longo • Dar a conhecer os perfis das pessoas com DID que vão participar nas visitas
	APPACDM-5	• É importante preparar as visitas de forma prévia e, para isso, é necessário ter acesso à informação acerca dos espaços culturais e das obras nele exploradas) • Através da preparação das visitas, as pessoas com DID ficam com uma ideia do que vão ver, o que facilita a visita • É importante haver uma articulação entre os profissionais dos espaços culturais e os profissionais da instituição de apoio • Informar o espaço cultural das características do grupo de pessoas com DID e adaptar esse grupo
	APPACDM-6	• Os agendamentos das visitas ocorrem com alguma antecedência • É feita a seleção das pessoas com DID que vão participar na visita • Preparar as pessoas com DID para o que vão ver (lembrar que devem estar atentas e motivá-las para a experiência)
Contributos dos profissionais das instituições	APPACDM-1	• O acompanhamento dos técnicos nas visitas ajuda a sublinhar as potencialidades de cada um e a apoiar as situações de menor tolerância à frustração
	APPACDM-2	• A verdadeira inclusão pode não ser ir com os técnicos da instituição de apoio aos espaços culturais (vão protegidos, numa espécie de redoma) • É recomendado o trabalho conjunto entre os profissionais da instituição de apoio e os profissionais dos espaços culturais, para que estes estejam mais sensibilizados para o atendimento que pode acontecer sem a presença dos técnicos da instituição de apoio (para promover a autonomia das pessoas com DID)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
de apoio nas visitas - Dinamização		Os profissionais da APPACDM de Coimbra vão perguntando, desenvolvendo, enfatizando algumas ideias transmitidas pelos profissionais dos espaços culturais (mas o que devia acontecer era os profissionais dos espaços culturais fazerem isso e não os profissionais das instituições de apoio)
	APPACDM-3	- Utilização de imagens reais significativas para as pessoas com DID, para que possam compreender o que observam (para despertar o interesse e para tornar a experiência significativa) - Tornar a experiência motivante para as pessoas com DID, através da explicação do que está a acontecer, de modo a ultrapassar a possível inibição dos profissionais dos espaços culturais
	APPACDM-4	Os profissionais da instituição de apoio devem atuar como mediadores entre os espaços culturais (e os seus conteúdos) e as pessoas com DID
	APPACDM-5	- Selecionar grupos mais homogêneos para que os profissionais dos espaços culturais possam orientar melhor - Explicar as características (limitações) ao profissional do espaço cultural, para que ele se consiga adaptar melhor - Entreajuda entre os dois tipos de profissionais envolvidos
	APPACDM-6	- Existe uma preocupação no sentido de as pessoas com DID desfrutarem ao máximo da experiência - Utilização de uma linguagem simples - Uso de perguntas (os técnicos têm o papel de ensinar, de maneira diferente) - Explicar a própria imagem, sem pormenorizar demasiado - Adaptar os conteúdos às necessidades das pessoas com DID

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Contributos dos profissionais das instituições de apoio nas visitas -Pós-visitas	APPACDM-1	• Explorar o que aconteceu numa visita e a forma como decorreu, para perceber o que ficou da experiência e porque surgem muitas ideias diferentes, algumas delas erradas • Clarificar as experiências e esclarecer dúvidas
	APPACDM-2	• No final da experiência cultural, em grupo, os técnicos perguntam às pessoas com DID o que viram e sentiram • O trabalho em grupo permite a partilha de experiências e o alargamento do leque de interpretações/sentimentos/ experiências
	APPACDM-3	• Reflexão sobre a visita (o que viram, o que gostaram mais e menos, o que sentiram, o que foi mais importante), para perceber o que foi absorvido pelas pessoas com DID
	APPACDM-4	• Refletir com as pessoas com DID acerca do que acharam da visita, o que sentiram, o que deveria ser alterado • A partir dessa reflexão, dar feedback ao espaço cultural visitado, para que a sua acessibilidade possa ser melhorada
	APPACDM-5	• As dinâmicas depois das visitas vão estimular a cognição • Fazer questões sobre o que as pessoas com DID viram, como experienciaram e o que sentiram • Apoiar na reflexão (existem poucas oportunidades de reflexão) • Criar dinâmicas interessantes (sessões de reminiscência)
	APPACDM-6	• Os técnicos da instituição de apoio têm a função de ensinar, explicando o porquê das coisas, de forma concreta (porque as pessoas com DID têm dificuldade nesta área) • A exploração de conteúdos novos é mais difícil e é necessário que os técnicos saibam explicar e ajudem as pessoas com DID a intervir (a participar) mais • Exploração do porquê das coisas (o técnico deve incitar a isso)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		Utilização de diferentes estratégias (desenhos, apresentação de imagens relacionadas com as visitas)

Categoria: Adaptação das visitas às características das pessoas com DID

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Aspetos a considerar numa visita	APPACDM-1	- O mais importante é conhecer as pessoas (pontos fortes e limitações) para uma melhor abordagem - Sentir a pessoa e perceber se ela está a compreender e se está a apreciar
	APPACDM-2	- As pessoas com DID não têm todas as mesmas características - Se a visita for em grupo, é importante que o grupo tenha características homogéneas - Ter em consideração os principais canais de aprendizagem de cada pessoa com DID (ex.: auditivo, visual) e a forma como comunicam (de que forma é que a compreensão é facilitada) - Ter uma escuta ativa e flexibilidade (alterar a visita no seu decorrer, se necessário, em função das respostas das pessoas com DID) - Perguntar às pessoas com DID se já tiveram alguma experiência prévia semelhante - É muito importante ir questionando - Deve continuar a haver um desenvolvimento nesta área, no futuro, para que haja uma maior fruição das pessoas com DID - A maior parte das pessoas não pensa muito nestes aspetos (que as pessoas com DID podem ter mais dificuldade em usufruir de experiências culturais, mas que também têm esse direito)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• É importante que se pense mais em formas de participação das pessoas com DID (para que as experiências culturais sejam vividas de forma mais plena, que faça com que as pessoas possam ir mais além)
	APPACDM-3	• Dirigir a visita às características das pessoas com DID • Fazer a preparação inicial da visita • Na visita, associar algo que seja significativo para as pessoas com DID (com recurso a imagens, histórias) • No final, fazer uma reflexão conjunta com o grupo, para destacar o que foi importante
	APPACDM-4	• Questões físicas e de comunicação • Frequentemente, a comunicação dos espaços culturais não é pensada para as pessoas com DID (a linguagem é de difícil compreensão) e é necessário existir um trabalho a este nível • Saber de antemão as características das pessoas com DID (há muitas variações nesta população) • As pessoas com DID têm diferentes níveis de autonomia, portanto, a preparação e a abordagem numa visita varia em função disso • Nos casos de maior dependência, pode ser importante atuar mais a nível motor e sensorial • Nos casos em que se regista uma maior autonomia, pode ser importante atuar mais ao nível da comunicação/ linguagem • Atender às características de cada um • Os espaços culturais devem ter a preocupação de tornar a comunicação e a linguagem mais acessíveis • Deve haver uma proximidade e uma mediação, por parte dos profissionais da instituição de apoio, entre os profissionais dos espaços culturais e as pessoas com DID

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	APPACDM-5	• Têm de existir adaptações para as pessoas com DID • A informação de uma visita é apresentada sobretudo por escrito, em textos de grandes dimensões, o que não funciona para as pessoas com DID • Recorrer à comunicação aumentativa e alternativa (uso de pistas visuais) • Utilização de uma linguagem mais simplificada para facilitar o acesso à informação • As barreiras arquitetónicas também podem impedir o acesso • Vivenciar a experiência através de outros estímulos • Recriação (estar dentro da recriação para vivenciar melhor a experiência) • Quanto maior o número de estímulos, melhor a experiência • Os grupos de visitantes com DID não podem ser muito grandes (número limite de 10 pessoas por grupo), porque é necessária uma explicação individualizada, pelas questões relacionadas com a atenção e para um maior controle do grupo • Um grupo mais pequeno permite uma melhor fruição
	APPACDM-6	• É melhor que os grupos sejam mais pequenos e homogéneos (para que, no final, a exploração da visita funcione melhor para todos os envolvidos e todos se sintam bem - utilização de estratégias semelhantes para os diferentes participantes) • Foco na acessibilidade física • É necessário ter em consideração a linguagem utilizada numa visita (a forma como se explicam os conteúdos tem de ser acessível, tem de se adequar às competências das pessoas com DID) • Durante uma visita, é necessário dar a oportunidade às pessoas com DID de falarem, para que os técnicos percebam se estão a perceber o que está a ser dito • Além de falar, é importante fazer perguntas às pessoas com DID (pedir a opinião, expressar gostos), para facilitar o acesso à informação

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
MNMC – necessidades identificadas e resposta às mesmas	APPACDM-1	• As pessoas com DID não expressam tanto as suas necessidades durante as visitas (se não perceberem algo, ficam caladas ou pedem ajuda aos técnicos da instituição de apoio) • Foi difícil para o grupo perceber que a imagem de Jesus na pintura era de uma pessoa do sexo masculino e não do sexo feminino, pelas características físicas representadas
	APPACDM-2	• Explicações claras e objetivas do que vão ver (parte bem conseguida) • Esclarecimentos quando as perguntas são extensas (repetição ou reformulação das perguntas para se reenquadrarem no tema) • Não estavam a perceber como é que chegavam à ideia de que Jesus estava morto (foram necessários esclarecimentos adicionais) • Feedback da outra parte (perceber se o que dizem vai ao encontro da realidade e validar o que estão a sentir – não se importam que o feedback vá noutro sentido)
	APPACDM-3	• Enfoque na qualidade do som e da imagem (problemas técnicos da videochamada) • É necessário existir uma mediação pelos técnicos da instituição de apoio (grupo muito heterogéneo, com diferentes interpretações)
	APPACDM-4	• O grupo era bastante autónomo • Foi necessário contribuir para uma melhor compreensão em alguns momentos (usou o telemóvel para mostrar imagens a ilustrar os conceitos que estavam a ser abordados) • Não sentiu outro tipo de necessidade
	APPACDM-5	• Existiram algumas dificuldades com o som da videochamada, o que exigiu uma maior atenção da parte das pessoas com DID (mas estiveram à altura do desafio) • Por vezes, era necessário reforçar a informação
	APPACDM-6	• Pelo facto de a visita ser virtual, não perceberam que a cadeira da pintura era grande (foi necessário fazer comparações) • Foi necessário “puxar” pelas pessoas, para que percebessem (como o apoio de acessórios, como o pássaro e a flor)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
MNMC – usufruto dos participantes	APPACDM-1	• As pessoas com DID foram muito colaborantes, estavam muito empenhadas em participar na visita e gostaram
	APPACDM-2	• Desfrutaram plenamente (aproveitaram ao máximo) • Atitude de interesse, curiosidade, escuta ativa, prazer (gostaram de saber mais, do feedback e de mostrar que estavam a perceber) • Entenderam a obra de arte, explicaram o que estavam a sentir • Na mimetização, estavam orgulhosos por imitar o que tinham visto • A visita prolongou-se além do seu tempo – no final, partilharam com outras pessoas o que tinha acontecido (alguns participantes com mais dificuldades conseguiram descrever a experiência com entusiasmo e de forma perceptível a outros)
	APPACDM-3	
	APPACDM-4	
	APPACDM-5	• A mimetização foi incrível (além do estímulo visual e auditivo, tiveram também o proprioceptivo – sentir com o próprio corpo o que tinham visto) • Sentiram mesmo a visita e viveram a experiência na totalidade • Estas visitas são muito importantes (as pessoas com DID demonstraram vontade de participar noutras)
	APPACDM-6	• Fica sempre surpreendida pelo entusiasmo das pessoas com DID • Se a visita for presencial, a vivência é diferente (memorizam mais ao estar mesmo no local), porque saem da instituição, mas a visita virtual também é produtiva • As pessoas com DID gostam da profissional do MNMC e de interagir com ela

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
MNMC – experiências mais significativas	APPACDM-1	• A experiência é significativa • Falar de temas da Igreja Católica (figuras que lhes são familiares, pela educação que tiveram)
	APPACDM-2	• A vivência em si: perceberem a descrição da obra de arte; ajudarem-se mutuamente ao longo da visita (funcionamento enquanto grupo); sentiram-se valorizados pelo que diziam (validação dos seus contributos)
	APPACDM-3	• Terem percebido que era o funeral de Jesus • Exploração dos detalhes das indumentárias e das posições das figuras (distinção entre elas)
	APPACDM-4	• Ser uma experiência diferente, interativa (onde podiam participar) – mais ainda em tempos de isolamento social • Ficou surpreendido com a curiosidade demonstrada pelos participantes (a curiosidade também já existe nestas pessoas)
	APPACDM-5	• A mimetização constituiu um bom resumo/culminar • A explicação pormenorizada foi o aspeto mais significativo • Conseguirem responder às perguntas (muito gratificante) – perceberam o que estavam a ver (sentiram-se reconhecidos por isso)
	APPACDM-6	• As ligações entre as pessoas (não tanto os conteúdos abordados, mas a partilha de afetos) • Gostam deste tipo de apresentações
MNMC - duração das visitas	APPACDM-1	• Inicialmente, considerava que a visita ia ser mais rápida • É de valorizar a atenção que as pessoas com DID demonstraram ao fim de 1h30 (mantiveram-se ativos e responsivos)
	APPACDM-2	• Adequada, equilibrada • Vários momentos: apresentação (importante para quebrar o gelo); tratamento pelo nome (maior envolvimento, preocupação por cada pessoa); parte mais prática (exploração do conhecimento do museu por fora e exploração dos materiais – importante para a

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		concentração); descrição da obra de arte não foi demasiado extensa e pormenorizada (para manter atenção e interesse) • Boa articulação entre partes passivas e partes mais participativas
	APPACDM-3	• O tempo foi o ideal para usufruírem, gostarem e quererem mais experiências do género
	APPACDM-4	• O tempo foi o ideal (dadas as circunstâncias)
	APPACDM-5	• Uma visita presencial teria sido mais curta, mas o tempo não foi excessivo
	APPACDM-6	• Se fosse mais tempo, havia uma maior dispersão dos pensamentos • É melhor ver só uma peça em cada visita (maior foco), para uma melhor exploração e compreensão)
MNMC - acesso à informação	APPACDM-1	• É facilitado pela utilização dos guiões, pois estes tornam a explicação mais acessível, o que é essencial (as pessoas com DID conseguem assim perceber melhor os assuntos) • Os profissionais do MNMC têm sempre o cuidado de usar os termos mais adequados, mas também que estes sejam percebidos pelas pessoas com DID
	APPACDM-2	• O uso da imagem foi muito importante e adequado (porque muitos não têm boas competências de linguagem escrita) • A parte de demonstrar e explicar, pela imagem foi muito importante • A explicação usando o guião de comunicação aumentativa ajudou a cativar a atenção
	APPACDM-3	• A transmissão da informação aconteceu de uma forma muito explícita e simplificada • O guião de comunicação aumentativa ajudou (com o apoio das imagens) • A mimetização contribuiu para a assimilação dos conteúdos (imitação dos pormenores das posições dos corpos das figuras e a comunicação não verbal)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	APPACDM-4	- As pessoas com DID perceberam as informações (ajudou ter mostrado imagens no telemóvel) - A utilização de um Tablet/ telemóvel pode ajudar a perceber melhor o que está a ser falado (pistas visuais)
	APPACDM-5	- Adequado (tendo em conta a situação atual) - Teria sido melhor se a videochamada tivesse mais qualidade, mas as pessoas com DID acederam bem à informação
	APPACDM-6	As pessoas com DID perceberam a informação (mesmo quando acharam que a imagem de Jesus era uma menina)
MNMC - acesso ao espaço e sua fruição	APPACDM-1	O início da visita no espaço exterior fez muito sentido (cumprimentar as pessoas, etc.) e ajudou a aproximar esta experiência de uma visita presencial
	APPACDM-2	
	APPACDM-3	
	APPACDM-4	
	APPACDM-5	
	APPACDM-6	
MNMC – atendimento	APPACDM-1	- Sempre fantástico - Corresponderam sempre a tudo o que lhes foi dito (quando havia alguma dificuldade, pela qualidade da videochamada, tentavam sempre colmatar)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
realizado pelos profissionais do espaço cultural	APPACDM-2	• Ficou encantada (com o cuidado, a preocupação em saber o nome, em conhecer de verdade, em envolver) • Transmitem muita calma e paciência • Disponíveis para ouvir verdadeiramente (usaram expressões das pessoas com DID, devolveram-nas) • Perceberam perfeitamente o grupo e adequaram a visita ao grupo, de acordo com as características de cada um • Deixaram-nos participar porque perceberam que era importante para eles
	APPACDM-3	• Revelou muita empatia • Valorizava as respostas das pessoas com DID • Interessava-se pelas suas opiniões (pegava nos seus contributos para dar continuidade) • Não se limitou a enumerar o que estavam a ver, mas envolveu o conhecimento de cada um para que a experiência fosse mais significativa
	APPACDM-4	• Adequado
	APPACDM-5	• Foram incríveis (estavam muito preparadas para este atendimento) • Apresentam a postura certa, correspondem aos desafios das pessoas com DID, com flexibilidade (sem deixar descambar) • Usaram uma linguagem muito adequada
	APPACDM-6	• São muito apelativas • A forma como explica faz com que pareça que se está lá no museu
	APPACDM-1	• Por ser em videochamada, não é possível falar em tempo real e chega-se sempre depois (não é possível partilhar nem brincar tanto, para que não se perca o fio condutor da visita)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
MNMC – sugestão de outros materiais/ estratégias	APPACDM-2	• Realizar mais visitas (mais atividades) • Os materiais usados foram os adequados (imagens, adereços da mimetização), assim como a linguagem • No futuro, era interessante algumas pessoas com DID irem ao museu e apresentarem o que viram a outras pessoas com deficiência/incapacidade (para sentirem um envolvimento ainda maior – entender a arte pelos olhos das pessoas com DID)
	APPACDM-3	• Pelos problemas técnicos, sugeria a utilização de auscultadores no MNMC, durante a visita virtual • A utilização do telemóvel permitiu ver os pormenores da obra de arte • Os objetos da mimetização permitiram que as pessoas com DID representassem muito bem (imitassem a escultura)
	APPACDM-4	• Tablet
	APPACDM-5	• A introdução de material tátil é uma estratégia excelente (quanto mais, melhor) • O uso dos pigmentos de cor seria ainda mais proveitoso numa visita presencial
	APPACDM-6	• Os materiais e estratégias utilizados foram os necessários para estas visitas (para fazer chegar a mensagem até às pessoas com DID)
Convento São Francisco – necessidades	APPACDM-1	
	APPACDM-2	• Sendo uma exposição nova (com outras características), tinha que ser explicada de forma clara, para que as pessoas com DID a percebessem e conseguissem experienciar • A profissional do Convento conseguiu fazer perceber (manipulou os instrumentos e concretizou – levou-os até lá e foi os seus olhos; explicou os materiais e a sua textura)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
identificadas e resposta às mesmas	APPACDM-3	As pessoas com DID tiveram dificuldade em saber que objetos estavam a ser apresentados e como estavam a ser postos a funcionar (se pudessem carregar nos botões dos equipamentos seria mais fácil perceber os mecanismos dos equipamentos)
	APPACDM-4	
	APPACDM-5	- Nada a salientar (as pessoas com DID absorveram e perceberam a informação) - A visita cativou-os por serem objetos do quotidiano (familiares) – tornou a visita mais interessante e não sentiram dificuldades em perceber os conteúdos
	APPACDM-6	
Convento São Francisco – usufruto dos participantes	APPACDM-1	- Visita interessante e engraçada - As pessoas com DID usufruem mais quando participam na atividade e percebem - Podia ter existido uma exploração prévia dos materiais ou a sua utilização durante a visita, no lado do CAO (para a informação ficar mais retida e consolidada) - É importante que contactem com diferentes contextos, para depois perceberem se gostam ou não e se querem voltar
	APPACDM-2	- Sendo uma exposição nova (com outras características), tinha que ser explicada de forma clara, para que as pessoas com DID a percebessem e conseguissem experienciar - A profissional do Convento conseguiu fazer perceber (manipulou os instrumentos e concretizou – levou-os até lá e foi os seus olhos; explicou os materiais e a sua textura) - Estiveram sempre atentos e à espera do que vinha a seguir - Fizeram perguntas para clarificar e saber mais do que aquilo que estava a ser dito - Participaram sempre que quiseram - Perguntaram se podiam ir ao Convento (foi despertado o interesse/ curiosidade por conhecer este espaço)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	APPACDM-3	• Tiraram um maior proveito do robô com os diferentes objetos a produzir sons (reconhecer vários objetos que lhes eram familiares) • Não perceberam tão bem o equipamento com os projetores e a água • Foi uma nova aprendizagem, uma experiência diferente
	APPACDM-4	
	APPACDM-5	• Estavam muito interessados, falavam dos materiais, recordavam os sons (reminiscência) – os sons lembravam-lhes coisas familiares/passadas • Foi uma estimulação cognitiva e sensorial incrível • Usufruíram na totalidade
	APPACDM-6	
Convento São Francisco – experiências mais significativas	APPACDM-1	• Ter contacto com os elementos da exposição e fazer a ligação com a realidade que conhecem • A experiência foi diferente daquelas que tiveram antes (a forma de apresentação)
	APPACDM-2	• Conhecerem uma pessoa nova (perceberem o que faz no espaço cultural e serem respeitados por ela) • Sentirem-se ouvidos e respeitados naquilo que dizem, além da curiosidade pelo que estão a ver (terem feedback acerca dos seus contributos)
	APPACDM-3	• A parte da memória auditiva (ver que os objetos conhecidos produzem sons familiares) • Alguns sons parecem de um objeto familiar mas são de outro (sino)
	APPACDM-4	

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	APPACDM-5	• Perceber que reconheciam os elementos da exposição (sentiram-se muito valorizados por isso, sentiram que também percebiam deste assunto dos espaços culturais)
	APPACDM-6	
Convento São Francisco - duração das visitas	APPACDM-1	• Adequada
	APPACDM-2	• O tempo passou a voar, mas foi o correto (dado o tipo de exposição e pelo facto de não poderem manipular os objetos de forma direta/presencial) – alongar seria errado (haveria perda de interesse) • Poderiam, ainda assim, ter uma tarefa para fazer no final da visita ou que lhes fossem colocadas mais perguntas ao longo da exposição
	APPACDM-3	• Podia ser um pouco mais longa • Em visita presencial, podia haver uma exploração mais prolongada de cada equipamento • Em visita virtual, podiam ser vistas mais peças
	APPACDM-4	
	APPACDM-5	• Ótima (curta, para manterem a atenção plena) • As pessoas com DID queriam mais • A certa altura, achou que a profissional estava a acelerar/despachar (as pessoas com DID queriam dar outros contributos sobre o que viam, mas já se estava noutro sítio) • Era muita informação (podia estar-se mais tempo em cada peça para aproveitar mais)
	APPACDM-6	

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Convento São Francisco - acesso à informação	APPACDM-1	• Correu bem • As pessoas com DID foram perguntando quando não percebiam ou quando contactavam com algo diferente do habitual (os técnicos da instituição de apoio foram antecipando estas situações) • Informação perceptível
	APPACDM-2	• Diferentes patamares de acesso à informação • Para preparar as pessoas com DID para o que vai acontecer, há o hábito no CAO de falar antecipadamente sobre o tema (foi apresentado o site do Convento e perceberam melhor os seus espaços)
	APPACDM-3	• A informação foi transmitida de forma simplificada
	APPACDM-4	
	APPACDM-5	• Na visita ao MNMC, existia um guião em comunicação aumentativa • Aqui não havia nenhum suporte (se a videochamada não tivesse funcionado bem, seria importante existir outro suporte) • Também era bom ter a oportunidade de tocar em alguns dos materiais da exposição
	APPACDM-6	
Convento São Francisco -	APPACDM-1	
	APPACDM-2	• Houve a preocupação de mostrar a parte exterior do Convento, durante a visita (foi importante visualizarem, para uma melhor compreensão – para ser mais concreto e perceberem o que iam fazer – saber que o Convento não é só um sítio para freiras e padres)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
acesso ao espaço e sua fruição	APPACDM-3	• A exploração prévia dos espaços do Convento no seu site permitiu um reconhecimento de alguns desses espaços no decurso da visita • Podia ter havido uma exploração mais prolongada ou detalhada dos espaços (para perceber melhor onde estavam)
	APPACDM-4	
	APPACDM-5	
	APPACDM-6	
Convento São Francisco – atendimento realizado pelos profissionais	APPACDM-1	• Muito adequado (apresentou-se e interagiu de uma forma positiva e próxima) • Adaptou-se muito bem (foi ao encontro do que estava a ser pedido e fez a ligação com a realidade do CAO – bolos)
	APPACDM-2	• Bom, correto, adequado, ajustado • Preocupou-se com as apresentações iniciais (quem é e o que faz, nomes dos participantes) • Ouviu o que diziam e devolvia a informação • Aceitou sempre repetir quando não se percebia alguma informação • Mostrou os objetos e explicou com entusiasmo (o que viam e porquê) • Atitude de curiosidade, motivação e entusiasmo • Aceitou cantar no final, porque percebeu que as pessoas com DID tinham uma necessidade de se relacionar com o outro (era importante para elas)
	APPACDM-3	• Foi bom • Boa capacidade de comunicar, simpatia e diálogo simples e acessível

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
do espaço cultural	APPACDM-4	
	APPACDM-5	- Foi incrível, (muito disponível, simpática, muito acessível, boa interação) - Acelerou em alguns momentos e houve informação que se perdeu (mas aconteceu porque era uma visita virtual)
	APPACDM-6	
Convento São Francisco – sugestão de outros materiais/estratégias	APPACDM-1	- A explicação dos materiais é importante (devia haver mais tempo para essa explicação) - Os botões do robô poderiam ser numerados para facilitar a escolha, numa visita virtual (ter um esquema semelhante no lado do CAO, para facilitar a escolha)
	APPACDM-2	Sugere que fossem usados materiais (que também são reaproveitados em contexto de CAO) para as pessoas com DID verem de perto e mexerem e para serem usados em trabalhos futuros (mimetizar – fazer um instrumento musical e usá-lo para um ritmo, repetindo a experiência com materiais do seu cotidiano)
	APPACDM-3	Possibilitar a utilização dos objetos e a criação de sons a partir dos objetos do seu cotidiano, no centro (em pequenos grupos)
	APPACDM-4	
	APPACDM-5	Introduzir estímulos táteis (ter pedra e madeira no CAO, quando se fala destes materiais)
	APPACDM-6	

Grelhas individuais de análise de conteúdo – PROFISSIONAIS DOS ESPAÇOS CULTURAIS

Tema: Fruição cultural de pessoas com DID que frequentam instituições de apoio

Código do participante: EC-1

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Habilitações académicas	Licenciatura em História (a frequentar atualmente mestrado em Património Cultural e Museologia, na vertente de Museologia)	“eu licenciiei-me em História.” “E depois estou a fazer o mestrado em Património Cultural e Museologia, na vertente de Museologia.”
	Área de atuação profissional	Encontra-se a fazer estágio curricular no Museu Nacional de Machado de Castro, na área de acessibilidade e inclusão cultural	“eu sou da Faculdade de Letras da UC e nós o segundo ano podíamos optar por estágio ou projeto. (...) eu pedi para fazer o estágio no (...) Museu Nacional de Machado de Castro. “ “(…) a área que eu gostei mais dentro da Museologia foi Acessibilidade e Inclusão Cultural (...) Que são os projetos em que eu estou a trabalhar agora.” "Então eu queria passar pela experiência de fazer o estágio noutro museu. Porque ia ser uma experiência diferente e o Museu Machado de Castro é um museu nacional, o que faz com que a experiência ainda ia ser mais diferente. E depois eu também já tinha ideia, já tinha conhecimento de alguns projetos de inclusão.”
	Tempo de serviço no espaço cultural	Está em estágio no MNMC desde outubro de 2019	“Desde (...) inícios de outubro.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Experiência profissional anterior	Estágio no Museu da Ciência, na preparação de exposições e seleção de objetos	“já tinha estado a fazer estágio no Museu da Ciência.” “no museu da Ciência não trabalhei nada com Acessibilidade e Inclusão.” “Foi mais preparação de exposições e seleção de objetos (...) aprender a fazer o trabalho museológico em si, aprender o que é que é trabalhar no museu.”
	Contacto prévio com público com DID	• A primeira experiência com o público com DID ocorreu no MNMC, na observação de uma sessão do projeto “Imagens que guiam” • Nessa sessão, considerou que o público com DID é muito interessado • Leu as características das pessoas com DID antes da visita e sabia que algumas ficavam frustradas quando não se faziam entender • Nessa visita, uma profissional do MMNC dinamizou a sessão, com um acompanhamento um a um, com colocação de questões, para que as pessoas se aproximassem do conteúdo da visita	“a minha primeira experiência nesse contexto foi no Museu Nacional de Machado de Castro, (...) no projeto Imagens que guiam.” “Só fiz uma sessão para já. (...) no final (...) comecei a chorar de emoção.” “é um público que eu achei super interessado.” “para mim aquela experiência foi (...) surreal. Eu estava muito nervosa, (...) envergonhada.” “como eu tinha lido as várias características das pessoas, eu sabia que alguns ficavam um bocadinho frustrados quando as pessoas não os compreendiam.” “não queria magoar ninguém nem deixar ninguém frustrado.” “Mas (...) não aconteceu e tive experiências muito boas e (...) pessoas que ficaram na minha memória e falo muitas vezes nelas à Dr.ª XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”]. E só estive com elas uma vez.” “foi no Museu Machado de Castro (...) no Tesouro da Rainha Santa Isabel. (...) a obra de arte analisada nessa sessão foi o quadro da Rainha Santa.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Nessa visita, todas as pessoas com DID mostraram interesse e conhecimentos, apesar de terem características diferentes • Foi uma experiência muito marcante • Antes desta visita, estive numa atividade no MNMC no dia do turismo acessível, com grupos de diferentes projetos (o que leu, em termos teóricos, estava ali a acontecer • Era necessário que o mestrado de Museologia abordasse as questões de acessibilidade e inclusão cultural (não aborda)	“eu fui só observar, não participei. Inicialmente aquilo começou com a Dr.ª XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”], (...) que faz a dinamização das sessões, que estava com (...) cada um dos elementos do público, um a um. E fez algumas perguntas. (...) foi a ideia-chave para eles se situarem no que estavam a ver. (...) uns mais tímidos, (...) outros mais à vontade, mas todos mostraram que conheciam, que sabiam e...acima de tudo, interesse” “Espero bem ter a oportunidade de ter mais experiências (...) para mim foi uma experiência que me marcou muito.” "Não sabia que me ia marcar tanto." "a primeira vez que eu fui ao museu, a Dr.ª XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”] chamou-me para eu ir lá (...) acho que era no dia do turismo acessível e foi feito (...) com vários grupos dos projetos.” "E então ela chamou-me também na iniciativa de perceber se eu gostava mesmo daquilo ou não e já na altura eu fiquei um bocado emocionada." "porque tudo o que eu passei o ano a ler e a escrever (...) posto na prática ali. (...) E eu já trabalhei estas questões de acessibilidade e inclusão com alguns museus. (...) no sentido de investigação dos trabalhos." "num mestrado em Museologia...achava necessário para mim uma cadeira dedicada à acessibilidade e à inclusão cultural. (...) não íamos (...) Sair dali a saber tudo e mais alguma coisa

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			mas já saíamos dali com algum conhecimento e com alguma sensibilidade e...por onde começar, o que fazer a seguir...e se calhar quando fossem trabalhar para um museu já iam com essa ideia, (...) ou então até...fazer propostas museológicas no sentido de serem o mais inclusivas possível. Eu acho muita falta”
Necessidades específicas das pessoas com DID no acesso e na fruição dos espaços culturais	Aspetos a considerar numa visita	• É necessário estudar bem as obras de arte que vão ser apresentadas na visita (perceber qual é a sua mensagem principal e fazer chegar essa mensagem de forma direta às pessoas) • É importante que as pessoas se sintam bem acolhidas, para que a experiência seja significativa e de modo a que queiram voltar	“eu acho que o necessário ter em consideração é...primeiro passo, (...) estudarmos bem a obra.” “Percebermos a mensagem principal que essa obra tem e não fugirmos muito ao assunto nem tentar...falar muito de pormenores que às vezes não interessam e que (...) para esse público não vai fazer sentido aprender isso. (...) vamos fazer uma sessão com um quadro e esse quadro e esse pintor tem uma história bonita(...) pintou aquele quadro com uma mensagem. Eu acho que é importante fazer chegar sobretudo as mensagens.” “Daquilo que temos...às pessoas. E claro fazê-las sentir-se em casa, bem acolhidas e (...) ter sempre em mente: (...) vamos fazer que isto seja uma experiência significativa e marcante para todas as pessoas...para que voltem ao museu, para que voltemos a estar todos juntos e a aprender (...) cada vez mais.”
	Balanço geral da visita	• Muito positivo (ficou surpreendida) • Foi a primeira vez que orientou uma visita com este público (primeira	“o balanço foi muito positivo (...). Fiquei surpreendida porque também foi a minha primeira vez ... que fiz uma visita para públicos com deficiência intelectual, foi a primeira vez que apliquei um guião e então estava um bocado receosa, mas o receio perdeu-se logo quando comecei a fazer as visitas. (...) Depois houve outras preocupações, houve um ou outro erro

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		aplicação dos guiões de comunicação aumentativa) Houve questões a nível tecnológico (videochamada), mas a frustração aconteceu apenas do lado dos técnicos	técnico de telemóveis e tecnologias que nós estávamos (...) a começar a ficar receosos que provocasse alguma frustração no público, mas pelos vistos a frustração foi só da nossa parte.”
	Necessidades identificadas e resposta às mesmas	- Nada a assinalar - Sente que há alterações a fazer no modo de preparar as visitas (dar a escolher o que querem ver, de acordo com as suas preferências)	“A nível de necessidades, (...) não notei nada. (...) nós, a nível do museu, é que notamos algumas alterações que podemos fazer a nível do futuro, (...) não só ser incutida aquela obra, hoje vamos ver aquela, dar um bocado a opção de escolha para eles, porque cada um tem as suas preferências.”
	Usufruto dos participantes	- Muito comunicativos, independentes, com vontade e capacidade de aprendizagem (valoriza isso num público) - Ficou surpreendida quando uma das participantes começou a ler o guião sozinha - Usufruíram bastante da experiência - Gostam de fazer perguntas (curiosos), exigentes (é	“tivemos públicos bastante comunicativos (...) e que sabiam e mostraram que gostavam de aprender. A que me surpreendeu mais foi a XXX [referência a nome próprio], foi do último grupo, no último dia, ela começou a ler o guião sozinha e eu disse “Eu não estou aqui a fazer nada.” São bastante independentes e gostam de aprender e é isso que eu valorizo num público. Eu não gosto de estar a falar para um público que não me ouça e (...) que está ali obrigado e que não quer aprender. (...) Foi um público que usufruiu bastante da experiência que lhe foi proporcionada. E isso para nós também nos dá (...) bastante gozo.” “é um público (...) que gosta de fazer perguntas, que é curioso e também que nós do outro lado conseguimos responder a

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		necessário que os profissionais se preparem bem para a visita) • É uma experiência enriquecedora, ainda mais agora em tempo de pandemia (fizeram novas aprendizagens, conheceram pessoas novas e ficaram com a possibilidade de visitarem o museu no futuro) • Ficaram com mais autoestima (conseguiram responder a todas as perguntas, ultrapassaram o entendimento previsto) • O grupo que tinha analisado previamente o guião conseguiu lembrar-se de muitos dos pormenores que tinham analisado (decoraram bem e identificaram logo a obra que iam ver, quando passaram por ela)	todas as perguntas, o que torna um público até bastante mais exigente, porque à medida que vai tendo interesse e vai colocando mais perguntas, temos que ir mais bem preparados do que aquilo que imaginámos. Eles fizeram n perguntas e queriam saber tudo” “Eu acho que eles gostaram. Pelo menos foi o que me pareceu. Foi bastante positivo, até porque agora esta situação toda do Covid (...), a pessoa está mais fechada e não sai tanto para o mundo e o museu ir ter com eles eu acho que é uma experiência que para eles foi enriquecedora, que aprenderam coisas novas e conheceram pessoas novas e ficaram, se calhar, com futuros locais para onde ir passear com as famílias ou até com a própria instituição e o museu também deixou a proposta que eles seriam sempre bem vindos e que isto era para continuar a trabalhar. Eu acho que, do ponto de vista cultural, e até mesmo para eles (...)ficaram (...) com um bocadinho mais de autoestima, porque conquistaram... conseguiram responder a todas as perguntas que foram colocadas, toda a mensagem que nós pretendíamos transmitir com as obras foi alcançada, até ultrapassada (...) Eles chegaram muito além do que tínhamos planeado de (...) chegar aquela seguinte mensagem, explorar aqueles assuntos, (...) fizemos um guião, como diz a Dra. XXX [referência a nome próprio] para destruir. Eles conseguiram com muita facilidade interpretar as mensagens e, (...) por norma, os grupos já vão com o guião estudado, os técnicos estudam com eles, (...) eu fiquei admirada porque, mesmo eles analisando os guiões

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			antes de nós analisarmos com eles na sessão, há certos pormenores que são difíceis de aprender e de memorizar e de... nomes e contextos e eles todos memorizaram e leram aquele guião como se o tivessem decorado, já sabiam tudo o que era, quem interessava quem ...” “Uma das situações que eu achei muita piada foi, nós íamos mostrar primeiro a Capela do Tesoureiro, para eles conhecerem um bocado o espaço do museu e eles darem logo com a obra “É aqui, é aquela que nós vamos falar.”.”
	Experiências mais significativas	• Experiência gratificante para ambas as partes (junção de dois mundos aparentemente incompatíveis) • A experiência resulta e as pessoas com DID têm capacidade para usufruir dela (afirmam-se como cidadãos – exigem respostas, fazem perguntas, querem ir mais além nos conteúdos) • As pessoas com DID sentem-se felizes e orgulhosas por terem participado	“foi uma experiência gratificante para ambas as partes, porque estamos (...) a ... juntar dois mundos que até então eram incompatíveis ou as pessoas deduziam que não era possível fazer (...) Eu acho que isto foi visível que resulta e que não há nenhuma incapacidade da parte deles, que não possam usufruir, muito pelo contrário. Eu acho que eles, e para eles mesmo se afirmarem enquanto cidadãos, eles foram exigentes, exigiram respostas, fizeram perguntas, procuraram saber outras coisas para além daquilo que estava inicialmente planeado ... trabalharmos com eles. (...) Para eles se calhar também foi ... sentiram-se felizes e orgulhosos em terem participado e (...) aqui pode ser um início de muitos museus começarem a abrir portas (...) porque são bons exemplos (...) foi muito interessante as perguntas, a quererem ver a universidade e ... visitarem Coimbra. (...) E acho que para eles fez sentido, aprenderam coisas novas a nível cultural e a nível pessoal, trouxe esses dois benefícios. (...) aprenderam uma coisa nova, conheceram um museu novo, (...) dentro desta

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Esta experiência pode ajudar outros museus a abrir as suas portas a este público	situação do Covid foi o melhor que conseguimos ... e a nível pessoal que eles ultrapassaram as barreiras, estipuladas até pelo próprio museu, olha vamos trabalhar isto com eles e estudar estes assuntos e eles foram muito mais além.”
	Duração das visitas	Adequada	“o tempo foi adequado, mas se fosse era para ser mais longo.” “curto só se fossemos nós a falar e o público estar calado e não é esse o objetivo.”
	Acesso à informação	As pessoas com DID atingiram bem a mensagem transmitida (não têm dificuldade em compreender o que é transmitido pelos espaços culturais – têm interesse em aprender e valorizam o que ouvem)	“Mas eles atingiram super bem a mensagem e acho que eles não terão, em qualquer contexto cultural, dificuldade nenhuma em compreender e aprender porque eles sabem ... (...) têm interesse em aprender e gostam e dão valor àquilo que estão a ouvir, eu notei muito isso.”
	Acesso ao espaço e sua fruição		
Dinâmicas utilizadas no atendimento de pessoas com DID no espaço cultural	Recursos humanos - preparação dos profissionais	No MNMC, os projetos de acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID está entregue por completo a uma profissional (que possui mestrado nesta área)	“esse processo, na minha opinião, (...)está completamente entregue às mãos da Dr.ª XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”]...que fez um mestrado também nessa área...e é ela que está encarregue de todos os projetos de inclusão...nomeadamente nesta área (...) ela sentiu a necessidade de se especializar (...) Eu acho que o Museu Nacional de Machado de Castro é um museu que está aberto

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• O MNMC está aberto a receber as pessoas com DID e a colaborar com outras pessoas que atuam nesta área • As pessoas com formação na área cultural não estão preparadas para lidar com este assunto, é necessário o apoio de outras pessoas com conhecimentos na área • Existe a necessidade de fazer formação • A Acesso Cultura dinamiza várias formações nesta área • É necessário organizar e sensibilizar a equipa do museu para a inclusão cultural • Quando um museu tem pessoas a trabalhar nesta área, quem não está nos projetos não sabe exatamente do que se tratam	(...) para receber estas pessoas e está disposto (...) a aprender sobre este assunto (...) e a fazer colaborações com quem também os ensine (...) Porque aprendemos sempre uns com os outros. (...) E eu acho que o Museu Machado de Castro (...) tem todas as condições para receber essas pessoas.” “não é qualquer pessoa que faz um guião de comunicação aumentativa e...se não fosse necessário...não havia (...) formações de terapia ocupacional, não havia mestrados nestas áreas...são pessoas que....estão mais preparadas para lidar com determinados assuntos (...) uma pessoa licenciada em história ou...história da arte e que já esteja há muitos anos no museu e até pode estar às vezes um pouco desatualizada (...) Eu acho que é necessário fazer formações... e agora há (...) a Acesso Cultura...prepara muito bem nesse sentido, por exemplo.” “Eu acho que era organizar a equipa e sensibilizarem todos para este para este assunto da inclusão cultural. (...) mesmo museus em que se trabalha inclusão...metade das pessoas estão nos projetos e sabem o que é que é...outra metade não está nem sonha com o que é que se está a passar ali.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Recursos materiais	• O MNMC tem trabalhado algumas obras de arte através de guiões de comunicação aumentativa • Nem todas as obras do museu têm um guião de comunicação aumentativa • É importante que o MNMC tenha guiões para as obras principais • Foram usados materiais no CAO para a mimetização e para a exploração do interior da obra • 1ª sessão: rosa, passarinho, manto de Nossa Senhora • 2ª sessão: mármore, calcário (explorar as diferenças entre as pedras), banco (Jesus deitado), cofre, colar, turbante • 3ª sessão: mármore e calcário, pigmentos de cor (explorar a cor da escultura, entretanto desaparecida)	“Tem trabalhado nomeadamente os guiões de comunicação aumentativa de algumas obras de...do museu. Não todas infelizmente porque é muito trabalho (...) mas eu acredito que seja esse um dos objetivos do museu...é conseguirem comunicar...terem um guião (...) não digo para todas as obras, (...) para as obras principais” “utilizámos vários materiais. Sem ser os guiões de comunicação aumentativa, nós também sugerimos alguns materiais para eles terem com eles, para eles poderem... no final da sessão fazerem a mimetização. Para além da mimetização, que permite que eles se sintam parte, que são a obra de arte naquele momento, é bom os materiais para eles irem (...) explorando o interior da obra de arte a ser estudada. Na primeira sessão, que era a Senhora da Rosa, tínhamos uma rosa, porque na pintura a Nossa Senhora tinha uma rosa na mão, o Menino Jesus tinha um passarinho, eles tinham um passarinho ... o manto da Nossa Senhora ... não me consigo lembrar mais, porque eram muitos. Depois, na segunda sessão, já tinham o mármore, (...) e o calcário que era para eles explorarem a diferença entre os tipos de pedras de que a escultura era feita. (...) pedimos também que tivessem um banco (...) para quem fosse fazer de Jesus se deitar (...) Tinha imensa coisa. Tinha um cofre...” (...) “nós também tínhamos um colar ... um turbante ... e acho que para esse dia era só. Podem-me estar a faltar mais coisas...” “No terceiro dia, também utilizámos a estratégia das pedras, porque também foi analisada uma escultura também feita da

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Imagens dos locais onde as peças estiveram anteriormente (Mosteiro de Santa Cruz e Palácio de São Silvestre) • Mimetização: harpa e outros elementos presentes nas obras de arte – anjos, coroa, manto de Nossa Senhora (reunir o máximo de material possível para uma maior aproximação à obra) • Os materiais são usados especificamente com este público • Com os elementos da obra ao lado, é mais fácil perceber a sua mensagem e ocorrer uma aproximação à realidade (sentir que fazem parte da obra, da visita – maior dinamização e não só receber informação, de forma passiva)	Pedra de Ançã (...), levámos pigmentos para eles conseguirem perceber que cor tinha aquela escultura (...) quando foi feita, (...) porque com o tempo vai-se desgastando ... e perde-se a cor e então conseguimos explorar essa parte das cores com eles, a folha de ouro (...) Temos levado também umas imagens porque normalmente as peças antes de irem para o museu têm outro local (...) por exemplo n’ “A deposição no Túmulo” (...) sabemos que estava no mosteiro de Santa Cruz, e então nós levámos a imagem do Mosteiro de Santa Cruz para eles terem também uma perceção de onde aquilo estava e (...) como é que foi parar ao museu e, (...) no caso do terceiro dia, com o Retábulo de São Silvestre, também levámos uma imagem do palácio de São Silvestre, também explicámos que hoje em dia aquilo era um hotel... foi os pigmentos ... e acho que foi só. Depois para a mimetização já levaram a harpa, os elementos que estavam presentes propriamente ditos (...) na estrutura, foi a harpa ... eles fizeram de anjos, levaram os anjinhos, uma coroa, o manto da Nossa Senhora... Ou seja, tentamos sempre (...) com a equipa da APPACDM, tentar reunir os materiais possíveis, (...) para a mimetização correr melhor e ficar mais parecida com a obra e também eles perceberem os elementos que integram a obra.” “Sim” [materiais criados especificamente para esta população] “quando estamos a estudar uma obra de arte, se tivermos os elementos que a compõem ao lado, é muito mais fácil perceber a fundo a mensagem que ela pretende transmitir e o que o pintor utilizou... acho que nos aproxima mais da

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Alguns guiões deveriam ser mais desenvolvidos • O museu deve ter uma caixa com os materiais necessários a estas sessões, mas não utilizar materiais em demasia, para não sair do objetivo da visita	realidade estarmos em contacto com tudo o que aquela obra de arte necessitou para ser produzida. E a té para passar a própria mensagem ... falar que o anjinho tinha uma harpa na mão e darmos a eles uma harpa para as mãos é totalmente diferente, é uma experiência que eles sentem que fazem parte da obra, que estão a fazer parte da visita e até é uma forma da visita ser mais dinamizada, não ser tão a exposição, a informação..." "quando houver mais disponibilidade, (...) os guiões serem mais desenvolvidos" "acho que o museu tem que ter uma caixa de materiais para estas sessões. (...) não em demasia se não também fugimos ao objetivo, mas, quanto mais conseguirmos explorar aquilo que é importante, melhor, e às vezes os materiais são uma mais-valia nesse sentido."
	Estratégias para a fruição cultural	• Falou de forma mais pausada, para perceber se havia uma resposta do outro lado e para estar atenta à reação/ necessidades dos participantes • Uso de palavras simples para uma melhor compreensão da mensagem (o uso de	"Eu tentei falar de forma mais pausada, porque tenho tendência a falar rápido, e também, como estávamos a usar o Skype e o museu tem uma acústica que não favorece nada ... eu tentei falar de forma pausada e também para perceber se tinha resposta do outro lado (...) porque (...) não queria falar por cima de ninguém, (...) para conseguir perceber, e atenta à reação do público, porque durante o meu discurso podia surgir uma dúvida ou alguém até nem ter percebido muito bem a minha voz, eu tentei sempre estar atenta às necessidades deles, (...) tentar utilizar palavras simples, (...) que quem estuda uma obra de arte há palavras complexas que nós percebemos de imediato que aquilo não funciona (...) e

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		palavras complexas não funciona) • Dar voz ao público • Sem estas estratégias, poderia haver desinteresse da parte dos participantes (é importante apelar à sua participação) • Dar a oportunidade de explorar os conteúdos no tempo e espaço certos, com os materiais adequados (a história da peça, do artista, a consciência sobre a obra e tudo o que a envolve)	tentamos sempre adequar palavras mais simples para que a mensagem seja melhor transmitida (...). Eu acho que o segredo para isso correr bem é dar voz ao público, não sermos só nós a falar.” [como teria sido sem as estratégias utilizadas] “poderia ter provocado talvez algum desinteresse porque, quando estamos a ouvir uma pessoa a falar (...) quando não conseguimos interpretar, compreender o discurso da pessoa, desinteressamos automaticamente (...) é importante o público participar da visita porque senão a visita torna-se desinteressante e, com a ajuda dos materiais, a exploração da obra de arte e (...) a consciência sobre aquela obra, sobre história e sobre o pintor e tudo o que envolve (...) atinge muito melhor o público, e o público recebe melhor também. Porque eles percebem (...) Dá-se a oportunidade de explorar as coisas no tempo e no espaço certo, com os materiais certos.” “podia ter falado mais com eles, ter brincado(...) mais um bocadinho... só que eles foram as minhas primeiras visitas, eu estava super nervosa, só queria ler o guião, para eu não me esquecer de nada.. e a minha preocupação voltou-se para aí.”
Fruição cultural	Para as pessoas em geral	• O usufruto da cultura é o usufruto de algo que é da pessoa e é um direito dela • Ir a um espaço cultural é exercer uma cidadania ativa	“uma pessoa quando está a usufruir de algo cultural, tem de perceber que está a usufruir de algo que é seu (...) é um direito.” “(...) uma pessoa que vá a um museu ou que vá a uma galeria de arte etc. está a exercer uma cidadania ativa (...) têm o direito de chegar lá e usufruir dos espaços culturais e toda a cultura. (...) todo o lado cultural é importante...porque é uma

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Todos os espaços culturais são importantes porque são formas de educação não formal, a qual complementa a formal e desenvolve a criatividade • A cultura ajuda na construção da pessoa, da sua essência e identidade, a compreender a história que também é nossa • Os espaços culturais devem ajudar a pessoa a perceber o que é e para que serve a cultura • Muitas pessoas não se sentem incluídas nos espaços culturais porque não percebem o que lá está ou não se interessam • As pessoas deviam estar mais unidas à cultura (museus, teatros, etc.). Se o fizessem, eram mais felizes porque o mundo era mais colorido e percebiam que podem escolher a	forma de educação não formal. Não é aquela educação igual à das escolas, mas acho que complementa. (...) dá para desenvolver a criatividade” “ajuda a construir o Homem em si (...) é a nossa essência, aquilo que nós somos, é o nosso passado, é a nossa identidade, é...aquilo faz parte de uma história que também é nossa (...) e acho que tenho direito e devo compreendê-la. (...) os espaços culturais (...) devem fazer com que a pessoa se aperceba da dimensão do que é a cultura e para que é que a cultura serve” “Porque muita gente não se sente incluída nos espaços culturais porque não percebe o que está ali ou porque não lhe interessa, mas a realidade é que aquilo é seu.” “Porque um monumento ou qualquer coisa definida como Património Mundial da Humanidade é da humanidade, é de toda a gente. (...) as pessoas deviam estar mais unidas à cultura. Não estou a falar só museus. Estou a falar de teatro, por exemplo. Porque eu acho que desenvolve muito a criatividade. E eu acho que se as pessoas vivessem mais a cultura eram muito mais felizes porque viam o mundo (...) de uma forma mais colorida (...) não viam o mundo só a preto e branco, acho que a cultura e a arte ensinam-nos que o mundo pode ser...de muitas formas. (...) E que nós podemos escolher a forma que nós queremos ver o mundo (...) E eu acho que os espaços culturais e a arte são então (...) essa fronteira para esses pensamentos, para essas formas, para desenvolver. (...) é importante, até mesmo...a nível de desenvolvimento

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		forma como querem ver o mundo • A cultura ajuda no desenvolvimento pessoal (a pessoa é mais feliz se descobrir mais sobre o mundo)	pessoal, (...) faz as pessoas mais felizes. (...) Ir a um museu e (...) “Ai, aprendi isto, aprendi aquilo”, chegar a casa e contar aos pais...e até pode ser um momento bom para a família (...) quanto mais (...) uma pessoa sabe (...) e descobre sobre o mundo, acho que a pessoa é mais feliz”
	Para as pessoas com DID	• O papel da fruição cultural para as pessoas com DID é exatamente igual ao das outras pessoas • Há pessoas que consideram que as pessoas com DID não entendem, mas, na visita a que assistiu, percebeu que elas têm muito mais capacidades do que aparentam (são muitas vezes subestimadas) • O público com DID está interessado, atento e quer saber mais (por vezes, é mais motivante do que outros públicos, que não mostram tanto interesse)	“Eu acho que é igual...igualzinha. Sem tirar nem pôr.” “é um público (...) super interessado.” “E que as pessoas à partida dizem: “Ah, mas eles percebem? Mas eles entendem?”. Eles (...) provaram ali que têm muito mais capacidade do que aquilo que...nós subestimamos essas pessoas e a capacidade delas. (...) essas pessoas não são incapacitadas de forma alguma. Capacidades diferentes para mim não são capacidades inferiores ou limitadas.” “Quando estamos com um público (...) jovem, por exemplo dos 15 aos 16 anos (...) que eu fui assistir a uma visita. Era o telemóvel, estavam a bocejar, (...) não é tão motivador, enquanto este público eu notei que eles estavam atentos, faziam perguntas e queriam saber mais.” “(...) quando eles acertavam uma coisa, ficavam contentes. “Sim, eu consegui”. (...) os museus podem ter este poder nestas pessoas. E mostrar: vocês são capazes, vocês conseguem, não há motivo para vocês não conseguirem. (...) o museu, principalmente quem trabalha neles tem a obrigação de saber comunicar aquilo que está lá dentro, ou seja, todas as obras, toda a história do museu com todos os públicos,

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Os museus podem ter o papel de mostrar às pessoas com DID que elas são capazes • Quem trabalha nos museus tem a obrigação de saber comunicar os conteúdos destes a todos os públicos, independentemente das capacidades das pessoas	independentemente da forma que sejam, das capacidades que tenham. (...) tem a obrigação de saber comunicar.”
	Diferenças nas pessoas com DID	• Existem diferenças positivas, nomeadamente o facto de as pessoas com DID aproveitarem muito mais e respeitarem muito mais os profissionais dos espaços culturais que estão a dinamizar as visitas • As pessoas com DID aprendem com estas experiências e gostam delas • Gosta muito mais de trabalhar com estes públicos do que com os outros	“A experiência que eu tive (...) totalmente. (...) este grupo de pessoas com...incapacidade intelectual aproveita muito mais, respeita muito mais quem está do outro lado (...) porque (...) para nós que estamos a falar com o público, é difícil ver o público bocejar ou o público dizer isto ou assado. E com este público, a experiência que eu tive não é assim. Eles têm respeito pelas pessoas...e aprendem e gostam (...) eu gostei muito mais de trabalhar com estes públicos...do que com os públicos dito normais”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Mudanças necessárias para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural das pessoas com DID	Atendimento – nos espaços culturais em geral	• Em geral, os museus não estão preparados para receber estes públicos e ainda pensam apenas na sua dimensão física • As pessoas vão a um museu para se divertirem, aprenderem e passarem um bom bocado (não vão para se sentirem frustrados) • Devia existir uma equipa mais abrangente e um enfoque na comunicação • É necessário mudar tudo • Não tratar as pessoas com DID como coitadinhas • Existem atitudes preconceituosas em relação às pessoas com DID que não deviam existir • As pessoas com DID devem ser recebidas com carinho, de forma dedicada • É preciso gostar do que se faz e fazer com que as pessoas com DID se sintam	“os museus em geral não estão preparados porque...quando eu ia falar de inclusão ou de acessibilidade...a primeira resposta é “sim, temos...dá para vir em cadeiras de rodas (...) eu “pois mas eu não quero só saber se entram em cadeiras de rodas” “quando uma pessoa vai a um museu eu acho que vai para se divertir, para passar um bom tempo, para aprender umas coisas novas. Eu não acho que vá para se sentir frustrado.” “O que eu quero dizer é que para chegarmos a esse ponto (...) haver profissionais do museu não só ligados à arte, não só ligados à museologia (...) à comunicação. (...) a parte da comunicação não devia ser só um técnico de comunicação porque há muitas formas de comunicação” “a parte do marketing.” “[necessidades de mudanças] Completamente. Tudo” “eu falo também da experiência que eu tenho com uma amiga. A primeira é não tratar por coitadinhos.” “(...)“Ah, porque eu tenho um amigo (...) coitadinho não faz e não percebe”. Não, eu acho que essas atitudes preconceituosas (...) não devem existir num museu. (...) devem receber como recebem toda a gente, com carinho...e de forma dedicada. E gostar mesmo daquilo que estão a fazer. E fazer com que as pessoas se sintam bem lá no museu e que aprendam. E sobretudo ouvir, dar espaço para ouvir as pessoas (...). No museu aprende-se de ambos os lados. (...) os públicos aprendem connosco e nós aprendemos com os públicos. E, no caso das pessoas com necessidade intelectual

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		bem e aprendam, dando espaço para as ouvir (num museu, os visitantes aprendem, mas os profissionais desse contexto também, como acontece no caso das pessoas com DID) • As pessoas com DID são pessoas • A forma como se comunica em museus é muito formal e tem de ser melhorada • O uso de guiões em comunicação aumentativa é uma técnica excelente para que as pessoas com DID possam acompanhar e compreender, com o apoio de palavras-chave (as pessoas deviam poder levar os guiões para casa para se lembrarem de que foram ao museu e o que lá aprenderam)	não é diferente. (...) São pessoas, têm alguma coisa para dizer, têm alguma coisa para nos ensinar. (...) eu acho que é importante melhorar a comunicação porque a forma como se comunica no museu (...) é (...) demasiado formal...para aquilo que se pretende no museu, principalmente quando queremos ter uma sessão mais animada e que as pessoas aprendam e que estejam mais à vontade... eu acho que aquela comunicação formalizada que os museus normalmente têm...que é assim um texto decorado, à base de termos técnicos de história da arte e arqueologia, (...) Eu acho que o que devem melhorar é a comunicação. Olhe, (...) a técnica dos guiões da comunicação aumentativa...eu acho uma técnica excelente porque as pessoas vão podendo acompanhar e vão compreendendo e têm ali as palavras-chave...e o ideal era (...) darmos a todos e todos poderem levar para casa e espero que um dia também isso aconteça e depois possam ir lá e ler sempre a história e lembrarem-se “Olha, fui ao museu e aprendia isto”. Porque eu acho que o museu pode ser uma experiência significativa se o fizermos para isso. (...) a primeira coisa que mudava era a atitude relativamente a preconceitos e a ideias já impostas. Ou eles não percebem ou não entendem. Ou não têm capacidades, (...) isso é para arrumar para canto. E a segunda coisa é (...) como chegar a estas pessoas. Como comunicar bem. Se eu estivesse do outro lado o que é que ele queria ouvir.” “E diziam: “Ah, não fazemos mais porque não temos dinheiro, não temos possibilidades. Não dá, não é possível”. (...) nesta

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• O museu pode proporcionar uma experiência significativa • É preciso saber como chegar às pessoas com DID, como comunicar com elas • Há locais que dizem que não fazem mais porque não têm dinheiro, mas é possível avançar mesmo assim, com projetos, desde que haja motivação e paixão • Falta saber acolher as pessoas com DID • A comunicação falha com muitos públicos, não só com este • O público frustra quando sai do museu a saber o mesmo do que quando entrou, quando não percebe os textos que lá estão escritos e quando sente que os profissionais lhe estão a fazer um favor ao recebê-lo	experiência eu consigo perceber que é possível, basta querer, organizar-se e ter força de vontade e levar um projeto destes para a frente.” "Acho que é sobretudo a motivação e a paixão. (...) Porque quando vamos trabalhar para o museu temos que ter paixão por aquilo que fazemos. Porque depois também precisamos de transmitir essa paixão e essa energia (...) a quem nos visita. Temos que acolher essas pessoas.” “Eu acho que o que falta muito aos museus é saberem acolher as pessoas, principalmente quando falamos de pessoas (...) incapacidade intelectual.” “não é preciso muito para as pessoas se sentirem frustradas num museu.” “Não falha só para este público que nós estamos a falar.” “A comunicação falha com muitos públicos.” [o que pode frustrar o público em geral] “(...) sair do museu a saber o mesmo que quando entrou.” “E ler, aqueles textos enormes e não perceber nada do que está ali escrito (...) e é também a sensação quando entramos no museu que nós é que estamos a fazer um favor a eles em lá ir e não (...) Eles é que nos estão a fazer um favor a nós. (...)” “o museu sem público (...) não é um museu. Não funciona, não existe. (...) as coleções são muito importantes (...) mas o público também (...) Eu metia 50/50. (...) Que adianta o museu ter muitas coleções e ter obras magníficas se (...) não vivem as obras. (...) as obras foram feitas para um propósito. Foram feitas para as pessoas, para as pessoas verem, para as pessoas

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Um museu só existe e funciona porque existe público - as obras foram feitas para as pessoas verem e sentirem (as coleções são importantes, mas o público tem igual importância) • É necessário que o museu tenha profissionais ligados às áreas convencionais, mas também é preciso alargar a outras áreas (profissionais que trabalham com estes assuntos/públicos) • Há profissionais que não querem que os museus mudem - é preciso mudar mentalidades, o que pode acontecer com profissionais mais jovens • Os museus não são só para as elites • As parcerias com outras instituições são	a sentirem. E se o museu tem obras e não as circula (...) Não as põe em contacto com o público, está a falhar no seu papel” “(…) haver profissionais do museu não só ligados à arte, não só ligados à museologia (...) e à comunicação. (...) a parte da comunicação não devia ser só um técnico de comunicação porque há muitas formas de comunicação” “a parte do marketing.” “Eu acho que também devia haver uma pessoa que não fosse só ligada ao marketing (...) e à divulgação. (...) para isto acontecer eu acho que preciso de aumentar outras áreas de museus. Nomeadamente terapia ocupacional (...) Outras formações, outras especialidades, que há para tratar destes assuntos. (...) e...mudança de mentalidades, porque (...) é o principal entrave (...) não queremos que o museu mude, para mim o museu é isto (...) Também vemos sempre pessoas muito mais velhas (...) Que(...) já têm aquele cargo há muitos anos (...) eu acho que...a entrada de...sangue novo no museu ia fazer a diferença. Primeiro vai quebrar estes estereótipos todos, estes preconceitos todos... Depois (...) é aceitarmos que o museu não é um espaço só de elite, não é um espaço só para quem sabe, não é um espaço para historiadores de arte (...) Entrar em mais áreas para dentro do museu, mais pessoas, dar mais vida ao museu. E eu acho que não é só ter uma pessoa formada em turismo que vai dar uma visita guiada a um grupo de turistas, acho que é termos lá uma pessoa que...entende da área, chega lá um grupo de pessoas e diz “Ok, eu vou recebê-

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		importantes, mas ainda há muito a fazer • Para que a mentalidade dos profissionais mude, é necessário que exista uma boa liderança nesse sentido (organizar e sensibilizar a equipa, em todos os setores) • O MNMC está mais preparado do que outros museus	las, temos guiões, estamos preparados temos boa vontade acima de tudo, (...) vamos fazer a visita.” “Ou então ter parcerias com uma instituição em que seja: chegou aqui um grupo de pessoas, venham a correr. (...) Mas acho que isso ainda vai demorar uns anos (...). Por mim era aqui já agora, amanhã, agora. Mas para isso era preciso que toda a gente que trabalhasse no museu...pensasse assim e para isso era preciso haver...uma boa liderança nesse sentido. Organizar a equipa toda do museu e ter aqui técnicos e conservadores...as pessoas que estão no atendimento...às pessoas que estão lá na cafetaria ... a toda a equipa e quando eu digo toda a equipa estou a englobar toda a gente: seguranças, vigilantes, tudo...(...) Porque se tivermos uma equipa no museu formada e sensibilizada para este sentido eu acho que vai ser tão fácil! Das coisas fluírem de outra forma. Porque (...) nós damos pequenos passos, marcamos uma sessão, mas temos que a preparar porque (...) aparecesse lá de surpresa alguma coisa tinha que também...o Machado de Castro é um museu minimamente preparado, mas (...) se falarmos de outros museus, se calhar já não estão.”
	Atendimento – no espaço cultural onde exerce funções - preparação	• É necessário que exista uma preparação antes das visitas • Há profissionais que não estão habituados a receber as pessoas com DID, por não terem experiências	“(...) tem que haver sempre uma preparação (...) Às vezes, há pessoas que não estão habituadas...a lidar ou nunca tiveram uma experiência, um contacto com essas pessoas e podem ter medo de falhar. (...) como são pessoas perfeitamente normais (...) se uma pessoa aparecer, não é por o museu não ter um guião de comunicação aumentativa que não o vai receber e não vai fazer uma visita, lógico que vai.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		prévias, mas se aparecer uma pessoa com DID para uma visita, a pessoa faz a visita, mesmo que não haja um guião em comunicação aumentativa	
	-dinamização	• A sessão a que assistiu foi muito divertida e informal e as pessoas estavam à vontade (todos falaram, foram bem recebidos, estavam entre amigos) • É bom haver um limite de pessoas em cada sessão, para ser possível chegar mais às pessoas e dar atenção a todas (espaço mais acolhedor, conversa entre amigos) - assim, os profissionais do museu também conseguem comunicar melhor • A comunicação é mais eficaz com grupos mais pequenos - o público também tem a oportunidade de	“Assim não me está a ocorrer nada porque eu acho aquilo tão divertido e tão informal e tão à vontade (...) Informal no sentido de estarmos todos à vontade uns com os outros e sermos todos amigos, (...) eu vou ao museu e está lá a senhora do museu (...) a minha amiga do museu (...) pela experiência que eu tive, (...) não mudava nada porque (...) gostei mesmo dessa forma. Todos falaram. Todos tiveram o seu espaço...todos são recebidos pela euforia da Dr.ª XXX [referência a nome próprio da responsável do MNMC pelo projeto “Imagens que guiam”]” “(...) os projetos de inclusão (...) ter um limite de pessoas por cada sessão eu acho (...) que é bom. (...) Porque conseguimos chegar muito mais às pessoas, conseguimos dar muito mais atenção a toda a gente (...) e além disso como somos menos acho que fica um espaço mais acolhedor. (...) é uma conversa entre amigos. Vamos aprender uma coisa nova todos juntos e nós que estamos deste lado do museu conseguimos comunicar mais com as pessoas, de forma mais afetiva porque quando nós estamos com muita gente não conseguimos dar atenção, ficamos também um pouco desnorteados (...)”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		comunicar (passar a palavra aos visitantes – essa é a palavra mais importante e que pode fazer com que o profissional acolha novas perspectivas sobre o que está a comunicar) • O número limitado de visitantes ajuda à ligação entre as pessoas	“tendo ali um grupo limitado de pessoas, eu acho que (...) vamos conseguir transmitir a nossa mensagem e a nossa comunicação (...) vai ser mais eficaz.” “(...) tendo um número restrito de pessoas por cada sessão (...) a dinâmica é diferente. Conseguimos comunicar e também há mais espaços para quem está do outro lado também poder comunicar. Não é só nós ali do início ao fim a falar. (...) eu também acho importante passar a palavra (...) a quem nos foi visitar, a quem nos está a ouvir, a quem foi ao museu. (...) e acho que a palavra deles até é mais importante do que a nossa (...) Porque dúvidas ou pequenos comentários, qualquer coisa que eles vão dizer até nos podem pôr a pensar: “(...) De facto, nunca tinha pensado desta forma.” (...) o número limite de pessoas eu acho que ajuda muito à ligação, tanto da nossa parte como da parte deles. Acho que conseguimos comunicar melhor uns com os outros, além da mensagem que nós pretendemos transmitir, também acho que chega melhor às pessoas.”
	-pós-visitas	• Depois da realização das visitas, à semelhança do que acontece noutra projeto do MNMC, podem ser feitas reuniões pós-sessão, para reflexão da forma como a sessão correu (pontos fortes e fracos, a que é que o	“Depois das visitas realizadas, até poderemos fazer uma coisa que (...) se faz noutra projeto (...) “Eu no museu”. São as reuniões pós-sessão (...) é refletirmos como é que a sessão correu, os pontos mais fortes, os pontos mais fracos e o que podemos melhorar. Porque há sempre alguma coisa para melhorar” “E também compreender o que é que o público tomou mais atenção, o que é que já deu menos atenção (...) é uma espécie de reunião para fazermos uma reflexão depois das sessões,

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		público deu mais atenção, o que há a melhorar)	com o que correu bem, o que correu mal, o que podemos melhorar para a próxima sessão, o que é que o público não gostou. (...) esse tipo de reflexões também são importantes porque é refletindo que vamos melhorando.”
	Contributos dos profissionais das instituições de apoio	- Os profissionais das instituições de apoio são muito importantes durante a sessão (as sessões não são possíveis sem eles) - Os profissionais dos espaços culturais sabem como comunicar a obra de arte, mas não sabem o resto - Os profissionais das instituições de apoio dão pequenos contributos para o bem-estar da pessoa, para traduzir o que estão a comunicar (são uma ferramenta essencial na comunicação) - É um trabalho de equipa (sair dos cargos de cada um e pensar no público) que vai resultar muito	“(…) são muito importantes (...) para o apoio (...) do decorrer da própria sessão. Porque eu notei (...) que (...) a XXX ou que a XXX [referência a nomes próprios de duas técnicas da APPACDM de Coimbra] conseguiam (...) chamar a pessoa “Olha, ela está a dizer isto”... São (...) Uma ajuda fundamental (...) estas sessões não são possíveis sem profissionais da vossa área....porque nós sabemos como comunicar a obra de arte, agora o resto, (...) e mesmo com o bem-estar da pessoa (...) é importante estarem estas pessoas para darem (...) o pequeno clique (...) não é só para as pessoas, é principalmente para nós (...) é preciso a ajuda (...) dos profissionais destas áreas e destas instituições (...) porque eles também fazem parte da sessão (...) São uma ferramenta chave da parte da comunicação. Acho que eles trabalham connosco (...) é ...uma entreaajuda (...) Eu acho que estas instituições devem estar sempre disponíveis quando receberem algum convite do museu, alguma proposta de um projeto (...)” “(…) tem que ser visto como um trabalho em equipa (...) temos que nos despir um bocado do nosso papel de...EC1, de Catarina, nestes...projetos e é pensar no nosso público, o que é que eles precisam, o que é que eles querem (...) o trabalho do museu e o trabalho da instituição em colaboração vai resultar muito melhor do que só...a instituição (...) Vocês

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		melhor do que um trabalho isolado • O museu e a instituição de apoio têm que preparar as visitas • O papel do museu é saber comunicar com toda a gente, mas há profissionais que consideram que há riscos com esta abertura • No futuro, as instituições de apoio vão ser fundamentais para que os museus se tornem mais inclusivos (os museus vão ter que trabalhar com as instituições e as instituições vão ter que estar mais presentes - não é possível trabalhar a inclusão sem incluir uma instituição de apoio, alguém com formação específica, ou o próprio museu contratar pessoas com essa formação)	pedirem uma visita e nós dizermos tudo bem, chegarmos lá e só estarmos ali meia hora a falar e não darmos espaço para ninguém. (...) tem de ser preparado tanto da parte do museu como da parte da instituição. (...) devem estar...mente aberta e preparadas para trabalhar...e aceitar que há pessoas de outras áreas que também podem trabalhar na nossa e isso não vai tirar o lugar a ninguém. (...) o museu ainda é (...) aquele lugar de elite (...) e há muitos profissionais do museu que são contra a inclusão. (...) põem as obras de arte em risco, (...) Estão a tornar os profissionais de um museu em serviços sociais, (...) e (...) não é isso que está a acontecer (...) está a acontecer aquilo que já devia ter acontecido há muito tempo: é o museu saber comunicar com toda a gente, que é o seu papel.” “no futuro os museus como museus inclusivos....eu acho que estas instituições como a sua...vão ser fundamentais (...) vão ser os melhores amigos dos museus (...) O museu vai ter que começar a trabalhar com outras instituições e (...) estas instituições também vão começar a estar mais presentes no museu porque nós não podemos trabalhar a inclusão sem incluir uma instituição, sem incluir alguém da área, alguém com uma formação específica ou então o próprio museu começar a contratar pessoas (...) dessas áreas...para... ter lá (...) uma pessoa sempre pronta para...como agora é muito comum agora termos lá intérpretes de língua gestual portuguesa (...) Eu ache que o museu vai conseguir atingir estas áreas e acho que estas instituições...vão ser importantes

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		- Os museus não conseguem dar os passos na inclusão sozinhos (precisam de quem saiba lidar com este público) - A situação ideal é que não seja preciso marcar uma visita com antecedência, mas que a pessoa chegue e o museu esteja preparado para a receber	porque vão estar muito presentes no museu e esta mudança vai ser feita acompanhada por vocês (...) Eu acho que o museu (...) não consegue dar estes passos sozinho, precisa (...) de quem realmente sabe também como lidar, como falar, como fazer (...) Nós tratamos da parte das obras de arte e de as comunicar e de fazer com que as pessoas...exerçam a sua cidadania (...) e que usufruam daquilo que é seu. (...) os museus, espero que estejam abertos para receber sempre estas pessoas, independentemente do tipo de público que for. (...) o ideal é que não seja necessário estar a agendar (...) uma sessão e ...a ter que haver todo um planeamento e...toda uma preparação de um mês antes. É chegar lá e atender logo e receber logo e estarmos preparados. Acho que é esse o segredo.”

Código do participante: EC-2

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Habilitações académicas	- Licenciatura em História (Lisboa) - Licenciatura em História de Arte (Faculdade de Letras de Coimbra) - Mestrado em Educação Especial, domínio cognitivo-motor (ESECS – IPL) – com dissertação na	“licenciatura em História, (...) a licenciatura em História de Arte...as curriculares, pela Faculdade de Letras de Coimbra (...) a de História é por Lisboa (...) depois o mestrado pela ESECS em Leiria...do Instituto Politécnico de Leiria, em Educação Especial, domínio cognitivo-motor. Ensino especial. Com a...dissertação em comunicação aumentativa.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		área da comunicação aumentativa	
	Área de atuação profissional	• Conservadora da coleção de pintura, desenho e gravura do MNMC • Frequentou, desde sempre, formações que abordam a ligação entre os museus e os públicos (sempre teve a preocupação de partilhar o conhecimento com o público)	“vim para o (...) Museu Nacional de Machado de Castro... como conservadora da coleção de pintura (...) E, desde aí, fiquei com a coleção de Pintura, Desenho e Gravura do museu. (...) fui frequentando sempre alguns cursos ou algumas atividades que tivessem a ver com a ligação entre o contexto museológico, entre o acervo e...as coleções, os espaços e os públicos. E, nesse sentido, depois de alguns anos, a preparar e a fazer sempre dinamização do que ia estudando ao nível de investigação, (...) achei que não devia ser só eu ou os técnicos do museu ou os investigadores a terem conhecimento. Portanto, quando fazia alguma coisa sobre um assunto era sempre no sentido de que o público também soubesse.”
	Tempo de serviço no espaço cultural	• 27 anos	“vim (...) para o Museu Nacional de Machado de Castro (...) no final de 1992.”
	Experiência profissional anterior	• Trabalhou no palácio do Paço dos Duques de Bragança e Guimarães (comunicação do palácio com o exterior) – trabalho em articulação com diferentes entidades: autarquia, segurança social, escolas, instituições de apoio, etc.	“Eu comecei por atuar ao nível profissional...com a comunicação do Palácio para o exterior. Eu estava no palácio, em noventa, no Paço dos Duques de Bragança e Guimarães e estive três anos a fazer a comunicação com a autarquia, com a Segurança Social e a preparar os eventos (...) do palácio. Com serviços educativos que tinham a ver não só com as dinâmicas do palácio, mas também com as da cidade...articulado com escolas, com...colegas da Câmara e da Segurança Social...de Guimarães, neste caso, e com Cerci's, etc.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Contacto prévio com público com DID	• Projetos em que está envolvida, em parceria com outras instituições/ entidades: ○ “Eu no Museu” – público com demência ○ “Nós no Museu” – público com vulnerabilidade social ○ “Construa pontes e não barreiras” – com pessoas com DID do CAO de S. Silvestre, da APPACDM de Coimbra, em visita ao Criptopórtico • Em 2015, a APPACDM de Coimbra voltou a contactar o MMNC para a realização de visitas com público com DID e, a partir daí, tem-se desenrolado um trabalho conjunto (criação de guiões de comunicação	“já tinha feito algumas coisas com pessoas comumente ditas com demência(...) continuo a dinamizar desde 2011 o grupo de participantes do “Eu no Museu”. Entretanto, (...) tinha feito em 2013 um alargamento para (...) um outro projeto de inclusão que é o...”Nós no Museu”. (...) em 2011, no âmbito também de outro mestrado, abriu um projeto que se chama “Construa pontes e não barreiras” que esteve (...) até 2014 ativo...naquele modelo...e tinha a ver também com o CAO de São Silvestre da APPACDM...e se relacionava com um grupo específico de teatro, o “Brinkasério” que...aprendia o que é que era o tempo, através do Criptopórtico do Museu. E, desde aí, do “Construa pontes e não barreiras” começámos a ter um estreitamento maior, uma ligação mais estreita com a APPACDM...e, paralela ao “Eu no Museu”, (...) e paralela também ao tal que, em 2013, cresceu...com outra metodologia completamente diferente, que é o “Nós no Museu”, para pessoas em situação de vulnerabilidade social. (...) Sempre em parcerias. (...) No caso das Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais, que tinha nascido nesse grupozinho específico do “Brinkasério” do CAO de São Silvestre da APPACDM...Depois, em 2014, parou um bocadinho e, em 2015, inícios de 2015, fui abordada por duas técnicas...da APPACDM...que vinham entusiasmadíssimas, porque sabiam que tínhamos já feito alguma coisa...a esse nível...com os seus utentes(...) Portanto, também é um grupo institucionalizado...e vinham...solicitar uma visita, porque tinham ouvido falar do que fazíamos (...) e desde aí até hoje,

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		aumentativa como instrumento de trabalho) • Criação do projeto conjunto “Imagens que guiam” (o MNMC trabalha com as suas coleções e espaços; a APPACDM contribui com o conhecimento acerca do perfil das pessoas com DID) – o objetivo é mediar o acesso das pessoas com DID ao MNMC, para que sintam este contexto como seu • Esta experiência permitiu que confirmasse que as pessoas (qualquer pessoa) fixam as experiências quando estas se adequam a si e tornam-se melhores a partir daí)	as coisas desenvolveram-se de uma tal forma e (...) no sentido comum de que cada um sabe daquilo que trabalha, em primeiro lugar. (...) os instrumentos são os guiões de comunicação aumentativa, que (...) já tinham no CAO o nome “A Cultura também é para Nós”...e nós tínhamos o tal “Construa pontes e não barreiras”, que, junto tudo isto começou a chamar-se um outro nome, que é “Imagens que guiam”. E a “Imagens que guiam” é um trabalho conjunto e (...) não tem nem mais de um lado nem mais do outro. O que trabalha é...o Museu Nacional de Machado de Castro, com as suas características, com as suas coleções, com os seus espaços...e a APPACDM, com o conhecimento que tem dos perfis dos clientes. (...) é um projeto que enriquece ambas as partes, pelo respeito que ambas as partes têm de que o outro sabe da sua área e pelo objetivo comum que é (...) ser mediador (...) para que uma pessoa, seja ela qual for, neste caso específico, uma pessoa com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais entenda que o museu também é para ele.” “No que toca às pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (...) a experiência que eu tenho é lindíssima, (...) tenho aprendido muito e tenho sentido sobretudo...a confirmar uma coisa que eu já achava: é que...nós somos pessoas e em qualquer espaço onde vamos...se a experiência for adequada à nossa própria pessoa, qualquer um de nós a fixa...e a torna melhor.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Necessidades específicas das pessoas com DID no acesso e na fruição dos espaços culturais	Aspetos a considerar numa visita	• Em primeiro lugar, é preciso conhecer as pessoas (acesso aos perfis individuais) • Saber se a pessoa gostou ou não da experiência e porquê • Preparar para que seja uma experiência gratificante e que reforce o papel de cidadãos de todos os envolvidos • Fazer com que as pessoas sintam que participaram e que é uma experiência normal nas suas vidas • Promover um espaço de convívio, onde as pessoas se possam expressar	“há uma coisa que me interessa sempre quando eu dinamizo: é conhecê-las, em primeiro lugar...vejo sempre os perfis (...) e é saber se a pessoa, tendo ido ao museu, gostou ou não gostou e porquê...e preparo sempre no sentido de que seja uma experiência gratificante para todos nós, com alegria, num espaço que todos tenhamos a consciência que valoriza o nosso papel de cidadãos, o meu e o deles. E que...saíam de lá a sentir: “eu também participei”. (...) até é outra coisa que eu acho que, neste caso, acontece...é sentir que é uma coisa normal, como estar no CAO, durante todo o dia. Só que é um dia de festa porque não se sai do CAO todos os dias. Só por essa razão. Portanto, acho que é um espaço de convívio, em que se veem ou vivem coisas diferentes das do CAO, mas em que a pessoa pode expressar-se também.”
	Balanço geral da visita	• Fica encantada com as sessões do projeto “Imagens que guiam” • Uma das estratégias é a mimetização (muitos profissionais dos espaços culturais consideram que a mimetização só é possível	“fazer uma sessão das “Imagens que Guiam” é um encantamento verdadeiro. (...) As sessões foram em (...) três manhãs (...) dentro (...) da metodologia utilizada, uma das estratégias é exatamente a mimetização. E eu penso que a mimetização, (...) Para um técnico de museu ... o simples facto de colocar público a mimetizar só é possível, na cabeça delas em crianças, porque a criança é que está a aprender, esquecem-se de uma coisa, é que todos nós aprendemos ao

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		com crianças, mas todas as pessoas aprendem ao longo da vida e a vivência destas experiências contribui para uma recordação mais prolongada) • Nestas visitas virtuais, houve a oportunidade de vivenciar a mimetização com os diferentes envolvidos (costuma acontecer já no regresso ao CAO), o que permitiu confirmar que é uma etapa fundamental neste processo (pessoas felizes, maior consciencialização da cidadania) • É necessário dinamizar formações conjuntas que desmitifiquem a mimetização (aproximação entre equipas e recordação para a vida) • Este é um público que aprende	longo da vida. Que aquilo que nós vemos e vivemos é muito mais fácil de decorar para sempre, ou de perceber, e é nesta base que nós (...) temos estado a fazer as ... mimetizações. (...) a última etapa costuma ser em sala, já depois da visita ao museu ... a mimetização da obra de arte explorada. Acontece que, nestas sessões, como nós estávamos em direto, via online (...) com uma net nem sempre boa (...) o que ali aconteceu foi que tivemos a oportunidade única de ver as pessoas a fazer a mimetização logo a seguir. O que foi interessante a todos os níveis (...) também porque participámos nelas, vivemo-las e (...) porque (...) a equipa estava toda junta e em sequência, em contínuo a fazer isto, (...) ficou (...) com ainda maior consciência de que a mimetização é fundamental. Deixa as pessoas felizes, (...) responsáveis e permite uma maior consciencialização de cidadania. Isto para mim foi fundamental e penso que o que aconteceu ali me ajudou a entender que é necessário fazer formação com um técnico da APPACDM, (...) fazermos de uma vez por todas formação de equipas, (...) de técnicos, quer de museus quer de instituições, para pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais, mas que tenham a ver com uma coisa essencial, que é desmistificar a mimetização também. Para além das outras componentes que já tínhamos, e de que é importante a componente prática, o fazer um guião aplicá-lo com os clientes (...) no espaço museológico ... é também necessário encontrar uma fundamentação teórica que, de uma vez por todas, nos apoie a desmistificar a mimetização” (...)“É

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		É importante criar e aplicar os guiões de comunicação aumentativa no museu	importante porque ela não só consolida como estreita laços até entre equipas e, por outro lado, ela fica para a vida inteira. (...) nós estamos com um público que aprende e aprende-se a si próprio se nós tivermos coragem de usar as ferramentas para tal, (...) sobretudo em museu.”
	Necessidades identificadas e resposta às mesmas	- Não vê propriamente necessidades, vê pessoas (com dificuldades, como qualquer outra) – é necessário haver um tratamento pessoa a pessoa - O facto de ser uma visita virtual não possibilitou perceber de forma rápida algumas características das peças (não conseguiram logo perceber a dimensão da pintura, mesmo com a pessoa ao lado) - É necessário ser um facilitador e estar atento a cada pessoa (se tal acontecesse com o público em geral, seria uma experiência mais feliz para esse público – a obra de	“quando (...) falamos dessa questão das necessidades, (...) Eu só vejo pessoas. Ou seja, as dificuldades que eles sentem eu também as sinto. E é nessa medida que eu acho que nós... se estamos a trabalhar com eles, temos que os ver pessoa a pessoa. (...) a partir daí (...) as necessidades são tão fluentes para nós que se formos racionalizar sobre o assunto o que é que pode lembrar mais a necessidade de a pessoa tocar a peça e não estava ali para o fazer. Para poder visualizar a peça (...) quando eu comecei a falar, por exemplo na quarta-feira, com Montemor da Senhora da Rosa, eu fiz aquele gesto da peça ser grande e não conseguiam imaginar o quão grande ela era. Nem com a minha escala ao lado.” (...) “Só depois de insistência que vissem melhor o meu tamanho e o da peça. (...) Porque para além da dificuldade que uma ou duas pessoas possam ter tido a nível visual, que todos nós podemos ter, elas não estavam junto à peça, portanto eu não sei até que ponto é que a ver no ecrã numa parede ao longe aquilo se tornava ou não mensurável ... em termos de dificuldade da pessoa” “o que nós tentamos, e eu penso que é de uma forma natural em algumas equipas, é ... facilitar a (...) é estar atento ao outro e, se possível, a cada um dos outros. Pode-me pôr a questão: “Mas não fazemos isso com o público em geral?”. Olhe pois

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		arte como veículo de bem-estar – e era sinal de que havia profissionais suficientes para tal)	não, que pena! Porque de certeza que o público em geral era mais feliz se isso acontecesse e era bom sinal, ficavam mais felizes, era sinal que tínhamos mais técnicos para o fazer ... e entenderiam muito mais o quanto a obra de arte pode ser um bom veículo de felicidade e um bom veículo de bem-estar.”
	Usufruto dos participantes	• Na primeira visita virtual, os participantes precisaram de mais insistência por parte dos técnicos, não indo além do que lhes era solicitado • Na segunda visita virtual, apesar de terem existido problemas relacionados com a internet, os participantes não desanimaram (continuaram bem-dispostos, disponíveis e a colaborar) • Na terceira visita virtual, os participantes interagiram muito, fizeram perguntas, efetuaram escolhas – foram muito comunicativos	“na quarta [1ª visita virtual] eles (...) são educados a estar muito mais bem-comportados e tudo isso, fui puxando, eles correspondiam, mas não passavam para além do que era correspondido. Não agiam por si só.” “na quinta-feira [2ª visita virtual] nós chegámos a um ponto que tivemos que mudar para a tarde. Estava a chegar à hora de almoço e a net era teimosa, não nos fazia vontade nenhuma. (...) E aí eu tive um bocadinho (...) que as pessoas desanimassem. E foi aí que eu tive a grande lição. Não! Estavam na maior, bem-dispostos, contentes, disponíveis, colaboradores, etc.” (...) “com as dificuldades podiam já nem sequer estar motivados para depois ir” “na sexta-feira [3ª visita virtual] (...) o grupo foi muito comunicativo, ... interagiu imenso ... colocou questões ... colocou escolhas, etc.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Experiências mais significativas	• Tudo foi significativo • Os técnicos frustram muito mais facilmente do que as pessoas com DID (estas tiveram um desempenho muito bom, apesar dos problemas de internet) • O nível de intervenção do grupo da terceira visita foi extraordinário (quando uma das participantes pediu para ver Cristo crucificado e a visita foi nesse sentido; a parte em que um dos participantes disse que nunca tinha visto Nossa Senhora com Jesus na barriga, ao passar pela Virgem do Ó) – foi marcante que as pessoas pedissem para alargar os conteúdos da visita e que tenha sido possível corresponder a essas exigências • Levar tudo muito planeado e não considerar ir mais	“eu acho que significativo foi tudo (...). sendo diferentes as três sessões (...) por exemplo foi a conclusão a que eu cheguei que as frustrações são nossas e não são deles. (...) aquelas dificuldades bastante grandes que tivemos de net e a nossa responsabilidade levam-nos a ficar frustrados porque estamos a demorar muito tempo, está a chegar a hora de almoço, podem estar com fome, mas isto também nós faríamos se tivéssemos convidados em casa. Está a correu mal, a responsabilidade é minha, vai ficar tudo mal, eles não vão gostar. [risos] (...) nós estávamos a ficar muito preocupados, (...) eles foram extraordinários.” “na quinta-feira nós chegámos a um ponto que tivemos que mudar para a tarde. Estava a chegar à hora de almoço e a net era teimosa, não nos fazia vontade nenhuma. (...) E aí eu tive um bocadinho (...) que as pessoas desanimassem. E foi aí que eu tive a grande lição. Não! Estavam na maior, bem-dispostos, contentes, disponíveis, colaboradores, etc.” “outra coisa muito engraçada (...) que cada vez mais, é (...) uma lição e foi um prazer imenso. Embora eu tenha tido ... muito prazer nas duas anteriores sessões, (...) o nível de intervenção de sexta-feira foi, de facto, surpreendente. ... Já há algum tempo que temos andado a falar que era interessante serem as próprias pessoas a escolherem as peças que vão visitar ao museu.” “[na terceira visita virtual] Quando eu começo a falar da virgem com o menino (...) há uma das clientes, que me pergunta “Não tem por aí um Cristo crucificado?”. [risos] E eu

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		além, conforme a participação deste público, pode resultar numa situação em que aquilo que está previsto se torna insuficiente (foi importante levar os pigmentos das cores e as imagens de onde estavam as peças antes de estarem no museu; o guião do Retábulo de São Silvestre deveria ser revisto, para contemplar mais pormenores) • Na parte em que ocorreu uma simplificação de um elemento da obra de arte (o cálice foi chamado de copo), uma das participantes referiu que era um cálice (é importante dar explicações com diferentes níveis de dificuldade, de modo a corresponder às necessidades de cada um dos participantes)	digo “Tenho.” E vamos ver o Cristo crucificado pois está claro. Fomos ao Cristo crucificado, e então aí foi surpreendente, eu confesso que fiz de propósito, (...) eu passei do (...) tal Cristo crucificado, passei dele devagarinho ao lado pela Senhora do Ó, do mestre Pero, eu fiquei um bocadinho de perto da Senhora do Ó a ver se diziam alguma coisa. (...) e há um deles que diz “Eu nunca tinha visto a Nossa Senhora com o Jesus na barriga”. “como continuamos a desvalorizar a capacidade de interagir das pessoas ditas com dificuldades, (...) sobretudo em museus, (...) o que acontece é que “Vamos levar aquilo feitinho e chega! (...) Se a pessoa perguntar e não estivermos preparados, paciência. Também vai esquecer no momento seguinte.” Asneira! (...) Nós também não esqueceríamos. (...) o levar aquilo certinho tem que se preparar muito bem porque há sempre questões à margem (...) Na sexta-feira o que aconteceu foi que se eu não levava para o retábulo de São Silvestre os pigmentos todos, a folha de ouro (...) a imagem do palácio de onde vem a peça, etc., etc., nós tínhamos tido ali uma situação em que não chegava o que estava preparado e em que não chegava o guião. O guião, de facto, eu apercebi-me que ele tem que ser mais desenvolvido, porque quantas mais questões ou pistas o guião tiver mais fácil lhes é” “foi uma grande satisfação perceber que, por um lado era exigido mais, e do outro lado era possível avançar. (...) a interação que eles estavam a propor e a exigir ... tornou-se de tal forma em crescendo, (...) apesar das dificuldades da net,

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			porque havia momentos que não me ouviam ... levou-nos a todos nós a um grau cada vez maior de (...) abstração (...) foi muito bom!” “Outra coisa significativa. (...) foi quando eu simplifiquei demasiado e disse que o cálice que o anjo, no primeiro plano em baixo, à esquerda, no retábulo de São Silvestre, tinha na mão um copo. E o que me respondeu a XXX [referência a nome próprio]? (...)“Não é um copo. Eu costumo ouvir chamar a isso um cálice.” (...) eu aqui deparei-me com outra questão que é eu tenho que explicar isto de maneira que ela fique satisfeita, porque é um cálice, e que os outros entendam o que é um cálice, e foi fácil. Foi só dizer que era um copo da missa e está explicado. Portanto, é uma questão muitas vezes de entendimento do objeto e por outro lado de disponibilidade para ... entender o outro e rapidamente atuar.”
	Duração das visitas		
	Acesso à informação	Quando se simplifica demasiado (cálice/copo), é necessário, por vezes, disponibilizar a informação em diferentes níveis de dificuldade, para corresponder às necessidades e expectativas de todos	“quando eu simplifiquei demasiado e disse que o cálice que o anjo, no primeiro plano em baixo, à esquerda, no retábulo de São Silvestre, tinha na mão um copo. E o que me respondeu a XXX [referência a nome próprio]? (...)“Não é um copo. Eu costumo ouvir chamar a isso um cálice.” (...) eu aqui deparei-me com outra questão que é eu tenho que explicar isto de maneira que ela fique satisfeita, porque é um cálice, e que os outros entendam o que é um cálice, e foi fácil.” “Nós preparámos a sessão, como era óbvio. Para além dos guiões em comunicação aumentativa, (...) fizemos o

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		O alinhamento da sessão foi preparado, além dos guiões em comunicação aumentativa (já que os técnicos não estavam fisicamente juntos, como acontece numa sessão presencial)	alinhamento. (...) Por um lado, porque os técnicos costumam estar comigo (...) Por outro lado, ... não estavam presentes em sala e não eram os mesmos técnicos, eram novidade. (...) com os materiais de apoio, nós do lado de cá”
	Acesso ao espaço e sua fruição		
Dinâmicas utilizadas no atendimento de pessoas com DID no espaço cultural considerado	Recursos humanos - preparação dos profissionais	- A forma como o acolhimento de pessoas com DID no quotidiano do MNMC acontece varia em função das pessoas que estão na bilheteira ou na loja (em muitas situações, a participante EC-2 é chamada para orientar a visita) - As visitas “isoladas” de pessoas com DID não acontecem com muita frequência - As visitas marcadas previamente são	“Completamente desamparado...pode nem chegar a entrar [uma pessoa/um grupo de pessoas com DID]. (...) os nossos vigilantes. Mal se apercebem...Normalmente, se for uma pessoa isolada, o que acontece é, (...) dependendo da pessoa que esteja na loja ou na bilheteira do museu, há grande probabilidade, para aí com metade dos vigilantes, de eu ser chamada para fazer eu a visita. E eu vou. Posso estar com outras tarefas e não conseguir mesmo, mas tento sempre ir. (...) É de não esquecer que as visitas não são frequentes. (...) Depois, por outro lado, como as visitas são marcadas com antecedência, através do mail dos serviços educativos, a XXX [referência a nome próprio da coordenadora dos vigilantes] (...) avisa-me sempre. (...) serei eu a responder, faço o contacto logo com a instituição ou com a pessoa que a representa, mas já tem acontecido várias vezes...mais do que o contrário...que a pessoa não quer a visita acompanhada. A pessoa quer vir

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		encaminhadas para si (nessa sequência costuma sugerir o envio prévio dos guiões, mas os profissionais das instituições de apoio nem sempre aceitam essa sugestão, com medo de que lhe esteja a ser limitado o acesso aos conteúdos do museu) • Da parte do MNMC, é necessário fazer melhor a ponte para que o público se possa manifestar e dizer o que quer ver • Da parte das instituições de apoio, esta não aceitação da metodologia parece estar relacionada com a tradição de nem sempre serem bem recebidos nestes contextos • É necessário criar um diálogo entre os diferentes conhecimentos para possibilitar o surgimento	sozinha com os seus utentes (...) com muita dificuldade alguns deles aceitam que eu lhes envie logo os nossos guiões (...) por um lado, nós profissionais dos museus (...) pensamos que nós ainda não fizemos completamente a ponte, no sentido de criar condições para que o público se manifeste...diga: “eu no dia tal quero ir ao museu e quero ver estas obras desta maneira”...e a adaptação já está de base, mesmo ao nível de guiões de comunicação já está preparada e eu penso que o problema é nosso (...) Por outro lado, (...) do lado dos profissionais que convivem diretamente com este público, também...talvez por uma tradição de não serem bem recebidos e de serem deixados ao acaso dentro de um espaço cultural...nem todos estão preparados para ser bem recebidos. (...) “Vai mostrar e vai mostrar o quê? É capaz de me querer levar só para aquele ponto!”. (...) É no crescimento mútuo, no diálogo entre os vários conhecimentos que nós podemos criar alguma plataforma de...criatividade, de consciência de alguma autonomia como cidadão, para todos e para os públicos que estas instituições também recebem.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		da criatividade e da consciência da autonomia enquanto cidadão	
	Recursos materiais	- Os guiões de comunicação aumentativa são criados pelo museu e pela APPACDM de Coimbra, no projeto “Imagens que guiam” - Maleta pedagógica (os materiais aqui disponíveis não foram criados para as pessoas com DID, mas geralmente são reinterpretados para esta população – uso de diferentes tipologias de obras de arte e de técnicas – ex.: pedra de Ançã, talha dourada, pintura em tela) - Cofre nambam (reprodução de um cofre do museu, com gavetas vazias para colocar elementos que sejam do museu mas que tenham uma ligação com a	“Os guiões são guiões em comunicação aumentativa que são preparados ... pelas coordenadoras das “Imagens que Guiam” “a maleta pedagógica” “Cofre nambam. (...) é uma reprodução de um cofre nosso, da coleção, que tem as gavetas vazias, e embora ele tenha à partida um conceito que é ter o museu todo dentro, em imagens, e ter um pequeno texto a esclarecer que imagem é ... e ter basicamente passado, presente e futuro, porque era para quando o museu abrisse era levar o museu às escolas, o que nós temos feito é adequá-lo também noutras situações (...) Adequamos sempre à realidade das outras pessoas. Portanto, quando o levamos, levamos coisas que as outras pessoas, que sejam do museu, mas que tenham conexão com o que o outro faz no seu meio. Por exemplo, se a pessoa faz ... escultura no CAO, nós levamos uma pequenina escultura ou imagens de escultura que já não cabem no cofre, mas se fizerem algum bordado nós levamos um bocadinho de um têxtil de uma peça do séc. XVII ou do séc. XVIII do museu (...) usamos, para além dos guiões que foram feitos por causa deles, (...) a maleta, nós não usamos tudo o que está na maleta com o ... público do CAO. O que usámos foi ... as tipologias de obras de arte, e de suporte e de técnica... a talha dourada serviu para mostrar a folha de ouro das pinturas ou das esculturas ... Portanto, há uma reinterpretação dos materiais (...) a pedra calcária de

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		realidade de vida da pessoa – ex.: pequena escultura, bordado) • Materiais para a mimetização (exceto no caso dos instrumentos tocados pelos anjos do Retábulo de São Silvestre, são materiais que podem ser selecionados pelas instituições de apoio)	Ançã que serve para se perceber com o é que é feito a escultura (...) a pintura também em tela também serve para ver como se faz pintura em tela quando é caso disso. (...) Os materiais de mimetização são os que cada um pode angariar, exceto ... no caso (...) do retábulo de São Silvestre (...) são cinco grupos de anjos, é natural que se tenha de fazer alguma ferramenta quando temos anjos músicos. Portanto fez-se aquelas harpazinhas, os violinos, a flauta, (...) e o cálice e o cordeiro para poder ... usar como atributo. (...)”
	Estratégias para a fruição cultural	• Mimetização (assumir um papel, apoiando-se no papel de outro, o que facilita a interpretação; esta atividade dá prazer às pessoas, também pelo facto de ser feito em grupo – agir enquanto sociedade) • Os guiões são, em algumas situações, trabalhados de forma prévia em contexto de CAO, mas o fator surpresa pode facilitar a decoberta da obra de arte, que é uma das estratégias utilizadas	“a mimetização (...) é o prazer de qualquer ser, todas as artes são aliciantes. (...) E eu penso que a música e o teatro são as mais aliciantes para qualquer ser humano. Porque estamos a fazer um papel, e cada um de nós gosta muito de fazer papéis. Podemos às vezes ser mais ou menos envergonhados, mas gostaríamos de fazer, nem que seja cantar na casa de banho, no chuveiro. Portanto, o que aqui acontece quando nós permitimos à pessoa que assuma um papel que, neste caso, está escudado no imitar aquela representação. (...) não é ela que está... a tomar para si um papel ou (...) a inventá-lo na hora, está-se a apoiar, portanto, está a fazer verdadeiramente o papel do outro, que é mais fácil. (...) não só os materiais permitem que a pessoa esteja a incorporar aquele outro papel que lhe dá algum prazer, obviamente, senão também não o fazia. Como, por outro lado, lhe dá o gozo de fazer em conjunto. Porque, mesmo a distribuição de papéis (...) “Então,

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• Interação e descoberta pela própria pessoa (a pessoa ter alguém a apoiá-la nessa descoberta, mas sentir que é sua torna a experiência mais significativa) – colocando questões, obtendo respostas e avançando para perguntas que apontam para níveis mais avançados • Fazer o contraponto com outros objetos, quando possível, para ajudar a consolidar as ideias • Ir ao sabor das respostas, sem perder o fio condutor • Relacionar os elementos da visita com o cotidiano/ as vivências/ o perfil das pessoas • Possibilitar a escolha das peças para a construção de guiões em comunicação aumentativa (ouvir as	mas agora falta uma touca, mas agora falta não sei o quê”. Estávamos na maior! Porque não é costume também colaborarmos (...) Foi uma experiência também significativa para nós.” (...) “E depois (...) é o trabalhar em grupo... é o agir e é o controlar-se a si próprio também como uma sociedade o faz.” “embora nós saibamos que nos CAO’s se trabalha antes os guiões, (...) o fator surpresa pode ajudar... a descobrir a obra de arte, a discutir e a pensar sobre ela. Isto é uma coisa que ainda não está completamente ... também ...calibrada. Porque nós temos estado sempre a fazer com a ... preparação. (...) Porque a descoberta perante a própria obra de arte é uma das estratégias que eu uso. (...) a outra estratégia é claramente a interação e a descoberta pelo próprio. Perante a obra de arte, (...) Quando perante uma coisa estiver alguém a apoiar-nos a descobri-la, mas nós soubermos que somos nós ... a vivência de sermos nós a fazê-lo com o apoio de um outro torna a experiência mais significativa. E é isso mesmo que nós fazemos. É a interação da descoberta perante a obra de arte e colocando perguntas... que normalmente são obtidas respostas, respostas que levam para outras perguntas e para níveis mais difíceis (...) e por outro lado ... a estratégia é ... fazer sempre contraponto, sempre que possível, com outros objetos que sejam diferentes para consolidar a ideia. (...) outra das estratégias é ir ao sabor da resposta. Não perder o fio, não perder o guião mas seguir sempre as respostas e por seguir sempre as respostas é que se viu o que aconteceu na sexta-

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		opiniões e escolhas das pessoas com DID) • Aumentar o conteúdo de alguns dos guiões de comunicação aumentativa	feira, fomos parar a outro lado do museu [risos] a ver outra obra de arte que nada tinha a ver com o assunto.” “A relação com o quotidiano da pessoa (...) e com o seu perfil. (...) chamar sempre para as vivências das pessoas.” “Eu penso que uma nova estratégia é (...) propormos mesmo que tenham a possibilidade de ver o museu, (...) tentar perceber se (...) ajuda para escolherem eles próprios as peças para os guiões. As peças, os conteúdos, os monumentos, os espaços, etc. Isso eu acho que é uma nova estratégia que nós podemos implementar que é (...) Ouvi-los nas suas escolhas. Nós vimos que é possível agora passar a essa fase. (...) “ “os guiões têm que permitir ainda mais um bocadinho, ser um bocadinho mais longos (...) senti claramente isso no retábulo de São Silvestre...”
Fruição cultural	Para as pessoas em geral	• A fruição cultural permite a inserção numa comunidade (o acesso a um espaço cultural onde sejamos bem tratados torna mais fácil exigir alguns direitos) • Existe uma aprendizagem da matriz cultural que se relaciona com a consciência de se ser cidadão (a pessoa sente-se mais confortável consigo	“Isto serve para nos inserirmos numa comunidade em que não somos só nós. (...) se tivermos acesso a um espaço cultural em que nos sintamos bem tratados como pessoas, é muito mais fácil (...) exigirmos alguns direitos, porque também aprendemos a matriz cultural...não é só que é muito lindo! (...) E esta consciência como cidadão não só leva a que cada um se sinta mais confortável consigo, que possa exigir os seus direitos e se sinta igual às outras pessoas (...) e finalmente que possa sentir-se parte , porque é isso que se quer...é que todos nós nos sintamos parte de uma comunidade que é mais alargada. (...) a consciência do grupo e da convivência do grupo e da pertença a um grupo (...) saber que (...) as obras do museu já foram usadas por outros, criadas... um banco, por

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		própria e sente que tem os mesmos direitos das outras pessoas – a pertença a um grupo) • O entendimento de que existe uma identidade cultural (existem objetos do quotidiano que podem estar presentes em museus – o sentimento de pertença como cidadãos a um país)	exemplo, é construído para sentar, pela própria pessoa, mas ela faz ao seu jeito, não é uma obra de arte. Mas também temos cadeiras de cabedal com ferragens, do século XVII que eram feitas para as pessoas se sentarem. Ora, tudo isso faz parte da nossa identidade cultural, portanto, junta-se a consciência do grupo restrito, com a consciência de um grupo mais lato a que pertencemos como cidadãos, como pessoas, de um país.”
	Para as pessoas com DID	• A fruição cultural não é diferente para as pessoas com DID	“perentoriamente não!” [se o papel da fruição cultural é diferente no caso das pessoas com DID]
	Diferenças nas pessoas com DID	• Não há diferenças nas pessoas com DID, os espaços culturais é que não estão habituados a este atendimento • Quanto mais natural for a participação das pessoas com DID nestes contextos, mais se percebe que não há diferenças entre as pessoas	“não há diferenças. O que há é...os espaços culturais não estão habituados” “quanto mais for natural as pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais frequentarem estes espaços, mais nos vamos nós dando conta de que não há diferenças entre as pessoas. Há sim (...) uma adaptação...nós também a fazemos em relação a todos nós. (...) há que ter algum cuidado, mas é um cuidado que temos com todos nós.” “no fundo, o que é que nós somos? Pessoas. (...) Todos nós. Cada um com as suas características (...) o que se pode ajustar no contexto museológico tem sempre a ver com o diálogo com uma pessoa e com um grupo de pessoas, dentro da sua

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• É necessário que exista uma adaptação, mas esta acontece com todas as pessoas (está relacionada com o diálogo com as pessoas, dentro das suas circunstâncias e à sua medida) • Qualquer que seja o seu nível de funcionalidade, as pessoas precisam de experienciar alguma emoção no contacto com as obras de arte, por isso, antes de mais, é importante dar à pessoa o que ela quer e depois fornecer outros mecanismos que lhe permitam obter novas perspetivas • As pessoas em geral querem fruir, dialogar, estar em relação com o outro (a identidade cultural está relacionada com isso)	própria circunstância e à sua medida, como faríamos para nós próprios.” “depende dos recursos para cada pessoa. Eu não consigo ver do ponto de vista de maior dificuldade ou não. Consigo ver segundo as características de cada pessoa. (...) eu posso ter um professor universitário em visita a um museu e ter uma experiência que para ele exija, na sua cabeça, que eu lhe diga coisas tecnicamente muito difíceis (...) e que não lhe interesse nada se a Nossa Senhora está com um ar contido ou não, ou com alegria ou com alguma emoção representada. Ora, o meu papel será, em primeiro lugar, aceder às necessidades do senhor, porque ele só é feliz se eu responder segundo a sua necessidade. Só que eu também já sei que, enquanto ser humano, ele precisa, já de uma forma a outro nível, em segunda instância, que lhe seja dada alguma emoção...que (...) pode nem reconhecer. (...) é (...) neste diálogo de percurso de visita e de entendimento do outro que primeiro damos o que a pessoa quer, mas depois vamos fornecendo outros mecanismos que possibilitem criar outras perspetivas. (...) Ora nós...ditos comuns mortais, não queremos nada ter um papel, queremos é fruir e dialogar e estar com os outros. E é disto que trata a vida e que deve tratar a nossa identidade cultural.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Mudanças necessárias para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural das pessoas com DID	Atendimento – nos espaços culturais em geral	• Os espaços culturais ainda não estão muito voltados para o diálogo com os seus públicos • Durante muitos anos, a cultura era apenas dirigida às elites, não era para todos • Existia uma tendência para escolher logo à partida o que se ia apresentar num determinado serviço (ex.: para crianças) • As pessoas têm o direito de conhecer o que existe nos espaços culturais (podem fazê-lo através da internet e em visitas) e depois escolher o que querem ver/ aprender a partir daí • O público em geral não costuma ter alguns dos instrumentos/materiais de acesso e reinterpretação das obras de arte que estão disponíveis para públicos com algum tipo de	“Os espaços culturais não estão, de modo nenhum...por tradição...um espaço museológico é um espaço onde a pessoa, como diz o nosso Guarda-chaves, o Ricardo Kalash, enquanto Guarda-chaves, um espaço cultural é um sítio onde uma pessoa entra muda e sai calada. E durante muitos anos, (...)geralmente os diretores eram professores das universidades (...) a cultura para eles era uma cultura de...interessados, de elite (...). Não era a cultura do povo, (...) no sentido de todos os cidadãos (...). Era uma cultura em que era prestado ao povo o favor de lhes ensinar o que é que era a nossa matriz cultural.” “O que era padrão era...prepara-se um serviço para crianças...pomos esta peça, aquela, aquela e aquela...e vamos ensinar isto, aquilo e aquilo. (...) acho que qualquer utente, qualquer fruidor de um espaço cultural (...) tem de ter, o direito de...primeiro, obviamente, conhecer (...) através das redes sociais, se for possível, (...) dos websites, conhece através de umas primeiras visitas...se for possível. É desejável. E depois pode ele próprio escolher o que é que quer tratar.” “muitas vezes ponho esta questão: nós estaremos a incluir públicos com diferentes dificuldades, mas públicos que são um nicho, descurando o público em geral? (...) Porque o público em geral não tem alguns dos instrumentos e alguns dos materiais de acesso e de reinterpretação e de apoio para a reinterpretação da obra de arte que têm estes públicos (...) com algumas dificuldades ou em situação de vulnerabilidade social (...) vamos ter que caminhar para uma situação (...) e

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		dificuldade ou em situação de vulnerabilidade social • É necessário caminhar para a formação de profissionais de instituições de apoio, para que possam interagir à vontade nestes contextos com os públicos com quem trabalham (e, mais tarde, criar mecanismos para que o público em geral também possa utilizar os recursos criados) • Os recursos humanos dos museus ainda são muito reduzidos a este nível (existem poucos técnicos sensibilizados para estas questões, incluindo no que diz respeito à adequação do discurso) • Um museu é um espaço ideal para o diálogo com o outro, a partir da obra de arte (existe uma maior libertação da criatividade e, assim, a pessoa sente-se	estamos a tentar fazê-lo também no “Imagens que guiam”, em que sejam formados os profissionais que lidam com os grupos institucionalizados de pessoas, aos diferentes níveis. E que esses profissionais possam ter ferramentas, (...) colocar questões, (...) ser envolvidos (...), de modo que eles próprios, porque conhecem o seu público, saibam o que é que querem do museu e lhes seja possível interagir à vontade das pessoas com quem estão. E, noutra medida, também é possível mais tarde...nós criarmos alguns mecanismos que o público em geral também use.” “o que nós tivermos disponível para estes públicos é garantidamente usado pelo público em geral. (...) Tornando estes recursos aumentativos (...) mais adequados aos públicos (...) e aí já estamos a falar (...) De uma globalidade, que depois ao nível dos recursos humanos tem de ser trabalhada (...) não só ao nível interno dos museus...que, quanto a mim, continuam muito reduzidos quanto a este caminho...só temos dois ou três técnicos...num universo de seis, sete técnicos, temos um sensibilizado para a questão. (...) Porque ainda não foi feito um trabalho nesse sentido.(...) E porque ainda se continua na velha esteira que (...) é (...) muito erudito estar-se no museu, trabalhar-se no museu e usar-se linguagem tão intelectual que ninguém perceba.” “o museu é um dos espaços ideais para nós estarmos a comunicar, a falar e a tentar perceber o que é que o outro vê, o que é que o outro sente quando olha para ali. (...) Porque uma obra de arte possibilita (...) uma maior libertação da

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		mais confortável – pode ser importante ter mesmo à disposição uma cadeira para poder desfrutar melhor da obra) • As pessoas só se deixam cativar pela beleza de uma obra de arte e por outra pessoa se se sentirem confortáveis consigo próprias • O modo como as obras são apresentadas também ajuda (num museu de arte contemporânea, as obras podem ser reinterpretadas de uma forma mais intuitiva; num museu de arte antiga, é necessário fazer a ponte com a matriz cultural – ex.: pensar na nossa mãe ao ver Nossa Senhora com Jesus ao colo – facilitando o desenvolvimento de alguns conhecimentos a partir da sua própria realidade)	criatividade e, posto isto, a pessoa também se sente muito mais confortável. (...) se acrescido a isso, existir um banco ou uma cadeira para cada um, em que se esteja a gozar uma obra de arte sentadinho a olhar para ela, melhor ainda. Mas isto não se aplica só às pessoas com necessidades...intelectuais e desenvolvimentais...ou com dificuldades. Aplica-se a todos nós. (...) Nós só estamos a olhar para uma obra de arte, só nos deixamos apanhar pelo belo, e até pelo outro, quando estivermos confortáveis connosco próprios. Uma cadeira é um dos instrumentos ótimos para isso. E, depois, claro, é a informação...o modo como as obras estão dispostas. Obviamente que, num museu de arte antiga, é um bocadinho mais difícil de o fazer que num museu de arte contemporânea. Enquanto que, num museu de arte contemporânea, as obras podem ser reinterpretadas de uma forma até intuitiva (...) No caso da arte antiga, é necessário fazer ali uma certa ponte, (...) que resulta (...) na matriz cultural. E como resulta nessa matriz cultural, todos podemos ir buscar...por exemplo, eu estou a ver o caso de uma Nossa Senhora com o menino ao colo...é muito fácil fazer a ponte com a mãe de cada um de nós. (...) Uma Santa Inês, que tem o cordeirinho aos pés, é muito fácil falar dos pastores. E falar de ovelhas, e falar de cabras e falar de tudo aquilo que nós conhecemos no nosso meio (...) obviamente, não se consegue pedir à pessoa que invente...mas consegue-se (...) facilitar que a pessoa desenvolva alguns conhecimentos que também tem do seu próprio espaço e da sua própria convivência, quer com o

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• É essencial o diálogo com os profissionais das instituições de apoio (porque conhecem a condição de cada pessoa e isso ajuda a ajustar a atuação ao longo da visita, respeitando os visitantes) • É importante haver uma formação contínua de todos os envolvidos (incluindo formações no âmbito do projeto “Imagens que guiam”, para sensibilizar as pessoas de que a reinterpretação da obra de arte é algo que nos liga ao nosso quotidiano) • Era bom que existissem aplicações para telemóvel (com QR code) para aceder à informação à medida de cada um, com espaço para fazer a sua própria reinterpretação da obra de arte)	familiar que a rodeia, quer com a instituição onde vai nos tempos livres (...) é neste diálogo constante e conhecendo também, através dos técnicos que com eles trabalham, a história de vida, o perfil, ou seja, as condições em que a pessoa gosta mais de estar, aquele que é o seu modo de ver a vida. Por exemplo, eu não vou ter junto de uma pessoa que não quer falar...estar sempre a insistir se ela está em sala. Não insisto, mas tento que ela também dialogue (...) É neste compromisso com o que nós próprios somos. E, no fundo, o que é que nós somos? Pessoas. (...) Todos nós. Cada um com as suas características (...) o que se pode ajustar no contexto museológico tem sempre a ver com o diálogo com uma pessoa e com um grupo de pessoas, dentro da sua própria circunstância e à sua medida, como faríamos para nós próprios.” “[o que é necessário mudar] a formação contínua de todos nós. Eu acho que ainda falta algum tempo (...) estas formações como a “Imagens que guiam” e outras que teremos de fazer, o conjunto destes profissionais destas áreas, (...) devemos fazê-las para sensibilizar as pessoas e para cada vez ser mais natural reinterpretar obras de arte. (...) entender as obras de arte não como um bicho papão, mas como aquele testemunho que se liga com o nosso dia-a-dia e (...) com várias necessidades de representação que o ser humano tem. (...) dentro dos museus, era bom se, um dia destes, nós pudéssemos ter (...) mesmo em apps dos próprios telemóveis, com o QR code, a pessoa ter a possibilidade de chegar a uma

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		Se os profissionais que atendem nos espaços culturais não estiverem sensibilizados, existe uma barreira que não deveria existir porque somos todos pessoas (quanto maior a formação, maior entendimento – mais do que ter muito bibliografia, o importante é perceber como se deve comportar perante outra pessoa, de modo a que ela se sinta feliz neste contexto e ganhe uma maior consciência de si própria)	obra de arte, clica no QR code..ou ela ou o terapeuta com quem está...e vê, ao seu ritmo, segundo a sua necessidade e a sua condição...a possibilidade de uma reinterpretação de obra de arte que lhe dê espaço para também fazer a sua própria. Isto é o ideal. Mas, é preciso não esquecermos que estamos com pessoas e, num balcão de um museu, se, à partida, não está quem já esteja sensibilizado, (...) há sempre ali uma barreira...humana, efetiva, o que não se pretende. (...) porque estamos a falar de pessoas iguais às outras pessoas. (...) quanto maior formação for a dos profissionais dos museus, mais fluência de entendimento há para todos. (...) É usar o pessoal que já está sensibilizado e que pode proporcionar uma visita...sobretudo uma visita aqui...mais calma e mais ao ritmo de cada um.” “bibliografia é muito importante, mas é depois de a pessoa saber que tem que se comportar como ser humano perante outros seres humanos. E, se tivermos regras mínimas, nós estamos aptos para receber qualquer pessoa e, muitas vezes, fazê-la mais feliz em museus e com a consciência de si própria, enquanto pessoa, do que muitas bibliografias lidas e nada de vida vivida.”
	Atendimento – no espaço cultural onde exerce funções - preparação	As profissionais do CAO de São Silvestre da APPACDM de Coimbra têm acesso ao conhecimento sobre a obra de arte através de tudo o que existe sobre ela e	“no caso das “Imagens que guiam”, (...) as técnicas do CAO de São Silvestre têm conhecimento da obra de arte, através de tudo o que já foi produzido sobre ela...e também do seu contexto, em que zona é que está no museu”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		através da sua contextualização no espaço do museu (o MNMC fornece esse material)	
	-dinamização	• Encontram-se novos pontos de diálogo, em que se pretende que exista uma maior interação entre as diferentes partes (público com DID, profissionais, obra de arte) • Os guiões de comunicação aumentativa são usados durante as visitas	“o que nós encontramos sempre é novos pontos de diálogo, (...) em que se possa quer a obra de arte, quer os profissionais, quer o público a que se destina terem uma interação maior. Mas, para que isso aconteça, é necessário também...que os guiões que nós criamos sejam não só na própria instituição (...) Como, em sala, quando estamos no museu”
	-pós-visitas	• A mimetização é algo extraordinário (a informação é melhor memorizada, existe uma maior aprendizagem e é possível avançar para outras etapas)	“uma coisa extraordinária que são as mimetizações. (...) estão a imitar, só que tanta pessoa dita normativa gostaria de o fazer e não pode, por alguns dos mecanismos sociais que lhes são impostos. E qualquer um de nós, ao tomar a posição do outro e o imitar... se imitar a obra de arte fixa muito mais e aprende com ela. E pode avançar para o passo seguinte.”
	Contributos dos profissionais das instituições de apoio	• Promover uma formação conjunta dirigida a profissionais de diferentes áreas • O museu tem a obrigação de fazer uma maior	“o papel dos técnicos, eu continuo a achar que é de uma formação conjunta, quer do profissional de Museologia, do conservador ou mesmo das pessoas (...) que trabalhem a área da educação para todos. (...) É sempre um fator de crescimento conhecer o que é que o outro faz. Por outro lado, também temos nós a obrigação...dos museus...de fazer

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		divulgação junto destes profissionais (para dar a conhecer a oferta cultural e o seu papel no reconhecimento da autonomia dos cidadãos – convidar a visitar, divulgar, criar ações de formação regulares) • As profissionais da APPACDM de Coimbra já dinamizaram, em conjunto com o MNMC, duas sessões de formação nesta área • É essencial o diálogo com os profissionais das instituições de apoio (porque conhecem a condição de cada pessoa e isso ajuda a ajustar a atuação ao longo da visita, respeitando os visitantes)	formação (...) e divulgação maior juntos destes públicos, destes profissionais, para que não só saibam o que temos para dar, em que medida é que a obra de arte pode propiciar melhores condições (...) melhor reconhecimento da autonomia, como de autonomia cidadã...e até grupal (...) convidando a ir, divulgando e criando ações de formação constantes, como por exemplo nós, no caso do “Imagens que guiam”, fazemos formação para profissionais do setor do acompanhamento de pessoas com dificuldade intelectual e desenvolvimental. (...) já fizemos duas sessões” “conhecendo também, através dos técnicos que com eles trabalham, a história de vida, o perfil, ou seja, as condições em que a pessoa gosta mais de estar, aquele que é o seu modo de ver a vida.”

Código do participante: EC-3

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Caracterização dos participantes	Habilitações académicas	Licenciatura em Ciências da Educação	“Sou licenciada em Ciências da Educação.”
	Área de atuação profissional	Responsável pelo Projeto Educativo e Mediação de Públicos	“Eu sou responsável pelo Projeto Educativo e Mediação de Públicos.”
	Tempo de serviço no espaço cultural	4 anos	“Desde 2016...”
	Experiência profissional anterior	Trabalhou no projeto “Novas Oportunidades” (trabalho com população adulta)	“Antes trabalhei em “Novas oportunidades”, portanto, trabalhei sempre muito com população de adultos.”
	Contacto prévio com público com DID	• Durante o curso e no trabalho anterior • As pessoas com DID são muito especiais, não têm filtros (mais diretas, pelo que é necessário trabalhar com sinceridade), respeitam muito os profissionais dos espaços culturais (têm a noção do outro)	“mesmo quando dei a formação de adultos, tive também contacto, sim. E durante o meu curso. Tínhamos educação especial (...) essas valências e, portanto, tive contacto com este público.” “estas pessoas...com dificuldades intelectuais...são pessoas muito especiais...muito sem filtros e...um bocadinho quase como aos idosos. Eu comparo muito isso com a educação de adultos...sem filtros, ou seja, eles são muito mais diretos, com aquilo que têm a dizer...mais até do que as crianças...(...) Porque isto de não ter filtros, dizerem aquilo que lhes vem à cabeça...obriga-nos realmente a trabalhar com sinceridade [risos] e...a tratá-los com respeito (...) Até porque eles também têm muito respeito para connosco. Isso é muito engraçado ver. São pessoas que têm mesmo esta noção do outro e da pessoa que está a transmitir alguma coisa...um grande

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			respeito...alguém com algum saber e com quem eles estão a aprender. Isso é muito bom.”
Necessidades específicas das pessoas com DID no acesso e na fruição dos espaços culturais	Aspetos a considerar numa visita	• Depende da pessoa que está a atender (faz a ponte com o que é apresentado e consegue adequar a programação a este público) • No caso de pessoas com outro tipo de deficiência, é necessária uma maior preparação dos espaços • No Convento, não há sessões especiais para estas pessoas (são público) • É necessário haver um contacto prévio com os acompanhantes (educadoras, terapeutas), porque são estas as pessoas que conhecem melhor as pessoas com DID e podem ajudar na escolha da forma de exploração das ofertas culturais	“...eu acho que, no Convento, tudo depende da pessoa que os recebe... e essa pessoa faz a ponte para aquilo que é apresentado, quer seja um espetáculo, quer seja uma exposição, para estas pessoas. (...) porque, por exemplo, para outras pessoas, como sejam pessoas cegas, aí já é diferente. E aí, se calhar, provavelmente, é preciso estudarmos algumas coisas no espaço, por forma a que estas pessoas sejam mais integradas. Com este grupo de pessoas, eu penso que o próprio mediador, a própria pessoa que os acompanha faz essa ponte e que consegue adequar qualquer uma da programação a eles. Por isso é que nós não temos sessões especiais...qualquer sessão, eles podem assistir como público, porque são público!” [o que é necessário ter em consideração] “ter primeiro o contacto com as pessoas que os vão acompanhar, portanto, com as educadoras, com as terapeutas. E perceber de que forma é que podemos trabalhar cada uma das valências que vamos apresentar. Isso é fundamental! Porque elas conhecem-nos e percebem logo de que forma é que podemos explorar determinada oferta que temos no nosso Convento. É isso que tem sido a prática.”
	Balanço geral da visita	• Queria que tivesse sido presencial (para ver as	“tive muita pena que não fosse presencial. Porque conseguir ver em cada um deles e no rosto a forma como estão a

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		reações, as expressões das pessoas com DID, como estavam a desfrutar) - Foi muito difícil transmitir os estímulos (mas foi engraçado para as pessoas com DID – no primeiro equipamento, ver pelo telemóvel permitiu ver melhor) - A utilização da máscara pelos participantes dificultou a compreensão do que diziam	usufruir daquilo que lhes está a ser mostrado é outra coisa. E este tipo de exposição em particular, porque é muito sensorial e tem muito a questão do ouvir e a questão do ver (...) foi muito difícil para mim e para a XXX [referência a nome próprio]...ou seja, tentar passar tudo o que é aquele estímulo que ali está naquele espaço expositivo. (...) mas eu penso que, para eles, foi engraçado, até porque logo a primeira coisa que nós mostramos, que são as caixinhas, eles conseguem ter uma melhor perceção do que está dentro de cada uma delas, porque a câmara vai mesmo até lá dentro, e conseguem ver todo o mecanismo, do que nós que estamos de fora...isso nós percebemos que era interessante. Claro que houve coisas que...o facto de eles estarem com a máscara e nós não conseguirmos ouvir muito bem, mas pronto, tem a ver com aquilo que vivemos atualmente e é o possível.”
	Necessidades identificadas e resposta às mesmas	Nada a assinalar (expectativas superadas – as pessoas com DID estiveram muito atentas, faziam perguntas e interagiam)	“Não [identificou necessidades nas pessoas com DID], (...) aliás, superou as minhas expectativas, porque eles, de facto, estiveram muito atentos. Mesmo à distância, sendo uma exposição como aquela, que é preciso ouvir bem e estar a ver as coisas, eles estiveram sempre muito atentos e questionavam e interagiam”
	Usufruto dos participantes	- Espera que tenha corrido bem - Gostaram (fizeram perguntas, estavam interessados)	“Eu espero que bem. A ideia com que fiquei é que eles gostaram, porque colocavam questões, porque estavam interessados. Depois, era tudo muito diferente umas coisas das outras...eu acho que isso também os motivou...é como digo: fiquei surpreendida com a reação...assim à distância. Também foi a primeira vez que nós fizemos uma visita virtual!”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		• A exploração de diferentes equipamentos contribuiu para a sua motivação • Fizeram comentários interessantes (tarola) • Alguns participantes começaram a dançar	“havia um grupo...foi o de Arganil...era engraçado porque, quando eles começaram com as apresentações, eu vi que havia ali grandes dificuldades nalguns...e depois fiquei muito surpreendida com os comentários que faziam dos objetos. Que aquela moça, quando disse que aquilo era uma tarola, era exatamente uma tarola! Não era uma caixa, era uma mesmo uma tarola! Mas foi tão engraçado, ela assim: “é uma tarola!” e eu até comentei em casa, o XXX [referência a nome próprio] é músico...”Vê lá tu que identificaram aquilo como uma tarola!” “Eu percebi que eles gostaram, eles começaram logo a dançar [grupo de Arganil]. Os de Montemor também houve uma que começou.”
	Experiências mais significativas	• Perceber como as coisas funcionam e pô-las a funcionar • Uso de objetos do quotidiano (fator de interesse)	“perceber (...) como é que as coisas funcionam. Pô-las a funcionar. (...) ainda para mais, esta exposição que era com objetos que podiam ser do quotidiano...perceber que aquilo podia resultar numa peça daquelas e que era engraçado o resultado. (...) eu acho que eram assim coisas tão orgânicas e tão comuns que eu acho que isso pode ter sido um fator de interesse.”
	Duração das visitas	• Adequada (não é igual a uma visita presencial, onde se pode mexer nos equipamentos)	“senti que foi o adequado. (...) não é a mesma coisa que estar num espaço físico. Eu acho que aquele tempo é o tempo ideal. É quase como ver um documentário ou uma aula...tem de ter aquele tempo. Uma coisa é ver e usufruir, outra coisa é tu seres o espetador. És passivo, ou seja, não pode mexer. Naquele caso, podes interagir e falar e perguntar, mas não

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			podes mexer, portanto acho que (...) para aquele tipo de exposição, acho que foi o tempo ideal.”
	Acesso à informação	• Teve sempre a preocupação de que entendessem o que estava a dizer (escolha de termos mais simples) • Falou como costuma falar com as pessoas em geral	“tive sempre receios se estaria a fazer-me entender, se eles estariam a perceber. Muitas vezes, dava por mim a pensar: Eu usei este termo. Será que eles perceberam? Se calhar, não devia usar este termo. Mas eu falei com eles (...) como falo! Se via que alguma palavra podia ser de mais difícil entendimento, eu depois voltava...mas é a mesma coisa, é como quando eu recebo os miúdos da escola...tento sempre adequar a linguagem. E ali foi a mesma coisa. Espero é que eles tenham entendido”
	Acesso ao espaço e sua fruição	• Feedback muito positivo (muito interesse) • Espera que tenham ficado com vontade de ir ao Convento (se assim for, é um ganho) • Queria que as pessoas que nunca visitaram o Convento ficassem a saber que é um espaço grande • Podia ter feito uma contextualização do espaço, mas achou melhor partir para a exposição, por causa do tempo da visita	“O feedback foi sempre tão positivo...eles estavam sempre tão interessados...eu penso que bem! Eu espero que eles tenham ficado com vontade de ir lá.” “Tive pena, principalmente para aqueles que nunca foram ao Convento, perceberem que grande é aquele espaço. Se calhar, podia ter explicado o que é que era aquele espaço, também podia ter feito uma contextualização. Só que o tempo também...eu acho que tínhamos que partir para a exposição. Eu acho que, acima de tudo, se eles ficarem com vontade de ir, para mim isso já é meio caminho andado. Isso é que é fundamental, não ficar ali só como espetador. Dizer: ok, eu tenho mesmo vontade. Quero ir ver aquilo! Pronto, isso é um ganho já.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
Dinâmicas utilizadas no atendimento de pessoas com DID no espaço cultural considerado	Recursos humanos - preparação dos profissionais	• Parte dos próprios profissionais • A formação de base dos profissionais • Aprendizagem pela experiência com os grupos (as pessoas com DID também estão a ganhar hábitos, a saber estar) • Fez uma formação sobre comunicação acessível no MNMC (para saber o que era feito noutros espaços culturais), por iniciativa própria • Tenta sempre estar presente nas visitas com este público (nem que seja só numa parte) • As visitas são marcadas previamente (geralmente em contexto institucional), mas há pessoas com DID que começam a frequentar com as famílias, de forma pontual	“isso já vem um bocadinho de nós. Eu tenho o curso de Ciências da Educação, (...)a minha área foi sempre a educação de adultos, mas tenho alguma sensibilidade para estas questões porque estudei (...) e eu acho que tem de ser um bocadinho ir aprendendo com os grupos que nos chegam (...) Vocês têm sido espetadores regulares...e eu sinto (...) que eles estão a ganhar hábitos” “Fiz uma vez uma [formação]. Fiz uma vez aquela no Museu Machado de Castro! (...) Senti a necessidade, sobretudo, de saber o que os outros espaços estão a fazer, como é que os outros espaço acolhem.” (...) “Uma iniciativa minha.” “Nós vamo-nos revezando, eu tento estar sempre, (...) e sobretudo com estes grupos, (...) nem que seja só no acolhimento, especialmente se é uma coisa mais plástica, que a XXX [referência a nome próprio], ela veio das Belas Artes, e se é uma coisa mais prática para fazer, para estar com eles. Mas eu tento sempre fazer esse acolhimento porque eu sei que muitos deles já me conhecem, e agora também já começam a conhecer a XXX [referência a nome próprio], e eu faço isso, mas eu não faço só com este público, eu faço com todos.” “Acabam sempre por ser marcadas [as visitas]. Agora se me perguntas se vêm em espetáculos para o público em geral, se costumamos ter? Não. Já vimos alguns deles a virem com familiares, achamos isso maravilhoso. Mas... que a família tome a iniciativa, que vão ... normalmente vão com a instituição.”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	Recursos materiais	• Mostrou a exposição (considera que não deveria mostrar mais nada, porque seria falsear os conteúdos transmitidos pelo artista)	“Mostrei o que estava, não adiantava mostrar mais nada.” “tinha que trabalhar com aquilo que estava na exposição, (...) até porque isso era um bocadinho falsear... para aquele tipo de exposição... eu tinha que trabalhar com os conteúdos do artista, porque era a instalação que lá estava, não podia ir para além disso.”
	Estratégias para a fruição cultural	• Aproximou-se de um equipamento e manuseou-o para que percebessem o material de que era feito (antes de carregar nos botões) • Pensou em pedir para que cada participante escolhesse um dos botões de um equipamento, mas depois achou que não resultava • Mostrou os mecanismos e foi além do que interessa às pessoas que visitam presencialmente (perceber como funciona, que som faz – para a motivação dos participantes)	“Naquela da distorção geométrica, para eles perceberem o material que é, eu aproximei-me dele manuseando-o, não acionando logo os botões, perceber quais eram os componentes e que, de facto ... colocando outro impulso o que é que podia despoletar. Ou seja ... também porque a peça em si ... era um bocadinho... de que forma é que eu posso dar ... o movimento a esta peça ou só esta peça sem que eu venha aqui com as mãos, rodando os botões. Os de hoje perceberam logo que aquilo eram os botões do volume ... e a mesma coisa com aqueles objetos. Houve uma coisa que eu disse que ia fazer e depois... porque não ouvíamos bem, que era pôr cada um deles a tocar os botões mas eu tinha muita dificuldade em perceber.” “eu decidi, vamos clicar nos botões e perceber como é que o mecanismo funciona.” (...) “é uma exposição interativa e agora tu estás online ... como é que vais trabalhar isso? Tens que mostrar o mecanismo, tens que ir (...) para lá daquilo que interessa às pessoas que vão visitar, que é mexer nos botões, porque eles não podem, ali é ir e tentar perceber como é que funciona, que som é que faz (...) a motivação terá que ser por aí, o input terá que ser por aí. Porque, de facto, ela é muito

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			particular e eu acredito que eles ficassem desejosos de ir para ali mexer naquilo tudo, naqueles botões.”
Fruição cultural	Para as pessoas em geral	• A cultura torna as pessoas mais críticas e aproxima-as entre si • Contribui para a tolerância, desperta a curiosidade, bem-estar • Partilha dos mesmos gostos, estar com alguém ao lado a usufruir de algo	“A cultura torna-nos mais críticos, aproxima-nos uns dos outros, ajuda-nos a ser tolerantes ... a aceitar o que é diferente, despertar a curiosidade, sentir-nos bem com nós próprios. (...) é tanta valência ... que partilhamos o mesmo gosto pelas coisas, só o facto, que agora também se vai perdendo um bocadinho, de estarmos com uma pessoa ao lado a usufruir de algo (...) é uma grande experiência”
	Para as pessoas com DID	• É como abrir um portal (tudo é novidade – sentem como algo espetacular, como se aparecesse pela primeira vez) • Veem além do que as outras pessoas formataram, sem filtros • Aproximam-se das outras pessoas (mesmo grupo), não se sentem menos capazes do que os outros (usufruem à sua maneira)	“para eles (...) é como abrir um portal, para eles (...) é tudo uma novidade, (...) eles olham para as coisas como se aparecesse pela primeira vez e fosse uma coisa espetacular e veem (...) para além daquilo que (...) nós estamos (...) formatados...eles veem um bocadinho para além. Eu lembro-me disso quando foi aquela exposição do António Jorge Gonçalves, os desenhos. Os comentários, (...) como eles viam as imagens é muito interessante. Aliás, eles não têm filtros, isso é maravilhoso.” “torna-os ... do mesmo, somos todos. Vimos aquelas coisas, estamos todos juntos a ver aquilo, somos todos o mesmo ... o mesmo grupo. Não há nada que nós sejamos menores do que outros. Eu acho que a cultura é muito boa nesse sentido.” “Eles não se sentem menos capazes por estarem a usufruir (...) pelo contrário. Estão a usufruir à maneira deles, com o

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
			interesse deles, (...) com o feedback que lhes chega e está tudo bem.”
	Diferenças nas pessoas com DID	Nada a assinalar (nota maiores dificuldades nas pessoas com deficiência auditiva, mas neste público não)	“Eu só tive dificuldade com um tipo de público que são os surdos. É muito difícil, são muito desconfiados, acham que não estamos a passar a informação toda. (...)De resto... não.”
Mudanças necessárias para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural das pessoas com DID	Atendimento – nos espaços culturais em geral	- O papel do mediador é importante para descodificar a exposição (tanto para as pessoas com DID como para o público em geral) - A população portuguesa não tem muitos hábitos culturais, apresentando preconceito em aceder aos espaços culturais - É essencial que os espaços culturais tenham uma mediação de públicos (ponte entre a instituição e os visitantes)	“Eu acho que o papel do mediador, da pessoa que acolhe (...) que realmente ajuda numa descodificação do que ali está não serve só para as pessoas com deficiência intelectual, serve para todos. Nós temos uma população que não tem hábitos culturais e, como tal, tem muita dificuldade. Para já tem algum preconceito em aceder a estes espaços porque acha que aquilo não é para eles e depois quando acede tem alguma dificuldade em descodificar e, portanto, isso vale para todos. Eu acho que é importante que os espaços tenham, quer sejam os museus, quer sejam as galerias, tenham esta mediação de públicos, este serviço educativo que faça a ponte entre a instituição e as pessoas que vêm visitar, e vale para toda a gente, não é específico de grupos, eu acho que é transversal a toda a população portuguesa.”
	Atendimento – no espaço cultural onde		

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
	exerce funções – preparação		
	-dinamização	• Experiências sempre positivas • O facto de as entradas serem gratuitas contribui para um aumento do acesso • Está a resultar porque as pessoas com DID são um público que sabe estar	“Corre sempre tudo tão bem. Temos sempre a preocupação, mesmo em termos de acessibilidade, nós conseguirmos dar resposta... eu acho que as coisas têm corrido bem. Eu acho que uma coisa fundamental que é a gratuidade para o público, que serve tanto para... as necessidades educativas especiais, pessoas com deficiência intelectual, como para os alunos com escalão A, B e C, como as IPSS, para que toda a gente tenha acesso à cultura (...) todos os espetáculos que são pensados para escolas e instituições é para toda a gente e nós quando pensamos... achamos que estamos a fazer um bom (...) trabalho e isso sente-se no facto de eles serem um público que sabe estar.”
	-pós-visitas		
	Contributos dos profissionais das instituições de apoio	• Na preparação das visitas, os profissionais da APPACDM de Coimbra vão ao Convento para perceberem se a exposição é ou não indicada para as pessoas com DID • Durante as visitas, estes profissionais têm um conhecimento sobre as pessoas com DID e conseguem estimular e	“Durante a preparação (...) é o facto de vocês irem (...) que vocês percebiam o que é que aquilo é para saber se é indicado ou não. Durante... se for visitas a exposições, é muito importante o vosso papel ... e são sempre tão interessantes, porque vocês conhecem bem os utentes, muitas vezes vocês conseguem... estimulá-los, porque os conhecem e puxar por outra capacidade dessa pessoa. Portanto, é fundamental (...) E a forma como vocês lidam com eles que eu acho que é tão (...) bonita, é bonita a relação que vocês têm (...) com estas pessoas, e elas estão sempre tão satisfeitas, é uma maravilha. Eu (...) gosto imenso de fazer as visitas e fico sempre muito feliz quando vocês lá vão e acho que corre sempre tudo muito

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de contexto
		puxar pelas suas capacidades (o que é fundamental) • A forma como os profissionais lidam/se relacionam com as pessoas com DID é bonita (as pessoas estão muito satisfeitas) • É importante para os profissionais do espaço cultural saberem o que as pessoas com DID fazem no CAO	bem (...) porque muitas vezes nós estamos em atividades e perceber que aquela pessoa faz na instituição isto, ou faz aquilo”

Grelha de análise de conteúdo (Total) - entrevistas aos profissionais dos espaços culturais

Categoria: Caracterização dos participantes

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Habilitações académicas	EC-1	• Licenciatura em História (a frequentar atualmente mestrado em Património Cultural e Museologia, na vertente de Museologia)
	EC-2	• Licenciatura em História (Lisboa) • Licenciatura em História de Arte (Faculdade de Letras de Coimbra) • Mestrado em Educação Especial, domínio cognitivo-motor (ESECS – IPL) – com dissertação na área da comunicação aumentativa
	EC-3	• Licenciatura em Ciências da Educação
Área de atuação profissional	EC-1	• Encontra-se a fazer estágio curricular no Museu Nacional de Machado de Castro, na área de acessibilidade e inclusão cultural
	EC-2	• Conservadora da coleção de pintura, desenho e gravura do MNMC • Frequentou, desde sempre, formações que abordam a ligação entre os museus e os públicos (sempre teve a preocupação de partilhar o conhecimento com o público)
	EC-3	• Responsável pelo Projeto Educativo e Mediação de Públicos
Tempo de serviço no	EC-1	• Está em estágio no MNMC desde outubro de 2019
	EC-2	• 27 anos

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
espaço cultural	EC-3	• 4 anos
Experiência profissional anterior	EC-1	• Estágio no Museu da Ciência, na preparação de exposições e seleção de objetos
	EC-2	• Trabalhou no palácio do Paço dos Duques de Bragança e Guimarães (comunicação do palácio com o exterior) – trabalho em articulação com diferentes entidades: autarquia, segurança social, escolas, instituições de apoio, etc.
	EC-3	• Trabalhou no projeto “Novas Oportunidades” (trabalho com população adulta)
Contacto prévio com público com DID	EC-1	• A primeira experiência com o público com DID ocorreu no MNMC, na observação de uma sessão do projeto “Imagens que guiam” • Nessa sessão, considerou que o público com DID é muito interessado • Leu as características das pessoas com DID antes da visita e sabia que algumas ficavam frustradas quando não se faziam entender • Nessa visita, uma profissional do MMNC dinamizou a sessão, com um acompanhamento um a um, com colocação de questões, para que as pessoas se aproximassem do conteúdo da visita • Nessa visita, todas as pessoas com DID mostraram interesse e conhecimentos, apesar de terem características diferentes • Foi uma experiência muito marcante

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• Antes desta visita, esteve numa atividade no MNMC no dia do turismo acessível, com grupos de diferentes projetos (o que leu, em termos teóricos, estava ali a acontecer • Era necessário que o mestrado de Museologia abordasse as questões de acessibilidade e inclusão cultural (não aborda)
	EC-2	• Projetos em que está envolvida, em parceria com outras instituições/ entidades: ○ “Eu no Museu” – público com demência ○ “Nós no Museu” – público com vulnerabilidade social ○ “Construa pontes e não barreiras” – com pessoas com DID do CAO de S. Silvestre, da APPACDM de Coimbra, em visita ao Criptopórtico • Em 2015, a APPACDM de Coimbra voltou a contactar o MNMC para a realização de visitas com público com DID e, a partir daí, tem-se desenrolado um trabalho conjunto (criação de guiões de comunicação aumentativa como instrumento de trabalho) • Criação do projeto conjunto “Imagens que guiam” (o MNMC trabalha com as suas coleções e espaços; a APPACDM contribui com o conhecimento acerca do perfil das pessoas com DID) – o objetivo é mediar o acesso das pessoas com DID ao MNMC, para que sintam este contexto como seu • Esta experiência permitiu que confirmasse que as pessoas (qualquer pessoa) fixam as experiências quando estas se adequam a si e tornam-se melhores a partir daí)
	EC-3	• Durante o curso e no trabalho anterior • As pessoas com DID são muito especiais, não têm filtros (mais diretas, pelo que é necessário trabalhar com sinceridade), respeitam muito os profissionais dos espaços culturais (têm a noção do outro)

Categoria: Necessidades específicas das pessoas com DID no acesso e na fruição dos espaços culturais

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Aspetos a considerar numa visita	EC-1	• É necessário estudar bem as obras de arte que vão ser apresentadas na visita (perceber qual é a sua mensagem principal e fazer chegar essa mensagem de forma direta às pessoas) • É importante que as pessoas se sintam bem acolhidas, para que a experiência seja significativa e de modo a que queiram voltar
	EC-2	• Em primeiro lugar, é preciso conhecer as pessoas (acesso aos perfis individuais) • Saber se a pessoa gostou ou não da experiência e porquê • Preparar para que seja uma experiência gratificante e que reforce o papel de cidadãos de todos os envolvidos • Fazer com que as pessoas sintam que participaram e que é uma experiência normal nas suas vidas • Promover um espaço de convívio, onde as pessoas se possam expressar
	EC-3	• Depende da pessoa que está a atender (faz a ponte com o que é apresentado e consegue adequar a programação a este público) • No caso de pessoas com outro tipo de deficiência, é necessária uma maior preparação dos espaços • No Convento, não há sessões especiais para estas pessoas (são público) • É necessário haver um contacto prévio com os acompanhantes (educadoras, terapeutas), porque são estas as pessoas que conhecem melhor as pessoas com DID e podem ajudar na escolha da forma de exploração das ofertas culturais
Balanço geral da visita	EC-1	• Muito positivo (ficou surpreendida) • Foi a primeira vez que orientou uma visita com este público (primeira aplicação dos guiões de comunicação aumentativa) • Houve questões a nível tecnológico (videochamada), mas a frustração aconteceu apenas do lado dos técnicos

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	EC-2	• Fica encantada com as sessões do projeto “Imagens que guiam” • Uma das estratégias é a mimetização (muitos profissionais dos espaços culturais consideram que a mimetização só é possível com crianças, mas todas as pessoas aprendem ao longo da vida e a vivência destas experiências contribui para uma recordação mais prolongada) • Nestas visitas virtuais, houve a oportunidade de vivenciar a mimetização com os diferentes envolvidos (costuma acontecer já no regresso ao CAO), o que permitiu confirmar que é uma etapa fundamental neste processo (pessoas felizes, maior consciencialização da cidadania) • É necessário dinamizar formações conjuntas que desmitifiquem a mimetização (aproximação entre equipas e recordação para a vida) • Este é um público que aprende • É importante criar e aplicar os guiões de comunicação aumentativa no museu
	EC-3	• Queria que tivesse sido presencial (para ver as reações, as expressões das pessoas com DID, como estavam a desfrutar) • Foi muito difícil transmitir os estímulos (mas foi engraçado para as pessoas com DID – no primeiro equipamento, ver pelo telemóvel permitiu ver melhor) • A utilização da máscara pelos participantes dificultou a compreensão do que diziam
Necessidades identificadas e resposta às mesmas	EC-1	• Nada a assinalar • Sente que há alterações a fazer no modo de preparar as visitas (dar a escolher o que querem ver, de acordo com as suas preferências)
	EC-2	• Não vê propriamente necessidades, vê pessoas (com dificuldades, como qualquer outra) – é necessário haver um tratamento pessoa a pessoa • O facto de ser uma visita virtual não possibilitou perceber de forma rápida algumas características das peças (não conseguiram logo perceber a dimensão da pintura, mesmo com a pessoa ao lado)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• É necessário ser um facilitador e estar atento a cada pessoa (se tal acontecesse com o público em geral, seria uma experiência mais feliz para esse público – a obra de arte como veículo de bem-estar – e era sinal de que havia profissionais suficientes para tal)
	EC-3	• Nada a assinalar (expectativas superadas – as pessoas com DID estiveram muito atentas, faziam perguntas e interagiam)
Usufruto dos participantes	EC-1	• Muito comunicativos, independentes, com vontade e capacidade de aprendizagem (valoriza isso num público) • Ficou surpreendida quando uma das participantes começou a ler o guião sozinha • Usufruíram bastante da experiência • Gostam de fazer perguntas (curiosos), exigentes (é necessário que os profissionais se preparem bem para a visita) • É uma experiência enriquecedora, ainda mais agora em tempo de pandemia (fizeram novas aprendizagens, conheceram pessoas novas e ficaram com a possibilidade de visitarem o museu no futuro) • Ficaram com mais autoestima (conseguiram responder a todas as perguntas, ultrapassaram o entendimento previsto) • O grupo que tinha analisado previamente o guião conseguiu lembrar-se de muitos dos pormenores que tinham analisado (decoraram bem e identificaram logo a obra que iam ver, quando passaram por ela)
	EC-2	• Na primeira visita virtual, os participantes precisaram de mais insistência por parte dos técnicos, não indo além do que lhes era solicitado • Na segunda visita virtual, apesar de terem existido problemas relacionados com a internet, os participantes não desanimaram (continuaram bem-dispostos, disponíveis e a colaborar) • Na terceira visita virtual, os participantes interagiram muito, fizeram perguntas, efetuaram escolhas – foram muito comunicativos

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	EC-3	• Espera que tenha corrido bem • Gostaram (fizeram perguntas, estavam interessados) • A exploração de diferentes equipamentos contribuiu para a sua motivação • Fizeram comentários interessantes (tarola) • Alguns participantes começaram a dançar
Experiências mais significativas	EC-1	• Experiência gratificante para ambas as partes (junção de dois mundos aparentemente incompatíveis) • A experiência resulta e as pessoas com DID têm capacidade para usufruir dela (afirmam-se como cidadãos – exigem respostas, fazem perguntas, querem ir mais além nos conteúdos) • As pessoas com DID sentem-se felizes e orgulhosas por terem participado • Esta experiência pode ajudar outros museus a abrir as suas portas a este público
	EC-2	• Tudo foi significativo • Os técnicos frustram muito mais facilmente do que as pessoas com DID (estas tiveram um desempenho muito bom, apesar dos problemas de internet) • O nível de intervenção do grupo da terceira visita foi extraordinário (quando uma das participantes pediu para ver Cristo crucificado e a visita foi nesse sentido; a parte em que um dos participantes disse que nunca tinha visto Nossa Senhora com Jesus na barriga, ao passar pela Virgem do Ó) – foi marcante que as pessoas pedissem para alargar os conteúdos da visita e que tenha sido possível corresponder a essas exigências • Levar tudo muito planeado e não considerar ir mais além, conforme a participação deste público, pode resultar numa situação em que aquilo que está previsto se torna insuficiente (foi importante levar os pigmentos das cores e as imagens de onde estavam as peças antes de estarem no museu; o guião do Retábulo de São Silvestre deveria ser revisto, para contemplar mais pormenores) • Na parte em que ocorreu uma simplificação de um elemento da obra de arte (o cálice foi chamado de copo), uma das participantes referiu que era um cálice (é importante dar

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		explicações com diferentes níveis de dificuldade, de modo a corresponder às necessidades de cada um dos participantes)
	EC-3	• Perceber como as coisas funcionam e pô-las a funcionar • Uso de objetos do quotidiano (fator de interesse)
Duração das visitas	EC-1	• Adequada
	EC-2	
	EC-3	• Adequada (não é igual a uma visita presencial, onde se pode mexer nos equipamentos)
Acesso à informação	EC-1	• As pessoas com DID atingiram bem a mensagem transmitida (não têm dificuldade em compreender o que é transmitido pelos espaços culturais – têm interesse em aprender e valorizam o que ouvem)
	EC-2	• Quando se simplifica demasiado (cálice/copo), é necessário, por vezes, disponibilizar a informação em diferentes níveis de dificuldade, para corresponder às necessidades e expectativas de todos • O alinhamento da sessão foi preparado, além dos guiões em comunicação aumentativa (já que os técnicos não estavam fisicamente juntos, como acontece numa sessão presencial)
	EC-3	• Teve sempre a preocupação de que entendessem o que estava a dizer (escolha de termos mais simples) • Falou como costuma falar com as pessoas em geral
	EC-1	

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Acesso ao espaço e sua fruição	EC-2	
	EC-3	• Feedback muito positivo (muito interesse) • Espera que tenham ficado com vontade de ir ao Convento (se assim for, é um ganho) • Queria que as pessoas que nunca visitaram o Convento ficassem a saber que é um espaço grande • Podia ter feito uma contextualização do espaço, mas achou melhor partir para a exposição, por causa do tempo da visita

Categoria: Dinâmicas utilizadas no atendimento de pessoas com DID no espaço cultural considerado

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Recursos humanos - preparação dos profissionais	EC-1	• No MNMC, os projetos de acessibilidade e fruição cultural de pessoas com DID está entregue por completo a uma profissional (que possui mestrado nesta área) • O MNMC está aberto a receber as pessoas com DID e a colaborar com outras pessoas que atuam nesta área • As pessoas com formação na área cultural não estão preparadas para lidar com este assunto, é necessário o apoio de outras pessoas com conhecimentos na área • Existe a necessidade de fazer formação • A Acesso Cultura dinamiza várias formações nesta área • É necessário organizar e sensibilizar a equipa do museu para a inclusão cultural • Quando um museu tem pessoas a trabalhar nesta área, quem não está nos projetos não sabe exatamente do que se tratam

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	EC-2	• A forma como o acolhimento de pessoas com DID no cotidiano do MNMC acontece varia em função das pessoas que estão na bilheteira ou na loja (em muitas situações, a participante EC-2 é chamada para orientar a visita) • As visitas “isoladas” de pessoas com DID não acontecem com muita frequência • As visitas marcadas previamente são encaminhadas para si (nessa sequência costuma sugerir o envio prévio dos guiões, mas os profissionais das instituições de apoio nem sempre aceitam essa sugestão, com medo de que lhe esteja a ser limitado o acesso aos conteúdos do museu) • Da parte do MNMC, é necessário fazer melhor a ponte para que o público se possa manifestar e dizer o que quer ver • Da parte das instituições de apoio, esta não aceitação da metodologia parece estar relacionada com a tradição de nem sempre serem bem recebidos nestes contextos • É necessário criar um diálogo entre os diferentes conhecimentos para possibilitar o surgimento da criatividade e da consciência da autonomia enquanto cidadão
	EC-3	• Parte dos próprios profissionais • A formação de base dos profissionais • Aprendizagem pela experiência com os grupos (as pessoas com DID também estão a ganhar hábitos, a saber estar) • Fez uma formação sobre comunicação acessível no MNMC (para saber o que era feito noutros espaços culturais), por iniciativa própria • Tenta sempre estar presente nas visitas com este público (nem que seja só numa parte) • As visitas são marcadas previamente (geralmente em contexto institucional), mas há pessoas com DID que começam a frequentar com as famílias, de forma pontual
	EC-1	• O MNMC tem trabalhado algumas obras de arte através de guiões de comunicação aumentativa • Nem todas as obras do museu têm um guião de comunicação aumentativa

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Recursos materiais		• É importante que o MNMC tenha guiões para as obras principais • Foram usados materiais no CAO para a mimetização e para a exploração do interior da obra • 1ª sessão: rosa, passarinho, manto de Nossa Senhora • 2ª sessão: mármore, calcário (explorar as diferenças entre as pedras), banco (Jesus deitado), cofre, colar, turbante • 3ª sessão: mármore e calcário, pigmentos de cor (explorar a cor da escultura, entretanto desaparecida) • Imagens dos locais onde as peças estiveram anteriormente (Mosteiro de Santa Cruz e Palácio de São Silvestre) • Mimetização: harpa e outros elementos presentes nas obras de arte – anjos, coroa, manto de Nossa Senhora (reunir o máximo de material possível para uma maior aproximação à obra) • Os materiais são usados especificamente com este público • Com os elementos da obra ao lado, é mais fácil perceber a sua mensagem e ocorrer uma aproximação à realidade (sentir que fazem parte da obra, da visita – maior dinamização e não só receber informação, de forma passiva) • Alguns guiões deveriam ser mais desenvolvidos • O museu deve ter uma caixa com os materiais necessários a estas sessões, mas não utilizar materiais em demasia, para não sair do objetivo da visita
	EC-2	• Os guiões de comunicação aumentativa são criados pelo museu e pela APPACDM de Coimbra, no projeto “Imagens que guiam” • Maleta pedagógica (os materiais aqui disponíveis não foram criados para as pessoas com DID, mas geralmente são reinterpretados para esta população – uso de diferentes tipologias de obras de arte e de técnicas – ex.: pedra de Ançã, talha dourada, pintura em tela)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• Cofre nambam (reprodução de um cofre do museu, com gavetas vazias para colocar elementos que sejam do museu mas que tenham uma ligação com a realidade de vida da pessoa – ex.: pequena escultura, bordado) • Materiais para a mimetização (exceto no caso dos instrumentos tocados pelos anjos do Retábulo de São Silvestre, são materiais que podem ser selecionados pelas instituições de apoio)
	EC-3	• Mostrou a exposição (considera que não deveria mostrar mais nada, porque seria falsear os conteúdos transmitidos pelo artista)
Estratégias para a fruição cultural	EC-1	• Falou de forma mais pausada, para perceber se havia uma resposta do outro lado e para estar atenta à reação/ necessidades dos participantes • Uso de palavras simples para uma melhor compreensão da mensagem (o uso de palavras complexas não funciona) • Dar voz ao público • Sem estas estratégias, poderia haver desinteresse da parte dos participantes (é importante apelar à sua participação) • Dar a oportunidade de explorar os conteúdos no tempo e espaço certos, com os materiais adequados (a história da peça, do artista, a consciência sobre a obra e tudo o que a envolve)
	EC-2	• Mimetização (assumir um papel, apoiando-se no papel de outro, o que facilita a interpretação; esta atividade dá prazer às pessoas, também pelo facto de ser feito em grupo – agir enquanto sociedade) • Os guiões são, em algumas situações, trabalhados de forma prévia em contexto de CAO, mas o fator surpresa pode facilitar a descoberta da obra de arte, que é uma das estratégias utilizadas • Interação e descoberta pela própria pessoa (a pessoa ter alguém a apoiá-la nessa descoberta, mas sentir que é sua torna a experiência mais significativa) – colocando

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		questões, obtendo respostas e avançando para perguntas que apontam para níveis mais avançados • Fazer o contraponto com outros objetos, quando possível, para ajudar a consolidar as ideias • Ir ao sabor das respostas, sem perder o fio condutor • Relacionar os elementos da visita com o quotidiano/ as vivências/ o perfil das pessoas • Possibilitar a escolha das peças para a construção de guiões em comunicação aumentativa (ouvir as opiniões e escolhas das pessoas com DID) • Aumentar o conteúdo de alguns dos guiões de comunicação aumentativa
	EC-3	• Aproximou-se de um equipamento e manuseou-o para que percebessem o material de que era feito (antes de carregar nos botões) • Pensou em pedir para que cada participante escolhesse um dos botões de um equipamento, mas depois achou que não resultava • Mostrou os mecanismos e foi além do que interessa às pessoas que visitam presencialmente (perceber como funciona, que som faz – para a motivação dos participantes)

Categoria: Fruição cultural

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	EC-1	• O usufruto da cultura é o usufruto de algo que é da pessoa e é um direito dela • Ir a um espaço cultural é exercer uma cidadania ativa • Todos os espaços culturais são importantes porque são formas de educação não formal, a qual complementa a formal e desenvolve a criatividade

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Para as pessoas em geral		• A cultura ajuda na construção da pessoa, da sua essência e identidade, a compreender a história que também é nossa • Os espaços culturais devem ajudar a pessoa a perceber o que é e para que serve a cultura • Muitas pessoas não se sentem incluídas nos espaços culturais porque não percebem o que lá está ou não se interessam • As pessoas deviam estar mais unidas à cultura (museus, teatros, etc.). Se o fizessem, eram mais felizes porque o mundo era mais colorido e percebiam que podem escolher a forma como querem ver o mundo • A cultura ajuda no desenvolvimento pessoal (a pessoa é mais feliz se descobrir mais sobre o mundo)
	EC-2	• A fruição cultural permite a inserção numa comunidade (o acesso a um espaço cultural onde sejamos bem tratados torna mais fácil exigir alguns direitos) • Existe uma aprendizagem da matriz cultural que se relaciona com a consciência de se ser cidadão (a pessoa sente-se mais confortável consigo própria e sente que tem os mesmos direitos das outras pessoas – a pertença a um grupo) • O entendimento de que existe uma identidade cultural (existem objetos do quotidiano que podem estar presentes em museus – o sentimento de pertença como cidadãos a um país)
	EC-3	• A cultura torna as pessoas mais críticas e aproxima-as entre si • Contribui para a tolerância, desperta a curiosidade, bem-estar • Partilha dos mesmos gostos, estar com alguém ao lado a usufruir de algo
	EC-1	• O papel da fruição cultural para as pessoas com DID é exatamente igual ao das outras pessoas • Há pessoas que consideram que as pessoas com DID não entendem, mas, na visita a que assistiu, percebeu que elas têm muito mais capacidades do que aparentam (são muitas vezes subestimadas)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Para as pessoas com DID		• O público com DID está interessado, atento e quer saber mais (por vezes, é mais motivante do que outros públicos, que não mostram tanto interesse) • Os museus podem ter o papel de mostrar às pessoas com DID que elas são capazes • Quem trabalha nos museus tem a obrigação de saber comunicar os conteúdos destes a todos os públicos, independentemente das capacidades das pessoas
	EC-2	• A fruição cultural não é diferente para as pessoas com DID
	EC-3	• É como abrir um portal (tudo é novidade – sentem como algo espetacular, como se aparecesse pela primeira vez) • Veem além do que as outras pessoas formataram, sem filtros • Aproximam-se das outras pessoas (mesmo grupo), não se sentem menos capazes do que os outros (usufruem à sua maneira)
Diferenças nas pessoas com DID	EC-1	• Existem diferenças positivas, nomeadamente o facto de as pessoas com DID aproveitarem muito mais e respeitarem muito mais os profissionais dos espaços culturais que estão a dinamizar as visitas • As pessoas com DID aprendem com estas experiências e gostam delas • Gosta muito mais de trabalhar com estes públicos do que com os outros
	EC-2	• Não há diferenças nas pessoas com DID, os espaços culturais é que não estão habituados a este atendimento • Quanto mais natural for a participação das pessoas com DID nestes contextos, mais se percebe que não há diferenças entre as pessoas • É necessário que exista uma adaptação, mas esta acontece com todas as pessoas (está relacionada com o diálogo com as pessoas, dentro das suas circunstâncias e à sua medida) • Qualquer que seja o seu nível de funcionalidade, as pessoas precisam de experienciar alguma emoção no contacto com as obras de arte, por isso, antes de mais, é importante

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		dar à pessoa o que ela quer e depois fornecer outros mecanismos que lhe permitam obter novas perspetivas • As pessoas em geral querem fruir, dialogar, estar em relação com o outro (a identidade cultural está relacionada com isso)
	EC-3	• Nada a assinalar (nota maiores dificuldades nas pessoas com deficiência auditiva, mas neste público não)

Categoria: Mudanças necessárias para a melhoria da acessibilidade e fruição cultural das pessoas com DID

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
Atendimento – nos espaços culturais em geral	EC-1	• Em geral, os museus não estão preparados para receber estes públicos e ainda pensam apenas na sua dimensão física • As pessoas vão a um museu para se divertirem, aprenderem e passarem um bom bocado (não vão para se sentirem frustrados) • Devia existir uma equipa mais abrangente e um enfoque na comunicação • É necessário mudar tudo • Não tratar as pessoas com DID como coitadinhas • Existem atitudes preconceituosas em relação às pessoas com DID que não deviam existir • As pessoas com DID devem ser recebidas com carinho, de forma dedicada • É preciso gostar do que se faz e fazer com que as pessoas com DID se sintam bem e aprendam, dando espaço para as ouvir (num museu, os visitantes aprendem, mas os profissionais desse contexto também, como acontece no caso das pessoas com DID) • As pessoas com DID são pessoas • A forma como se comunica em museus é muito formal e tem de ser melhorada

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• O uso de guiões em comunicação aumentativa é uma técnica excelente para que as pessoas com DID possam acompanhar e compreender, com o apoio de palavras-chave (as pessoas deviam poder levar os guiões para casa para se lembrarem de que foram ao museu e o que lá aprenderam) • O museu pode proporcionar uma experiência significativa • É preciso saber como chegar às pessoas com DID, como comunicar com elas • Há locais que dizem que não fazem mais porque não têm dinheiro, mas é possível avançar mesmo assim, com projetos, desde que haja motivação e paixão • Falta saber acolher as pessoas com DID • A comunicação falha com muitos públicos, não só com este • O público frustra quando sai do museu a saber o mesmo do que quando entrou, quando não percebe os textos que lá estão escritos e quando sente que os profissionais lhe estão a fazer um favor ao recebê-lo • Um museu só existe e funciona porque existe público - as obras foram feitas para as pessoas verem e sentirem (as coleções são importantes, mas o público tem igual importância) • É necessário que o museu tenha profissionais ligados às áreas convencionais, mas também é preciso alargar a outras áreas (profissionais que trabalham com estes assuntos/públicos) • Há profissionais que não querem que os museus mudem - é preciso mudar mentalidades, o que pode acontecer com profissionais mais jovens • Os museus não são só para as elites • As parcerias com outras instituições são importantes, mas ainda há muito a fazer • Para que a mentalidade dos profissionais mude, é necessário que exista uma boa liderança nesse sentido (organizar e sensibilizar a equipa, em todos os setores) • O MNMC está mais preparado do que outros museus

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
	EC-2	• Os espaços culturais ainda não estão muito voltados para o diálogo com os seus públicos • Durante muitos anos, a cultura era apenas dirigida às elites, não era para todos • Existia uma tendência para escolher logo à partida o que se ia apresentar num determinado serviço (ex.: para crianças) • As pessoas têm o direito de conhecer o que existe nos espaços culturais (podem fazê-lo através da internet e em visitas) e depois escolher o que querem ver/ aprender a partir daí • O público em geral não costuma ter alguns dos instrumentos/materiais de acesso e reinterpretação das obras de arte que estão disponíveis para públicos com algum tipo de dificuldade ou em situação de vulnerabilidade social • É necessário caminhar para a formação de profissionais de instituições de apoio, para que possam interagir à vontade nestes contextos com os públicos com quem trabalham (e, mais tarde, criar mecanismos para que o público em geral também possa utilizar os recursos criados) • Os recursos humanos dos museus ainda são muito reduzidos a este nível (existem poucos técnicos sensibilizados para estas questões, incluindo no que diz respeito à adequação do discurso) • Um museu é um espaço ideal para o diálogo com o outro, a partir da obra de arte (existe uma maior libertação da criatividade e, assim, a pessoa sente-se mais confortável – pode ser importante ter mesmo à disposição uma cadeira para poder desfrutar melhor da obra) • As pessoas só se deixam cativar pela beleza de uma obra de arte e por outra pessoa se se sentirem confortáveis consigo próprias • O modo como as obras são apresentadas também ajuda (num museu de arte contemporânea, as obras podem ser reinterpretadas de uma forma mais intuitiva; num museu de arte antiga, é necessário fazer a ponte com a matriz cultural – ex.: pensar na nossa mãe ao ver Nossa Senhora com Jesus ao colo – facilitando o desenvolvimento de alguns conhecimentos a partir da sua própria realidade)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		• É essencial o diálogo com os profissionais das instituições de apoio (porque conhecem a condição de cada pessoa e isso ajuda a ajustar a atuação ao longo da visita, respeitando os visitantes) • É importante haver uma formação contínua de todos os envolvidos (incluindo formações no âmbito do projeto “Imagens que guiam”, para sensibilizar as pessoas de que a reinterpretação da obra de arte é algo que nos liga ao nosso quotidiano) • Era bom que existissem aplicações para telemóvel (com QR code) para aceder à informação à medida de cada um, com espaço para fazer a sua própria reinterpretação da obra de arte) • Se os profissionais que atendem nos espaços culturais não estiverem sensibilizados, existe uma barreira que não deveria existir porque somos todos pessoas (quanto maior a formação, maior entendimento – mais do que ter muito bibliografia, o importante é perceber como se deve comportar perante outra pessoa, de modo a que ela se sinta feliz neste contexto e ganhe uma maior consciência de si própria)
	EC-3	• O papel do mediador é importante para descodificar a exposição (tanto para as pessoas com DID como para o público em geral) • A população portuguesa não tem muitos hábitos culturais, apresentando preconceito em aceder aos espaços culturais • É essencial que os espaços culturais tenham uma mediação de públicos (ponte entre a instituição e os visitantes)
Atendimento – no espaço	EC-1	• É necessário que exista uma preparação antes das visitas • Há profissionais que não estão habituados a receber as pessoas com DID, por não terem experiências prévias, mas se aparecer uma pessoa com DID para uma visita, a pessoa faz a visita, mesmo que não haja um guião em comunicação aumentativa

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
cultural onde exerce funções - preparação	EC-2	As profissionais do CAO de São Silvestre da APPACDM de Coimbra têm acesso ao conhecimento sobre a obra de arte através de tudo o que existe sobre ela e através da sua contextualização no espaço do museu (o MNMC fornece esse material)
	EC-3	
-dinamização	EC-1	- A sessão a que assistiu foi muito divertida e informal e as pessoas estavam à vontade (todos falaram, foram bem recebidos, estavam entre amigos) - É bom haver um limite de pessoas em cada sessão, para ser possível chegar mais às pessoas e dar atenção a todas (espaço mais acolhedor, conversa entre amigos) - assim, os profissionais do museu também conseguem comunicar melhor - A comunicação é mais eficaz com grupos mais pequenos - o público também tem a oportunidade de comunicar (passar a palavra aos visitantes – essa é a palavra mais importante e que pode fazer com que o profissional acolha novas perspetivas sobre o que está a comunicar) - O número limitado de visitantes ajuda à ligação entre as pessoas
	EC-2	- Encontram-se novos pontos de diálogo, em que se pretende que exista uma maior interação entre as diferentes partes (público com DID, profissionais, obra de arte) - Os guiões de comunicação aumentativa são usados durante as visitas
	EC-3	- Experiências sempre positivas - O facto de as entradas serem gratuitas contribui para um aumento do acesso - Está a resultar porque as pessoas com DID são um público que sabe estar

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
-pós-visitas	EC-1	Depois da realização das visitas, à semelhança do que acontece noutra projeto do MNMC, podem ser feitas reuniões pós-sessão, para reflexão da forma como a sessão correu (pontos fortes e fracos, a que é que o público deu mais atenção, o que há a melhorar)
	EC-2	A mimetização é algo extraordinário (a informação é melhor memorizada, existe uma maior aprendizagem e é possível avançar para outras etapas)
	EC-3	
Contributos dos profissionais das instituições de apoio	EC-1	- Os profissionais das instituições de apoio são muito importantes durante a sessão (as sessões não são possíveis sem eles) - Os profissionais dos espaços culturais sabem como comunicar a obra de arte, mas não sabem o resto - Os profissionais das instituições de apoio dão pequenos contributos para o bem-estar da pessoa, para traduzir o que estão a comunicar (são uma ferramenta essencial na comunicação) - É um trabalho de equipa (sair dos cargos de cada um e pensar no público) que vai resultar muito melhor do que um trabalho isolado - O museu e a instituição de apoio têm que preparar as visitas - O papel do museu é saber comunicar com toda a gente, mas há profissionais que consideram que há riscos com esta abertura - No futuro, as instituições de apoio vão ser fundamentais para que os museus se tornem mais inclusivos (os museus vão ter que trabalhar com as instituições e as instituições vão ter que estar mais presentes - não é possível trabalhar a inclusão sem incluir uma instituição de apoio, alguém com formação específica, ou o próprio museu contratar pessoas com essa formação)

Subcategoria	Código do participante	Indicadores
		- Os museus não conseguem dar os passos na inclusão sozinhos (precisam de quem saiba lidar com este público) - A situação ideal é que não seja preciso marcar uma visita com antecedência, mas que a pessoa chegue e o museu esteja preparado para a receber
	EC-2	- Promover uma formação conjunta dirigida a profissionais de diferentes áreas - O museu tem a obrigação de fazer uma maior divulgação junto destes profissionais (para dar a conhecer a oferta cultural e o seu papel no reconhecimento da autonomia dos cidadãos – convidar a visitar, divulgar, criar ações de formação regulares) - As profissionais da APPACDM de Coimbra já dinamizaram, em conjunto com o MNMC, duas sessões de formação nesta área - É essencial o diálogo com os profissionais das instituições de apoio (porque conhecem a condição de cada pessoa e isso ajuda a ajustar a atuação ao longo da visita, respeitando os visitantes)
	EC-3	- Na preparação das visitas, os profissionais da APPACDM de Coimbra vão ao Convento para perceberem se a exposição é ou não indicada para as pessoas com DID - Durante as visitas, estes profissionais têm um conhecimento sobre as pessoas com DID e conseguem estimular e puxar pelas suas capacidades (o que é fundamental) - A forma como os profissionais lidam/se relacionam com as pessoas com DID é bonita (as pessoas estão muito satisfeitas) - É importante para os profissionais do espaço cultural saberem o que as pessoas com DID fazem no CAO